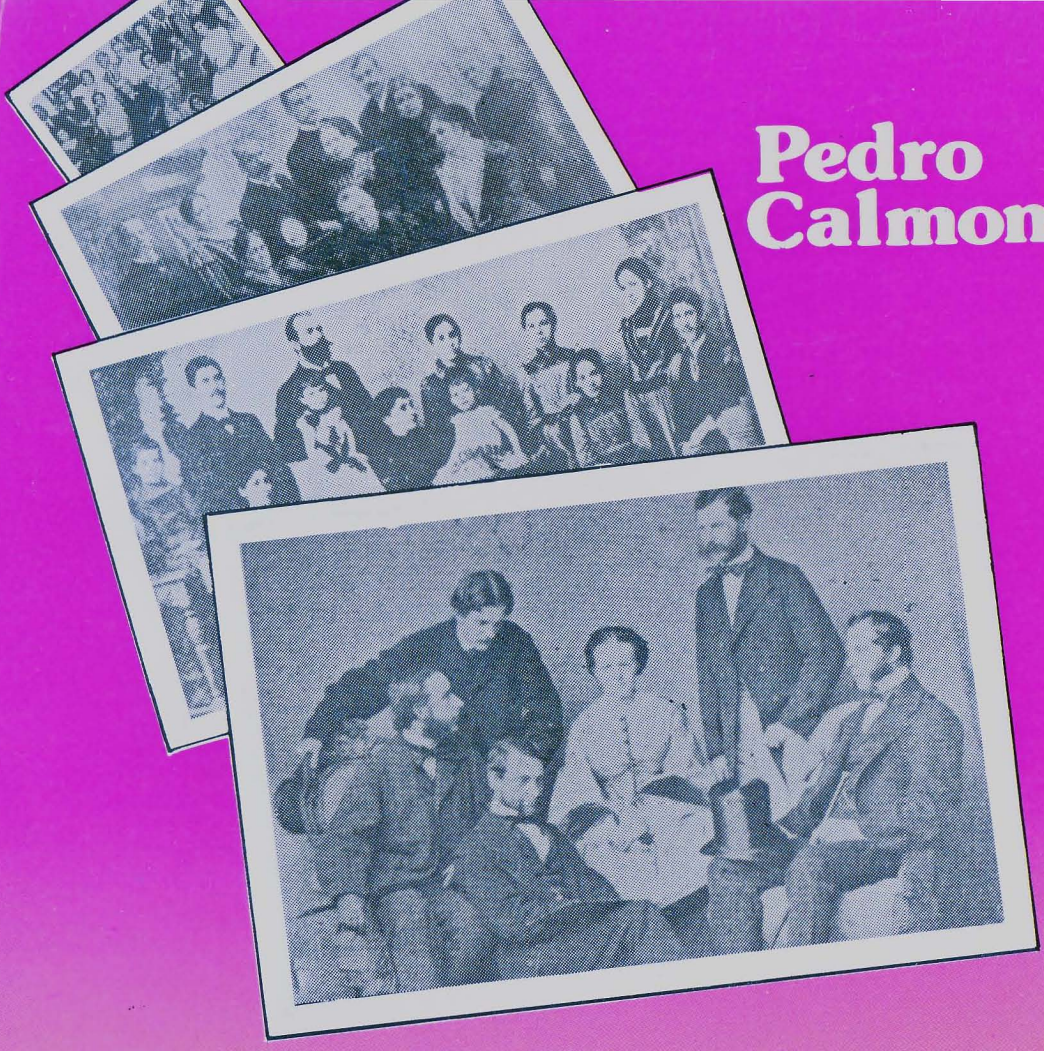

Pedro Calmon

# Introdução e Notas ao Catálogo Genealógico das Principais Famílias, de Frei Jaboatão

Volume I

# PEDRO CALMON

## *Introdução e Notas ao Catálogo Genealógico das principais Famílias, de Frei Antônio de Santa Maria Jaboatão*

## *VOLUME I*

*SALVADOR-BAHIA*
*EMPRESA GRÁFICA DA BAHIA*
*1985*

Copyright © by Pedro Calmon

Coordenação geral da edição, revisão do texto e organização do índice remissivo
***LÚCIA SODRÉ DE BRITO***
***JORGE VICENTE MAMÉDIO DA SILVA***

Coordenação de Composição
***ELZA AUGUSTA LOURENÇO BARBOSA***

Arte-final
***CARLOS HENRIQUE DE JESUS***
***REGINALDO SANTOS DA SILVA***

Capa
***ANTÔNIO DELGADO***

Direitos desta edição reservados à ***EMPRESA GRÁFICA DA BAHIA***
Rua Mello Moraes Filho, 189 — (Fazenda Grande do Retiro)
Salvador — CEP. 40.000 — ***BAHIA*** — ***BRASIL***

***FICHA CATALOGRÁFICA***

Calmon, Pedro, 1902 —
Introdução e notas ao catálogo genealógico das principais famílias de Fr. Antônio de Santa Maria Jaboatão/Pedro Calmon. — Salvador: Empresa Gráfica da Bahia, 1985
2v.

Indui índice remissivo

1. Genealogia. 2. Bahia — Genealogia. 3. Família — Bahia. I. Jaboatão, Antônio de Santa Maria, frei. II. Título.

CDD 929.2
CDU 929.22 (814.2)

Distribuição
***LIVRARIA NOBEL S./A. EDITORA/DISTRIBUIDORA***
Rua da Balsa, 559 — São Paulo-SP. — 02910

Governo
**JOÃO DURVAL CARNEIRO**

Composto e impresso na
**EMPRESA GRÁFICA DA BAHIA**

na administração **JOSÉ CURVELLO**

# INTRODUÇÃO

## AS TRÊS NOBILIARQUIAS

*São três as genealogias clássicas do Brasil colonial. A de Pedro Taques, que ramifica a linhagem dos paulistas; a de Borges da Fonseca, em que esgalha a árvore pernambucana; a de Frei Jaboatão, que entronca e esclarece as origens baianas.*

*Coincidem no seu trabalho os três autores: sem se preocuparem — inútil no velho Brasil — com a "vaidade dos homens", cuidaram, porque valia mais, da* **verdade** *das procedências.*

*Nisto pertencem ao século XVIII, em que floresceu como nunca a indagação das filiações na sua série pomposa. Dele porém se afastam, são razoavelmente modernos, enumerando do mesmo modo as gerações, humildes, mestiças,* **ahistóricas,** *na acepção de anônimas, trazidas a lume (suficiente motivo!) em nome do* **patriarcado,** *elos que o foram da corrente social, sem os quais, enfim, perderia a unidade; essa possante unidade de sangue e ação em que se entrosam avós e netos.*

*Assemelham-se pelas circunstâncias de terem ficado inéditas as suas obras: a laboriosa construção genealógica de Borges da Fonseca, o* **Catálogo** *de Frei Jaboatão, a pesquisa de Pedro Taques, palpitante de amor à intrepidez* **bandeirante,** *não porque assim a imaginasse, mas de acordo com o justo orgulho de sua gente. Como no* **Teatro Novo** *o recorda Garção (lembra Afonso Taunay):*

**Parece-me que estou entre paulistas**
**Que, arrotando congonha, me aturdiam**
**Co'a fabulosa ilustre descendência**
**De seus claros avós, que de cá foram**
**Em jaleco e ceroulas.**

*"Quer ser filho do sol, nascendo cá", ironizou Gregório de Matos, falando da prosápia dos senhores opulentos da Bahia; "brasileiros", cantados pela "Nova Musa em clima diferente" (para dizer como cem anos depois,* **patrioticamente,** *disse Manuel Inácio da Silva Alvarenga).*

*Esses livros equivalem — na escassez de crônicas regionais — a um tríplice monumento de história episódica e biográfica.*

*Comemoram, na ordem hereditária (com a minúcia onomástica e cronológica) a formação da nacionalidade, nela incluídas a estabilidade e a sucessão das famílias por isso responsáveis.*

*Cobrem o espaço povoado; no espaço físico, com a fronteira con-*

quistada, a força criadora, que o ocupou, ou seja o Povo.

— E o que dá à floresta de nomes a coerência do sentimento.

O historiador vê a massa, como um verde ondear de selva; o genealogista exuma-lhe a raiz, atrás do seu mistério.

Na cultura americana escalona-se o enigma em fases inevitáveis: antes da fase propriamente histórica, a obscura, dos que para aqui vieram, trazendo n'alma — os imigrantes — a ambição de edificar na praia tropical a **vida nova.**

Estava na lógica da evolução.

Entrou na ideologia da revolução.

Primeiro, o pensamento da posse. Com a identificação e a descendência dos pioneiros, o desdobramento, em rosário, de fatos e títulos, que a foram enxertando na tradição, ainda fragmentária, e na terra, já indesmembrável. Afinal, genuíno, doméstico, implícito, poético, explosivo, o espírito da autonomia; a agressiva autonomia ("brasileiros") dos grupos amoldados à luta por ela, desde a aventura individual da adaptação até a resistência coletiva ao despotismo.

## INTENÇÃO DO AUTOR

É possível que, organizando, na velhice, o extenso **Catálogo Genealógico das principais famílias que procedem de Albuquerques Cavalcantis em Pernambuco e Caramurus na Bahia,** pensasse FREI JABOATÃO em afagar as presunções locais de fidalguia.

Vamos entretanto aos capítulos.

Neles prevalece, não a idéia de enaltecer os ricos colonos, que, no ano da graça de 1770, se espalhavam pelos engenhos do Recôncavo ou tinham na cidade "solar conhecido", mas, a intenção de extrair dos cartórios — em perigo de destruição — e dos contemporâneos — em trânsito para o esquecimento — a passagem dos fundadores do **Estado.**

Fugiu à ênfase do **nobiliário.**

Fez **genealogia.**

Se quisesse ser cronista da administração, como fora dos franciscanos, em lugar do **Novo Orbe Seráfico** nos daria o **Novo Mundo Lusitano,** que para tanto havia em casa o modelo (ou pelo menos a notícia), Frei Vicente do Salvador, (no **Catálogo,** lista dos Palhas), preferível à frondosa **História** de seu consócio na Academia Brasilica dos Esquecidos, (no **Catálogo,** relação dos Rocha Pita).

Mergulhou, ao contrário, com paciência e originalidade, nos livros paroquiais (na metrópole, "em data muito anterior ao meado do século XVI", Antônio Machado de Faria, os **Registros Paroquiais em Portugal,**



Arquivos do Centro Cultural Português, Fundação Calouste Gulbenkian, IV, p. 484, Paris, 1972) — depois da invasão holandesa, que nesta desapareceram os de 1550 a 1624; nos registros de governo, que cobrem esse período; nos tabelionatos herméticos, nos arquivos dos conventos; mestre de pesquisa, quando disso menos se cogitava; arrastado pelo pressentimento de que cedo ou tarde sumiriam os testemunhos da era primitiva, como sumiram, na Bahia e em Pernambuco, os documentos quinhentistas.

Teve a cautela erudita de indicar as fontes.

Constituem, paralelo, o roteiro dos papéis de que hoje tão pouco sabemos.

A este propósito, é com Pedro Taques — precursor dos que preservam a **memória nacional.**

Não fosse a tenacidade com que espiolhou, nas sacristias, batismos, casamentos e óbitos, não fosse a probidade com que refez, à custa de sacrifícios imagináveis, as linhas sucessórias, não fosse a exatidão notarial com que as desnovelou, partindo dos primeiros, e jamais avaliaríamos a importância do acervo por ele consultado. Nem distinguiríamos, entre homônimos, tanto da **Casa da Torre** como da **Casa da Ponte,** para citar as maiores; quantos cabos de guerra, religiosos, bacharéis, potentados, escritores, poetas, que na discriminação genealógica, e somente ali, adquirem relevo, nitidez, realidade.

Sem isso tatearíam nas sombras os historiadores fartos do intuitivo, carentes do documental. Continuaria inconcluso o quadro do passado. Desprendidos ou incompreensíveis, os personagens. Sem o fio que os ajunta; sem a família que os coordena; sem os antecedentes que elucidam os caracteres, a conduta, o acontecimento. História sem base psicológica; homens sem jusrificação pessoal; tela inconseqüente — pintada pelos que se entretêm com as grandes cenas, sem achar em heróis e vilões a humana verdade da herança, da educação, do meio, trepidante na atitude e no destino.

Com razão frizou Américo Lacombe, o atual conceito do "estudo das famílias" (**Introdução ao Estudo da História do Brasil,** p. 97, São Paulo, 1974). "O que se tem em vista agora, no estudo das famílias, não é a defesa dos privilégios, mas o exame dos movimentos da sociedade, os vínculos estabelecidos pelo parentesco na estrutura social do país". Entederemos afinal o que, em 1810, escreveu para a Corte — no Rio de Janeiro — o governador e capitão general da Bahia, Conde dos Arcos: "Devo aqui lembrar que os homens que agora avultam no Rio de Janeiro por seus cabedais e representação, saltaram em terra com um alforge às costas, dormiram nos alpendres do Carmo e

de S. Bento e assim sem terem recebido qualquer educação de seus Pais, cujos nomes e ofícios ainda se ignoram, enriqueceram, e avultam; e na Bahia, pelo contrário é para lidar com homens de nobreza antiga, de riqueza herdada, de educação adquirida já por Pais e Avós lá na Europa, e por muitos dos atuais já nestes tempos calamitosos e revolucionários". (1)

Há, intensificada de trinta anos para cá, "especialmente na Inglaterra e sobretudo em França" (Le Roi Ladurie, **Le Territoire de l'Histoire** p. 12, Paris, 1973) a "nova escola: a demografia histórica".

Participa dos métodos da **história quantitativa** (boa para determinada síntese, insuficiente para a competente análise) — nos processos estatísticos de reconstituição das épocas, neles entrando, por exemplo, o censo das famílias que viveram nos séculos XVII e XVIII.

Como obter esses dados sem o copioso concurso dos que antes da dispersão e da perda de arquivos insubstituíveis, como Frei Jaboatão, com outro intuito, mas também aprofundando a busca sistemática, deles tiraram nomes e datas, procedências e ofícios, parentela e descendência?

Fiquem porém os **quantitativos** com os elementos que quiserem. O **Catálogo** do franciscano — esta a sua importância — abre uma imprevista perspectiva à **história das idéias.**

Dir-se-á que preponderou, na urdidura fastidiosa, o delineamento do **civismo** nascente. Fez, através das famílias, o calendário da elaboração da pátria; isto é, gênese, ímpeto, verdade do nativismo brasileiro.

## INSERÇÃO NA HISTÓRIA DAS IDÉIAS

Não é razoável limitar ao **inventário** a investigação exaustiva do linhagista.

Para além daí, discerniu o motivo **nacional** da prosápia e da prosopopéia.

Em vez do mito europeu, em que Ulisses (segundo Marthe Robert, **Roman des Origines et Origines du Roman,** p. 135) é campeão do **regresso,** o luso-indígena, em que Caramuru é o pai da **nacionalidade.** Pais regionais: Caramuru, João Ramalho, Jorge de Albuquerque...

Recebe-o, na soleira do Mundo Novo, a **encantada princesa,** que lhe franqueia a terra, conciliando o selvagem e o branco na pureza do amor. Assim em Pernambuco a Arco-verde, "a quem os seus reconhecem por princesa" (capítulo, **Albuquerques**), assim a "filha principal dos Índios", Paraguaçu (capítulo, **Caramurus**). Será o caso, na Virgínia, de Pocahonras, a pele-vermelha, arrebatando à ferocidade da tribo o pioneiro James River, John Smith, cuja estátua se vê hoje no Capitólio, de Washington.

A sociedade em formação, como a antiga sociedade, cai no sortilégio defensivo do antepassado. Adota a mística do fundador, do avô mágico, do profeta. Agrupa-se em torno dele. Tem o sentido bíblico da geração; é histórica.

O que foi para a crônica velha o criador da monarquia (com quem começa a história da metrópole), foi para a poesia colonial o povoador (da apologia de Jorge de Albuquerque Coelho, de Bento Teixeira, a Santa Rita Durão, com o poema camoniano das origens da Bahia). E para Frei Antônio de Santa Maria Jaboatão, contemporâneo desse pensamento idílico, o "primeiro português" que nela aportou, com a novela do naufrágio, coragem, ternura e domínio (**dominium,** semente de império) distorcida, conforme o preconceito, em fidelidade à gente e adesão ao país; não do nascimento; o da felicidade.

Para repetir Salvador de Madariaga (em **Le Déclin de l'Empire Espagnol d'Amérique,** p. 182): a atração telúrica impõe-se sobre a voz do sangue. **Jus soli** acima de **jus sanguinis.**

## CARAMURUS

Este o ponto áureo da tela: Caramurus distribuídos pelos quatro costados.

Talvez no projeto primitivo pensasse em ficar no estudo de uma família, essa que lhes tinha sangue e vanglória, a de Diogo Álvares.

Na verdade, em um século passou a lenda de sentimento de casta, dos **donos,** ao de pátria, dos **netos; Paraguaçu,** Eva brasília, de Rocha Pita: "matrona que depois obrou ações de heroína" (**História da América Portuguesa,** L. 1, 100), erigida em símbolo do país. Ladislau dos Santos Titara: "o jugo apenas Catarina expulsa" (**Paraguaçu,** p. 283)...

Gregório de Matos, por volta de 1682:

**Não sei onde acabou, ou em que guerra:**
**Só sei que deste Adão de massapé**
**Procedem os fidalgos desta terra.**

Em torno do **Adão de barro** formou-se, paralelamente, outra fábula. Escondera-se nas pedras do Rio Vermelho como o **caramuru** ou

1. Ofício de 12 de novembro de 1810 ao conde de Linhares, arq. do Conde dos Arcos (L. de Registro dos Ofícios, cód. 20, no Arq. da Universidade de Coimbra), inédito.

**moréia**, que *nelas* habita (diz-nos Gabriel Soares no **Tratado** (1) escrito em 1584 e que jazeu inédito quase trezentos anos); e tanto dele tirara o apelido, que os netos (assim Belchior Dias, que ora se assinava **Moréia**, ora **Caramuru**) (2) o usaram na sua rudeza **mameluca**. Frei Vicente do Salvador conta apenas que os índios lhe chamaram Caramuru (3). Escrevendo para a Academia Brasílica dos Esquecidos, em *1724 (antes na* **História da América Portuguesa,** *que é de 1730)* — achou Gonçales Soares da Franca que "o cognome de Caramuru quer dizer Dragão saído do Mar, ou Moréia de desmedida grandeza" (4). Justificou-o Rocha Pita, que os tupinambás, assombrados pelo tiro de espingarda com que se impôs à sua veneração, deram-lhe "o nome de Caramuru-açu, que no seu idioma é o mesmo que Dragão que sai do mar" (5). Inventou o superlativo, que soa, épico, na estrofe ingênua de Santa Rita Durão.

**Desde esse dia é fama, que por nome**
**do Grão Caramuru foi celebrado**
**o forte Diogo; e que escutado dome**
**este apelido o Bárbaro espantado;**
**Indicava o Brasil no sobrenome,**
**que era um dragão dos mares vomitando;**
**nem doutra Arte entre nós a antiga idade**
**tem Jove, Apolo, e Marte por Deidade. (6)**

Na realidade, o **dragão** flamívomo se reduz ao peixe alapardado, nos cachopos lavados pela maré: mas para figurar nos pergaminhos da nobreza precisava vir das visagens mitológicas, que se enrodilham nos brazões históricos.

**Açu** — era barroco.

1. **Tratado Descritivo do Brasil**, ed. de Varnhagen, p. 286, Rio, 1851.
2. Nossa **História do Brasil**, ed. da Livraria José Olympio, I, p. 149.
3. **História do Brasil**, 3.ª ed., revista por Capistrano de Abreu e Rodolfo Garcia, p. 105, São Paulo, 1931.
4. **História Eclesiástica**, em **O Movimento Academicista do Brasil**, de José Aderaldo Castello, v. I, tomo 5, p. 276, São Paulo, 1971.
5. História da América Portuguesa, p. 4, ed. por nós anotada, ed. de W. M. Jackson In., p. 45, Rio, 1950.
6. **Caramuru, c. II,** 46 (Lisboa, 1781, Bahia, 1837).



*Gregório de Matos foi quem primeiro meteu à bulha a* **ufana** *ascendência, assestando-lhe o soneto.*

**Há cousa como ver um Paiaiá**
**Mui prezado de ser Caramuru**
**Descendente do sangue tatu**
**Cujo torpe idioma é Cobopé?**

*Tatu, podia ser, na heráldica nativista, emblema de humilde Indocilidade. Manuel Inácio da Silva Alvarenga, no poema herói-cômico* **O Desertor** *(Coimbra, 1774):*

**Qual o Tatu, que o destro Americano**
**Vivo prendeu, e em vão depois se cansa**
**Por fazê-lo doméstico...**

## O RETORNO IDEAL

*Entre um e outro poeta (um século) instalara-se o processo filosófico do* **retorno** *à barbárie, indianismo das* **Cartas** *jesuíticas, em que, retrocessiva, helênica, judáica, se prolonga a* **utopia** *embrulhada na visão do "terreal paraíso descoberto" (Rocha Pita,* **História da América Portuguesa,** *p. 2).*

*Neste, livre, o "bom selvagem", de José Basílio da Gama, interpretado em "metamorfoses" clássicas por Antônio Diniz da Cruz e Silva (***Poesias,** *IV, p. 150, Lisboa, 1814):*

**Tyé, jovem gentil, airoso e bravo,**
**Que outro tempo vivia nas ribeiras...**

*Não tem sentido aí o "homo economicus", explicado, afinal, pela infra-estrutura. Predomina, o "homem da natureza", plasmado à feição da* **conquista,** *ou da* **promessa.**

*A noção, a paixão da pátria (formas sucessivas de adesão à pátria) associam-se à reminiscência messiânica, na forma que o judaismo lhe*

deu, "mais o reino messiânico do que o Messias" (J. Giblet, **L'Attente du Messie**, p. 130, Louvain, 1954). E autoriza a profecia, de Virgílio; na época em que tanto o lema da Inconfidência como o título das gazetas saíam da **Bucólica** e da **Ecogla**, 6.ª e 4.ª. Que das alturas do céu (leia-se, dos longes do mar) surgiria a **raça de ouro**, "com um segundo **Tiphys** e um segundo **Argos** para transportar a elite dos heróis". **El Argos** (de Buenos Aires), **Tiphys Pernambucano** (do Recife)... Essencial ao pensamento, a **viagem**. Antes da História, a imaginação corria para o futuro.

Distingue Mannheim didaticamente **ideologia** e **utopia**, aquela, implantada no realismo, esta na aspiração.

Utópica, a mudança (providencial) acelera-se com o otimismo (de Leibniz), ganha verossimilhança com a ficção (de De Foe).

A nova dimensão do espírito é sensualmente geográfica.

Não esqueçamos que Robinson, Odisséia burguesa (o novo Ulisses melhor do que o antigo; a natureza o detém; sabe subjugá-la; ama a ilha; torna-se o imigrante industrioso) — foi o livro predileto de Rousseau.

O **Robinson alemão**, de Campo, inspirou a Humboldt o plano das explorações tropicais.

## A ALEGORIA CÍVICA

Sucedeu que o terremoto de Lisboa, em 1755, depois de abalar a confiança na solidez (ou na perenidade) das cidades, sacudiu a **verdade** das teorias consagradas.

> **Leibniz ne m'apprend point par quels noeuds indivisibles**
> **Dans le mieux ordonné des universes possibles**
> **Un désordre éternel...**

Respondeu Rousseau à ironia de Voltaire, querendo provar (com geral agrado): os flagelos naturais são menos cruéis do que a humana estupidez.

Sábio, e feliz, seria quem dela se libertasse, ou a ignorasse, como o misantropo, no deserto, ou o índio, no mato.

Curiosa — a propósito da gentil Paraguaçu, é a transição do mito, histórico, para a metafísica, política; entre o que conta Sebastião da



Rocha Pita na **História** e o que torce e romanceia Santa Rita Durão, no **Caramuru**.

Corre entre eles (de 1730 a 1781) a distância que vai da lenda à filosofia, uma exagerando, a outra especulando sobre a influência (quase diriam, a soberania) que tinha a generosa cabocla no meio das tribos.

Não fala Rocha Pita de **transmissão** do poder pela índia ao rei de Portugal (**doação**, que pressupunha o **contrato**). Limita-se a declarar, "senhora destes gentios", "fez que com menor repugnância se sujeitassem ao jugo português" (**ibid.**, n. 100 do livro 1.º; veja-se edição que anotamos, editora Itatiaia, Belo Horizonte, 1976). Santa Rita Durão, sim. Traça a fábula da entrega ao rei, na pessoa grave de Tomé de Souza, da coroa de plumas multicores; destarte (somente assim!) aceito, reconhecido, proclamado pela bárbara gente, isto é, pela... **volonté générale**.

"E se Princesa me chamais sublime/ Dos vossos principais nascida herdeira", "ele (Caramuru) tudo hoje exime,/ Cedendo ao Trono Luso a posse inteira..."

> **Dizendo assim a Dama generosa**
> **Desce do Trono, e o esplêndido Diadema**
> **Entrega ao Souza; e toma majestosa**
> **Um baixo assento com modéstia extrema:**
> **Pasma o Tupinambá, vendo a formosa**
> **Nobre Paraguaçu de claro Estema,**
> **Que o seu régio Marraque ao Souza dando,**
> **Despia a pompa do Real Comando (c. X, 70).**
>
> **Então sentado sobre o solio ingente**
> **Que já desocupara a Dama bela,**
> **Como Governador da Lusa gente**
> **Tomé de Souza cortejado dela,**
> **Toma posse legítima, e patente**
> **Da Bahia, e Sertão, e sem querela**
> **Do habitante, que os campos desocupa,**
> **Em nome de seus Reis a terra ocupa (X, 74).**

Lateja nesse **teatro** (a índia transferindo ao governador as insígnias) a teoria do "contrato", de Rousseau, que levou a vida, diz êm **l'Emile**, a ler livros de viagem, sobretudo "dos missionários da Companhia de Jesus" (Maxime Leroy, **Histoire des Idés Sociales en France**, I,

*p., 149, Paris, 1946): o "bon sauvage" criando o governo, que corretamente o dirigiria. Fora, porém, do pressuposto filosófico — ou da primícia política, a soberania, no final de contas, atributo do Brasil, que a dera à mãe — pátria —, flameja naquela cena o* **americanismo** *originário, reivindicador e cívico. Cívico, porque propõe a questão — do povo que doa o Poder —; originário, porque o identifica com as forças vivas, concentradas na índia e no marido português; reivindicador, porque fica pendente de nova decisão deles a continuidade ou a rescisão do* **pacto,** *isto é, a obediência colonial — ou a estrondosa independência.*

*Convenha-se, que essa* **hipótese** *racionalista — da livre oferta do país ao monarca amado (com a condição implícita de que, deixando de ser dígno do mimo, o perderia) — coincidiu com o culto que progressivamente ganhou na Bahia a admirável Paraguaçu.* **Princesa** *foi, no consenso das famílias dela oriundas (diz Rocha Pita, "de grandes cabedais e conhecida nobreza, que em todos os tempos ocuparam os primeiros lugares na* **república,** *e fora da pátria tiveram relevantes empregos"); tanto que nos pórticos da Casa da Pólvora dos Aflitos (lembra Santa Rita Durão), lhe puseram o retrato "ao lado das armas reais", "homenagem da metrópole à lealdade, à sinceridade e à dedicação da silvícola baiana" (Alberto Silva, em* **Anais do 2.º Congresso de História da Bahia,** *p. 402, 1955). Da licença poética, pois (calcada no ideal filosófico) — base da liberdade — à alegoria cívica — fundamento do patriotismo — iria um passo.*

**Retomando** *o poder, como quem rompia o* **contrato,** *a nativa é sempre a Paraguaçu; altiva e armada, como a deusa tutelar, tradução em verde... e amarelo, da Minerva* **Políada,** *defensora invencível da cidade sagrada; lança em punho, sobraçando o escudo (ou a* **égide**), *o pé majestoso a esmagar a serpente da tirania, aí como Nossa Senhora da Conceição da Praia no seu velho altar, misto de mitologia e apocalípse; selvagem que encarna o Brasil; puxada pelo povo — rainha moça — todos os anos, aos estrondos de dois-de-julho, ladeiras abaixo, ladeiras acima da Bahia.*

*Este, o* **civismo** *clamoroso da Independência.*

• • •

*A polêmica (e o* **Contrato Social**), *renova a crença no homem livre, que, não estando* **de fato** *em parte alguma, estaria, romântico, na ilha* **sonhada,** *que fosse, como a* **América Portuguesa** *de Rocha Pita, "terreal paraíso, o Letes e os Campos Elíseos" (***ibid.,** *n. 5 do livro 2).*



*Unindo à fantasia* **utópica** *(etimologicamente,* **sem lugar**) *o delírio patriótico (enraizado na amável surpresa do "mundo novo", o paraíso possível nestes trópicos) — estabelecemos a singular harmonia — na bibliografia da espécie — das viagens pelas terras desconhecidas e da fuga para as terras imaginárias. Estas, constituem a história platônica das sociedades como podem ser; aquelas, a geografia verídica das sociedades como* **ainda** *são. Numas, é a idéia que as organiza: noutras, a experiência que as descreve. Ligam-se facilmente a* **utopia,** *de Thomas Morus (com a ilha maravilhosa) e o* **indianismo** *(com a ilha descoberta, de quantos autores enumera René Gonnard em* **La Légende du Bon Sauvage,** *Paris, 1946. Busca-se no pensamento e no mar — em ambos os casos — o fascinante "homem feliz": o abstrato, da novela, o vivo e ingênuo, do diário de bordo; de qualquer modo, o* **invejável,** *contraposto ao pobre, das cidades desumanas; Robinson (a magia da solidão) ou o Inca, de Marmontel (o prodígio da ordem).*

*Para nós, essa invenção foi moralmente integrativa: reincorporou o índio, fazendo-o descer das celestes altitudes da literatura, depois de destroçado e expulso da paisagem que dele fora.*

*Resuscitou-o transfigurado; com honras de* **patriarca;** *manejando, a bem do povo que o execrara, as armas com que se fizera temido; convencional, mas necessário; com a autenticidade fictícia do antepassado; no Império, "anjo custódio" (do fabulário da dinastia), de asas e cocar, como está nas medalhas e nas decorações; o inimigo da* **conquista** *metamorfoseado no seu serafim; a fusca divindade do povo moreno!*

*A arte barrôca transformou a Paraguaçu no mensageiro alado das alvoradas brasileiras.*

*Dela fez, com igual inspiração, a linda rapariga, coroada de plumagem, no seu carro de triunfo.*

*É estridentemente mulher.*

*Acompanhe-se, na cronologia do mito, a armação do sistema.*

*A* **utopia** *esgota-se na* **ideologia.**

*Marca-a de começo, a sensação da transferência.*

*Tem, no fim, o caráter da revisão.*

*Fiquemos naquele aspecto: a mudança ditosa do antigo para o novo hemisfério, limpo de preconceito:*

**Por nome terá, Nova Lusitânia,**

**Das leis isenta da fatal insânia** *(Bento Teixeira,* **Prosopopéia,** *1601, p. 42, da edição da Academia Brasileira).*

*Deixa-se a sociedade fechada, inaugura-se a sociedade aberta.*

*O que Carlyle escreveria a Emerson (***Correspondance,** *p. 63, Paris,*

1912): a vossa **Nova** Inglaterra — à nossa **Velha** Inglaterra.

Duas impressões de chegada, são dois pontos de partida para o confronto. De Colombo, reparando na exacerbação do individualismo, porque os humildes (europeus) logo se transfiguravam em senhores (no mundo novo); e de Pero Vaz de Caminha, extasiado ante a inocência indígena. Num caso, revelava-se a liberdade; no outro caso, surpreendia-se a igualdade.

Quem duvidará de que foram esses os fatos básicos da conquista americana?

Que os homens nascem iguais e os abençoa a liberdade. — (Declaração da Independência e preâmbulo da Constituição dos Estados Unidos); porém não se completaria sem o mais ambicioso dos direitos, o **direito à felicidade** (de Jefferson), "**general Welfare**", do art. 1, secção 8, da Carta de Philadelphia; "felicidadade geral, objeto da sociedade" (na de Bolivar, 1819).

Para trás ficara a **tranqüillitas** medieval.

Alvorece a **felicitas** moderna.

Lá diz Caminha, em 1500: "**a inocência dessa gente é tal, que a de Adão não seria maior**".

Acode-nos a comparação de Chateaubriand, proscrito da injustiça ao entrar, palpitante de lirismo, a floresta americana: "du bonheur royal d'Adam glorieux et souverain, dans l'Eden". Naturalmente bom, alvitrara Montaigne, primeiro escritor, lembra Hannotaux, a introduzir na cultura universal a meiga ilusão de Ronsard, "**Ilsvivent maintenant dans leur âge doré**".

**Idade de ouro,** era como se traduzia na Grécia a miragem paradisíaca. Agora, determinismo de civilização, não o paraíso **perdido,** mas o **descoberto,** cultura que embarca, navega e descobre; a "golden age", de Berkeley, "artes e império" de jornada feita para o oeste!

Os urbanos e cultos viviam a **Idade** castigada.

Cotentar-se-iam em sonhar, como sonhou Southey, a evasão da **City of Destruction,** para um sítio qualquer... em Kantucky (Greoffrey Carnell, **Robert Southey and his Age,** p. 54, Oxford, 1956).

O poeta não veio à América. Foi como se viesse.

Fez **História do Brasil.**

## A INSPIRAÇÃO DA PESQUISA

Falamos das idéias no seu tempo. Falemos dela no seu meio.

Para inserir o **Catálogo** no historicismo incipiente é preciso remontar à segunda Academia Brasílica, a que pertenceu, 7.º da lista



alfabética dos "acadêmicos de número" que "hão de escrever a **História da América Portuguesa**" (Códice ms., **arquivo do Conde dos Arcos,** hoje na Universidade de Coimbra).

Era dos **Renascidos,** e merecia o nome.

Vinte e cinco anos antes fora dos **Esquecidos.**

É necessário ler a "Distribuição dos Empregos para os quais a Academia dos Renascidos elegeu por votos conformes depois de repetidas conferências a alguns dos seus sócios": **"Memórias para a História universal da nossa América,** que se há de escrever na Língua portuguesa" (Códice 39 do arq. do Conde dos Arcos).

Como se dispersaram os seus papéis, e a coletânea, publicada por Alberto Lamego, em 1923, não dá notícia do projeto, insistamos; no imenso projeto dos Renascidos de inventariar, em todos os campos, o passado e a realidade brasileira.

Sente-se que imitava a Academia Real da História (1720) na idéia de elaborar com a verdade possível a crônica total.

Mas o seu pensamento ultrapassava os limites do Brasil que se povoava devagar; abrangia a superfície do país. Pará e Maranhão, e capitanias de Caeté, Camutá, Sumá ou Tapuitapera, Ilha Grande do Joanes, etc.; "do governo do Piauguhi"; a capitania general de Pernambuco, em que se compreendiam o Ceará (com o S etimológico, **Siará**), Rio Grande do Norte, Pernambuco com Itamaracá, Paraíba, Serinhaem, Porto Calvo, Alagoas; "da cidade de São Cristóvão e de toda a capitania e comarca de Sergipe de El-rei"; "da Cidade de Sam Salvador e Bahia de todos os Santos, capital de toda a América Portuguesa, e de todo o distrito desta capitania general"; "da Jacobina e de todo o distrito da sua ouvidoria, compreendendo o rio das Contas": "das três capitanias dos Ilhéos, Porto Seguro e Espírito Santo"; "da capitania general do Rio de Janeiro compreendendo as capitanias do Cabo Frio, Itacoazes, Sam Vicente, Santos, Sam Paulo, Santa Catarina, etc.": "do Bispado de Mariana compreendendo os distritos do Rio das Mortes, Sam José, Vila Rica do Ouro Preto, Cidade Mariana, Sabará e Rio das Velhas"; "da Vila do Príncipe e Comarca do Serro do Frio, compreendendo o Tijuco e as Minas novas do Arassuí etc., com as notícias dos diamantes e mais pedras preciosas": "dos Goiazes, Paranaguá etc". Finalmente: "da Colônia do Sacramento, Rio Grande do Sul, Mato Grosso, Cuiabá, Uraguai, etc.".

Seguiam-se as secções reservadas aos Índios da América, à Agricultura, História Natural dos três reinos: animal, vegetal, mineral,... Parágrafo 16: **"As Memórias Genealógicas de toda a América Portuguesa".**

Cada uma tinha autores adequados. Para esta, das **Memórias Geneológicas:** Antônio José de Souza Portugal, João de Couros Carneiro, João Pereira Ramos de Azeredo Coutinho, Rodrigo de Argolo Vargas Cirne de Meneses.

Da "Religião Seráfica" incumbir-se-iam Fr. Antônio de Santa Maria Jaboatão, Fr. Bento da Apresentação, Fr. José dos Santos Cosme e Damião.

O parágrafo 64, previsto para 15 de setembro de 1759, arriscava o tema lisonjeiro: "Se há de dissertar na Academia. Quem era a Ilustre Heroína Catarina Álvares e seus Pais e seu marido? E porque se lhe pôs aquele nome?"

Conferencistas nomeados: Antônio José de Souza Portugal, Domingos da Silva Teles, Jerônimo Mendes da Paz, Rodrigo de Argolo Vargas Cirne de Meneses. (Códice citado; e **Revista do Instituto Histórico,** I, p. 74).

Bendita Academia!

Inspirou a pesquisa.

Aliás é o que a preocupa no parágrafo 46. "Para examinar os livros da Câmara desta cidade e tirar do seu arquivo as notícias cronológicas, que se poderem descobrir concernentes às nossas Memórias Históricas".

Mas não foi só isso.

Alega Fr. Jaboatão que a seu pedido compôs a segunda parte do **Novo Orbe Seráfico** (p. 14, Rio, 1859).

Mandou a José de Mirales escrevesse a **História Militar do Brasil** (p. 5, edição da Biblioteca Nacional, 1900); a Fr. Gaspar de Madre de Deus, **"Memórias do Bispado de São Paulo"** (carta de 22 de outubro de 1759, divulgada por Alberto Lamego); a José Antônio Caldas, **"Notícia Geral da Capitania da Bahia"...**

A tese sobre a "ilustre heroína" teve relator, o cônego José de Oliveira Bessa (Lamego, **A Academia Brasílica dos Renascidos,** p. 68). Muito contrário a Caramuru, negou-lhe o título de "primeiro povoador", pois dá o **Santuário Mariano** a data de 1531 para a sua chegada à Bahia... Argumentaram vitoriosamente os companheiros, já em 1534 **Caramuru** tinha filhas que se casavam na terra.

Insensível ao calendário, o cônego obstinou-se, fiado dos livros.

Pobres livros!

Serviu à discussão, como a travavam nos páteos do Colégio os teólogos; ao peso dos textos (ó manes de Pascal!); deixando ao pesquisador a porta aberta para a decisão.





O grave assunto resvalou para o sentimento do povo, descendente de **caboclo.**

Aí está, demonstrativo, o **Catálogo** dos "Índios famosos em armas que neste Estado do Brasil concorreram para a sua conquista temporal e espiritual".

Nesse apanhado enfático ainda não figura **Paraguaçu** (Catarina Álvares), à espera do poema. Repontam Arariboia, Tibiriçá, Camarão. Os que D. Domingos do Loreto Couto, sócio supranumerário da Academia dos Renascidos, pode achar nas histórias de Brito Freire, do conde da Ericeira, do padre Simão de Vasconcelos (**Desagravos do Brasil,** livro I, cap. VI). Pertence à fase festiva, em que a confraternização das raças testemunhava a união da monarquia portuguesa, representada a América pela índia formosa, assim nos quadros alegóricos (o mais perfeito, o da capela-mor da basílica da Estrela, em Lisboa) como nos cortejos (de que é exemplo o que na Bahia celebrou os esponsais do príncipe do Brasil e da infanta de Castela, em 1728, **Diário Histórico,** de José Ferreira de Matos, Lisboa, 1729). "Acompanhavam esta Figura (da América, coroada de plumas) "cinco índios da terra a pé, ornados das vistosas penas das aves da América, armados de arcos e flexas".

Extinguia-se, inevitável, a fase polêmica em que se prolongou a luta das raças, ou seja, o complexo colonial, em transição para a sua aliança, ou seja, o sentimento nacional.

É o que nos conta Francisco Calmon, outro membro supranumerário da Academia dos Renascidos (**Relação das Faustíssimas Festas,** p. 14, Lisboa, 1762, exemplar da livraria da Universidade de Coimbra), descrevendo os júbilos de Santo Amaro, no Recôncavo, os pretos da guarda do rei do Congo a pelejaram com selvagens de arco e seta, "sendo tal ardor de ambas as nações, que, com muita naturalidade, representem ao seu modo uma viva imagem da guerra".

Logo, porém, o caboclo do **folclore** (discriminatório) se converte em avô eletivo.

Indica-nos o padre Antônio Vieira o momento da adoção sentimental; a propósito da segregação, no fim do século XVII.

Embora em festas privativas, negros e brancos eram devotos de Nossa Senhora do Rosário; os mestiços, de Nossa Senhora do Guadalupe.

*"Os em que acho menos razão são os pardos, porque não separaram a Irmandade, mudaram de apelido. Os brancos e os pretos, sendo cores extremas, conservaram o nome do Rosário, e os pardos, sendo cor meia entre as duas, tomaram o de Guadalupe".*

*Aglutinavam-se ao pé da americana Virgem Morena.*

*Os estudantes brasileiros de Coimbra ficaram, significativamente, com Nossa Senhora do Desterro (cujo louvor, em nome deles, ali pregou o Padre Bartolomeu Lourenço, em 1718).*

*Melhor se seguirá a evolução nos cimos da poesia.*

*Não clama vingança, como o sucessor presuntivo do Inca, Tupac-Amaru; transubstancía-se em terra e povo; que herdou a musa vernácula.*

*"Gênio da inculta América, que inspiras/a meu peito o furor, que me transporta", canta José Basílio no* **Uraguai** *(c. IV), como Luiz de Camões (c. I, 5) invocando* **Tágides minhas.**

*Segue o europeu desposado pela cabocla: o herói, de Santa Rita Durão, no poema em que madruga o nacionalismo, entre a era absolutista e a revolução liberal.*

**Caramuru,** *entretanto, não vale por quem é, mas pelo amor que o naturaliza.*

*Faz-se o patrono da aliança.*

*O caboclo, é a pátria consciente; a cabocla, a pátria soberana.*

*Na confissão aos juízes da devassa, esclareceu Tiradentes, o emblema proposto pelo poeta Alvarenga Peixoto para a Inconfidência Mineira, seria o* **índio despedaçando correntes.**

*Arvorava-se a bandeira de guerra.*

*A de paz continuaria na mão de* **Caramuru,** *alcunha da* **reação,** *ao cair D. Pedro I.*

*O* **indianismo** *veste (ou desnuda) o* **patriotismo.**

*Precisava-se do símbolo.*

*É o selvagem (do século XVI), na atitude oposta, não mais de armas atiradas ao solo, vencido, suave, resignado — à semelhança da índia do retábulo italiano da basílica da Estrela, em Lisboa, que é de 1784 —, mas arrogante, e belicoso.*

*A tradição — da subalternidade à independência — documenta-se no teatro.*

*Em 1818, homenageando D. João VI, que criou o Reino Unido (de partes iguais, Portugal e Brasil), o presbítero Luiz Antônio de Souza e Silva fez representar em Vila Boa de Goiás o "elogio dramático"* **A Discórdia Ajustada,** *em que se defrontam (sem se desigualarem) a velha metrópole e "o índio vestido ricamente de plumas e arminhos, armado de arco e seta, tendo na cabeça um cocar com as armas do*



*Brasil" (Impressão Régia, 1819, reproduzido na* **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás,** *v. 5, p. 15 e segs., 1976). Isso, entendeu-se em 1822, era demasiadamente clássico. O Imperador D. Pedro I usou na coroação, a 1.º de dezembro, uma frondosa murça de papos de tucano, em lugar do cabeção de arminho dos reis do Ocidente: o mantelete plumário dos caciques.*

*De onde a plumagem?*

*Do poema de Santa Rita Durão, na oitava rima* **(Caramuru,** *Lisboa, 1781), e em dez cantos, como* **Os Lusíadas:**

**O valor cantarei na adversa sorte,**
**Pois só conheço Herói quem nela é forte.**

*Tratava-se do "manto ao ombro de pluma entretecido" (c. V, 20); "a pena do Tucano mais se preza/ Que feita de ouro fino se diria" (c. VII, 63).*

*Pouco apreciado em Portugal (desolado pela indiferença rasgou Durão as poesias inéditas, Artur Viegas,* **O Poeta Santa Rita Durão,** *p. LXXIX, Bruxelles — Paris, 1914) — o poema do* **Descobrimento da Bahia** *se tornou no Brasil leitura obrigatória da juventude patriótica.*

*Ganhou foros de mensagem política; a mais, comunicativa do período em que se compôs a ordem nacional. Império do Brasil? Mas o proclamara o frade agostinho, natural das Minas Gerais: "Cedeu no vasto mar por toda a banda/ O Império do Brasil à fria Holanda" (c. VIII, 77). Indica, no exórdio, Caramuru "é o tronco da nobilíssima Casa da Torre na Bahia".*

*Tomando a deixa, o morgado fez lavrar para a igreja da Graça — de Catarina — as lápides que comemoram o primeiro casal, com a inscrição rebarbativa, que a "princesa da Bahia" dera a terra ao rei de Portugal. Fez melhor: constituiu no* **castelo** *da Torre — sua fortalezada casa grande do século XVII — o núcleo da resistência, quando, em 1822, estourou a luta de lusos e baianos. Eram* **tupinambás** *(ridicularizou* **A Idade de Ouro).**

*Tão* **índios** *— acrescente-se — que nessa fase, e enquanto durou o nativismo xenófobo, numerosos brasileiros trocaram o sobrenome português pelo tupi e tapuia da fauna, da flora, da geografia da pátria: Canguçus, Baraúnas, Oiticicas, Acaiabas, Muricis... Senão Araripes, Paranaguás, Cariocas, Paraguaçus...*

**De Catarina ao neto ocorre agora**
**Dizer dos Laertíades a astúcia...** *(Ladislao dos Santos Titara,* **Paraguassu,** *c. IV, Bahia, 1835).*

**Cedendo ao Trono Luso a posse inteira;**
**E Eu do Monarca na Real Pessoa**
**Cedo todo o direito e entrego a Coroa. (Caramuru,** *c. X, 80).*

*Emerge da mitologia literária a* **princesa da Bahia** *com as galas primitivas, de diadema e* **marraque** *(maracá), encarnada na beleza régia, e postiça, ou sem antropologia, a perfeição do conceito: país adulto, e voluntarioso.*

*Quatro anos depois de* **A Discórdia Ajustada,** *com a monarquia (novo Império, de Santa Rita Durão) — adornou-se o índio de cétro e manto, (capilo, plumário, cocar, a coroa de D. Pedro I): a imagem do Brasil.*

*Obscurece-se logicamente a fama de* **Caramuru,** *responsável pela submissão do gentio à Europa. Dilata-se o prestígio do* **tupinambá** *(ou* **tamoio,** *título de guerra do jornal dos Andradas).*

*A* **Abdicação,** *em 1831, divide as águas que se juntaram na Independência. Separou-se o casal, Caramuru, luso-brasílico, patrono do retrocesso (selvagens ajoelhados diante de Tomé de Souza), Paraguaçu, versão fascinante do futuro.*

*Menos do que a paz, personificou ele a concordância: conservador, em contraste com a revolução, liberal. Da gravura alegórica — índios humilhados — anti-***caramurus,** *esfarrapados ou* **farroupilhas,** *apelido de pasquins de 1832 e 1833,* **Trombeta dos Farroupilhas,** *em Niterói e no Rio de Janeiro,* **farrapos** *do Rio Grande, ou seja, as massas sublevadas contra o* **retorno,** *defendido pelo* **Caramuru, Novo Caramuru,** *gazetas do mesmo período, "este epíteto o que mais cavaco faz à moderação" (Hélio Viana,* **História da Imprensa Brasileira,** *p. 302).*

*Foi o rótulo do partido restaurador, entre 1831 e 1834.*

*A última insurreição que o mito produziu, será na Bahia; em 1856; já a literatura cansada de tanto* **tamoio** *(de Gonçalves de Magalhães) ou tanto* **timbira** *(de Gonçalves Dias), todavia ainda capaz de glorificar o* **guarani** *(de José de Alencar),* **anti-tamoio,** *como contestação da poesia* **oficial,** *embora o íncola carregado de semelhante ficção: o caboclo lhano e puro cavaleiro. A 2 de julho (dia da cabocla!) de 1856, irritou-se a platéia com o pano de boca do teatro de São João, em que se reproduzia a cena da recepção genuflexa de Tomé de Souza; perdeu a paciência, galgou o palco, dilacerou a tela, e desatou-se em desordem, reprimida a custo pela tropa.*

*A consolidação da nacionalidade dispensou, a seu tempo (que o tempo sempre chega!) as sugestões da fábula.*

*Cessou a polêmica. Começou a história.*



*Perdoável é que haja de comum entre elas esse fio de entusiasmo, oriundo do maravilhoso com tanto de verídico. Na verdade, a névoa que se esgarsa sobre o ideal e a utopia — tênue e poética — uniformiza-se, no fundo do quadro, como o raiar da madrugada se parece com o fim do dia: o traço firme da realidade envolvo nas nuvens da imaginação.*

## I

## QUEM FOI FREI JABOATÃO

*A correta biografia, em* **Desagravos do Brasil,** *de D. Domingos de Loreto Couto (v. 24 dos* **Anais da Biblioteca Nacional,** *livro 5º, p. 14) era a melhor que tínhamos de Fr. Antônio de Santa Maria Jaboatão.*

*Filho do sargento-mor Domingos Coelho de Meireles, e de D. Francisca Varela, ambos de Santo Amaro de Jaboatão, (1) ali nasceu em 1695.*

*Juntou ao nome religioso o da freguesia natal, mas já poeta, porque nas tertúlias da Academia Brasílica dos Esquecidos — em 1724 — se assina* **Fr. Antônio de Santa Maria.**

*O primeiro mestre foi o tio, vigário Agostinho Coelho de Meireles.*

*Aos 22 anos, fez-se frade.*

*É o que recorda, na primeira parte do* **Novo Orbe Seráfico,** *p. 347 (2ª ed., Rio, 1858). "Frei Antônio de Santa Maria Jaboatão, natural deste lugar, freguesia de Santo Amaro, distrito do Recife de Pernambuco e filho desta província, nela professou a doze de dezembro de 1717, no convento de Santo Antônio do Paraguaçu, em idade de vinte e dois anos. Concluídos os estudos no convento da Bahia, ficou continuando o ministério da prédica pelo decurso de trinta anos, sendo de permeio destes, mestre de noviços no convento de Igaraçu, secretário no capítulo do Provincial, Frei Manuel de Jesus Maria até a sua congregação e nela prelado local para o convento de Santo Antônio da vila do Recife, definidor no capítulo de 1755 e neste nomeado para cronista da província. Na sua primeira idade, teve gênio e agudeza para a poesia, especialmente a vulgar, de que viu alguns aplausos no estado secular e no de religioso nos primeiros anos, em que apresentou algumas obras na Academia dos Esquecidos da Bahia, assim em abono dos seus presidentes, como em desempenho de assuntos po-*

1. *"Com o seu nome há ruas em Peixinhos, Olinda, Jardim, S. Paulo, Torre, centro do Recife e nesta cidade", Van Hoeven Ferreira Veloso,* **Jaboatão dos meus avós,** *2ª edição, p. 234, Recife, 1982.*

éticos; mas desta suave aplicação o divertiram de todo os estudos sagrados, e especialmente o da prédica, do qual trabalho e aplicação têm saído à luz..." E alinha seis obras, impressas de 1751 a 1758; os sermões, relacionados por Loreto Couto.

Professor, pois, no convento de São Francisco da Bahia, o mais opulento do País. Lá viveu seis anos.

Não se ordenara ainda graças, sem dúvida, aFrei Josédos Santos Cosme e Damião, seu lente de filosofia e teologia (que em 1745 publicou o **Ternário Concionatório do Seráfico Padre São Francisco**) foi admitido às sessões acadêmicas. Nelas apareceu assiduamente, a par dos viçosos talentos da Cidade; e da Ordem — porque entre eles se viu outro frade moço, que o precedera de um ano no noviciado do Paraguaçu, Frei David dos Reis.

Estreou na **conferência** de 7 de maio de 1724 — presidido pelo coronel Sebastião da Rocha Pita — em que se comentou o tema: "Qual obrou mais? Endimião em seguir a Lua ou Clície em seguir ao Sol, assunto lírico da nossa Academia Brasílica". Versaram-no Francisco Xavier de Araújo, Francisco Pereira do Lago Barreto, Francisco Pinheiro Barreto, Geraldo Fonseca Cassão, José Pereira de Castro, Hierônimo Rodrigues de Crasto, o chanceler Caetano de Brito Figueiredo, Gonçalo Soares da Franca (a quem Gregório de Matos, chamou de "sol dos estudantes"), Antônio Cardoso da Fonseca, João de Barbosa e Lima, João de Brito e Lima, Luiz Canelo de Noronha, Antônio de Oliveira, Anastácio Aires de Penhafiel, Rocha Pita, Manuel Ribeiro Rocha, ofuturo autor de "**O Etíope Resgatado**", José de Oliveira Serpa, Antônio Nunes de Siqueira; afinal em **romance**, joco-sério, Fr. Antônio de Santa Maria.

**Que dar Senhora sempre foi**
**para mim coisa de risco,**
**porque a hora de julgar**
**é a mesma do juízo.**

**Com isto acabo, e se acaso**
**as coplas passam do estilo,**
**o Romance vai descalço,**
**leva os pés desimpedidos.**

(Códice, em três tomos, da Academia Brasílica dos Esquecidos, ms. no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, de que José Aderaldo Castelo fez os 5 volumes de **O Movimento Academicista no Brasil**, Comissão Estadual de Literatura, São Paulo, 1969: I, pp. 232—6).



A segunda poesia lida aos "Esquecidos" foi a 31 de maio, soneto "ao capitão João de Brito e Lima", que, sob uma chuva de rimas, se empossava na direção dos trabalhos.

**Em cristais derretidos se desata**
**a Lima mais profunda da eloqüência,**
**corrido deixa o Pindo, e na fluência**
**presa Aganipe em corrente de prata.**

Brindou"uma Dama formosa e sem dentes", com o **Romance risonho** (I, pp. 301-3):

**Vossas faces duas rosas**
**em campinhos de alabastro,**
**vossa boca que rosada**
**parece um partido cravo.**

Toma-lhe galantemente a defesa; não há perfeição neste mundo; e exemplifica, com a flor e a ave.

**Atentai-vos, e vereis**
**o mais lindo papagaio,**
**tão gentil nas demais partes,**
**e nos pés tão afeiado.**

**Vêde o soberbo pavão**
**tão roçagante e galhardo,**
**se o alenta a bizarria,**
**os pés lhe causam desmaios.**

**Olhai a formosa rosa**
**mais gentil Dama do prado,**
**vestindo-se de rubis**
**tem de espinhos os sapatos.**

Esse o frade, que, sem repudiar a lira, (veja-se-lhe o índice) se tornou teólogo ("lente de véspera, Bahia, na congregação de 36, lente de filosofia em 39", Fr. Venâncio Willeke, **Frei Antônio de Santa Maria Jaboatão**, revista "Santo Antônio", ano 30 (1972), n. 1, p. 27) ora guardião na Paraíba, ora porteiro no Recife, de passagem para a história, sua obstinada, e definitiva ocupação.

Poeta, não deixaria a irmandade dos "menores".
Cronista, alçou-se à companhia dos "maiores".
O orador sacro — é preciso que se diga — não ficou abaixo do historiador e do poeta.

Conhecem-se-lhe cinco sermões publicados: a **Oração nas exéquias funerais do Fidelíssimo e Augustíssimo Rei de Portugal D. João V** (em **Gemidos Seráficos,** Lisboa, 1755, reimpressos no v. III, tomo 3, de **O Movimento Academicista no Brasil,** por José Aderaldo Castelo, São Paulo, 1975); o **Discurso Histórico** (na festa dos pardos de Pernambuco ao santo de sua cor, São Gonçalo Garcia), Lisboa, 1751: o **Sermão de Santo Antônio,** no mesmo ano; o da **Restauração de Pernambuco do domínio holandês,** Lisboa, 1752 (e na **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro,** tomo 23); três práticas e um sermão, **Josefina régio-equívoco-panegírico,** Lisboa, 1753; **Sermão da Rainha Santa Isabel,** Lisboa, 1762.

Entre os seus papeis (informou-nos o saudoso, Fr. Venâncio Willeke) há a aprovação da Academia Brasílica dos Renascidos, em 1759, a um livro de sermões (portanto inéditos) de Fr. Jaboatão.

Mostra-se, nos que podemos ler, fluente e latino, às vezes grandiloquo, sem os excessos comuns da frase retorcida e da metáfora ousada, preso à modéstia reclamada pela comunicação, retórico (como no necrológio de D. João V), a escusar-se do método. "Não excitaremos dúvidas, nem formaremos reparos, nem usaremos de outros tropos, ou figuras, que se permitem, nos discursos panegíricos; porque neste, como Oração que é, só faremos muito por levantar o pensamento ao mais alto, a que puder subir a sua capacidade, para ponderar, meditar ou contemplar as ações do nosso Monarca..."Mas, ainda aí, genealógico; a desnovelar a linhagem, desde Hugo Capeto e Roberto, reis de França, da Casa de Bragança !

A missão de historiador foi-lhe cometida pelo superior, Frei Inácio de São Félix, em 1755.
Está no registro conventual.
Não seria o primeiro frade a pesquisar na Bahia a crônica de sua Ordem.

O **Dietário** beneditino indica o Padre Frei José de Jesus Maria, nascido na vila de Cairu, estudante no Rio de Janeiro, ordenado em Buenos Aires, falecido em Penedo (14 de fevereiro de 1729): "o primeiro cronista que deu principio à crônica da Província, revolvendo as



notícias de sua fundação e as vidas dos primeiros monges que nelas faleceram", (1) mas foi o único que pôde mandar aos prelos o seu livro.

> **"Frei Inácio de São Félix, aos 6 de dezembro de 1755. Determinou-me em mesa pelo definitório e discretório que se elegesse um religioso para cronista desta Província, idôneo e capaz, e como tudo isso concorre na pessoa do Irmão Definidor Frei Antônio de Santa Maria Jaboatão o elegemos e nomeamos cronista da Província com a obrigação de que, em todos os triênios, dê conta do que tiver escrito: e os irmãos guardiães serão obrigados a lhe comunicarem as notícias que se lhes pedirem".**

Foi morar na Bahia, entre 1757, em que concluiu a primeira parte do **Orbe Seráfico,** dado a lume em 1761, e 3 de julho de 1779, quando faleceu (termo de óbito transcrito por Frei Venâncio Willeke).

Fiel à musa, é o número 6 dos Renascidos (lista de presença de 19 de maio de 1759, Alberto Lamego, **A Academia Brasílica dos Renascidos,** p. 11), que largamente cultivou; desta feita, em poesias políticas e corteses.

Cantou em décimas o marquês de Pombal (**ibid.,** pp. 44 — 45), que não lhe valeu, nem à companhia, dissolvida subitamente, ao tempo em que o fundador, José Mascarenhas Pacheco Pereira de Melo (filho do Dr. João Pacheco Pereira, natural da Bahia) era confinado — sem forma nem figura de juízo — na ilha de Santa Catarina.

Continuou a crônica (segunda parte do **Novo Orbe Seráfico**), inédita até 1858, quando a editou o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

Em tom menor, e casa adentro, versejou à sua moda, soneto, décima, mote-e-glosa; e entrevê-se, no seu modesto projeto de investigar a genealogia da terra.

O que neste **Catálogo** (que o Instituto publicou em 1889) mais se admira, é a extensão da busca e rebusca, até o pôr (diz ele) **"na oficina do cuidado particular e à custa do desvelo próprio no ano de 1768, em idade de 73 anos".**

Tornou-se um raro e imenso trabalho de coleta, porque não se limitou a perguntar aos vivos: enfronhou-se, à cata dos mortos, nos livros das freguesias da cidade e do recôncavo. Deles extraiu a sua

1. Arquivo de São Bento da Bahia, **Dietário,** 1729, pesquisa de Maria Teresa Calmon Correa Ribeiro, a quem devemos numerosas informações que serviram para a anotação do **Catálogo Genealógico,** igualmente colhidas nos arquivos baianos.

nominata, com datas e notas, de outro modo para sempre perdidas. Confiou-o (é que se depreende) aos cuidados do discípulo que, entretanto, não o expurgou de contradições, anacronismos, erros manifestos, como sobre os Sás do Rio de Janeiro; nem o enriqueceu de apontamentos oportunos, como no caso os desbravadores do nordeste.

Mas a despeito disso (até por isso) mereceu que da Bahia o remetesse, tal como o encontrou, Inácio Accioli de Cerqueira e Silva ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

Constituiu o v. 53, parte 2.ª da **Revista do Instituto** (1889).

## II
## EXEMPLO E LIÇÃO

Frei Jaboatão dera o exemplo.

Respondeu ao convite acadêmico, no tempo em que academicismo, em vez de contemplação, foi antecipação, consultando, de paróquia em paróquia, todo o antigo cartulário.

Como ele, depois dele, êmulos e seguidores desdobraram o conhecimento investigado, que da teia nobiliárquica, preocupação menor, saltou para a memória política, sentido geral.

Falamos da ação integrativa das gerações e da ação progressiva da sociedade.

Trabalho beneditino em burel franciscano, ninguém lhe tira o seu lugar na cultura brasileira.

Leia-se o título **Caramurus**. "Catarina Álvares, filha natural de Diogo Álvares Caramuru, foi casada com Gaspar Dias, que suposto se não declara no **livro, ou caderno dos batizados da Sé** quem era este Gaspar Dias, e de quem era filha esta sua mulher Catarina Álvares pela ocorrência dos anos e batizados seguintes dos seus filhos, assim o assentamos, e foram filhos: Isabel, batizada na Sé a 4 de setembro de 1557; 2. Maria, batizada na Sé a 7 de maio de 1559..."

Onde está aquele "livro, ou caderno"? E tantos outros registros, repassados por Fr. Jaboatão?

Muitos porém se acham no incomparável arquivo da Cúria, vários deles inutilizados pela umidade que os petrificou, agora abertos e restaurados (com a colaboração oportuna do Conselho Federal de Cultura, em atenção ao apelo do eminente arcebispo-cardeal da Bahia, Dom Avelar Brandão Vilela) — e todos acessíveis a quem queira estudá-los.

A eles recorremos, nas anotações ao **Catálogo**.

Assim (para exemplificar) o da freguesia de Paripe. Os dias dos



batizados, casamentos e óbitos, foram obtidos nesses códices de sacristia.

Por eles é fácil reconstituir o itinerário de sua pesquisa.

Repita-se: pela primeira vez lembrava-se alguém de ir tão longe (e tão perto).

Parece-nos, comparando, estar a revê-los no despropositado esforço de situar no tempo os nomes obscuros. Por que?

Que função têm, que papel desempenham, de que valem no vasto quadro histórico?

Entendamo-lo.

O que pretendia, e conseguiu, foi recompor no derramado tecido familiar a sociedade, como se a sua pena de pato cometesse o prodígio de reunir numa só assembléia (essas páginas!) a gente que fundou a cidade, que se espalhou pelas redondezas, que instalou, com o engenho de moer a cana, o sobrado patriarcal, que levantou a capela, que foi enchendo as ruas acanhadas e, sob a lousa das igrejas, o cemitério doméstico; no evidente desejo de atribuir-lhe a unidade grupal, a harmonia na diversidade das origens e apelidos, a compostura de uma tribo, apagada e numerosa, contente de sua humildade (raros os magnatas, poucos os aristocratas, ali e acolá, os letrados, bacharéis de Coimbra, licenciados no Colégio dos padres, sócios das duas Academias, Esquecidos e Renascidos, pregadores, escritores, poetas) e consolada por sua descendência.

Insista-se no fato.

Fr. Jaboatão erigiu-se em mestre da penosa arte de inventariar os arquivos.

Pensando plantar a ramalhuda árvore genealógica, assentou os alicerces da história feita de documento (que sem ele não há história), mas que se redige com o inédito, essa que exige papel, mobiliza cartórios, exuma do segredo e da morte a verdade, material formidável que se dilue na monotonia (e sapiência) do **Catálogo**, que apostilamos com vagar e seriedade. Principalmente com respeito.

## III
## O AMBICIOSO CONTINUADOR

Invoca Fr. Jaboatão, no título, a "oficina do cuidado particular", "à custa do desvelo próprio", isto é, a autoria e a honestidade do texto, "no ano de 1768, em idade de 73 anos".

Tudo, portanto, nele indicado depois dessa data (por exemplo, em **Cavalcantis etc. na Bahia**, nota, Soror Teresa de Mesquita, faleceu em 1775, em **Antônio de Holanda Vasconcelos**, José Pires de Carvalho Albuquerque, que casou em 1776, em **Argolos**, "faleceu esta D. Luiza

de Queiroz" em 1773, em **Feio e Ferreira,** *Antônio Barbosa de Argolo Araújo, que vive solteiro neste ano de 1772", em* **Sá Machado,** *"faleceu a 27 de janeiro de 1770", D. Antônia de Faria, em* **Maciel e Sá,** *D. Guiomar Cacilda, "vive neste ano de 1770", e a observação, faleceu em 1775, em* **Sanches del Poço,** *"todos solteiros até esse ano de 1773", em* **Bulcões,** *nota, "faleceu a 17 de julho de 1776", em* **Falcão,** *"faleceu Gonçalo Marinho a 7 de abril de 1773". — Tudo é de outro linhagista.*

*O anônimo que lhe acusa os equívocos, e prolonga a anotação, ousadamente perfila-se a seu lado.*

*Tem a inclemência do censor desabusado: "erro" (p. 269 da* **Revista do Instituto Histórico,** *v. 53, 2.ª parte), "erro e muito grande", "e podia o autor indagar melhor para escrever" (p. 352), "erro, pois é falsa esta narração, não pelo padre que a escreveu, mas sim porque quem deu esta notícia enganou ao dito padre" (p. 390), "erro"... (p. 455).*

*Arvora-se em pesquisador arguto. Pode e quer fazer trabalho semelhante. Trai a mocidade, nessa presunção, confessa, a disposição pachorrenta de esclarecer os enganos ou ampliar a investigação do mestre, nessa intrepidez com que o corrige — e adverte. Acaba (sem lhe citar o nome) por apossar-se da obra.*

*Quem seria o bizarro homem — incrustado, como um enígma, na tímida cultura colonial; voltado como poucos para os mistérios da genealogia; a ela propenso em razão da própria raiz, que procura arrebatar ao mofo dos cartórios, ao segredo e desencontro da tradição; afinal, jovem humanista sonhando o livro?*

*Foi-nos fácil identificá-lo.*

*Pelos dois códices guardados na secção de Manuscritos da Biblioteca Nacional:* **Nobiliarquia Brasiliense** *(Lisboa, 5 de fevereiro de 1792) e* **Memórias de Famílias de todas as capitanias do Brasil** *(Lisboa, "até 30 de dezembro de 1792"), estas entremostrando a fonte (sim, o* **Catálogo** *inédito, de Fr. Antônio de Santa Maria Jaboatão!), pois são "trasladadas de* **um Manuscrito curioso e fidedigno que continham notícias das famílias da Bahia e de Pernambuco** *e de outros Manuscritos que continham outras capitanias". Autor: Roque Luis de Macedo Leme.*

*Herdeiro das glórias sertanistas de Fernão Dias Paes e do filho, que rasgou o "caminho novo" do Rio de Janeiro para as Minas Gerais, nasceu em 1730, morreu em 1828.*

*Veja-se-lhe a biografia, por Afonso Taunay (***Revista do Instituto Histórico de São Paulo,** *v. 32); a ascendência, na* **Genealogia das**



**Famílias Botelho, Arruda, Sampaio** *etc.,(de Nicolau Antônio Nogueira* **Vale da Gama,** *p. 67, Rio, 1859), a que se sobrepõe a informação do próprio Roque Luis,* **Anais da Biblioteca Nacional,** *IX, resumida por* **Taunay** *no estudo que lhe precede a* **Nobiliarquia Paulista, Revista citada,** *volumes 32, 33 e 34.*

*Cursou a Universidade de 1756 a 1761 (Francisco Moraes, nominata em* **Brasília,** *IV, p. 234, Coimbra, 1949), e depois de formado em Cânones treze anos morou na Bahia, dois em Pernambuco. Ele mesmo o diz (a fls. 103 da* **Nobiliarquia):** *"este título é tirado de um Ms. antigo que se acha em poder de D. Maria de Burgos viúva do capitão Miguel Teles no seu engenho de Santa Cruz em 31 de dezembro de 1764".*

*Estava na Bahia portanto quando Fr. Jaboatão, deu por encerrado o seu trabalho. Ali ficou, até pelo menos 1776 (data de sua última anotação), largo tempo debruçado sobre o "manuscrito curioso e fidedigno", de que trasladou parte das "Memórias de famílias".*

*Obstinado linhagista, conta que o gosto desses estudos lhe viera de comparar, em Portugal, o orgulho que deles tinham os fidalgos com a ignorância que havia no Brasil da origem das* **gentes.** *Ferveu-lhe o sangue dos bandeirantes. Quis continuar o trabalho de Pedro Taques. Revoltou-se com o desprezo a que eram votados os paulistas, como "se Pedro (seu pai) fora achado nos goiabais de Irajá" (1). É possível que tivesse auxiliado Fr. Jaboatão na pesquisa itinerante. O fato é que leu e anotou o* **Catálogo.** *Talvez dele, não do frade, seja a resenha genealógica que ficou sem revisão.*

## IV

## AS SUPOSTAS IMPERFEIÇÕES

*O que se diz das imperfeições, tropeça na verdade.*

*O autor não legou ao parceiro, Macedo Leme, ou ao convento de São Francisco o manuscrito pronto para os prelos.*

---

1. *Filho de Pedro Dias Paes Leme, de Irajá, e da portuguesa Francisca Joaquina de Horta Forjás Pereira, de Varride, termo da vila de Monte-Mor o Velho, era Roque Luiz de Macedo Leme sobrinho de Fernando Dias Leme da Câmara, alcaide-mor da Bahia (Processo de Habilitação à Ordem de Cristo de Fernando Dias, 1786, Torre do Tombo, letra F, m. 28, n. 37). Cursou a Universidade de Coimbra, de 1756 a 1761, Francisco Moraes, em* **Brasília,** *IV, p. 234, Coimbra, 1949. Afonso Taunay, na biografia,* **Rev. do Inst. Hist. de São Paulo,** *v. 32, não fala de sua colaboração com Fr. Jaboatão.*

*Encontramo-lo em nota à fl. 88 v. da* **Nobiliarquia;** *quando, a propósito de Agostinho Barbalho, desmente "o assento de onde tiramos estas memórias" (reproduzindo o que do ilustre sujeito conta Fr. Jaboatão em igual* **título, Catálogo,** *p. 311, n. 1). Que "servindo bem", "na remoção de Salvador Correa de Sá e Benavides governador do Rio de Janeiro o degolaram". Refuta-o, aprofundando-se nas reminiscências de sua gente. "Esta nota não está com aquela clareza que se devem transmitir as notícias, e vem a ser que a ouvi muitas vezes a meu Pai, por notícia certa e do conhecimento de meus avós Garcia Dias Paes Leme e Fernando Dias Paes Leme descobridor das minas de ouro, prata e esmeraldas, e que fundou a primeira povoação de Minas Gerais, chamada a Roça Grande. Destas consta por tradição, e o ouvi muitas vezes a meu Pai o Guarda-Mor Pedro Dias Paes Leme que o Rei D. Afonso VI pelo seu Grande Ministro o conde de Castel Melhor vendo-se exausto de dinheiros no Reino com uma guerra de 35 anos da Aclamação, considerou todos os meios de remediar esta falta, lembrando-se o dito Ministro do oferecimento que tinha feito o grande Marcos de Azevedo, fidalgo muito honrado da capitania do Espírito Santo, do descobrimento da serra de Sabarabuçu da Prata que se frustrara pela ambição do Marquês das Minas. Recorrendo o dito Ministro muitas vezes a este único remédio encomendou a Salvador Correa de Sá, removendo-o para o governo do Rio de Janeiro, que com a ajuda de Agostinho Barbalho, Fidalgo que com seu Pai tinha atravessado muitos sertões do Brasil e único que tinha notícias da dita serra, se fizesse o dito descobrimento". E vem a lenda, que a bordo da nau de guerra em que viajavam "mataram o dito Agostinho Barbalho a cutiladas já entre as ilhas da barra do Rio de Janeiro..." (1)*

*Inspirou-se Macedo Leme na aristocracia portuguesa, habituada a cultivar a fidalguia na sua fama e nos seus privilégios. Ao contrário dos patrícios rústicos, que a ignoravam, orgulhava-se dos escudos da sala grandiosa de Sintra, dos que concedia el-rei em cartas-patentes disputadas pela gente poderosa, dos que aderiam às casas hereditárias e aos sonoros títulos à cuja sombra floresciam os morgadios. Porque — sob o mesmo sistema legal — não fariam questão os* **brasileiros** *da prosápia, do abolório, dos antecedentes, dos antepassados, dos criadores de remotas e prósperas famílias, nem que tivessem aportado de mãos abanando a estas plagas coloniais, mas pela circunstância de nelas vencerem de armas em punho, à frente do engenho de açúcar ou da fazenda de gado, rompendo o mato ou construindo na cidade o solar*

1. *Nob. Bras. ms., fl. 88 v.*



*de pórtico de cantaria, análogos aos lavradores da Idade Média que foram os barões da Restauração, os viscondes de D. João V, os marqueses do Romantismo? Partiu do confronto (ou da emulação). Entre os dos trópicos e os do Reino havia a coincidência da humildade. Não seria atravessando o mar que se distinguiriam, nobres de lá, pobres de cá. Aparelhava-se na América o país da imigração, forjado nos metais (a espada e o arado) da terra-mãe. Homem do século XVIII, compreende-se que Macedo Leme o quisesse dominado por idênticos motivos de presunção e ênfase, com a diferença, de que alhures se pensava nos primeiros, aqui nos últimos, a distância que separa o mundo dos avós da aurora dos descendentes. A sua idéia era a de provar, perante os juízes da nobiliarquia, os direitos do Brasil à equiparação com Portugal. Observe-se o parentesco das suas aspirações com o plano genealógico de Frei Jaboatão. Intentaram ambos (e afinal um corrigindo o outro) estampar em livro noticioso e verídico o brasão autêntico — e mestiço — da pátria nascente.*

## V

## A REEDIÇÃO

*Impunha-se a reedição.*

*Não é plano de hoje. É projeto da mocidade.*

*Vem daí a coleta de informações, como convinha, nome a nome, página a página (antes do* **Índice** *de Salvador de Moya,* **Publicações do Instituto Genealógico Brasileiro,** *n. 1) — do árido livro de linhagem.*

*Para que fosse útil, como fonte de tanta biografia interessando à história, e para que fosse atual, como subsídio extraído dos arquivos, quando lutamos para os preservar da destruição, e do abandono, formas gêmeas do desbarate cultural.*

*Sucedem-se assim, para surpresa nossa, letrados, que falam da cronologia acadêmica, padres, que pertencem à história regional, capitães provados nas guerras, senhores de muita terra, administradores e estadistas, a quem se acrescenta o pormenor, na realidade precioso, do livro de família.*

*Desejávamos há cinquenta anos, desejamos agora animar com um sopro de novidade esta obra básica.*

*Procurou o bom frade entrosar os grupos no encadeamento sucessório.*

*Respirava nos doces ares da Bahia o preconceito e a vanglória. Também dispensava ao tempo extinto e à gente nele sepultada, o culto com que a religião os amortalha. Pretendemos coisa diferente. Nem mais nem menos do que os incorporar nos acontecimentos do Brasil.*

## VI
## FONTES MANUSCRITAS

*Indicamos a bibliografia nas notas de pé de página.*

*Quanto às fontes inéditas, foram as principais:*

**Torre do Tombo** *(Lisboa) — Processos dos Familiares do Santo Ofício, das Habilitações à Ordem de Cristo, e documentos sobre o Brasil, com a colaboração primorosa de Maria Isabel de Albuquerque, que a nosso pedido fez o levantamento sistemático desse material.*

**Arquivo Histórico Ultramarino** *(também em Lisboa) — Papéis avulsos da Bahia e códices de nomeações e mercês, Consultas do Conselho Ultramarino, outros negócios do Brasil. Iniciamos a pesquisa em 1945, continuamo-la em 1947, e em seguida a confiamos a Maria Isabel de Albuquerque.*

**Arquivo da Santa Casa da Misericórdia da Bahia**, *5 tomos dos* **Livros de Irmãos**, *e respectivo* **Tombo**, *investigação que começamos em 1928-1930, continuada por Maria Teresa Calmon Correa Ribeiro, querida irmã, a quem devemos a leitura dos códices abaixo.*

**Arquivo Público do Estado**, *cartas de nomeações.*

**Arquivo da Cúria Metropolitana da Bahia**, *códices "de genere", livros paroquiais de batizados, casamentos e óbitos.*

**Arquivos** *dos conventos do Carmo, de São Bento, do Desterro e dos franciscanos (este, no Recife, de que nos deu as informações Frei Venâncio Willeke, eminente companheiro do Instituto Histórico).*

*Genealogias, manuscritas, de famílias baianas, do arquivo do anotador.*

## VII
## DOCUMENTAÇÃO PUBLICADA

*Livros essenciais, citados:*

**Nobiliarquia Pernambucana**, *2 tomos, Anais da Biblioteca Nacional.*

**Anais da Biblioteca Nacional**, *Documento do Conselho Ultramarino, volumes 32 a 36.* **Documentos Históricos**, *volumes 1 a 86.*

**Publicações do Arquivo Nacional.**

**Anais do Arquivo Público da Bahia.**

**Atas da Câmara Municipal da Bahia**, *6 volumes.*

**Revistas** *do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia.*

**Revista do Instituto Genealógico da Bahia**, *de 1 a 12.*



*Bulcão Sobrinho,* **Famílias Baianas**, *3 tomos.*

*Fr. Venâncio Willeke,* **Frei Antônio de Santa Maria Jaboatão**, *na* **Revista de História** *(separata).*

## VIII
## BIBLIOGRAFIA

*Obras publicadas de Fr. Antônio de Santa Maria Jaboatão:*

*1.* **Discurso** *histórico, geográfico, genealógico, político e encomiástico, recitado em a nova celebridade, que dedicaram os pardos de Pernambuco ao santo de sua cor, o B. Gonçalo Garcia. Lisboa, 1751.*

*2.* **Sermão** *de Santo Antônio em o dia do Corpo de Deus no convento do Recife. Lisboa, 1751.*

*3.* **Sermão** *da restauração de Pernambuco do domínio holandês, pregado na Sé de Olinda em o ano de 1731. Lisboa, 1752 (reproduzido na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, tomo 23, pp. 365-386, 1860, de cópia oferecida ao Imperador pelo padre Lino do Monte Carmelo).*

*4.* **Josefina régio-equívoco-panegírico:** *três práticas e um sermão do glorioso S. José, oferecido ao fidelíssimo rei dom José em um discurso encomiástico de sua feliz e auspiciosa aclamação, pregados na igreja matriz da Paraíba. Lisboa, 1753.*

*5.* **Oração** *nas exéquias... de D. João V, a 12 de dezembro de 1750, Lisboa, 1755.*

*6.* **Orbe Seráfico novo brasílico**, *descoberto, estabelecido e cultivado a influxos da nova luz da Itália... a parte primeira da crônica dos frades menores da mais estreita e regular observância da província do Brasil, Lisboa, 1751. Reimpressa pelo Instituto Histórico, 1858.*

*7. A segunda parte,* **Novo Orbe Seráfico Brasileiro**, *publicada pelo Instituto Histórico, 1861, no final, breves anotações do cônego Fernandes Pinheiro.*

*8.* **Sermão** *da rainha Santa Isabel de Portugal, Lisboa, 1762.*

*9.* **Catálogo Genealógico** *das principais famílias. — Sacramento Blake, no Dicionário Bibliográfico Brasileiro, escrevendo antes de*

1889, refere-se ao "original de 546 páginas", no arquivo do Instituto Histórico. Constitui o v. 52, 2ª parte, de sua Revista.

Inéditos:

Mal informado, informa Sacramento Blake, "das poesias de Fr. Antônio Jaboatão não há notícia alguma". Pensava que as tivesse inutilizado. Fr. Venâncio Willeke, pesquisando no arquivo do provincialado franciscano do Recife, que guarda os velhos papéis do convento da Bahia, provou o contrário. Compaginam-se no códice de suas **Obras Acadêmicas,** ms. de 245 folhas. Deu-nos o índice:

1. Página 3. Dedicatória ao Dr. José Mascarenhas Pacheco Coelho de Melo, diretor da Academia dos Renascidos da Bahia.,

2. Diploma do ingresso de Fr. Jaboatão na Academia, com a assinatura do diretor, censores e secretário, e o selo acadêmico.

3. Páginas 11-44, trabalhos acadêmicos e temas de conferências e memórias, a cargo de Fr. Jaboatão, Fr. Bento da Apresentação e Fr. José dos Santos Cosme e Damião.

4. Páginas 45-52, cópia dos Breves Pontifícios e Ordens Régias com que se instituíram administradores nas partes do Rio de Janeiro e Pernambuco, 1575, 1614, 1615.

5. Páginas 53-55, "romance feito na Academia dos Esquecidos que no seu palácio instituiu o vice-rei Vasco Fernandes César, na Bahia, no ano de 1723 (sic) sobre o assunto lírico: Qual foi mais amante, se Clice do sol, ou Endimião da lua. Resolve por este o romance (com assinatura de Fr. Jaboatão). — Publicado em **O Movimento Academicista,** direção de Aderaldo Castelo, v. I, pp. 232-6. Assina, Fr. Antônio de Santa Maria-São Francisco.

E vêm os trabalhos da última fase, numerados de 26 a 72. Ei-los:

26 — Soneto em homenagem ao aniversário de S.A., a Princesa do Brasil. Na Academia (dos Renascidos) a 17 de dezembro de 1759. Assina, Fr. A. Jaboatão.

27 — p. 115* (Jab. 153) soneto ao Vice-Rei, Marquês do Lavradio. 1760. As. Fr. A. Jaboatão.

28 — p. 116* (Jab. 154) décima "ao mesmo assunto". As. Fr. A. Jaboatão.

29 — p. 117* (Jab. 155) 2 décimas "ao Sr. João Borges" substituto do diretor da academia. 1759? As. Fr. A. Jaboatão.

30 — p. 118* (Jab. 156) décima "à morte do acadêmico numerário o Rev. Antônio de Oliveira. Faleceu na Jacobina em visita neste ano de 1760". As. "Fr. Jaboatão".



31 — pp. 119*-121* (Jab. 157-159) carta ao cônego José de Oliveira Bessa, datada em 12 de fevereiro de 1761. As. Fr. Antônio de S. Maria Jaboatão. — p. 122* em branco.

32 — pp. 123*-125* (Jab. 161-163) carta ao cônego Antônio Gonçalves Pereira, datada e asinada: "Bahia 1762. Fr. Antônio de S. Maria Jaboatão". — p. 126* em branco.

33 — pp. 127*-129* carta a um cônego, sem dizer o nome. p. 130* em branco.

34 — p. 131* soneto ao governador da Paraíba, Jerônimo Jorge de Melo e Castro.

35 — p. 131* décima "ao mesmo assunto". As. Fr. Jaboatão. O assunto do soneto e da décima é quase o mesmo que dos n.ºs 27 e 28.

36 — p. 132* "Ao mesmo outro soneto".

37 — p. 132* "Ao mesmo, décima". As. "Fr. Jaboatão".

38 — p. 133* mote e glosas ao Rei D. José I. — p. 134* em branco.

39 — p. 135* mote e glosas "ao Menino Deus nascido no presépio". p. 136* em branco.

40 — p. 137* soneto ao Marquês do Lavradio pelo aniversário. 1768.

41 — p. 138* mote e glosas em homenagem ao mesmo.

42 — p. 139* décima anagramática em torno de "Luís" (Marquês do Lavradio) e "luz".

43 — p. 139* "Outra ao mesmo conceito". N.ºs. 42 e 43 são iguais ao n.º 8.

44 — p. 140* 2 décimas em homenagem ao marquês do Lavradio.

45 — p. 141* mote e glosas oferecidos ao mesmo.

46 — p. 142* 2 décimas ao mesmo.

47 — p. 143* 3 décimas ao mesmo, ao ensejo das núpcias de duas filhas.

48 — p. 144* 3 décimas ofertadas ao governador José da Cunha Ataíde, conde de Povolide, no dia natalício, 25 de junho de 1770, Bahia.

49 — pp. 145*-150* "Advertência". Introdução ao "Jaboatão místico em correntes sacras dividido" que vem a ser uma coleção de sermões.

50 — pp. 151*-153* oferecimento de "um livrinho" ao visitador geral Fr. Manuel de Jesus Maria, cujo secretário fora Jaboatão, em 1752. "Convento de S. Francisco da cidade da Bahia, 4 de julho de 1758. Frei Antônio de S. Maria Jaboatão, ex-definidor e cronista".

51 — p. 157* breve notícia sobre o noviciado da Companhia de Jesus, na praia de Jequitaia.

52 — p. 157* a notícia sobre o recolhimento da Solidade, na Bahia.

53 — p. 159* décima satírica de certo poeta e resposta satírica de Jaboatão, 1720. n. 53 é igual ao n. 7.

54 — p. 160* décima ou "epitáfio a dois amigos fazendo um... as exéquias do outro..."

55 — pp. 161* — 165* aprovações feitas ao volume de sermões de Jaboatão (cópia) a mandado da Academia com data de 4 de agosto de 1759, p. 166* em branco.

56 — pp. 167* — 168* aprovação dada por ordem do Provincial a uns cadernos de sermões compostos e pregados por Fr. José dos SS. Cosme e Damião. Bahia, 23 de maio de 1763. Fr. Antônio de S. Maria Jaboatão, ex-definidor e cronista.

57 — p. 169* aprovação especial dos sermões supra... maio de 1763. As. Fr. Antônio Jaboatão (folha truncada).
p. 170* contém como folha truncada um fragmento de discurso, quase igual ao n. 63.

58 — pp. 171* — 174* aprovação dada por ordem do Provincial a um estudo do Irmão corista Fr. Raimundo de S. Teresa, que defende S. Boaventura. Bahia, 12 de agosto de 1757. Fr. A. Jaboatão.

59 — p. 175*s dedicatória de um sermão pregado em ação de graças por ter saído incólume D. José I de um atentado. "Fr. Jaboatão" e "Os oficiais da Câmara da Vila da Jacobina" (BA).

60 — p. 177*s dedicatória de outro sermão pelo mesmo motivo. "Fr. Jaboatão".

61 — p. 179*s dedicatória a El-Rei, para um sermão de casamento da nossa princesa com o Infante D. Pedro. "Fr. Jaboatão" e "Os camaristas da vila de Jacobina".

62 — p. 181*s aprovação do Orbe Seráfico Novo Brasílico feita por Fr. Manuel Pinto de Jesus Maria por ordem da academia. "Carmo da Bahia, 2 de agosto de 1759. Fr. Manuel Pinto de Jesus Maria".

63 — pp. 183* — 190* oração acadêmica ao ministro ouvidor, José Joaquim de Almeida e Araújo. 1759.

64 — pp. 191* — 197* oração acadêmica e genetlíaca. Fr. Antônio Jaboatão.
p. 198* em branco.

65 — p. 199* soneto "para um nascimento..."

66 — p. 199* soneto ao mesmo assunto. "Fr. Jaboatão".



67 — p. 200* mote e glosa ao dito assunto. "Fr. Jaboatão".

68 — p. 201* décima a um acadêmico chamado Antônio.

69 — p. 201* décima a Antônio da Silva.

70 — p. 201* décima a João Pereira do Nascimento. "Fr. Jaboatão".

71 — p. 202* décima a João Batista Nogueira.

72 — p. 202* décima "à parteira que vendo o menino nascido lhe deu um apertucho de amor".

73 — p. 202* décima "a um anão e uma velha amantes". Fr. Joaboatão.

74 — 203* motes e glosas. "Fr. Jaboatão".

75 — p. 204* décima a uma velha preta que servia de divertimento.

76 — p. 204* décima.

77 — p. 204* décima.

78 — p. 205* mote e glosas pelo nascimento de uma criança. "1764".

79 — p.205* décima "a um anão e uma velha". Igual ao n. 73 supra. "Fr. Antônio Jaboatão".

80 — p. 206* soneto pelo nascimento de uma criança (do n. 78).

81 — p. 206* 2 oitavas ao mesmo assunto.

82 — p. 207* soneto a Francisco Marcelino de Gouveia.

83 — 207* décima satírica a um "reverendo defendente".

84 — p. 207* décima satírica a Romão.

85 — p. 208* mote e glosas.

86 — pp. 209* — 230* manifesto da razão, a favor de um confrade que deveria ter entrado como suplente no capítulo provincial de 2 de dezembro de 1758. "Por um dos seus filhos independente e desinteressado: Fr. Antônio de S. Maria Jaboatão". (Em várias páginas, o autor intercalou aditamentos).

87 — pp. 231* — 244* (em branco pp. 235* — 236*) conferência sobre o tema: "Qual é a empresa de maior glória: celebrar Lisboa a conservação da vida d'El-Rei Fidelíssimo D. José I, na sua presença ou celebrá-la a Bahia na sua ausência?". Da Academia dos Renascidos.

88 — p. 245* notícia sobre a imagem de Santo Antônio de Arguim (resumo do "Orbe Seráfico" II, p. 80ss). Na mesma página, há uma nota sobre casos de consciência.
p. 246* com uma só frase.
p. 247* receita de remédio caseiro — citações religiosas. "Frei Antônio de S. Maria Jaboatão".
p. 248* sentença de São João Crisóstomo — versos latinos — método "para saber-se em que dia da semana entra o mês".

*É provável que Frei Jaboatão tenha legado à posteridade muitos outros escritos que não mereceram o mesmo carinho dos arquivistas que as Obras Acadêmicas. Pois, passou em Salvador os últimos 24 anos de vida (1755—1779) prazo que sem dúvida aproveitou, máxime após ter entregue a 2.ª parte do Orbe Seráfico, em 1764. Os derradeiros trabalhos conhecidos e conservados datam de 1768 a 1770 (cf. n.ºs 40, 48 e 63) quando beirava os 75 anos de idade.*



# CATÁLOGO GENEALÓGICO

*DAS*

## PRINCIPAIS FAMÍLIAS

Que procederam de Albuquerques e Calvalcantis em Pernambuco,
e Caramurus na Bahia,
tiradas de memórias, manuscritos antigos e fidedígnos, autorisados
por alguns escritores, e em especial o Teatro Genealógico
de D. Livisco de Nazão Zarco e Colona, aliás Manuel de
Carvalho de Ataíde, e acrescentado o mais moderno, e confirmado
tudo, assim moderno, como antigo, com assentos dos
livros de batizados, casamentos e enterros, que se guardam
na câmara eclesiástica da Bahia,

POR

***FR. ANTÔNIO DE S. MARIA JABOATÃO,***

Pregador, ex-definidor, cronista da província de S. Antônio do Brasil,
acadêmico numerário da Academia Brasílica dos Renascidos,
e natural de Pernambuco.

Na oficina do cuidado particular e à custa do desvelo próprio no
ano de 1768, em idade de 73 anos.

## *TRASLADO AUTÊNTICO*

DA ATESTAÇÃO, QUE MANDOU PASSAR O DUQUE DE FLORENÇA A FILIPE CAVALCANTI (1) SOBRE O SOLAR, E TÍTULO DE SUA ILUSTRE NOBREZA.

Em nome de Deus. Amém.

No ano de Nosso Senhor Jesus Cristo de 1683, a 30 de dezembro, se leu este testemunho público, como está no 1.º livro dos decretos e privilégios dos serenissimos e grandes Duques de Toscana, onde se vê o decreto abaixo escrito de certificação de nobreza pelo teor seguinte, como se guarda no arquivo das reformações da cidade de Florença, em seu original do número 141 até 142.

Cosme de Médicis, por graça de Deus, Duque II de Florença e Sena, etc.. A todos e a cada um, a cujas mãos chegarem as presentes letras, saúde e prosperidade, etc.. A família dos Cavalcantis nesta nossa cidade de Florença, como também a família dos Manelos, resplandece com singular nobreza e luzimento, dos quais até este tempo tem saído varões de nós, de nossos progenitores, e da nossa república beneméritos; porque eles têm alcançado em sucessivos tempos todas as honras e dignidades da nossa cidade, e têm servido os supremos magistrados com grande louvor; trazendo as armas próprias da sua família, à maneira dos patrícios florentinos, distintas em seus campos e cores conhecidas, como abaixo se pode ver, viveram como os outros mais luzidos fidalgos de sua pátria. Entre os quais contamos principalmente a

---

1. Tinha vida magnífica em Florença a família dos Cavalcanti, com os antepassados na ***Divina Comédia*** e no ***Decameron***, Cavalcante de Cavalcanti e Guido Cavalcanti, pai e filho, o primeiro, uma das almas mais amáveis do ***Inferno***, a quem Dante dedicara o 10.º soneto do ***Canzioneri***, o segundo, poeta gibelino, amigo de Dante, morto em 1301, cujas poesias se reeditaram em 1813.
   Guido é herói de um conto de Boccacio, ***Decameron***, (ed. Reynard, II, pp. 232-233, Paris).

   Impossível é restaurar a genealogia até a transmigração para Pernambuco de Filipe Cavalcanti. Mas os elementos expostos por Frei Jaboatão e a confirmação que temos, de ser florentino o chefe do clã olindense, são suficientes para fundamentar a sua origem e importância, grande sujeito, em comparação com os humildes colonos; ***patriarca*** da nobreza nordestina.

   Versou sabiamente o tema, coligindo a documentação necessária, Manuel Inácio Cavalcanti de Albuquerque.
   Ao trabalho desse confrade remetemos o leitor.
   É exaustivo e perfeito.

João Cavalcanti, pai de Filipe Cavalcanti, o qual vivendo nesta cidade em tempos passados casou com a nobilíssima Genebra Manelli, de quem teve de legítimo matrimônio ao dito Filipe Cavalcanti, o qual, não degenerando de seus pais, vive com toda a pompa no nobilíssimo reino de Portugal. Pelo que amamos, como nos é lícito, as mesmas famílias, e a seus descendentes, e até disso significamos, que o mesmo Filipe Cavalcanti, nascido dos ditos pais nobres, a saber João e Genebra de legítimo matrimônio, e de famílias muito nobres, com razão é muito amado de nós, e com o testemunho das presentes letras, que mandamos selar com o nosso selo pendente de armas, certificamos sua nobreza; e além disso desejamos e pedimos, que por nosso respeito se lhe faça com toda a benignidade muita honra, porque nos será isso muito agradável, e o teremos em grande obséquio. Dado em Florença em nosso palácio dos Duques a 23 de agosto de 1559, e do nosso ducado florentino 23.º, e do de Sena o 3.º.

Eu, Jerônimo de Giuntinis, doutor em ambos os direitos, filho do Sr. D. Francisco, cidadão florentino, primeiro ministro do dito arquivo das reformações da cidade de Florença, juntamente com o abaixo assinado D. Lourenço de Continis, meu companheiro no dito ofício, para crédito público, por mão própria assinei para louvor de Deus.

Eu Lourenço de Continis, filho de Cosme, cidadão florentino, segundo ministro no dito ofício das reformações junto com o dito D. Jerônimo de Giuntinis, primeiro ministro no mesmo ofício, por passar assim na verdade, assinei por mão própria para louvor de Deus.

Nós Antônio de Deis, ao presente procônsul do colégio dos juízes e notários da cidade de Florença, damos fé, e publicamente certificamos, que os sobreditos Srs. D. Jerônimo de Giuntinis e D. Lourenço de Continis foram e são tais quais se fazem nas suas assinaturas, e são dignos de fé, e que nos seus sinais sempre a ele se deu e ao presente se lhe dá plena e indubitável fé, em juízo e fora dele, e por passar assim na verdade, passamos esta selada com o nosso selo. Dada em Florença a 4 de janeiro de 1683. — *Jacob Bindio, Cancelário,* etc..

Nós abaixo-assinados, mercadores da praça de Florença, certificamos como o sobredito Sr. D. Jerônimo Giuntinis e o Sr. Lourenço Continis, são tais quais se fazem nas suas assinaturas legais, e dignas de fé, e a seus sinais se deu, e dá por todos inteiro crédito, e por ser assim na verdade, passamos esta a 4 de janeiro de 1683.

*José Buona Corsi* dá a dita fé por mão própria. *Carlos de Geneni* dá a dita fé por mão própria.

Lugar †.



## *CARTA*

### *DEL-REI D. JOÃO III ESCRITA A DIOGO ÁLVARES CARAMURU*

Diogo Álvares. Eu el-rei vos envio muito saudar. Eu ora mando Tomé de Souza, fidalgo de minha casa, a essa Bahia de Todos os Santos por capitão governador dela, e para na dita capitania e mais outras desse estado do Brasil prover de justiça dela, e do mais que ao meu serviço cumprir, e mando, que na dita Bahia faça uma povoação, e assento grande e outras coisas de meu serviço. E porque sou informado pela muita prática e experiência, que tendes dessas terras, e da gente, e costumes delas, e sabereis bem ajudar e conciliar, vos mando, que tanto que o dito Tomé de Souza lá chegar, vos vade para ele e o ajudeis no que lhe deveis cumprir, e vos ele encarregar, porque fareis nisso muito serviço; e porque o cumprimento, e tempo de sua chegada a ela abastada de mantimentos da terra, para provimento da gente, que com ele vai, escrevo sobre isso a Paulo Dias, vosso genro, procure por se haverem, e os vá buscar pelos portos dessa capitania de Jorge de Figueiredo. Sendo necessária vossa companhia e ajuda, encomendo-vos, que o ajudeis no que virdes que cumpre, como creio, que o fareis. Bartolomeu Fernandes a fez em Lisboa a 19 de novembro de 1548. — ***Rei.***

Sobescrito — Por El-Rei a Diogo Álvares, cavaleiro de minha casa na Bahia de Todos os Santos.*

## *CARTA DEL-REI*
### *DE 24 DE DEZEMBRO DO ANO DE 1605*

Vi uma consulta do conselho da Índia, que me enviastes sobre Álvaro Rodrigues e Rodrigo Martins, irmãos. Hei por bem de fazer mercê de os tomar por cavaleiros fidaldos de minha casa, e mil e duzentos de moradia a cada um, e que se se lhe dê brazão de armas de nobreza conforme os seus feitos, e assim lhes faço mercê no hábito de Avís, com vinte mil réis de tença a cada um e também lhe faço de quatro léguas de terra, como pareceu aos do Conselho da Índia, as quais lhe assinará o governador do Brasil.

---

*Nota da R.I.H.G.B.*

* *Acha-se no livro 4 de serviços da câmara da Bahia a fl. 24, e aí as certidões dos tabeliães, que a reconheceram.*
*Consta dos papéis dos serviços de Álvaro Rodrigues Adorno, neto do dito Diogo Álvares Caramuru, que se acha a fl. no cartório de Valensuela, que serve o capitão Antônio Teixeira Braga, em o livro deles no ano de 1704 a fl. 324.*

## *TRASLADO AUTÊNTICO*

### *DE UMA CARTA DEL-REI D. JOÃO O 3.º PARA O 1.º GOVERNADOR E FUNDADOR DA CIDADE DA BAHIA*

Diz o tesoureiro-mor João Borges de Barros, que, para certo requerimento, lhe é necessário, que qualquer dos escrivães desta ouvidoria, a quem forem apresentados os autos juntos, lhe passe por certidão o teor da carta do Senhor rei D. João o 3.º, escrita a Tomé de Souza, primeiro governador deste Estado do Brasil, a qual se acha à fl. 8 verso. E que outrosim, revendo os ditos autos, certifique, se nos termos judiciais, e mais partes deles, se nomeia a esta cidade por cidade do Salvador, ou de São Salvador, e quantas vezes de um e outro modo. Pede a Vossa mercê seja servido mandar passar certidão em modo, que faça fé, entregando-se outra vez os autos, a quem lhes apresentar. E. R. M. Passe. — *Falcão.*

Antônio de Sepúlveda Carvalho, que sirvo de escrivão da ouvidoria geral do cível da Relação deste Estado da Bahia nos impedimentos do proprietário o capitão-mor João Teixeira de Mendonça, etc.. Certifico, que por parte do recorrido suplicante, o tesoureiro-mor João Borges de Barros, me foram apresentados uns autos, que pela sua antigüidade lhes faltam algumas folhas ao princípio,e por essa razão não tinham autoação, mas pela contestura deles se percebia serem os ditos autos de traslado de outros de libelo processado entre o procurador da mitra, igreja e a mesa pontifical dessa cidade e o provedor e mais irmãos da Santa Misericórdia, e revendo os ditos autos sobre o pedido ou petição retro, neles a fl. 8 verso computados pelo número, que ao diante se segue, achei inserta a carta, de que a petição retro faz menção, cujo teor do *verbo ad verbum* é o seguinte:

Tomé de Souza, Amigo. Eu El-Rei vos envio muito saudar. O bispo dessa cidade do Salvador, ora residindo em seu bispado como por outras cartas tivesse sabido; e por que folgaria, que em a dita cidade houvesse duas casas para aposento do dito bispo, e dos que ao diante forem, vos encomendo e mando, que ordeneis de as mandar fazer mais perto que puder ser da Sé, ou pegadas com ela, si para isso houver lugar conveniente, e com o dito bispo praticareis aonde será melhor. Muito vos agradecerei fazerem-se as ditas casas com a mais brevidade que puder ser, as quais terão ao redor de si, um chão, em que se possa fazer quintal e jardim; e o que nisto fizeres me fareis a saber por vossa carta. Adriano Lúcio fez em Almeirim a 22 de setembro de 1552. André Soares a fez escrever. — *Rei.* Para Tomé de Souza, governador das terras do Brasil, sobre as casas que há de mandar fazer na cidade do Salvador para os bispos dela. Por El-Rei. Registrada a fl. 176.



Não se contém mais em a dita carta. E outrossim consta dos ditos autos assim pelos termos judiciais como pelas certidões, que neles se acham copiadas, nomear-se em quarenta e duas partes esta cidade com o título de — Salvador-Bahia de Todos os Santos — e em nenhuma parte com o de — São Salvador. (1) Passo o referido na verdade e consta dos ditos autos, aos quais em tudo e por tudo me reporto, que tornei a entregar a quem aqui assinou de como os recebeu, e deles fiz passar a presente certidão bem e fielmente; sem coisa que dúvida faça em observância do despacho retro do desembargador ouvidor do cível Bernardino Falcão de Gouvea, cavaleiro professo da Ordem de Cristo, com o teor da mencionada carta e outro oficial comigo assinado, esta conferi, concertei, subscrevi e assinei na Bahia aos 19 dias do mês de julho de 1759 anos. Pagou-se desta, na forma do regimento, 216 réis. E eu Antônio de Sepúlveda de Carvalho a subscrevi.

E comigo inquiridor

*Joseph Antônio Troiano.*

Consertada por mim escrivão

*Antônio de Sepúlveda de Carvalho.*

---

1. Apesar da prova, feita em 1759, de que a cidade é do Salvdor (da Baía de Todos os Santos), a dúvida continuou, e persiste, pois muitos teimam em chamar-lhe de ***São*** Salvador. Prevaleceu contudo a voz do povo. ***Bahia*** (com esse ***h*** intermédio que as reformas ortográficas respeitam) é o nome corrente da cidade; o das cartas do padre Antônio Vieira; e da província.

## *CÓPIA*

### *DO I.º § DE UM CATÁLOGO ANTIGO DOS GOVERNADORES DA BAHIA*

Tomé de Souza veio com patente del-rei D. João III e com título de capitão-mor enquanto não fundasse a cidade, trazendo em sua companhia o Dr. Pedro Borges para ouvidor geral e Antônio Cardoso de Barros para provedor da fazenda real; e desembarcando na ponte de Santo Antônio da Barra em o mês de março de 1549, tomou logo posse da dita capitania-mor da vila velha de N. Senhora da Vitória, (1) e preparando até o mês de julho a gente de guerra, que havia trazido de Portugal, escolhido já o sítio por Diogo Álvares, marido de Catarina Álvares, que é o em que está hoje fundada a cidade, por ter porto acomodado para os navios e ser a terra levantada, que a faz participante de todas as virações, marchou o dito capitão-mor com mil homens de guerra e

quatrocentos índios, e com efeito fizeram despejar as três aldeias do gentio, que se achavam estabelecidas onde é o Terreiro de Jesus, o convento do Carmo e o Desterro, e à primeira coisa que fez foi a igreja de N. Senhora da Ajuda, para os religiosos da companhia, e logo se continuaram casas para o capitão-mor e para o ouvidor geral, provedor da fazenda e casa para o senado da câmara e mais povo, e no primeiro de novembro, dia de Todos os Santos, se estabeleceu a cidade do Salvador da Bahia de Todos os Santos, (2) tomando o dito capitão-mor no mesmo dia a posse de governador, por patente que também havia trazido, assistindo-lhe o senado da câmara, nobreza e mais povo da cidade, e fazendo contínua guerra ao gentio circunvizinho, governou até 13 de julho de 1553.

1. Vila Velha foi freguesia de Nossa Senhora da Graça, não de Nossa Senhora da Vitória, mas em 1560, ***Documentos Históricos*** (da B. N.), XXXV.

2. O escrito, calcado na tradição, está eivado de confusões.
Nascendo capital do Estado do Brasil, a Cidade não foi solenemente instalada. O fato é que se iniciaram as obras em 1.º de maio de 1549; a 12, já se registrava, "madeira que se gastou na cerca da cidade" (***Documentos Históricos***, XIII, pp. 272 e 285), aí foi realizada a festa do Corpo de Deus, obrigação das vilas portuguesas conforme as ***Ordenações Manuelinas*** (1521), tudo "com muita brevidade" (Gabriel Soares, ***Tratado Descritivo***, ed. Varnhagen, p. 114), não tanto como diz Francisco de Andrade (***Crônica... de D. João III***, IV, p. 32), que já estava cercada no derradeiro de abril, mas o suficiente para poder alojar, até novembro, a gente trazida pelo governador.
Observe-se, pois o nome lhe foi dado pelo Rei em Lisboa, que em janeiro e fevereiro de 1549 as nomeações eram feitas "para a fortaleza do Salvador", docs. na B. N., também Melo Moraes, ***Crônica geral e minuciosa do império do Brasil***, Rio, 1879. Frei Jaboatão, ***Novo Orbe Seráfico***, II, p. 20, adotou a opinião levada à Academia Brasílica dos Renascidos (1757) pelo Rev. João Borges de Barros, que a Cidade foi fundada no dia de "todos os Santos" (1.º de novembro de 1549). Mostramos (***História da Fundação da Bahia***, 1949) que a invocação de "todos os Santos" se deve a Américo Vespúcio, freguês dessa paróquia em Florença e solícito em batizar assim a ***baía***, que descobriu em 1.º de novembro de 1503.
Preferiu Rodolfo Garcia fixar em 1.º de maio a data inaugural (comunicação à Academia Brasileira, 19 de agosto de 1937), parecer que adotamos (***História do Brasil***, ed. de José Olympio, I, p. 226, nota).

## *CARTA*

### *DEL-REI D. JOÃO III A MANUEL GONÇALVES BARROS*

Manuel Gonçalves Barros. — Eu el-rei vos envio muito saudar. Da minha restituição à coroa destes reinos mandei avisar a esse Estado, logo que ela se



efetuou, por não dilatar a tão bons vassalos de terem rei natural; e posto que creio, que a nova seria recebida com as demonstrações devidas e que estarei aclamado e obedecido por rei, como é justo, me pareceu mandá-lo duplicar por esta via, e nomear por governadores desse Estado ao bispo dele, ao mestre de campo Luiz Barbalho Bezerra, e a Lourenço de Brito Correa na forma das provisões, que se lhe remetem, e fazer saber por esta carta, para que o tenhais entendido, e concorrais com os governadores ou qualquer deles no que se oferecer, de modo que tudo se disponha como mais convier, estando certo que vou lhe agradecer conforme a importância do serviço, que espero receber de vós, fazendo-vos em tudo particular mercê e favor. Escrita em Lisboa a 4 de maio de 1641.*

*Rei.*

## *ALBUQUERQUES EM PERNAMBUCO*

Jerônimo de Albuquerque, de quem aqui falamos, foi o 1.º deste apelido, que passou a Pernambuco, em companhia do seu primeiro donatário descobridor e fundador Duarte Coelho Pereira, (1) a quem o rei D. João III, pelos bons serviços, e fiel companhia que este Duarte Coelho Pereira havia feito na Índia a Jorge de Albuquerque, capitão na tomada de Malaca, fez doação, senhor, e proprietário da capitania de Pernambuco; e Jorge de Albuquerque pelas mesmas razões voltando da Índia para o reino no ano de 1527, em Lisboa casou a este Duarte Coelho Pereira com sua sobrinha D. Brites de Albuquerque, que era filha de Lopo de Albuquerque, (2) a quem chamavam o Bode, e de sua mulher D. Joana de Bulhão, e era irmão este Lopo de Albuquerque do sobredito Jorge de Albuquerque; e Jerônimo de Albuquerque acima, de quem aqui entramos a tratar, era filho 3.º deste Lopo de Albuquerque e irmão de D. Brites de Albuquerque, mulher de Duarte Coelho Pereira.

No ano de 1530, vindo Duarte Coelho Pereira conquistar e tomar posse da capitania de Pernambuco, trouxe em sua companhia a este seu cunhado Jerônimo de Albuquerque, o qual nesta empresa e conquista obrou as ações de esforço e lealdade que andam escritas, e vencidos os índios do monte de Olinda, fundada a sua primeira povoação, feitas as pazes, e convertidos muitos à fé e amizade dos portugueses, de uma filha da aldeia de Olinda, chamada Arco-Verde, quando gentia, e depois destes D. Maria do Espírito-Santo Arco-Verde, a quem os seus reconheciam antes por princesa, teve deste Jerônimo

*Nota da R.I.H.G.B.*

* *Veja-se a fl.... n. 5 quem era este Manuel Gonçalves Barros.*

de Albuquerque, cunhado do donatário Duarte Coelho Pereira, vários filhos bastardos. (3)

1. D. Catarina de Albuquerque, que se segue.
2. D. Brites de Albuquerque, mulher do citado Lins, adiante.
3. Jerônimo de Albuquerque, que sua descendência vai à fl....
4. D. Simoa de Albuquerque, à fl....

---

1. DUARTE COELHO. Filho de Gonçalo Coelho, passou ***Duarte Coelho*** à Índia em 1509, na armada de D. Fernando Coutinho. Foi o primeiro português a conhecer a Indochina, embaixador mandado à corte do rei de Sião, em 1516. De seus feitos de guerra e navegação tratam João de Barros, Damião de Góes, Fr. Luiz de Souza, Francisco de Andrada, acrescentando este, era homem de procurar os seus proveitos. Achou-os na sua generosa capitania de Pernambuco. Veja-se ainda, Teixeira da Mota, ***Duarte Coelho, Capitão-mor de armadas no Atlântico*** (1531-1535), Universidade de Lourenço Marques, 1971; e nota à nossa ***História do Brasil,*** ed. de José Olympio, I, pp. 172-3. Conta Fr. Vicente do Salvador, tendo deixado o governo com o "cunhado Jerônimo de Albuquerque em companhia da irmã", voltou "para requerer seus serviços, que na verdade eram grandes", porém foi tão mal recebido pelo Rei que adoeceu de tristeza, e "morreu daí a poucos dias", ***História do Brasil***, 3.ª ed., p. 115.
   Continuou Pernambuco na posse de seus descendentes até a guerra holandesa. Defendida e restaurada pela coroa, era natural que a ela pertencesse, declarou D. João IV, em 1649; e assim foi.
   Correu a respeito litígio, que terminou em 1716, com indenização paga aos herdeiros de Duarte de Albuquerque Coelho, 80 mil cruzados e o título de marqueses de Valença (***Revista do Instituto Arqueológico Pernambucano***, n. 48, p. 26,-1896).
   — Foram parentes de Duarte Coelho, e como ele descendente de Egas Moniz, os Coelho de Carvalho, adiante.

2. LOPO DE ALBUQUERQUE. Filho de João de Albuquerque, irmão de Matias de Albuquerque, vice-rei da Índia de 1591 a 1597, pai de Jerônimo de Albuquerque, o ***Adão pernambucano*** (ascendência, em ***Genealogias manuscritas***, Albuquerques Cavalcantis, v. 21, F-14, Torre do Tombo.

3. JERÔNIMO DE ALBUQUERQUE. Situa-se nas origens de Pernambuco como Caramuru nas da Bahia e João Ramalho nas de São Paulo. Seus filhos, além dos mencionados, André, vereador em 1593, alcaide-mor de Igaraçu, governador da Paraíba de 1609 a 1612, que ainda vivia em 1621, Rodolfo Garcia, pref. às ***Denunciações de Pernambuco***, XIV, ***Revista do Instituto Arqueológico Pernambucano***, n. 28; Antônia, mulher de Gonçalo Mendes Leitão, irmão do bispo D. Pedro Leitão, ***Denunciações***, cit., pp. 24 e 94; Afonso de Albuquerque, "Irmão do conquistador do Maranhão", adiante.

## *CAVALCANTIS EM PERNAMBUCO*

N. 1. Filipe Cavalcanti, (1) fidalgo florentino, foi filho de João Cavalcanti, e de sua mulher Genebra Manelli, e por causa de uma conjuração, que fez com seus parentes Holdo Cavalcanti, Pandolfo Pucci, e outros contra o duque Cosme de Médicis, fugiu para Portugal no ano de 1558, e não se dando por seguro na Europa se passou a Pernambuco, onde experimentou tal hospitalidade em Jerônimo de Albuquerque, cunhado do primeiro donatário Duarte Coelho Pereira, que o casou o dito Jerônimo de Albuquerque com uma filha sua natural, chamada D. Catarina de Albuquerque; a primeira que houve este Jerônimo de Albuquerque em D. Maria do Espírito-Santo Arco-verde, e por ser a 1.ª lhe chamavam D. Catarina a velha; seu pai a estimou mais e mais que às outras filhas; e é uma das perfilhadas a seu requerimento pelo rei D. Sebastião. Sobreviveu Filipe Cavalcanti de alguns anos a seu sogro Jerônimo de Albuquerque. Do livro velho da Sé consta, que sua mulher D. Catarina de Albuquerque falecera a 4 de junho de 1614, e que fora sepultada na matriz do Salvador de Olinda, sua pátria, na mesma sepultura de seu marido Filipe Cavalcanti na capela de S. João, de que eram padroeiros. Do mesmo livro consta, que haviam feito testamento de mão comum, o qual ela ratifica em um codicilo; não há hoje notícia desta instituição, nem da capela de S. João; nem há na Sé nenhuma deste título. Desta D. Catarina de Albuquerque e seu marido Filipe Cavalcanti nasceram onze filhos.

4. Antônio Cavalcanti de Albuquerque,(2) que se segue.

5. Lourenço Cavalcanti de Albuquerque, (3) que no ano de 1624, quando o holandês tomou a cidade da Bahia, se achou ali, sendo coronel e nomeado ele e Antônio Cardoso de Barros para o governo das armas na falta do governador Matias de Albuquerque, que governava Pernambuco, e ainda nomeado para a Bahia. Além de outros, que o escrevem, assim o traz D. Tomaz Tamaio de Vargas na ***Restauração da Bahia***, à fl. 43. Não casou este Lourenço Cavalcanti na Bahia, como diz uma escrita que vimos, e diz ela, que assim o escrevem as memórias de José de Sá de Albuquerque, afirmando estas que não só casara na Bahia este Lourenço Cavalcanti, mas que ali tivera bastante descendência; porque este Lourenço Cavalcanti, que casou na Bahia, e teve nela larga descendência, foi outro Lourenço Cavalcanti sobrinho do acima referido, filho de D. Filipa de Albuquerque, irmã do primeiro. Lourenço Cavalcanti, coronel na Bahia, a qual D. Filipa de Albuquerque foi casada em Pernambuco com Antônio de Holanda, filho de Arnao de Holanda, de quem adiante se dirá; e vamos com os mais filhos de Filipe Cavalcanti, Florentino, e sua mulher D. Catarina de Albuquerque.

6. Jerônimo Cavalcanti, (4) de quem não vimos a sua sucessão, e do qual consta, que no ano de 1625 foi remetido pelo governador de Pernambuco, Matias de Albuquerque, à Bahia em um navio com gente em socorro para a restauração daquela praça, que os holandeses haviam ocupado em 9 de maio de 1624, e com efeito se restaurou no 1.º de maio seguinte de 1625.

7. Filipe Cavalcanti de Albuquerque.

8. D. Genebra Cavalcanti, mulher de D. Filipe de Moura. (5)

9. D. Margarida Cavalcanti de Albuquerque, mulher de Cosme da Silveira, e depois de João Gomes de Melo, o moço (6) depois de número.

10. D. Catarina de Albuquerque, mulher de Cristóvão de Holanda, à fl....

11. D. Filipa de Albuquerque, mulher de Antônio de Holanda, à fl.... (7)

João, Joana e Brites, que faleceram pequenos.*

N. B. Antônio Cavalcanti de Albuquerque, filho segundo de Filipe Cavalcanti e de sua mulher D. Catarina de Albuquerque, sucedeu a seu pai na administração dos bens da capela de S. João da matriz do Salvador de Olinda, e casou com D. Isabel de Góes de Vasconcelos, filha de Arnao de Holanda, de quem adiante se dirá, e desta e seu marido Antônio Cavalcanti foram filhos:

12. Jerônimo Cavalcanti de Albuquerque, de quem faz memória Brito, no livro 5, n. 396 e livro 8, n. 655, foi fidalgo cavaleiro da Casa Real e professo na Ordem de Cristo, habilitado no ano de 1634; assistiu com valor nas guerras de Pernambuco contra os holandeses, e na retirada que fez o povo para as partes da Bahia, se retirou também este Jerônimo Cavalcanti, deixando em Goiana, onde era morador, três engenhos de fazer açúcar e mais a fazenda que possuia. Foi governador de Cabo Verde, como escreve Duarte de Albuquerque Coelho, donatário de Pernambuco, nas suas Memórias diárias, a que assistiu pessoalmente nos primeiros 8 anos daquelas guerras, à fls. 17, 49 e 192 v.; não consta fosse casado. (8)

13. Manuel Cavalcanti, que foi religioso capucho da província de Santo Antônio do Brasil, professo no convento de Olinda a 9 de novembro de 1608, chama-se Frei Manuel de Santa Catarina. Enganou-se o padre Cruz na sua ***Biblioteca Lusitana***, onde escreve, que fora este religioso filho de um dos conventos do Carmo em Pernambuco, porque, como aqui dissemos, no livro antigo das profissões do convento da Senhora das Neves de Olinda, está o termo da sua profissão no dia referido, e os nomes de seus pais acima, como aqui vão.

14. Paulo Cavalcanti, que foi religioso professo nos capuchos de Portugal a 19 de fevereiro de 1632, dia em que fez a sua profissão no convento de Santo Antônio de Lisboa, estudou as letras e foi guardião do colégio da Pedreira, provincial de sua província eleito a 6 de maio de 1662, visitador da província da Piedade, e faleceu no convento de Lisboa a 3 de fevereiro de 1693; compôs a obra que traz a ***Biblioteca Lusitana***, tomo 3, fl. 519.

15. Filipe Cavalcanti de Albuquerque, que se segue.

---

*Nota da R.I.H.G.B.*

* *D. Thomaz Tamaio de Vargas, Restauracion de la Bahia, fl. 118 v. § 29.*



16. D. Brites de Albuquerque, que casou com Francisco Coelho de Carvalho, como vai adiante à fl.... n. 1.

17. D. Isabel Cavalcanti de Albuquerque, que casou duas vezes, a primeira com Manuel Gonçalves Cerqueira, cavaleiro da Ordem de Cristo e familiar do Santo Ofício, administrador da capela de Santa Catarina da Misericórdia de Olinda, (9) e a segunda com Francisco Bezerra Barriga, primo de seu primeiro marido, e de ambos estes, houve sucessão.

E D. Maria, D. Úrsula e D. Paula, religiosas no mosteiro de Santa Clara de Lisboa.

N. 15. — Filipe Cavalcanti de Albuquerque, filho de Antônio Cavalcanti de Albuquerque e de sua mulher D. Isabel de Góes, foi fidalgo cavaleiro da Casa Real, e professo na Ordem, para a qual foi habilitado no ano de 1638. Serviu com honra e crédito nas guerras de Pernambuco contra os holandeses, e depois da restauração viveu muitos anos na freguesia de Ipojuca, onde faleceu. Casou depois do ano de 1657 (porque no termo de irmão da Misericórdia de Olinda, que assinou em 2 de julho do dito ano, ainda era solteiro)* com D. Maria de Lacerda, filha herdeira de Antônio Ribeiro de Lacerda, aquele valoroso capitão, que indo por cabo de uma esquadra ganhou o forte de S. Antônio, que era o nosso convento do Recife, que os holandeses fizeram dele fortaleza, a que chamavam de Ernesto, e faleceu em poucos dias por ficar ferido mortalmente da bala de uma peça. Foi esse assalto no dia 24 de março de 1630. Assim o relatam as Memórias diárias de Duarte de Albuquerque à fl. 35 verso, onde nota o pouco que mereceu por essa ação de seu marido Antônio Ribeiro de Lacerda, sua mulher e uma filha, que deixava. Era esta sua mulher D. Isabel de Moura (10) filha de D. Filipe de Moura e de sua mulher D. Genebra de Albuquerque, avós maternos de D. Maria de Lacerda, mulher de Filipe Cavalcanti de Albuquerque. Era Anônio Ribeiro de Lacerda, esse que morreu, filho de Antônio Ribeiro de Lacerda,** que foi provedor da fazenda real em Pernambuco, antes dos holandeses, e de sua mulher D. Maria Pereira Coutinho, natural de Tancos, e da sua primeira nobreza. Assim o achamos em alguns papéis, que de Pernambuco nos vieram à mão, que tratam dessas gerações; mas o ***Teatro genealógico***, na árvore 213, assenta, que esse Antônio Ribeiro de Lacerda, de quem aqui falamos, que era pai de D. Maria de Lacerda, mulher desse Filipe Cavalcanti, escreve, que não era filho do outro Antônio Ribeiro de Lacerda, provedor de Pernambuco, mas sim de Pedro Dias da Fonseca, (11) casado com a própria mulher D. Maria Pereira Couto; mas se

---

*Notas da R.I.H.G.B.*

* *Casaram na Sé da Bahia a 9 de maio de 1636. — O cura Antônio Viegas.*

** *Deste Antônio Ribeiro de Lacerda era irmão Cosme Dias da Fonseca, dos quais era cunhado D. Jerônimo de Moura, diz assim um assento do cartório do convento de Pojuca de 6 de janeiro de 1608, com testemunhas.*

nos devemos conformar com a consonância ou correspondência dos sobrenomes, parece, devemos assentar, que um Antônio Ribeiro de Lacerda seria filho de outro Antônio Ribeiro de Lacerda, e não de um Pedro Dias da Fonseca. Especialmente não havendo na ascendência de Pedro Dias da Fonseca, tanto por parte paterna como materna, nenhum Ribeiro, nem Lacerda, que o pudesse herdar Antônio Ribeiro de Lacerda, que assenta a tal árvore era filho de Pedro Dias da Fonseca.

Também é para advertir, que, suposto assentamos aqui, conforme a memória que nos mandaram de Pernambuco, que esse Filipe Cavalcanti era solteiro no ano de 1657, conforme o termo que fez como irmão da Misericórdia de Olinda em 2 de julho do dito ano, não se pode entender, que esse solteiro é, porque não tivesse ainda casado, antes porque, sendo casado havia muitos anos, era já viúvo; pois é certo, que no ano de 1635 era já casado com esta própria mulher D. Maria de Lacerda, com a qual com os mais moradores de Pernambuco e Pojuca, donde era morador, se haviam retirado para a Bahia, e ali estava ainda assistente no ano de 1650, em que a 14 de fevereiro deste ano foi ele e sua mulher D. Marta de Lacerda e sua sogra D. Isabel de Moura, padrinhos ou testemunhas de um casamento celebrado na igreja de Nossa Senhora da Ajuda da cidade da Bahia, como vimos em o livro antigo daquela Sé, que tivemos em nossa mão. Deste D. Filipe Cavalcanti e sua mulher D. Maria de Lacerda foram filhos:

Antônio, batizado na Sé a 31 de outubro de 1647. *

18. Jerônimo Cavalcanti de Albuquerque de Lacerda, que se segue.

19. D. Isabel de Moura, mulher de Leão Falcão de Melo, adiante, à fl.... n.

20. D. Joana de Lacerda, que casou com Vasco Marinho Falcão, à fl.... n.

21. D. Filipa de Moura, mulher de Pedro Marinho Falcão, à fl.... n. 6.

22. D. Maria de Lacerda, que casou com Francisco de Barros Falcão, senhor dos engenhos de Mossumbu e Pedreiras, dispensados no 3.º e 4.º graus de consangüinidade.

23. D. Úrsula Cavalcanti, mulher de D. Francisco de Souza, adiante.

Antônio Cavalcanti, que faleceu solteiro, sendo o primeiro.

N. 18. — Jerônimo Cavalcanti de Albuquerque Lacerda, filho segundo de Filipe Cavalcanti de Albuquerque, n. 15, e de sua mulher D. Maria de Lacerda,

*Nota da R.I.H.G.B.*

* *Aos 31 de outubro de 1647 batizei a Antônio, filho de Filipe Cavalcanti e de sua mulher D. Maria de Lacerda. Foram padrinhos Cosme Dias da Fonseca e D. Maria de Moura. — Padre-cura, Bento Freire.*



foi Fidalgo da Casa Real, cavaleiro da Ordem de Cristo, capitão-mor da capitania de Itamaracá; casou com D. Catarina de Vasconcelos, filha herdeira de Francisco Camelo Valcacer, * (12) cavaleiro da Ordem de Cristo e capitão de infantaria, senhor do engenho dos Reis na Paraíba, o qual engenho depois dos holandeses trocou pelo de Camaratuba, e de sua mulher D. Catarina de Vasconcelos. Era D. Catarina de Vasconcelos, mulher desse Jerônimo Cavalcanti, neta por via paterna de Francisco Camelo, de quem trata o ***Castrioto***, e de sua mulher D. Ana da Silveira, e por via materna neta de Arnao de Holanda de Albuquerque, à fl.... n. 8, e de sua mulher D. Maria Lins.

Francisco Camelo, pai deste outro, foi filho de Jorge Camelo, (13) que no ano de 1598, servia de ouvidor da capitania de Pernambuco, do qual se afirma descender de Lopo Rodrigues Camelo, escrivão da puridade del-rei D. Sebastião e de sua mulher D. Catarina Valcacer, fidalga castelhana. Ana da Silveira, mulher do sobredito Francisco Camelo, foi filha de Domingos da Silveira, e de sua mulher Margarida Gomes da Silva, naturais de Viana.

Domingos da Silveira foi procurador da coroa e fazenda da capitania de Pernambuco, onde ainda vivia com idade muito avançada no ano de 1636, como escreve Brito, livro 9, n. 720, e era filho de Pedro Albuquerque da Silveira, natural de Serpa, na província do Alentejo, e de sua mulher Margarida Gomes Bezerra, filha de Antônio Gomes Bezerra, naturais de Viana, que assim consta da instituição do morgado da Paraíba, que com permissão régia fez seu irmão Duarte Gomes da Silveira (14) em 6 de dezembro de 1639.

Do referido Jerônimo Cavalcanti de Albuquerque Lacerda e de sua mulher D. Catarina de Vasconcelos foram filhos.

24. Manuel Cavalcanti de Albuquerque Lacerda, que se segue.

25. D. Ana Cavalcanti, (15) que casou com seu primo o coronel Filipe Cavalcanti de Albuquerque.

26. D. Maria de Lacerda, que casou com José Pessoa, cavaleiro da Ordem de Cristo e administrador das capelas de N. Sra. das Angústias do Colégio de Olinda, e da do engenho de S. Pantaleão da Vargem, e capelão-mor da vila de Goiana.

27. D. Francisca Cavalcanti, que casou com Miguel Carneiro da Cunha, irmão de sua cunhada D. Sebastiana de Carvalho, sem sucessão.

N. 24. Manuel Cavalcanti de Albuquerque Lacerda, filho de Jerônimo Cavalcanti de Albuquerque Lacerda, n. 18, e de sua mulher D. Catarina de Vasconcelos, foi Fidalgo da Casa Real, cavaleiro da Ordem de Cristo, e alcaide-mor da vila de Goiana; casou com D. Sebastiana de Carvalho, filha do

*Nota da R.I.H.G.B.*

* *Casado este com D. Catarina de Vasconcelos a 10 de Janeiro de 1651, na capela do Carmo, pelo padre prior Frei João Cavalcanti. Veja-se à fl. 14, n. 9, de quem era filha esta D. Catarina de Vasconcelos, mulher deste Francisco Camelo de Valcacer.*

coronel Manuel Carneiro da Cunha, senhor de engenho do Brum, e de sua mulher D. Sebastiana de Carvalho, neta por via paterna de Manuel Carneiro de Mariz, que era juiz ordinário de Olinda no ano de 1654, em que se restaurou Pernambuco, e de sua mulher D. Cosma da Cunha; e por via materna neta de Sebastião de Carvalho, (16) Fidalgo da Casa Real, cujo foro foi passado a 30 de junho de 1623, e de sua terceira mulher D. Francisca Monteiro.

Manuel Carneiro de Mariz, que é o mesmo que assinou o memorial, que Calado tresladou à fl., foi filho de João Carneiro de Mariz, natural da vila do Conde, e da casa dos morgados de S. Roque e Horta-Grande, e de sua mulher D. Maria Coresma, filha de seu parente Pedro Alves Carneiro, e de sua mulher D. Maria Velho. D. Cosma da Cunha, mulher de Manuel Carneiro Mariz, foi filha de Pedro da Cunha de Andrade, (17) moço Fidalgo da Casa Real, e de sua segunda mulher D. Cosma Fróes, filha de Diogo Gonçalves, auditor da gente de guerra, e de sua mulher Isabel Fróes, que foi criada da Sra. rainha D. Catarina.

O sobredito Pedro da Cunha de Andrade foi filho de Rui Gonçalves de Andrade, moço Fidalgo da Casa Real, o qual era natural da ilha da Madeira e de sua mulher D. Leonor da Cunha Pereira, filha de Nuno da Cunha, que serviu na Índia, e foi capitão-mor do Malabar, o que foi filho de Tristão da Cunha e de sua mulher D. Helena de Ataíde, irmã de D. Luiz de Ataíde, 1.º conde, e 4.º senhor de Atouguia, que foi duas vezes vice-rei da Índia, como escreve D. Antônio Caetano de Souza na ***História Genealógica da Casa Real Portuguesa***, tomo 12, livro 13, parte 3.ª, cap. 2, § 2.º, p. 20, n. 16; neto por via paterna de Simão da Cunha, comendador de S. Pedro de Torres Vedras, trinchante do rei D. João III e irmão do grande Nuno da Cunha, governador da Índia, onde ele também serviu, e de sua mulher D. Isabel de Meneses.

Sebastião de Carvalho foi natural do Crato, filho de João Alves de Carvalho, Fidalgo da Casa Real e desembargador da Relação do Porto, e de sua mulher D. Maria de Andrade, filha de Fernão Dias de Andrade, natural da ilha da Madeira, e de sua mulher D. Ângela Berenguer de Alconcinha; e o dito desembargador João Alves de Carvalho foi filho do desembargador Manuel Alves de Carvalho, que foi desembargador do paço, e embaixador a Inglaterra no tempo que a Sra. rainha governou o reino na menoridade de seu neto el-rei D. Sebastião, e de sua mulher D. Inês Casado Maciel, natural de Viana, filha de João Casado Maciel, que se achou na tomada de Azamor com dois navios à sua custa, e passando à Índia com o vice-rei D. Vasco da Gama acompanhou ao governador D. Estevão da Gama na viagem do Mar-Roxo por capitão de uma nau, e de sua mulher Inês Anes Maciel; o sobredito desembargador do paço Manuel Alves de Carvalho foi filho de Sebastião Alves de Carvalho, comendador da Ordem de Cristo e corregedor da corte, descendente da nobilíssima casa dos Carvalhos do nosso reino, (18) e de sua mulher Branca de



Guimarães, filha de N... Alves de Guimarães, senhor do Couto e concelho de Sabariz, e de sua mulher Isabel Lopes Chamisso, pessoa muito principal da cidade de Braga.

D. Francisca Monteiro, terceira mulher de Sebastião de Carvalho, foi filha de Francisco Monteiro Bezerra, (19) de quem fazem memória Brito, Calado, ***Castrioto***, em muitos lugares, e de sua mulher Maria Pessoa, os quais do livro velho da Sé consta receberam as bençãos de casados na sua ermida de S. Pantaleão a 2 de fevereiro de 1606, neta por via paterna de Domingos Bezerra Felpa de Barbuda, (20) que faleceu a 11 de outubro de 1607, e de sua mulher Brazia Monteiro, que faleceu a 12 de outubro de 1606; e por via materna neta de Fernão Martins Pessoa, e de sua mulher Maria Gonçalves Raposo, que faleceu a 16 de outubro de 1612, e era filha de Antão Gonçalves Raposo e de sua mulher Maria de Araújo, natural de Portugal, e dos primeiros povoadores que vieram à capitania de Pernambuco. O sobredito Fernão Martins Pessoa foi filho de João Fernandes Pessoa e de sua mulher Guiomar Barroso, naturais de Viana.

Do sobredito Manuel Cavalcanti de Albuquerque Lacerda e sua mulher D. Sebastiana de Carvalho foram filhos:

28. Manuel Carneiro Cavalcanti de Lacerda, que se segue.

29. José Cavalcanti de Lacerda, Fidalgo da Casa Real, que casou no sertão de Jaguaribe com D. Caetana de Melo, filha herdeira de Miguel Francisco de Melo e de sua mulher D. Maria da Assunção Góes, sem sucessão.

30. D. Maria Sebastiana, D. Cosma e D. Rosa.

N. 28. Manuel Carneiro Cavalcanti de Lacerda, filho de Manuel Cavalcanti de Albuquerque Lacerda, n. 24, e de sua mulher D. Sebastiana de Carvalho, foi Fidalgo da Casa Real, casou com sua parenta D. Maria Madalena de Valcacer, filha do sargento-mor Jorge Camelo Valcacer e de sua mulher D. Maria Ferreira, filha de Francisco Ferreira e teve filhos.

30. Manuel Carneiro de Lacerda.

31. D. Sebastiana de Carvalho.

N. 23. D. Úrsula Cavalcanti, filha de Filipe Cavalcanti de Lacerda, n. 13, e de sua mulher D. Maria de Lacerda, foi casada com D. Francisco de Souza, (21) comendador da comenda de S. Eurico da Ordem de Cristo, e mestre de campo do terço da infantaria paga da praça do Recife em Pernambuco, e por falecimento de Manuel de Souza Tavares foi ali governador desde 11 de fevereiro de 1721 até 11 de janeiro do seguinte ano de 1722, dia em que entregou o governo a seu sucessor D. Manuel Rolim de Moura. * Era o Dito D.

---

*Nota da R.I.H.G.B.*

* *Teatro genealógico. Arvore 213.*

Francisco de Souza filho natural de D. João de Souza, (22) comendador da mesma comenda de S. Eurico e de S. Lino e mestre de campo da infantaria do mesmo terço do Recife, em que sucedeu André Vidal de Negreiros, e foi havido o tal D. Francisco de Souza em D. Leonor Cabral, filha de Luiz Brás Bezerra (23) e de sua mulher D. Maria Paes Barreto, senhores do engenho de SS. Cosme e Damião da freguesia da Vargem. De D. Úrsula Cavalcanti e seu marido D. Francisco de Souza nasceu único:

32. D. João de Souza, cavaleiro da Ordem de Cristo com promessa da comenda, que foi de seu pai e avô, a qual se não sabe, se chegou a lograr. Casou com D. Maria Bernarda de Vilhena, filha de D. Lourenço de Soutomaior, senhor do morgado de Fonte-Pedrinha, e de sua mulher D. Inês de Vilhena: do tal D. João de Souza e de sua mulher D. Maria Bernarda não houve sucessão.

---

1. FILIPE CAVALCANTI. Florentino (***Denunciações do Santo Ofício da Bahia***, p. 331, denúncia do padre Luiz da Grã) veio para o Brasil em 1548, Rodolfo Garcia, nota à ***Hist. Geral do Brasil***, de Varnhagen, I, p. 364. Desmente-se a cronologia do linhagista, que o dá como evadido de sua Cidade em 1558. Era homem de alguma instrução, ***Denunciações*** citadas, p. 76. Por 1563 o padre João de Melo reconciliou "o capitão Jerônimo de Albuquerque e seu genro Filipe Cavalcanti", ***Cartas Avulsas***, dos Jesuítas, ed. da Academia Brasileira, I, p. 401.
   Em 1593 declarou ter 70 anos (***Denunciações de Pernambuco***, p. 75, filho de "Joam Cavalcanti (sic), cidadão e dos governadores de Florença e de sua mulher dona Janeura de Magnelle", ***Denunciações*** referidas. Estes dados confirmam a certidão de nobreza, passada em Florença, que Fr. Jaboatão transcreve.

2. ANTÔNIO CAVALCANTI DE ALBUQUERQUE. Tinha fazenda em Itamaracá, em 1594, ***Denunciações de Pernambuco***, p. 361, engenho e fazenda em Araripe, ***ibid***., p. 363, nas proximidades da terra de D. Filipe de Moura.

3. LOURENÇO CAVALCANTI DE ALBUQUERQUE. São dois do mesmo nome, o avô de Gonçalo Ravasco, alcaide-mor da Bahia, e o filho de Arnaldo Vasconcelos de Albuquerque (no texto, Arnao de Holanda de Vasconcelos). Vejamos o promeiro. O bispo D. Marcos Teixeira nomeou-o coronel para a guerra aos holandeses que ocupavam a Bahia, Fr. Vicente do Salvador, ***op. cit.***, p. 516. Foi membro do conselho que se reuniu no Rio Vermelho (***Monte Conselho***) após a evacuação da praça pelos moradores. Combateu rijamente o inimigo, Fr. Vicente, ***ibid***., p. 542. O governador interino D. Francisco de Moura investiu-o na alcaidaria da cidade, ***Documentos Históricos***, XV, pp. 158-9, em que o confirmou (3.º alcaide-mor, substituindo Duarte Moniz Barreto) o governador Diogo Luis de Oliveira. Este o armara cavaleiro, nota de D. Fernando José de Portugal ao Regimento dos Governadores Gerais do Estado, capítulo 17, ***Doc. Hist***., VI, p. 251. Veja-se ainda: ***Anais do Arq. Públ. da Bahia***, II, p. 225 (nomeação de 1625), ***Atas da Câmara da Bahia***, I, p. 17 e seguintes (juiz ordinário em 1626); Capistrano de Abreu, nota à ***História Geral do Brasil***, de Varnhagen, I, p. 347.
   No Processo de Habilitação da Ordem de Cristo de Gonçalo Ravasco está anexa (***T.T.***, consulta de 5 de julho de 1673, ***Habil***., m. 12, n. 149) a certidão de sua vida militar. Por ela se vê que voltou a Pernambuco e se retirou de vez para a Bahia, com a família (1643). "Ocupando neste tempo os postos de capitão do presídio de Guiana, coronel de toda a gente de armas daquele Estado, alcaide-mor da cidade da Bahia", "superintendente da infantaria do norte com os poderes de governador, capitão e defensor da capitania de Itamaracá, capitão-mor da Paraíba e governador da cavalaria do mesmo Estado, e havendo procedido com valor nas ocasiões de peleja o fazer mais em particular em impedir as entradas e fazer as aguadas ao inimigo no presídio de Guiana, no socorro em embarcações com despesa de sua fazenda, no recontro que teve com os holandeses no recôncavo da Bahia e noutros que lhe sucederam no Recife tomando o inimigo a vila de Olinda e assistindo depois no arraial se achar nos muitos sucessos que houve de guerra socorrendo ao capitão do campo em uma investida que o inimigo lhe fez no Recife deixar feito um forte à custa de sua fazenda, na peleja das Salinas, na junto à casa sua em muitas emboscadas da ponte da vila, e na dos Afogados obrar com resolução, e com a mesma pôr fogo ao campo em que esteve quase abrazado o inimigo, e vir a todo o risco descobrir o sítio para uma trincheira que lhe havia de dar cargas, e do trabalho do caminho adoecer gravemente, nos mais recontros da guerra enquanto serviu, houve com os holandeses batalhas que se lhe deram se haver com tão particular valor que foi grande parte das vitórias que se alcançaram para o efeito das quais dispendeu muito de sua fazenda com os cavalos e escravos e cria os com que nelas se achava, na peleja das praias de Abray fazer retirar o inimigo ao mar com perda de gente, e em tudo proceder sempre com particular resolução sustentando muitas vezes a gente de guerra por sua fazenda; em satisfação de tudo. Hei por bem e me praz de lhe fazer mercê de 150$ de tença" (O Rei). — ***Veja-se Tít. Pita.***

4. JERÔNIMO CAVALCANTI. "Da mesma maneira sabendo Hyerônimo Cavalcanti de Albuquerque em Pernambuco de Lancerote da Franca, que se perdeu na nau "Caridade" na Paraíba, que a armada era passada para a Bahia, se embarcou em um navio por ordem do governador Matias de Albuquerque, com dois irmãos seus e outros parentes e amigos e 180 soldados sustentados à sua custa", Fr. Vicente do Salvador, ***História do Brasil*** (3ª ed.), p. 567.

5. FILIPE DE MOURA. Veja-se adiante tít. ***Rolins e Mouras*** em Pernambuco, e (consolidando as notícias genealógicas publicadas), Luis Moreira de Sá e Costa, ***Descendência do 1.º Marquês de Pombal***, Porto, 1937.

6. JOÃO GOMES DE MELO. Sargento-mor de infantaria da Ordenança da capitania de Pernambuco, 8 de novembro de 1666, Arq. Públ. da Bahia, ***Registro de Patentes de 1657 a 1678***, fl. 96.

7. Veja-se tít. ***Holandas e Vasconcelos***.

8. No tomo 1.º, título de ***Albuquerques Cavalcantis***, n. 264 v., Torre do Tombo, se diz, casou com a prima D. Isabel de Melo, viúva de Antônio de Mendonça, filha de João Gomes de Melo, sem geração.

9. Das ***Genealogias Manuscritas***, Torre do Tombo: "capela de Santa Catarina que na Casa da Santa Misericórdia de Olinda fundaram antes dos holandeses seus pais

Pedro Gonçalves Cerqueira e D. Catarina de Freitas". Filho de D. Isabel, Pedro Cavalcanti de Albuquerque, um dos cabos da guerra de restauração de Pernambuco, que casou com Brazia Monteiro, filha de Francisco Monteiro Bezerra, (adiante).

10. ISABEL DE MOURA. Possuia Antônio Ribeiro de Lacerda, em 1630 três engenhos de açúcar, e o cunhado, Cosme Dias da Fonseca, casado com D. Mécia (não Alícia) de Moura, dois. Fr. Jaboatão, ***Novo Orbe Seráfico***. Veja-se a nota referente a ***Manuel de Moura Rolim.***

11. PEDRO DIAS DA FONSECA. Senhor do engenho de Santa Luzia, disse em 1591 Belchior Mendes de Azevedo, contando que o seu capelão conheceu cristãos novos de Pernambuco, ***Denunciações do Santo Ofício, Bahia,*** p. 450, São Paulo, 1925. Ficava "a capela de Santa Lúcia (sic) na fazenda de Pero Dias da Fonseca", freguesia de "São Miguel em Pojuca além do cabo", ***Denunciações de Pernambuco***, 1593, p. 137, São Paulo, 1929, acusado de não pagar os dízimos há cinco anos passados.

12. FRANCISCO CAMELO VALCACER. O "sargento-mor Francisco Camelo Valcasser", arrendatário de um molinete de Vidal de Negreiros, R. Garcia, nota à ***Hist. Geral do Brasil***, de Varnhagen, III, p. 400. Ouvidor da Paraíba, a cuja posse se opôs a Câmara, cf. carta do governador, 17 de janeiro de 1676, perdeu o cargo em 1687, ***Documentos Históricos***, X, p. 246.

13. FRANCISCO CAMELO. Nasceu em Olinda em 1577, filho de Jorge Camelo e Isabel Cardosa, ***Denunciações de Pernambuco***, p. 219. Tinha irmão, Antônio de Valcacer. — O pai exercia, em 1591, o cargo de ouvidor, ***Denunciações da Bahia***, p. 515, de Pernambuco, p. 248. Residia em Pernambuco antes de 1577. Capitão das ordenanças de Olinda, fez parte da expedição à Paraíba em 1584, Fr. Vicente, ***op. cit.***, p. 287, Varnhagen, ***op. cit.***, I, p. 492. Era juiz mais velho de Igaraçu em 1594, ***Denunciações de Pernambuco***, pp. 136 e 219, com engenho de açúcar, ***ibid.***, p. 179, casado com Isabel Cardosa.

14. DUARTE GOMES DA SILVEIRA. Um dos fundadores da Paraíba (Fr. Vicente do Salvador, ***op. cit.***, p. 305 e segs.), ainda a defendia de espada na mão contra os holandeses, em 1631 e 32. Sob o domínio do invasor, acabou perseguido e encarcerado, Varnhagen, ***História Geral*** , II, p. 354, por não se submeter às injustas contribuições.

15. D. ANA CAVALCANTI. Acusada de maltratar escravos. Uma sua cativa, Úrsula, chegou a queixar-se ao Rei, o que deu motivo a severa carta de 11 de janeiro de 1690.

16. SEBASTIÃO DE CARVALHO. Diz Varnhagen, ***op. cit.***, I, p. 317 (1.ª ed.), veio para tirar devassa contra os culpados de descaminho de pau-brasil, entre eles o donatário e Antônio Vaz, dono da ilha de seu nome, no Recife. Serviu de ouvidor em Pernambuco e na Paraíba, na ausência de Martim Leitão. Capistrano, apoiado a Pedro A. d'Azevedo, ***Arq. Hist. Português***, III, pp. 345-6, situa-lhe a missão em



1607. Casou no Brasil e faleceu, desembargador do Paço, em 1639, em Lisboa, para onde voltara em abril de 1609.
Engana-se Varnhagen, dando-o como casado com Luiza de Melo (de quem foi sogro); bisavô portanto do marquês de Pombal, filho de Manuel Carvalho de Ataíde (notas à ***Hist. Geral do Brasil***, II, pp. 121 e 149).
A devassa aliás descontentou os moradores.
Em carta de 4 de dezembro de 1608, o governador D. Diogo de Meneses afirmou, evitara a morte do desembargador, "que outros estiveram por lhe atirar à espingarda", R. Garcia, nota a ***Diálogos das Grandezas do Brasil***, ed. da Academia Brasileira, p. 168. Ambos, governador e sindicante, chegaram à Bahia em 18 de dezembro do mesmo ano. — Leia-se Joaquim Veríssimo Serrão, ***O Marquês de Pombal***, p. 14, Lisboa, 1982.

17. PEDRO DA CUNHA DE ANDRADA. Figura entre os procuradores eleitos pelo povo de Pernambuco que, em 1622, pediram ao rei a suspensão do imposto para a fortificação da Bahia, alegando os direitos do donatário, que eximiam a capitania de outras fintas além das constantes do respectivo foral, ms., ***Arq. Hist. Ultramarino***. Era natural da freguesia de Nossa Senhora dos Mártires, em Lisboa. Avô materno de Filipe de Bulhões da Cunha, T.T. ***Habil. à Ordem de Cristo***, F , m. 28, n. 4. Passara, menino, a Pernambuco, onde casou, antes da invasão holandesa, e por isso se perderam os livros do respectivo registro. A mulher: D. Cosma Fróes, da Várzea do Capibaribe.

18. Fr. Jaboatão, ***Novo Orbe Seráfico, II***, p. 337, ed. de 1761, reimpresso pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Rio, 1858.
Refere-se à casa de que era chefe o ministro, Sebastião José de Carvalho e Melo, Conde de Oeiras, depois marquês de Pombal, então no fastígio do poder.

19. Documento inédito, o testemunho em 1688, do capitão Manuel Gomes Figueiredo no Processo de Familiar do Santo Ofício de Rafael Soares da Franca, Torre do Tombo, ***Fam.***, m. 1, n. 5, nos revela que Francisco Monteiro Bezerra senhor do engenho "que ainda hoje se chama do Monteiro nesta freguesia da Várzea", era irmão de Antônia Bezerra, 2.ª mulher de Antônio Barbalho, pais do mestre de campo Luiz Barbalho Bezerra (sendo público que aquele Francisco tratava por sobrinho a Luiz Barbalho tendo-o em sua casa, quando endoideceu). Entrosa-se pois com os Barbalhos a ascendência do marquês de Pombal.

20. DOMINGOS BEZERRA FELPA. Morador na Várzea do Capibaribe. Confirma-lhe o nome uma das testemunhas no Processo de Familiar do Santo Ofício, citado na nota anterior. Casado com Brasia Monteiro, pais de Antônia Bezerra, avós de Luiz Barbalho.

21. D. FRANCISCO DE SOUZA. Natural de Pernambuco, filho de D. Luiz de Souza Anriques, de Lisboa, e D. Catarina Barreto, de Pernambuco, neto paterno do governador D. Francisco de Souza e D. Violante Henriques, naturais de Lisboa, neto materno de João Paes Barreto, natural de Viana (Caminha) e D. Inês Goardes, de Pernambuco — habilitou-se em 1646 à Ordem de Cristo (T.T., m. 31, n. 119), tido por numerosas testemunhas na Bahia e no Reino (menos em

Pernambuco, ocupado dos holandeses) como pessoa nobre e leal, cristão velho, com qualidade e limpeza que vinham de pais e avós. O governador D. Francisco de Souza é ascendente dos condes do Prado e marqueses das Minas, nossa ***História do Brasil***, p. 478, R. Garcia, nota à ***Hist. Geral***, II, p. 164. Seus filhos: D. Antônio, que o pai enviou ao rei com amostras de ouro e foi aprisionado pelos ingleses, ***Anais do Museu Paulista***, I, p. 154, e aquele D. Luiz, que depois de governar interinamente São Paulo se estabeleceu em Pernambuco. Quanto a D. Francisco, 3.º, era filho de D. João de Souza e D. Leonor Cabral, viúva do holandês Abrão Traper, segundo Borges da Fonseca, ***Nobiliarquia Pernambucana***, II, p. 58. Teve mercê do hábito de Cristo em 1644, pelos serviços na guerra holandesa e no Reino, com o conde de Castelo Melhor, Carvalho Franco ***Nobiliário Colonial***, p. 145. Veja-se ***Nobiliário de Torres***, ms. na B. Nacional. D. Francisco de Souza (3.º) governou Pernambuco de 11 de janeiro (não fevereiro) de 1711 a 11 de janeiro de 1722, Loreto Couto, ***Desagravos do Brasil***, ed. da B. N., p. 213.

22. D. JOÃO DE SOUZA. Fundou igreja e hospital do Paraíso, Rocha Pita, ***História da América Portuguesa***, ed. de 1880, p. 521. A pedra d'armas do seu túmulo, guarda-se no Instituto Arqueológico Pernambucano. Servira desde o princípio das primeiras guerras em Pernambuco até o presente sem remuneração alguma e como pretendesse "levar duas irmãs orfãs a meter freiras a Portugal", obteve licença para a viagem, na Bahia, junho de 1650, Arq. Públ. da Bahia, ***Alvarás de 1630***, fl. 38.

23. LUIZ BRÁS BEZERRA. Na patente de Ajudante de Tenente de Francisco Machado Peçanha, ***Doc. Hist.***, V, p. 105, é este louvado por ter trazido presos para a cadeia da Bahia à Luiz Brás Bezerra e D. Maria Diniz, "por serem culpados de uma aleivosa morte, o que fez prontamente com toda a segurança e risco por ser o dito preso muito poderoso e aparentado". Veja-se ***tít. Bezerras.***

## *ROLINS E MOURAS EM PERNAMBUCO*

N. 1. D. Alícia de Moura, (1) que casou com seu primo Manuel Garcia Pimentel, Fidalgo da Casa Real, e donatário da capitania de Espírito Santo, e não teve filhos. Veja-se à fl.... n. 2, quem era este Manuel Garcia Pimentel.

N. 8. D. Genebra Cavalcanti, filha de Filipe Cavalcanti Florentino e de sua mulher D. Catarina de Albuquerque à fl...., n. 8, foi casada com D. Filipe de Moura (2) que era filho de D. Manuel de Moura (3) e de sua mulher D. Isabel de Albuquerque, filha de Lopo de Albuquerque* o Bode à fl.... De D. Filipe e de sua mulher D. Genebra Cavalcanti foi filha.

1. D. Alícia de Moura, à fl.... n. 7, e vai o n. 7 adiante.

---

*Nota da R.H.I.G.B.*

* *Teatro genealógico. Árvore 223.*



2. D. Isabel de Moura, que casou com Antônio Ribeiro de Lacerda, dos quais foi filha D. Maria de Lacerda, mulher de Filipe Calvacanti de Albuquerque à fl.... n. 75, e aí a sua descendência, e no ***Teatro genealógico***, árvore 213.

3. D. Paulo de Moura, adiante e no ***Teatro genealógico*** na árvore 53, nó fim.

De Pernambuco escreve uma memória dizendo assim: Também veio de Pernambuco, no tempo do holandês, Manuel de Moura Rolim, (4) e seu irmão Filipe de Moura Rolim, sem expressar de quem eram filhos, e só que na Bahia casaram:

4. Filipe de Moura Rolim (5) com D. Filipa, filha legítima de Diogo Pissarro de Vargas, (6) de nobre família, e deles não houve sucessão.

5. Manuel de Moura Rolim, que se segue.

N. 9. Manuel de Moura Rolim, irmão (7) de Filipe de Moura Rolim, casou na Bahia com D. Ana Maria da Silva, filha de Antônio da Silva Pimentel e de sua mulher D. Joana de Araújo à fl...., n. 4 e teve filhos. *

6. Cosme de Moura Rolim, (8) que não casou, e faleceu com 68 anos de idade; fez testamento, em título por seu herdeiro a seu filho B. Antônio de Moura Rolim. Mandou dizer duas mil missas pelas almas de seus pais, (9) e de sua avó D. Joana de Araújo e de seu tio Filipe de Moura, e de seus irmãos Filipe de Moura Rolim, Antônio de Moura Rolim, e D. Alícia de Moura. Foi amortalhado no hábito de S. Francisco e sepultado no seu convento. Assim está escrito no Livro de Óbitos da Sé. **

7. Filipe de Moura Rolim, (10) que casou com D. Maria Pimentel à fl.... n. 10. Casaram a 30 de outubro de 1644.

8. Antônio de Moura Rolim que, passando a Pernanmbuco, casou lá e teve um filho por nome Manuel Garcia de Moura. (11)

N. 2. D. Paulo de Moura, (12) filho de D. Genebra Cavalcanti, n. 8, e de seu marido D. Filipe de Moura, o qual de sua prima D. Brites de Melo teve uma filha por nome D. Maria de Melo, que casou com Francisco de Mendonça Furtado, alcaide-mor de Mourão, bisavós de Sebastião José de Carvalho, (13) conde de Oeiras, como se vê na árvore 53 do Teatro genealógico; e na nossa crônica à fl. 206, n. 347 até 352, em que se trata de Frei Paulo de S. Catarina, que é o sobredito D. Paulo de Moura, de quem aqui se trata.

Antônio de Moura Rolim, filho de Manuel de Moura Rolim, natural de Pernambuco, e de sua mulher D. Ana Maria da Silva, natural da Bahia, neto

---

*Notas da R.I.H.G.B.*

* *Faleceu esse na freguesia do Socorro, sepultou-se no convento de S. Francisco da Bahia a 7 de setembro de 1664, e havia casado a 24 de abril de 1656.*

** *Faleceu a 27 de agosto de 1730.*

por parte paterna de Cosme Dias da Fonseca e de sua mulher D. Mécia Albuquerque, naturais ambos de Pernambuco, e pela materna de Antônio da Silva Pimentel e de sua mulher D. Joana de Araújo da Bahia, fl.... casado o tal Antônio de Moura com D. Maria de Moura Rolim, filha de Pedro de Moura Pereira e de sua mulher D. Francisca Cavalcanti, (14) naturais ambos de Pernambuco, neta pela parte materna de Cosme Dias da Fonseca, natural de Lisboa, e de sua mulher D. Margarida Cavalcanti, natural de Pernambuco.

Manuel Peçanha, filho de Ambrósio Peçanha e de sua mulher D. Brites de Souza, filha de Álvaro de Aboim de Brito, casou com D. Isabel da Silva, filha de Antônio de Moura, e neta de Francisco de Moura, e Antônio de Moura, casou com D. Brites, filha de Cristóvão Barao, diz um assento sem mais clareza.

---

1. Veja-se tít. ***Garcias de Melo***, n. 2.

2. D. FILIPE DE MOURA. 5.º avô do marquês de Pombal. Em 1584 este genro de Filipe Cavalcanti, Fr. Vicente, ***op. cit.***, p. 277, reuniu no seu engenho de Araripe os moradores de Itamaracá, para irem à conquista da Paraíba. Era sobrinho afim de Duarte Coelho (filho de uma irmã de D. Brites), e acabou sepultado no seu jazigo, Capistrano de Abreu, ***Prolegômenos à História do Brasil***, de Fr. Vicente, p. 76. Governava em 1596, quando os corsários Lancaster e Vanner atacaram Recife, Rodolfo Garcia, prefácio à ***1.ª Visitação do Santo Ofício, Denunciações de Pernambuco***, p. XII. D. Genebra foi sua segunda mulher. No ano de 1612 Duarte Coelho (filho do primeiro) deu a D. Filipe de Moura e genros, Antônio Ribeiro de Lacerda e Cosme Dias da Fonseca, ao poente, no rio de São Francisco, 4 léguas em quadra na boca do Piabuqui para a banda do norte, ***Livro 3.º do Tombo do Mosteiro de São Bento da Bahia***, registro de 7 de fevereiro de 1615, fl. 28. Um de seus filhos ***D. Francisco de Moura***, capitão em Flandres, que Matias de Albuquerque mandou governar a resistência, na Bahia, aos holandeses, depois da morte do bispo D. Marcos Teixeira, Fr. Vicente do Salvador, ***ibid.***, pp. 545-6, e em 1639 cuidou da defesa de Angola. Outro, Paulo de Moura (adiante), notável por suas virtudes. Um terceiro, D. Antônio— governador de Cabo Verde, Borges da Fonseca, ***Nobiliarquia***, I, p. 70. Filho natural: Frutuoso, ***Denunciações citadas***, p. 53.

3. D. MANUEL DE MOURA. Filho de D. Pedro de Moura e D. Mécia de Abreu, filha de João Fernandes do Arco, da ilha da Madeira. Sua tia, D. Beatriz, mulher de Duarte Coelho ***do Brasil***, T.T., ***Genealogias***, v. 21, F-8, pp. 622-634. Seu filho D. Hierônimo de Moura. Foi do Brasil e casou com D. Inês de Albuquerque filha de Duarte Coelho capitão de Pernambuco (***Genealogia citada***).

4. MANUEL DE MOURA ROLIM. Não confundir com o homônimo, filho de Cosme Dias da Fonseca e D. Maria de Moura Albuquerque, esta filha de D. Filipe de Moura e D. Genebra, omitida no texto, Borges da Fonseca, ***ibid.***, I, p. 71. Manuel de Moura Rolim, 2.º, nasceu em 1616. Não podia portanto ter ido à Bahia com o tio em 1624. Foi no êxodo de 1635, acompanhado da tia Isabel, viúva de Antônio Ribeiro de Lacerda, Francisco de Brito Freire, ***História da Guerra Brasílica***, p. 345, Lisboa, 1675. Descobrimos no ***arquivo da Santa Casa da Bahia*** o assentamento de Manuel de Moura Rolim, filho de Cosme Dias da Fonseca e D. Maria de Moura Albuquerque, pessoas fidalgas de Pernambuco. Morreu em 1664. Pelos serviços feitos nas Alagoas, Porto Calvo e Itaparica, teve o foro de escudeiro e cavaleiro fidalgo, em 1654, Carvalho Franco, ***Nobiliário Colonial***, p. 134.

5. FILIPE DE MOURA (ROLIM ou ALBUQUERQUE). Capitão de infantaria na cidade do Salvador, por serviços prestados na capitania de Pernambuco, 12 de maio de 1626, capitão de uma companhia da infantaria espanhola, 2 de agosto de 1629, capitão de arcabuzeiros do Terço do Mestre de Campo D. Vasco de Mascarenhas, 24 de agosto de 1635, figurou na defesa da Bahia em abril e maio de 1638. Em consulta do Conselho Ultramarino, 25 de outubro de 1644, cita-se carta do governador que acusa Filipe de Moura de ter morto uma mulher ***de nação*** hebráica que tinha grande dote, ms. Arq. Hist. Ultr., citado por Manuel Múrias, nota à ***Relação Diária do cerco da Bahia de 1638***, de Pedro Cadena de Vilhasanti, p. 257, Lisboa, 1941. No códice de ***Consultas*** do Conselho da Fazenda, ***Anais da B.N.***, v. 58, p. 315, há de 1643, "sobre Paulo Cardoso de Vargas, pede-se tire devassa do caso da morte de ***Dona Filipa Diniz***, mulher do capitão Filipe de Moura".
Realmente, foi esta a primeira mulher de Filipe de Moura, Borges da Fonseca, ***Nobiliarquia Pernambucana***, I, p. 70, filha de Diniz Bravo, o opulento cristão novo, sogro de Paulo Cardoso de Vargas (veja-se ***tít. Vargas Pissarros***). Sobrinha deste, confirma Borges da Fonseca. — Viúvo, novamente casou Filipe de Moura, mas com cristã velha, D. Maria, filha de Antônio da Silva Pimentel e D. Joana de Araújo, "pessoas mui nobres e conhecidas na Bahia", ***tít. Silvas Pimentéis***. A prova de que se isentou da culpa (da morte da mulher) é a patente de alcaide-mor da Bahia, "por 40 anos de serviços desde o ano de 1624 em que veio de Pernambuco com D. Francisco de Moura, seu tio", 27 de junho de 1664, ***Doc. Hist.***, v. 21, p. 391, de que recebeu homenagem (já em 1663, ***L. de Posse dos vice-reis,*** ms. Arq. Públ. da Bahia, inédito). Foi provedor da Santa Casa em 1662. Filipe de Moura e João Peixoto Viegas ofereceram em 1648 à Sé da Bahia o ornamento da capela do Santíssimo Sacramento, como se via da inscrição sobre a porta da grade que a separava do corpo da igreja. Com Diogo de Aragão, benfeitor da igreja dos franciscanos, que, em recompensa, lhes deram jazigos perpétuos. — Filha de Filipe de Moura Rolim, D. Joana de Moura Azevedo, casou com o capitão-mor Gaspar Ferreira de Carvalho, de Guimarães, no Reino, filho de Gaspar de Carvalho e Maria Ferreira, irmão da Santa Casa a 28 de março de 1706, ***L. 3, fl. 220.***

6. DIOGO PISSARRO DE VARGAS. De D. Filipa Diniz, não dá notícia este ***catálogo,*** no ***tít. de Vargas Pissarros.*** Veja-se nota anterior.

7. MANUEL DE MOURA ROLIM. Veja-se ***tít. Garcia de Melo.*** Consta do termo de batismo do filho Francisco (adiante) que em 1709 era alcaide-mor, ***L. de Batizados da freguesia da Vitória,*** arq. da Cúria.

8. COSME DE MOURA ROLIM. Cosme Rolim de Moura, é como aparece na escritura da venda da capitania do Espírito Santo (seu último donatário, herdeiro do primo e cunhado Antônio da Silva Pimentel, em 1718). Braz da Costa Rubim,

***Memórias Históricas e Documentais da província do Espírito Santo, Revista do Instituto Histórico,*** v. 24m 2.º semestre, p. 232 (1861). Obteve suprimento de idade em 1684, Arq. Públ. da Bahia, ***Provisões Reais*** de 1682 e 1684, fl. 49. Irmão, na Misericórdia da Bahia a 23 de março de 1698, ***Livro*** respectivo, n. 2, foi vereador em 1727. A ele se refere Gregório de Matos, ***Obras,*** III, p. 271, ed. da Academia Brasileira.

9. ANTÔNIO DE MOURA ROLIM. Filho de Manuel de Moura Rolim, de Pernambuco, e D. Ana Maria da Silva, da Bahia, nasceu nesta Cidade em 1658 e casou em Pernambuco com a prima D. Maria de Moura Rolim, ***Livro de Irmãos*** da Misericórdia da Bahia, n. 2, fl. 805 (1681). Foi amigo dos Ravascos e, com eles, perseguido pelo governador Antônio de Souza de Meneses. Para salvar Gregório de Matos, ameaçado de morte pelo filho de Antônio Luis Gonçalves da Câmara, juntou-se a Gonçalo Ravasco, e de acordo com o governador D. João de Lencastro, o atraiu à sua casa, de onde o poeta saiu deportado para Angola, Manuel Pereira Rebelo, ***Vida do Grande Poeta*** etc., ***Obras de Gregório de Matos***, VI, p. 63. — Morava em Santo Amaro, capitania da Bahia, em 1708. Antônio de Moura Rolim Filho.

10. FILIPE DE MOURA DE ALBUQUERQUE. É o mesmo n. 4. Borges da Fonseca, ***op. cit.,*** I, p. 71, II, p. 458. Realmente casou-se a primeira vez com D. Filipa Pissarra e a segunda com D. Maria Pimentel. O seu título de alcaide-mor da Bahia, 27 de junho de 1664, enumera os serviços desde dezembro de 1624, quando veio de Pernambuco para a Bahia com D. Francisco de Moura. D. Fadrique de Toledo elevou-o de soldado a capitão. Destacou-se na defesa da cidade investida pelos holandeses em 1638 e dos engenhos por eles atacados, ***Doc. Hist.,*** v. 21, p. 391. — Foi alcaide-mor até 16 de junho de 1667, quando chegou provido pelo rei o capitão Francisco Teles de Meneses, ***Doc. Hist.,*** v. 21, p. 396.

11. MANUEL GARCIA DE MOURA ROLIM. Do casal Antônio de Moura Rolim e D. Maria de Moura (acima), indica Borges de Barros filho único, Manuel Garcia de Moura Rolim, nascido em 1677, casado em 1701 com D. Úrsula Carneiro da Cunha, filha de João Carneiro da Cunha, senhor do engenho do Meio, na Várzea, e D. Ana Carneiro de Mesquita: sem sucessão, ***Nobiliarquia Pernambucana,*** I, p. 72, II, p. 459.

12. PAULO DE MOURA. Viúvo, fez-se frade, Fr. Paulo de Santa Catarina, famoso pela piedade, como longamente diz Fr. Jaboatão no ***Novo Orbe,*** I, pp. 338-9. Nasceu em Olinda, professou em Portugal, em 1632, guardião em Lisboa, provincial em 1662, publicou — grande pregador — sermão das ***Chagas de Cristo.*** Faleceu em Lisboa em 1693. D. Domingos de Loreto Couto, Desagravos do Brasil, pp. 305-6. A filha D. Maria de Melo casou com Francisco de Mendonça Furtado (adiante). N1. D. Maria Luiza de Mendonça, casada com João de Almeida e Melo. BN1. D. Teresa Luiza de Mendonça, casada com Manuel de Carvalho de Ataíde. TN1. Sebastião José de Carvalho e Melo, marquês de Pombal.

13. Leia-se J. T. Montalvão Machado, ***Quem livrou Pombal da pena de morte,*** p. 69 e segs., Lisboa, 1979.



14. FRANCISCA DE MOURA CAVALCANTI. Viúva de Pedro de Moura, Fidalgo da Casa Real, D. Francisca Cavalcanti, residente na Bahia, para onde se tinha retirado a família fugindo aos holandeses, recorreu em 1680 contra o processo da divisão de bens, envolvendo o engenho de Nossa Senhora de Nazaré, ***Doc. Hist.,*** v. 67, p. 319.

## *HOLANDAS E VASCONCELOS EM PERNAMBUCO COM CALVACANTIS E ALBUQUERQUES*

1. Arnao de Holanda (1) foi filho de Henrique de Holanda Baravito de Reneoburg, natural de Utreque, o qual Henrique de Holanda foi casado com Margarida Florença, que era irmã do papa Adriano VI, e foi casado Arnao de Holanda com Brites Mendes de Vasconcelos, que era filha de Bartolomeu Rodrigues, camareiro-mor do infante D. Luiz, filho del-rei D. Manuel, e casado com Joana de Góes de Vasconcelos. Deste Arnao de Holanda e de sua mulher Brites Mendes de Vasconcelos foram filhos:

2. Cristóvão de Holanda de Vasconcelos, que casou com D. Catarina de Albuquerque, (2) n. 10, fl.... filha de Filipe Cavalcanti, fidalgo florentino, e de sua mulher D. Catarina de Albuquerque, fl.... n. 1. E a sua descendência vai à fl.... n. 10 e seguinte e aqui verso.

3. Antônio de Holanda de Vasconcelos, (3) casado com D. Filipa de Albuquerque, sua cunhada, n. 11, fl.... e a sua descendência, à fl...., n. 1 e seguinte.

4. D. Isabel de Góes de Vasconcelos, que casou com Antônio Cavalcanti, filho do mesmo Florentino e a sua descendência fica à fl.... n. 12 e seguinte.

5. D. Adriana de Holanda, mulher de Cristóvão Lins, adiante à fl....

6. D. Brites de Barros, casada com Antônio Coelho de Carvalho, adiante à fl...., e aí o mais.

7. D. Ana de Holanda, que casou com João Gomes de Melo, adiante à fl....

8. D. Maria de Holanda, mulher de Cristóvão de Holanda de Vasconcelos, filho de Arnao de Holanda acima, e de sua mulher Brites Mendes de Vasconcelos, casado com D. Catarina de Albuquerque já referida, além da sua descendência que vai adiante à fl.... n. 10, teve mais filhos.

8. Arnao de Holanda de Albuquerque, que casou com D. Maria Lins, a qual era filha de Sibaldo Lins e de sua mulher D. Brites de Albuquerque, com quem o filho Sibaldo Lins foi segunda vez casado, como vai adiante.

Deste Arnao de Holanda de Vasconcelos e de sua mulher D. Maria Lins foi filha:

9. D. Catarina de Vasconcelos, que foi casada com Francisco Camelo Valcacer, como fica à fl.... e deste seu marido Francisco Camelo Valcacer teve entre outros filha:

10. D. Catarina de Vasconcelos, que casou com Jerônimo Cavalcanti de Albuquerque Lacerda, à fl.... n. 18 e aí a sua descendência.

N. 3. Antônio de Holanda de Vasconcelos, filho de Arnao de Holanda e de sua mulher Margarida Florença n. 1, foi casado com D. Filipa de Albuquerque, sua cunhada, por ser irmã de D. Catarina de Albuquerque, filhas ambas de Filipe Cavalcanti, fidalgo florentino, como fica em seu lugar, e vai adiante à fls.... e...

11. Arnao de Holanda de Vasconcelos, que se segue:

Arnao de Holanda de Vasconcelos, filho de Antônio de Holanda, n. 3, e de sua mulher D. Filipa de Albuquerque à fl.... n. 2, viveu em Paripe, onde era casado com D. Maria Cavalcanti, e teve filhos.

12. D. Filipa de Vasconcelos, casada com o capitão Luiz de Godoi, sem filhos.

Segunda vez casou esta D. Filipa com o alferes Antônio de Pontes Silva, do qual foram filhos:

13. Pedro de Pontes, (4) que casou com D. Leonor dos Santos.

---

1. ARNAO DE HOLANDA. Já não existia em 1594, quando o filho, Agostinho de Holanda, de 38 anos, depôs perante a Inquisição em Igaraçu, ***Denunciações de Pernambuco,*** p. 254. Declarou ser sua mãe, "Beatriz Mendes". Aliás escapou a Fr. Jaboatão o nome de ***Agostinho de Holanda,*** alcaide-mor de Igaraçu, casado com a meia cristã nova Maria de Paiva e senhor do engenho de Santo Agostinho, na freguesia de Santo Amaro; Maria de Paiva, filha de Baltazar Leitão e Inês Fernandes, ***Denunciações,*** citada. Agostinho (apontado por Borges da Fonseca) é pai de D. Joana de Góes, mulher de Pedro da Fonseca Barbosa (filho de Pedro da Fonseca Barbosa e Balbina da Fonseca), da Bahia. Filho: tenente José da Fonseca Barbosa, casou com D. Lucinda de Mendonça, ***Nobiliarquia Pernambucana,*** citada.

2. D. CATARINA DE ALBUQUERQUE. Foi 2.ª mulher de Fernão Soares, mercador, cristão novo ("ora é casado com dona Catarina de Albuquerque", ***Denunciações de Pernambuco,*** pp. 38 e 48). Veja-se tít. ***Lopes Soeiro.***

3. ANTÔNIO DE HOLANDA DE VASCONCELOS. Fundador do engenho Ipitanga, depois Engenho Novo, em Goiana, Pernambuco, confiscado em 1637 pelos holandeses, restaurado pelo neto do proprietário, Francisco de Vasconcelos e Albuquerque, e mais tarde adquirido em hasta pública por Vidal de Negreiros, que aí residiu e morreu, Benigno de Araújo, ***Tricentenário da Restauração Pernambucana, Comemorações em Goiana,*** p. 25, Recife, 1954.



4. PEDRO DE PONTES. Tinha terras na praia grande, freguesia de Pirajá, herdadas (e adquiridas aos cunhados) por seu genro, Francisco de Brito de Sá. Confirmou-lhe a propriedade, alvará de 4 de agosto de 1718. ***Publ. do Arquivo Nacional***, XXVII, p. 143.

## *LINS*

N. 8. D. Brites de Albuquerque, (1) filha natural de Jerônimo de Albuquerque, como fica à fl.... n. 2, foi casada, diz o assento de que se tirou esta notícia, com Sibaldo Lins, sem mais individuação de quem era este Sibaldo Lins; (2) mas por conjeturas, coisas, circunstâncias, se pode com juízo discorrer, que este Sibaldo Lins foi o pai de Cristóvão Lins, casado com Adriana de Holanda, como adiante se dirá, do qual Cristóvão Lins nasceu Bartolomeu Lins e deste um Sibaldo Lins, que, no ano de 1673, por breve pontifício, foi dispensado em segundo e terceiro graus de consangüinidade para casar com uma sua parenta, como se vê à fl.... E parece não haver outra razão para que, passados tantos anos quantos os de 1530, em que vieram a Pernambuco os seus primeiros fundadores, e com eles Jerônimo de Albuquerque, até os de 1673, em que achamos a um Sibaldo Lins, filho de Bartolomeu Lins, dispensado por breve pontifício para casar com uma sua parenta D. Ana de Barros, à fl...., e parece não haver outra razão para que entre portugueses se buscasse este novo estrangeiro nome de Sibaldo, para se dar ao filho de Bartolomeu Lins, se na geração dos Lins já não tivesse havido outro Sibaldo, antigo, que fosse bisavô deste novo; e assim temos fundamento para assentar, que a dita D. Brites de Albuquerque acima, casada com Sibaldo Lins, fosse este o que deu princípio a esta geração em Pernambuco, e tivesse o filho Cristóvão Lins, que casou com D. Adriana de Holanda, como vai adiante.

---

1. D. BRITES (Beatriz) de Albuquerque, casou em primeiras núpcias com Gaspar Dias de Thayde, o explorador do vale do São Francisco morto pelos índios, quando voltava com 7 mil cativos. Fr. Vicente do Salvador, ***op. cit.***, p. 218. Isso em 1577.

2. SIBALDO LINS. "Disse era alemão natural de Augusta Vindelicorum (Augsburgo) do Império de alta Alemanha, filho de Bartolomeu Lins e de sua mulher Suzana Rang, gente nobre e fidalga na dita cidade de Augusto, de idade de 40 anos, casado com D. Beatriz d'Albuquerque, lavrador de suas roças e canaviais no rio de Capibaribe", ***Denunciações de Pernambuco***, p. 466. Não podia, pois, ser o pai de Cristóvão Lins o velho, como sugere Fr. Jaboatão, sem reparar no que diz ele próprio da nacionalidade deste. Teriam quase a mesma idade. Cremos acertar, considerando que eram irmãos, o que explica a sobrevivência do nome de Sibaldo na progênie de Cristóvão e Adriana de Holanda: alemão, e meia alemã, tronco de inumerável descendência.

N. 5. D. Adriana de Holanda, filha de Arnao de Holanda, à fl...., e de sua mulher Brites Mendes de Vasconcelos, foi casada com Cristóvão Lins, (1) ilustre fidalgo estrangeiro, parente em grau não mui remoto do Duque de Florença. Passou a Pernambuco nos princípios da sua fundação, e foi o que conquistou as terràs do Porto-Calvo dos índios Potiguares, e levantou até o cabo de Santo Agostinho sete engenhos de fazer açúcar e uma igreja em honra de Nossa Senhora. Foi casado com Adriana de Holanda acima, a qual diz Calado na sua história das guerras de Pernambuco, que no ano de 1645, em que se dava princípio a aclamação da liberdade, contava a cidade 110 anos; e tinha visto até os seus quartos netos, à fl. 254, cap. 5.º. Desta e seu marido Cristóvão Lins foram filhos:

1. Bartolomeu Lins de Vasconcelos, que se segue.
2. D. Inês Lins de Vasconcelos, mulher de Vasco Marinho Falcão, adiante.
3. D. Beatriz Mendes de Vasconcelos, mulher de Baltazar de Almeida Botelho, ao depois. *

N. 1. Bartolomeu Lins de Vasconcelos, filho de Cristóvão Lins de Lima e de sua mulher D. Adriana de Holanda, foi casado com Maria da Rocha, natural da freguesia de Serinhaen do mesmo Pernambuco, e teve filhos.

4. Inês Lins, mulher de Rodrigo de Barros, à fl....
4. Cristóvão Lins de Vasconcelos, que foi dos primeiros que, em Porto-Calvo, com outras pessoas nobres e moradores, seguiu as ordens de João Fernandes Vieira para a restauração da pátria, eleito capitão de uma esquadra. Calado à fl. 254, ibi..
5. Constantino Lins, que se segue.
6. Sibaldo adiante. (2)

5. Constantino Lins, (3) filho de Bartolomeu Lins e de sua mulher Maria da Silva, passou à Bahia na retirada, que com o mais povo fizeram de Pernambuco muitas pessoas principais na guerra dos holandeses, no ano de 1635; foi capitão da fortaleza da Ribeira, e depois da do Mar, e fidalgo da casa de Sua Majestade, e casou na Bahia com D. Maria de Sá de Meneses, filha de Antônio Muniz Teles e de sua mulher Catarina de Sá de Almeida, teve filhos, à fl...., n. 11.**

---

*Notas da R.I.H.G.B.*

* *Beatriz Mendes, assim está em duas dispensa e breves pontifícios, como vai.*
** *Casaram a 28 de setembro de 1669, em Pirajá.*



8. Antônio Muniz Barreto, que se segue.
7. Bartolomeu Lins de Vasconcelos, adiante.
6. D. Francisca Lins, depois, e outros mais.

N. 6. D. Francisca Lins, filha do capitão Constantino Lins e de sua mulher D. Maria de Sá, foi casada com Manuel Teles Barreto, (4) Fidalgo da Casa Real, filho de Jorge Barreto de Vasconcelos e de sua segunda mulher D. Apolônia Teles de Meneses, filha de Antônio Muniz Teles e de sua mulher Catarina de Sá de Almeida, o qual Antônio Muniz Teles era filho de Diogo Muniz Teles, neto de Henrique Muniz Teles, ou Barreto, e bisneto de Egas Muniz Barreto, e teve filhos.

9. Manuel Muniz Barreto, (5) tenente de infantaria desta praça; casou com D. Tereza Maria de Jesus, filha de Antônio de Araújo Góes e de sua mulher D. Ana Úrsula de Souza, e teve filhos — Luiz Muniz Barreto e João Teles de Meneses.

N. 8. Antônio Muniz Barreto, filho de Constantino Lins e de sua mulher D. Maria de Sá, casou com sua prima legítima D. Maria da Conceição de Meneses, pela qual foi pessoalmente à Roma ele mesmo buscar a dispensa, por ser ela filha de D. Apolônia Teles de Meneses, irmã esta de D. Maria de Sá, mulher de Constantino Lins, pai dele suplicante Antônio Muniz Barreto, e tiveram filhos:

10. Francisco Muniz Barreto de Vasconcelos.
11. D. Josefa e D. Clara, recolhidas no Desterro, e D. Rita de Cássia, que morreu menina.

N. 7. Bartolomeu Lins de Vasconcelos, filho de Constantino Lins e de sua mulher D. Maria de Sá, casou com D. Branca Teles, também sua prima legítima, por ser irmã de D. Maria da Conceição, e filha de Jorge Barreto e de sua mulher D. Apolônia, acima, e teve filhos.

---

1. CRISTÓVÃO LINS. "Fidalgo alemão", Fr. Vicente, ***ibid.***, p. 198, um dos chefes militares de Pernambuco, quando os filhos de Duarte Coelho alargaram o seu domínio, repelindo o gentio, ilustrou-se na conquista da Paraíba, sobretudo na construção do forte que serviu de núcleo ao povoado que fundou Martim Leitão. D. Adriana de Holanda sobreviveu-lhe muitos anos. O autor do ***Valeroso Lucideno***, p. 254, conheceu-a beirando o centenário, em 1645.

2. Veja-se ***tít. Holanda, Barros e Lins.***

3. CONSTANTINO LINS. A sua fé de ofício vem na carta que o nomeou, de 17 de novembro de 1684, capitão da fortaleza de Nossa Senhora do Populo, na Bahia, ***Doc. Hist.***, v. 28, p. 373. Servira trinta e um anos, sendo seis anos e quatro meses nas guerras de Pernambuco, até a rendição do Recife "onde se desarmaram mais de mil e duzentos holandeses"; e depois na guarnição da Bahia, sempre com destemor e grande préstimo. Teve a reformação de alferes em 1671, ***Doc. Hist.***, v. 24, p. 330.

4. MANUEL TELES BARRETO. Casou com a sobrinha, D. Francisca Lins de Vasconcelos, filha de sua irmã Maria de Sá. Veja-se ***tít. Ulhoa.*** — Fr. Jaboatão completa a ***Nobiliarquia***, de Borges da Fonseca.

5. MANUEL MONIZ BARRETO. Filho de Manuel Teles Barreto e D. Francisca Lins, neto paterno de Antônio Moniz Barreto e D. Catarina de Sá, materno de Constantino Lins (de Pernambuco, acima) e D. Maria de Sá, da Bahia, reza o termo de ***Irmão da Santa Casa***, 1757. Tenente, casou com D. Teresa Maria de Jesus. Filhos: 1. Capitão-mor João Teles de Meneses, casou com D. Francisca Maria da Conceição, entrou em 1785 na irmandade da Santa Casa e faleceu a 1.º de março de 1811, ***Livro de Irmãos***, n. 5. 2. Sargento-mor Luiz Moniz Barreto, que em 1790 se inscreveu na mesma irmandade e morreu a 1.º de agosto de 1830. Aos 58 anos casou com Firmina de Santa Rita, de 36. Filhos, Josefa, Maria e Luiz (1808, ms. arq. da Cúria, ***Justificação de casamentos***).

## *HOLANDAS, BARROS, ETC.*

N. 8. D. Maria de Holanda, filha de Arnao de Holanda à fl...., n. 1, e de sua mulher Brites Mendes de Vasconcelos, foi casada com Rodrigo de Barros Pimentel, que se segue.

N. 1. Rodrigo de Barros Pimentel, filho de D. Maria de Holanda e de seu marido.

Foi casado com D. Jerônima de Almeida, filha de Baltazar de Almeida Botelho e sua mulher D. Beatriz Mendes, irmã de Bartolomeu Lins, à fl. 15, ns. 2 e 3, e teve filhos.

1. José de Barros Pimentel, à fl....
2. D. Maria de Barros, que se segue.
3. D. Cosma de Barros, adiante.
4. Rodrigo de Barros, ao depois.
5. D. Beatriz Pimentel, casada à fl....

N. 2. D. Maria de Barros, filha de Rodrigo de Barros Pimentel e de sua mulher D. Jerônima de Almeida, foi casada com Leão Falcão Deça, filho de Vasco Marinho Falcão (1) e de sua mulher D. Inês Lins, filha de Cristóvão Lins e de sua mulher Adriana de Holanda, à fl...., e teve filho:

6. Francisco de Barros Falcão, que se segue.

N. 6. Francisco de Barros Falcão, filho de D. Maria de Barros e de seu marido Leão Falcão Deça, foi casado com D. Maria de Lacerda, filha de D. Maria de Lacerda e de seu marido Filipe Cavalcanti, filho este de Antônio Cavalcanti de Albuquerque e de sua mulher D. Isabel de Góes de Vasconcelos, filha de Arnao de Holanda e de sua mulher Brites Mendes de Vasconcelos, o qual Antônio Cavalcanti, casado com a sobredita Isabel de Góes, era filho de Filipe Cavalcanti, fidalgo florentino, o primeiro que passou a Pernambuco,



como outras vezes fica dito, e de sua mulher D. Catarina de Albuquerque, filha natural de Jerônimo de Albuquerque, cunhado de Duarte Coelho Pereira, primeiro donatário de Pernambuco, e de D. Maria do Espírito-Santo Arco-Verde, índia principal de Olinda, da qual o sobredito Jerônimo de Albuquerque teve vários filhos naturais, como fica à fl.... etc..

---

1. VASCO MARINHO. Tinha o governador Diogo Botelho, em Pernambuco, "um criado seu, por nome Vasco Marinho... culpado na morte de um homem, ao qual o dito governador fizera prender e meter na cadeia pública desta Vila (Olinda) e depois fora sentenciado pela justiça da terra e o ouvidor geral", em quatro anos de degredo, Correspondência de Diogo Botelho, ***Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro***, v. 73, 1.ª parte, pp. 60 e 69. Dele diremos, a propósito ***"Marinho e Falcão em Pernambuco"***.

## *ARNAO DE HOLANDA*

*Brites Mendes de Vasconcelos*

Filha — Filha
D. Maria de Holanda. — Irmãs — D. Isabel de Góes Vasconcelos.
1.º gr. Antônio Cavalcanti.
Filho — Filho
Rodrigo de Barros Pimentel. — Primos — Filipe Cavalcanti.
D. Jerônima de Almeida. 2º gr. D. Maria de Lacerda.
Filha — Filha
D. Maria de Barros. — D. Maria de Lacerda.
Leão Falcão Deça. 3º gr. Oradora.
Filho
Francisco de Barros Falcão, 1.º gr. misto com o 3.º Orador.

## *HOLANDAS, BARROS E LINS*

N. 3. D. Cosma de Barros, filha de Rodrigo de Barros Pimentel e de sua mulher D. Jerônima de Almeida, foi casada com Sibaldo Lins, (1) filho de Bartolomeu Lins, à fl...., n. 1, e de sua mulher D. Maria da Silva(Rocha), aí, o que Bartolomeu Lins, era filho de Cristóvão Lins e de sua mulher Adriana de Holanda, ***ibi.***, e foram dispensados Sibaldo Lins e D. Cosma no 2.º e 3.º graus de consagüinidade por breve do Santíssimo padre Alexandre 7.º, *datum Romoe apud Sanctam Mariam Majorem anno incarnationis dominicoe milesimo sexcentesimo quinquagesimo octavo, octavo Kalendas Maii, pontificatus nostri anno quarto.*

Assim se acha no cartório eclesiástico da Bahia, unido aos autos das testemunhas, que se tiraram em Pernambuco. Dispensados por uma via no 2.º e 3.º graus comum de consangüinidade, e também em 3.º por outra via, como expõe o mesmo breve de Sua Santidade:*Oblata nobis nuper pro parte delecti filii Sibaldi Lins et dilectoe in Christo filioe Cosmoe de Barros, mulieris Sancti Salvatoris in partibus del Brasil, petitio continebat, quod ipsos alias scientibus se secundo et tertio ex uno communi, et tertio ex altero consanguinitatis gradibus invicem esse conjunctos.*

1. SIBALDO LINS. O capitão-mor Sibaldo Lins e D. Cosma de Barros Pimentel, naturais de Camaragibe, capitania de Pernambuco, tiveram filho, CRISTÓVÃO LINS, também daquele lugar, distrito de Porto Calvo. Casou com D. Adriana Wanderley. Do seu processo de habilitação para cavaleiro da Ordem de Cristo (honra que conseguiu, a 7 de janeiro de 1699, ***T.T., Habil. da Ordem de Cristo, letra C, m. 1, n. 5***): todas as testemunhas inqueridas disseram que o justificante, de 34 ou 35 anos, é homem nobre e dos principais desta capitania de Pernambuco e que atualmente está ocupando o posto de sargento-mor da vila de Porto Calvo, bem como o de alcaide-mor dela. Também foram nobres, e principais, pais avós paternos e maternos — e que "todos uns e outros vivem e viveram sempre neste curato de Camaragibe distrito da vila de Porto Calvo em seus engenhos e fazendas". Corrija-se Borges da Fonseca, ***ibid.***, I, p. 118 (a propósito de D. Adriana Wanderley).

## *TRONCO*
## *ARNAO DE HOLANDA*
*Brites Mendes de Vasconcelos*

Filho — Filha
Adriano de Holanda. — Irmã — Maria de Holanda.
1.º gr.
Filho — Irmãos, 2.º gr. Filho — Primos, 2.º gr. — Filho
Beatriz Mendes. — Bartolomeu Lins. — Rodrigo de Barros Pimentel.
Baltazar de Almeida. — D. Jerônima de Almeida.
D. Jerônima de Almeida. — Primos — Sibaldo Lins — 2.º gr. — D. Cosma de
Rodrigo de Barros Pimentel 2.º gr. — Orador. — Barros. Oradora.
Filha
D. Cosma de Barros, 3.º gr. misto com o 2.º.
Oradora.

Para maior clareza oferecemos aqui o que depuseram as testemunhas, que nos tais autos juraram. Perguntado pelo segundo artigo disse, que sabe, que os oradores são parentes por uma parte a saber, que D. Jerônima de



Almeida, mãe da oradora, D. Cosma de Barros, foi filha de Beatriz Mendes, e Beatriz Mendes foi irmã de Bartolomeu Lins pai do orador Sibaldo Lins; e por outra parte Rodrigo de Barros Pimentel foi filho de Maria de Holanda e Maria de Holanda foi irmã de Adriana de Holanda e Adriana de Holanda foi mãe de Bartolomeu Lins, pai do orador Sibaldo Lins.

## *N. 4 — D. BEATRIZ PIMENTEL*

Cristóvão Lins de Vasconcelos, (1) filho de Bartolomeu Lins de Vasconcelos e de sua mulher Maria da Rocha, n..., foi casado com D. Beatriz Pimentel sua parenta em 3.º grau de consangüinidade, por ser essa D. Beatriz Pimentel filha de Rodrigo de Barros Pimentel; (2) e este ser primo co-irmão de Bartolomeu Lins, pai de Cristóvão Lins. E além deste parentesco serem também parentes, por ser o dito Rodrigo de Barros casado com D. Jerônima de Almeida; filha de D. Beatriz Mendes, irmã do dito Bartolomeu Lins e sua sobrinha, e por esta via também em 3.º grau, os oradores; e foram dispensados por breve, digo dispensa do bispo da Bahia D. Pedro da Silva de 11 de abril de 1645.

## *ARNAO DE HOLANDA*
*Brites Mendes de Vasconcelos*

Cristóvão Lins. — Irmã — D. Maria de Holanda.
Adriano de Holanda. 1.º gr.
Irmão — Filho — Primo 2.º gr. Filho
D. Beatriz Mendes. — Bartolomeu Lins — Rodrigo de Barros Pimentel.
Baltazar de Almeida — D. Jerônima de Almeida.
Botelho.
Filha — Filho — Filho
D. Jerônima de — Cristóvão Lins de Vasconcelos. — 3.º gr. — D. Beatriz
Almeida. — Orador. — Pimentel.
Rodrigo de Bar- — Oradora.
ros Pimentel.
Filha
D. Beatriz Pimentel, 3.º gr.
Oradora.

## *BARROS, LINS, ETC.*

N. 4. Rodrigo de Barros, filho de Rodrigo de Barros Pimentel e de sua mulher D. Jerônima de Almeida à fl.... foi casado com D. Inês Lins, filha de Bartolomeu Lins à fl.... e foram dispensados por duas vias no 3.º e 4.º graus de consagüinidade; a primeira porque o orador Rodrigo de Barros é filho de D. Jerônima de Almeida, a qual D. Jerônima foi filha de Beatriz Mendes, a qual Beatriz Mendes foi irmã de Bartolomeu Lins, o qual Bartolomeu Lins foi pai da oradora Inês Lins. E pela outra, porque o orador Rodrigo de Barros é filho de Rodrigo de Barros Pimentel, o qual Rodrigo de Barros Pimentel foi filho de Maria de Holanda, a qual Maria de Holanda era irmã de Adriana de Holanda, mãe de Bartolomeu Lins, pai da oradora Inês Lins. Foram esses oradores dispensados no 3.º e 4.º graus comum de consangüinidade por breve do Santíssimo papa Alexandre 7.º, *datum Romoe apud sanctam Mariam Majorem, anno incarnationis dominicoe 1657, nonas Martii, pontificatus nostri anno tertio. (3)* E começa assim — *Alexander episcopus, servus servorum Dei, dilecto filio officiali Brazilien salutem, et apostolicam benedictionem. Oblata nobis nuper pro parte dilecti filii Roderici de Barros Laici, et dilectoe in Christo filioe Agnetis Lins mulieris Brasilien dioceses petitio continebat, quod ipsi alias scientes se tertio et quarto a communi stipite provennientibus consangüinitatis gradibus invicem esse conjunctos, etc..*

## *ARNAO DE HOLANDA*

*Brites Mendes de Vasconcelos*

Filha — Filho
Maria de Holanda. — Irmãs — Adriano de Holanda.
1.º gr. Cristóvão Lins.

Filho — Primos — Filho — Filha
Rodrigo de Barros Pimentel. 2.º gr. Bartolomeu Lins. — Beatriz Mendes.
D. Jerônimo de Almeida. — Maria da Silva. — Baltazar Botelho de Almeida.

Filho — Filha — Filho
Rodrigo de Barros. — 3.º gr. — Inês Lins. — D. Jerônima de Almeida.
Oradora. Rodrigo de Barros Pimentel.
Filho
3.º gr. — Rodrigo de Barros.
Orador.



## *N. 2 JOSÉ DE BARROS PIMENTEL*

*D. Maria Accioli*
*Beatriz Mendes de Vasconcelos*
*Baltazar de Almeida Botelho* *

Filho — Filha
D. Jerônimo de Almeida. — Irmãs — D. Adriana de Almeida.
Rodrigo de Barros Pimentel. — 1.º gr. — Manuel Gomes de Melo.

Filho — Filha
José de Barros Pimentel. — 2.º gr. — D. Maria de Melo.
Orador. João Baptista Accioli.
Filha
Misto com o 3.º — D. Maria Accioli.
Oradora.

## *BRITES MENDES DE VASCONCELOS*

*Arnao de Holanda*

Filha — Filha
D. Maria de Holanda. — Irmãos — D. Ana de Holanda.
1.º gr. João Gomes de Melo, orador.

Filho — Filho
Rodrigo de Barros Pimentel. — 2.º gr. — Manuel Gomes de Melo.
D. Jerônima de Almeida. D. Adriana de Almeida.

Filho — Filha
José de Barros Pimentel. — 3.º gr. — D. Maria de Melo.
Orador misto com o 4.º gr.
Filha
D. Maria Accioli, oradora mista com o 4.º gr.

D. Maria de Holanda. — Irmã — Ana de Holanda.
1.º gr.

---

*Nota da R.I.H.G.B.*
** Dispensados por incumbência do cabido da Bahia. Sede vacante de 23 de agosto de 1668.*

Filho
Rodrigo de Barros Pimentel. — 2.º gr. — João Gomes de Melo, o moço.
D. Jerônima de Almeida. D. Margarida Cavalcanti.

Filho
José de Barros Pimentel. — 3.º gr. — D. Ana Cavalcanti.
orador, com o 4.º e 5.º

Filho
João Batista Accioli, misto com o 4.º

Filha
D. Maria de Melo.
D. Maria Accioli, oradora, misto com o 5.º

D. Brites de Barros, filha de Arnao de Holanda e de sua mulher Brites Mendes de Vasconcelos, à fl...., foi casada com Antônio Coelho de Carvalho, (4) ibi. n. 6, o qual era filho 2.º de Feliciano Coelho de Carvalho, adiante fl...., n. 2, e foi este Antônio Coelho de Carvalho embaixador à França e deputado ordinário do Santo Ofício, e teve desta sua mulher D. Brites de Barros entre outros, filha:

1. D. Inês Maria Coelho, que se segue.

N. 1. D. Inês Maria Coelho, filha de D. Brites de Barros e de seu marido Antônio Coelho de Carvalho, casou com Antônio de Albuquerque Coelho, (5) seu primo legítimo, porque era este Antônio de Albuquerque Coelho filho de Francisco Coelho de Carvalho, irmão 1º de Antônio Coelho de Carvalho, e ambos filhos de Feliciano Coelho de Carvalho, (6) adiante. Foi este Antônio de Albuquerque Coelho governador e capitão general do Estado do Maranhão, comendador de S. Martinho da Cea e de S. Martinho das Moutas, e donatário das capitanias do Camutá e Tapuitapera no mesmo Maranhão. Deste e de sua mulher D. Inês Maria Coelho foram filhos.*

2. Francisco de Albuquerque Coelho, (7) que casou com D. Luiza Maria de Souza, filha de João Álvares Soares, provedor das alfândegas do reino, dos quais não houve sucessão.

3. Antônio de Albuquerque Coelho, que se segue.

4. Feliciano de Albuquerque, prior da igreja de S. Martinho de Selvem. (8)

---

*Nota da R.I.H.G.B.*
* *Corografia Portuguesa t... fl. 33.*



D. Manuel, cônego regrante de S. Agostinho. Fr. Feliciano, monge de S. Bernardo, que foi abade do convento de N.S. do Desterro de Lisboa.

D. Brites Maria de Albuquerque, que casou com Fernão Gomes de Quadros, filho de Pedro Lopes de Quadros e de sua mulher D. Maria Teles, que foi dama da rainha D. Luiza, esta filha de D. Álvaro Pereira Souto. Faleceu a dita D. Brites Maria de Albuquerque deixando mais filhos; e seu marido Fernão Gomes de Quadros, ficando viúvo, se fez religioso leigo no reformadíssimo convento de Varatojo.

D. Bernarda Maria de Albuquerque, que foi abadessa do mosteiro de Lorvão.

D. Luiza de Albuquerque, religiosa no mesmo convento, D. Maria de Albuquerque, freira no mosteiro de S. Clara de Lisboa.

N. 3. Antônio de Albuquerque Coelho, (9) filho de Antônio de Albuquerque Coelho, n. 1, e de sua mulher D. Inês Maria Coelho, n. 1, foi alcaide-mor de vila de Sines, comendador de S. Ildefonso, na Ordem de Avís, senhor do couto de Outiz, por mercê del-rei D. Pedro II, junto a vila de Senegal, (Tentúgal), com o padroado da igreja de S. Maria Madalena, priorado, que rende 500$, aonde confirma as justiças e pautas do mesmo couto. Foi governador do Estado do Maranhão e sargento-mor de batalha; governador da Beira Baixa e praça de Olivença, aonde procedeu com grande valor, e crédito do bom soldado. Foi governador do Rio de Janeiro, e o que sucedeu nele a Sebastião de Castro Caldas.

Feliciano Coelho de Carvalho, de quem fala a Corografia portuguesa, e aí acha ascendência, foi comendador de Cristo, governador da Paraíba e São-Tomé, e casou com D. Maria Monteiro, filha de Antônio Salvador de Almeida, e teve entre outros filhos:

1. Francisco Coelho de Carvalho, que se segue.

2. Antônio Coelho de Carvalho, que já fica à fl....

N. 1. — Francisco Coelho de Carvalho, filho primeiro de Feliciano Coelho de Carvalho, acima, foi casado com D. Brites de Albuquerque, filha de Antônio Cavalcanti de Albuquerque, e neta de Filipe Cavalcanti Florentino, que já ficam à fl...., n. 2 e 4 e à fl.... n. 16, e teve filhos.

3. Antônio de Albuquerque Coelho, que casou acima com D. Inês Maria Coelho, sua prima legítima, filha de Antônio Coelho de Carvalho, irmão de seu pai Francisco Coelho de Carvalho, e ambos filhos de Feliciano Coelho de Carvalho, e a sua descendência já fica à fl....

4. Feliciano Coelho, (10) que com seu pai Francisco Coelho de Carvalho, que era governador do Maranhão, e achando-se na Paraíba, donde era governador naquele tempo e ano de 1625, no princípio do mês de maio, Matias de Albuquerque. Tendo notícia o dito Matias de Albuquerque, que a armada de Holanda, que vinha em socorro dos seus que estavam senhores da

cidade da Bahia desde maio do ano passado de 1624, e fora essa armada arribada à Bahia da Traição, cinco léguas ao norte da barra da Paraíba, dali despachou Matias de Albuquerque a Francisco Coelho de Carvalho, com o dito seu filho Feliciano Coelho, com quatro caravelas de 18 peças de artilharia com tal fortuna, que estando o inimigo bem petrechado em terra com muitos aliados, foram vencidos, e desbaratados se retiraram e a sua armada.

Veja-se o mais deste sucesso no autor da ***Restauração da Bahia*** Tomaz Tamaio de Vargas à fl. 154 e seguintes.

---

1. CRISTÓVÃO LINS DE VASCONCELOS. Veja-se Borges da Fonseca, ***Nobiliarquia Pernambucana,*** I, p. 108. Dele falam os cronistas da guerra holandesa. Alcaide-mor da vila de Bom Sucesso do Porto Calvo, 15 de janeiro de 1657, na terra conquistada pelo avô (o alemão Cristóvão Lins), primeiro alcaide do lugar (1600).

2. RODRIGO DE BARROS PIMENTEL. Foi o único senhor de engenho de Porto Calvo que abandonou a região, em 1635, Fr. Jaboatão, ***Novo Orbe Seráfico,*** I, parte 2.ª, p. 163, sem escapar aos holandeses, que o aprisionaram na passagem do rio São Francisco, em 1637, Duarte de Albuquerque Coelho, ***Memórias Diárias da Guerra do Brasil,*** ed. da Secretaria do Interior do Estado de Pernambuco, revisão de Durval Mendes, p. 261, Recife, 1944.

3. ALEXANDRE VII (Fabius Chigi) reinou de 7 de abril de 1655 a 22 de maio de 1667.

4. ANTÔNIO COELHO DE CARVALHO. Desembargador do Paço, Comendador da Ordem de Cristo, senhor da capitania de Cumutá no Maranhão, com estes títulos assinou em 1º de junho de 1641, o tratado de confederação e aliança de Portugal e Franca, a bem da Restauração, ajudado, na missão diplomática, de D. Francisco Manuel de Melo. Donatário de Tapuitapera, processou judicialmente Antônio Teixeira de Melo, que governou o Maranhão, alegando prejuízos sofridos, Varnhagen, ***Hist. Geral do Brasil***, II, p. 400. Seu filho ilegítimo Francisco Coelho de Carvalho, sargento-mor, governou o Maranhão de 1646 a 1648.

5. ANTÔNIO DE ALBUQUERQUE COELHO. As ***Genealogias Manuscritas***, da Torre do Tombo, indicam-lhe a mãe, D. Luiza Antônia de Mendonça, filha de D. Francisco e D. Joana de Melo. Gracas ao ***Index das Notas de Vários Tabeliães de Lisboa***, III, p. 192, podemos esclarecer que em 1640 sucedeu ao irmão. "Procuracão de D. Brites de Albuquerque viúva de Francisco Coelho de Carvalho a seu filho Antônio de Albuquerque para ir tratar dos bens de seu irmão Feliciano Coelho de Albuquerque, filho da outorgante, que chegou de Índias de Castela a Huelva ferido de uma bala no caso que faleceu 22 de janeiro, fl. 21 e renúncia dos serviços dos ditos marido e filho falecidos em o dito Antônio de Albuquerque que se chamava antes de (morrer) o irmão Antônio Cavalcanti, 28 de fevereiro, fl. 76. Casou em Lisboa, em 1650, com D. Inês Coelho de Carvalho, Gustavo de Matos Sequeira, ***O Carmo e a Trindade***, II, p. 416, Lisboa, 1939. O padre Antônio Vieira escreveu ao rei a 6 de dezembro de 1655 mostrando a inconveniência de sua nomeação para



governador do Maranhão. Diz que sua família roubara "metade de uma capitania" e "do sangue destes índios se está sustentando, matando-os, e consumindo-os os procuradores que cá tem, sem lhe pagarem o trabalho", ***Cartas Inéditas a S.M., do padre Antônio Vieira***, prefácio de Clado Ribeiro de Lessa, p. 18, Rio, 1934. Foi contudo governador do Maranhão, de 1667 a 1671, Cesar Augusto Marques, ***Dicionário Histórico Geográfico***, p. 314, da Colecão S. Luiz, n. 3. Seu filho (adiante), este sim, notabilizou-se na administração colonial. Francisco Coelho de Carvalho teve foro de moco fidalgo em 1646, pelos servicos feitos na Bahia, Pernambuco, Maranhão e Amazonas, Carvalho Franco, ***Nobiliário Colonial,*** p. 50.

6. FELICIANO COELHO DE CARVALHO. "Francisco Coelho de Carvalho, com três companhias que do reino levava, e juntamente com ele seu filho Feliciano Coelho de Carvalho", ficou em 1624 em Pernambuco, auxiliando Matias de Albuquerque nos trabalhos da defesa, contra possível ataque holandês, Fr. Vicente do Salvador, ***op. cit.***, p.536. Marido de D. Brites de Albuquerque, foi Francisco Coelho de Carvalho o 1.º governador do Maranhão, 1625-1638. Morreu no posto, ***Anais da B. N.***, v. 36, p. 413, César Augusto Marques, ***op. cit.***, p. 300. — Acompanhou a expedicão à Bahia de D. Francisco de Moura, Fr. Vicente, ***ibid.***, p.546.

7. FRANCISCO DE ALBUQUERQUE COELHO DE CARVALHO. Ainda menor, quando em 1667 quis habilitar-se à Ordem de Cristo, T.T., ***Habil.***, m. 34, n. 94, estava de partida para o "Maranhão a servir a V.M. em companhia de seu pai Antônio de Albuquerque Coelho, governador que vai para ele". — ***Gazeta de Lisboa***, 2 de maio de 1720. "Em 14 de abril faleceu em Lorvão, comarca de Coimbra, Francisco de Albuquerque Coelho de Carvalho, Fidalgo da Casa de S. M., Comendador de Santa Maria de Cea e de S. Martinho das Moutas na Ordem de Cristo, senhor e donatário de juro e herdade das capitanias de Camatí e Camutá no Estado do Maranhão, em que lhe fica sucedendo seu irmão Antônio de Albuquerque Coelho de Carvalho, governador que foi do Maranhão e das Minas, a quem El-rei que Deus guarde fez nova mercê das ditas comendas", mercê anunciada pela ***Gazeta de Lisboa***, 24 de fevereiro de 1718.
— Seu sobrinho e homônimo casou na família dos Correa e Sá. Filha, D. Inês Teresa de Lencastre, mulher do primo João Correa de Sá (filho de Diogo Correa de Sá, visconde de Asseca). Neto, Domingos de Albuquerque Coelho de Carvalho, que teve a Ordem de Cristo em 1790, T.T., ***Habil.***, m. 10, n. 19, casado com D. Maria Antônia de Melo (que morreu em 1822), filha de D. João de Melo Abreu Soares de Vasconcelos (***Genealogias Manuscritas***, T.T., citada).

8. S. Martinho de Abreu, no texto. Emendamos de acordo com Macedo Leme, ***Genealogia,*** fl. 114 v., para Selvem.

9. ANTÔNIO DE ALBUQUERQUE COELHO DE CARVALHO. Desde 1702 serviu no Reino, governando Olivenca (cujas fortificações reergueu, "assistindo pessoalmente aos trabalhos e emprestando dinheiro") e em 1706, na guerra da Sucessão de Espanha, sargento-mor (ferido, e vitorioso no cerco a Xerez). Governador da Beira Baixa, entrou por Castela, com o exército que foi castigar Salamanca (Portaria régia de 24 de janeiro de 1718, que lhe concedeu o direito de doar os serviços,

***Processo de Habil. à Ordem de Cristo***, de Francisco de Albuquerque Coelho de Carvalho, 22 de março de 1725, T.T., m. 34, n. 1). Governador do Rio de Janeiro, administrou "com tanta suavidade e prudência que ninguém experimentou a menor opressão, e sendo promovido para o governo da capitania de S. Paulo e distritos das Minas, erigir vilas nas distâncias e sítios necessários, elegendo para oficiais das Câmaras os mais capazes com satisfação dos povos, por entrarem nos lugares alguns reinós como paulistas, reduzindo-os à quietação e obediência com brandura e respeito..." "Com a notícia da primeira invasão dos franceses no Rio de Janeiro baixar da dita capitania de S. Paulo e prevenir as fortalezas de todo o necessário, fazendo uma na ilha das Cobras e com a notícia da segunda invasão baixar com incansável diligência e com um pé de exército pelos sertões sem o embaraçar o estado de doente, e chegando em outubro de 1711 ser obrigado até junho de 1713 a governar o Rio, mandando continuamente às Minas avisos do que se havia de obrar na sua ausência, insinuando o modo com que se havia de administrar a justica, por se necessitar de toda a brandura naqueles povos criados de novo..." Governou até 7 de junho de 1713 ***Revista do Instituto Histórico***, v. II, p. 88. Entregou prósperas as Minas Gerais ao sucessor, D. Brás Baltazar da Silveira (31 de agosto). Curioso é o silêncio da citada Portaria — que transcrevemos — quanto ao governo do Maranhão, que exerceu com semelhante felicidade. Deve-se-lhe, na Amazônia, a defesa da fronteira disputada pelos franceses, com a demarcacão pelos baluartes que lá deixou, como a fortaleza de Macapá, e a abertura do caminho do Maranhão à Bahia (1688). Sua mulher, D. Luiza Antônia de Mendonça, teve direito à redízima das capitanias de Cumã e Cametá, 72$ anuais, desde 1716. Ernesto Cruz, ***Anais do Congresso Comemorativo da transferência da Capital***, Instituto Histórico, IV, p. 61.

— Filho: Antônio de Albuquerque Coelho, (natural do Maranhão, que o pai governava), mandado à Índia, foi em 1718 general de Macau. Admitido à Ordem de Cristo, T.T., m. 47, n. 14, dele é a ***Jornada que fez por terra Antônio de Albuquerque Coelho de Carvalho indo governar aquela praça, Coleção de Documentos e Memórias*** da Academia Real da História Portuguesa. Governador de Angola, morreu no cargo a 25 de abril de 1725, Feo Castelo Branco e Torres, ***Memória... de Angola***, p. 245, Paris, 1825, Pereira da Costa, ***Dicionário Biográfico de Pernambucanos Célebres***, p. 49, Recife, 1882.

— Neto (filho de Antônio de Albuquerque Coelho), Francisco de Albuquerque Coelho de Carvalho, que, aos 10 anos de idade, obteve o hábito da Ordem de Cristo (processo de habilitacão acima citado).

10. FELICIANO COELHO DE CARVALHO (II). Queixou-se Manuel de Souza Deça da "ingerência que, no seu distrito, autorizados pelo governador, se quiseram arrogar o filho deste, Feliciano e o custódio Fr. Cristóvão, especialmente no que respeitava aos índios, o que ocasionou a suspensão do mesmo capitão-mor durante nove meses", Varnhagen, ***op. cit.***, II, p. 259. A 1.º de agosto de 1625 os holandeses abandonaram a posição que tinham ocupado na Paraíba: foi nessa expedição de Francisco Coelho (de que participou o filho) que, pela primeira vez, tomou armas André Vidal de Negreiros, Varnhagen, ***tbid.***, II, p. 224. Ma menoridade, foi D. Brites tutora de Feliciano, procuração de 1630, ***Index das Notas de Tabeliães de Lisboa***, III, p. 150. Veja-se o que ficou dito em nota anterior.





N. 2. — D. Inês Lins, filha de Cristóvão Lins e de sua mulher Adriana de Holanda, à fl.... n. 5, casou com Vasco Marinho Falcão, (1) e deste e sua mulher D. Inês Lins foram filhos:

1. Pedro Marinho Falcão, que se segue.
2. Francisco de Souza Falcão.
3. Leão Falcão Deça, casado com D. Maria de Barros e teve filho Francisco de Barros Falcão.*
4. Leandro Pacheco Falcão, adiante.

N. 1. — Pedro Marinho Falcão, (2) filho de Vasco Marinho Falcão, e de sua mulher D. Inês Lins de Vasconcelos, foi casado com D. Brites de Melo, filha de Manuel Gomes de Melo e de sua mulher D. Adriana de Almeida Lins, que era filha de Baltazar de Almeida Botelho, Fidalgo da Casa Real, cavalheiro da Ordem de Cristo, e de sua mulher Brites Lins de Vasconcelos, filha de Cristóvão Lins de Vasconcelos e de D. Adriana de Holanda, à fl. 15, n. 3. Desse Pedro Marinho Falcão e de sua mulher D. Brites de Melo, foram filhos:

5. Leão Falcão de Melo, (3) que casou com D. Isabel de Moura, filha de Filipe Cavalcanti de Albuquerque e de sua mulher D. Maria de Lacerda, à fl. 5 e 6, n. 19, sem sucessão.
6. Pedro Marinho Falcão, casado com D. Filipa de Moura, sua cunhada, ibi., n. 21, sem sucessão.

N. 4. — Leandro Pacheco Falcão, (4) filho de Vasco Marinho Falcão e de sua mulher D. Inês Lins de Vasconcelos, foi casada com D Maria de Melo, filha de Manuel Gomes de Melo, o referido teve filho.

7. Vasco Marinho Falcão, cavaleiro da Ordem de Cristo, comissário honorário da cavalaria, que casou com D. Joana de Lacerda, filha do sobrinho Filipe Cavalcanti, sem sucessão.

---

1. VASCO MARINHO FALCÃO. Já dele dissemos, no capítulo de Holandas, Barros. Fr. Jaboatão omite a filha, casada com André da Rocha. Vasco Marinho Falcão, filhos e genro foram despojados de seus haveres pelos holandeses, em 1637, Duarte de Albuquerque, ***Memórias,*** p. 262.

2. PEDRO MARINHO FALCÃO. Um dos melhores cavaleiros de seu tempo, Borges da Fonseca, ***Nobiliarquia Pernambucana,*** I, p. 126. Capitão de Infantaria do Terço de que era sargento-mor Antônio de Freitas da Silva, foi ferido na defesa da Bahia, em 1638, Brito Freire, ***op cit.***, p. 452. Mandou-o ao Recife o marquês de

---

*Nota da R.I.H.G.B.*

* *Francisco de Barros Falcão, filho de D. Maria de Barros e de seu marido Leão Falcão Deça à fl....*

Montalvão, para parlamentar com o conde de Nassau, já que os portugueses, com a aclamação de D. João IV, se tinham separado dos espanhóis. Nassau, honrando-o, escolheu-o para parceiro nas festas hípicas que em 1641 ali celebraram a restauração de Portugal. Conspirou em Pernambuco para levantar a capitania em 1645, foi dos primeiros senhores de engenho que se apresentaram no de Covas, acampamento inicial dos insurgentes. Com o sobrinho, Cristóvão Lins, forçou a rendição de Porto Calvo (17 de setembro de 1645). Coronel de Ordenanças (20 de dezembro de 1642; seguidamente mestre de campo do Terço de Auxiliares de Ipojuca, Cabo, Moribeca, Juiz Ordinário de Olinda em 1656.

3. LEÃO FALCÃO DE MELO. Enviamos o leitor à ***Nobiliarquia Pernambucana***, de Borges da Fonseca, I, p. 127, que desdobra a descendência de Pedro Marinho Falcão. Leão Falcão de Melo é o 3.º filho. Primogênito: Pedro Marinho Falcão; 2.º, João Falcão de Melo, sargento-mor, 1675, vereador da Câmara de Olinda, 1682, Provedor da Misericórdia, 1695, juiz ordinário, 1703.

4. LEANDRO PACHECO FALCÃO. Morador em Porto Calvo, "serviu com muita honra na guerra da Restauração", B. da Fonseca, ***ibid.***, I, p. 128, capitão de cavalos da freguesia de Santo Amaro, Pernambuco, 1662. Manuel Gomes de Melo, sogro dos irmãos, Pedro e Leandro, era senhor do engenho do Trapiche do Cabo. Sobre este, ***Nobiliarquia Pernambucana,*** I, p. 210.

## *ALMEIDA E BOTELHO*

N. 3. D. Brites Lins de Vasconcelos, filha de Cristóvão Lins e de sua mulher Adriana de Holanda, à fl...., foi casada com Baltazar de Almeida Botelho, Fidalgo da Casa Real e cavaleiro da Ordem de Cristo, e deste e sua mulher D. Brites Lins de Vasconcelos foi filha.*

1. D. Adriana de Almeida Lins, a qual casou com Manuel Gomes de Melo, que era filho de João Gomes de Melo e de sua mulher Ana de Holanda, filha de Arnao de Holanda e de sua mulher Brites de Vasconcelos e deste Manuel Gomes de Melo e de sua mulher D. Adriana de Almeida Lins foi filha:

2. D. Brites de Melo, que casou com Pedro Marinho Falcão, filha de Vasco Marinho Falcão e de sua mulher D. Inês Lins de Vasconcelos, e ali já fica a sua descendência, à fl.... retro, n. 1 e 5, e seguinte.

3. D. Maria de Melo, (1) que casou com João Batista Accioli ** irmão de Genóbio Accioli e filhos de D. Ana Cavalcanti e de seu marido, a qual D. Ana

*Notas da R.I.H.G.B.*

* *Beatriz Mendes, como vai nos breves das dispensas, à fl....*

** ***Deste foi segunda mulher e primeira de Leandro Pacheco Falcão, filho de Pedro Marinho Falcão, na fl. retro 2, n. 4.***



Cavalcanti era filha de João Gomes de Melo, o moço, à fl...., n. 9 e fl...., n. 3, e de sua mulher D. Margarida Cavalcanti, irmã de D. Genebra Cavalcanti, e filhas com outros mais de Filipe Cavalcanti, fidalgo florentino à fl...., n. 1.

D. Maria de Melo acima, de seu marido João Batista Accioli teve filha:

4. D. Margarida Accioli, que casou com seu primo legítimo Filipe de Moura Accioli, filho de Genóbio Accioli e de sua mulher D. Maria Pereira, filha de D. Alícia de Moura, e neta de D. Genebra Cavalcanti, casada esta com D. Filipe de Moura, à fl...., n. 8. *

1. D. MARIA DE MELO. Foi primeiro casada com Gaspar Van Der Ley, tronco da família Wanderley, (acertou Borges da Fonseca); em 1636, cf. Laet, ***Anais da Companhia das Índias Ocidentais***. Em 1646 tinha dois filhos, João e Gaspar. Martim Soares Moreno, carta de 6 de setembro desse ano: "o capitão de cavalos Gaspar ***Vanderley*** também obrou muito (na entrega da fortaleza de Pombal e adesão dos rendidos) e os demais casados com portuguesas... Este tal nos dizem que é pessoa qualificada na sua terra". Pouco antes havia sido promovido a tenente coronel, em substituição de Haus, aprisionado na Casa Forte, R. Garcia, nota a Varnhagen, ***Hist. Geral do Brasil***, III, p. 34. Filhos (informa-nos Borges da Fonseca, ***Revista do Instituto Arqueológico Pernambucano*** n. 65, p. 148 e segs.), 1. João Maurício Wanderley (nome ilustrado, dois séculos depois, pelo estadista, barão de Cotegipe); 2. Manuel Gomes Wanderley; 3. Adriana de Almeida Wanderley, casou com André de Barros Rego, filho de Arnao de Holanda Barreto, sucessão no título dos Regos, da ***Nobiliarquia Pernambucana*** (ensina Wanderley Pinho).

## *GOMES E MELOS*

N. 7. Ana de Holanda, (1) filha última de Arnao de Holanda e de sua mulher Brites Mendes de Vasconcelos, à fl.... n. 1. Foi casada com João Gomes de Melo e deste e a dita sua mulher foi filho:

1. Manuel Gomes de Melo, (2) o qual casou com D. Adriana de Almeida Lins, à fl.... n. 1, e aí a sua descendência.

2. D. Margarida de Melo, que casou, teve dez filhos, com Cristóvão Paes Barreto, Fidalgo da Casa Real e cavaleiro da Ordem de Cristo, e era irmão de João Paes Barreto. Faleceu este Cristóvão a 28 de agosto de 1645.

3. João Gomes de Melo, o moço, à fl.... n. 9.

N. 2. D. Margarida de Melo, esta acima, filha de João Gomes de Melo e de sua mulher Ana de Holanda, acima n. 7, casou com Cristóvão Paes Barreto, como fica acima n. 2, e teve filhos:

*Nota da R.I.H.G.B.*

* *Foram dispensados nos parentescos, como consta dos autos de 12 de julho de 1673 como se pode ver à fl....*

1. O capitão João Paes de Melo.

2. D. Margarida de Melo.

3. D. Micaela. — 4. Miguel Paes. — 5. D. Maria de Melo. — 6. D. Ana. — 7. D. Francisca. — 8. Luiz Paes. — 9. Gonçalo Paes. — 10. D. Catarina.

N. 3. João Gomes de Melo, o moço, filho de João Gomes de Melo e da sua mulher D. Ana de Holanda, foi casado com D. Margarida Cavalcanti, filha de Filipe Cavalcanti, fidalgo florentino, e de sua mulher D. Catarina de Albuquerque, a qual D. Margarida Cavalcanti, era já viúva de Cosme da Silva, quando casou segunda vez com este João Gomes de Melo, e teve dele filhos:

4. D. Ana Cavalcanti, que se segue.

N. 4. D. Ana Cavalcanti, esta aqui foi casada com F. Accioli da nobre família dos Acciolis de Florença, e teve filhos:

5. Genóbio Accioli, casado com D. Maria Silveira, à fl....

6. João Benedito Accioli, casado com D. Maria de Melo, filha de Manuel Gomes de Melo, à fl....

7. Gaspar Accioli, que casou com sua parenta D. Mariana Cavalcanti, filha de Antônio Cavalcanti, à fl....

---

1. ANA DE HOLANDA. Tinha engenho de açúcar, ***Denunciações de Pernambuco***, 1594, p. 145.

2. MANUEL GOMES DE MELO. Seu irmão Francisco Gomes de Melo, que morreu em Elvas, Portugal, em 1638, deixou-lhe 5 mil cruzados. Tinha casas na Porta do Sol. Instituiu herdeira universal a sobrinha, D. Francisca do Espírito Santo, ***Index das Notas de vários tabeliães de Lisboa***, III, p. 139, B. N., Lisboa, 1944. — "Francisco Gomes de Melo, que no de 1624 veio por comandante de um socorro de Cartuxos que veio de Lisboa a Pernambuco, escreve Brito, ***Livro*** 2.°, n. 171; depois Capitão-mor, Governador das Armadas da Capitania do Rio Grande do Norte e faleceu solteiro", Borges da Fonseca, ***Nobiliarquia Pernambucana***, I, p. 224.

## *ALBUQUERQUES MARANHÕES EM PERNAMBUCO*

Jerônimo de Albuquerque, cunhado de Duarte Coelho Pereira, primeiro donatário da capitania de Pernambuco, não foi casado: teve de D. Maria do Espírito Santo Arco-Verde, principal dos Tabajaras de Olinda, além de duas filhas naturais, que foram D. Catarina de Albuquerque que casou com Filipe Cavalcanti, fidalgo florentino, como fica várias vezes repetido, e D. Brites de Albuquerque casada com Sibaldo Lins, também Florentino, fidalgo, teve mais outro filho varão, que foi:

3. Jerônimo de Albuquerque, que segue.



N. 3. Jerônimo de Albuquerque, (1) filho bastardo de Jerônimo de Albuquerque, a quem chamavam o torto, e de D. Maria Arco-Verde. Foi o primeiro capitão-mor do Rio Grande para a qual conquista foi mandado de Pernambuco por ordem do rei Filipe I em Portugal, com Manuel Mascarenhas Homem, que partindo por mar com a gente da Bahia e Jerônimo de Albuquerque por terra com a de Pernambuco a tomar outra mais na Paraíba, quando da Paraíba partiu também por mar e chegou à barra do Rio-Grande a 18 de dezembro de 1597, já achou na terra a Manuel Mascarenhas Homem, (2) mas com pouco efeito naquela empresa. Com a chegada de Jerônimo de Albuquerque se continuou nela, fazendo logo na costa da barra uma fortaleza de madeira, e vencidos os índios da terra, meia légua de fortaleza pela terra a dentro se deu princípio à povoação e tomou logo Jerônimo de Albuquerque a posse de governo capitão-mor, e foi honrada a tal povoação cidade de Natal, porque pela festa do nascimento do Senhor se fez este ato, no ano de 1599, com paróquia, e igreja matriz, dedicada à Senhora com título da Apresentação. No ano de 1602, governava ainda a dita capitania Jerônimo de Albuquerque, como consta da data do engenho de Cunhaú situado nas terras então chamadas de Uruá, que doou a seus filhos Antônio e Matias. (3) Este Jerônimo de Albuquerque, foi também o conquistador do Maranhão, para onde embarcou com o socorro para isso no ano de 1614.

Foi casado com D. Catarina Pinheiro Feio, natural de Pernambuco, e filha de Antônio Pinheiro Feio, (4) natural do reino, o qual foi também ao Maranhão por feitor-mor da armada, enquanto seu genro, e de sua mulher Leonor Guardes, natural da Vargem em Pernambuco, onde viveram seus pais Francisco Carvalho de Andrade e Maria Tavares Guardes, senhores do engenho de São Paulo, que hoje está de fogo morto, dos quais também foram filhas D. Inês Guardes, mulher de João Paes Barreto, (5) instituidor do morgado do Cabo, e N. Guardes (6) mulher de Brás Barbalho, que foram avós maternos do mestre de campo Luiz Barbalho Bezerra. A 3 de novembro de 1615, restaurada a cidade de São-Luiz do Maranhão do poder dos Franceses, ali ficou por seu governador Jerônimo de Albuquerque até 11 de fevereiro, em que faleceu no ano de 1618.

Teve este Jerônimo de Albuquerque Maranhão, que assim se ficou chamando e seus sucessores por aquela conquista, de sua mulher D. Catarina Pinheiro Feio, os filhos seguintes:

4. Antônio de Albuquerque Maranhão, que se segue.

5. Matias de Albuquerque Maranhão, adiante.

N. 4. Antônio de Albuquerque Maranhão, (7) filho de Jerônimo de Albuquerque Maranhão e de sua mulher D. Catarina Pinheiro, foi fidalgo da casa de Sua Majestade, comendador de S. André de Ervedal na Ordem de Cristo; assistiu com seu pai à conquista do Maranhão, e por sua morte o deixou em seu

lugar por governador, cargo, que exerceu por 14 meses até abril do seguinte ano de 1619; e vindo-lhe sucessor do Maranhão, passou a Portugal, aonde, diz o autor dos Anais Históricos do Maranhão, * se atendeu bem a seu merecimento no pronto despacho da capitania-mor da Paraíba, com a mercê de sua comenda que foi a do Ervedal, como fica dito. No ano de 1631, era ainda governador da Paraíba, e continuou até o princípio do ano de 1635, em que, ocupada a cidade pelo holandês, se retirou para o cabo de S. Agostinho, aonde se achava Duarte de Albuquerque Coelho, senhor de Pernambuco, e dali passou Antônio de Albuquerque para Lisboa e foi também governador de Mazagão.

Em Lisboa, sendo, já de maioridade casou com D. Joana Luiza de Castelo Branco, filha bastarda de D. João de Castelo Branco com D. Catarina, natural de Andaluzia. ** Era D. João de Castelo Branco filho legítimo de D. Duarte de Castelo Branco, conde de Sabugal, o meirinho-mor do reino, e de sua mulher D. Catarina da Silva, filha de D. Bernardo Coutinho, alcaide-mor de Santarém. Depois de ter Antônio de Albuquerque de sua consorte D. Joana de Castelo Branco alguns partos, que se malograram, tendo logo depois de casado feito retirada para a quinta do Lavradio da outra parte do rio de Lisboa lhe nasceu sua filha D. Antônia Margarida de Albuquerque a 4 de agosto de 1652 em uma quinta-feira das 2 para às 3 horas da manhã. Faleceu Antônio de Albuquerque pelos anos de 1667, com opinião de virtude, pois como tal se notou crescer a cêra que serviu no seu enterro. No de 1670 a 23 de setembro casou sua filha D. Antônia Margarida de Albuquerque com Brás Teles de Meneses, senhor da vila das Enguias e Lamarosa, filho de Fernando Teles de Faro, comendador da Ordem de Cristo, de Santa Maria da Campanha, da comenda de S. Romão de Mouriz e de S. Damião de Azere, e Santa Maria de Niza; o qual sucedeu na casa de sua mãe D. Mariana de Noronha, filha herdeira de Cristóvão Soares Lasso, comendador de S. Damião de Azere, e de S. Pedro de Meolim na Ordem de Cristo, secretário de Estado, que foi dos reis Filipe III, e filho de Castela. Do matrimônio de D. Antônia Margarida de Albuquerque ficou filho único Brás Manuel Teles, que lhe nasceu em 1.º de setembro de 1672, e da sucessão deste trata o autor da ***Casa Real de Portugal*** tomo IX, livro 8.º, cap. IV, p. 636; sendo ainda vivo Brás Teles se recolheu sua mulher D. Antônia Margarida de Albuquerque ao mosteiro de Santos em 22 de junho de 1675, enquanto se litigava o seu divórcio, e dali passou em 21 de março de 1679 para o real mosteiro da Madre de Deus de Xábregas, aonde professou na dominga quarta da quaresma do ano de 1680, a 31 de março, quando contava os 28 anos de

*Notas da R.I.H.G.B.*

* *Berredo, Anais Históricos, ns. 471 e 472.*

** *Teatro Genealógico. Árvore 223.*



idade, tomando o nome de soror Clara do Sacramento. Faleceu com fama pública de santidade em uma sexta-feira 15 de janeiro de 1717, à uma hora depois do meio dia. A sua vida saiu impressa no ano de 1755 na 3.ª parte das crônicas da província dos Algarves dos religiosos observantes, livro XVI cap. I, p. 409. Brás Teles marido da sobredita D. Antônia Margarida de Albuquerque, depois de três anos de profissão desta sua consorte; passados em uma vida licenciosa e miserável, convertido a Deus por merecimento da sua dita consorte, convertido também a Deus, entrou noviço em dia da apresentação da Senhora do ano de 1683 no convento de S. Eloi dos sacerdotes da 3.ª ordem seráfica, e com uma vida em tudo mudada, sobrevindo-lhe uma febre apoplética, confessado antes, sacramentado e professo, faleceu com um mês e quatro dias de noviço a 25 de dezembro, dia do natal do Senhor, quando se cantavam as laudes das matinas, contando de idade 37 anos no de 1683.

De Antônio de Albuquerque Maranhão, acima, e de sua mulher D. Joana Luiza de Castelo Branco foi também filho, e irmão de D. Antônia Margarida e Afonso de Albuquerque Maranhão, (8) que faleceu no ano de 1671 na altura de Pernambuco, vindo de Lisboa em companhia de Afonso Furtado de Mendonça, Visconde de Barbacena, que vinha por governador geral do Estado do Brasil para a Bahia, foi lançado ao mar em um caixão, e as águas o trouxeram às praias dos Meirepes entre o cabo de Santo-Agostinho e o Recife, e D. Francisco de Souza o fez sepultar em sua capela, que tinha naquele lugar e terras suas, entendendo ser cadáver de pessoa de distinção.

5. Matias de Albuquerque Maranhão.

N. 5. — Matias de Albuquerque Maranhão, (9) filho 2.º de Jerônimo de Albuquerque Maranhão, e de sua mulher D. Catarina Pinheiro, foi fidalgo da casa real, comendador de S. Vicente da Figueira na Ordem de Cristo. Também se achou com seu pai e irmão na conquista dos Franceses na ilha de São-Luiz, e concluída ela passou ao Pará com seu primo Jerônimo Fragoso de Albuquerque, que foi por governador daquela cidade desde os últimos de abril de 1618 até o seguinte ano de 1619, em que, falecendo também Jerônimo Fragoso, em seu lugar entrou Matias de Albuquerque com patente que para isso tinha no princípio de setembro do referido ano de 1619; * mas governou somente vinte dias, por julgarem por nula a sua provisão e elegeram em seu lugar a um Custódio Valente, dando-lhe por adjunto a Fr. Antônio da Merciana, (10) capucho de Portugal, e superior da missão, que tinham esses religiosos no Pará. No ano de 1630 veio Matias de Albuquerque Maranhão, mandado por seu irmão Antônio de Albuquerque Maranhão, governador da

*Nota da R.I.H.G.B.*

* *Ann. gistor. n. 480.*

Paraíba, com alguma gente de socorro daquela capitania e de Pernambuco contra os Holandeses, e assistiu na estância de S. Amaro de Olinda, como diz Castrioto, e Duarte de Albuquerque Coelho nas suas Memórias Diárias daquela guerra. De Pernambuco passou Matias de Albuquerque a Lisboa com seu irmão Antônio de Albuquerque Maranhão, e de lá passou para o Rio de Janeiro, onde casou com D. Isabel da Câmara, filha legítima de Pedro Gago da Câmara e de sua mulher D. Isabel de Oliveira, da ilha de São-Miguel, fidalgos. Pelos anos de 1657, como consta da sua carta, que se acha no livro da câmara da cidade da Paraíba, assinada pela mão da rainha D. Luiza, mulher del-rei D. João o IV, então regente do reino, feita a 29 de dezembro do ano de 1656, pela qual ordenava a dita senhora a João Fernandes Vieira, governador da Paraíba, que para efeito de passar para a Angola o dito João Fernandes Vieira, por seu governador, não se achando ainda na Paraíba Matias de Albuquerque Maranhão, vindo do Rio de Janeiro, diz a mesma carta, e será nomeado para governador da Paraíba e suceder ao dito João Fernandes Vieira, que este entregasse o governo ao mestre de campo Antônio Dias Cardoso, (11) como se fez, e esse o entregou depois a Matias de Albuquerque Maranhão, que dele tomou posse a 17 de outubro de 1657, e a sua patente foi passada em Lisboa a 21 de agosto de 1656, como se acha no livro da câmara da Paraíba, à fl.... Não consta os anos do governo que teve na Paraíba Matias de Albuquerque Maranhão, mas acha-se, que já no de 1663 era governador ali João de Rego Barros. (12)

Retirado da Paraíba Matias de Albuquerque Maranhão, foi viver a Cunhaú, engenho seu, hoje freguesia de Joaninha (Goianinha), termo do Rio-Grande, onde faleceu. De Matias de Albuquerque Maranhão e sua mulher D. Isabel da Câmara foram filhos:

6. Antônio de Albuquerque Maranhão, (13) que foi mestre de campo em Pernambuco e faleceu solteiro.

7. Lopo de Albuquerque Maranhão da Câmara, casado na Bahia.

8. Afonso de Albuquerque Maranhão, que ficou senhor do engenho de Cunhaú.

9. D. Catarina Simoa de Albuquerque, que casou com Luiz de Souza Furna, proprietário dos ofícios de juiz de órfãos e de escrivão da câmara da cidade da Paraíba, filho de Antônio Fernandes Furna, cavaleiro da Ordem de S. Bento de Avís, e capitão-mor do Rio-Grande, o qual era natural da ilha da Madeira, e de sua mulher D. Brites de Souza Abreu, irmã de Aleixo de Souza, o velho, progenitor dos Borbas da Tracunhaen, ambos naturais de Olinda, e filhos de Paulo de Souza, proprietário de um ofício de tabelião da mesma cidade, e de sua mulher Catarina Luiz, naturais da cidade do Porto; destes acima D. Catarina Simoa e seu marido há sucessão.



10. D. Joana da Câmara Albuquerque, que foi primeira mulher de João de Nobalhas Urrea, (14) senhor do engenho de Sibiró e de outros engenhos; filho de Manuel de Nobalhas Urrea, nobre Espanhol, e de sua mulher D. Ana Soares, sem sucessão.

11. D. Bárbara da Câmara de Albuquerque, que casou com Salvador Quaresma Dourado, proprietário do ofício de provedor da fazenda real da Paraíba, filho de Luiz Quaresma, (15) natural de Santarém, proprietário do mesmo ofício, e de sua mulher D. Maria Dourado de Bulhões, irmã do desembargador Feliciano Dourado, que foi enviado à França, e do conselho ultramarino, e dessa D. Bárbara e seu marido a sucessão.

12. D. Mariana da Câmara Albuquerque, que foi segunda mulher de Afonso de Albuquerque de Melo, (16) Fidalgo da Casa Real, filho de José de Sá e Albuquerque, (17) Fidalgo Cavaleiro da Casa Real e da Ordem de Cristo, e de sua mulher D. Catarina de Albuquerque, sem sucessão.

13. D. Apolônia da Câmara Albuquerque, que foi casar ao Rio de Janeiro com seu primo André Gago da Câmara, filho de Lopo Gago da Câmara, (18) e de sua mulher D. Úrsula da Silveira, e depois de viúva casou segunda vez com Manuel Pimenta Melo, mestre de campo de auxiliares na mesma cidade e de nenhum destes deixou sucessão.

Jerônimo, Pedro e D. Ana Maria, que faleceram sem estado, exceto Jerônimo, que foi padre da Companhia.

N. 6. Lopo de Albuquerque da Câmara, (19) filho de Matias de Albuquerque Maranhão, n. 5, e de sua mulher D. Isabel da Câmara; estando assistente na Paraíba casou na Bahia por procuração, como consta do termo seguinte, tirado dos livros da freguesia de S. Pedro: Aos 2 de fevereiro de 1686, com minha licença recebeu o Reverendo Padre Manuel Coelho Gato (20) a Lopo de Albuquerque da Câmara (em sua ausência foi procurador Pedro Fernandes Aranha), (21) filho de Matias de Albuquerque Maranhão e de sua mulher D. Isabel da Câmara, morador na cidade da Paraíba, com D. Francisca Clara de Sande, filha do mestre de campo Nicolau Aranha Pacheco, * já defunto, e de D. Francisca de Sande sua mulher. Foram testemunhas o padre Antônio Cavalcanti, D. Ana mulher do capitão Domingos Martins Pereira e D. Francisca de Sande. O vigário de S. Pedro *João Gomes da Silva*.

O mestre de campo Nicolau Aranha Pacheco (22) era natural dos Arcos de Val-de-Vez, freguesia de S. Vicente de Gulha, e D. Francisca de Sande, (23) sua mulher era natural da Bahia, filha de Francisco Fernandes ** (24) senhor

---

*Notas da R.I.H.G.B.*

* *Faleceu a 29 de outubro de 1670 e sepultou-se em S. Francisco.*

** *Casado com D. Clara de Sande, que faleceu a 2 de dezembro de 1640 e sepultou-se em S. Francisco.*

da Ilha de Maré, e benfeitor da Misericórdia, e morava junto a S. Bento, filho de Antônio Fernandes, (25) senhor da mesma Ilha de Maré. D. Francisca de Sande, mulher do mestre de campo Nicolau Aranha Pacheco, faleceu a 21 de abril de 1702 e foi sepultada na igreja da Piedade dos Capuchinhos. No tempo dos males, chamados da bicha, recebeu em sua casa, como em hospital, muitos enfermos pobres, a quem curava, e assistia com esmolas. Tudo consta dos livros dos óbitos da dita freguesia de S. Pedro, bairro de S. Bento. De Lopo de Albuquerque e de D. Francisca Clara de Sande sua mulher foram filhos: *

N. 4. Nicolau Aranha Pacheco, (26) que casou com D. Madalena Clara Maria, filha legítima do capitão João Pereira do Lago, (27) e de sua mulher D. Bernarda de Siqueira da Silva, de quem teve um filho chamado Pedro de Albuquerque da Câmara, (28) Fidalgo da Casa Real, que vive casado com D. Catarina Francisca Correia Vasqueanes, ou de Aragão, viúva do mestre de campo Francisco Dias de Ávila, da casa da Torre, pai do que ao presente vive Garcia de Ávila Pereira, dos quais Pedro de Albuquerque e D. Catarina não há filhos.

N. 5. Matias de Albuquerque da Câmara, que foi cônego na Bahia, e se retirou para o Rio de Janeiro a herdar a sua tia D. Apolônia da Câmara Albuquerque, irmã de seu pai Lopo de Albuquerque Maranhão, a qual, como fica dito no n. 13, casou ali com seu primo André Gago da Câmara.

N. 6. Francisco de Albuquerque da Câmara, (29) que casou com D. Maria Tereza, de quem teve uma só filha, antes de casar, por nome Maria Madalena, que vive religiosa no convento do Desterro da Bahia. Faleceu este Francisco de Albuquerque da Câmara, domingo 21 de julho de 1763, e foi sepultado no outro dia no convento de S. Francisco da Bahia.

Francisco Pereira do Lago, (30) coronel, e bisavô materno de Pedro de Albuquerque da Câmara, porque era pai de João Pereira do Lago, de quem era filha D. Madalena Clara Maia, mulher de Nicolau Aranha Pacheco, n. 14, foi casado duas vezes, a primeira com D. Andresa de Araújo, da qual teve duas filhas, a primeira D. Madalena e a segunda D. Francisca, as quais casaram uma com tio, e outra com sobrinho Teotônio Soares de Brito, (31) e deste é que existe sucessão no morgado.

De sua segunda mulher, que foi D. Joana, dela teve o coronel Francisco Pereira do Lago três filhos, Francisco Pereira, que foi religioso do Carmo, na Bahia, e Jorge Pereira, e o terceiro foi o capitão João Prereira do Lago, que foi casado com D. Bernarda Siqueira da Silva, e destes, além da filha D. Madalena

---

*Nota da R.I.H.G.B.*

* *Francisco Fernandes da ilha de Maré era cavaleiro da Ordem de Santiago.*



Clara Maria, que casou com Nicolau Aranha Pacheco de Albuquerque, acima n. 14, teve mais filhos Francisco Pereira do Lago, que casou, e teve sucessão, e Caetano Pereira do Lago, (32) que faleceu solteiro, e D. Francisca Xavier Pereira, solteira.

---

1. JERÔNIMO DE ALBUQUERQUE MARANHÃO. O conquistador do Maranhão (falecido a 11 de fevereiro de 1618) deixou o governo da capitania ao filho, de 22 anos, Antônio, ferido no combate de Guaxinduba. Deviam assessorá-lo Diogo da Costa Machado e Bento Maciel Parente, Capistrano, nota a Fr. Vicente, ***op. cit.***, pp. 446-7.
   — Também filho de Jerônimo de Albuquerque (I), "irmão do conquistador do Maranhão e moço fidalgo" Varnhagen, ***op. cit.***, II, p. 145, foi Afonso de Albuquerque, capitão do Rio de Janeiro, provisão de 12 de fevereiro de 1605. Vencia tença de 40$, ***Livro que dá Razão do Estado do Brasil***, 1612. Ficou-lhe um filho, nascido em Serinhaen, Pedro de Albuquerque, comandante do reduto do Rio Formoso na guerra holandesa (1633). Foi feito governador do Maranhão e Pará, carta-patente de 4 de setembro de 1642; estando no Reino, naufragou na altura de Colares, Pará, perdendo muitos companheiros, entre eles onze jesuítas. Empossou-se no governo a 13 de julho de 1643, faleceu a 6 de fevereiro do ano seguinte.
   — Outro irmão de Jerônimo: cf. Horácio de Almeida, ***História da Paraíba***, I, p. 106, Editora Universitária, 1978, governou a Paraíba de 1591 a 1592, e de 1603 a 1605. Foi André de Albuquerque. Seu sobrinho Matias de Albuquerque Maranhão governou-a de 1657 a 1663.

2. MANUEL MASCARENHAS HOMEM. "Capitão-mor em Pernambuco", foi em 1597 incumbido de levantar a fortaleza do Rio Grande (do Norte), Fr. Vicente do Salvador, ***op. cit.***, p. 359, o que fez, indo com uma expedição que partiu da Paraíba, por terra, enquanto por mar avançou outra, do capitão-mor Francisco do Rego Barros. Veja-se Luis da Câmara Cascudo, ***História da Cidade de Natal***, p. 17 e seguintes (e aí a competente bibliografia).

3. CASA DE CUNHAÚ. Fundada por Jerônimo de Albuquerque Maranhão, herdou-lha Matias de Albuquerque Maranhão, seu filho, e em sucessão deste, Afonso de Albuquerque Maranhão. Permanceu na família até a morte do brigadeiro André Arcoverde de Albuquerque Maranhão, em 1857, João d'Albuquerque Maranhão. ***História da Casa de Cunhaú,*** pp. 70-1, Recife, 1956.
   Para a fundação de Natal, A. Tavares de Lira, ***Notas Históricas Sobre o Rio Grande do Norte***, p. 102 e segs., Rio, 1918; Luiz da Camâra Cascudo, ***História da Cidade de Natal***, p. 18 e segs., Ed. da Prefeitura, 1947.
   Testemunhando, em 1688, em Processo de Familiar do Santo Ofício (T.T., ***Rafael***, m. 1, n. 5), contou Zenóbio Accioli de Vasconcelos que no tempo da guerra ao holandês vivia Luiz Barbalho "no Cunhaú pegado ao Rio Grande, 40 léguas de Pernambuco".

4. ANTÔNIO PINHEIRO FEIO. Português, feitor-mor da armada que levou o genro, Jerônimo de Albuquerque e os netos, Antônio e Matias de Albuquerque, ao Maranhão, em 1614, veja-se Pereira da Çosta. ***Dicionário Biográfico***, cit., p. 46.

5. JOÃO PAES BARRETO. Senhor dos engenhos no Cabo de Santo Agostinho ao tempo da segunda invasão holandesa, era "um dos mais ricos proprietários do Brasil", Fr. Jaboatão, ***Novo Orbe Seráfico,*** I, p. 162, Varnhagen, ***op. cit.***, II, p. 321. O pai, João Paes, de Viana (Fr. Vicente do Salvador, ***op. cit.***, p. 198) fora capitão dos vianenses na conquista do Cabo, promovida por Duarte de Albuquerque Coelho. Chegou a montar oito engenhos, ***ibid.***, p. 20. Em 1583, quando Martim Leitão foi à Paraíba, o "capitão do Cabo de Santo Agostinho" João Paes comandou a retaguarda da expedição, mantida à sua custa. Acorreu depois, com 300 homens, à baía da Tradição. Faleceu no dia da Santíssima Trindade de 1617, ***Agiológio Lusitano***, III, 21 de maio; Duarte de Albuquerque, ***op. cit.***, p. 203. — Uma das filhas de João Paes Barreto, Catarina, casou com D. Luiz de Souza, filho e sucessor de D. Francisco de Souza, como ficou dito.

6. N. GUARDES. Maria, segundo Macedo Leme, nas ***Memórias***, que preferimos chamar ***Genealogia*** (ms. B.N., fl. 110 verso).

7. ANTÔNIO DE ALBUQUERQUE MARANHÃO. Foi ferido no combate de Guaxenduba (Fr. Vicente do Salvador, ***História do Brasil***, 3.ª ed., p. 472). Governou alguns meses o Maranhão, e na guerra holandesa, o invicto governador da Paraíba, provido a 9 de agosto de 1622, empossou-se em 1628, Melo, ***Biografias***, III, p. 125-6, e por doze anos esteve à frente da capitania. Além de Melo, biografaram-no Pereira da Costa e João d'Albuquerque Maranhão, à cuja ***História da Casa de Cunhaú*** nos reportamos, pp. 58-69.

8. AFONSO DE ALBUQUERQUE (MARANHÃO). A escritura de 24 de março de 1682 (***Index das notas de vários tabeliães de Lisboa***, B. N., II, p. 133, Lisboa, 1937) desmente o linhagista. Naquele dia, 11 anos depois do naufrágio de Afonso Furtado de Mendonça, filho do governador geral, — "Afonso de Albuquerque fidalgo e com.°r na Ordem de Xp.t° e D. Juliana Antônia de Sotom.°r sua mulher e D. Joana Luiza de Castelo Branco sua mãe dele, viúva de Ant.° de Albuquerque já defunto", deram consignação e procuração a Agostinho Velho Ferreira, mercador, "a quem consignam a casa dos bicos da Ribeira para se pagar do dinheiro que lhe empresta, e dívidas da fazenda que lhe toma por estar de caminho para a Bahia". Era portanto dono, em Lisboa, da famosa "casa dos bicos" (fachada recoberta de lajedos cortados como diamantes), que ainda se conserva, com a fama de ter sido dos Albuquerques.

9. MATIAS DE ALBUQUERQUE MARANHÃO. Deixou a conquista do Maranhão em conseqüência do levante dos índios, provocado por sua imprudência, segundo Bento Maciel Parente, cf. Barão de Studart, e Capistrano de Abreu, nota a Fr. Vicente, ***ibid.***, p. 430. Pelejou com os holandeses em 1631, após a vitória destes passou à metrópole, viveu muitos anos no Rio de Janeiro, onde teve engenho de açúcar, 1643-1656, concorreu com 400 cruzados para a expedição à Angola de Salvador de Sá, e ainda governou a Paraíba, de 1657 a 1663. Morreu em 1685 na sua Casa de Cunhaú, João d'Albuquerque Maranhão, ***op. cit.***, p. 56.
No ***Nobiliário Colonial*** informa Carvalho Franco: recebeu mercê da Comenda de S. Vicente da Figueira, da Ordem de Cristo, em 1649, pelos serviços prestados no Rio de Janeiro, p. 102.



10. FR. ANTÔNIO DE MERCIANA. Comissário no Maranhão, 1617, e no Pará, 1624, fundou as missões franciscanas no Amazonas, Fr. Vicente do Salvador, ***ibid.***, p. 430.

11. ANTÔNIO DIAS CARDOSO. Valoroso chefe militar na guerra aos holandeses a partir de 1645 (enviado pelo governador geral para estabelecer contato com os senhores de engenho que tramavam a insurreição) — chegou a mestre de campo, encarregado a 2 de novembro de 1658 de, juntamente com D. João de Souza, substituir no governo de Pernambuco a André Vidal de Negreiros, Arq. Públ. da Bahia, ***Registros de Patentes de 1657 a 1678***, fl. 18. André Vidal, submetendo-se ao governador geral, continuou no governo (até 1661). Antônio Dias Cardoso ocupou interinamente o da Paraíba (1657).

12. JOÃO DO REGO BARROS. Alegando que servira no exército de Pernambuco, e fora mandado para a Bahia, onde assentara praça na companhia de Bernardo Vieira Ravasco — pediu (e obteve, 19 de maio de 1651) o regresso àquela capitania, "por haver (nela) tomado estado", e convir "retirar sua casa e família para a cidade". Perdera "todas as suas fazendas" (Arq. Públ. da Bahia, ***Alvarás de 1630 a 1676***, fl. 65). Foi capitão-mor da Paraíba, como diz Fr. Jaboatão (citado por R. Garcia, apêndice à ***História Geral***, de Vernhagen, V, p. 325, em lista que podemos corrigir, de acordo com o ***Livro de Cartas Régias***, da Torre do Tombo. Como interessa à história da Paraíba, apresentamos a emenda. Capitães-mores (depois de João do Rego Barros): 19. Inácio Coelho da Silva (não n. 20), nomeação de 7 de fevereiro de 1670, L. 35, 46. 20. Manuel Pereira de Carvalho, 23 de setembro de 1673, L. 37 158, verso. 21. João Ribeiro (não mencionado), 9 de maio de 1675, L. 46, 355. 22. João Furtado de Mendonça, 13 de outubro de 1676, L. 31, 372. 22. Luiz Nunes de Carvalho, 15 de fevereiro de 1677, L. 26, 159. 23. Manuel Pereira de Lacerda, 1678, L. 37, 158 verso.

13. ANTÔNIO DE ALBUQUERQUE MARANHÃO. Filho natural de Matias de Albuquerque Maranhão, nascido em Pernambuco, entrou na Ordem de Cristo em 1640, ***T.T.***, m. 47, n. 15.

14. JOÃO DE NOVALHAS. O pai, Manuel de Novalhas, senhor de engenho em Pernambuco, foi um dos retirantes de 1635, Fr. Jaboatão, ***Novo Orbe Seráfico***, v. I, parte 2.ª, p. 163. Tiraram-lhe os flamengos o engenho e as bagagens, Albuquerque ***Memórias***, p. 202 — João de Nabalhas y Hurrea. Os seus serviços constam de patente passada pelo governador André Vidal de Negreiros: "nas ocasiões de peleja, sobretudo na de Taparica, quando o general Segismundo foi àquela cidade e também na em que o Blarde (Lichardt) foi ali a queimar os engenhos do Recôncavo, na recuperação de Pernambuco e no socorro contra os negros dos Palmares que desbaratou com os seus homens, fazendo o mesmo em 669 e 670", ms. ***Arq. Hist. Ultramariano***, Serviços de partes, cxa. 1. Alegando querer ser dos povoadores do Rio Grande do Norte, lá teve sesmaria a 6 de novembro de 1664. Prometia levar muito gado, ***Doc. Hist.***, v. 21, p. 461, ***Publicação do Arquivo Nacional***, XXVII, p. 22.

15. LUIZ QUARESMA. Capitão, provedor da Fazenda Real e juiz ordinário na Paraíba, motivou carta régia reconhecendo-lhe a imunidade, desrespeitada pelo capitão-mor, 3 de julho de 1664, ***Doc. Hist.***, VII, pp. 171-2.

16. AFONSO DE ALBUQUERQUE DE MELO. Serviu "nas guerras deste Estado desde o princípio da primeira em Pernambuco, havendo-se nas principais ocasiões que se ofereceram assim de sítios desta praça como de jornadas que se fizeram àquelas campanhas, e exércitos que nela andaram, procedendo sempre com satisfação, e por não haver prêmio algum destes serviços continuados efetivamente por espaço de dezoito anos, e estar só ocupado no posto de capitão de uma das companhias do mestre de campo João Fernandes Vieira no exército de Pernambuco". Teve licença do governador geral para ir tratar em Portugal "de seus requerimentos além de outros negócios de grande importância", 1.º de julho de 1650, Arq. Públ. da Bahia, ***Alvarás de 1630 a 1676***, fl. 45.

17. JOSÉ DE SÁ DE ALBUQUERQUE. Da Ordem de Cristo, pai do Pe. Pedro de Melo, cônego da Sé de Pernambuco, T.T., ***Habilitação da Ordem de Cristo***, F, m. 28, n. 5.

18. LOPO GAGO DA CÂMARA. Testemunhas ouvidas em 1718 no Rio de Janeiro, ***Processo de Habilitação à Ordem de Cristo*** de Nicolau Aranha Pacheco, T.T., letra N, m. 1, n. 16, disseram que os Gagos sempre foram tido por cristãos novos. Seu sogro, o "judeu Lacinha", veja-se nota a respeito de Lopo de Albuquerque da Câmara.

19. LOPO DE ALBUQUERQUE DA CÂMARA. Filho de Matias de Albuquerque Maranhão, natural de Pernambuco, e D. Isabel da Câmara, do Rio de Janeiro (***Processo de Habilitação*** à Ordem de Cristo do neto, Nicolau Aranha Pacheco, T.T., m. 1, n. 15) — "neta de Lopo Fernandes Carneiro, vulgarmente chamado o Lancinha o qual casou uma filha com Pedro Gago da Câmara", ou "o judeu Lancinha por sair com uma lancinha na mão nas quintas-feiras maiores da quaresma", de "geração dos Gagos sempre infamada de cristãos novos", ***ibid***., testemunhas no Rio de Janeiro, 1718. — Tinha fazenda no rio de São Francisco e barra do Panema, onde havia prata, ***Códice Sabugosa***, Biblioteca Nacional. "Eleito vereador na Bahia, foi dispensado, por que se acha hoje muito ocupado em meu serviço nos sertões da capitania de Pernambuco em o descobrimento de certas minas de prata", alvará de 30 de julho de 1692, ***Doc. Hist.***, v. 87, p. 18. Dois dias antes de chegar àquela fazenda, prosseguindo na procura das jazidas, talvez as de Belchior Dias, morreu picado de cobra. "Por serem seus filhos rapazes, veio de Pernambuco seu irmão Afonso de Albuquerque Maranhão e com os roteiros e amostras de prata se embarcou para Portugal a requerer as ordens e mercês que pretendeu. Não sei que desgosto teve na corte que se embarcou para a Bahia, e dela para Pernambuco sem que mais tratasse daquela diligência", Códice citado. Também nela fracassou o filho, Francisco de Albuquerque da Câmara, adiante. Veja-se outrossim Borges da Fonseca, ***Nobiliarquia Pernambucana,*** I, p. 44.

20. MANUEL COELHO GATO. Em 1662 era o Licenciado Manuel Coelho Gato incumbido de fornecer, à razão de pataca o alqueire, mil alqueires de farinha à "fortaleza do Sacramento que Sua Alteza manda reedificar no Rio da Prata", ***Doc. Hist.***, v. 32, p. 176.

21. PEDRO FERNANDES ARANHA. Fidalgo da Casa Real, filho de Nicolau Aranha Pacheco, esclarece adiante Fr. Jaboatão. Oficial da Câmara, em 1691, ***Atas da Câmara da Bahia***, VI, pp. 160-161. Servia de Juiz de Fora em 1709, ***Anais do Arq. Públ. da Bahia***, v. 31, p. 185. Irmão da Santa Casa, em 1684. Teve carta de confirmação, em 1722, das terras que possuia, anexas a seu engenho São Paulo, no Jaguaripe, ***Publicação do Arquivo Nacional***, XXVII, p. 149.



22. NICOLAU ARANHA PACHECO. "Avós paternos, João Fernandes Aranha e Brites d'Évora, naturais de Regalados a Arcos de Val-de-vez, com fama de cristãos novos por esta parte, não teve efeito a mercê de 19 de julho de 1644", ***Ementas de Habilitações do Santo Ofício, Torre do Tombo,*** Lisboa, p. 80. Os pais: João Aranha e Clara Fernandes Faria, ***Livro de Irmãos*** da Misericórdia da Bahia, ms., n. 1. Pedro João, seria o nome do pai, segundo testemunhas, em Arcos de Val-de-vez, no ***Processo de Habilitação à Ordem de Cristo*** do neto materno de Nicolau Aranha Pacheco, já citado, dado como cristão novo por pessoas a quem negara por esposa "uma filha chamada Leonor de Évora que é tradição, foi sumamente formosa". O fato é que andou Nicolau Aranha Pacheco no Reino a pedir despacho dos seus serviços, e "fazendo-lhe mercê da Ordem de Cristo lhe tiraram as suas provanças pelas quais não conseguiu tomar o dito hábito".

    Capitão de infantaria, destacou-se na defesa da Cidade atacada em abril e maio de 1638 pelas tropas de Maurício de Nassau, Duarte de Albuquerque, ***Memórias Diárias,*** p. 281. Recebeu por isso vantagem, provisão de 1.º de outubro de 1639, ***Doc. Hist.***, XII, p. 113. Mestre de campo, 20 de outubro de 1642, José de Mirales, ***História Militar do Brasil***, p. 40, agraciado no ano seguinte com o hábito de Cristo (que não chegou a vestir, como ficou dito) e 60$ de pensão, foi elevado a sargento-mor, 26 de janeiro de 1647, com ofício de justiça, ou outro, para quem casasse com uma de suas duas irmãs, em atenção a seus merecimentos, e do irmão João Aranha, Manuel Murias, nota à ***Relação Diária***, de Pedro Cadena, pp. 322-3. Substituiu o mestre de campo Martim Soares Moreno na campanha de Pernambuco, 22 de abril de 1648, Barão de Studart, ***Documentos para a História de Martim Soares Moreno***, Fortaleza, 1908. Incumbiu-o o governador Francisco Barreto de reprimir, com o seu Terço, a desobediência de André Vidal de Negreiros, e chegou a ser nomeado governador de Pernambuco em seu lugar, 11 de novembro de 1659, ***Anais do Arq. Públ. da Bahia***, XIII, p. 99. Na Bahia foi ministro da Ordem 3.ª de São Francisco, 1652 a 1659. Teve no vale do São Francisco sesmarias e currais. Morreu em 1664.

    ***D. Francisca de Sande***, sua mulher, fazendo da casa hospital de pestosos, é pioneira da enfermagem no Brasil. Filhos: Pedro Fernandes Aranha, Irmão da Misericórida, 1684, Francisco Correa de Sande, também Irmão da Misericórdia, 1684, falecido, solteiro, em 1697; Maria Francisca, mulher do capitão Francisco de Brito de Sampaio, adiante; Francisca Clara, mulher de Lopo de Albuquerque da Câmara, Clara Aranha, mulher do mestre de campo de Sergipe del-Rei, Cosme de Brito Cassão (veja-se nota a ***Francisco Gomes de Abreu e Lima***), outra Maria, mulher de Aires de Ornelas de Vasconcelos (1620-89), ***Nobiliário da Ilha da Madeira***, III, p. 426, administrador dos bens do filho Agostinho de Ornelas e Vasconcelos, requereu Aires ao Conselho Ultramarino, em 1665, licença para vender os da Bahia, constituindo morgado equivalente no Reino, (Arq. Hist. Ultr., ms., ***Consultas*** de 1652-1660). — Sua casa: leia-se João da Silva Campos, ***Tempo Antigo***, p. 92, Bahia, 1942.

23. D. FRANCISCA DE SANDE. Filha mais moça de Francisco Fernandes (da Ilha), levou de dote 30 mil cruzados (testamento do pai, ms., ***Livro do Tombo*** n. 1, da Misericórdia da Bahia). De sua filantropia dizem D. Antônio Caetano de Souza, ***História Genealógica da Casa Real,*** XII, p. 989, Rocha Pita, ***História da América Portuguesa***, ed. Jackson, que anotamos, p. 325, Fr. Jaboatão. — ***Inventário*** de seus bens, 1702, publicado por Waldemar Matos, ***Anais do Arq. Públ. da Bahia,*** v. 31, p. 397 e seguintes. Teve sesmarias em 1671 e em 1673, esta com os filhos, 2 e 8 léguas em Pernambuco e no Jaguaripe, ***Publicação do Arquivo Nacional,*** XXVII, p. 45.

24. FRANCISCO FERNANDES (DA ILHA). Isto é: da ilha de Maré. Negociante mais rico de seu tempo, prestou serviços de guerra em várias ocasiões, assim em 1638 (Informa a sua patente de capitão, 10 de janeiro de 1639): que na defesa das trincheiras de Santo Antônio matou alguns holandeses, ***Doc. Hist.***, v. 17, p. 147. Ministro da Ordem 3.ª de São Francisco em 1655, a Santa Casa guarda-lhe, desde 1664, o retrato em corpo inteiro, benfeitor e provedor (1656). Sua mulher, Clara de Sande, era filha de Sebastião de Castro e Catarina de Sande.

25. ANTÔNIO FERNANDES. Não confundir com o homônimo, foreiro de chãos junto ao guindaste novo, na Cidade baixa, que em 1632 mandou abrir duas ruas, Luiz Monteiro da Costa, ***Revista do Instituto Histórico da Bahia***, v. 88, p. 33, pois este (sem herdeiro necessário) constituiu herdeiro universal o mosteiro de São Bento. — Antônio Fernandes, morador na ilha de Maré, genro de Pedro Seabra, tinha por parte deste sesmaria, que vendeu a 8 de abril de 1587 ao bispo, para ser dada aos franciscanos, origem do seu convento.

26. NICOLAU ARANHA PACHECO, 2.º. Notícia do coronel Pedro Barbosa Leal, no citado ***Códice Sabugosa*** (1725): "os filhos de Lopo de Albuquerque da Câmara eram Nicolau Aranha Pacheco está doido..." Enloqueceu quando alferes do mestre de campo, Borges da Fonseca, ***ibid.***, I, p. 15. Irmão da Santa Casa da Bahia, 13 de abril de 1710. Sua mãe, Francisca Maria Xavier Aranha, ***Livro de Irmãos***, n. 3, fl. 325. Quis habilitar-se à Ordem de Cristo em 1718. Falta ao processo, que mencionamos, a sentença final. Faleceu, deixando um filho, na Vila de S. Francisco, em 29 de julho de 1738. ***L. de Óbitos*** do arq. da Cúria.

27. JOÃO PEREIRA DO LAGO. Com este nome, o capitão-mor das entradas do rio das Caravelas, 22 de janeiro de 1700, Arq. Públ. da Bahia, ***Registro de Patentes de 1697 a 1703***, fl. 122.

28. PEDRO DE ALBUQUERQUE DA CÂMARA. Filho legítimo de Nicolau Aranha Pacheco e D. Madalena Clara Pereira — requereu a entrada na Ordem de Cristo em 1755, T.T., ***Habil.***, m. 4, n. 4. Não há notícia do despacho final nesse processo. Casou com a viúva de Francisco Dias D'Ávila, o 3.º, cuja morte foi dada como crime de que seriam culpados ela e ele (nossa ***História da Casa da Torre***, 2.ª ed., p. 160, apesar de o cirurgião dizer que fora conseqüência de antigos achaques. A Relação da Bahia passou-lhe carta de seguro em 1753, e ei-lo, em 1756, vereador na cidade. Era perdulário, informa documento de 1757: por 15 moedas vendeu 15 léguas de terra.. Adiante tratamos dessa linhagem. Veja-se o que contamos daquele Francisco Dias d'Ávila. — Faleceu Pedro de Albuquerque da Câmara em



agosto de 1792, ***L. de Óbitos de S. Gonçalo de Cachoeira, 1710-1792,*** arq. da Cúria. Foi sepultado na capela-mor da matriz dessa freguesia, com o hábito de cavaleiro.

29. FRANCISCO DE ALBUQUERQUE DA CÂMARA. Escreveu (***Códice Sabugosa,*** ms. B. N.), Pedro Barbosa Leal: "o 3.º (filho de Lopo da Câmara) Francisco de Albuquerque que assiste nas mesmas fazendas, achando-se com vontade de prosseguir aquele descobrimento de seu pai, tendo um criolo seu escravo que havia acompanhado o pai e sabia a serra e o buraco da prata, pretendeu que o criolo lhe fosse mostrar. Duvidou o negro fazê-lo sem que ele lhe desse a promessa de o libertar. Apaixonou-se Francisco de Albuquerque e inconsideradamente lhe atirou a espingarda e o matou, ficando sem aquele escravo e sem guia para aquela empresa, cujo sucesso foi haverá quatro anos"; portanto, em 1721.
Outro filho de Lopo, Matias de Albuquerque da Câmara, estudou Institutas em Coimbra, em 1710, ***Brasília***, IV, p. 82.

30. FRANCISCO PEREIRA DA SILVA. Superintendente dos galeões da armada do conde da Torre, "a cujo provimento acudiu com desvelo", certidão dos serviços que lhe herdou o filho, João, encarregado de "tomar conta dos mantimentos e munições que levaram os mestres dos navios em que passou ao Brasil o marquês de Montalvão, no sítio que o general Segismundo pôs à Bahia passar peças de artilharia à ilha de Itaparica assegurando-as por sua fazenda caso se perdessem e apanhando depois duas barca de artilharia de maior alcance pelejara com os barcos na Bahia servindo de coronel da gente do recôncavo", indo em 1648 buscar mantimentos por sua conta para socorrer a infantaria do rio de São Francisco" (T.T., Processo de Habilitação da Ordem de Cristo) — a sua primeira patente na Bahia é de capitão do forte de São Bartolomeu, 26 de outubro de 1639. Oferecia-se para levantar 40 soldados de infantaria, espanhóis, ***Doc. Hist.,*** XII, p. 124. O governador Antônio Teles investiu-o, 8 de dezembro de 1642, no posto de tenente general de artilharia, J. de Miralles, ***História Militar do Brasil***, p. 41. Era homem rico. Arrendara o contrato dos dízimos, de 1.º de agosto de 1636 a 11 de junho de 1637, por 20 contos de réis, obrigação que cumpriu, ***Doc. Hist.***, XVII, p. 136.
Fundou em 1641 na cidade baixa o morgado de Santa Bárbara, ***Terrenos de Marinha***, livro organizado por Manuel Madruga, II, Rio, 1928, Melo Moraes, ***Crônica Geral e Minunciosa do Império do Brasil***, p. 47, Rio, 1870, Afonso Costa, Revista do Instituto Genealógico da Bahia, n. 7, p. 14 e seguintes. E com a mulher, D. Andresa de Araújo, fez construir (1641) a capela de Santa Bárbara, Monsenhor Manuel Barbosa, ***Efemérides da Freguesia de N.S. da Conceição da Praia,*** p. 19, Bahia, 1970.

31. TEOTÔNIO SOARES DE BRITO. Com onze anos de serviço, quatro nas fronteiras de Entre Douro e Minho e sete no Brasil, quando subiu a capitão, na Bahia, 29 de julho de 1664, ***Doc. Hist.***, v. 21, p. 406.

32. CAETANO PEREIRA DO LAGO. Tenente da companhia de cavalos do capitão Francisco Pereira do Lago, 4 de abril de 1703, Arq. Públ. da Bahia, ***Patentes de 1696 a 1703,*** fl. 424.

## *PEREIRAS DO LAGO*

Francisco Pereira do Lago, veio de Portugal, foi coronel e fundou na Bahia a capela de Santa Bárbara, na praia desta cidade, aonde chamam o cais de Santa-Bárbara, e nela instituiu um morgado para seus descendentes. Casou com Andresa de Araújo, filha do capitão-mor Domingos Aranha Pestana, natural de Ponte de Lima, e de sua mulher Francisca Dias teve filhos:

1. D. Francisca Pereira, que se segue.
2. D. Madalena Pereira, ao depois.

Segunda vez casou com Joana de Sá, filha de João de Freitas, (1) tabelião proprietário nesta cidade, e de sua mulher Maria de Aguiar, * filha esta de Matias de Aguiar e de Marcelina de Sá, sua mulher, e teve filhos:

3. Fr. Francisco Pereira, carmelita calçado na Bahia.
4. João Pereira do Lago, que se segue.
5. Jorge Pereira do Lago, adiante.

N. 1. D. Francisca Pereira, última filha do coronel Francisco Pereira do Lago e de sua primeira mulher Andresa de Azevedo, foi segunda mulher do capitão Damião de Lençóes de Andrade, (2) natural da vila de Valença do Minho, filho de Ambrósio de Abreu, de Suniga, e de sua mulher Ana Veloza de Barcelar, e não teve filhos.

N. 2. D. Madalena Pereira de Araújo, filha 2.ª do coronel Francisco Pereira do Lago e de sua mulher D. Andresa de Araújo, casou com o capitão Teotônio Soares de Brito, ** (3) natural de Valença do Minho, Fidalgo da Casa Real, e cavaleiro professo na Ordem de Cristo, filho de Diogo Álvares de Brito e de sua mulher Luzia de Souza de Araújo, e teve filhos:

6. José Soares de Brito, que se segue.
7. D. Luzia. ***

N. 6. José Soares de Brito, filho de Madalena Pereira de Araújo e de seu marido o capitão-mor Teotônio Soares de Brito, foi Fidalgo da Casa Real, e casou em Braga com D. Inês Madalena Lobo Maldonado, (4) filha de João Maldonado Azevedo e de sua mulher D. Brites de Gama Lobo, teve filhos:

8. D. Madalena Pereira do Lago.
9. Manuel José Soares de Brito, (5) Fidalgo da Casa Real, e professo na Ordem de Cristo.
10. Francisco Xavier Maldonado, Fidalgo da Casa Real.

---

*Notas da R.I.H.G.B.*

* *Casaram na Sé ao 1.º de maio de 1644.*

** *Casaram na Sé a 24 de junho de 1657. Na sucessão desta é que existem os senhores do morgado da Praia.*

*** ***Batizada na Sé a 6 de julho de 1665.***



N. 2. João Pereira do Lago, (6) filho do coronel Francisco Pereira do Lago e de Joana de Sá, sua segunda mulher, foi capitão e cavaleiro da Ordem de Cristo, e casou com D. Bernarda de Siqueira.

D. Madalena Clara Maria, mulher do alferes Nicolau Aranha Pacheco de Albuquerque, que fica à fl....

Francisco Pereira do Lago, (7) que casou. Caetano, que faleceu solteiro. D. Francisca Xavier Silveira, solteira.

N. 5. Jorge Pereira do Lago, * (8) filho do coronel Francisco Pereira do Lago e de Joana de Sá, sua segunda mulher, casou com Antônia Pereira Soares, filha do Capitão Antônio Pereira Soares, (9) e de sua mulher Leonor de Freitas, irmã de Joana de Sá, mãe de Jorge Pereira e foram dispensadas pela Sé apostólica, teve um único filho, que nasceu no ano de 1673.

Brás Pereira do Lago, (10) que casou com D. Antônia de Abreu de Araújo, filha única do capitão Francisco de Araújo da Costa e de sua mulher Maria de Abreu, (11) que era viúva de Pedro Machado Palhares. (12)

Vicente Pereira do Lago, (13) casado com D. Ângela de Souza.

D. Joana de Araújo Pereira, que casou com Luiz de Lacerda de Góes, ** filho de Luiz de Góes de Melo e de sua mulher D. Ana de Lacerda, naturais da freguesia de S. Amaro da Purificação, moradores na Patatiba.

---

1. JOÃO DE FREITAS. Tabelião público do judicial e notas da cidade da Bahia, ainda em 1612, ***Doc. Hist.***, v. 62, p. 334. Ficou-lhe o nome na rua depois chamada do Saldanha (dando nos "cantos das casas de Dom João Mascarenhas", ou seja, no solar de Antônio da Silva Pimentel, veja-se ***Diário Histórico das celebridades que na cidade da Bahia... pelos felicíssimos casamentos dos Sereníssimos Príncipes de Portugal, e Castela***, de José Ferreira de Matos (1729), em ***O Movimento Academicista no Brasil***, de José Aderaldo Castelo, v. 3, t. 1, p. 157, São Paulo, 1974): rua de João de Freitas.

2. DAMIÃO DE LENÇÓES. Capitão do Terço do mestre de campo Álvaro de Azevedo. Servia há 23 anos (diz a patente de sargento-mor, 29 de julho de 1665), tendo passado com risco de vida da Catalunha a Portugal quando da aclamação de D. João IV; encarregado de comandar uma companhia (3 de abril de 1642 viera para o Brasil com o governador Antônio Teles; distinguiu-se na guerra holandesa, sobretudo em Itaparica, "indo vós no Terço do mestre de campo Francisco Rabelo, que foi o primeiro que investiu a Fortificação e vós dos últimos que vos retirastes", ***Doc. Hist.***, v. 22, pp. 135-6. Destacou-se no combate aos índios do Cairu, ***Anais da B. N.***, v. 32, p. 55, em 1648, e em Sergipe, em 1653, ***Doc. Hist.***, III, p. 196. Delatou ao conde de Óbidos a conspiração de várias pessoas ilustres da

---

*Notas da R.I.H.G.B.*

* *Faleceu Jorge Pereira a 8 de abril de 1693.*

** *Casaram a 15 de agosto de 1717.*

Bahia para o depor, em 1666. Premiou-o o vice-rei com a promoção a sargento-mor e a transferência para o Reino, em 1667, Pedro Calmon, ***O Crime de Antônio Vieira***, notas finais, Braz do Amaral, nota às ***Memórias Históricas e Políticas***, de Accioli, II, p. 129. Herdou a administração do morgado de Santa Bárbara, cujas rendas foram assunto da carta régia que obteve, 20 de fevereiro de 1684, ***Doc. Hist.***, v. 73, p. 144. — A licença para ir a Portugal, em 8 de julho de 1664 (Arq. Públ. da Bahia, Alvarás de 1630 a 1670, fl. 217) além os "negócios que tem entre o Douro e Minho", a que precisava atender.

3. TEOTÔNIO SOARES DE BRITO. Sobrinho do capitão Damião de Lençóes de Andrade. Faleceu a mulher a 27 de fevereiro de 1678. Passou o morgado de Santa Bárbara a seus sucessores, com quem ficou século e meio. Veja-se Afonso Costa, ***O morgado de Santa Bárbara, seu instituidor***, Rio, 1946.

4. JOSEPH SOARES DE BRITO, natural da Bahia e morador que foi na cidade de Braga, casou com D. Inês Madalena Lobo e Maldonado, natural de Évora e moradora em Braga (na certidão de batismo do filho, abaixo, é D. Inês Madalena da Gama Maldonado). Era cavaleiro professo da Ordem de Cristo. Quanto ao pai, Teotônio Soares de Brito, elucida Macedo Leme, ***Genealogia***, fl. 113, "deste é que existe sucessão no morgado de Santa Bárbara".

5. MANUEL JOSEPH SOARES DE BRITO E MALDONADO. Fidalgo da Casa de Sua Majestade, natural e morador na cidade de Braga, teve aos 19 anos, em 5 abril de 1707, Carta de ***Familiar*** do Santo Ofício, ms. T.T., maço 64, n. 1303.

6. JOÃO PEREIRA DO LAGO. Era natural de Leiria, diz a certidão dos serviços do pai, cuja tença herdou (T.T., doc. citado em nota a Francisco Pereira do Lago, foi capitão da freguesia de Passé, 11 de agosto de 1659, ***Doc. Hist.***, v. 31, p. 249, capitão das ordenanças em 1668, e da companhia de estudantes da Bahia, ***Doc. Hist.***, v. cit., p. 420, Irmão da Santa Casa em 1674 e seu tesoureiro em 1676, ***Livro de Irmãos*** n. 2, fl. 323, vereador em 1686, teve sesmaria (1697) e terras de marinha, ***Anais do Arq. Públ. da Bahia***, XI, p. 25, herdadas do sogro, ***Publ. do Arquivo Nacional, XXVII***, p. 98. Sua mulher, Bernarda Silveira da Silva, era filha do Dr. João de Siqueira, ***Livro de Irmãos*** da Santa Casa. Casaram 1700-1720. Morreu com 80 anos a 3 de junho de 1729 (Macedo Leme).
— João Pereira do Lago, 2.º, comandou no Rio de Janeiro o forte da Praia Vermelha, em 1707, ***Anais da B. N.***, doc. 2935.

7. FRANCISCO PEREIRA DO LAGO. Capitão no regimento de Pedro Barbosa Leal, em 1697, "das principais pessoas nobres" da Bahia, diz a sua patente de capitão de cavalos, de 1702, Arq. Públ. da Bahia, ***Patentes de 1696 a 1703***, fls. 69 v. e 394 v., ***Doc. Hist.***, v. 41, p. 59, já era casado (com Clara de Jesus, filha do capitão Manuel Marques e Catarina Pereira) quando ingressou na Irmandade da Santa Casa, 20 de julho de 1701. Casou segunda vez, com Maria Helena de Miranda. Sargento-mor de Água Fria, 25 de novembro de 1725.
O filho, Antônio Pereira do Lago, Irmão da Santa Casa a 16 de junho de 1723, participou da expedição que, em 1736, socorreu a Colônia do Sacramento, J. de Mirales, ***op. cit.***, p. 172. Faleceu a 29 de junho de 1750, sepultado na igreja de Santa Bárbara, ***L. de Óbitos da Sé***, arq. da Cúria. A filha, Maria Madalena,



batizada na freguesia da Vitória, 6 de julho de 1710. A mãe viúva deu-lhe de dote 12 mil cruzados, em casas de sobrado e uma terra chamada Cassaragongo, para casar com Antônio José de Aragão, Anna Amélia, ***Anais do Arq. Públ. da Bahia,*** v. 44.263.

8. ***GEORGE*** PEREIRA DO LAGO. Irmão da Santa Casa, 14 de março de 1674, faleceu a 2 de abril de 1693, ***L. n. 2,*** fl. 310.

9. ANTÔNIO PEREIRA SOARES. Capitão dos estudantes, 13 de junho de 1672, ***Anais da B. N.***, v. 36, p. 386, entrou a 3 de maio de 1700, casado, na Irmandade da Santa Casa. Pediu em 1716 a capitania do forte de São Bartolomeu da Passagem, ***Anais do Arq. Públ. da Bahia***, v. 31, p. 306, o que lhe foi negado, ***ibid.***, p. 354. Morreu a 25 de maio de 1748.

10. BRÁS PEREIRA DO LAGO. Capitão do distrito de Nossa Senhora da Ajuda, na Cidade, 2 de outubro de 1702, Arq. Públ. da Bahia, ***Patentes de 1696 a 1703***, fl. 394 v., tinha então 10 anos de serviço.

11. D. MARIA DE ABREU. Fizera-se-lhe mercê da propriedade do ofício de Escrivão da Alfândega, que fora do marido, enquanto menor o filho: e porque casou segunda vez, com Francisco de Araújo, para este pediu o exercício do cargo, o que lhe concedeu o governador geral, 20 de abril de 1672, ***Doc. Hist.,*** v. 25, p. 44. O filho: capitão Francisco Machado Palhares. Irmão da Santa Casa a 23 de março de 1698, ***L. 2, fl. 36***, sargento-mor, em 1700, ***Patentes***, fl. 179 verso.

12. PEDRO MACHADO PALHARES. Natural de Viana, no Reino, filho de João Machado Palhares e Joana de Azevedo Machado, casado com Maria de Abreu Lobato, filha de Matias de Abreu Lobato e Isabel de Almeida, Irmão da Santa Casa da Bahia a 20 de maio de 1667, ***Livro de Irmãos,*** n. 1.

13. VICENTE PEREIRA DO LAGO. Escrivão da Alfândega, 16 de julho de 1684, ***Anais da B. N.,*** v. 36, p. 40. ***Doc. Hist.,*** v. 33, p. 44.

## *CAVALCANTIS ETC. NA BAHIA*

Para melhor conhecimento assentamos a sua ascendência em Pernambuco.

Filipe Cavalcanti, fidalgo florentino, foi casado em Pernambuco com D. Catarina de Albuquerque, filha de Jerônimo de Albuquerque e de D. Maria do Espírito-Santo-Arco-Verde, como fica assentado às fls.... e ... n. 1 e deles foram filhas, além dos mais que já ficam ali mesmo:

10. D. Catarina de Albuquerque, que se segue.
11. D. Filipa de Albuquerque, * adiante.

---

*Nota da R.I.H.G.B.*

* *Casou com o capitão Luiz de Godoi na capela de Francisco Cavalcanti em 17 de setembro de 1637.*

N. 10. D. Catarina de Albuquerque, filha de Filipe Cavalcanti Florentino, e de D. Catarina de Albuquerque, sua mulher foi casada com Cristóvão de Holanda de Vasconcelos filho de Arnao de Holanda, de quem já fica dito à fl.... n. 2; e de sua mulher Brites Mendes de Vasconcelos, e destes, além de outros, foi filho:

1. Filipe Cavalcanti, que se segue.

N. 1. Filipe Cavalcanti de Albuquerque filho de D. Catarina de Albuquerque n. 10, e de seu marido Cristóvão de Holanda de Vasconcelos, foi um dos que na retirada, que fizeram de Pernambuco alguns desses moradores no ano de 1635 pelas guerras dos holandeses, veio ter à Bahia com outros seus parentes, acompanhado de muitos familiares seus, e nela casou com D. Antônia Pereira Soeiro, filha legítima de Martim Lopes Soeiro, e de sua mulher D. Ana Pereira; esta sobrinha legítima do bispo nomeado da Bahia D. Miguel Pereira, (1) cavaleiro professo na Ordem de Cristo, natural de Viana, e da nobre família dos Pereiras, e Martim Lopes Soeiro, natural também do reino, e descendente dos Soeiros, família também nobre. E deste Filipe Cavalcanti e de sua mulher D. Antônia Pereira foram filhos:

2. Cristóvão Cavalcanti de Albuquerque, (2) que se segue.

E D. Ana Cavalcanti, que casou já órfã com João Peixoto da Silva, (3) sem sucessão, e foi sua primeira mulher.

N. 2. Cristóvão Cavalcanti de Albuquerque filho de Filipe Cavalcanti de Albuquerque, n...; e de sua mulher D. Antônia Pereira Soeiro, foi coronel, casou a primeira vez com sua prima D. Isabel de Aragão, (4) n. 45 à fl.... filha legítima de Francisco de Araújo de Aragão e de sua mulher D. Ana de Barros, neta do já nomeado Martim Lopes Soeiro e de sua mulher D. Ana Pereira; e de Cristóvão Cavalcanti e de sua mulher foram filhos:

3. D. Ana de Aragão, mulher do coronel Sebastião da Rocha Pita, autor da ***América Portuguesa***, que se segue.

4. D. Joana Cavalcanti, que se segue.

E Antônio Cavalcanti, (5) que ainda solteiro o mataram em sua fazenda na Cachoeira, e foi fama, que seu pai o mandara matar; deixou filhos bastardos.

Segunda vez casou o coronel Cristóvão Cavalcanti com sua parenta D. Maria de Barros Pereira, filha de Miguel Fernandes, (6) e de sua mulher D. Maria de Barros Soeiro, neta de Martim Lopes Soeiro, e de sua mulher D. Ana Pereira, e teve filhos.

5. D. Adriana, que casou com o desembargador Cristóvão Tavares de Moraes e Sá, (7) à fl....

6. D. Brites, casada com João Alexandre (8) à fl.... n. 51.

7. D. Úrsula, mulher de José de Aragão, ib. fl.... n. 52.

8. Vitório Cavalcanti, sem sucessão.

9. Bernardino Cavalcanti, (9) abaixo, fl.... n. 9.



E D. Joana, que faleceu solteira a 21 de outubro de 1716; e Cristóvão Cavalcanti, (10) que faleceu no 1.º de junho de 1734. Sepultados em S. Teresa.

N. 3. D. Ana de Aragão, filha primeira do coronel Cristóvão Cavalcanti e de sua mulher D. Isabel de Aragão, n. 2, casou com o coronel Sebastião da Rocha Pita, n... fl.... e tiveram filhos.

10. D. Brites da Rocha Pita, que se segue.

E D. Teresa, que faleceu solteira, e Antônio da Rocha.

N. 10. D. Brites da Rocha Pita, (11) filha de D. Ana de Aragão, n. 3, e de seu marido o coronel Sebastião da Rocha Pita, casou com o coronel Domingos da Costa de Almeida, (12) professo na Ordem de Cristo, filho legítimo do tenente-general do reino de Angola Rodrigo da Costa de Almeida (13) e de sua mulher D. Joana Duque, cavaleiro professo na Ordem de Cristo e provedor proprietário da alfândega da Bahia, em cujo emprego sucedeu o sobredito seu filho Domingos da Costa de Almeida, do qual e da dita sua mulher D. Brites da Rocha Pita foram filhos:

11. D. Isabel Joaquina de Aragão, que se segue.

12. Sebastião da Rocha Pita, (14) alferes de infantaria, casado com D. Luiza da Franca Corte-Real, filha de Francisco de Negreiros Corte-Real e de sua mulher D. Antônia, filha de Pedro Camelo, n. 74, fl...., sem sucessão.

13. Rodrigo da Costa de Almeida, que se segue abaixo.

Fr. João de Jesus Maria, (15) religioso no Carmo, e três filhas religiosas * no Desterro da Bahia.

Uma B. também recolhida, que faleceu no ano de 1770.

N. 11. — D. Isabel Joaquina de Aragão, (16) que casou com o Dr. José Pires de Carvalho Albuquerque e a sua decedência vai à fl. ..., n. 13.

N. 13. Rodrigo da Costa de Almeida, (17) cavaleiro professo na Ordem de Cristo, familiar do Santo Ofício, provedor e proprietário da alfândega da Bahia, que sucedeu a seu pai e avô. E é casado com sua prima D. Maria Francisca de Meneses, filha do coronel Bernardino Cavalcanti de Albuquerque ** e de sua mulher D. Antônia Francisca de Meneses à fl. ...

Tem Rodrigo da Costa de sua mulher D. Maria Francisca uma só filha.

14. D. Brites Mariana Francisca, (18) que com seu pai e mãe se embarcou para o reino na frota do ano de 1766 para casar lá, como casou, com o desembargador Manoel Pereira da Silva, (19) procurador da fazenda na corte de Lisboa, fidalgo da casa de Sua Majestade.

---

*Notas da R.I.H.G.B.*

* *Soror Teresa de Mesquita, faleceu a 18 de setembro de 1775.*

** *Casaram a 22 de janeiro de 1746 no oratório das casas de Bernardino Cavalcanti, seu sogro.*

O coronel Domingos da Costa de Almeida, casado com D. Brites da Rocha Pita, acima n. 11, era filho de Rodrigo da Costa de Almeida e de sua mulher D. Ana Duque, neto por parte de pai de Domingos de Almeida (20) e de D. Ana Maria, e por via materna de João Duque e de D. Maria de Andrade.

---

1. BISPO D. MIGUEL PEREIRA. Tomou posse por procuração do bispado da Bahia, em 19 de junho de 1626, mas não chegou a entrar na sua diocese, pois morreu em Lisboa a 16 de agosto de 1630.

2. CRISTÓVÃO CAVALCANTI DE ALBUQUERQUE. Capitão da Ordenança de Sergipe do Conde e do Paraguaçu, assim de Patativa (1.º de setembro de 1657, ***Doc. Hist.***, v. 31, p. 204), transferido para Maragogipe, 20 de abril de 1659, subiu a coronel de Capanema, Maragogipe, Cachoeira, Aporá, Embiara, Vargem, Campos da Cachoeira, Campo Grande, Itapororocas e Iguape, 16 de julho de 1698, Arq. Públ. da Bahia, ***Patentes de 1697 a 1703***. Diz Borges da Fonseca ***Nobiliarquia Pernambucana***, I, p. 316 (e II, p. 154), merecia tanto respeito que pacificou a gente revoltada em Maragogipe "levado em uma rede" "por não permitirem mais os seus anos". Irmão da Santa Casa da Bahia, 3 de abril de 1667, ***L. n. 2, fl. 105***, foi aí vereador em 1661 e 1668. Teve licença em 1681 para ir à metrópole, ***Doc. Hist.*** v. V, p. 221. Herdara do avô Martim Lopes Soeiro sesmarias no Paraguaçu, possuia outras, por alvará de 27 de novembro de 1676, ***Publicações do Arquivo Nacional***, XXVII, p. 62. Deixou bens à Santa Casa, A. J. Damázio, ***Tombamento etc.***, p. 142, Bahia, 1862.

3. Veja-se ***tít. Deças, Peixoto e Barreto.***
Equívoco. Pelo processo da Inquisição de Lisboa, requerido por seu neto José Garcia de Araújo, que, em conseqüência, tirou carta de ***Familiar do Santo Ofício*** em 1761 (adiante), a primeira mulher do coronel Cristóvão Cavalcanti de Albuquerque é D. Maria de Barros Pereira, filha do coronel Garcia de Araújo e D. Isabel de Aragão.

4. Veja-se tít. ***Sucessão da 2.ª filha de Genebra Álvares.*** No cap. seguinte, falaremos do autor da ***História da América Portuguesa.***

5. ANTÔNIO CAVALCANTI. "Muito valente e temerário", conta Borges da Fonseca, ***ibid.***, I, p. 318, morreu de um tiro de espingarda.

6. MIGUEL FERNANDES. Servira "muitos anos a esta parte nas guerras deste Estado, achando-se nelas com a opinião muito honrada de seu merecimento", diz a patente que o elevou, de capitão reformado, a ajudante de tenente co-mestre de campo general, 21 de dezembro de 1651, Arq. Públ. da Bahia, ***Registro de Patentes de 1648 a 1684,*** fl. 252.

7. CRISTÓVÃO TAVARES DE MORAES E SÁ. Desembargador da Relação da Bahia (posse a 1.º de março de 1701), Familiar do Santo Ofício, Irmão da Santa Casa, 1705 (***Livro de Irmãos*** 3, fl. 215), foi preso em dezembro de 1716 pelo vice-rei, marquês de Angeja, por causa do tumulto que provocou, impedindo o meirinho de capturar escravos desordeiros, Braz do Amaral, nota às ***Memórias***



***Históricas***, de Inácio Accioli, II, p. 328. Casou em segundas núpcias com a filha de João Silveira. — Filhos do primeiro matrimônio: Antônio Tavares Cavalcanti e Albuquerque, habilitado na Ordem de Cristo a 2 de maio de 1731, T. T., Habilitação à Ordem de Cristo, m. 13.
CRISTÓVÃO TAVARES CAVALCANTI E ALBUQUERQUE, que faleceu aos 78 anos, viúvo de D. Josefa Verônica de Almeida, em 29 de dezembro de 1777. Por não ter herdeiros legítimos, indicou quatro bastardos, Sebastião, Domingos, Florêncio e Isabel Francisca Tavares, pardos; testamenteiro, o capitão-mor Francisco Cavalcanti e Albuquerque, ***L. de Óbitos do Iguape***, 1774-1794, arq. da Cúria.

8. JOÃO ALEXANDRE. Filho de Manuel de Araújo de Aragão e D. Maria de Aragão, filha de Pedro Camelo, ***tít. da sucessão da 2.ª filha de Catarina e Diogo Álvares.***

9. BERNARDINO CAVALCANTI. Engana-se o autor. Filho do ***primeiro*** casamento do coronel Cristóvão Cavalcanti de Albuquerque (e D. Maria de Barros Pereira), como está no ***Processo de Familiar do Santo Ofício*** de seu filho José Garcia de Araújo; por isso, sucessor em 1731 do morgado da Embiara, fundado em 1637 pelo avô, Bernardino Fernandes de Barros.

10. CRISTÓVÃO CAVALCANTI DE ALBUQUERQUE. Tinha 24 anos, quando pediu ao Rei suprimento de idade para entrar na administração dos bens, provisão de 6 de setembro de 1714, ***Doc. Hist.***, v. 50, p. 272. Do ***Livro 2 de Acórdãos da Santa Casa***, fl. 14, consta que arrematou esta uns chãos de canto na rua Direita de Nossa Senhora da Ajuda, pertencentes ao coronel Cristóvão Cavalcanti de Albuquerque, por 3 mil cruzados. O registro de óbito confirma a data que vem no texto, ***L. de S. Pedro Velho***, fl. 245, arq. da Cúria.

11. D. BRITES DA ROCHA PITA. No convento de São Francisco do Paraguaçu havia pedra tumular, no corpo da igreja, com inscrição: "Sepultura de D. Brites da Rocha Pita, filha do coronel Sebastião da Rocha Pita e mulher do provedor e proprietário d'alfândega desta cidade coronel Domingos da Costa e Almeida administrador dos morgados de Jacaracanga e Nossa Senhora do Desterro. Monumento de seu filho Rodrigo da Costa e Almeida, também provedor e proprietário da mesma alfândega 1.º intendente da marinha. MDCCLXXVIII".

12. DOMINGOS DA COSTA DE ALMEIDA. Natural de Luanda. Serviu em Angola vinte anos, disse-se no Processo de Habilitação à Ordem de Cristo do filho, T.T., ***R,*** m. 1, n. 5, soldado, cabo de esquadra, sargento supra e de número, alferes do Terço pago, capitão da fortaleza de S. Miguel, dela tenente general da Conquista. "Ultimamente ser muito inteligente na ciência da aritmética, geometria e mais manejos militares", (patente da Bahia, 29 de julho de 1717). Substituiu Bernardino Cavalcanti de Albuquerque como coronel da Ordenança da Cachoeira até Inhambupe freguesias pela parte direita do Paraguaçu, Arq. Públ. da Bahia, ***Patentes de 1717 a 1718,*** fl. 48. Trocou o posto, em 1718, com Francisco Barreto de Aragão, ***Anais da B.N.,*** docs. 26.153 e 27.853. Tinha engenho d'água em Passé, Caldas, ***Notícia, 1757, Arquivo Histórico,*** Bahia, II, p. 97. Provedor do hospital dos lázaros, ***Anais do Arq. Públ. da Bahia,*** XII, p. 49, e da Alfândega da Bahia (em 1735 pediu que o filho, Rodrigo da Costa de Almeida, servisse nos seus impedimentos, ***Anais*** cit., v. 44, p. 25), em sucessão do pai, para quem pôs o túmulo na igreja de Santa Teresa

(hoje Museu de Arte Sacra): "Sepultura do coronel Domingos da Costa de Almeida, provedor da Alfândega e de sua mulher D. Brites da Rocha Pita e de seus descendentes na qual está sepultado seu pai tenente general Rodrigo da Costa de Almeida provedor da mesma Alfândega. 1721". E as armas, em que ressaltam as costelas dos Costas. Só faleceu, porém, viúvo, a 5 de dezembro de 1758, ***L. de Óbitos de S. Pedro Velho,*** arq. da Cúria.

Filhos (emende-se o texto): Rodrigo, primogênito; Sebastião , João, religioso do Carmo, Teresa Josefa do Sacramento, Ana Maria, religiosas do convento de Santa Clara da Bahia, Isabel Joaquina de Aragão, casada com o doutor alcaide-mor José Pires de Carvalho e Albuquerque, e Francisca, também freira naquele convento (Lê-se no citado registro de óbito).

13. RODRIGO DA COSTA DE ALMEIDA. De Faro, Algarve, filho de Domingos de Almeida (Processo de Habilitação à Ordem de Cristo, impedimento: "a avó vendia legumes em uma loja à Misericórdia", consulta de 26 de novembro de 1699, de que foi dispensado, a 12 de dezembro, T.T., ***Habil.,*** m. 1, n. 42) — serviu em Angola sete anos, de 1687 a 1694, capitão-mor da província de Lobolo, tenente general de artilharia, provedor da Fazenda, "com muito zelo e desvelo". Mandava suprimentos às fortalezas "em embarcações suas sem despesas da fazenda real", e nelas foram de Pernambuco, Rio de Janeiro e Bahia muitos soldados. "sem frete". Deu 4 mil escudos à Santa Casa de Luanda,que era provedor; recebeu em 1688, o hábito de Santiago transformado no de Cristo com tença de 50$ para a filha D. Ana Maria. A mulher, D. ***Ana*** Duque, era de Luanda, filha de João Duque Estrada, capitão em Traz os Montes, T.T., ***Genealogias Manuscritas,*** v. 30, arv. 71 v,.Na Bahia fora soldado e alferes, capitão da guarda do governador Alexandre de Souza Freire, 5 de janeiro de 1671, ***Doc. Hist.,*** v. 61, p. 214, que renunciou em seu benefício o lugar de provedor da Alfândega, 7 de novembro de 1713, ***Doc. Hist.,*** v. 24, p. 94.

Reportou-se o poeta Eugênio de Castro ao parentesco dos Monizes baianos com seu avô, desembargador Luiz da Costa d'Almeida. Provém de D. Brites Mariana, filha do 2º Rodrigo, abaixo.

14. SEBASTIÃO DA ROCHA PITA, 2º. Em requerimento de 1746 (Arq. Hist. Ultr., cxa. 91) alegou ter servido de soldado e alferes na praça da Bahia, de 29 de abril de 1738 a 20 de março de 1745. Em janeiro de 1753 (foi designado para o presídio do rio de São Pedro; e em companhia do capitão João de Magalhães apresou em Santa Catarina uma charua que desembarcava contrabando; e serviu no Rio Grande do Sul mais de 14 meses, em "país de muito diferente clima do da Bahia pelo excesso de frio, e ventos", "montando guardas e fazendo rondas por noites desabridas e tempestuosas, adquirindo por esta causa algumas queixas", "até se recolher o Mestre de Campo Governador daquela povoação ao Rio de Janeiro para onde o acompanhou".

15. FR. JOÃO DE JESUS MARIA. Procurador do convento de Santa Teresa, 1712, Valentim Calderon, ***Biografia de um Monumento,*** p. 248.

16. D. ISABEL JOAQUINA DE ARAGÃO. De José Pires se dirá adiante. Faleceu D. Isabel em Santo Amaro, 23 de outubro de 1796.



17. RODRIGO DA COSTA DE ALMEIDA, 2.º. Nasceu na Bahia, batizado a 17 de maio de 1717 na freguesia de São Pedro, padrinhos o avô e homônimo e D. Joana Cavalcanti, mulher do desembargador Joseph de Sá e Mendonça (disse, requerendo a habilitação à Ordem de Cristo, ***T.T.,*** m. 1,n. 5, que obteve a 3 de novembro de 1751). Familiar do Santo Ofício a 27 de junho de 1756, ***T.T., Fam.,*** m. 4, n. 62, Irmão da Santa Casa em 1759, ***L. de Irmãos,*** 4, fl. 229, duas vezes vereador, membro de número da Academia Brasílica dos Renascidos, ao lado do cunhado, José Pires de Carvalho e Albuquerque, Intendente de marinha e armazéns reais, em cujo exercício ainda estava em 1778, foi, como o pai e o avô, Provedor proprietário da Alfândega da Bahia. Casando a filha única, passou "com toda a sua casa" para o Reino. Carta régia de 28 de setembro de 1765 designou o desembargador Rodrigo Coelho para lhe cobrar as dívidas, Arq. Públ. da Bahia, ***Registro de Patentes de 1723 a 1784,*** fl. 80. Em 1783 D. Maria Francisca de Meneses conseguiu da Rainha poder demandar perante o ouvidor geral, devedores de "consideráveis quantias" ao casal, Arq. Públ. da Bahia, ***Patentes,*** fl. 349. — A viagem para a metrópole foi em 1766, na nau ***Nossa Senhora do Carmo.*** — Provisão de 20 de maio de 1772 autorizou Rodrigo da Costa de Almeida a liquidar os bens, transferindo o resultado, 62 contos, para Lisboa, Arq. Público, ***Patentes,*** fl. 102 — Morreu, porém, na Bahia, a 19 de janeiro de 1782, ***L. de Irmãos*** da S.Casa, ***Anais da B.N.,*** v. 36, doc. 19.712; e a mulher, a 4 de julho de 1791.

18. D. BRITES MARIA ANA RITA FRANCISCA DE ALMEIDA E MENESES. Nasceu em 1746. Aos 12 anos quis casar com Antônio José de Souza Freire Tavares de Castro Leal. O pai suplicou ao Rei, 15 de junho de 1759, impedisse o casamento, ***Anais da B.N.,*** v. 31, p. 357. Casou sem consentimento régio, mas com a concordância do governador "por evitar alguma desordem funesta", ***Anais*** cit., doc. 15217, com o desembargador Manuel Pereira da Silva Caldeira (nascido a 24 de dezembro de 1718, filho de Bernardo Pereira da Silva, cavaleiro da Ordem de Cristo, colegial de S. Paulo, Lente de Vésperas em Leis e desembargador dos Agravos, e de D. Luiza Josefa de Magalhães Brito e Azevedo, filha do desembargador da Casa da Suplicação Luiz de Magalhães de Brito e Azevedo, T.T., ***Genealogias Manuscritas,*** v. 30, arv. 71 verso).

Era Manuel Pereira da Silva também lente da Universidade de Coimbra e nela colegial de S. Paulo, diz-se no registro matrimonial, 17 de dezembro de 1764, ***L. de Casamentos de S. Pedro,*** 1747 — 1772, códice ultimamente recuperado por Edson Mota, que o restaurou a pedido de José Nabuco, fl. 163.

Por esse documento sabemos que as núpcias foram celebradas fora da Cidade, na capela de Santo Antônio do engenho filial da matriz de Passé, presente o arcebispo D. Fr. Manuel de Santa Inês. Correram os banhos por intermédio do bispo de Coimbra e do Cardeal Patriarca de Lisboa, dada a naturalidade do contraente. Pelos pais da noiva apresentou "procuração jurídica o capitão-mor Jerônimo Sodré Pereira, e não tiveram bençãos" (concluíu o registro). No ***Arq. Hist. Ultr.*** achamos a prova de que Rodrigo e a mulher deram os bens não vinculados à filha. O genro foi depois, no Reino, procurador da Fazenda Real de Ultramar, desembargador dos agravos da Casa da Suplicação, e deputado extraordinário da Real Mesa Censória em 1769, Teófilo Braga, ***História da Universidade de Coimbra,*** III, p. 52, Lisboa, 1898. Pediu confirmação do morgadio em 1779, ***Arq. Hist. Ultr.,*** papéis avulsos.

Filhos: 1. Nascido em Lisboa, José Rufino, moço fidalgo, como o pai, 1779, Arq.

Públ. da Bahia, ***Patentes,*** fl. 246, para quem o avô pediu em 1782 o lugar de serventuário da provedoria da Alfândega da Bahia, enquanto fosse menor (encartou-se em 1797, ***Arq. Hist. Ultr.,*** avulsos). Herdou o ofício de provedor, ***Anais da B.N.*** citado, doc. 16.665m e dele (falecido a 21 de abril de 1800 ***L. de Óbitos do Iguape,*** arq. da Cúria e sepultado no convento de Santo Antônio do Paraguaçu), a filha D. Maria Benedita Cordeiro de Almeida, baronesa de Santo Amaro pelo casamento com o baiano José Egídio Alves de Almeida (bacharel em Coimbra em 1789, secretário em Lisboa do Príncipe Regente, senador do Império em 1826, primeiro presidente do Senado, plenipotenciário na Europa em 1830). Teve ela, 30 de setembro de 1802, arras de 400$ pelo rendimento do ofício, de sua propriedade, mercê convertida a 7 de dezembro de 1819 em pensão anual de 600$, Rui Vieira da Cunha, ***Figuras e Fatos da Nobreza Brasileira,*** p. 137, Rio, 1975. Morreu marquesa em 1846. 2. Maria Luiza Cavalcanti de Albuquerque, mulher do desembargador Antônio Feliciano da Silva Carneiro (1787). 3. D. Ana Rita, mulher do primo Antônio Brandão, senhor de engenho no Iguape. 4. D. Joaquina, e outros, apadrinhados do governador D. Fernando José de Portugal, Braz do Amaral, nota a ***Cartas Soteropolitanas,*** de Vilhena, II, p. 377, Bahia 1921. — Em segundas núpcias casou D. Brites Maria Ana com o mesmo mestre de campo dos auxiliares Antônio José de Souza Freire, que lhe rondara a casa com tanto desgosto do pai! Veja-se ***tít. Castros, Freires, Souzas.*** Viúva novamente, reivindicou, em 1802, os bens de uma capela, ***Anais da B.N.,*** v. 37, p. 106. Filhos: 1. Barão de Belém. 2. Ana Rita, mulher de Gonçalo Marinho Falcão e Aragão (filho de José Garcia Cavalcanti e D. Inácia Pereira de Araújo, ele filho de Bernardino Cavalcanti e D. Antônia Francisca de Meneses), ela filha de Gonçalo Marinho e D. Luiza Brandão.

19. MANUEL PEREIRA DA SILVA. Engana-se Fr. Jaboatão. O casamento do desembargador com a prima D. Brites não foi em Portugal, mas na Bahia, igreja de São Pedro Velho, 17 de dezembro de 1764, ***L. de Casamentos*** dessa freguesia, arq. da Cúria.

20. DOMINGOS DE ALMEIDA. Será o autor de ***Sumário e descrição do reino de Angola do descobrimento da ilha de Luanda— da grandeza das capitanias do Estado do Brasil***— dedicado em 1592 a Filipe I? (Códice ms., Biblioteca Nacional, Lisboa).

## *PITA*

O coronel Sebastião da Rocha Pita, (1) casado com D. Ana Cavalcanti de Albuquerque, à fl.... n. 3 ou D. Ana de Aragão, foi filho de João Velho Gondim, (2) e de sua mulher D. Beatriz da Rocha Pita, * e esta era filha de Sebastião da

*Nota da R.I.H.G.B.*

* *Aos 12 de Abril de 1660 recebi a João Velho Gondim, filho de Pedro Fernandes Barbosa e de sua mulher D. Ana Fernandes da Guerra. (**Dessa gente pode ser Maria da Guerra, mulher de Gregório de Matos e mãe do poeta**), defuntos, natural da vila de Lima, com Beatriz da Rocha Pita, natural de Pernambuco, filha de Sebastião da Rocha Pita e de sua mulher Úrsula Dantas.*



Rocha Pita (3) e de sua mulher D. Úrsula Dantas Barbosa.

N. 4. D. Joana Cavalcanti d'Albuquerque, (4) filha segunda do coronel Cristóvão Cavalcanti de Albuquerque, n. 2, e de sua primeira mulher D. Isabel de Aragão, casou três vezes, a primeira com o coronel Francisco Pereira Botelho, (5) filho de Pascoal Botelho e de sua mulher Inês Pereira, naturais do Carvalhal, freguesia do Sacramento, termo de Óbidos, patriarcado de Lisboa; de D. Joana Cavalcanti e seu marido Francisco Pereira Botelho foi filha única:

15. D. Maria Francisca Pereira, que se segue.

Segunda vez casou D. Joana Cavalcanti * com o Dr. José de Sá de Mendonça, ** (6) ouvidor do cível na Bahia. *** Terceira vez casou com o desembargador Bernardo de Souza Estrela, (7) que faleceu o ano passado de 1759, e destes não houve sucessão.

N. 15. D. Maria Francisca Pereira de Albuquerque, filha de D. Joana Cavalcanti de Albuquerque, n. 4, e de seu primeiro marido Francisco Pereira Botelho, casou com seu primo Francisco Pereira Botelho, juiz de fora da Bahia, filho de Antônio Leal de Fontes e de sua mulher Maria Pereira, irmã inteira do coronel Francisco Pereira Botelho, marido de D. Joana Cavalcanti, mãe desta D. Maria; naturais do mesmo lugar do Carvajal. Teve esta D. Maria Francisca de seu marido Francisco Pereira Botelho filhos:

16. O Dr. José Pereira de Albuquerque, (8) cônego na Sé da Bahia; o qual faleceu a 30 de maio de 1766, sepultado na Sé.

E outras filhas mais, freiras em Portugal, e uma, que lá casou, com o desembargador Manoel Pereira da Silva. ****

N. 5. D. Adriana, filha primeira do segundo casamento do coronel Cristóvão Cavalcanti e de sua segunda mulher D. Maria de Barros Pereira à fl.... casou com o desembargador Cristóvão Tavares de Moraes e Sá (9) e teve filhos.

17. Antônio Tavares de Moraes.

D. Antônia Maria Francisca.

Cristóvão Tavares.

Caetano Cavalcanti de Albuquerque.

Rodrigo José.

Francisco Cavalcanti(10)in minoribus, que é administrador do morgado, que sua tia D. Cecília de Souza instituiu nas suas fazendas de Pirajuía, e

*Notas da R.I.H.G.B.*

* *Casaram a 5 de maio de 1690, na capela de N. Senhora da Vitória da freguesia de Maragogipe.*
** *Faleceu este a 3 de março de 1721.*
*** *Faleceu esta D. Joana a 6 de novembro de 1745.*
**** *Faleceu este a 15 de setembro de 1762.*
*Erro; porque com este casou uma filha do intendente Rodrigo da Costa.*

possuidor da capela da Barra, que instituiu Cecília Soeiro, que vagou por morte do padre João de Aragão, seu neto.

18. D. Ana, casada com Francisco de Araújo de Aragão, à fl.... e tem uma só filha seguinte.

N. 18. D. Ana, filha de D. Adriana, acima, e de seu marido o desembargador Cristóvão Tavares de Moraes, casou com Francisco de Araújo à fl...., n. 53 e destes houve essa uma só filha, que é:

19. D. Maria Francisca de Araújo Aragão, (11) que casou com José Pereira de Carvalho Albuquerque, filho do Secretário de Estado da Bahia, José Pires de Carvalho à fl.... n. 17, etc., e casaram a 21 de setembro de 1766.

N. 9. Bernardino Cavalcanti de Albuquerque, (12) filho do coronel Cristóvão Cavalcanti de Albuquerque e de sua segunda mulher, D. Maria de Barros Pereira, * foi coronel como seu pai, e casou com D. Antônia Francisca de Meneses, ** filha legítima de José Garcia de Araújo e de sua mulher D. Isabel de Aragão, filha do primeiro matrimônio de Pedro Camelo de Aragão Pereira, à fl. 78, n. 70, e de sua mulher D. Maria de Meneses. De Bernardino Cavalcanti e sua mulher D. Antônia Francisca de Meneses foram filhos:

20. D. Maria Francisca de Meneses, (13) que nasceu a 5 de setembro de 1731 e foi batizada a 6 de janeiro de 1732, e se seguiu à fl. 33, n. 13.

21. José Garcia Cavalcanti de Albuquerque, solteiro e segue.

22. Francisco Cavalcanti, (14) solteiro.

D. Isabel, religiosa no Desterro da Bahia, nasceu a 10 de julho de 1736 e foi batizada a 24 de setembro do mesmo ano.

N. 21. José Garcia Cavalcanti de Albuquerque, (15) filho de Bernardino Cavalcanti, acima.

O mestre de campo Brás da Rocha Cardoso, (16) que casou na freguesia da Vargem, termo da cidade de Olinda em Pernambuco, com D. Catarina de Albuquerque; teve os filhos seguintes, que nenhum casou:

1. Diogo da Rocha de Albuquerque, (17) fidalgo da casa de sua Majestade, natural da mesma freguesia da Vargem, que com seus irmãos abaixo passaram todos à Bahia.

2. O sargento-mor Luiz Tenório de Molina. (18)

3. O capitão Brás da Rocha Cardoso. (19)

4. D. Catarina de Albuquerque, que faleceu a 18 de abril de 1728 e foi sepultada em S. Bento.

---

*Notas da R.I.H.G.B.*

* *Casaram a 24 de maio de 1724.*

** *Faleceu esta na noite de 20 de fevereiro de 1764, sepultada no convento de S. Francisco: faleceu em casa de seu genro Rodrigo da Costa.*



5. D. Leonor de Albuquerque, (20) que faleceu a 26 de novembro de 1743 e sepultou-se em S. Bento.

6. D. Margarida de Albuquerque.

7. D. Inês Tenório.

8. D. Isabel Tenório de Molina.

9. D. Luiza Tenório de Molina, (21) que faleceu a 28 de julho de 1746. Sepultada em S. Bento.

10. D. Mariana Tenório de Molina.

O coronel Leonardo Bezerra Cavalcanti, (22) natural da freguesia da Vargem de Pernambuco e lá casada com D. Joana Pereira da Silva, e era ele filho de Cosme Bezerra Monteiro e de sua mulher D. Leonarda Cavalcanti de Albuquerque, faleceu na Bahia, para onde se havia retirado da Índia, degredo em que havia anos estava pelos levantes de Pernambuco, e faleceu a 4 de setembro de 1728 e foi sepultado na capela da ordem terceira do Carmo, de idade de 70 anos.

---

1. SEBASTIÃO DA ROCHA PITA. Nasceu na Bahia, a 3 de maio de 1662, provavelmente em casa do avô, em São Pedro, além da ladeira de São Bento. O tio materno João da Rocha Pita, 1636-1702, natural de Pernambuco, que em 1666 fez a leitura de bacharel e empossou-se na relação da Bahia em 1678, corregedor e chanceler (1694), referido na ***História da América Portuguesa,*** por ser "sobrinho do desembargador", teve o suprimento de tempo para alferes, depois de dois anos de soldado pago, ***Doc. Hist.,*** v.27, p. 107 (7 de fevereiro de 1678). Pediu a 3 de outubro lhe fosse dispensado o tempo exigido, ms. ***Arq. Hist. Ultr.,*** entrando assim na carreira das armas (o que exclui a hipótese de ter ido estudar a Coimbra, em cujos livros de matrícula não lhe achamos o nome).
Obteve o hábito de Cristo, apesar dos impedimentos suscitados (menor de idade, o avô paterno ter sido sapateiro, T.T., ***Habil.,*** m.6, n. 52), por força dos serviços do avô materno, Sebastião da Rocha Pita, "nas guerras do Estado do Brasil, particularmente na restauração da Bahia, procedendo sempre com valor e satisfação e dispêndio de sua fazenda" (dispensa, proposta pela Mesa, 19 de janeiro de 1679). Irmão da Santa Casa a 27 de março de 1688, dela escrivão em 1688. O governador Câmara Coutinho elevou-o a coronel da infantaria da Ordenança da Cidade (confirmado pelo Rei, 16 de novembro de 1694, Arq. Públ. da Bahia ***Registro de Patentes de 1684 a 1697,*** fl. 303). Tinha 3 anos, 4 meses e 29 dias efetivos de soldado e alferes, e se levava em conta a "contribuição anual que tocou à sua Casa para o dote de Inglaterra e paz de Holanda". O seu foro de fidalgo é de 1701. Vereador, acadêmico supranumerário da Academia Real da História (de Lisboa), um dos fundadores e presidente da Academia Brasílica dos Esquecidos, que lhe ouviu muitos versos, terminou em 1724 a obra que o imortalizou: ***História da América Portuguesa,*** impressa em 1730 (Barbosa Machado, ***Biblioteca Lusitana,*** III, p.700, a edição Jackson e de Atalaia, Belo Horizonte, com prefácio nosso). "Mui famoso poeta", dele disse Nuno Marques Pereira (***O Peregrino da América,*** ed. da Academia Brasileira, II, p.54) contrariando a sátira de Gregório de Matos, ***Obras,*** ed. da Academia, I, pp. 59-60, que ao seu pedido de uma rima

"para mim", teria respondido: "capim"... De 1709 é o ***compêndio e narração*** das honras na Bahia prestadas à morte do rei D. Pedro II. Além do ***Sumário da vida e morte da Exma. Sra. D. Josefa de Vilhena,*** Lisboa, 1724, deixou um ***Tratado Político,*** indicado por Oliveira Lima em ***Aspectos da Literatura Colonial Brasileira,*** p. 134, Leipzig, 1896, e comentado por Mendes de Almeida. Foi provedor da Alfândega nos impedimentos do genro, Domingos da Costa de Almeida, ***Doc. Hist.,*** v.47, p.85. Morreu aos 70 anos em 3 de novembro de 1738. ***Livro de Óbitos de S. Pedro Velho*** fl. 4, p.6, arq. da Cúria. Jaz na igreja dos carmelitas de Santa Teresa, ***L. de Óbitos da Sé,*** arq. da Cúria. — Na falta de Fr. Vicente do Salvador, cujo livro só apareceu no século seguinte, é o primeiro historiador nascido no Brasil.

2. JOÃO VELHO GONDIM. Nascido em Lima, no Reino, filho de Pedro Fernandes Barbosa, aparece na Bahia entre os principais mercadores, ***Atas da Câmara,*** III, p. 397, na linha dos cidadãos convocados a 7 de agosto de 1642, ***Atas,*** II, p.14, almotacé em 1663, ***ibid.,*** IV, p.132, Irmão da Santa Casa em 1662, registro que confirma a ***genealogia*** dada por Fr. Jaboatão, vereador nesse ano, ***Atas,*** IV, p. 180. Foi dela riscado a 3 de julho de 1674, por ter recusado a eleição de tesoureiro e recebedor das esmolas, alegando "ocupações da Companhia" (de Comércio), ***L.de Segredos.***

3. SEBASTIÃO DA ROCHA PITA (1.º). Almoxarife na Bahia em 1626, ***Atas da Câmara*** I, p. 26, passou a Pernambuco, acompanhou Matias de Albuquerque ao arraial de Bom Jesus, em 1632, foi encarregado de levantar a contribuição geral de 42$. Rocha Pita, ***História da América Portuguesa,*** 2.ª ed., p. 175, voltou à Bahia, por várias vezes ajudou a administrá-la. Escrivão da Câmara em 1640, até 1644, ***Atas,*** II, p. 216, novamente em 1648, vereador em 1655 e, juntamente com o genro, João Velho Gondim, em 1665, ***Atas,*** III, p. 115, IV., p. 209, já muito velho (tinha, em 1635, 55 anos, cf. Luiza da Fonseca, ***Anais do 4.º Congresso de História,*** II, p. 139).

4. JOANA CAVALCANTI DE ALBUQUERQUE. Possuia imensas terras, assim no Assuruá, que abeira o São Francisco, "pastos de gado das fazendas de D. Joana Cavalcanti", Pedro Barbosa Leal, ***Códice Sabugosa,*** publicado por Rodolfo Garcia, nota à ***Hist. Geral,*** de Varnhagen, II, p. 94. Senhora de muita piedade, e entre 1714 e 1745, benfeitora do convento de São Francisco, Fr. Jaboatão, ***Novo Orbe Seráfico,*** I, parte 2.ª, pp. 77-78, identificamos-lhe a sepultura no cláustro do convento, extremidade da galeria direita. Faleceu a 5 de novembro de 1745, ***L. de Óbitos da Sé,*** arq. da Cúria.

5. FRANCISCO PEREIRA BOTELHO. Natural de Carvalhal, termo de Óbidos, filho de Pascoal Botelho e Inês Ferreira, entrou, irmão de maior condição, na Santa Casa, a 6 de outubro de 1693. Faleceu a 30 de outubro de 1694, ***L. 2, fl. 925.*** Da sua patente (3 de janeiro de 1688, Arq. Públ. da Bahia, ***Registros de Patentes),*** de coronel do Regimento do sertão do São Francisco, em substituição de Francisco de Ávila, consta fora soldado pago na companhia do capitão Gonçalo Teixeira Vieira, do Terço do mestre de campo Álvaro de Azevedo, e capitão no do coronel Manuel Pereira de Góes (16 de abril de 1687).



6. JOSÉ DE SÁ DE MENDONÇA. Ouvidor dois anos, mas em Pernambuco, depois desembargador na Bahia. Carta de 17 de novembro de 1695, ***Doc.Hist.,*** v.57, p. 164, cargo em que se empossou a 20 de outubro do ano seguinte. Tornou-se tão rico fazendeiro que foi dos cinco para quem apelou o governo (12 de setembro de 1705), a fim de que descesse gado necessário à alimentação da cidade, ***Anais da B.N.,*** Conselho Ultramarino X, p. 63. Por dez anos exerceu a provedoria da Misericórdia. Em 1711 foi provido por um ano no cargo de Provedor da Alfândega da Bahia, ***Doc. Hist.,*** v.61, p. 192.

7. BERNARDO DE SOUZA ESTRELA. Da vila da Ribeira na ilha de Faial, filho de João Rodrigues Estrela e Bárbara de Souza Correa (diz o registro de óbito, na igreja de ***São Pedro Velho,*** Livro do arq. da Cúria), entrou na Relação da Bahia a 21 de agosto de 1723. Faleceu, viúvo de D. Joana Cavalcanti e Albuquerque, a 9 de dezembro de 1758. Filho: capitão Antônio Félix de Souza Estrela, que em 1795 servia na Cachoeira, ***Anais da B.N.,*** v. 34, doc. 6796.

8. JOSÉ PEREIRA DE ALBUQUERQUE. Bacharel em cânones pela Universidade de Coimbra, ***Brasília,*** IV, p. 147, cônego da Sé da Bahia, 1750-69, ***Anais da B.N.,*** v. 32, ms. 214, herdou-lhe os bens o primo, Rodrigo da Costa de Almeida (que o alegrou, pedindo licença para vender o que tinha na Bahia, em 1772). — Omite o genealogista outro filho de D. Joana, o Dr. Francisco Pereira de Albuquerque que em 1739 se habilitou à Ordem de Cristo, T.T., m. 36, n. 62.

9. CRISTÓVÃO TAVARES DE MORAES. Desembargador na Bahia desde 16 de março de 1700, Vilhena, ***Cartas Soteropolitanas,*** foi aposentado em 1712, ***Doc. Hist.,*** com mais de 70 anos e "com muitos achaques impedido de vir para o Reino". Fora 26 anos juiz de fora em Avís e no Redondo, e corregedor de Vizeu. Morreu a 28 de outubro de 1722, ***L. de Óbitos de S. Pedro Velho,*** arq. da Cúria. — O filho, Cristóvão, foi batizado na capela de Nossa Senhora da Vitória, freguesia de Maragogipe, a 5 de fevereiro de 1711, ***L. de Batizados do Iguape.*** Em 1716 o prendeu o vice-rei marquês de Angeja, por se ter oposto, "com a vara na mão", ao cabo dos quadrilheiros que repelira escravos seus, surpreendidos quando agrediam um branco, prisão essa que de Lisboa se mandou relachar a menor que houvesse devassa, Braz do Amaral, nota às Memórias, de Accioli, II, p. 328, Borges da Fonseca, ***ibid.,*** 1, p. 276.

10. FRANCISCO CAVALCANTI. Capitão-mor, faleceu em 1797.

11. D. MARIA FRANCISCA DE ARAÚJO ARAGÃO. "Viuvou donzela porque o marido a tinha por feia sendo ela de uma alma e natureza muito formosa, vive neste ano de 1792 casada com Antônio da Silva Pimentel seu primo", Roque Luiz, ms., fl. 8.

12. BERNARDINO CAVALCANTI DE ALBUQUERQUE. 1685-1750. Uma das principais pessoas deste Estado (tinha 14 anos), capitão da Ordenança, nos campos da Cachoeira, de que era coronel o pai, 21 de junho de 1698, Arq. Públ. da Bahia, ***Patentes de 1697 a 1713,*** fl. 96 verso. Coronel nos distritos de Maragogipe e Cachoeira, 1705, ***Doc. Hist.,*** v. 41, p. 38, teve baixa em 1717, "por motivo de execução de sentença" da Relação, que o degredou por dez anos em Benguela,

Arq. Públ. da Bahia, ***Registro de Patentes de 1717 a 1718,*** fl. 48. — Sucedeu ao pai e ao avô no morgadio, que lhe herdou o filho, José Garcia Cavalcanti de Albuquerque. — A capela de Nossa Senhora da Vitória, com os seus bens, era em 1757 administrada pela viúva, D. Antônia de Meneses, diz no seu relatório o vigário de Maragogipe, ***Arquivo Público da Bahia,*** II, p. 78.

13. D. MARIA FRANCISCA DE MENESES. Veja-se ***tít. Cavalcantis etc. na Bahia*** (e Borges da Fonseca, ***Nobiliarquia Pernambucana,*** I, p. 276). Mulher de Rodrigo da Costa de Almeida. As datas são do ***L. de Batismos do Iguape de 1708 a 1754,*** arq. da Cúria. Aparecem aí outros filhos do coronel Bernardino Cavalcanti e Albuquerque, Cristóvão, batizado em agosto de 1728, Bernardino, nascido a 1.º de outubro de 1732.

14. FRANCISCO CAVALCANTI E ALBUQUERQUE. Capitão-mor. Senhor do engenho do Desterro. Faleceu a 29 de agosto de 1783, ***L. de Óbitos do Iguape,*** arq. da Cúria. ***Francisco Cavalcanti e Albuquerque.*** Capitão-mor. Filha dele e de Antônia Batista, Francisca de Meneses, casada com o capitão Sebastião Cardoso Godinho, morreu (tinha 48 anos) a 27 de abril de 1800 e sepultada no convento de Santo Antônio do Paraguaçu, ***L. de Óbitos do Iguape,*** 1772-1803, arq. da Cúria. Os pais eram solteiros, diz o termo de óbito do irmão Roque Cavalcanti, em 1801, ***Livro citado.***

15. JOSÉ GARCIA CAVALCANTI DE ALBUQUERQUE. Batizado na capela de Nossa Senhora da Vitória, filial da matriz de São Tiago do Iguape, a 2 de maio de 1725, ***L. de Batismos do Iguape,*** arq. da Cúria, casou com D. Inácia de Araújo. Familiar do Santo Ofício, 27 de novembro de 1761, T.T., ***Fam.,*** m. 42, n. 624, faleceu a 12 de setembro de 1774, ***L. de Óbitos,*** Iguape, arq. da Cúria. A mulher, filha de Gonçalo Marinho Falcão e D. Leonor Brandão Pereira. Filhos menores, Bernardino e José. Foi capitão-mor da Cachoeira em 1765. — No posto sucedeu-lhe BERNARDINO, 1772-1813, coronel das três vilas do Recôncavo, senhor do morgado de Embiara, cujo sobrado senhoral construiu em 1806, com frontispício, brasão e data, Edgard Falcão, ***Encantos e Tradições da Bahia,*** XXIV. Casou com D. Maria Antônia Ricarda de Moraes Sarmento, veja-se ***tít. Falcão.*** Na igreja conventual de Santa Teresa, na Bahia, a pedra tumular, 18 de abril de 1813. Filhos: José Garcia Cavalcanti e Albuquerque de Aragão, coronel de milícias (1794-1836), comandante da insurreição patriótica de 25 de junho de 1822, na Cachoeira início da campanha da Independência, casado em primeiras núpcias com D. Carolina Amália de Melo, filha do negociante português Manuel José de Melo, que mandou fazer o solar da Boa Vista, em Brotas, celebrado na poesia de Castro Alves, e D. Cecília Maria de Melo. Morreu ela sem sucessão, em 1829. Em novas núpcias, casou com D. Maria Constança Albernaz Garcia, filha do coronel Jerônimo José Albernaz e D. Maria Joaquina do Nascimento de Figueiredo Sarmento, Bulcão Sobrinho, ***Famílias Baianas,*** I, p. 21.

16. BRÁS DA ROCHA CARDOSO. Filho de Domingos de Oliveira, com o hábito da Ordem de Cristo a 18 de julho de 1655, Carvalho Franco, ***Nobiliário Colonial,*** 2.ª ed., p.648.
Começou a servir em 1645, na insurreição pernambucana contra os holandeses, "uma das primeiras pessoas de quem fiou muita parte do segredo dela", disse



Vidal de Negreiros, patente de capitão, 8 de fevereiro de 1648, Melo, ***Biografias,*** I, p. 181, Recife, 1856. "Soldado, alferes, ajudante, capitão de infantaria nisso reformado e Cabo da companhia em a praça de Pernambuco, capitão-mor de Sergipe de El-Rei atualmente tenente de mestre de campo na cidade da Bahia, achando-se no decurso do referido tempo em todas as ocasiões de peleja, emboscadas e assaltos contra os holandeses, sendo uma das primeiras pessoas de que o Mestre de Campo João Fernandes Vieira foi o segundo daquela guerra e por sua ordem assistir no Recife por espia acusando das intenções do inimigo, e se lhe tirar muitas armas, pólvora e bala para o mesmo efeito, depois ao mesmo Mestre amotinando o povo, dando-lhes assentos em diversas partes". Esteve no combate do monte das Tabocas, na Casa Forte, em ambas as batalhas dos Guararapes. Na primeira, ferido de bala na perna, aprisionou um coronel flamengo. As demais proesas constam da patente de Mestre de Campo. Décimo Quinto capitão-mor de Sergipe del-Rei, prestou preito e homenagem em mãos do governador da Bahia, 14 de dezembro de 1682 (não 1681), como diz José de Oliveira Campos, (Estúdo ***sobre a origem histórica de limites entre Sergipe e Bahia,*** p. 129, Bahia, 1891, ***Doc. Hist.,*** v. 28, p. 239-244). Por alvará de 25 de novembro de 1684 foi-lhe dado o ofício de escrivão geral do crime da cidade da Bahia, ***Anais da B.N.,*** v. 18, p. 113. "Para o casamento de uma de suas filhas, com declaração de que tudo mais que render de 40 mil cruzados fará eu (el-rei) prover de pensão nas pessoas que me parecer". Arq. Públ. da Bahia, ***Registro de Patentes de 1684 a 1697,*** fl. 70. Como fossem menores, em alvará de 15 de fevereiro de 1685 autorizou-o o Rei a nomear serventuário, Arq. Públ. da Bahia, ***Patentes de 1684 a 1697,*** fl. 222. — Tenente do mestre de campo general, 23 de setembro de 1691, ***Livro cit.,*** fl. 198, sucedeu a Pedro Gomes no posto de mestre de campo, 15 de janeiro de 1694, ***Doc. Hist.,*** v.56, pp. 44-47. Em 1697 quis o Rei saber porque o governador o prendera. Serviu até 15 de maio de 1698, J. de Mirales, ***ibid.,*** p. 48. Tinha sesmaria na cidade, entre os conventos de São Bento e Santa Teresa, confirmada a 20 de março de 1697, Felisbelo Freire, ***História Territorial,*** p. 65, e ***Publ. do Arquivo Nacional,*** v.27, p. 99. — Os seus últimos serviços foram de capitão-mor de Sergipe del-Rei, (1681) e na conquista do quilombo dos Palmares, Carvalho Franco, ***Nobiliário Colonial,*** p. 49.

17. DIOGO DA ROCHA E ALBUQUERQUE. Da freguesia da Vargem, fora de Olinda, andou pelos sertões, a descobrir minas, teve sesmaria abaixo da barra do Paraopeba, alvará de 30 de junho de 1717, e dez anos depois era vereador na Bahia. Morreu a 1.º de agosto de 1753, ***L. de Óbitos da Sé,*** arq. da Cúria. Legou às irmãs Maria e Isabel Tenório de Albuquerque, recolhida à Soledade, a fazenda Buraco do Tatu, em Pirajá, por elas doada ao convento de São Bento, 22 de novembro daquele ano, ***L. 2 do Tombo,*** fl. 189.

18. LUIZ TENÓRIO DE MOLINA. Serviu na guarnição da Bahia desde 12 de abril de 1692, de soldado a ajudante supranumerário do sergento-mor do Terço do mestre de campo Antônio de Barros, em 1698, ***Doc. Hist.,*** v. 58, p. 122, em 1702 recomendado pelo governador para a vaga de capitão das companhias que, no ano seguinte, foram ao socorro da Colônia do Sacramento, Rocha Pita, ***op.cit.,*** p. 378, ***Doc.Hist.,*** XI, p.373.
Sargento-mor, com 200 homens pacificou os moradores da Cachoeira, "que se alteraram para não darem a farinha que lhes tocava para o sustento da infantaria".

***Doc. Hist.,*** v. 96, p. 109.
Ausentou-se sem licença do governador, que mandou se lhe desse baixa, 25 de abril de 1713, ***Doc.Hist.,*** v. 53, p. 226.
Por alvará de 30 de janeiro de 1717, portanto já conciliado com os seus deveres, teve sesmaria de uma légua quadrada, ***Publ. do Arquivo Nacional***, XXVII, p. 139.
Morava na Bahia em 1729, procurador de Joaquim Ferreira Varela, do Rio de Janeiro, e, por sua vez, representado em Lisboa por Tomaz Luis Francisco, como se vê da correspondência com Francisco Pinheiro, Luis Lizanti, ***Negócios Coloniais,*** publ. do Ministério da Fazenda, I, pp. 126-127, Rio, 1973. Faleceu a 21 de setembro de 1742 (o ***sargento-mor*** Luiz Tenório de Molina, filho do mestre de campo Brás Cardoso), ***Livro de Óbitos da Sé,*** arq. da Cúria.
— Outro do mesmo nome (seu filho?) aparece no Ribeirão do Carmo, nas Minas Gerais. Nele confiou o conde de Assumar, Diogo de Vasconcelos, ***(História Antiga de Minas Gerais,*** p. 362, Belo Horizonte, 1904) e diz Borges de Barros que nas Minas morreu, casado com D. Eugênia Pacheco, filha do pernambucano Domingos Pacheco e Catarina Cardoso, da Bahia, com testamento de 4 de julho de 1725. Um terceiro Luiz Tenório de Molina encabeçou em 1749 o movimento contra a posse do clérigo Antônio de Brito na provedoria da Santa Casa da Bahia, Braz do Amaral, nota às ***Memórias Históricas e Políticas,*** de Accioli, II, p. 331.

19. BRÁS DA ROCHA CARDOSO (2.º). Nasceu em Ipojuca, Pernambuco, e faleceu solteiro na Bahia, 19 de agosto de 1739. ***Livro de Óbitos***, 1734-62, arq. da Cúria. Obteve sesmaria no Alto São Francisco, 30 de janeiro de 1717, ***Publicações do Arquivo Nacional***, XXVII, p. 139.

20. LEONOR DE ALBUQUERQUE. Solteira, natural da Vargem de Pernambuco, faleceu a 24 de novembro de 1743. ***L. de Óbitos da Sé,*** arq. da Cúria.

21. D. LUIZA TENÓRIO DE MOLINA. Herdou do pai, em dote, o ofício de escrivão geral do crime da cidade da Bahia (alvará de 19 de fevereiro de 1700), que o alvará de 28 de maio de 1709 permitiu renunciasse para prover à pensão necessária ao estado de religiosa, ***Anais da B. N.***, v. 18, p. 113. ***Doc. Hist.***, v. 73, p. 329.

22. CORONEL LEONARDO BEZERRA CAVALCANTI. Personagem da "guerra dos mascates" (veja-se ***Narração Histórica das Calamidades de Pernambuco,*** de Manuel dos Santos, 1717), acusado de ser um dos mandantes do tiro que levou o governador Sebastião de Castro e Caldas, em 17 de outubro de 1710, e sobretudo, de associado de Bernardo Vieira de Melo na aventura de instituir uma república ***ad instar*** de Veneza, seguiu preso para Lisboa com o irmão, Cosme, e dois filhos, Manuel e Cosme, em 28 de julho de 1712. Foram degradados para a Índia. Um dos filhos de Leonardo Bezerra morreu na viagem, o outro na Ásia. Somente ele conseguiu chegar à Bahia, vindo disfarçado na nau da carreira, e aqui se lhe comutou a pena. Consta que morreu cego (Vicente Themudo Lesa, na ***Revista do Instituto Arqueológico Pernambucano,*** ns. 135-142, p. 326 passim).



## *CAVALCANTIS E ALBUQUERQUES NA BAHIA*

### *POR OUTRO RAMO DE PERNAMBUCO*

N. 11. D. Filipa de Albuquerque, (1) filha de Filipe Cavalcanti Florentino e de sua mulher D. Catarina de Albuquerque, n. 1, fl.... e n. 11. Foi casada com Antônio de Holanda de Vasconcelos, irmão de Cristóvão de Holanda de Vasconcelos e filho de Arnao de Holanda e Brites Mendes de Vasconcelos, como fica dito. Desta D. Filipa de Albuquerque e seu marido Antônio de Holanda de Vasconcelos foram filhos:

1. Lourenço Cavalcanti de Albuquerque, que se segue.
2. Antônio de Vasconcelos Cavalcanti, abaixo.
2. Arnao de Holanda de Vasconcelos, casado e fica à fl.... n. 11.

N. 1. Lourenço Cavalcanti de Albuquerque, filho de D. Filipa de Albuquerque e de Antônio de Holanda de Vasconcelos, acima, era natural de Goiana, em Pernambuco, onde possuia dois engenhos, como escreve Duarte Albuquerque Coelho nas suas *Memórias Diárias das Guerras de Pernambuco*, onde diz o mesmo autor para a Bahia na retirada, que fez aquele povo no ano de 1635, em companhia de seu primo Jerônimo de Albuquerque, que na mesma Goiana deixava três engenhos, e poucos anos depois voltou para Pernambuco e foi pelo tempo adiante governador de Cabo-Verde. Era este Jerônimo de Albuquerque primo legítimo de Lourenço Cavalcanti, aqui por ser Lourenço Cavalcanti e filho de D. Filipa de Albuquerque, irmã de Antônio Cavalcanti de Albuquerque, pai deste Jerônimo de Albuquerque, à fl...., ns. 6 e 11. Na Bahia casou este Lourenço Cavalcanti com D. Úrsula Feio do Amaral; casaram a fins de Março de 1621, em Cotegipe, nobre viúva e mulher que havia sido de Pedro Carneiro* e irmã inteira do padre Estevão Ferreira, (2) religioso de autoridade no Colégio da Bahia, e também irmã inteira de D. Luiza Ferreira, casada com Martim Afonso Moreira, fidalgo esclarecido da casa de Sua Majestade, de quem há a mais larga descendência neste Estado, diz o manuscrito que seguimos. Era D. Úrsula Feio senhora do engenho de Cotegipe, que moía com duas moendas de água. Desta tal viúva e seu marido segundo foram filhos:

2. Antônio, batizado a 15 de outubro de 1625.
Filipe, batizado a 5 de fevereiro de 1627.
3. D. Filipa Cavalcanti, ** que foi mãe de Gonçalo Ravasco Cavalcanti de Albuquerque, *** (3) que o houve fora de matrimônio de Bernardo Vieira

---

*Notas da R.I.H.G.B.*
* *Faleceu Pedro Carneiro a 21 de maio de 1617, sepultado na Misericórdia.*
** *Faleceu esta a 6 de dezembro de 1665.*
*** *Gonçalo Ravasco faleceu a 9 de outubro de 1725.*

Ravasco, Secretário de Estado na Bahia, onde nasceu, irmão do padre Antônio Vieira da Companhia; e ambos filhos de Cristóvão Vieira Ravasco e de D. Maria de Azevedo, sua mulher. Veja-se à fl.... n...., batizada esta D. Filipa a 2 de agosto de 1633. Cotegipe.

4. D. Maria* religiosa de autoridade em Odivelas, que a recolheu a este convento D. Francisco Manuel (4) no tempo, em que veio de Portugal à Bahia, do qual com mais cautela, que sua irmã acima, houve uma filha, que se expôs em certa casa rica de Cotegipe com o nome de D. Bernarda, e casou com Gaspar de Araújo, pessoa nobre, e teve por filha a D. Isabel Cavalcanti, que casou com Paulo Pereira dos Santos, natural de Viana, e tiveram os filhos seguintes:

Francisco Pereira dos Santos, capitão de ordenança na freguesia de Nossa Senhora da Madre de Deus, que faleceu solteiro.

Mateus Pereira dos Santos Cavalcanti, (5) sargento-mor atual de um regimento de cavalaria deste Estado.

Segunda vez casou Lourenço Cavalcanti** com D. Isabel de Lima, filha legítima de Antônio de Barros Cardoso, (6) Fidalgo da Casa Real, senhor dos engenhos de Jacaracanga e Cornabussu, e de sua mulher D. Guiomar de Melo, esta filha de Roque de Melo, capitão de Malaca e de D. Leonor de Lacerda, segunda mulher, e filha de Nuno Álvares Pereira, e Antônio de Barros Cardoso, filho de Cristóvão de Barros Cardoso, (7) feitor da fazenda real no Brasil, Bahia; e de sua mulher D. Isabel de Lima, filha bastarda de Jorge de Lima Barreto. Deste segundo casamento de Lourenço Cavalcanti e sua mulher D. Isabel de Lima foi filha.

5. D. Guiomar, batizada a 28 de junho de 1637.

5. D. Brites Francisca de Lima, que se segue, batizada a 29 de agosto de 1638.

N. 5. D. Brites Francisca de Lima, (8) por falecimento de seus pais Lourenço Cavalcanti e D. Isabel de Lima, ficou em casa de sua avó D. Guiomar de Melo e nela se casou*** com um seu primo, que viera da Índia João de Barros Cardoso, muito pródigo e vicioso, de sorte que, gastando tudo o que possuia, por queixas de sua mãe D. Inês de Barros, mulher de Antônio de Barros Cardoso, que eram pais do dito João de Barros Cardoso, marido de D. Brites Francisca de Lima, a dita mãe de João de Barros, queixando-se a el-rei, Sua Majestade o mandou ir com sua mulher para Portugal, lá foi ela, sua tutora. De D. Brites de Lima e seu marido João de Barros Cardoso, foi filha.

---

*Notas da R.I.H.G.B.*

** Batizada a 27 de abril de 1628.*

*** Casaram a 11 de outubro de 1636. Maruim.*

**** Casaram a 3 de outubro de 1650, na igreja do Desterro.*



N. 6. D. Maria Madalena de Barros, filha herdeira de João de Barros Cardoso e de sua mulher D. Brites Francisca de Lima, foi casada à vontade del-rei com Luiz de Melo (9) XIV senhor de Melo, * e destes existe sucessão naquela casa, porque desses foi filho:

7. Estevão Soares de Melo.

N. 2. Antônio Cavalcanti de Albuquerque, filho de Lourenço Cavalcanti de Albuquerque e p...., n. 1, foi casado com D. I e teve filha.

D. Maria Cavalcanti, a qual para casar com Jerônimo Cavalcanti de Albuquerque, foram dispensados pelo cabido da Bahia sede vacante por sentença de 18 de agosto de 1667, por serem parentes em 3.º grau de consangüinidade pelo orador ser filho de D. Joana de Vasconcelos e neto de Arnao de Holanda de Vasconcelos e a oradora filha de Antônio Cavalcanti, e neta de Lourenço Cavalcanti de Albuquerque, que era irmão inteiro de Arnao de Holdanda de Vasconcelos, avô da oradora: e sabe que o orador tirou a oradora de casa de sua mãe e padrasto, e a levou e recolheu em casa de D. Joana de Albuquerque, irmã de Antônio Cavalcanti e tia de ambos os oradores; e sabe também, que os oradores procedem de neófitos, porquanto a avó do orador D. Catarina Camelo tinha um quarto de índia da terra, por ser filha de uma mamaluca, (10) e esta D. Catarina Camelo foi mulher de Jerônimo de Ataíde e estes foram os pais de Gaspar de Albuquerque, pai do orador.

---

1. D. FILIPA DE ALBUQUERQUE. Borges da Fonseca, ***Nobiliarquia Pernambucana,*** I, p. 324 e seguintes.

2. PE. ESTEVÃO PEREIRA. Veja-se Serafim Leite, História da Companhia de Jesus no Brasil, VI, p. 431. Casou D. Úrsula a 22 de março de 1621 e morreu a 4 de abril de 1636 (Macedo Leme, ***Genealogia,*** fl. 121).

3. GONÇALO RAVASCO CAVALCANTI DE ALBUQUERQUE. Veja-se ***tít. Ravasco*** e o que ali se diz da família do padre Antônio Vieira. Fr. Jaboatão e Borges da Fonseca bebem na mesma fonte.

4. D. FRANCISCO MANUEL (DE MELO). Interessa-nos aqui a fase brasileira da vida de D. Francisco Manuel, o escritor das "Epanaphoras de varia história" que na Bahia viveu três anos. Desterrado por ordem de D. João IV e encobertos motivos veio na frota de 1655 comandada por Francisco de Brito Freire, outro que aparara a pena com a espada, na sua mesma frase pitoresca (***"Viagem da armada da Companhia"***, Lisboa, 1655, impressa por mandado de El-rei N.S., p. 3). O próprio Brito Freire, autor da ***"História da Guerra Brasílica"***, fez o elogio do prisioneiro:

---

*Nota da R.I.H.G.B.*

** Teatro Genealógico. Ano 137.*

"no governo da frota da Bahia, que na viagem encarregara às largas experiências e mais estimados que venturosos merecimentos de D. Francisco Manuel, por ele haver de ficar no Brasil, nomeou o marquês de Plavecino..." (***op. cit.,*** p. 21). A partida de Lisboa foi a 17 de abril de 55. Na Bahia viveu principalmente em Monserrate, "entre dois mares". Escreveu ali a maior e mais notável parte dos ***"Apólogos Diálogaes"...*** (Edgar Prestage, ***D. Francisco Manuel de Melo,*** p. 216, Coimbra 1914). Perdeu-se o "Diário do Brasil", anunciado no primeiro volume das "Obras Morales", e que compôs nesse tempo, entregue mais ao estudo que à contemplação do meio, que o aborrecia e irritava. ***Sonetos,*** que também produziu no desterro, são repassados da amargura, agravada pela repugnância dos costumes bárbaros, como dos escravos.

"Que desta negra gente, em festa ruda,
Endoidece o lascivo movimento".

Pertencem estes versos a poesia de ementa expressiva: "Varia idéa estando na América e perturbado no estudo por bailes de bárbaros".
O "candomblê" ofendia a sensibilidade do poeta que dera à língua portuguesa tesouros de harmonia e suavidade. Acrescia-lhe, revelada nas ***"Cartas Familiares"*** (III, 19 e IV, 39) o horror antigo ao exílio no país que chamava paraíso de mulatos, purgatório de brancos, inferno de negros.

Voltou em 1658, com escala pela ilha de S. Miguel. A 14 de junho daquele ano escrevia, foram "oitenta e quatro dias de molestíssima viagem. Eu a passei com pouca saúde porque vim do Brasil sem ela". Carta na Biblioteca da Ajuda, ***Prestage, op. cit.,*** p. 291.

Estas informações retificam quanto, sobre a viagem do escritor à América, disseram Herculano, Camilo, Teófilo Braga.

5. MATEUS PEREIRA DOS SANTOS. "O qual faleceu há poucos anos porque no ano de 1755 era vivo", Macedo Leme, ***Genealogia,*** fl. 121 verso.

6. ANTÔNIO DE BARROS CARDOSO. Filho de Cristóvão de Barros, a quem acompanhou na conquista de Sergipe del-Rei, neto do Provedor da Fazenda que os caetés devoraram, a sua sesmaria estendeu-se de São Cristóvão ao São Francisco. Tinha engenho em Jacaracanga, Gabriel Soares, ***op. cit.,*** p. 135. "Morador nobre", certa vez hospedou o padre Anchieta, que lhe recusou a cama luxuosa para armar a sua rede, Simão de Vasconcelos, ***Vida do Venerável Pe. Joseph de Anchieta,*** p. 286, Lisboa, 1672. Seu genro, Pedro de Abreu Lima (adiante) vendeu aos jesuítas duas sortes de terra no São Francisco doadas em 1649, ***Doc. Hist.,*** v. 63, pp. 346 e 355. Do ***Livro 1.º do Tombo da Santa Casa:*** "o Irmão Jorge Ferreira deixou a esta Santa Casa todas as suas casas que foram de Antônio Cardoso de Barros de sobrado e térreas na rua que vai do Terreiro para o dique..."

7. CRISTÓVÃO DE BARROS. Filho do Provedor da Fazenda Antônio Cardoso de Barros (e seu vingador), veio comandando a frota de três galeões em socorro a Estácio de Sá, instalado no Rio de Janeiro. Engrossada na Bahia com outros barcos, constituiu a armada com que Mem de Sá conquistou e restaurou a cidade, em 1567 (Joaquim Veríssimo Serrão, ***O Rio de Janeiro no Século XVI,*** I, p. 114 e segs., Lisboa, 1965, com a bibliografia fundamental). Foi o 3.º capitão-mor do Rio de Janeiro, 1572-1577, onde teve sesmarias e engenho de açúcar em Magé. Em 1577 Provedor-mor da Fazenda, (como o pai) com 100 mil réis anuais (***ibid.,*** I, p. 150),



governou interinamente a Bahia, com o bispo D. Antônio Barreiros (1587-1591). Conquistou e fundou a capitania de Sergipe del-Rei (1589-1590). Perpetua-lhe o nome a cidade de São Cristóvão (nossa ***História do Brasil,*** ed. de José Olympio, II, p. 401). Ainda em 1601, na Bahia, exercia o governo, ***Anais do Arq. Públ. da Bahia,*** v. 29, p. 17. No ano anterior instituiu morgado, "para obstar que seu filho Antônio Cardoso de Barros tudo esbanjasse", (***Consulta do Conselho Ultramarino, Papéis Avulsos,*** Bahia, cxa. 12).
Omite o linhagista as filhas de Antônio de Barros Cardoso, D. Mariana, mulher de Pedro de Abreu Lima, que recebeu da sogra, viúva, D. Guiomar de Melo, terras em Sergipe del-Rei e no São Francisco, vendidas aos carmelitas e aos jesuítas (1652, ***Memórias do Convento do Carmo da Bahia,*** fl. 96, ***Doc. Hist.,*** v. 63, pp. 346 e 355); e D. Maria, casada com Antônio das Neves Ferro, a quem o sogro legou 3 mil cruzados, compensados pela sobra em terras que o filho, Simão Pacheco, vendeu ao convento do Carmo, ***Memórias cit.,*** fl. 83. Cremos que também fosse filho de Antônio de Barros Cardoso — João de Barros Cardoso, que em 1624, no monte do Conselho, no Rio Vermelho, fez parte da comissão (com o auditor geral Antônio de Mesquita e o coronel Lourenço Cavalcanti) que organizou a resistência aos holandeses senhores da cidade.

8. D. BRITES FRANCISCA DE LIMA (E BARROS). Declara a ***Consulta do Conselho Ultramarino,*** citada: a mãe, D. Isabel de Lima, tentou partilhar os bens que ficaram de seus avós, para da terça instituir morgado, o que fez, por sua morte, D. Brites Francisca, em 1645. Importou a herança em 573 mil cruzados, dos quais 191 mil reservou ao morgado. "Que neste tempo casou a dita D. Brites Francisca de Lima com João de Barros Cardoso, o qual dissipou o que havia, com tão miserando descaminho que foi necessário dar-se-lhe curador, como a pródigo, entre as vendas que fez, foi a da fazenda Contenda". Disse João em 1650 que, solteira, por seu procurador, Licenciado Gaspar Cerqueira Ribeiro, transigira D. Brites Francisca com Pedro de Abreu Lima, para que ficasse ele com as terras (parte das quais vendeu aos jesuítas) e ela "como herdeira única dos bens de Cristóvão de Barros e sua mulher como de Antônio Cardoso de Barros e da dita D. Guiomar", ms. ***arq. do convento do Carmo da Bahia.*** D. Brites requereu sequestro contra Nicolau Álvares de Figueiredo, "que nulamente possue as fazendas e engenhos desta contenda", carta do desembargador Antônio Nabo Peçanha, 1675, ms. ***Arq. Hist. Ultramarino.*** O vice-rei Conde de Óbidos baixou portaria, 4 de junho de 1664, ms. ***Arq. Hist. Ultr.,*** informando que mandara o rei, carta de 20 de maio de 1662, embarcasse para Lisboa João de Barros Cardoso com a família na primeira frota, "por dissipar seus bens, sendo vinculados ao morgado e capela que lhe veio por herança de D. Brites de Lima e Barros sua mulher", ***Doc. Hist.,*** VII, pp. 157-158.

9. LUIZ DE MELO. Filha única de João de Barros Cardoso, D. Maria de Lima foi segunda mulher de Luiz de Melo, senhor da vila de Melo, filho de Estevão Soares de Melo, que figurou na restauração da Bahia, Pe. Antônio Carvalho da Costa, ***Corografia Portuguesa,*** II, p. 247 (2.ª edição). Filhos: Estevão, sucessor da Casa, Francisco e João de Melo.
O 19.º senhor de Melo foi Luiz Francisco Soares de Melo da Silva Breyner Souza Tavares e Moura, desembargador no Rio de Janeiro, capitão general na Madeira e em África (1801-1865).

10. MAMALUCA. Respeitamos a grafia, é dos clássicos quinhentistas, de ***mamaluco,*** gentílico árabe. Enganaram-se os que pensaram que ***mamaruca,*** como aparece nos papéis seiscentistas, fosse tupi. É corrupção da palavra corrente; está nos ***Lusíadas,*** nossa tese, ***O Segredo das Minas de Prata,*** p. 2, Rio, 1950.

## *ANTÔNIO DE HOLANDA DE VASCONCELOS*

### *D. Filipa de Albuquerque*

Filho — Filho
Arnao de Holanda de — Irmãos legítimos — Lourenço Cavalcanti de Albu-
Vasconcelos — 1.º gr. — querque.
D. Catarina Camelo. — D. Úrsula Feio do Amaral.

Filha — Filho
D. Joana de Vasconcelos — 2º gr. — Antônio de Vasconcelos.
Jerônimo Cavalcanti de Magalhães. — 3º gr. — D. Maria Cavalcanti.
Orador. — Oradora.

N. 2. Antônio de Vasconcelos Cavalcanti, (1) filho segundo de Antônio de Holanda de Vasconcelos e de sua mulher D. Filipa de Albuquerque, n. 11 fl.... Veio à Bahia depois chamado por seu irmão Lourenço Cavalcanti e este casou * o dito seu irmão Antônio de Vasconcelos Cavalcanti com uma enteada sua, que se chamava D. Catarina Soares, filha de D. Úrsula Feio, mulher do sobredito Lourenço Cavalcanti e do seu primeiro marido Pedro Carneiro, e viveram pouco Antônio de Vasconcelos e a dita sua mulher D. Catarina Soares, ** ficando deles um só filho de idade de um ano chamado.

3. Francisco de Vasconcelos Cavalcanti, que se segue.

N. 3. Francisco de Vasconcelos Cavalcanti, (2) filho de Antônio de Vasconcelos Cavalcanti e de sua mulher D. Catarina Soares, ficou órfão de um ano de idade e se criou até os 24 em casa de seu tio Lourenço Cavalcanti, o qual o casou *** com uma sua parenta chamada D. Antônia Lobo, **** filha legítima de Baltazar Lobo de Souza e de sua mulher D. Ana da Gamboa. Era D. Antônia Lobo neta por parte paterna de Gaspar de Barros de Magalhães, (3)

*Notas da R.I.H.G.B.*

* *Casaram a 15 de novembro de 1623.*
** *Faleceu esta D. Catarina Soares a 2 de março de 1636.*
*** *Faleceu esta D. Antônia Lobo a 5 de agosto de 1669. Sepultada no Carmo. Testamenteiro Ana de Gamboa, sua mãe e seus filhos, Baltazar de Vasconcelos e Antônio de Vasconcelos.*
**** *Casaram a 9 de junho de 1639.*



homem fidalgo, que veio ao Brasil exterminado, e de sua mulher D. Catarina Lobo de Barbosa de Almeida, uma das três irmãs, que mandou a rainha D. Catarina no ano de 1552, para casarem na Bahia com os homens ricos e principais da terra, e estas três irmãs eram filhas legítimas de Baltazar Lobo de Souza, que morreu na carreira da Índia no serviço del-rei, irmão segundo e inteiro do Conde de Sortelhas. Era D. Antônia Lobo, de quem íamos falando, neta por via materna de Antônio Moreira de Gamboa e de sua mulher D. Antônia Dória de Menezes, que era filha de Cristóvão da Costa Dória, à fl. n. 2.

Vide nota marginal, fl. 55. A mãe e irmãs de D. Catarina Lobo Barbosa de Almeida.

4. Baltazar de Vasconcelos Cavalcanti de Albuquerque, que se segue.

5. D. Úrsula, (4) regliosa no convento do Desterro da Bahia.

6. D. Catarina Soares, que casou com Francisco da Fonseca de Siqueira, (5) filho de Simão da Fonseca de Siqueira (6) e de sua mulher D. Francisca de la Penha Deus dará, como vai à fl. 59, n. 6.

7. D. Ana Cavalcanti de Albuquerque, (7) que casou com o capitão Domingos Martins Pereira, * cavaleiro professo na Ordem do Cruzeiro, senhor do engenho de São-Paulo, de quem foi filho Antônio Cavalcanti, (8) que casou com D. Córdula de Sá Barreto, filha do capitão Gaspar Maciel de Sá e de sua mulher D. Joana Barreto, dos quais foi filho Pedro Cavalcanti, sacerdote. (9) Segunda vez casou a dita D. Ana Cavalcanti, morto seu primeiro marido Domingos Martins Pereira, (10) com Pedro Fernandes Aranha, ** filho do mestre de campo Nicolau Aranha Pacheco e de sua mulher D. Francisca de Sande, à fl...., de quem não houve sucessão, e Pedro Fernandes Aranha se ordenou de sacerdote, bem conhecido na Bahia.

8. Antônio de Vasconcelos, sacerdote.

O sobredito Francisco de Vasconcelos Cavalcanti, depois de ter a prole acima referida, passou a Pernambuco com o projeto de remir o engenho Gecipitanga da vocação de S. Antônio, denominado o Engenho-Novo de Goiana, que o tinha o inimigo assolado, e tinha sido de seu pai e avô Antônio de Holanda de Vasconcelos, o qual engenho moía com três moendas, duas de água e uma de bestas, e confinava com as terras dos engenhos do Diamante e Palha, pelo que era intitulado o Rico Homem de Goiana o dito seu avô Antônio de Holanda de Vasconcelos. E tendo reedificado o dito engenho, se tornou dali a bastantes anos para a Bahia, onde havia deixado sua mulher e filhos, e

*Notas da R.I.H.G.B.*

* *Faleceu ele a 9 de novembro de 1661.*
* *Casaram a 2 de outubro de 1677 e era já viúvo de Joana Pereira Rufina, declara o termo deste seu 2.º casamento.*
** *Casaram a 2 de fevereiro de 1689 na capela de S. Paulo.*

falecendo logo, deixou em seu testamento se não vendesse aquela propriedade, mas por serem seus herdeiros menores, com provisão régia, foi vendida, e rematada por André Vidal de Negreiros.

N. 4. **Baltazar de Vasconcelos Cavalcanti de Albuquerque**, (11) filho de Francisco de Vasconcelos Cavalcanti, n. 3, e de sua mulher D. Antônia Lobo, foi casado com D. Antônia de la Penha Deusdará, que era filha legítima de D. Francisca de la Penha Deusdará, que para a Bahia havia passado em companhia do desembargador Simão Álvares de la Penha Deusdará e na Bahia casou esta sua irmã D. Francisca de la Penha Deusdará com Simão da Fonseca de Siqueira, fidalgo da casa de Sua Majestade, senhor do engenho do Caboto, e filho legítimo de Francisco da Fonseca de Siqueira * e de sua mulher D. Maria de Góes. De D. Antônia de la Penha Deusdará e seu marido Baltazar de Vasconcelos Cavalcanti foram filhos:

9. Baltazar de Vasconcelos Cavalcanti, que se segue. Simão de Vasconcelos, religioso do Carmo. D. Antônia do Paraíso, (12) religiosa no Desterro da Bahia.

10. D. Tereza Cavalcanti de Albuquerque, adiante n. 10.

E um que faleceu estudante. (13)

N. 9. Baltazar de Vasconcelos Cavalcanti, (14) filho de Baltazar de Vasconcelos Cavalcanti e de sua mulher D. Antônia de la Penha Deusdará, foi Familiar do Santo Ofício, casou com D. Ana Pereira da Silva ** filha legítima de Albino Nuno Pereira da Silva (15) e de sua mulher D. Antônia de Sá Barreto, que era filha de Francisco de Sá Barreto, ou de Meneses, à fl.... n. 6 e de sua mulher D. Jerônima Diniz, filha de Filipe Veloso e de sua mulher Maria da Cruz Diniz; Nuno Pereira da Silva, era filho legítimo de Pedro Machado Palhares e de D. Maria de Abreu, sua mulher; a qual, por morte deste seu marido Pedro Machado Palhares, (16) casou segunda vez D. Maria de Abreu com o capitão Francisco de Araújo da Costa; e Nuno de Abreu era também já viúvo de Apolônia Ximenes. Foi escrivão proprietário da alfândega da Bahia com provisão de 13 de março de 1692, sendo rei D. Pedro 2.º, e já o tinha sido seu pai Pedro Machado Palhares. De Baltazar de Vasconcelos Cavalcanti e de sua mulher D. Ana Pereira da Silva foram filhos:

11. D. Joana Cavalcanti de Albuquerque, (17) que vai adiante n...., houve Catarina dos Anjos, (18) religiosa no convento do Desterro da Bahia, donde passou para o do Rio de Janeiro no ano de 1748, a ser lá fundadora e voltou para o da Bahia no de 1761.

*Notas da R.I.H.G.B.*

* *Faleceu este Francisco da Fonseca de Siqueira a 12 de outubro de 1660. Sepultado no Carmo.*
** *Casaram em 21 de outubro de 1694, sendo já viúvo.*



Segunda vez casou o sobredito Baltazar de Vasconcelos, com sua parenta D. Antônia de Argolo de Meneses, filha legítima de Antônio Moreira de Meneses e de sua mulher D. Ana de Argolo, filha esta de Rodrigo de Argolo e de sua mulher D. Isabel Pereira de Magalhães, filha de André de Padilha à fl.... e de D. Antônia de Argolo e de seu marido Baltazar de Vasconcelos Cavalcanti. * Foi o sobredito Baltazar de Vasconcelos Cavalcanti, senhor do engenho de Mombaça e proprietário do ofício de escrivão da alfândega da Bahia por via de sua primeira mulher, e pela segunda foi senhor dos engenhos de São-Miguel, Traripe e Cazumbá, com mais terras a eles anexas e outras na Piricuara, Catacumba, Carapiá e na vila de Santo-Amaro. Faleceu muito velho em 1.º de abril de 1761. (19)

N. 10. D. Teresa Cavalcanti de Albuquerque, filha de Baltazar de Vasconcelos Cavalcanti de Albuquerque, n. 4, e de sua mulher D. Antônia de la Penha Deusdará, casou com o capitão José Pires de Carvalho, (20) Familiar do Santo Ofício, fidalgo da casa de S. Majestade e cavaleiro professo na Ordem de Cristo, que era filho do coronel Domingos Pires de Carvalho (21) e de sua mulher Maria da Silva, filha de Paulo Nogueira e de sua mulher Inês da Silva, e Domingos Pires, filho de João Pires de Carvalho e de sua mulher Catarina Francisca, naturais todos da freguesia de S. Pedro de Serzedelo, arcebispado de Braga. Tem morgado nesta cidade este José Pires de Carvalho, do qual e da sobredita sua mulher D. Teresa Cavalcanti ficaram filhos.

12. Salvador Pires de Carvalho, que se segue.

13. José Pires Carvalho de Albuquerque, adiante.

E cinco religiosas no convento do Desterro da Bahia, (22) donde foi abadessa a madre Maria do Sacramento (23) e a madre Josefa Teresa de Jesus, que faleceu a 28 de agosto de 1761, com boa opinião.

N. 12. Salvador Pires de Carvalho Albuquerque (24) filho de José Pires de Carvalho e de sua mulher D. Teresa de Carvalho e Albuquerque,**n. 10. Além do morgado que tem nesta cidade, herdado de seu pai, tem outro em Santa-Senhorinha de Viana, que lhe vem pelos Pereiras. Casou com sua prima D. Joana Cavalcanti de Albuquerque, filha de Baltazar de Vasconcelos Cavalcanti, n. 9, e de sua mulher primeira D. Ana Pereira da Silva; desta e seu marido Salvador Pires de Carvalho teve filhos:

14. José Pires de Carvalho Albuquerque, que se segue.

15. D. Ana Teresa Cavalcanti de Albuquerque, (25) que casou com o mestre de campo de auxiliares da Torre, Garcia de Ávila Pereira, último até

*Notas da R.I.H.G.B.*

* *Não houve sucessão*
** *Casaram-se a 22 de janeiro de 1727, na capela de São Roque.*

aqui deste nome, que, sem sucessão, é viúvo, morta a dita sua mulher.

16. Salvador Pires, (26) religioso da companhia, Antônio Pires, (27) religioso menor, a madre Teresa Bárbara (28) religiosa no Desterro, Inácio e Francisco, (29) estudantes.

N. 14. José Pires de Carvalho Albuquerque, (30) filho de Salvador Pires de Carvalho Albuquerque, n. 12, e de sua mulher D. Joana Cavalcanti Albuquerque, foi mestre de campo das marinhas e hoje capitão-mor da cidada da Bahia, sucedeu no morgado de seu avô, fidalgo da casa de Sua Majestade e cavaleiro da Ordem de Cristo, casou com D. Leonor Pereira Marinho, filha legítima do mestre de campo de auxiliares da Torre Francisco Dias de Ávila, pai do que ao presente vive. Garcia de Ávila Pereira, e de sua mulher D. Catarina Francisca Correa Vasqueanes. De José Pires de Carvalho Albuquerque e de sua mulher D. Leonor Pereira Marinho há filhos de menoridade:

D. Ana Maria, (31) D. Joana, Salvador, (32) D. Maria e D. Catarina.

N. 13. José Pires de Carvalho Albuquerque, (33) irmão de Salvador Pires e filho de José Pires de Carvalho e Albuquerque e de sua mulher D. Teresa Cavalcanti de Albuquerque n. 10, Fidalgo da Casa Real, cavaleiro da Ordem de Cristo, alcaide-mor da vila de Maragogipe e Secretário de Estado na Bahia, casou com D. Isabel Joaquina de Aragão, filha do provedor da alfândega, que foi da Bahia, o coronel Domingos da Costa de Almeida e de sua mulher D. Brites da Rocha Pita, filha do coronel Sebastião da Rocha Pita, á fl.... e tem filhos.

José Pires de Carvalho Albuquerque, (34) que casou a 21 de setembro de 1776 com D. Maria Francisca de Araújo Aragão, filha herdeira de Francisco de Araújo Aragão e de sua mulher D. Maria Francisca Cavalcanti, à fl.... n. 53 e fl.... n. 18.

José Pires de Carvalho Albuquerque, (35) Antônio Joaquim Pires de Carvalho Albuquerque, (36) D. Teresa Josefa, (37) D. Teresa Mariana.

---

1. ANTÔNIO DE VASCONCELOS CAVALCANTI. Leia-se Fr. Jaboatão, ***Novo Orbe,*** II, 3.ª parte, p. 746 (ed. do Instituto Histórico, Rio, 1858), no capítulo dedicado à Madre Antônia do Paraíso.

2. FRANCISCO DE VASCONCELOS E ALBUQUERQUE (é o seu nome). Casado com Antônia Lobo, (registro de irmão da Santa Casa da Bahia de seus filhos Baltazar, L. 2, fl. 139 e Francisco da Fonseca Lobo, L. 2 fl. 149).

3. GASPAR DE BARROS DE MAGALHÃES. Veja-se ***tít. Barros e Magalhães na Bahia.*** Nomeou Mem de Sá, provisão de 3 de janeiro de 1560, contador da Bahia, ***Anais da B. N.,*** v. 27, p. 264. Com Diogo Lopes de Meira, Juiz dos feitos da fazenda, governou a terra na ausência do governador geral, que fora expulsar os franceses do Rio de Janeiro. Vereador em 1562, escreveu ao rei pedindo mandasse governador justo e honesto, Capistrano de Abreu, nota à ***História Geral do Brasil,*** de Varnhagen, I, pp. 404-5. Já era falecido em 1591. D. Catarina Lobo, natural de Setúbal, filha de Henrique Lobo e Isabel de Berredo, "uma das órfãs que el-rei D. João mandou a este Estado", como declarou, ***Denunciações da Bahia,*** p. 404, nasceu em 1541. Casou em segundas núpcias com André Monteiro, ***Confissões da Bahia,*** p. 43. Veja-se ***tít. Monteiros.***

4. D. ÚRSULA. Soror Úrsula da Conceição; recebeu o hábito a 22 de outubro de 1679, 3.ª Freira que professou no Desterro, Fr. Jaboatão, ***Novo Orbe Seráfico,*** II, p. 658. Tinha 26 anos.

5. Veja-se ***tít. De La Penha Deus Dará.***

6. SIMÃO DA FONSECA DE SIQUEIRA. Da Bahia, filho de Francisco da Fonseca e D. Maria de Góes, fidalgo cavaleiro em 1666, pelos serviços no cerco da Bahia, em 1638, Carvalho Franco, ***Nobiliário Colonial,*** p. 143.

7. D. ANA CAVALCANTI DE ALBUQUERQUE. Casou com o capitão Domingos Martins Pereira Valadares natural da ilha da Madeira, como se vê do registro da Misericórdia da Bahia, ***Livro*** n. 4, relativo a seu filho Antônio Cavalcanti de Albuquerque. Foi ministro da Ordem 3.ª de São Francisco em 1655.

8. ANTÔNIO CAVALCANTI DE ALBUQUERQUE. Irmão da Santa Casa, 13 de abril de 1710, ***L. de Irmãos,*** citado. Faleceu D. Córdula de Sá Barreto a 2 de abril de 1775. Veja-se ***tít. Maciel e Sá.***

9. PEDRO CAVALCANTI DE SÁ. Natural da Freguesia do Socorro, faleceu a 18 de novembro de 1787, com testamento, herdeiras as sobrinhas. Foi sepultado na igreja de Nossa Senhora do Carmo, com acompanhamento de dezoito padres, ***L. de Óbitos da Sé,*** arq. da Cúria.

10. DOMINGOS MARTINS PEREIRA. Filho do capitão-mor Domingos Martins Pereira, natural da ilha da Madeira, e Joana Pereira (neste caso, sua primeira mulher), também capitão-mor, ingressou, viúvo, de D. Antônia de Uzeda Araújo, na Irmandade da Santa Casa, a 17 de abril de 1707, ***L. de Irmãos,*** 3, fl. 162.

11. BALTAZAR DE VASCONCELOS E ALBUQUERQUE. Irmão da Misericórdia em 1668, vereador em 1676 e 1677, ***Anais da B.N.,*** v. 37, doc. 26.134. Pediu licença, em seu nome e como tutor dos irmãos Antônio, Catarina, Úrsula e Ana, para vender engenhos e terras em Goiania, por muito distantes da Bahia (Consulta do Conselho Ultramarino).

12. SOROR ANTÔNIA DO PARAÍSO. Tomou o hábito no Desterro a 2 de fevereiro de 1690, com 15 anos de idade. Morreu a 25 de fevereiro de 1717 "com uma opinião muito certa de predestinada", Fr. Jaboatão, ***Novo Orbe,*** III, p. 747. Seu dote para entrar no convento, 6.500 cruzados, Anna Amélia Vieira Nascimento, in ***Anais do Arq. Públ. da Bahia,*** v.44, p. 262.

13. FRANCISCO DE ***AFONSECA*** DE SIQUEIRA. Fidalgo da Casa Real e natural da Bahia, aí serviu de capitão de 26 de junho de 1676 a 12 de janeiro de 1679. Pertenciam-lhe os serviços do tio Barnabé Álvares de Lapenha irmão de sua mãe D. Francisca de Lapenha, de 1645 a 1653, na guerra de Pernambuco, onde morreu no "recontro que houve junto dos Afogados" de "duas balas do inimigo", Teve 40$ de tença e o hábito de Cristo, Provisão de 7 de dezembro de 1697, T.T., ***Habil.*** à Ordem de Cristo, m. 34, n. 153. É nome que falta ao registro de Fr. Jaboatão.

14. BALTAZAR DE VASCONCELOS CAVALCANTI ALBUQUERQUE. Ingressou na Irmandade da Misericórdia em 1700, foi vereador em 1728. Teve Carta de ***Familiar do Santo Ofício*** em 1714. No respectivo processo se diz que enviuvou de D. Ana Pereira da Silva e em 1724 estava ajustado para casar com D. Antônia de Argolo de Meneses, viúva do coronel João Pereira do Lago. Sem descendência do segundo casamento, ***Torre do Tombo, Fam.***, maço 5, n. 91, dotou a filha, que casou com seu sobrinho Salvador Pires, escritura de 1.º de dezembro de 1726, com 21 mil cruzados, ***Doc. Hist.***, I, pp. 44 e 103. Veja-se nota seguinte. Proprietário do 2.º Ofício de escrivão da Mesa Grande da Alfândega, pediu aumento de ordenado em 1732, ***Anais do Arq. Públ. da Bahia***, v.43, p.14 (1977), e em 1736 um escrevente jurado para o atender, ***Anais*** cit., v. 44, pp. 24-5.

15. ***NUNO PEREIRA DA SILVA,*** lê-se na genealogia de José Pires de Carvalho e Albuquerque, Processo de Familiar do Santo Ofício, T.T., m.40, n. 641. Herdou do pai, Pedro Machado Palhares, o lugar de Escrivão da Alfândega da Bahia, que perdeu em 1694, por não poder cumprir a cláusula da escritura que fizera com a mãe, irmão e padrasto Francisco de Araújo, pela qual se obrigara a pagar-lhes o principal e juros de 3:736$, valor do dito Ofício, Arq. Públ. da Bahia, ***Registros de Confirmação Régia*** de 1684 a 1697, fl. 313. Obteve contudo que lhe sucedesse no lugar o irmão, Francisco Machado Palhares, em 1696, ***Doc. Hist.***, v.57, pp. 128 e 517, que o exerceu durante o seu impedimento. Era da Santa Casa desde 15 de março de 1693, ***L. 2,*** fl. 915.

16. PEDRO MACHADO PALHARES. Escrivão da Alfândega pela renúncia, em seu favor, de Amaro Machado Borges, 24 de dezembro de 1666, ***Doc. Hist.***, v.22, p. 407.

17. D. JOANA CAVALCANTI DE ALBUQUERQUE. O pai renunciou o ofício de Escrivão da Alfândega, em que entrara a 12 de setembro de 1709, em benefício do genro, Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque, adiante. Passou a 30 de julho de 1749 ao filho deste, José Pires de Carvalho e Albuquerque.

18. MADRE CATARINA DOS ANJOS. Sobre o acolhimento admirável que no Rio de Janeiro tiveram as freiras baianas, fundadoras do convento da Ajuda, em 1750, diz o ***Parnaso Festivo,*** de Mateus Saraiva, incluído em ***O Movimento Academicista no Brasil,*** v. 1, tomo 6, pp. 61 — 167, São Paulo, 1978. Voltou ao Desterro, madre Catarina dos Anjos. Foi abadessa. Em 1786 dividiu-se a comunidade. As tidas como relapsas se uniram em torno de madre Catarina, o que levou o arcebispo a suspender a eleição, Anna Amélia Vieira Nascimento, ***O Convento do Desterro,*** p. 71, Bahia, 1974.



Nota de Macedo Leme, ***Genealogia,*** fl. 123. "Disse certo Ministro com beca no Rio de Janeiro explicando um montão de Pedras — A cervus ***lapidorum*** estas fundaram um A cervus Mulieram. O dito ministro era bom latino porque sabia bem grego teste Borilo Gomes Lente de Medicina in ***illo tempore*** na universidade de Coimbra também foi fundador da Relação do Rio de Janeiro com outros ejusdem jus juris".

19. Acrescenta Macedo Leme: "com morgado nesta cidade além de 5 filhas freiras no Desterro".

20. JOSÉ PIRES DE CARVALHO (1.º). Serviu 72 anos na praça da Bahia, desde soldado pago, em 1688, a capitão de infantaria, Arq. Públ. da Bahia, ***Registro de Patentes de 1697 a 1703***, fl. 33, sargento-mor, coronel na Cidade e dos regimentos do Rio Real, Inhambupe, Itapicuru, Mata de São João e Pirajá. Foi vereador em 1727 e em 1743, provedor da Alfândega nos impedimentos de Domingos da Costa de Almeida, 22 de dezembro de 1727, ***Doc. Hist.***, v. 47, p. 143, Procurador da Rainha (1755), Irmão da Santa Casa (3 de maio de 1700, ***L. de Irmãos***, n. 3, fl. 74, Familiar do Santo Ofício (fevereiro de 1695), ministro da Ordem 3.ª de São Francisco, 1732 e 1745. Teve licença para casar com D. Teresa Cavalcanti de Albuquerque a 14 de janeiro de 1698 (ms. T.T., ***Familiar do Santo Ofício***). O seu foro de Fidalgo da Casa Real, sendo já conselheiro da ***Ordem de Cristo*** em atenção aos serviços do pai (abaixo) aparece na ***Gazeta de Lisboa,*** 5 de setembro de 1737. Alegou ao vice-rei marquês de Angeja, precisava pôr no convento do Desterro as filhas que não tinham dote suficiente para casar com pessoa de sua categoria. Estava a fortuna vinculada em morgado. O vice-rei concordou, por sua honradez e aumento que dera ao contrato dos dízimos, pelos lances com que concoradaria e pela perda que em alguns tivera. O Conselho Ultramarino opinou em contrário, "por não ser pessoa de maior nobreza ou de grandes serviços, e possuindo casa tão rica, na esperança do dote não lhe faltariam candidatos às jovens", Anna Amélia Vieira Nascimento, ***O Convento do Desterro***, p. 81. Apesar disto, fez das quatro filhas religiosas exemplares. — Com o seu lastro humanista, mostrou na Academia Brasílica dos Esquecidos erudição, gosto literário e graça (***preciosidade***, tema de sua oração). Presidiu — a 21 de janeiro de 1725, (Códice ms., Instituto Histórico, p. 161 e seguintes da Coleção ***Textos e Documentos***, do prof. José Aderaldo Castelo). Morreu a 11 de junho de 1759 (testamento, arq. da Santa Casa); e a mulher, a 4 de novembro seguinte. Instituiu ela outro morgado, de 8:400$, casas atrás da Ajuda, e no Unhão, como dizemos na ***História da Casa da Torre***, 2.ª ed., p. 169, além do engenho da Piedade, em favor do filho José Pires de Carvalho e Albuquerque, ms. Arq. Hist. Ultr., ***Papéis avulsos***. — Em 1727 o coronel José Pires de Carvalho morava ainda "nesta praia" (ou seja, na cidade baixa), diz o cirurgião João Cardoso de Miranda, ***Relação Cirúrgica e Médica***, p. 210, Lisboa, 1751.

21. DOMINGOS PIRES DE CARVALHO. Filho de João Pires e Catarina Francisca, naturais de Portela, no Reino, onde nasceu, como se vê do pedido, sem solução, para ser Familiar do Santo Ofício (processo relativo ao filho, acima, T.T., ***Fam.***, m. 6, n. 116). No processo de habilitação à Ordem de Cristo, T. T., m. 13, n. 84, consta que lhe levantaram impedimentos: em seu princípio fora cirurgião e o avô paterno, oleiro. Contestou, servia na praça da Bahia de sargento-mor, depois de ser

capitão das ordenanças da praia. O Conselho Ultramarino manifestou-se favorável, mas o Rei indeferiu o pedido (3 de setembro de 1693). Voltou a requerer, lembrando fizera "tudo o que foi possível para adquirir nobreza, e se acha graduado no posto de sargento-mor de um dos terços da ordenança da cidade da Bahia em que também se serve a V.M. nas guerras dos gentios e dos Palmares, sendo também um dos mais importantes vassalos da mesma cidade, pronto, e com capacidade e cabedais, para fazer qualquer serviço a V. M. importante ao aumento e conservação daquele Estado, e tem servido à República todos os cargos dela". Despachou o soberano: "Como parece dando dois marinheiros em serviço, 29 de janeiro de 1694", 21 anos serviu de capitão, 22 de junho de 1686. Arq. Públ. da Bahia, ***Registro de Patentes de 1678 a 1688***, fl. 235, sargento-mor, coronel, dos distritos do Rio Real de Cima e de Baixo, de Lagarto, da Cidade de Cotinguiba na capitania de Sergipe del-Rei (11 de maio de 1701, Arq. Públ. da Bahia, ***Patentes de 1696 a 1701***, fl. 259). Administrador da Casa da Moeda, 1694. "E pelo seu grande cabedal o nomeou o Senado da Câmara" tesoureiro geral da Fazenda, em que o Rei o confirmou a 7 de setembro de 1696, ***Doc. Hist.***, v. 57, p. 147. Ministro da Ordem 3.ª de 1701 a 1703, fez construir a igreja magnífica ao pé da de São Francisco, em cuja sacristia está o seu retrato de corpo inteiro, sem dúvida o mais notável exemplar da pintura colonial. O arquiteto foi mestre Gabriel Ribeiro, Marieta Alves, ***História da Venerável Ordem 3.ª de São Francisco da Bahia***, p. 15, Bahia, 1948. Morreu em 1709, deixando, entre avultados bens, o trapiche Gaspar Grande, que se conservou século e meio na sua descendência.

22. Quatro as filhas de Domingos Pires de Carvalho e D. Maria da Silva. Freiras do Desterro: 1. Joana, entrou em 1685, morreu em 1750; 2. Custódia dos Anjos, entrou em 1692, morreu em 1717; 3. Inês de Santa Clara, entrou em 1694, morreu em 1753; 4. Inácia de Jesus, entrou em 1696, morreu em 1758, todas batizadas na Conceição da Praia (pesquisa de Anna Amélia Vieira Nascimento).

23. Retifique-se. Eram filhas de José Pires de Carvalho, irmão das precedentes: 1. madres Josefa Teresa, entrada em 1717, falecida em 1764; 2. Maria do Sacramento, entrada em 1725, abadessa de 1762 a 1764, falecida em 1791; 3. Antônia Josefa, entrada em 1727, falecida em 1789; 4. Úrsula Córdula.

24. SALVADOR PIRES DE CARVALHO E ALBUQUERQUE. 1701-1746. Sentou-se com o irmão, José, na Academia dos Esquecidos, em 1724 (no citado ***Movimento Academicista***, o seu nome aparece irreconhecível, ora Pizza, ora Pizarro de Carvalho e Albuquerque!) Em 1742 requereu o hábito de Cristo alegando ter 26 anos de serviço (1714 a 1740), como soldado, alferes e capitão de infantaria. Fidalgo cavaleiro desde 1737, comprou a 19 de agosto de 1743, por 30 mil cruzados, o cargo de Alcaide-mor da Bahia, vago há 11 anos, com a morte de Manuel de Araújo de Aragão, casado a 29 de janeiro de 1726, com D. Joana Cavalcanti de Albuquerque, na Capela de S. Roque, filial da Matriz do Monte, era irmão da Santa Casa (28 de agosto de 1728). Capitão do Terço Novo, ajudante do tenente general, 1744, ajudante de ordens do governador, habitou-se à Ordem de Cristo (dispensado do impedimento levantado por ocasião da habilitação do avô a 5 de outubro de 1746, T. T., ***Habil.***, letra S, m. 6, n. 12). Faleceu a 5 de outubro de 1746, vagando então para a coroa a alcaidaria-mor. Morreu a viúva a 4 de novembro daquele mesmo ano (Macedo Leme, ***Genealogia).*** — O seu primeiro soneto para os Esquecidos é de 7 de março de 1724: "Apare o douto a pena, o estilo apure / e publique esta nobre Academia / quanto deve ao Monarca lusitano".



25. ANA TERESA CAVALCANTI DE ALBUQUERQUE. O seu batismo, 25 de janeiro de 1741, é o mais antigo da capela do Unhão, Anfrísia Santiago, ***Capelas Antigas da Bahia,*** (Estudos Baianos, n. 1, p. 11). Filha do capitão Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque e D. Joana Cavalcanti de Albuquerque, padrinhos José Pires de Carvalho e Albuquerque e madre Joana da Encarnação, religiosa do Desterro, por seu procurador João Félix Machado Soares. Faleceu a 15 de janeiro de 1754, ***L. de Óbitos da Sé***, arq. da Cúria.

26. SALVADOR PIRES, 2.º. Nascido a 12 de março de 1738. ***L. de Batismos da Sé,*** arq. da Cúria (batizou-se no convento do Desterro), entrou na Companhia de Jesus a 14 de agosto de 1752, Pe. Serafim Leite, ***op. cit.***, VII, p. 430. No Colégio da Bahia ensinou filosofia. Secularizou-se, com a dissolução da Ordem. Cônego da Sé, 21 de setembro de 1787, foi senhor do engenho Tapiruçu, ***Relação dos engenhos***, 1800, ms. na Biblioteca Nacional.

27. ANTÔNIO PIRES DE CARVALHO E ALBUQUERQUE. Foi batizado no convento do Desterro a 27 de junho de 1739, ***L. de Batizados da Sé***, arq. da Cúria. Presbítero secular, pediu em 1797 legitimação do filho natural, Luiz Antônio Pires de Carvalho e Albuquerque, ***Anais da B. N.***, v. 36, p. 57. Pensávamos ser o mesmo padre Antônio Pires de Albuquerque, em 1790 primeiro vigário de Monte Santo, como diz Fr. Apolônio de Todi, documento do cônego Manuel Barbosa, ***Anais do 2.º Congresso de História da Bahia***, p. 347 (1955). Morreu este em 1810.

28. MADRE TERESA BÁRBARA. Batizada na capela do Unhão, 25 de janeiro de 1741, ***Livro de Batizados da Sé***, arq. da Cúria. A entrada desta, sobrinha do alcaide-mor José Pires no convento do Desterro, produziu incidente ruidoso. Pretendendo a abadessa dar-lhe o véu preto, em 1765, as contestações pertubaram a comunidade, como informou o Chanceler da Relação, ***Anais da B. N.***, Conselho Ultramarino, V, p. 32 e Anna Amélia Vieira Nascimento, ***op. cit.***, p. 72 .

29. FRANCISCO PIRES DE CARVALHO DE ALBUQUERQUE. Filho de Salvador Pires, nascido na Bahia em 1743, bacharel em cânones em 1768, aprovado em 1769 na leitura de bacharéis. ***Anais do 4.º Congresso de História,*** XI, p. 257, opositor às cadeiras na Universidade de Coimbra, cavaleiro professo da Ordem de Cristo em 1770 (***T. T., Habil. F.***, m. 18, n. 5), em 1772, doutor, investido numa das cadeiras do Colégio dos Militares, Mário Alberto Nunes, ***Documentos da História da Universidade de Coimbra***, II, p. 312, Coimbra, 1961, Teófilo Braga, ***op. cit.***, III, p. 428, Francisco Pires de Carvalho e Albuquerque projetou na metrópole o nome da família.
Lente de Direito na Universidade, em 1779, o poema de Francisco de Melo Franco e José Bonifácio, ***O Reino da Estupidez***, lhe faz justiça aos merecimentos (e obviamente à Origem).

***Deis um Pires em letras e virtudes***
***Aos que tenho contado em tudo igual,***
***Que nascido entre povos quase rudes***
***Sábio ensina o Direito Natural.***

A última ata que assinou é de 29 de março de 1787 (ms. do arq. da Universidade de Coimbra, onde lhe pesquisamos a carreira). Desembargador extravagante da Casa da Suplicação, 10 de novembro de 1789, deputado extraordinário da Inquisição de Lisboa, "da Academia Real das Ciências e ocupado na junta do novo Código", deputado da Real Mesa do exame e censura dos livros, desembargador de Agravos, 4 de novembro de 1799, deputado da Mesa de Conciência e Ordens, 13 de maio de 1802 (nossa ***História da Casa da Torre,*** 2.ª ed., p. 172).

30. JOSÉ PIRES DE CARVALHO E ALBUQUERQUE. 1728 — 1796. Mestre de campo da Marinha, 21 de abril de 1739, J. de Mirales, ***op. cit.,*** p. 176, tinha 58 anos de soldado pago, capitão, sargento-mor, coronel em quatro regimentos e afinal capitão-mor da praça da Bahia (16 de março de 1750, Arq. Públ. da Bahia, ***Registros de Patentes de 1745 a 1750,*** fl. 267). Escrivão da alfândega, 1749, senhor do morgado instituído pelo avô materno, casou a 17 de fevereiro de 1752 com Leonor Pereira Marinho de Aragão, unindo a herança dos Albuquerques à Casa da Torre (veja-se nossa ***História da Casa da Torre,*** 2.ª ed., p. 172). Ficaram-lhe doze filhos. O primogênito, morgado José Pires de Carvalho e Albuquerque, morreu solteiro a 28 de julho de 1796, e foi sepultado na igreja de São Francisco, "conduzido em sege, depois de encomendado pelo seu Reverendo pároco, sacristão e trinta padres", ***L. de Óbitos da Sé de 1778 a 1796,*** fl. 192, arq. da Cúria. Deixou filhos de Maria da Expectação Alves Braga, Bulcão Sobrinho, ***op. cit.,*** I, pp. 68 — 69, depois mulher do comerciante Miguel José Bernardino de Leão; José (1790 — 1843), Maria (1792 — 1819), Joaquina (1795 — 96). Estudou em Coimbra, foi mestre de campo e poeta, a quem se atribuiam quadras revolucionárias, ***A Inconfidência na Bahia, Anais da B.N.,*** II, p. 107. De oito irmãs, a mais velha, D. Ana Maria de São José. A mais moça casou com o primo Joaquim Inácio de Siqueira Bulcão, 1.º barão de São Francisco (***tít. Bulcões***). — Faleceu Leonor Pereira Marinho a 25 de outubro e 95 (17 dias após o filho Salvador, adiante), ***L. de Óbitos da Sé,*** arq. da Cúria.

— Subiram ao Conselho Ultramarino os autos dos embargos (1797), em que Antônio Ferreira de Andrade, tutor dos filhos naturais do morgado, contestava a pretensão de D. Catarina Francisca Correa de Aragão e mais herdeiros, à sua herança (Arq. Hist. Ultr., cxa. 75), entre os documentos as cartas de amor a Maria da Expectação. O fato é que esses filhos foram bacharelar-se em Coimbra com o sobrenome do padrasto.

31. D. ANA MARIA (DE S. JOSÉ E ARAGÃO), 1760 — 1834. Senhora do morgado da Torre de Garcia d'Ávila. Herdou do pai o ofício de escrivão da Alfândega (20 de junho de 1797, ***Anais da B.N.,*** v. 36, p.77) que transferiu ao marido (adiante) José Pires de Carvalho e Albuquerque, filho do tio (N. 13), Arq. Hist. Ultr., ordem de 12 de junho daquele ano.



32. SALVADOR PIRES DE CARVALHO E ALBUQUERQUE. (1765 — 7 de outubro de 1795). Poeta, como o homônimo, da Academia Brasílica dos Esquecidos. Na devassa que apurou a inconfidência de 1798, deram como dele certos versos sediciosos. "P. que o dito Salvador Pires faleceu nesta cidade em 1795 ou 1796 e sendo atribuídas ao mesmo estas quadras". A Inconfidência na Bahia, II, p. 103. Mestre de campo, requereu tardiamente o hábito de Cristo. Faleceu solteiro.

33. JOSÉ PIRES DE CARVALHO E ALBUQUERQUE. 1709 — 1774. Formou-se em Coimbra 1729 — 1734 e fez a leitura de bacharel em 1735. Cavaleiro da Ordem de Cristo e Familiar do Santo Ofício, carta, de 29 de maio de 1736, T.T., ***Fam.,*** m.4, n. 541. Começou ouvidor em Alenquer. De volta à Bahia, alcaide-mor de Maragogipe, em 1741, comprou por 32 contos o ofício de Secretário de Estado, e em 1757 publicou em Lisboa 108 oitavas de louvor à Virgem da Conceição, Barbosa Machado, ***Biblioteca Lusitana,*** p.223. Foi da Academia Brasílica dos Renascidos.
Sobrinha de Sebastião da Rocha Pita, D. Isabel Joaquina de Aragão, sua mulher, tinha os engenhos Pantaleão, Brotas e Santana. ***Relação dos Engenhos,*** ms., B.N., e faleceu viúva, em Santo Amaro, a 23 de outubro de 1796. ***L. de Óbitos de Santo Amaro*** V, 1795 — 1818, arq. da Cúria.

34. JOSÉ PIRES DE CARVALHO E ALBUQUERQUE. 1747 — 1778. Secretário de Estado e alcaide-mor, em sucessão do pai. Não tendo filhos, herdou-lhe o ofício o irmão (e homônimo).
Repudiou a esposa por feia, sendo formosa de costumes (conta Macedo Leme). "Vive neste ano de 1792 casada com Antônio da Silva Pimentel". Antônio Garcia Pacheco de Almeida (corrige Bulcão Sobrinho). Foi mãe de José Garcia Pacheco de Aragão, 1785 — 1835, comandante da guerra da Independência na Cachoeira.

35. JOSÉ PIRES DE CARVALHO E ALBUQUERQUE. Fidalgo da Casa Real, Capitão-mor das Ordenanças da "parte do sul" da Bahia, proposto pela Câmara, atendendo ao "desinteresse, abundância de bens" e que, como coronel de Cavalaria auxiliar, sentara praça de cadete quando se esperava uma invasão espanhola, 30 de abril de 1781, Arq. Públ. da Bahia, ***Patentes de 1723 a 1784,*** fl. 299 v.. Casou em 23 de abril desse ano com a prima (citada) D. Ana Maria de S. José e Aragão, senhora da Casa da Torre. Senhor dos engenhos Cazumbá, Rosário, Passagem, S. Miguel, Nossa Senhora da Conceição.
Herdou do pai a Secretaria do Estado (17 de julho de 1780, ***Anais da B.N.,*** v.37, p. 156, e do sogro a escrivaninha da Alfândega. Custou-lhe 80 mil cruzados o ofício de Intendente da Marinha e Armazéns Reais. Fez vários donativos à Coroa, ***Anais*** cit., p.157. Reedificou em 1797 a sua igreja do Unhão e ornou a da Graça com as lousas armoriadas de Paraguaçu e Caramuru. Filhos: Antônio Joaquim, Teresa Josefa, Mariana Joaquina, Brites Josefa, Mariana, Antônia Mariana, José Elesbão, Joaquim, de quem falaremos: a "ínclita geração" da Independência.

36. ANTÔNIO JOAQUIM PIRES DE CARVALHO E ALBUQUERQUE. Fidalgo da Casa Real, capitão das Ordenanças de Santo Amaro (9 de fevereiro de 1795), tesoureiro do Regimento de Artilharia, Irmão da Santa Casa (1778), Familiar do Santo Ofício (1788), com a informação de que era sobrinho do Intendente Rodrigo da Costa de Almeida — casou a 2 de fevereiro de 1794 com a prima, filha

de José Pires de Carvalho e Albuquerque, irmã de D. Ana Maria de São José e Aragão, herdeira da Casa da Torre, por ser a mais velha das oito filhas de Leonor Pereira Marinho (nossa ***História da Casa da Torre,*** p. 175).

37. TERESA JOSEFA. Quatro, as filhas do alcaide-mor José Pires de Carvalho e Albuquerque e D. Isabel Joaquina de Aragão, segue-se: freiras do Desterro. Teresa Josefa do Paraíso (1750-1806), entrada em 1768, abadessa de 1793 a 1802. Teresa Mariana do Sacramento, 1751 — 1822, entrada em 1768, Mariana do Coração de Jesus. Entrada em 1796, falecida em 1816. Diz o seu registro que foi batizada no oratório da casa de seus pais com licença do Cura da Sé, em outubro de 1759. As anteriores batizaram-se na Sé. Antônia de Jesus Maria, batizada na capela do Unhão, filial da matriz de Nossa Senhora da Vitória, com licença do Cura da Sé, entrada em 1796, falecida em 1805.

## *ACHIOLI EM PERNAMBUCO*

D. Ana Cavalcanti, filha de João Gomes de Melo, o moço, à fl...., e de sua mulher D. Margarida Cavalcanti; a qual D. Margarida era irmã de D. Genebra Cavalcanti e filhas ambas de Filipe Cavalcanti, fidalgo florentino, e de sua mulher D. Catarina de Albuquerque, filha esta de Jerônimo de Albuquerque, cunhado de Duarte Coelho Pereira, primeiro donatário e fundador da capitania de Pernambuco, como fica referido várias vezes, foi casada esta D. Ana Cavalcanti; mais não achamos ainda o nome desse seu marido, (1) mas que era dos Achiolis, família ilustre de Florença, da qual passou para a ilha da Madeira um Simão Achioli, que foi também povoador da dita ilha, e deu ali princípio a esta família, como escreve o autor da ***Nobiliarquia Portuguesa*** à p. 227, e por conseqüência podemos discursar, que este casado, com a sobredita D. Ana Cavalcanti era descendente deste Simão Achioli, e da dita ilha da Madeira, ou de outra parte passaria para Pernambuco, como o fizeram outros muitos, e pessoas nobres. E daqui podemos também discorrer com fundamentos e razão, que este, que passou a Pernambuco, se podia chamar — Genóbio Achioli, porque com este nome não praticado entre os Portugueses achamos fora assim chamado um dos filhos varões desta D. Ana Cavalcanti e do tal seu marido F. Achioli; o que tudo consta de autos de dispensas autênticas como vai à fl.... e teve filhos.

1. Genóbio Achioli, que se segue.
2. João Batista Achioli, adiante.
3. Gaspar Achioli, ao depois.

N. 1. Genóbio Achioli, (2) filho de D. Ana Cavalcanti, e de seu marido Filipe Achioli, foi casado com D. Maria Pereira; a qual era filha de Felícia de Moura, e esta filha de Filipe de Moura e de sua mulher D. Genebra Cavalcanti, irmã esta de D. Margarida Cavalcanti e filhas ambas do sobredito Filipe Cavalcanti, fidalgo florentino; de Genóbio Achioli e de sua mulher D. Maria Pereira foi filho.

4. Filipe de Moura Achioli que se segue.

N. 4. Filipe de Moura Achioli, filho de Genóbio Achioli, e de sua mulher D. Maria Pereira, foi casado com D. Margarida Achioli, sua prima legítima, e dispensados, como vai na folha seguinte.

N. 4. Filipe de Moura Achioli e D. Margarida Achioli foram dispensados no 2.° grau de consangüinidade simples; porquanto ele orador é filho legítimo de Genóbio Achioli de Vasconcelos, aquele irmão inteiro de João Batista Achioli pai da oradora D. Margarida Achioli. E pela outra linha são parentes em 3.° e 4.° grau mistos e duplicados; porquanto ela oradora por via materna é neta de Manuel Gomes de Melo, irmão inteiro de João Gomes de Melo, bisavô pela parte paterna de ambos os oradores. Mostra-se mais serem os oradores parentes em 3.° e 4.° grau por via materna do orador; porque D. Genebra, bisavó do orador, pela parte materna, era irmã de D. Margarida Cavalcanti, bisavó de ambos os oradores por via materna, como mais consta dos autos. Por tudo foram dispensados pelo cabido da Bahia em 14 de julho de 1673. Desta mesma sentença se conclui assim por último: E legitimamos os filhos, que e entre ambos nasceram: ou forem nascidos, etc..

| | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| | | | Foi casada com | | |
| D. Genebra. Irmã de D. Margarida. | | João Gomes de Melo, o moço. | | D. Margarida Cavalcanti. | |
| | | Irmão de Manuel Gomes. | | Irmã de D. Genebra. | |
| Filha Moura. | | Filha valcanti. | | Manuel Gomes de Melo. Irmão de João Gomes de Melo, o moço. | |
| Filha D. Maria de Moura. | casado com Genebra de Vasconcelos. | Filho Accioli — irmãos — | | casado com João Batista Accioli. | Filha D. Maria de Melo. |
| Filho Filipe de Moura | | | Filho D. Margarida Accioli. Oradora. | | |

Gaspar Accioli de Vasconcelos e D. Mariana Cavalcanti dispensados no 1.° grau de consangüinidade por via materna. Em 28 de março de 1687 — Bahia.

Porque de Jorge Teixeira, primo direito de D. Margarida, nasceu D. Maria, e dela D. Mariana oradora; e da dita D. Margarida nasceu D. Ana, e desta Gaspar de Accioli orador; porque os ditos primos direitos eram filhos, Jorge Teixeira (3) de D. Simoa de Albuquerque, e D. Margarida nasceu de D. Catarina de Albuquerque, que ambas eram irmãs direitas: e outrosim por parte paterna estão os oradores em quinto grau, pelo orador ser parente do avô da oradora Antônia Cavalcanti em terceiro grau na forma abaixo, porque de D. Margarida, que era irmã de Antônio Cavalcanti, tataravô da oradora, nasceu D. Ana, e dela Gaspar Accioli, (4) orador. E do dito Antônio Cavalcanti nasceu D. Isabel Cavalcanti, e desta, Antônio Cavalcanti e deste nasceu Antônio Cavalcanti, pai de D. Mariana, oradora. Assim o depõe uma testemunha, e outras depõem assim — em quanto ao 4.º grau e também 5.º.

Porque de D. Simoa de Albuquerque, nascera, Jorge Teixeira e dele D. Maria, mãe de D. Mariana, oradora. E de D. Catarina de Albuquerque, irmã de D. Simoa, nasceu D. Margarida, dela D. Ana, mãe do orador Gaspar de Accioli. E também são parentes em 5.º grau os oradores, por ficar o orador com Antônio Cavalcanti, avô da oradora, em 3.º, porque de D. Margarida, irmã inteira de Antônio Cavalcanti (por serem filhos de Filipe Cavalcanti e de D. Catarina de Albuquerque), nasceu D. Ana, mãe do orador Gaspar Accioli. E do dito Antônio Cavalcanti nasceu D. Isabel Cavalcanti, e dela Antônio Cavalcanti e deste nasceu Antônio Cavalcanti, pai de D. Mariana Cavalcanti, oradora.

---

1. Graças às ***Távole*** de Pompeo Litta, ***Acciaioli di Firenze,*** em ***Famiglie Celebri Italiane,*** 1844-1845, cujo conhecimento devemos a Francisco Antônio Dória, estudioso incansável dessas origens — podemos responder à perplexidade de Fr. Jaboatão. O marido de Ana Cavalcanti ("originária fiorentina, ora nel Brasile") foi Sebastiano Gaspare ("cavaliere dell'Ordine di Cristo. Ando al Brasile", ***távola*** VIII), neto de Simão Acciaioli, dado à navegação, que na ilha da Madeira casou com Maria Pimentel, outra genealogia, ms.T.T., ***Nobiliário Queiroz,*** v. 1652, fl. 6 v., diz que Simão foi viver na Madeira em 1516. "É uma família desse Reino oriunda de Florença, onde é ilustríssima. Tem tido vários Cardiais e dizem autores de muito crédito que são descendentes dos antigos duques de Borgonha, e eram aparentados com os grã-duques de Toscana". Apresenta porém diferente versão da continuidade: que em 1742 achando-se o marquês Achiayoli só com uma filha, não havendo na Toscana cavaleiro com quem casasse, mandou convidar para genro D. Jacinto Aciayoli de Vasconcelos, morador na ilha da Madeira. Seria este o pai de Maria Pimentel? Filho desta e de Simão Acciaioli foi Zanobi, cavaleiro da Ordem de Cristo, que casou com Maria de Vasconcelos, filha de Duarte Mendes. Aos filhos do primeiro casal de Acciaioli no Brasil (Zanobi, Giambattista, Gaspar), acrescenta a ***távola*** um 4.º, Francisco. Na descendência daqueles, ambas as linhagens por pouco não se ajustam. É pois lendária a notícia de Loreto Couto, ***Desagravos do Brasil,*** p. 223: que "por diferenças que teve na pátria", Filipe Cavalcanti e Zobrio Accioli, com Nicolau Spinel, abandonaram Florença.



2. ZENÓBIO ACCIOLI DE VASCONCELOS. Nasceu em Pernambuco, em 1609 a 1610 (tinha 70 a 71 anos em 1688, testemunhando processo de Familiar do Santo Ofício (***R,*** m. 1, n. 5, da Torre do Tombo). "Mestro di campo in Pernmabuco al Brasile", na ***távola*** de Litta aparece casado com Teresa de Moura (veja-se retificação de Borges da Fonseca, ***Nobiliarquia Pernambucana,*** II, p. 51). — Engajou-se na guerra holandesa desde abril de 1634 (companhia do capitão João de Tovar). Distinguiu-se no assalto a Porto Calvo. Embarcado na armada do conde da Torre, participou da retirada de Luiz Barbalho, do porto de Touros até a Bahia. Destacado para Pernambuco, Rio Grande e as Alagoas, escalou os postos de alferes, em 1639, ***Doc.Hist.,*** II, p. 228, a mestre de campo, R. Garcia, nota à ***Hist.Geral*** de Varnhagen, II, p. 426. Levou à Bahia, com o capitão João Borges, as bandeiras tomadas nos Guararapes, Fr. Rafael de Jesus, ***Monarquia Lusitana,*** 1. II. cap. 17. Foi um dos coronéis nomeados em 1666 pelo conde de Óbidos para Pernambuco, onde reformou a guarnição deixada pelo governador Francisco Barreto, Arq. Públ. da Bahia, ***Patentes de 1657 a 1678,*** gld. 97 verso. Morreu a 4 de maio de 1668. (Vid. ainda Melo, ***Biografias,*** II, p. 164, ***Doc.Hist.,*** X, p. 304).

3. JORGE TEIXEIRA. Um dos testamenteiros de Jerônimo de Albuquerque. Tinha engenho em Olinda (1594, ***Denunciações de Pernambuco,*** p. 202 e 207, onde morava, ***ibid.,*** p. 407).

4. GASPAR ACCIOLI DE VASCONCELOS. Natural da Madeira, filho de Zenóbio Accioli, teve mercê do hábito de Cristo em 1647, pelos serviços prestados em Olinda e no cerco da Bahia por Nassau, Carvalho Franco, ***Nobilário Colonial,*** p. 156.

## *TRONCO*
### *JERÔNIMO DE ALBUQUERQUE O VELHO, OU O 1.º*
### *D. Maria Arco-Verde*

Filha — Irmãs inteiras — Filha
D. Simoa de Albuquerque. — 1.º gr. — D. Catarina de Albuquerque, mulher de Filipe Cavalcanti, Florentino.

Filho — Filha
Jorge Teixeira. Primos legítimos. D. Maria de Albuquerque.
2.º gr.
Filha — Filha
D. Maria. Primos segundos. D. Ana Cavalcanti.
3º.gr.
Filha — Filho
D. Maria Cavalcanti. 4.º gr. Gaspar Accioli.
Oradora. — Orador.

## *TRONCO*
### *FILIPE CAVALCANTI FLORENTINO*
### *D. Catarina de Albuquerque*

Filha — Filho
D. Margarida de Albuquerque. Irmãos. Antônio Cavalcanti.
1.º gr.
Filha — Filha
D. Ana Cavalcanti. Primos. D. Isabel Cavalcanti.
2.º gr.
Filho — Filho
Gaspar Accioli de Vasconcelos. Antônio Cavalcanti.
Orador

Filho
Antônio Cavalcanti, misto com o 4.º gr.
Filha
D. Mariana Cavalcanti, oradora, misto com o 4.º e 5.º gr.

N. 2. João Batista Accioli,(1) filho de D. Ana Cavalcanti e de seu marido S. Accioli, à fl.... n. 2, foi casado com D. Maria de Melo, filha de Manuel Gomes de Melo, à fl.... n. 1, e de sua mulher Adriana de Almeida Lins, à fl.... n. 1, e teve filhos como fica aí.

N. 4. D. Simoa de Albuquerque, filha natural de Jerônimo de Albuquerque, cunhado do donatário de Pernambuco Duarte Coelho Pereira, como fica às fls.... e ... foi casada e teve filho.

1. Jorge Teixeira, que se segue.

N. 1. Jorge Texeira, filho de D. Simoa de Albuquerque e de seu marido, foi casado e teve filha:

2. D. Maria, que se segue.

N. 2. D. Maria, filha de Jorge Teixeira e de sua mulher, foi casada com Antônio Cavalcanti, que era filho de Antônio Cavalcanti e de sua mulher D. Isabel de Góes, à fl.... n. 4, filha esta D. Isabel de Arnao de Holanda e de sua mulher Brites Mendes de Vasconcelos, à fl.... n. 4. De D. Maria e de seu marido Antônio Cavalcanti foi filha:

3. D. Isabel Cavalcanti, que se segue.

N. 3. D. Isabel Cavalcanti, filha de Antônio Cavalcanti e de sua mulher D. Maria, foi casada duas vezes: a primeira com Manoel Gonçalves Cerqueira, cavaleiro da Ordem de Cristo e Familiar do Santo Ofício, e a segunda vez com Francisco Bezerra Barriga, primo de seu primeiro marido; de ambos teve filhos, mas não declara o papel, que isto diz, de qual destes maridos foi esse filho.

4. Antônio Cavalcanti, que se segue.

N. 4. Antônio Cavalcanti, filho de D. Isabel Cavalcanti, acima, e de seu marido, foi casado e teve filho.

5. Antônio Cavalcanti, que se segue.

N. 5. Antônio Cavalcanti, este foi casado e teve filha.

6. D. Mariana Cavalcanti, que para casar com seu parente Gaspar Accioli, filho de D. Ana Cavalcanti e de seu marido F. Accioli, foi dispensado por sua via no 4.º grau de consangüinidade e por outra no 4.º, e também no 5.º por sentença de 28 de março de 1667, do reverendo cabido da Sé de Braga, em sede vacante, como fica na página...

Filipe Francisco de Moura Accioli, filho legítimo do capitão-mor Francisco de Freitas Accioli de Moura e de sua mulher D. Rosa Luzia Maria de Moura Accioli, neto pela parte paterna do coronel Duarte de Albuquerque da Silva e de sua mulher D. Alícia de Moura, e pela parte materna neto do alcaide-mor Filipe de Moura Accioli e de sua mulher D. Margarida Accioli e bisneto do mestre de campo Zenóbio Accioli de Vasconcelos e de sua mulher D. Maria Pereira de Moura.

---

1. JOÃO BATISTA ACCIOLI. Veja-se Borges da Fonseca, ***Nobiliárquia Pernambucana***, II, p. 11. Serviu na guerra holandesa, desde 1647. Aprisionado no mar, vindo da Madeira, fugiu a nado: esteve em ambas as batalhas dos Guararapes e ao terminar a luta, era capitão de infantaria. Sua mulher D. Maria de Melo enviuvara de Gaspar-van-der Ley, capitão holandês, que aderiu aos portugueses.
Filha: D. Maria Accioli, Mulher do alcaide-mor Filipe de Moura Accioli. Neta: D. Rosa Luiza Maria Accioli, mulher do português Simão Gonçalves Ribeiro, homem de negócios, natural de Barcelos, conforme o seu Processo de Familiar do Santo Ofício, carta de 16 de março de 1723, Torre do Tombo, ***Fam.***, m. 6, n.110.

## *ASCENDÊNCIA*

### *Dos Albuquerques em Pernambuco e depois passaram à Bahia*

Jerônimo de Albuquerque, de quem aqui se fala ao princípio, irmão de D. Brites de Albuquerque e cunhado de Duarte Coelho Pereira, (1) primeiro donatário e senhor da capitania de Pernambuco, foi filho terceiro de Lopo de Albuquerque, a quem chamam o Bode, e de sua mulher D. Joana de Bulhão, que era viúva de João de Melo, mestre-sala do rei D. João II, e a dita D. Joana de Bulhão era filha de Afonso Lopes de Bulhão.

Lopo de Albuquerque, pai de Jerônimo de Albuquerque, acima, era filho primeiro de João de Albuquerque e de D. Leonora, filha do Dr. Lopo Gonçal-

ves, desembargador da casa do cível. Deste João de Albuquerque era também filho Jorge de Albuquerque, que foi capitão de Malaca, e mui famoso na Índia, em companhia do qual andou Duarte Coelho Pereira, e pelo esforço e fidelidade deste, voltando da Índia Jorge de Albuquerque casou a Duarte Coelho Pereira em Portugal com sua sobrinha D. Brites de Albuquerque, filha de seu irmão Lopo de Albuquerque, e irmã do sobredito Jerônimo de Albuquerque, também seu sobrinho.

João de Albuquerque, pai de Lopo de Albuquerque, era filho de João Álvares de Gomide e de D. Leonora de Albuquerque. Esta era filha de D. Gonçalo Vaz de Melo, o moço, senhor da Castanheira e Xaleiros, e de sua mulher D. Isabel de Albuquerque, filha de Vasco da Cunha, o velho, senhor do morgado da Tábua, Angeja, Bemposta, Pinheiro, Figueiredo, Azeques, e outras maiores terras, alcaide-mor de Lisboa, e senhor de Beatriães do reino, rico homem e mui estimado dos reis D. Pedro I, D. Fernando, e do rei D. João I, chefe dos Cunhas e família destes, e de sua mulher segunda D. Teresa de Albuquerque. Esta era filha de D. Fernando Afonso de Albuquerque, mestre de Santiago em Portugal; e este foi filho bastardo de D. João Afonso de Albuquerque, o Bom, mui valido do rei D. Pedro de Castela. Este D. João Afonso de Albuquerque, o Bom, foi filho de Afonso Sanches, que fundou o mosteiro da vila do Conde, e era este filho bastardo do rei D. Diniz; e João Afonso de Albuquerque, filho deste foi casado com uma filha do Conde de Barcelos D. João Afonso Telo, de Portugal, e de sua mulher D. Teresa, que era filha del-rei D. Sancho e de sua mulher D. Maria, filha do infante D. Afonso, senhor de Molina.

O sobredito Gonçalo Vaz de Melo, o moço, foi filho de Gonçalo Vaz de Melo, o velho, e neto de Vasco Martins de Melo, senhor de Castanheira, Povos, Xaleiros, guarda-mor, e alferes-mor del-rei D. Fernando de Portugal, alcaide-mor de Évora, e de sua mulher D. Teresa Correa, filha de Gonçalo Gomes de Azevedo, alferes-mor del-rei D. Afonso IV, e bisneto de Matim Afonso de Melo, o primeiro, e de sua mulher D. Marinha Vasques, filha de Estevão Soares de Albergaria, o velho, senhor de Albergaria de Paio-delgado, genro, que foi, de Rui Vasques Coresma, cujos ilustríssimos ascendentes refere o conde D. Pedro nos títulos 45, 46 e 68, no tomo 55.

Casou Afonso Velho de Melo, terceiro avô do dito Gonçalo Vaz de Melo, o moço, com D. Inês Vasques da Cunha filha de Vasco Lourenço da Cunha, senhor da Tábua e rico homem, irmão de D. Gomes Lourenço da Cunha, padrinho do rei D. Diniz, e filho de Lourenço Fernandes da Cunha e de sua mulher D. Maria filha de Lourenço Gomes de Masseira, que se acharam no cerco de Sevilha, e netos de Fernão Paz da Cunha e de sua mulher D. Maior Rendiafez, bisnetos de D. Paio Gutierres, os primeiros que usaram do apelido de Cunha, cujo senhorio tiveram no solar de Cunha a velha, e adquiriram o



nome no cerco de Lisboa em tempo del-rei D. Afonso Henriques, que para guarda das cunhas, com que romperam os muros, lhas deu por orla delas as quinas.

Terceiros netos de D. Guterre Pelaez, Conde de Lima em Galisa, irmão do Conde D. Fernando Pelaez, e filhos do Conde D. Pelaio, mui sinalados na raia de Portugal, condes de Trastamara e ricos homens.

O dito D. Pelaio Guterre foi casado com D. Ourença, filha do Conde D. Trastamoro, irmão de D. Ermigios, netos del-rei D. Ramiro, o 2.º de Leão, e de sua mulher D. Mendola, filha do Conde D. Gonçalo Nunes, irmão do grande Fernão Gonçalves, Conde de Castela.

Foi o dito D. Vasco Lourenço da Cunha casado com D. Teresa, filha de D. Pedro Fernandes de Portugal e de sua mulher D. Froile Rodrigues, segunda filha de Rui Gonçalves de Pereira, em título de Pereiras, Frojazes, título sétimo, de que teve o grande Martim Vasques da Cunha, que teve o castelo de Celorico de Bastos, e foi Senhor da Tábua, casado com D. Joana, filha de Rui Martins de Nomaez, de que teve Vasco Martins da Cunha, o seco, por alcunha, casado com D. Senhorinha, filha de Fernão Gonçalves, neto de D. Martinho Barregão, comendador-mor de Santiago em Portugal, de que teve Martim Vasques da Cunha, o segundo, casado com D. Violante, filha de Lopo Fernandes Pacheco, senhor de Ferreira de Avez, que depois foi mulher de Diogo Afonso de Souza, senhor de Mafra, filho de D. Afonso Diniz, e avô de Lopo Dias de Souza, mestre de Cristo, e foi filho do dito Martim Vasco da Cunha e da dita sua mulher.

Vasco Martins da Cunha, o velho, senhor do morgado da Tábua, acima dito, pai da dita D. Isabel, mulher de Gonçalo Vaz de Melo, o moço, sogro do dito João Gonçalves de Gomide, senhor de Vila-Verde, e foram também irmãos da dita D. Isabel, D. Gonçalo Vaz da Cunha, progenitor dos Condes de Penamacor, e Martim Vasques da Cunha, Conde de Valença, Estevão Soares da Cunha, Gil Vasques da Cunha, Lopo Vasques da Cunha, que foram alferes-mores, e Vasco da Cunha, o moço, Rabo d'asno, por alcunha, senhor da Tábua e Lanhoso, ilustríssimo tronco da maior nobreza de toda a Espanha. Foi o sobredito João Gonçalves de Gomide, pai do sobredito João de Albuquerque, acima, casado com D. Leonora de Albuquerque (2) e outras quatro mais:

D. Marta de Souza (3) casou com João Gonçalves Dormondo.
Clemência Dória com Fernão Vaz da Costa. (4)
D. Violante Deça com João de Araújo de Souza, p....
D. Inês da Silva com Cristóvão Brandão. (5)

1. Sobre os inícios de Pernambuco, reportamo-nos à nossa ***História do Brasil*** (editora José Olympio, 3.ª ed.), I, pp. 184-191. Veja-se, José Bernardo Fernandes Gama,

***Memórias Históricas da Província de Pernambuco,*** I, cap. VII, Pernambuco, 1844. Filho de Duarte Coelho, Jorge de Albuquerque Coelho (cujo ***naufrágio*** em 1565, de volta ao reino, constitui o tema do mais dramático ***romance*** da história marítima), na batalha de Alcácer-Quibir cedeu o cavalo ao rei D. Sebastião, Amador Rebelo, ***Crônica del-rei D. Sebastião,*** p. 229, Porto, 1925; nossa, ***História do Brasil na Poesia do Povo,*** p. 21, 2.ª ed., Rio, 1972.

2. Neste trecho faltam linhas, pois a seguir o assunto é diferente: trata das órfãs, mandadas por D. João III para casar na Bahia.
As filhas de Baltazar Lobo de Souza, o da Índia, vieram em 1552: ***Joana,*** casou com Rodrigo de Argolo, ***Maria***, com Francisco Bicudo. Em 1553: ***Clemência Dória, Inês da Silva, Violante de Eça,*** casadas com Sebastião Ferreira, Cristóvão Brandão e João de Araújo de Souza. Em 1557, Ana de Paiva, mulher de Salvador da Fonseca, Damiana de Góes, de João Fernandes Coelho, Catarina Lobo (corrija-se o texto) do degradado Gaspar de Barros de Magalhães, Maria de Roboredo, de Antônio Lamego, Catarina Fróes, de Francisco de Moraes, Apolônia Góes, de Damião Lopes.
Quanto a Catarina Lobo, disse ser filha de Enrique Lobo e "uma das órfãs que el-rei D. João mandou a este Brasil", ***Denunciações do Santo Ofício***, 1591; Rodolfo Garcia, ***As Órfãs,*** Coleção Brasileira de Divulgação, série IV, n. 4, Rio, 1946.

3. D. MARTA DE SOUZA. "...Na vila de Ilhéos estando ela denunciante em casa de Dona ***Marta*** mulher de João Gonçalves Dormondo, tida por cristã velha", ***Denunciações de 1591,*** p. 335. "...Mulher virtuosa e faz obras de boa cristã".

4. FERNÃO VAZ DA COSTA. Vereador em 1591, quando da primeira visitação do Santo Ofício, ***Confissões***, p. 8.

5. CRISTÓVÃO BRANDÃO. Ouvidor geral da capitania da Bahia de Todos os Santos em 1591.

## *ADVERTÊNCIA*

Das três irmãs, que, em o n. 3, falando de Francisco de Vasconcelos Cavalcanti, se diz, e eram filhas de Baltazar Lobo de Souza, que faleceu na carreira da Índia, foi a:

1.ª Maria Lobo, * (1) que se segue.

2.ª Catarina Lobo de Barbosa Almeida, mulher de Gaspar de Barros de Magalhães, a fl....

---

*Nota da R.I.H.G.B.*

* *Maria Lobo etc., E D. Marta de Souza, também à fl...., que casou com João Gonçalves Dormondo à fl....*



3.ª Joana Barbosa, casada com Rodrigo de Argolo, fidalgo castelhano a fl....

---

1. MARIA LOBO, sobrinha do conde de Sortela, "história que contam na Bahia", Macedo Leme, ***Genealogia***, fl. 128.

## *BICUDO*

Francisco Bicudo (1) foi um sujeito, que veio à Bahia no princípio da fundação dessa cidade, no lugar em que está hoje, em companhia de Tomé de Souza, 1.º governador e fundador da mesma cidade, e nela casou com D. Mícia Lobo de Mendonça, * uma das 3 irmãs órfãs, de que já fica dito, e teve filhos.

1. Mícia Lobo, batizada na Sé a 21 de novembro de 1554, e foi primeira mulher de Jerônimo Moniz Barreto à fl....n. 3, e aí a sua descendência.

2. Isabel, batizada na Sé a 18 de março de 1556.

3. Isabel, batizada na Sé a 3 de março de 1560. Com as duas órfãs fidalgas, e por outras vezes mandou mais el-rei D. João III, e a rainha D. Catarina, a uma por nome Clemência, que casou na Bahia com Fernão Vaz da Costa, à fl....e aí a sua ascendência e descendência.

D. Violante Deça, que no Cairu casou com João de Araújo de Souza, (2) à fl....

E D. Inês da Silva, que não achamos ainda com quem casou e só diz assim uma memória: Casou com Cristóvão Brandão. Sem mais clareza. ** Em tempo del-rei D. João III, mandou para a Bahia três fidalgas, que são as ditas que ficam acima.

Recolhimento em que se criavam as ditas fidalgas: vai o princípio.

Nossa Senhora da Encarnação. Para amparo e abrigo de algumas órfãs nobres e pessoas honradas erigiram alguns religiosos e homens de negócio desta corte um recolhimento, que sustentavam; vendo el-rei D. João III o bom fim, a que se dirigia ação tão pia, tomou este recolhimento debaixo da sua proteção, no ano de 1543, dotando-o com rendas certas e anuais, para sustentação de 21 órfãs honradas, filhas de ministros, e ainda fidalgas, cujos

---

*Notas da R.I.H.G.B.*

* *Consta do Inventário, que se fez, de D. Mícia de Mendonça, filha deste Francisco Bicudo, e primeira mulher de Jerônimo Moniz Barreto.*

** *Veja-se sobre isso o novo mapa de Portugal na 5.ª parte a fl. 412 e seguinte.*

7. D. Francisca Xavier de la Penha Deusdará, que casou com o desembargador João Homem Freire, (10) como diz o assento do seu enterro. A 24 de fevereiro de 1723 faleceu D. Francisca Xavier de la Penha Deusdará, natural de Matoim, filha de Antônio da Rocha Pita e de sua mulher D. Aldonça de la Penha Deusdará. Era casada com o desembargador João Homem Freire; testamenteiros, seu marido e seu irmão o coronel Luiz da Rocha Pita.

8. D. Maria, (11) que indo em companhia de seu cunhado João Homem Freire para Portugal, lá casou com Manuel Homem Freire, sobrinho do dito seu cunhado em Coimbra, senhor da quinta das Lágrimas e morgado em vila Cova, e tem filhos.

9. Simão da Fonseca Pita, que se segue:

N. 9. Simão da Fonseca Pita, (12) filho de D. Aldonça de la Penha Deusdará e de seu marido Antônio da Rocha Pita, foi casado com D. Antônia, filha de Francisco da Fonseca Vilasboas, que era filho de João de Aguiar Vilasboas à fl.... n.... e de sua mulher D. Antônia ou Maria de Góes de Siqueira, filha de Francisco da Fonseca e de sua mulher D. Maria de Góes, e do sobredito Francisco da Fonseca Vilasboas foi mulher D. Maria de Melo, filha de Pedro de Góes de Araújo, à fl. ... n. 1, e de sua mulher D. Luiza de Melo, filha do coronel Luiz de Melo de Vasconcelos, à fl. ... n. 7 e 28. De Simão da Fonseca acima e de sua mulher D. Antônia foi filha:

10. D. Aldonça de la Penha Deusdará, que se segue:

N. 10. D. Aldonça de la Penha Deusdará esta acima foi segunda mulher de Amaro de Souza Coutinho, (13) que era filho legítimo de Cristóvão de Souza Dalte e de sua mulher D. Maria de Barros Pereira, (14) e havia sido casado este Amaro de Souza com D. Ana Maria de Espíndola, que sem filhos faleceu a 17 de maio de 1732, sendo então alferes este Amaro de Souza. De sua segunda mulher acima D. Aldonça teve Amaro de Souza um filho, que foi:

11. Antônio da Rocha Pita, que faleceu solteiro, e por falta deste seu neto e único herdeiro de sua casa e bens, chamou Simão da Fonseca Pita, senhor do engenho e fazendas do Caboto para herdeiro delas a Cristóvão da Rocha Pita, seu sobrinho à fl. ... n. 3, que é hoje o posuidor delas e dos tais bens.

---

1. SIMÃO ÁLVARES DE LA PENHA. Do registro de sua leitura de bacharel, em 1645, consta que o pai, Manuel Álvares, "corria com o pagamento dos soldados do Arraial da campanha de Pernambuco, contra os holandeses". Puseram-lhe os "soldados do Brasil" o apelido de ***Deus-dará,*** porque, "quando faltava dinheiro, dizia: Deus dará", ***Anais do 4.º Congresso de História,*** cm. de Luiza da Fonseca, XI, p. 140 (1951).
Simão Álvares de La Penha ("o avô materno era de Granada, pessoa nobre, veio a este Reino pela Coroa de Castela e servia o posto de contador e vedor da gente de guerra castelhana") — nasceu em Pernambuco. Nas ***habilitações*** para o clero, ***Padres do Arcebispado de Braga,*** p. 36, Lisboa, 1939, está a que intentou em 1623, filho de Manuel Álvares, de Palmeira, Braga, morador no Brasil, e Aldonça Álvares de La Penha, de Viana, neto paterno de Simão Álvares e Maria Dias, materno de Pedro Álvares de La Penha, vedor del-rei, natural do Porto, e Filipa Correa, de Granada, Espanha, dados que completam, e ratificam, os de Fr. Jaboatão. Formou-se na Universidade de Coimbra, veio na armada do conde da Torre, ouvidor geral do Rio de Janeiro, 10 de abril de 1639, ***Acórdãos e vereanças,*** p. 31, Rio, 1935; Mandou-o o marquês de Montalvão ao Recife, para tratar com o conde de Nassau as pazes, resultantes da aclamação, em Lisboa, de D. João IV, Diogo Lopes de Santiago, ***História da Guerra de Pernambuco,*** p. 174, Recife, 1943. De volta ao Reino, submeteu-se a leitura de bacharel, habilitou-se à Orden de Cristo em 1645, T.T. m. 6, n. 79, e retornou, auditor junto ao mestre de campo Francisco Barreto, com quem foi aprisionado no mar pelos holandeses. Em carta de 9 de agosto de 1647, recomendou o rei ao governador geral (naturalmente a instâncias do padre Antônio Vieira, seu cunhado) desse preferência a Simão Álvares no resgate de prisioneiros, ***Registro,*** ms. Biblioteca Nacional. Provedor-mor da fazenda, 22 de agosto de 1645, a sua nomeação para desembargador na Bahia foi anulada, para que entrasse no cargo Cristóvão de Burgos, apesar de "prudência, zelo e talento" que não lhe faltavam, no elogio do conde de Atouguia. Em 1649 (nota adiante) teve de novo o lugar de provedor-mor da fazenda. Encartou-se enfim na Relação da Bahia, em 1653. Ouvidor geral no Rio de Janeiro, 24 de janeiro de 1656, Códice Atouguia, ms. B.N., foi aí sindicar as culpas do levante contra Salvador Correa, Varnhagen, ***História Geral,*** III, p. 255, e em Pernambuco as de que era acusado João Fernandes Vieira, Garcia, nota a Varnhagen, III, p. 62. De sua morte, em naufrágio de que não houve mais notícia, diz o padre Vieira: "não se resolva a vir a Portugal com o perigo que já experimentou outro cunhado e outra irmã com cinco filhos que ficaram sepultados no mar", ***Cartas,*** II, p. 140. Em 14 de setembro de 1665 reclamou Vieira contra o confisco, disfarçado em empréstimo, do espólio — "embora tão grandes serviços de pais e avós, que confessou el-rei não tinha com que pagar", ***ibid.,*** I, p. 341.

2. MANUEL ÁLVARES. O alvará que lhe consentiu acrescentar o nome, brindando-o com o brasão d'armas, é de 22 de maio de 1649. Diz: "Manuel Álvares chamado ***Deus Dará*** filho de Antônio Álvaro de La Penha (sic) obrou nas guerras de Pernambuco, donde era morador, com a pessoa e fazenda, ajudando a sustentar o exército mais de quatro anos de mantimentos, por meio de sua boa diligência e indústria fez conduzir de outra parte com o seu dinheiro em tempo que a fazenda Real se achava com menos rendimento"; e "sair fora da trincheira ao campo com evidente risco em busca de farinhas e carne". Esteve preso dos holandeses no Recife, sem deixar de servir, e advertir, os pernambucanos. Alegava os merecimentos do filho, Simão Álvares de La Penha, graduado em Cânones. E depois de lembrar que cedera os empréstimos (para a guerra): "Há por bem de lhe fazer mercê que possa usar do apelido de Deus-dará com as armas que lhe mandei dar": e ao filho, do lugar de Provedor-mor da fazenda no Brasil por seis anos, mais o hábito de Cristo e dois de Santiago para quem casasse com sua filha, e a provedoria de Pernambuco (aditou alvará de 22 de junho seguinte), ms., ***Arq. Hist. Ultr.,*** códice 45. Fora entretanto sapateiro, disse-se por ocasião da habilitação na Ordem de Cristo do neto, Francisco da Fonseca de Siqueira (adiante), razão de impedimento, relevado pelo Príncipe, T.T., ***Habilitação da Ordem de Cristo,*** m. 34, n. 153.

3. JOÃO DO REGO BARROS. "Tendo eu em consideração aos anos que serviu as guerras deste Estado e as de Pernambuco", reformou-o o governador geral como capitão, 19 de novembro de 1650. Arq. Públ. da Bahia, ***Registro das Patentes de 1648 a 1684***, fl. 160.

4. SIMÃO DA FONSECA DE SIQUEIRA. Casou na Bahia, 20 de novembro de 1650, com D. Francisca, filha de Manuel Álvares Deusdará e Aldonça Álvares de La Penha, naturais de Pernambuco, diz a certidão, ***Doc. Hist.***, B. N., I, 4, 103, fl. 300, testemunhas o governador, conde de Castelo Melhor, e Maria de Azevedo, irmã do padre Antônio Vieira. Fidalgo cavaleiro, com 1.600 réis de moradia por mês, 7 de agosto de 1666, ***Anais da B. N.***, v. 37, p. 164. Cavaleiro de São Tiago, serviu na Bahia 21 anos "com sua pessoa, criados e escravos à custa de sua fazenda, achando-se em todas as ocasiões de guerra", lembrou o tetraneto José Pires de Carvalho e Albuquerque, ***Anais*** cit., p. 159.

5. FRANCISCO DA FONSECA. Do ***Livro 1.º do Tombo da Santa Casa da Bahia***, recomposto em 1626, consta o título de foro: "Francisco da Fonseca, filho de Simão Gonçalves, de Matoim, das casas de São Francisco que lhas repassou Antônio Vieira paga cada mês 16$". Está entre os senhores de engenho que em 1637 foram convidados para armar uma lancha, Wanderley Pinho, ***História de um Engenho***, p. 78.

6. FRANCISCO DA FONSECA DE SIQUEIRA. Sabe-se por testamento de Francisco da Fonseca que D. Catarina de Vasconcelos levara de dote 14 mil cruzados, ***Doc. Hist.***, B. N., ms. Irmão da Santa Casa, 17 de junho de 1669. Fidalgo da Casa Real, soldado na Bahia de junho de 1676 a janeiro de 1679, alegou os serviços do tio, Barnabé Álvares de La Penha, para se habilitar na Ordem de Cristo, o que se lhe concedeu em 1682, apesar de ter sido sapateiro o avô materno, T.T., ***Habil. da Ordem de Cristo***, m. 34, n. 153.

7. BALTAZAR DE VASCONCELOS. Foi-lhe recusado o foro de fidalgo da Casa Real em 1718, ***Anais do Arq. Públ. da Bahia***, v. 31, p. 350.

8. LUIZ DA ROCHA PITA DEUS DARÁ. Entrou na Ordem de Cristo em 1743 (T.T., ***Processo de Habilitação, m. 2, n. 14***). Todas as testemunhas o declararam pessoa nobre, por seus ascendentes paternos e maternos. Tinha três ou quatro engenhos.
Doze anos coronel da ilha do Açu, em Pernambuco, ***Anais da B. N.***, v. 18, p. 130, na Bahia coronel de infantaria da ordenança dos distritos de Madre de Deus, Monte e Socorro, "pessoa de valor e prático na disciplina militar e experiência de guerra", diz a patente régia de 17 de maio de 1720. Morava no distrito de Pojuca onde tinha engenho e família, ***Doc. Hist.***, v. 74, p. 42. Possuiu dois dos maiores engenhos de Santo Amaro, Caldas, ***Notícia***, 1747, pp. 222-3. Ingressou a 31 de julho de 1721 na irmandade da Santa Casa, L. 3, fl. 257. Entre as sesmarias dadas a partir de 1700, figuram as do Açu, Apodi e Panema, ***Anais do Arq. Públ. da Bahia***, XI, p. 130, e XII, p. 25. Morreu no engenho de Carauaçu, agosto de 1756, testamenteiro o irmão, Simão de Afonseca Pita, ***Notícia*** da freguesia de Passé, 1757, ***Anais do Arq. Públ. da Bahia***, II, p. 97. Em 1760 ambos os irmãos tinham de pagar, fiadores, o que devia o tesoureiro da dízima, Francisco Xavier da Silveira,



40 mil cruzados, que o rei abateu para 8 mil, ***Anais do Arq. Públ. da Bahia***, XII, p. 36. O respectivo processo era de 1739, ***Anais*** cit., v. 44, p. 125.

9. JOÃO DE SÁ SOTOMAIOR. Não confundir com o homônimo, filho de Manuel da Rocha Sá e Isabel Ferraz Pereira, natural de Viana do Minho e morador na Bahia, Familiar do Santo Ofício a 30 de janeiro de 1697. — O desembargador João de Sá Sotomaior veio do Reino em agosto de 1699, nomeado ouvidor de Sergipe del-Rei, ***Doc. Hist.***, v. 58, p. 316. Empossou-se na Relação da Bahia a 28 de julho de 1708. Serviu de chanceler, Luis dos Santos Vilhena, ***Cartas***, 9.ª, Justiça. Irmão da Santa Casa, 2 de julho de 1711, L. 3, fl. 351.

10. JOÃO HOMEM FREIRE. Dez anos opositor de cadeiras da Universidade de Coimbra, foi em 1715 desembargador da Relacão da Bahia (não o cita Vilhena), ***Doc. Hist.***, v. 61, p. 344. Por sua entrada para Irmão da Santa Casa (21 de fevereiro de 1723, L. 3, fl. 219) se sabe que era filho do desembargador Manuel Homem Freire e D. Luiza Francisca de Almeida, neto paterno de Damião Gonçalves Chaves e D. Maria Pereira, do Porto. Continuava no cargo em 1725. A 17 de junho desse ano justificou o governador não o ter mandado para Lisboa por se achar gravemente doente, ***Anais do Arq. Públ. da Bahia***, v. 32, p. 182. No processo de habilitacão à Ordem de Cristo de Félix José de Gouvea (Nascido em Galizes, bispado de Coimbra) se diz — em 1756, saíra rapaz do lugar de Vilela "e foi para a Bahia com o desembargador João Homem Freire com a obrigacão de pai" (T.T., ***Habil.***, F, m. 4, n. 8). Na Bahia se fez capitão de navios para a Costa da Mina, e ultimamente dirigira a feitoria de Ajudá, por cinco anos, motivo porque se lhe concedeu a 14 de fevereiro de 1657 aquela Ordem.

11. D. MARIA. A herdeira casou com Miguel Afonso. Macedo Leme, ***Genealogia***, fl. 107.

12. SIMÃO DA FONSECA PITA. Em 1755 declarava-se "cidadão da série dos Vereadores da cidade da Bahia", com 60 anos de idade, viúvo, natural e morador no seu engenho do Caboto (T.T., ***Habil. da Ordem de Cristo***, G., m. 2). Assinava Afonseca. A mulher, Antônia Luiza de Vasconcelos Vilas Boas, filha de Francisco de Afonseca Vilas Boas e Maria de Melo Vasconcelos, ***Anais da B. N.***, v. 31, doc. 937-942. Entrou para Irmão da Santa Casa da Bahia em 1732. Também senhor do engenho das Pindobas, ***Notícia da freguesia de Passé***, 1757, era em 1748 das pessoas poderosas, ***Consulta do Conselho Ultramarino***, ms. do Instituto Histórico, fl. 169; Wanderley Pinho, ***op. cit.***, p. 233. Enviuvou a 2 de novembro de 1750. Requereu sesmarias na Paraíba, João de Lira Tavares, Contribuições para a ***História Territorial da Paraíba***, p. 233 ***passim***. Morreu a 25 de março de 1760, ***L. de Irmãos*** da S. Casa, 3, fl. 191. Legou em testamento o engenho e fazendas do Caboto ao sobrinho, Cristóvão, W. Pinho, ***ibid.***, p. 100, seu herdeiro, juntamente com o irmão Antônio da Rocha Pita.

13. AMARO DE SOUZA COUTINHO. Nasceu em Lisboa, em 1694. Morava na Bahia há 36 anos (declarou em 1755, T.T., ***Habil. da Ordem de Cristo***, G, m. 2). — Entrou na irmandade da Santa Casa a 31 de julho de 1721, filho de Cristóvão de Souza Dalty, natural de Goa, e de Ana Maria de Barros, da Bahia. Sua primeira mulher chamava-se Ana Maria de ***Espinosa***, viúva do coronel Antônio de Campos

Mergulhão. Capitão de infantaria e ajudante de ordens do vice-rei (1754-60), casou em novas núpcias com D. Aldonça Maria de Lapenha (escritura de dote, ***Anais da B. N.***, v. 31, p. 34). Senhor de engenho, representou a classe na Intendência dos açúcares e tabacos, 1754-64. Foi um dos três juízes dos jogos de cavalaria que na Bahia festejaram, em 1760, "os desposórios da princesa", ***Narração Panegírico-histórica***, do padre Manuel de Cerqueira Torres (Lisboa, 1762). Morreu a 22 de julho de 1764, deixando 150 mil cruzados ao sobrinho, ***Anais da B. N.***, v. 32, doc. 7397. Já isento da culpa, que se lhe atribuiu em 1755, das "sete mortes", na casa deste nome, da rua do Passo, João da Silva Campos, ***Tempo Antigo***, p. 106, Bahia 942.

14. D. MARIA DE BARROS PEREIRA. "... D. Maria de Barros irmã ou sobrinha do Pe. Martinho de Barros decantado pelo Camões do Rocio em prosa e verso", Macedo Leme, ***Genealogia,*** fl. 107 verso. É uma incógnita da história portuguesa que este apontamento decifra. Trata-se de um poema obsceno (a qualificação é de Inocêncio, noticiando as obras do poeta, de alcunha o ***Camões do Rocio***, Caetano José da Silva Souto Maior, 1694-1739, corregedor do bairro do Rocio em Lisboa, tradutor de Metastasio, um dos sócios fundadores da Real Academia da História Portuguesa, autor de numerosos sonetos, conta modestamente no prefácio a ***Epicedios***, Lisboa, 1728 (exemplar no Instituto Histórico), que lhe atribuiam, parecendo que nessa ambigüidade alude àquela poesia impublicável, que inspiraria (quem sabe?) a pornografia jocosa de Bocage... Estudou-a João Jardim de Vilhena, ***"A Martinhada— Poezas célebres de um frade, Martinho de Barros, confessor de El-rei D. João V"***, impressa no estrangeiro e introduzida clandestinamente em Portugal (p. 9, Coimbra, 1943). É o livro mais raro de toda a literatura portuguesa, afirma o ensaista. Lemos o manuscrito existente na Biblioteca Nacional, Lisboa. Há na da Universidade de Coimbra o folheto impresso. Consta de dois cantos, um com 69 estâncias, o outro com 21, em rima camoniana (daí o apelido dado pelo povo ao corregedor?), em que é satiricamente comemorado o despudor do "eclesiástico anfíbio da maldade / que juntamente foi clérigo e frade" (estrofe 1.ª).
Confessor e do serviço de D. João V, numa de suas cartas ao cardeal da Mota cita-o o Rei, "à Congregação leval-as-á Martinho de Barros...", Eduardo Brasão, ***D. João V, Subsídios para a história do seu reinado***, p. 120, Porto, 1945.

## *FONSECAS DO CABOTO*

Francisco da Fonseca, (1) a quem chamavam o Caboto, foi casado com Maria de Góes de Siqueira, filha de Simeão de Araújo de Góes, o velho, e de sua mulher Maria de Siqueira, à fl. ... n. ..., e teve filhos. *

*Nota da R.I.H.G.B.*

* *Casaram em Matoim a 25 de fevereiro de 1629. Faleceu a 12 de outubro de 1660. Sepultou-se no Carmo.*



1. Catarina de Góes de Siqueira, mulher do capitão João de Aguiar Vilasboas, à fl.... n. 1. *

2. Simão da Fonseca de Siqueira, casado com D. Francisca de la Penha Deusdará, à fl.... n. 1 e fl. 12, n. 2 e 3 e aí sua descedência. **

N. 2. Simão da Fonseca de Siqueira, filho de Francisco da Fonseca Siqueira e de sua mulher Maria de Góes de Siqueira e casou com D. Francisca de la Penha Deusdará, irmã do desembargador Simão Álvares de la Penha Deusdará, como fica na fl.... n. 1, e daí por diante , o mais.

1. FRANCISCO DA FONSECA, o ***Caboto***, nome de seu engenho fronteiro à ilha de Maré, Wanderley Pinho, ***História de um Engenho do Recôncavo***, p. 78. Cristão velho, viúvo, nascido em Pernes, no Reino, e morador em Matoim, tinha 60 para 70 anos em 1618, ***Denunciações da Bahia***, p. 98. O 2.º Francisco da Fonseca, com o dono do vizinho engenho de Freguesia, João Paes Florião, armou em 1637 uma lancha para combater os holandeses, e morreu em 1660, deixando sucessão numerosa.

## *ROCHA PITA*
## *do Caboto*

Antônio da Rocha Pita, *** (1) de quem se disse já na folha ..., que foi casado segunda vez com D. Aldonça de la Penha Deusdará, era natural, conforme se dizia, de Coura, de onde viera para a Bahia e foi recolhido na casa dos Brandões do Iguape, freguesia de Santiago, onde assistiu alguns anos; enamorando-se aí de uma D. Maria da Rocha Pita, que era filha de D. Maria Falcão, filha esta de Brás Rabelo Falcão, (2) que também era pai este Brás Rabelo de Tomé Pereira Falcão, o velho, em cuja casa, ou no seu engenho, assistia o tal Antônio da Rocha Pita, que tirando a furto a sobredita sobrinha de Tomé Pereira Falcão e neta de Brás Rabelo, se ofenderam muito disto, e lhe mandaram dar um tiro, de que ficou ferido em um braço e se retirou do lugar e casou com a dita D. Maria da Rocha Pita, **** assim intitulada; porque a sua mãe já dita, D. Maria Falcão, foi e era casada com o capitão Valentim da Rocha

*Notas da R.I.H.G.B.*

* *Batizada ao 1.º de dezembro de 1629.*
** *Batizado ao 1.º de junho de 1631.*
*** *Era filho de Francisco da Rocha Pita, e de sua mulher Beatriz de Lara, naturais de Coura.*
**** *Casaram a 1.º de julho de 1678, na capela do Bom Jesus de Iguape.*

Pita, * (3) de quem não achamos ainda a sua ascendência; deste Antônio da Rocha Pita e esta sua mulher D. Maria da Rocha Pita, que foi a primeira, teve filho.

1. Francisco da Rocha Pita, (4) que se segue:

N. 1. Francisco da Rocha Pita, este aqui, a quem por morte de sua mãe coube boa legítima, que o pai lhe entregou tanto que teve idade. Casou na mesma casa do Iguape com D. Rosa Maria, que era filha do já referido Tomé Pereira Falcão, o velho, irmão do avô deste Francisco da Rocha Pita e filho de Brás Rabelo Falcão, também já referido. Deste Francisco da Rocha Pita, e sua mulher D. Rosa Maria Falcão, que foi a primeira, foram filhos:

2. João da Rocha Pita, (5) que se segue.

3. Cristóvão da Rocha Pita, adiante.

4. Antônio da Rocha Pita, ao depois.

5. Lancerote Pereira (6) é filho da primeira mulher.

6. Micaela, casada com Manuel de Lima Pereira, (7) adiante.

Segunda vez casou o dito Francisco da Rocha Pita com D. Leonor Pereira Marinho, também viúva de Tomé Pereira Falcão, o moço, e filha de Vasco Marinho e de sua mulher D. Catarina de Araújo Azevedo, que era filha esta de Paio de Araújo de Azevedo, a quem chamavam o Par Deus-homem, comendador da Ordem de Cristo e de D. Ana sua mulher, filha de Duarte Lopes Soeiro e de D. Maria de Souza. Desta sua segunda mulher D. Leonor Pereira Marinho teve filhos.

7. D. Francisca, casada com o capitão Antônio Gomes de Sá, (7 A) adiante à fl....

8. D. Rosa, solteira, em casa de seu meio irmão Cristóvão da Rocha Pita.

N. 2. João da Rocha Pita, (8) filho de Francisco da Rocha Pita, n. 1, e de sua primeira mulher D. Rosa Maria Falcão, casou com D. Ana Maria de Lacerda, filha de Luiz de Lacerda de Góes, o qual era filho de Luiz de Góes Vasconcelos, e de uma D. Ana de Lacerda Brandão; e a mulher do sobredito Luiz de Lacerda de Góes era da casa da Copacabana. Faleceu este João da Rocha a 23 de fevereiro de 1775, e sepultou-se em S. Francisco na cidade da Bahia.

N. 3. Cristóvão da Rocha Pita, (9) filho de Francisco da Rocha Pita e de sua primeira mulher D. Rosa, filha do 1.º Tomé Pereira Falcão e de sua mulher

---

*Nota da R.I.H.G.B.*

* *Era filho de Valentim da Rocha Pita, natural da freguesia de Santa Maria da Ribeira, termo de Valença do Minho e filho de João Barbosa Aranha e de sua mulher Isabel da Rocha Pita. Deste Valentim da Rocha Pita foi também filho Cristóvão da Rocha Pita, outro deste nome.*
*Por morte de seu marido Valentim da Rocha Pita, casou D. Maria Falcão com o capitão João Peixoto da Silva, viúvo também de D. Ana Cavalcanti e casaram a 26 de maio de 1669, em Iguape.*



D. Inácia de Araújo, à fl.... n. 17 e 44, e foi casado com D. Josefa, filha de João da Costa Lima, (10) mercador rico na Bahia, e já falecida, da qual teve uma filha:

9. D. Josefa (11) casou esta.

N. 4. Antônio da Rocha Pita, (12) filho de Francisco da Rocha Pita n. 1, e de sua primeira mulher D. Rosa casou com D. Inácia Marinho, filha do capitão Pedro Marinho, à fl.... n. 3, e de sua mulher D. Rosa, e teve filhos.

N. 6. D. Micaela, filha de Francisco da Rocha Pita, n. 1, e de sua primeira mulher D. Maria Rosa casou com Manuel de Lima, (13) natural do reino e foi enteado este Manuel de Lima Pereira do capitão-mor Teotônio Teixeira, e tem filhos.

---

1. ANTÔNIO DA ROCHA PITA. Português de S. Pedro de Coura (***Livro de Irmãos da Santa Casa da Bahia*** 1689 fl. 773). Era filho de Francisco da Rocha Pita e ***Brites*** de Lara, neto paterno de Antônio da Rocha Pita e Maria Dantas Serpa, neto materno de Francisco Ferreira de Carvalho e Maria de Lara, todos de Coura (***Livro de Irmãos,*** cit.), termo de seu irmão Manuel Barbosa Dantas, 20 de julho de 1701, ***Livro 3,*** fl. 126.
Segundo Macedo Leme, ***Genealogia,*** fl. 107, "chamado por seu tio Pedro Borges Pacheco, lavrador rico no Iguape e de canas que o deixou seu herdeiro".
Foi dono de sesmarias (intimado por ordem régia de 1725 a apresentar os títulos de posse, com alguns dos grandes proprietários, a Casa da Torre, herdeiros de Antônio Guedes de Brito, sucessores de Afonso Sertão, ***Antônio da Rocha Pita,*** coronel Pedro Barbosa Leal) — "que também possuem muitas terras neste Estado". Em 1691 ministro da Ordem 3.ª de São Francisco, em 1701 provedor da Santa Casa, ***Anais do Arq. Públ. da Bahia,*** VI e VII, Carlos Ott, ***A Santa Casa da Misericórdia da Cidade da Bahia,*** p. 59, Rio, 1960, Wanderley Pinho, ***História de um Engenho do Recôncavo,*** p. 233, Rio, 1947. — Patente de capitão da Ordenança, de Sergipe del-Rei ("um dos principais sujeitos daquela capitania"), 4 de março de1691; ***Arq. Públ. da Bahia, Registros de Patentes de 1688 a 1696,*** fl. 143 v., confirmada por el-rei a 10 de novembro de 1692, ***Registros de 1684 a 1697,*** fl. 258 verso.

2. BRÁS RABELO FALCÃO, o velho, de alcunha, o Regaladas. Veja-se tít. ***Falcão.*** Natural de Braga, ***Livro de Irmãos da Santa Casa,*** 1, fl. 82, senhor de sesmarias na Bahia (uma delas concedida em 1632, ***Doc. Hist.,*** XIX, p. 38), do casamento com Isabel Brandão, filha de Belchior Brandão Coelho — cujo engenho foi queimado pelos holandeses em 1640, Wanderley Pinho, ***op. cit.,*** p. 82, e Maria Pestana, teve Maria Falcão. Casou com Valentim da Rocha Pita, filho de João Barbosa Aranha e Isabel da Rocha Pita. Filha : Maria da Rocha Pita, mulher de Antônio da Rocha Pita. Iniciam a linha baiana deste nome, Wanderley Pinho, ***ibid.,*** p. 92.

3. VALENTIM DA ROCHA PITA. "Nobre e respeitado morador", Loreto do Couto, ***Desagravos de Pernambuco,*** p. 100, pôs cerco ao forte de S. Francisco (Penedo), com Nicolau Aranha Pacheco. Demoliu-o, depois da rendição dos holandeses, em 1645. Morreu na Bahia, em 1665. Veja-se Wanderley Pinho, ***op. cit.,*** p. 92.

4. FRANCISCO DA ROCHA PITA. Cristóvão da Rocha Pita deu ao sobrinho Francisco 25 mil cruzados de dote, para casar com a prima Rosa Maria de Magalhães, em 1713, Anna Amélia Vieira Nascimento, in ***Anais do Arq. Públ. da Bahia,*** v.44,p. 262.

5. JOÃO DA ROCHA PITA. Faleceu a 23 de fevereiro de 1775, W. Pinho ***ibid.,*** p.100.

6. LANCEROTE PEREIRA (Tomé Lancerote Pereira Pita). Capitão, solteiro, morreu a 5 de janeiro de 1793, ***L. de Óbitos da Piedade de Matoim,*** arq. da Cúria. Com este dado completamos a informação de W. Pinho, ***História de um Engenho,*** p.102, a propósito do inventário começado a 30 de março de 1793.

7. MANUEL DE LIMA PEREIRA. Do ***L. de Óbitos do Iguape,*** arq. da Cúria, consta que era coronel, a mulher se chamava D. Maria da Rocha Pita e perderam em 1794, um filho de nove meses.

7 A. Veja-se ***tít. Monizes do Socorro e Fiuzas.***

8. JOÃO DA ROCHA PITA. Alferes do Terço Velho, foi nomeado capitão de auxiliares do Terço da Torre, de que era mestre de campo Francisco Dias d'Ávila, a 21 de abril de 1747, Arq. Públ. da Bahia, ***Registros de Patentes de 1745 a 1750,*** fl. 95 verso. A mulher, neta paterna de Luiz de Góes de Vasconcelos e de uma senhora Brandão (Macedo Leme), vivia ainda em 1788, Wanderley Pinho, ***História de um Engenho,*** p. 109, Rio, 1946. O filho Francisco, batizado em 1753, L. de Batismo do Iguape, 1708 a 1754, arq. da Cúria.

9. CRISTÓVÃO DA ROCHA PITA. Capitão-mor, senhor dos engenhos ***Freguesia*** (Wanderley Pinho, ***op. cit.*** p. 103), Caboto herdeiro do tio Simão. Colhemos da tradição oral quadra a ele atribuida, justificando o apelido de ***Deus-dará*** (oriundo, como ficou dito, do antepassado, pagador da tropa em Pernambuco):

> ***Dos prejuízos que houverem***
> ***Cristóvão não se lhe dá,***
> ***Que fica no Brasil***
> ***Rocha Pita Deus Dará.***

Nota Macedo Leme, ***Genealogia,*** fl. 107 verso: "que entrou nesta herança (de Simão da Fonseca Pita) com grande peso de dívidas. Nem paga sem demanda, manda muitos presentes, e vive satisfeito. O Tolo da Carne, lhe chamam os seus obrigados, a diferença do Rolo do Poixe que é outro semelhante na Bahia, o chamado mestre de campo Fortunato José Pinheiro". A quadrinha citada equivale à risonha confissão. ***Deus daria***... E deu . Enviuvou em 1754 e morreu em 1809. Teve o hábito de Cristo a 26 de maio de 1794, com decreto régio para professar na Bahia, T.T., ***Habil. da Ordem de Cristo,*** C, m. 10, n. 25.

10. JOÃO DA COSTA LIMA. Negociante de grosso trato. Pai do bispo D. Antônio da Costa Lima, 1723-1784, baiano, bacharel em Artes pela Universidade de Coimbra em 1744, aí lente, agostiniano, bispo de Permanbuco, 1774, autor de obras de teologia e história sagrada, Inocêncio, ***Dic.,*** VII, pp. 343-4, ***Brasília,*** IV, p. 176.



11. D. JOSEFA (MARIA RITA DO SACRAMENTO), 2.ª mulher do primo, Garcia de Ávila Pereira de Aragão. Veja-se ***tít. Sucessão da 2.ª filha legítima de Catarina Álvares,*** n. 27, nota.

12. ANTÔNIO DA ROCHA PITA. Mestre de campo. Faleceu, viúvo a 24 de dezembro de 1792, ***L. de Óbitos da Piedade do Matoim,*** arq. da Cúria. Filhos: Antônia Tereza, mulher de Francisco Antônio Argolo de Queiroz, Francisca, Maria, Inácia (sua 3.ª testementeira). Foi sepultado na igreja de S. Pedro (cidade). Seu filho: o conde de Passé, Wanderley Pinho, ***História de um Engenho do Recôncavo,*** p. 122.

13. MANUEL DE LIMA PEREIRA. Brigadeiro, 1766, membro da Mesa de Inspeção, ***Anais da B. N.,*** v. 31, ***passim,*** senhor do engenho da Praia, no Iguape. Faleceu a mulher, D. Micaela Pereira de Araújo (de Matoim, filha de Francisco da Rocha Pita e D. Rosa Maria ***de Magalhães)*** a 28 de junho de 1787, e "em sege por despacho do Exm.º e Ilm.º Arcebispo" conduzida à igreja de S. Francisco, foi sepultada, com a encomenda do pároco e de 24 padres, ***L. de Óbitos da Sé,*** arq. da Cúria. Morreu ele a 8 de abril de 1788, três dias depois do filho, capitão-mor Antônio da Rocha Pita, ***L. de Óbitos*** cit., fl. 134. Outro filho, que Macedo Leme diz ter conhecido no Iguape, Manuel de Lima Pereira, ***Genealogia,*** fl. 108 v., introduziu na Bahia, em 1816, a cana ***caiana*** (de Caiena), conta Miguel Calmon no ***Ensaio sobre o Fabrico do Açúcar*** (1834), que melhorou as plantações do Recôncavo. Vereador em 1807, ***Cartas Econômico-Políticas sobre a Agricultura e Comércio da Bahia,*** 1821, reeditadas em 1924 com prefácio de Francisco Marques de Góes Calmon, p. 25.

## *CARAMURUS NA BAHIA*

Diogo Álvares Correa, * (1) da principal nobreza de Viana, vindo ter à Bahia por acaso da fortuna, sendo o primeiro Português, que nela aportou, e pisou as suas praias, e pelo sucesso do seu naufrágio, e modo com que escapando dele com vida a conservou entre o gentio, que lhe acrescentou o cognome de — Caramuru — é tão celebrado na tradição e história. Depois de ter de uma filha do principal dos índios, que habitavam as costas da barra da Bahia, várias filhas ilegítimas que nesse lugar se assentaram, e chamada ainda então, como gentia, — Paraguaçu — como escrevem algumas memórias, ou como têm outras — Guaibim — Pará — e tudo quer dizer o mesmo que — mar ou rio-grande — e conhecida depois de batizada por Catarina Álvares: (2) desta e de seu marido Diogo Álvares Caramuru foram filhas legítimas:

1. Ana Álvares, que se segue.

---

*Nota da R.I.H.G.B.*

* *Faleceu a 3 de outubro de 1557, sepultado no mosteiro de Jesus, que era colégio da Companhia: cadern. fl. 70 verso.*

2. Genebra Álvares, adiante.
3. Apolônia Álvares, depois.
4. Grácia Álvares, mulher de Antão Gil. (3)

N. 1. Ana Álvares, filha primeira de Catarina Álvares e seu marido Diogo Álvares Caramuru, foi casada com Custódio Rodrigues Correa, (4) pessoa nobre e das principais famílias de Santarém, donde era natural e deles nasceram os filhos seguintes:

5. O padre Marçal Rodrigues Correa, (5) vigário de Vila-Velha e povoação do Pereira.
6. O capitão André Rodrigues Correa, (6) sem sucessão.
7. Paulo Rodrigues Correa, * sem sucessão.
8. Lourenço Rodrigues Correa, sem sucessão.
9. Jorge Álvares Correa, ** sem sucessão.
10. Isabel Rodrigues, mulher de João Marante, (7) sem sucessão.
11. Maria Correa que se segue.

N. 11. Maria Correa, filha última legítima de Ana Álvares e seu marido Custódio Rodrigues, casou com Aires da Rocha Peixoto, (8) natural da cidade de Elvas, das principais famílias, sua mãe Leonor Peixoto era dos Alvarados, Peixotos do Porto. Aires da Rocha Peixoto veio para o Brasil por uma morte que fez, sendo de 16 anos. Assim o confirma um instrumento de sua nobreza e qualidade. Desta Maria Correa descendem os Rochas Peixotos e alguns Correas, que há nesta cidade da Bahia e seu recôncavo.

Desta primeira filha de Maria Correa e seu marido Aires da Rocha Peixoto não podemos descobrir mais descendência e só o assento seguinte do livro dos casamentos da Sé. Aos 20 de agosto de 1642 recebi na igreja de N. S. da Ajuda desta cidade da Bahia, com licença do Sr. provisor Diogo Lopes Chaves, (9) a Baltazar de Aragão de Souza, filho de Melchior de Aragão de Souza e de sua mulher Maria Dias, com Leonor da Rocha Peixoto, filha de Melchior Velho, (10) já defunto e de Maria Correa Peixoto, todos moradores na freguesia de Santiago de Paraguassu. Foi padrinho o governador Lourenço de Brito Correa, e madrinha Joana Correia, Testemunhas os capitães Paulo de Barros, (11) Manuel Soares Homem, e o mestre de campo Martim Soares Moreno. (12)

### *Sucessão da segunda filha legítima de Catarina Álvares e seu marido Diogo Álvares Caramuru, que foi*

N. 2. Genebra Álvares, filha segunda de Catarina Álvares e de seu marido Diogo Álvares Caramuru, casou com Vicente Dias de Beja, (13) natural da

*Notas da R.I.H.G.B.*

* *Batizado a 15 de abril de 1556.*
** *Batizado na Sé a 27 de abril de 1558.*



província do Alentejo, moço fidalgo da casa do infante D. Luiz. Assim se acha em vários papéis manuscritos feitos por pessoas antigas, que tiveram o cuidado de escrever e fazer memória dos sujeitos, que casaram com estas filhas de Catarina Álvares e seu marido Diogo Álvares Caramuru, como também do ***Teatro Genealógico*** das árvores das principais famílias do reino de Portugal e suas conquistas.

De Genebra Álvares e seu marido Vicente Dias foram filhos:

12. Diogo Dias, que se segue.
13. Maria Dias.* mulher de Francisco de Araújo, adiante.
14. Lourenço Dias, (14) sem geração.
15. Melchior Dias, (15) sem geração.
16. Vicente Dias, sem geração.
17. Catarina Álvares, ** adiante.
18. Andresa Dias, (16) mulher de Diogo de Amorim Soares, *** filho de Francisco Soares, (17) de Ponte de Lima; sem geração.
19. Francisca Dias **** mulher de Antônio de Araújo, (18) irmão de Gaspar Barbosa, de Ponte de Lima, adiante à fl.... Segunda vez casou essa Francisca Dias ***** como consta do assento seguinte; Aos 15 de fevereiro de 1597 recebi eu o licenciado Pedro de Campos, deão de Sé, a Francisco de Aguilar, (19) filho de Jácome Duarte e de sua mulher Isabel de Aguilar, moradores na cidade de Braga, freguesia de S. João de Souto, com Francisca Dias, filha de Vicente Dias e de sua mulher Genebra Álvares.

N. 12. Diogo Dias, ****** (20) filho primeiro de Genebra Álvares, e de seu marido Vicente Dias de Beja, casou com Isabel de Ávila, ******* (21) filha natural de Garcia de Ávila, o velho, ******** (22) que veio à Bahia com Tomé de Souza, primeiro governador que fundou esta cidade. O qual Garcia de Avila foi casado com Mécia Rodrigues, (23) cristã nova, obrigado por justiça, mas não teve dela filho algum.

A dita Isabel de Ávila acima, antes de casar com o sobredito Diogo Dias havia sido casada com um fidalgo genovês, que a tirou por justiça, e vivendo

*Notas da R.I.H.G.B.*

* *Batizada na Sé a 5 de janeiro de 1656.*
** *Batizada na Sé a 18 de julho de 1559.*
*** *Casaram a 12 de janeiro de 1586.*
**** *Casou com este a 8 de janeiro de 1584.* ***(Corrigimos, a vista dos ms. de Roque Luis de Macedo Leme).*** *Na Sé. Padrinhos Antônio de Paiva e Antão Gil.*
***** *Faleceu esta a 8 de agosto de 1641. Sepultada em S. Francisco.*
****** *Faleceu este Diogo Dias a 10 de novembro de 1597 e sepultado na Misericórdia.*
******* *Isabel de Ávila faleceu a 18 de outubro de 1593. Sepultada na Misericórdia.*
******** *Faleceu Garcia de Ávila, este o velho, a 23 de maio de 1609. Sepultado na Sé. Testamenteiros Francisco Dias de Ávila e D. Fernandes, seus netos. Consta assim do assento do seu enterro na Sé.*

com ela no Itapuã, o matou um gentio, sem deixar sucessão alguma. Por morte deste casou então com o dito Diogo Dias; viveram sempre no Itapuã, aonde existe um grande penedo, à beira-mar no porto de cima, chamado a Pedra de Diogo Dias. Deste e de sua mulher Isabel de Ávila nasceu único filho varão.

20. Francisco Dias de Ávila, que se segue.

E Mécia, que, batizada a 25 de dezembro de 1578, sendo seus padrinhos Garcia de Ávila, o velho, e Maria Dias, faleceu a 11 de janeiro de 1598.

E Francisco Fernandes, adiante. (24)

Francisco Dias de Ávila, (25) filho de Diogo Dias e de sua mulher Isabel de Ávila, teve o foro de cavaleiro fidalgo. Casou com Ana Pereira,* filha de Manuel Pereira Gago (26) e de sua mulher Catarina Fogaça; gente honrada de Porto Seguro. Deste Francisco Dias e de sua mulher Ana Pereira foi filho.

21. Garcia de Ávila, que se segue.

N. 21. Garcia de Ávila, (27) filho de Francisco Dias de Ávila e de sua mulher Ana Pereira** foi capitão de ordenança, feito pelos governadores interinos Luiz Barbalho Bezerra, Lourenço de Brito Correa, e o Bispo, governador, no ano de 1641, pelos serviços de seu pai Francisco Dias no recebimento do exército do Conde de Banholo, (28) e teve o mesmo foro de fidalgo de seu pai. Casou com Leonor Pereira *** (29) filha de Manoel Pereira Gago e de sua mulher Catarina Fogaça, irmã de sua mãe. Dessa Leonor Pereira e de seu marido Garcia de Ávila foram filhos:

22. Francisco Dias de Ávila, que se segue.

23. Bernardo Pereira Gago, (30) batizado a 2 de agosto de 1654, sem sucessão.

24. Catarina Fogaça, mulher de Vasco Marinho Falcão; (31) casaram a 23 de junho de 1659, e tiveram filhos, D. Leonor Pereira Marinho, que casou com seu tio Franciso Dias de Ávila, acima, e o que se segue em o n. 22, e aí se acha a sua descendência.

Teve mais esse Vasco Marinho Falcão dessa sua mulher Catarina Fogaça outra filha por nome Isabel de Ávila Marinho, **** (32) que contra a vontade de seu pai casou com o capitão Manoel Paes da Costa ***** (33) e faleceu a 24

---

*Notas da R.I.H.G.B.*

* *Casaram a 20 de janeiro de 1621. Faleceu Ana Pereira a 18 de julho de 1645, a 1 hora da noite. Sepultada na dita capela da Torre.*

** *Casaram a 8 de junho de 1642.*

*** *Faleceu esta a 13 de junho de 1686: sepultada na sua capela da Torre.*

**** *Aos 12 de janeiro de 1678 recebi na igreja do Carmo, antes de banhos corridos, por mandado do Sr. provisor ao licenciado Manuel Paes da Costa, com Isabel de Ávila Marinho, ambos naturais desta Bahia, freguesia de S. Amaro da Pitanga, foram testemunhas o mestre do campo Álvaro de Azevedo e o sargento-mor Francisco de Blá.*

***** *Declaro, que minha filha Isabel casou contra minha vontade com Manuel Paes da Costa, e ficou deserdada, sendo de 16 anos. Verba do testamento de seu pai Vasco Marinho.*



de janeiro de 1704. Sepultada no Carmo. E Vasco Marinho, seu pai, faleceu a 18 de agosto de 1666. Sepultado em S. Francisco.

N. 22. Francisco Dias de Ávila, (34) filho primeiro de Garcia de Ávila, n. 21, e de sua mulher Leonor Pereira, foi coronel de ordenança desta cidade da Bahia, provimento que nele fez o governador Matias da Cunha, no ano de 1686, por falecimento de Pedro Camelo de Aragão, que exercia o dito posto. Esse Francisco Dias de Ávila foi ao rio de São-Francisco com os seus escravos e índios de Maçarandupió, que hoje estão aldeiados no mesmo lugar, e pacificaram o gentio no levante geral, que tinha feito, e morto muita gente; ele os aquietou, e aqueles que não quiseram sujeitar-se à paz, os mandou degolar, na fazenda do Pontal. Sucedeu isso no ano de 1680; e ele faleceu no de 1695.

Foi casado com D. Leonor Pereira Marinho, sua sobrinha, * filha de sua irmã Catarina Fogaça e de seu marido Vasco Marinho Falcão. De Francisco Dias de Ávila, e sua mulher foi filha:

25. Garcia de Ávila Pereira, que se segue. E bastardos:

Francisca Dias, mulher de Alexandre Gonçalves Barros; casaram a 3 de outubro de 1695. Era esta Francisca filha de uma Clara Dias, diz o assento.

Clemência Dias, que casou com João Vieira de Lima, a 15 de fevereiro de 1699. Era este João filho de Luiz Vieira de Lima.

Albina de Ávila.

N. 25. Garcia de Ávila Pereira, filho legítimo de Francisco Dias de Ávila, n. 24, e de sua mulher D. Leonor Pereira Marinho, teve o foro de fidalgo cavaleiro, que lhe fez mercê dele el-rei D. Pedro II no ano de 1696, por requerimento de sua mãe D. Leonor Pereira Marinho, a qual prometeu ao dito rei, que lhe daria 20.000 quintais de salitre, postos no porto da Cachoeira à sua custa, fazendo-lhe a mercê do acrescentamento do foro de cavaleiro fidalgo, que tivera seu marido, e tinha seu filho a fidalgo cavaleiro, e de dois hábitos com 150$000 réis de tença, enquanto não houvesse encomenda de lote, e de lhe fazer mais a mercê de senhor donatário de uma vila, fazendo os ofícios necessários à sua custa, no lugar chamado da Torre, (35) de que ele era senhor, e seus antepassados o tinham sido, ou em qualquer das suas aldeias, tendo ao menos 60 casais, de juro e herdade com livre jurisdição.

Não teve efeito esta promessa do salitre; e para haver de se aproveitar das mercês concedidas, tornou a requerer ao dito rei no ano de 1699, que lhe aliviasse a obrigação do salitre, e que em equivalente dela lhe oferecia 60.000 cruzados pagos em doze anos, porém se lhe deferiu, que, pagos em nove, ficariam as ditas mercês válidas; para o que, celebrou uma escritura com o

---

*Nota da R.I.H.G.B.*

* *Batizada essa a 10 de setembro de 1691. (**1661, no ms. de Roque Luis**). Padrinho o capitão Valentim da Rocha Pita. Freguesia de Iguape.*

procurador da coroa, a qual se acha no cartório do escrivão João da Costa Ferreira.

Foi este Garcia de Ávila Pereira (36) coronel de ordenança como seu pai; e casou com D. Inácia de Araújo Pereira, * sua prima, filha do capitão Tomé Pereira Falcão e de sua mulher D. Inácia de Araújo, esta filha de Gonçalo Rodrigues de Araújo (37) e de sua mulher Isabel Freire Baraxo, e Tomé Pereira Falcão e era filho de Brás Rabelo e de sua mulher Isabel Brandão, filha do Melchior Brandão Coelho e de sua mulher Maria Pestana.

26. Francisco Dias de Ávila, que se segue.

N. 26. Francisco Dias de Ávila, (38) filho de Garcia de Ávila Pereira, n. 25, e de sua mulher D. Inácia de Araújo ** foi mestre de campo de auxiliares do terço da Torre, sendo ele o primeiro que ocupou esse cargo, teve o foro de fidalgo cavaleiro, foi Familiar do Santo Ofício e antes de ser mestre de campo da Torre, tinha sido coronel de ordenança da cidade; casou com D. Catarina Francisca Correa de Aragão Vasque Anes, filha do coronel Francisco Barreto de Aragão e de sua mulher D. Catarina Correa Vasque Anes, filha de Salvador Correa Vasque Anes, (39) ou de Sá, e de sua mulher D. Maria de Araújo, ou de Afonseca de Siqueira, filha de João de Aguiar Vilasboas e de sua mulher D. Antônia da Fonseca Siqueira, que era filha de Francisco da Fonseca à fl.... Deste Francisco Dias de Ávila e de sua mulher D. Catarina Francisca, acima, foram filhos:

27. Garcia de Ávila Pereira de Aragão, (40) que se segue:

28. D. Leonor Pereira Marinho, (41) mulher do mestre de Campo José Pires de Carvalho Albuquerque, que já fica à fl....n. 12, e aí a sua descedência.

N. 27. Garcia de Ávila Pereira Aragão, filho de Francisco Dias de Ávila, n. 28, e de sua mulher D. Catarina Francisca Correa Vasque Anes, e mestre de campo de auxiliares da Torre, professo na Ordem de Cristo e fidalgo cavaleiro, como seu pai e avô; casou com D. Ana Teresa Cavalcanti de Albuquerque, filha do alcaide-mor, que foi na Bahia, Salvador Pires de Carvalho, do qual matrimônio não houve filhos por falecer esta poucos anos depois de casada; e até este de 1767 se acha viúvo.

1. DIOGO ÁLVARES (CORREA). Homem de Viana, no Minho, vindo talvez num dos navios do contrato do pau-brasil, pela altura de 1509 naufragou nos baixios do rio Vermelho. Os índios deram-lhe o apelido de ***Caramuru,*** do peixe que se esconde nas pedras (Gabriel Soares, ***Tratado Descritivo,*** p. 286: "chamam os índios às moreas caramuru... não as há senão junto das pedras, onde as tomam às mãos"), porque no côncavo delas o pescaram. Ou antes, salvou-o a moça tupinambá, ***com quem casou.*** Não se confunda a primeira esposa índia com a última, ***Paraguaçu,*** na flor da idade em 1528, quando os levou à França o barco de corsário (ao que cremos, comandado por Jacques Cartier). Da primeira teve vários "filhos naturais". Encontraram Caramuru na Bahia as expedições, portuguesa de 1511 (carta de Estevão Fróes, estudada por Laguardia Trias, ***El Predescobrimento del Rio de la Plata por la expedición portuguesa de 1511-1512,*** p. 83, Lisboa, 1973), espanhola de Loyasa, ***Archivo General de Índias,*** documento que citamos na ***História da Fundação da Bahia,*** p. 43, Bahia, 1949, de Martim Afonso de Sousa, relatada por Pero Lores, ***Diário de Navegação,*** ed. de Eugênio de Castro, I, pp. 155-156. Veja-se ainda Varnhagen, ***Revista do Instituto Histórico,*** X, pp. 129 e segs., 1848.

***Paraguaçu*** recebeu em França o nome de ***Catarina:*** "Catherine du Brésil", reza o termo de batismo em Saint Malo, 30 de julho de 1528, documento a que já aludira Charles de la Ronciére (1931), cuja cópia, no Arquivo de Ottawa, nos comunicou o saudoso embaixador canadense Jean Désy, divulgada por Olga Obry, ***Catarina do Brasil,*** p. 39, Rio, 1945; da madrinha, Catherine des Granches, mulher do mesmo Jacques Cartier, descobridor do Canadá.

A documentação confirma a tadição: a fidelidade aos portugueses que tornou providencial a presença de ***Caramuru*** na Bahia, entre o insucesso da donataria de Francisco Pereira Coutinho e a instalação da Cidade pelo governador Tomé de Sousa. Em 19 de julho de 1553, residindo na vila velha (ou do Pereira), ao pé da "maneira de igreja" (da Graça), Nóbrega, ***Cartas do Brasil,*** I, p. 71, ed. da Academia Brasileira, fornecia farinha aos moradores, ***Doc. Hist.,*** XIV, p. 365. "Grande língua do gentio" (Gabriel Soares, ***ibid.,*** p. 103), morreu a 5 de outubro de 1557, Fr. Jaboatão, ***Novo Orbe Seráfico,*** I, p. 22. Carta do padre Nóbrega: "o Padre Ambrósio Pires dará relação do que cá passamos com os clérigos da Sé acerca de um legado que nos deixou um Diogo Álvares Caramuru o mais nomeado homem desta terra, o qual, por nos ter muito crédito e amor, nos deixou a metade da sua terça" (P. Serafim Leite, ***História da Companhia de Jesus no Brasil,*** I, Livro II, cap. 2). Morreu Catarina a 26 de janeiro de 1587, depois de ter doado ao mosteiro de São Bento boa parte dos chãos em torno da Cidade, ***Livro Velho do Tombo de São Bento,*** p. 87, Bahia, 1956.

Raiz da primeira família brasileira, não escapou à sátira de Gregório de Matos: "Não sei onde acabou, em que guerra;/Só sei que deste Adão de massapê / Descêndem os fidalgos desta terra".

A Casa da Torre valorizou-lhe a herança, mandando pôr na igreja da Graça, em 1798, as lápides brasonadas que comemoram ***Paraguaçu e Caramuru,*** e na sacristia, a tela que evoca o episódio lancinante de ***Moema,*** fictício e belo no poema de Santa Rita Durão (1781), que, em verso camoniano, também em dez cantos, faz de Diogo Álvares o "grão Gama" destoutros ***Lusíadas.***

Na lista oferecida a D. Pedro I, em 1824, das pessoas recomendáveis pelos serviços à Independência, vem em 2.º lugar Francisco Elesbão, irmão do senhor da Torre, "décimo neto de D. Catarina Álvares, filha do cacique que regia a Bahia no seu descobrimento". ***Anais do Arq. Públ. da Bahia,*** XIII, p. 53, a "cabocla" dos préstitos cívicos.

As quatro filhas indicadas por Fr. Jaboatão como legítimas, aparecem na doação

*Notas da R.I.H.G.B.*

* *Casaram a 9 de abril de 1707, na matriz de Santiago. E faleceu a 13 de junho na cidade; sepultada em S. Francisco em sepultura própria no altar da Conceição em 1734. E sua mãe Inácia de Araújo faleceu a 1.º de julho de 1743 com mais de 100 anos de idade.*

** *Casou no oratório do coronel Francisco Barreto de Aragão, da freguesia de Santiago, a 10 de novembro de 1732.*

aos beneditinos, em 1586, com a declaração da velha Catarina, que as queria sepultadas na igreja da Graça.

2. CATARINA ÁLVARES. Ou Paraguaçu. Donde o apelido tupi? Segundo Artur Neiva, seria criação do padre Simão de Vasconcelos (Pirajá da Silva, nota à ***Notícia do Brasil,*** de Gabriel Soares, p. 345, São Paulo, 1974). Parece-nos que não. O jesuíta tê-lo-ia ouvido dos descendentes, a quem Fr. Jaboatão ouviu a informação, acrescentando que uns lhe chamavam Paraguaçu, outros Guabtim-pará, o que significava o mesmo, ***mar grande.*** Neste caso, ***gua-i*** (ou ***na***) ***pará,*** termo familiar aos índios, ***Guanapará*** ou ***Paranaguá.*** Talvez (outra hipótese) aludissem à aventura de Caramuru em Mar Grande, nome da costa de Itaparica fronteira à cidade, como ainda hoje se chama. Santa Rita Durão no ***Caramuru,*** c. II, Lisboa, 1781, copiando nisso Rocha Pita (***História da América Portuguesa,*** Lisboa, 1730) vulgarizou a lenda, que ganhou na poesia o que lhe faltava à história, a fama perene. Catarina Álvares, que não sabia o português, no ***Livro Velho do Tombo de São Bento,*** Paraguaçu, na ufania nacionalista em dia inesquecível, o 2 de julho patrioticamente baiano — é a matriarca simbólica do povo, a imagem feminina e ufana da Bahia, como ficou dito na Introdução a esta obra.

3. ANTÃO GIL. Testemunhou em 1576, na escritura dotal de Maria Correa, sobrinha de sua mulher. Vereador na cidade, "herdeiro da dita Catarina Álvares", Livro Velho do Tombo de São Bento, p. 60.

4. CUSTÓDIO RODRIGUES (CORREA). Um dos companheiros do donatário Francisco Pereira Coutinho. Morava na vila do Pereira. Tinha para receber, em 1551, 2$280 do conserto de duas caldeiras, ***Doc.Hist.,*** v. 14, p. 68. Já era falecido em fevereiro de 1671, ***Livro Velho do Tombo*** cit., p. 138.

5. MARÇAL RODRIGUES. Foi o primeiro clérigo nascido no Brasil, em 1536, pois ao ser nomeado por Mem de Sá vigário da vila do Pereira (Vila Velha), a 8 de junho de 1560, tinha 23 anos. A ***Denunciação do Santo Ofício*** de 1591 menciona-o, "clérigo, também mamaluco, sobrinho da dita Filipa Álvares" (p. 281).

6. ANDRÉ RODRIGUES. Com a mulher, Iria Barbosa, deu em dote à irmã, Maria Correa, para casar com Aires da Rocha Peixoto, adiante citado, dinheiro e "escravos do gentio da terra pardos", e mais uns chãos na Vila Velha, ***Livro Velho do Tombo*** cit., p. 138.

7. JOÃO MARANTE. Na sacristia da igreja da Vitória lê-se em lousa reposta em 1809: "aqui jaz João Marante de Coimbra que casou com Isabel Rodrigues neta de Diogo Álvares Correa, primeiros povoadores desta Capitania. Esta sep.ª pert. a seus herdros e aos tesoureiros e escrivães do SSmo. Sacra".

8. AIRES DA ROCHA PEIXOTO. Em 1579 ele e sua mulher venderam aos beneditinos umas casas havidas em dote, ***Livro Velho*** cit., p. 100. Foi o primeiro a receber sesmaria em Sergipe del-rei. "Aires da Rocha", entre os rios Japaratuba e Sergipe, em 1590, ou sertão de Itabaiana (Vladimir de Souza Carvalho, ***Santas Almas de Itabaiana Grande,*** p. 26, Itabaiana, 1973). Morreu a 15 de outubro de 1599 e jaz



na capela de Nossa Senhora da Ajuda, notou Macedo Leme, ***Genealogia,*** fl. 4: "e desta descendência outra notícia não consta".

9. DIOGO LOPES CHAVES, Mestre escola da Sé, provisor e vigário geral.

10. MELCHIOR VELHO. Veja-se tít. ***Silva Pimentéis na Bahia.*** Maria Correa Peixoto, que casou em 1642, neta de Aires da Rocha Peixoto.

11. PAULO DE BARROS. Casado com D. Francisca de Aragão. Vendeu em 1638 fazenda no limite de Rio Vermelho, ***Doc. Hist.***, v. 63, p. 318.

12. MARTIM SOARES MORENO. É o patriarca da colonização no Ceará, sobrinho do sargento-mor Diogo de Campos Moreno, autor do ***Livro que dá rezam do Estado do Brasil,*** 1612, e da ***Jornada do Maranhão,*** um dos cabos da expedição de Pero Coelho ao litoral do norte, quando tinha apenas 17 anos, cuja biografia abrange o período dramático da ocupação e a fase militar da retomada aos holandeses.

13. VICENTE DIAS (DE BEJA). "Homem branco, cristão velho", ***Denunciações de 1591.*** Cavaleiro da Ordem de Cristo, vindo com o donatário Francisco Pereira Coutinho, depôs perante o inquiridor da Cidade sobre os serviços de Mem de Sá, a misericórdia da Bahia. O seu casamento deve ter sido em 1536, juntamente com o do cunhado, Custódio Rodrigues. Assinou, em 1556, a queixa dos moradores contra o governaor Duarte da Costa. "Figura como testemunho no Instrumento dos serviços" do governador Mem de Sá, 1571, Wanderley Pinho, ***Documentos relativos a Mem de Sá, e História de um Engenho do Recôncavo,*** p. 29.

14. LOURENÇO DIAS. Faleceu a 25 de dezembro de 1592. (nota de Roque Luis de Macedo Leme).

15. MELCHIOR DIAS. "Melchior Dias, sem geração" (e nada mais!) é o ***fabuloso*** Belchior Dias ***Moréia*** (ou ***Caramuru***), pai de Robério Dias, imortilizado pelas ***minas de prata.*** (Dele tratamos documentadamente em ***O Segredo das Minas de Prata,*** tese de concurso ao Colégio Pedro 2.º, Rio, 1950, e, em forma de novela, ***O Tesouro de Belchior,*** São Paulo, 1929). Teve de uma índia Robério Dias. Neto deste, o coronel Belchior da Fonseca Saraiva, o ***Moribeca*** (daí as "minas do Moribeca"), que se aliou aos Góes de Araújo (adiante). ***Belchior Dias Caramuru*** figura como "escrivão de alfândega e provedoria por el-rei nosso senhor nesta Cidade do Salvador", em 1601, ***Anais do Arq. Públ. da Bahia,*** v. 29, p. 18; e em 1604, ***Livro Velho do Tombo de São Bento,*** p. 51. — Acrescenta Macedo Leme no citado manuscrito: batizado a 8 de agosto de 1557. "Fundador da capela de N. S. da Abadia do Rio Real hoje Matriz e capela vinculada". — Do morgado que instituiu foi administrador Belchior Dias da Fonseca Saraiva, o ***Moribeca,*** diz o ***Livro I do Tombo*** do convento do Carmo.

16. ANDRESA DIAS. José Garcia de Araújo arrendou à Santa Casa, tapera, no "sítio em que morou Andresa Dias, fronteiro ao engenho do cap. Cristóvão Cavalcanti de Albuquerque", ***Livro do Tombo da Santa Casa, Testamentos*** (2 de julho de 1681).

17. FRANCISCO SOARES. "... Em Pirajá termo desta cidade em casa de Francisco Soares cidadão desta cidade", irmão de ***Diogo de Morim, Denunciações de 1591,*** p. 467. Será Diogo Morim, um dos capitães que foram ao Espírito Santo na malograda expedição de Fernão de Sá? (Fr. Vicente do Salvador, ***Hist. do Brasil,*** pp. 169-170). Diogo de Amorim Soares (seu nome), escrivão da alfândega da Bahia, foi em 1591 condenado a penitência pública por ter deixado sair navios sem licença, assim do irmão Gaspar Soares e do cunhado Francisco de Araújo, José Gonçalves Salvador, ***op. cit.,*** p. 118.

18. ANTÔNIO DE ARAÚJO. Filho do primeiro matrimônio de Antônio de Araújo e Francisca Dias, João (testamenteiro da mãe, 12 de abril de 1601, ***L. 2.º do Tombo do mosteiro de São Bento,*** fl. 240).

19. FRANCISCO DE AGUILAR (DE ARAÚJO). Tinha engenho na Praia Grande, Francisco de Aguilar, "homem principal, castelhano de nação", Gabriel Soares, ***op. cit.,*** p. 135. Filhos (cf. testamento de Francisca Dias): Isabel de Aguiar, casada com Bento de Araújo, morreu sem filhos; Maria de Araújo, casada com Domingos Coelho, mercador; Ana de Araújo, casada com Manuel Botelho Cardoso; Sebastiana de Queiroz, que, diz a mãe, "casei com Fernão Pereira do Lago a qual não só paguei seu dote mais ainda lhe dei de seu dito a qual quero que lhe fica à conta de sua legítima e meu marido fará contas com ela". Deixou Francisca Dias ao marido a terça parte na fazenda (sobre a qual corria litígio com Lourenço de Brito, seus irmãos e cunhados). Morava "no limite de Sergipe do Conde". Doou três casas a São Bento. Possuia outras defronte da porta da igreja de São Bento, na rua Direita, na praia e ladeira "no canto de N. S. da Ajuda".

20. DIOGO DIAS. "... Cristão velho natural desta cidade, filho de Vicente Dias, homem branco cristão velho e de sua mulher Jenevra Álvares mamaluca filha de branco e de índia deste Brasil defuntos, de idade de trinta e nove anos casado com Isabel d'Ávila mamaluca filha de branco e de índia deste Brasil, lavrador, morador nesta cidade", ***Denunciações de 1591,*** p. 473. Tomou parte em 1585 na expedição de Álvaro Rodrigues Adorno contra os índios do sertão da Cachoeira.

21. ISABEL DE ÁVILA. "Mamaluca natural desta cidade", filha de Garcia d'Ávila e da índia Francisca Rodrigues, nasceu em 1554, ***Denunciações de 1591,*** p. 552. "Sendo ela da idade de 19 anos casou com Gil Vicente de Vasconcelos. Informou ao Santo Ofício, morava em São Francisco, terras de seu pai, termo da cidade.

22. GARCIA D'ÁVILA, 1.º. Veja-se nossa ***História da Casa da Torre,*** 2.ª ed., p. 8 e segs., Rio, 1958. O padre Manuel da Nóbrega: "Garcia d'Ávila... quando é tempo sabe usar da boa criação que vossa mercê (Tomé de Souza) nele pôs", ***Cartas do Brasil,*** ed. da Academia Brasileira, I, p. 214. "Criado" do primeiro governador geral (carta de Duarte da Costa, ***História da Colonização Portuguesa no Brasil,*** III, p. 378), começou como almoxarife da fazenda. Estabeleceu-se em Tatuapara (raiz da Casa da Torre, cujos potentados figuram neste ***Catálogo***). Combateu o gentio de Sergipe, estendeu os currais de gado, era em 1591 o vereador mais velho da cidade. Morreu em 1609, deixando grandes capitais. — Nota de Macedo Leme: "Este Garcia de Ávila fundou o morgado da Casa da Torre para seu neto Domingos Dias abaixo".



23. MÉCIA RODRIGUES. "Cristã nova", filha de "Branca Lopes cristã nova defunta mãe da dita Mécia Rodrigues", ***Denunciações de 1691,*** p. 552, consta do Livro do Tombo da Santa Casa da Bahia, refeito depois da expulsão dos holandeses, em 1625: "deixou esta Santa Casa por herdeira de seus bens e outras se dizem mais as terras se fizeram os foros seguintes". São casas à porta de Santa Luzia, à porta da cidade defronte de Diogo Lopes, em São Francisco; terras de Jacuípe além da Torre (aforadas a Francisco Dias d'Ávila), de Inhambupe, de Jacaúna, de Itapagipe (ms., ***arq. da S. Casa***).

24. FRANCISCO FERNANDES. Na ***Genealogia,*** de Roque Luis, "Domingos Fernandes parece também fora 3.º filho. 4. Maria de Ávila que casou com Sebastião Vasques, com geração".

25. FRANCISCO DIAS D'ÁVILA CARAMURU. É o nome que se lê no termo de aforamento de uma légua de terra pela Santa Casa da Misericórdia da Bahia, em 1615, arq. da Santa Casa, traslado do tabelião Pascoal Teixeira. Morava em Tatuapara (Casa da Torre), e a sesmaria ficava na costa do Sauípe. Fora de Mécia Rodrigues (mulher de Garcia D'Ávila). Foi Francisco Dias d'Ávila o primeiro a usar o título de "senhor da Torre de Tatuapara", ***Doc. Hist.,*** XVIII, p. 223. Continuou a obra sertanista do tio, Belchior Dias Moréia. Fez descobrir o sertão de Jacobina e estendeu os domínios para o oeste; capitão de entre os rios Jacuípe e Real, patente de 7 de setembro de 1613, defensor da Bahia contra os holandeses em 1624, à frente dos índios de Tatuapara, irrupção inicial dos caboclos da sua Casa na história do País (a última será a campanha da Independência, dois séculos depois), Fr. Vicente do Salvador, ***História do Brasil,*** p. 517; escrituras de compromisso com o mosteiro de São Bento, ***Livro 2.º do Tombo,*** ms., 11 de outubro de 1618 e 20 de dezembro de 1625. — Nota marginal de Roque Luis de Macedo Leme: "não teve o foro dito.

26. MANUEL PEREIRA GAGO. Garcia d'Ávila refere-se no testamento a Manuel Pereira, a quem "por bons serviços e boas obras doava terras perto de sua fazenda de S. Francisco", em Itapoã, terras que compreendiam outras, por ele arrendadas aos frades de São Bento, motivo da sentença de 26 de fevereiro de 1633, que as separou, ms. ***arq. do mosteiro de São Bento,*** confirmou-a contra a ré, a viúva de Manuel Pereira Gago, Catarina Fogaça, a Casa da Suplicação de Lisboa (31 de agosto de 1634). Honrando a amizade, tratou Manuel Pereira dos interesses de Francisco Dias d'Ávila, neto do velho Garcia, seu genro, de quem foi procurador junto à Santa Casa, em 1615. O problema, porém, de sua origem, tornar-se-ia o obstáculo a que Francisco Dias d'Ávila 2.º, recebesse o hábito da Ordem de Cristo, em 1682. Fora "muito menino para a Bahia há muitos anos, e se dizia ser de Vilanova do Porto" (alegou o neto). E por seus muitos serviços foi dispensado do "impedimento" (1685), T.T., ***Habil. da Ordem de Cristo,*** m. 34, n. 49. Na sua ***Genealogia*** andou mais longe Roque Luis de Macedo Leme: "Antônio Pereira Gago filho de Manuel Pereira Gago natural de Vila Nova do Porto e de sua mulher Catarina Fogaça, natural de Santa Cruz de Porto Seguro, moradores na Bahia, neto por parte paterna de Pedreanes o Gago e sua mulher Ana Gonçalves de Vila Nova do Porto, e por via materna de André Fogaça e de sua mulher Leonor Álvares de Porto Seguro consta tudo das Inquirições do sobredito Antônio Pereira Gago para Noviço desta Província que não chegou a professar" (fl. 6).

Além de Leonor, mãe de Francisco Dias D'Ávila 2.º, tinha filho, padre ANTÔNIO PEREIRA, cujo perfil debulhamos na ***História da Casa da Torre,*** 2.ª ed., p. 41. Dele fala Fr. Martim de Nantes. Que Francisco Dias d'Ávila e "seu tio Antônio Pereira" queimaram no vale de São Francisco duas igrejas e casas dos jesuítas, ***Relation Succinte et Sincère*** etc., p. 144 (veja-se edição facsimilar de Frederico Edelweiss, Bahia, 1952). Obteve sesmaria ao longo do rio, 20 de dezembro de 1658, em continuação das terras dadas em 1654 a Garcia d'Ávila 2.º, ***Livro de Sesmarias da Tesouraria Provincial,*** ms., Arquivo Nacional; e na capitania de Sergipe, 1654, ***Doc. Hist.,*** XVII, p. 306. Catarina Fogaça moveu ação de demarcação em 1631 contra os monges de São Bento, ***Livro Velho,*** p. 223.

27. GARCIA DE ÁVILA, 2.º. Sertanista e capitão, como os anteriores, lutou na última fase da guerra holandesa, ***Doc. Hist.,*** III, pp. 78 e 80. Conquistou, com o cunhado, padre Antônio Pereira, o sertão de Rodelas, no rio de São Francisco (1646). Do ***Livro 2.º,*** fl. 365, dos ***Irmãos da Santa Casa,*** consta a sua petição requerendo a entrada na irmandade, 15 de outubro de 1675 (filho do capitão Francisco Dias de Ávila e sua mulher Ana Pereira).

28. Em 1637, voltando Banholo para a Bahia.

29. LEONOR PEREIRA MARINHO. Corrija-se a nota de Fr. Jaboatão. Pela abertura do testamento na Santa Casa se vê que morreu na Torre, a 14 de dezembro de 1686. Só tinha herdeiros forçados os filhos, Francisco Dias d'Ávila e Catarina Fogaça. Deixou mil cruzados para a missa que por sua alma se diria no sábado de Nossa Senhora da Conceição, enquanto durasse o mundo. Testamenteiro, o filho. Livro 3.º do Tombo da Misericórdia da Bahia.

30. BERNARDO PEREIRA GAGO 2.º. Acompanhou o irmão Francisco Dias d'Ávila, 2.º, à conquista do Piauí, em 1674 (Afonso Taunay, ***História Geral das Bandeiras Paulistas,*** IV, p. 339). No seu testamento, aliás, declarou Domingos Afonso Sertão: "sou senhor e possuidor da metade das terras que pedi no Piauí com o coronel Francisco Dias de Ávila e seus irmãos". Ingressou na Irmandade da Santa Casa da Bahia a 18 de fevereiro de 1683, ***Livro 2,*** fl. 603, e morreu a 24 de junho do ano seguinte, com testamento. Legou mil cruzados à Santa Casa, ***Livro 2 do Tombo,*** fl. 233, com obrigação de missa aos sábados de Nossa Senhora da Conceição, testamenteiro Francisco Dias d'Ávila. Roque Luis na ***Genealogia*** dá certa a data da morte; e que jaz em São Francisco.

31. VASCO MARINHO FALCÃO. Filho de Brás Rebelo Falcão, natural de Braga, e Isabel Brandão, de Santarém do Paraguaçu, filha de Gonçalo Rodrigues de Araújo e Isabel Freire Barracha, da vila do Espírito Santo, como consta do Processo de Familiar do Santo Ofício de seu neto, Garcia de Ávila Pereira, 1732, ms. na ***Torre do Tombo,*** 116, 1. Dos Falcões da quinta de Lamoso, não dos homônimos de Pernambuco, cuja capela administravam em 1710, cf. nossa ***História da Casa da Torre,*** 2.ª ed., p. 79. Vasco era irmão de Tomé Pereira Falcão. Da casa de seu pai raptou Antônio da Rocha Pita, a jovem Maria, em 1678, casando em Bom Jesus do Iguape, como conta Fr. Jaboatão. Teve sesmaria (22 de setembro de 1673) de 3 léguas no Paraguassu, ***Publ. do Arquivo Nacional,*** XXVII, p. 49. Seria seu 2.º casamento a que se refere uma sátira de Gregório de Matos: "a Vasco Marinho Falcão, que sendo homem velho e achacoso se casou com uma mulher moça e formosa". "Tem Vasco para seus danos... noventa anos", ***Obras Completas,*** de Gregório de Matos, ed. de James Amado, V, p. 1094.



32. ISABEL DE ÁVILA MARINHO. 1678-1704. Contradiz-se Jaboatão, dizendo que o casamento de D. Isabel foi contra a vontade do pai, falecido 12 anos antes (Wanderley Pinho, na ***Revista do Instituto Histórico da Bahia,*** n. 55, p. 420). Foi contra a vontade da mãe viúva, Catarina Fogaça, insultada pelo rapto da filha menor de 16 anos, em 2 de janeiro de 1678.
Manuel de Barros da Franca homiziou os fugitivos na sua casa do subúrbio e levou-os à Cidade sob sua proteção.
Casaram a 12 de janeiro, na igreja do Carmo, servindo de testemunhas o mestre de campo Álvaro de Azevedo e o sargento-mor Francisco de Brá. Inconformada, Catarina moveu ação contra o raptor e seus amigos, arquivada, depois de demorados incidentes processuais, por morte da querelante, ***Cartas-régias, Livro de C.R.,*** B. N., 5 de maio de 1678 e 31 de outubro de 1691.

33. MANUEL PAES DA COSTA. Manuel Paes da Costa, natural e morador na Bahia, era filho de Agostinho Paes da Costa e Catarina da Fonseca (adiante), neto paterno do sargento-mor Manuel Rodrigues da Costa, natural do Alentejo e de sua mulher Vitória Nunes Pinheiro, natural desta Cidade, e materno de Simão Fernandes, da ilha de São Miguel, e de sua mulher Ana da Fonseca (***Livro de Irmãos***, 2.º, fl. 553). D. Isabel de Ávila, sua sogra. Reputava-o de "inferior qualidade", "por seus pais serem mecânicos", ***Consulta do Conselho Ultramarino***, 11 de dezembro de 1680, ms. Arq. Hist. Ultramarino. Era capitão de companhia de infantaria no Regimento do coronel Pedro Camelo Pereira de Aragão, 17 de março de 1679 (posto que deixou em 1682), Arq. Públ. da Bahia, ***Registro das Patentes de 1678 a 1688,*** fl. 27 v. e 128 v. e inscreveu-se Irmão da Santa Casa, 12 de abril de 1683. Teve sesmaria de 1 1/2 légua no sertão de Itabaiana, a 16 de março de 1693, ***Publ. do Arq. Nac.***, XXVII, p. 95.

34. FRANCISCO DIAS DE ÁVILA, 2.º (1646-1694). Podemos chamar-lhe o grande. Segundo Fr. Martim de Nantes, ***Relation Succinte et Sincère*** etc., p. 137, edição de 1707, foi o homem "mais rico do Brasil". Aumentou, com os domínios herdados e adquiridos, o território da capitania. É um dos conquistadores do Piauí. Capitão da Ordenança do distrito da Torre, patente de 5 de agosto de 1672, já em atenção a seus serviços, e do pai e avós, teve provisão, a 5 de julho de 1674, de capitão da Entrada às aldeias dos Gurguéias nos currais do São Francisco", com 100 homens brancos e índios auxiliares, sendo capitão-mor de metade da gente armada Domingos Afonso Sertão, ***Doc. Hist.***, XII, p. 16. Fez a expedição à sua custa. Como os três sócios daquela conquista, apartou 12 léguas em quadra às margens do Gurguéia, 12 de outubro de 1676. Coronel (24 de dezembro de 1675), foi em 14 de maio de 1677 encarregado de outra guerra, aos índios de Pajeú e aos amoipiras (carta de 18 de junho), com muito desgosto dos missionários, que o acusavam de lhes destruir o santo trabalho. A queixa patética do capuchinho Fr. Anastácio Audierne, levada ao Conselho Ultramarino, 18 de março de 1681, provocou a carta do Príncipe do dia 23, determinando ao governador geral procedesse à devassa sobre os danos que Francisco Dias d'Ávila fizera à missão de Pambu, ***Consulta do Conselho Ultramarino***, ms. do ***Arq. Hist.***

***Ultramarino;*** nossa História da Casa da Torre, 2.ª ed., p. 110. Não sofreu por isso. A 2 de setembro de 1683 foi feito coronel de parte do Regimento (que se dividiu) do coronel Baltazar dos Reis Barrenho, "no distrito de Catinga Grande do rio Itapicuru correndo pela estrada direita, até o rio de São Francisco, e a dita estrada para cima até as últimas passagens que hoje há", em atenção a "haver servido ao dito Senhor (rei) nas ocasiões que se ofereceram, e ao serviço que a sua Casa lhe tem feito, havendo ocupado muitos anos o posto de capitão do distrito da Torre, em que se houve com satisfação, e ao particular que o mesmo Francisco Dias de Ávila fez a sua alteza com grande despesa de sua fazenda, levando cem homens brancos à sua custa a sossegar as aldeias que no rio de São Francisco se haviam rebelado, e reduzindo-as ao sossego em que estão, para cujo efeito se lhe deu o cargo de capitão-mor, cumprindo pontualmente o Regimento, e ultimamente está exercendo o cargo de coronel das companhias de Ordenança que levou à sua ordem, etc.", Arq. Públ. da Bahia, ***Registros de Patentes de 1678 a 1688***, fl. 159 verso. Passou a coronel da Ordenança da Cidade em 1686, mas só a 3 de janeiro de 1688 teve substituto (Francisco Pereira Botelho) no coronelato do sertão. — Leonor Pereira Martinho e sua filha Catarina Fogaça instituiram morgado, por doação de dote e vínculo de bens, para casar Leonor Pereira com Francisco Dias de Ávila: alvará de confirmação, 23 de julho de 1681, ***Publ. do Arquivo Nacional***, XXVII, p. 28. Casaram em 1679. A 1.º de abril do ano anterior ingressou Francisco Dias de Ávila na Irmandade da Santa Casa da Bahia, ***L. de Irmãos***, 2, fl. 441, da qual foi provedor em 1688. E na Ordem de Cristo, dispensado da dúvida sobre a origem do avô materno, em 1685 (processo citado, na ***Torrre do Tombo***). A crer em Fr. Martim de Nantes, "caiu em demência um ano antes de morrer: ficou abandonado dos seus e dos próprios filhos".
Ele e a mulher foram sepultados na capela da Torre, informa o Processo de Familiar do Santo Ofício de Garcia d'Ávila Pereira, nossa ***op. cit.***, p. 115.

35. DA CASA DA TORRE (vulgarmente, Castelo da Torre) dissemos suficientemente na ***História*** que temos citado. Preciosa informação achamos no ms. de Macedo Leme: "casa grande, e edifício forte que seu Pai (Francisco Dias d'Ávila) tinha levantado".

36. GARCIA DE ÁVILA PEREIRA, 3.º. Reprimiu várias insurreições de índios, principalmente no Piauí. Aceitou em 1702 o encargo de reconstruir o forte na praia, abaixo da Casa da Torre, ***Anais do Arq. Públ. da Bahia,*** VI, p. 357. Doou ao convento de São Francisco o altar da Conceição, padroeira da Torre; e ali o seu jazigo, com inscrição: "Aqui jaz o coronel Garcia de Ávila Pereira, cavaleiro professo da Ordem de Cristo, fidalgo de Sua Majestade e sua mulher e herdeiros. Faleceu a 13 de junho de 1734" (Fr. Jaboatão, ***Novo Orbe Seráfico,*** p. 274). A sua carta de Familiar do Santo Ofício é de 14 de março de 1732. Faleceu aos 50 anos de idade, ***L. de Óbitos de S. Pedro Velho,*** arq. da Cúria, fl. 246.

37. GONÇALO RODRIGUES DE ARAÚJO. No Processo de Familiar do Santo Ofício de Bernardo Aranha de Góes, 1698, se diz que era casado com Margarida Persana, filha de Gonçalo Rodrigues de Araújo e Vitória da Costa de Araújo, ambos naturais e moradores na Bahia, ***T.T.,*** m. 2, n. 42.



38. FRANCISCO DIAS D'ÁVILA. Fidalgo da Casa de Sua Majestade, onze anos coronel da Ordenança dos distritos "que principiam no Riacho da Água do Bispo e correm até o rio Real", 35 léguas de extensão, a 4 de outubro de 1746 elevado a mestre de campo do terço dos Auxiliares da Torre (conforme a Ordem de 21 de abril de 1739), ***Arquivo Público da Bahia, Registro de Patentes de 1745 a 1750,*** fl. 53. Requereu em 1740 para não comparecer à Câmara da cidade, em que era vereador, ***Anais do Arq. Públ. da Bahia,*** IV, p. 87. Além das terras do sertão, possuia engenho e duas fábricas de farinha, para cuja escravatura pediu descesse gado isento de direitos, Borges de Barros, ***Bandeirantes e Sertanistas Baianos,*** p. 110. Morreu em abril de 1750. A viúva casou pouco depois com Pedro de Albuquerque da Câmara. A pressa do casamento levantou a suspeita de que Francisco Dias de Ávila tivesse sido envenenado. O Juiz do crime, de posse da denúncia, ordenou a prisão dos acusados, apesar do atestado do cirurgião, de que sucumbira a seus antigos achaques. O vice-rei mandou recolher a devassa, que o Conselho Ultramarino, em decisão de 15 de fevereiro de 1754, converteu em instrução. A Relação da Bahia, em 28 de julho de 1753, passou carta de seguro a Pedro de Albuquerque, ***Consultas do Conselho Ultramarino, Bahia, 1752 — 57***, fl. 152, ms. ***Arq. Hist. Ultr.,*** cópia no ***Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.*** Foi esse Pedro de Albuquerque, evidentemente pródigo que vendeu por 15 moedas, quinze léguas de chão, como relata um papel de setembro de 1758, ***Anais da B.N.,*** doc. 3.924. Tivera foro de fidalgo a 7 de setembro de 1737, foi vereador, comprou em 1771 o ofício de tabelião do judicial que, em 1785, renunciou em favor do filho natural, Manuel José da Purificação de Albuquerque. Reconheceu em 1783, batizando-os os filhos Manuel, José e Clara Madalena, ms., ***arq. do arcebispado,*** e morreu em 1792.

39. Veja-se ***tít. Vilas Boas***.

40. GARCIA DE ÁVILA PEREIRA DE ARAGÃO. Batizado a 4 de outubro de 1734, com licença do arcebispo, no oratório privado do avô, Coronel Francisco Barreto de Aragão, na freguesia de São Tiago do Iguape (***L. de Batismo do Iguape***, 1708-1754, arq. da Cúria. Oficiante, o beneditino Fr. Benedito de Santo Antônio e Aragão, padrinhos, coronel Antônio de Aragão e sua mulher D. Maria de Meneses). Foi cavaleiro de Cristo antes dos 18 anos, T.T., ***Habil.,*** letra G, m. 1. Por amor do inédito, voltemos à ***Genealogia,*** de Macedo Leme: "existe neste ano de 1792, é mestre de campo da Torre, professo na Ordem e Cristo, e Sr. da Torre de Garcia de Ávila. Casou com D. Ana Teresa Cavalcanti, filha do alcaide-mor que foi da Bahia Salvador Pires de Carvalho do qual matrimônio não teve filhos. Casou 2.ª vez com a filha de Cristóvão da Rocha Pita e de sua mulher D. Josefa Maria da Conceição e Lima, filha de..., sobrinha pela parte materna do Bispo de Pernambuco, que vestido em Pontifical os recebeu no Terreiro de Jesus da cidade da Bahia, no Oratório das casas de José Pires de Carvalho, sendo governador e capitão general Manuel da Cunha de Meneses, e arcebispo D. Joaquim Borges de Figueiroa que também esteve presente, com o concurso de todas as principais pessoas daquela cidade, no ano de 1777, casamento desastrado não obstante todo seu aparato: porque a noiva temeu a sorte da antecessora, e não quis sair da casa de seus pais, e Garcia de Ávila se retirou para a Torre, em companhia de uns poucos de mamelucos que tem, e achou-se sem filhos, não obstante constar que faz visitas todos os anos à sua mulher. É este cavaleiro selvagem na forma exterior,

porém humano, entendido, principalmente na história e nas escrituras, e engraçado no trato geral das gentes, e hospitalidade de sua casa, por onde não parece verificar-se que abreviava os dias da sua primeira mulher". O sogro era o rico mercador João da Costa Lima; a sogra, irmã do Bispo D. Tomaz da Encarnação Costa e Lima. Faleceu Garcia a 14 de setembro de 1805, com testamento em que legou os bens, vinculados, ou seja, a Casa da Torre, à sobrinha, filha de sua irmã D. Ana Maria de S. José, mulher do capitão-mor José Pires de Carvalho e Albuquerque (3 de abril de 1781). Transferiu-se para estoutra família o ***morgado*** dos "bandeirantes" do Nordeste, por ele instituído com a terça dos bens, certidão ms., arquivo Wanderley Pinho, completando disposições testamentárias do Padre Antônio Pereira.

— Veja-se o tombo respectivo, levantado em 1815 por Antônio Joaquim Pires de Carvalho e Albuquerque Cavalcanti de Ávila Pereira (abaixo), Arquivo Público da Bahia, ***Terras***, I, pp. 80-87.

— Resta elucidar a ligação com os Sanches Brandão, de Minas Gerais, pois a carta de justificação de nobreza do capitão Francisco Sanches Brandão, em 1775, dá a bisavó como prima do coronel Garcia de Ávila de ***Figueiredo***, chefe da Casa da Torre, Osvaldo Rezende, ***Genealogia dos Rezendes***, p. 66, São Paulo, 1974.

41. D. LEONOR PEREIRA MARINHO. Primeira juíza da festa do Senhor do Bonfim, em 1746, Carlos Alberto de Carvalho, ***Tradições e Milagres do Bonfim***, p. 25, Bahia, 1915.

## *TRONCO*

### *Brás Rabelo Falcão*

Filho — 1.º gr. — Filho
Tomé Pereira Falcão. — Irmãos — Vasco Marino Falcão.

Filha — 2.º gr. — Filha
D. Inácia de Araújo Pereira. — Primos — Leonor Pereira Marinho.
Misto com o 3.º gr.

Filho
Garcia de Ávila Pereira.
Misto com o 3.º gr. *

---

*Nota da R.I.H.G.B.*

* *Foram dispensados por sentença de 28 de julho de 1706.*



N. 19. Francisca Dias, filha de Genebra Álvares e seu marido Vicente Dias de Beja, * casou duas vezes, a primeira com Antônio de Araújo, (1) natural de Ponte de Lima, da família dos Araújos, primo de Baltazar Barbosa de Araújo (2) e seu irmão Francisco de Araújo, em cuja companhia vieram todos para o Brasil, e teve filho único.

1. Frei João do Espírito Santo,** (3) religioso beneditino, que faleceu na cidade do Porto no ano de 1634.

Segunda vez casou Francisca Dias, acima, com Francisco de Aguilar de Araújo, *** filho de Jácome Duarte e de sua mulher Isabel de Aguilar, moradores na cidade de Braga, freguesia de S. João de Souto, e teve filhos.

2. Isabel de Aguilar, **** casada com Bento de Araújo Soares, (4) sem filhos.

3. Maria de Araújo, que casou com o capitão Miguel Francisco, com filhos.

4. Ana Barroso de Araújo, ***** casada com o filho de Sebastião Botelho e Beatriz Cardoso, Manuel Botelho, da cidade da Guarda; casaram na Sé a 7 de maio de 1623.

5. Sebastiana de Queiroz, mulher de Fernão Pereira do Lago. ****** (5)

N. 3. Maria de Araújo, filha de Francisca Dias e de seu segundo marido Francisco de Aguilar, foi segunda mulher do capitão Miguel Francisco, natural da cidade de Lisboa, filho de Simão Fernandes e de Guiomar Nunes, sua mulher, e teve filhos.

6. Sóror Francisca do Salvador, religiosa do mosteiro de Villalonga.

7. Isabel de Araújo, mulher de Francisco de Macedo, com filhos.

8. D. Clara de Araújo, casada com Diogo Varela de Macedo.

### *Sucessão da segunda filha de Genebra Álvares, que foi*

N. 3. Maria Dias, filha segunda de Genebra Álvares, n. 2, e de seu marido Duarte Dias, (6) casou com Francisco de Araújo, (7) filho natural de Gaspar Barbosa de Araujo, (8) natural de Ponte de Lima, da nobilíssima família dos Araújos, que há na província de Entre-Douro e Minho. *******

De Maria Dias e seu marido foram filhos:

---

*Notas da R.I.H.G.B.*

* ***Casaram na Sé a 8 de janeiro de 1584.***
** ***Batizado na Sé a 14 de março de 1585.***
*** ***Casaram a 15 de fevereiro de 1597, à fl. 65.n. 89.***
**** ***Batizada a 3 de maio de 1598, na freguesia da Purificação.***
***** ***Batizada a 30 de agosto de 1601, na mesma freguesia.***
****** ***Batizada a 20 de janeiro de 1604***
******* ***Teatro Genealógico, Árvore 36. Faleceu este a 27 de agosto de 1602. Sepultado na Misericórdia.***

29. Maria de Araújo, * que se segue.

30. Francisco de Araújo, ** (9) clérigo, o qual doou à Misericórdia da Bahia a fazenda da Saubara.

31. D. Violante de Araújo, (10) adiante, fl....

Outra Maria, batizada na Sé a 29 de novembro de 1582 e Manuel batizado a 14 de dezembro de 1583.

N. 29. D. Maria de Araújo, *** (11) filha primeira de Francisco de Araújo e de sua mulher Maria Dias n. 13, foi casada com o capitão-mor Baltazar de Aragão, (12) o Bângala por alcunha, que havia sido capitão-mor em Angola, onde por ser demasiadamente cruel para com os escravos, que os castigava com grande rigor, lhe chamaram o Bângala, que no seu idioma quer dizer — Pau duro. Morreu este homem no ano de 1613, governando ele a Bahia por morte do governador D. Diogo de Meneses, saindo em uma nau a pelejar contra os holandeses, e virando-se esta no mar ficou afogado. Deixou filhos.

32. Francisco de Araújo de Aragão, que se segue.

33. Baltazar de Aragão, (13) que casou com Catarina de Barros, filha de Paulo de Barros, (14) sem geração. Por morte deste seu marido casou esta com Domingos Garcia, sobrinho de Baltazar de Aragão; à fl.... n. 2.

34. D. Isabel de Aragão , mulher de Diogo de Aragão Pereira, adiante, fl.... n. 34.

35. D. Maria de Aragão, mulher de Domingos Garcia de Melo, à fl.... n. 35.

Por morte de Baltazar de Aragão, o Bângala, tornou a casar D. Maria de Araújo com Pedro Garcia, (15) a quem chamaram o velho; mercador muito rico, e o que corria com o fornecimento de engenho do Conde nesse tempo. Era este Pedro Garcia natural da ilha de São-Miguel, e filho de Manuel Pereira e de sua mulher Joana Garcia: consta isto das inquirições de seu filho Pedro Garcia, quando se ordenou de sacerdote.

De Pedro Garcia e sua mulher D. Maria de Araújo, foram filhos: (16)

36. Pedro Garcia de Araújo, (17) que se ordenou de sacerdote de maior idade já, foi muito rico e instiuiu um morgado de toda a sua fazenda, que deixou a seu sobrinho Manuel Garcia Pimentel, filho de sua irmã D. Joana,

---

*Notas da R.I.H.G.B.*

* *Batizada na Sé a 21 de agosto de 1579. Faleceu esta a 9 de março de 1633. Sepultada na Misericórdia. Casaram na Sé a 13 de novembro de 1599.*

** *Batizado na Sé a 14 de fevereiro de 1581.*

*** *Desta D. Maria de Araújo foi também filho dos mesmos pais Francisco de Araújo e Maria Dias, o que se segue aqui. João de Araújo, que casou com D. Brites Valdoveso, e teve filhos: Francisco de Araújo Valdoveso, casado com D. Maria da Rocha, como fl.... D. Joana de Araújo, mulher de Francisco de Mesquita. Faleceu este João de Araújo a 21 de janeiro de 1635. Sepultado na Misericórdia na cova de seus pais.*



casada com o donatário do Espírito-Santo, Francisco Gil de Araújo, adiante.

Este Pedro Garcia foi o que deu a terra para fundação do convento de Paraguassu aos religiosos de S. Antônio; e nele foi sepultado. Faleceu a 7 de maio de 1691.

37. Francisco Gil de Araújo, que foi donatário do Espírito-Santo, e vai adiante, à fl....

38. D. Joana de Araújo, mulher de Antônio da Silva Pimentel, que vai depois à fl.... n. 5.

N. 32. Francisco de Araújo de Aragão, (18) filho de D. Maria de Araújo, n. 29, e de seu primeiro marido Baltazar de Aragão, o Bângala, foi senhor do Engenho-novo em Paraguassu, casou com D. Ana de Barros Soeiro, que era filha de Manoel de Barros, natural da ilha da Madeira, e de sua mulher Cecília Soeiro, a qual Cecília Soeiro, era filha de Martins, ou Martim Lopes Soeiro e de sua mulher D. Ana Pereira, sobrinha legítima do bispo da Bahia D. Miguel Pereira, dos Pereiras de Viana;consta isto do livro dos batizados e da verba do trestamento de D. Francisca de Aragão, (19) filha desta D. Ana, que foi casada com o mestre de campo Jerônimo Sodré.

Desta D. Ana de Barros Soeiro foram também irmãos inteiros o padre Martim de Barros Soeiro, vigário de São Gonçalo da Cachoeira, então curato, e também Manuel de Barros Soeiro.

De Francisco de Araújo de Aragão, acima, e sua mulher D. Ana foram filhos:

39. Manuel de Araújo de Aragão, que se segue.

40. Francisco de Araújo de Aragão, (20) casado com D. Águeda de Góes, filha de Manuel Pereira de Góes e de sua mulher D. Ana Brandão, filha de Antônio de Souza de Andrade.

41. João de Aragão, (21) clérigo, batizado em 20 de maio de 1653.

42. Baltazar de Aragão. (22)

43. D. Francisca de Aragão, (23) segunda mulher do mestre de campo Jerônimo Sodré Pereira, à fl.... n. 2.

44. D. Ana de Araújo, segunda mulher de Pedro Camelo, à fl.... n...., e por morte deste casou com Antônio Guedes de Paiva,(24) à fl....

45. D. Isabel de Aragão, primeira mulher de Cristóvão Cavalcanti de Albuquerque, que já fica à fl.... e... n. 2.

46. D. Cecília de Araújo, mulher de Francisco Pereira de Araújo, à fl.... n. 4. Casada com Sebastião Paes Machado, (25) diz outro assento.

N. 39. Manuel de Araújo de Aragão* (26) filho primeiro de Francisco de

---

*Nota da R.I.H.G.B.*

* *Casou este a 6 de fevereiro de 1667 e faleceu a 19 de janeiro de 1709. Sepultado no convento de Paraguassu, e sua mulher faleceu a 27 de novembro de 1721, sepultada no convento de Paraguassu.*

Aragão, n. 32, e de sua mulher D. Ana de Barros Soeiro, foi coronel de ordenança na Bahia, e um dos mais autorizados homens do seu tempo. Casou com D. Maria Adorno, filha de Gaspar Rodrigues Adorno, da Cachoeira, e houveram filhos. Este Gaspar Rodrigues Adorno vai à fl.... n. 18, casado com Filipa Álvares.

47. Manuel de Araújo de Aragão, que se segue.

48. Antônio de Araújo de Aragão, (27) Gonçalo de Araújo de Aragão, (28) Cosme de Araújo de Aragão, Sebastião de Araújo de Aragão, etc. (29) foi religioso do Carmo e cinco filhas freiras em Portugal. Brites, batizada a 8 de agosto de 1669, Maria, batizada a 25 de dezembro de 1674.

N. 41. Manuel de Araújo de Aragão, (30) filho de Manuel de Araújo de Aragão, n. 39, e de sua mulher D. Maria Adorno, * casou com D. Maria de Aragão, filha de Pedro Camelo e de sua mulher D. Ana de Aragão, irmã de seu pai, e tiveram filhos:

49. Manuel de Araújo de Aragão.

50. Antônio de Araújo de Aragão. Faleceu solteiro em 15 de junho de 1720.

51. João Alexandre, (31) casado com D. Brites, filha do coronel Cristóvão Cavalcanti à fl.... n. 6.

52. José de Aragão, casou com D. Úrsula filha do mesmo.

53. Francisco de Araújo de Aragão, casado com D. Ana, filha do desembargador Cristóvão Tavares de Moraes, à fl.... n. 18.

54. D. Florinda, que casou com José Gonçalves Fiuza, (32) senhor do engenho da Ponta, e sargento-mor da vila da Cachoeira.

55. Lucas de Araújo de Aragão, que faleceu solteiro.

N. 40. Francisco de Araújo de Aragão, ** (33) filho segundo de Francisco de Araújo de Aragão, n. 32, e de sua mulher D. Ana de Barros Soeiro, foi alcaide-mor da cidade da Bahia, casou com D. Águeda de Góes, filha de Manuel Pereira de Góes (34) e de sua mulher D. Ana Brandão, que era filha de Antônio de Souza de Andrade, *** (35) a quem o padre Lourenço Ribeiro, (36) vigário que foi de Passé, no seu manuscrito diz, era filho natural del-rei D. Pedro II; teve este Francisco de Araújo de sua mulher os filhos seguintes; foram casados a 28 de agosto de 1688, na freguesia do Monte. D. Águeda de Souza, diz o assento.

---

*Notas da R.I.H.G.B.*

* *Faleceu esta a 27 de novembro de 1721, sepultada no convento de Paraguassu.*
** *Faleceu a 8 de julho de 1705. Sepultado no Carmo.*
*** *Veja-se à p.... (**T.T. Machado Velho**) de quem era filho este Antônio de Souza de Andrade.*



56. Manuel de Araújo de Aragão, (37) alcaide-mor, como seu pai, a qual mercê foi a primeira, que fez el-rei D. João V para o Brasil. Faleceu solteiro em 16 de agosto de 1727.

57. D. Maria de Araújo Aragão, que se segue.

58. D. Ana de Souza Aragão, adiante à fl.... n. 3, e Francisco de Araújo de Aragão, (38) bastardo, e casado a 22 de junho de 1707 com D. Francisca Pinheiro, filha de Antônio Rodrigues Pinheiro (39) e de sua mulher D. Francisca Ferreira.

N. 51. D. Maria de Araújo, ou de Souza Aragão, * filha segunda do alcaide-mor Francisco de Araújo de Aragão, n. 40, e de sua mulher D. Águeda de Góes ** ou de Souza, com José da Costa Bulcão, de quem adiante se dirá, e tiveram filhos.

59. Baltazar da Costa Bulcão, que se segue.

60. D. Francisca de Araújo Aragão, que casou com Antônio Manuel de Moraes Sarmento Portocarreiro, (40) professo na Ordem de Cristo, e corregedor, que foi, da comarca da Bahia. Faleceu esta a poucos anos de casada, deixando uma só filha, que também faleceu solteira; e seu pai Antônio Manuel faleceu a 19 de janeiro de 1774.

61. José, batizado a 22 de janeiro de 1730, à fl.... n. 2.

Francisco, batizado a 21 de maio de 1733. (41)

Ana, batizada a 30 de janeiro de 1735. Esta freira no Desterro, e Francisco religioso da companhia, este acima.

N. 34. D. Isabel de Aragão, *** filha terceira de D. Maria de Araújo, n. 29, e de seu marido Baltazar de Aragão, o ***Bângala,*** foi casada com Diogo de Aragão Pereira, (42) natural da ilha da Madeira, homem fidalgo, e muito estimado de todos os governadores do seu tempo. Instituiu um morgado da sua terça, que deixou a seu segundo filho Antônio de Aragão Pereira, (43) que por morrer sem sucessão, hoje o administra frei Benedito, religioso de S. Bento, filho do segundo matrimônio de Pedro Camelo de Aragão Pereira e de sua segunda mulher D. Ana de Aragão, filha de Francisco de Araújo de Aragão, n. 32; da qual administração fez doação Frei Benedito a Pedro Paes Machado de Aragão (44) em sua vida, e por morte do tal frei Benedito passa ao Domingos Garcia de Aragão, e pela deste a José Garcia Cavalcanti de Albuquerque, capitão-mor da Cachoeira e senhor do engenho da Embiara. Teve D. Isabel de Aragão de seu marido Diogo de Aragão Pereira os filhos seguintes:

N. 63. Pedro Camelo de Aragão Pereira, que se segue.

---

*Notas da R.I.H.G.B.*

* *Faleceu a 28 de outubro de 1767.*
** *Casaram a 6 de fevereiro de 1720. Faleceu esta D. Maria a 28 de outubro de 1767.*
*** *Faleceu esta a 13 de junho de 1655. Sepultada em S. Francisco.*

N. 64. Antônio de Aragão Pereira, administrador do morgado acima, que sendo duas vezes casado, a primeira com D. Mariana de Almeida Pimentel, * filha de Antônio da Silva Pimentel e de D. Joana de Araújo, sua prima direita, e a segunda com D. Catarina de Aragão, filha de Domingos Garcia de Melo e de sua mulher D. Maria de Araújo de Aragão, também sua prima direita, de nenhuma destas teve filhos.

N. 65. Diogo de Aragão Pereira, que casou com D. Inês de Aiala, ** filha de Manuel de Uzeda, e de sua mulher D. Bárbara; deste Diogo e sua mulher foi filha D. Catarina, que casou com Jorge de Brito, *** e depois com D. Félix de Betencourt, à fl...., Fidalgo da Casa Real, cavaleiro da Ordem de Cristo, Familiar do Santo Ofício.

N. 66. D. Inês, mulher de Antônio de Aragão, da ilha da Madeira.

N. 67. D. Maria de Aragão, mulher de Sebastião de Brito de Castro, à fl...., n. 1.

N. 68. Pedro Camelo de Aragão Pereira, **** (45) filho primeiro de Diogo de Aragão Pereira e de sua mulher D. Isabel de Aragão, n. 34. Foi coronel da ordenança da cidade da Bahia, em cujo lugar entrou Francisco Dias de Ávila 3.º senhor da Torre por seu falecimento no ano de 1687.

Casou duas vezes. A primeira com D. Maria de Meneses, ***** filha de Francisco Barreto de Meneses, senhor do engenho de Mataripe, (46) e de sua mulher D. Maria Isabel de Aragão, o qual Francisco Barreto de Meneses foi filho de Duarte Moniz Barreto, segundo alcaide-mor, que teve a cidade da Bahia, e de sua mulher D. Helena de Melo de Vasconcelos, filha de Antônio de Oliveira de Carvalhal, que foi o primeiro, a quem D. João III fez mercê da propriedade deste ofício no ano de 1550; vindo o dito Antônio de Oliveira por capitão-mor de sua armada, que o mesmo rei mandou a esta cidade no ano seguinte de 1551, como se pode ver na crônica do Brasil do padre Simão de Vasconcelos, e outros.

Por este casamento de sua filha renunciou o dito Antônio de Oliveira em Duarte Moniz Barreto, seu marido, a propriedade do dito ofício de alcaide-mor, que continuou em seus descendentes.

Teve Pedro Camelo de sua primeira mulher D. Maria de Meneses filhos:

N. 68. Francisco Barreto de Aragão, que se segue.

---

*Notas da R.I.H.G.B.*

* *Faleceu esta a 18 de janeiro de 1676. D. Mariana de Araújo, diz o assento do seu óbito.*
** *Faleceu esta a 7 de outubro de 1722.*
*** *Casou a 29 de setembro de 1687.*
**** *Faleceu este Pedro Camelo a 29 de novembro de 1687. Sepultado no convento de Paraguassu.*
***** *Faleceu esta a 6 de março de 1670. Sepultada em S. Francisco abintestada.*



N. 69. Antônio de Aragão Pereira, ou de Meneses, * (47) que casou com D. Maria de Meneses, filha de José Garcia de Aragão e de sua mulher D. Isabel de Meneses Aragão, abaixo. Casaram a 8 de outubro de 1710. Vide a fl...n. 13.

N. 70. D. Isabel de Meneses de Aragão, que casou com José Garcia de Aragão, ** à fl.... n. 7.

Por morte de sua primeira mulher, casou com D. Ana de Araújo de Aragão, filha de Francisco de Araújo de Aragão, n. 32 e 44, e de sua mulher D. Ana de Barros Soeiro: e desta segunda teve filhos. (48)

N. 71. Francisco de Araújo Aragão, *** (49) foi coronel, que casou com D. Sebastiana Guedes de Brito, de quem teve uma só filha, que foi D. Ana Guedes de Aragão, **** casada com seu primo co-irmão Pedro Paes Machado de Aragão (50) de quem não teve filhos; segunda vez casou este Francisco de Araújo com D. Perpétua da Silva, ***** filha de Domingos da Silva Moro, (51) da qual teve filhos:

Domingos da Silva de Aragão.

D. Inês, mulher de D. Caetano de Betencourt Sá, D. Úrsula, sogra de Sebastião Gago da Câmara (52) e D. Antônia Betencourt de Sá, filha do outro do mesmo nome e de sua mulher D. Catarina de Aragão Aiala, a fl... n. 6.

72. Frei Benedito, religioso de S. Bento. (53) Foi batizado a 17 de novembro de 1681. Faleceu no convento da Bahia em segunda-feira de manhã 28 de fevereiro de 1763.

73. Pedro Camelo de Aragão. (54) Batizado a 13 de outubro de 1672.

74. D. Antônia ****** mulher de Pedro Paes Machado, (55) e por morte deste casou com Francisco de Negreiros. Do primeiro teve a Pedro Paes Machado de Aragão, que casou a 15 de janeiro de 1720 com D. Ana Guedes de Aragão, filha do coronel Francisco de Araújo de Aragão, aqui n. 72.

Do segundo teve a D. Luiza Corte-Real, mulher do alferes Sebastião da Rocha Pita, a fl....n. 12.

Luiz Barbalho de Negreiros Corte-Real.

D. Ana de Araújo Aragão e Antônio José de Negreiros Corte-Real.

75. D. Maria de Aragão, mulher de Manuel de Araújo de Aragão, filho do

---

*Notas da R.I.H.G.B.*

* *Faleceu a 27 de maio de 1740. Sepultado no seminário de Belém.*
** *Nasceu esta no ano de 1660 e faleceu a 23 de novembro de 1724. Sepultada no seminário de Belém.*
*** *Batizado a 2 de setembro de 1674.* ***(Acrescenta Roque Luis de Macedo Leme: o marido faleceu a 10 de novembro de 1724).***
**** *Batizada esta Ana a 7 de outubro de 1693.*
***** *Casaram a 12 de setembro de 1701.*
****** *Faleceu esta a 29 de abril de 1702. Sepultada no convento de Paraguassu. (Nas* ***Memórias*** *de Macedo Leme: "o qual — Paes Machado — morreu a 29 de abril de 1702").*

coronel Manuel de Araújo de Aragão e de sua mulher D. Maria Adorno, a fl... n. 47.

76. D. Rosa de Araújo, mulher de Antônio de Negreiros Barbalho, de quem teve filhos, inácio Barbalho e Luiz Barbalho, D. Ana de Aragão mulher de D. Félix de Itaparica e D. Antônia, mulher do doutor João Pereira de Vasconcelos. (56)

77. D. Vitória de Araújo,* (57) mulher do coronel Fernão Pereira de Macedo, de quem nasceu Fernão Pereira Aragão, e deste vem D. Isabel Soares.

77. E Tomé, batizado em 5 de outubro de 1687 em Iguape.

N. 68. Francisco Barreto de Aragão, (58) filho primeiro do primeiro matrimônio de Pedro Camelo de Aragão Pereira e de sua primeira mulher D. Maria de Meneses. Sucedeu a seu tio Antônio de Aragão Pereira, filho de Pedro Camelo de Aragão Pereira, n. 69, no morgado, que instituiu seu avô Diogo de Aragão Pereira, n. 34, senhor da Ponta, por falta que teve de sucessão o dito seu tio. Casou com D. Catarina Correa Vasqueanes, filha de Salvador Correa Vasqueanes, como tem em um manuscrito, ou Salvador Correa de Sá, como com mais certeza se acha em outros, e de sua mulher D. Maria de Araújo, filha de João de Aguiar Vilasboas, à fl.... n. 1 e seguinte, e de sua mulher D. Antônia da Fonseca de Siqueira, senhor do engenho de Santo-Amaro de Sergipe do Conde. De Francisco Barreto de Aragão e de sua mulher D. Catarina Correa Vasqueanes foram filhos:

78. D. Catarina Francisca Correa de Aragão, que se segue.

79. D. Antônia Maria de Meneses, mulher de Antônio Machado Velho, ** senhor do engenho de Mataripe, sogro de Egas Carlos de Souza, adiante à fl.... n. 9.

N. 78. D. Catarina Francisca Correa Vasqueanes, ou de Aragão, (59) filha primeira do coronel Francisco Barreto de Aragão, n. 68, e de sua mulher D. Catarina Correa Vasqueanes, casou duas vezes, a primeira com Francisco Dias de Ávila, mestre de campo de auxiliares da Torre, e senhor da mesma casa, de quem teve filhos.

80. Garcia de Ávila Pereira, que já fica à fl.... n. 27.

81. D. Leonor Pereira Marinho, à fl.... n. 12.

N. 78. Segunda vez casou D. Catarina Francisca Correa de Aragão, acima, por morte de seu primeiro marido o mestre de campo Francisco Dias de Ávila, com Pedro de Albuquerque da Câmara, como fica à fl.... n. 14. Sem sucessão.

---

*Notas da R.I.H.G.B.*

* *Faleceu esta a 4 de dezembro de 1726. Sepultada na matriz de Iguape.*

** *Casaram a 14 de fevereiro de 1729. E faleceu ela a 13 de setembro de 1734.*



N. 70. Seguia-se aqui D. Isabel de Meneses de Aragão, filha de Pedro Camelo de Aragão Pereira, n. 63, a qual casou com José Garcia de Aragão: e para maior clareza, pomos adiante a descendência desse José Garcia de Aragão, na fl.... n. 7.

---

1. ANTÔNIO DE ARAÚJO. "Cristão velho natural da Madeira e assistente nesta cidade, tio de Baltazar de Aragão", ***Denunciações da Bahia, 1618,*** fl. 33.

2. BALTAZAR BARBOSA DE ARAÚJO. Teve sesmaria de 300 braças em Sergipe do Conde, limitando ao sul com os herdeiros de Francisco de Araújo e de leste a oeste com terras da Condessa de Linhares, ***Publ. do Arquivo Nacional,*** XXVII, p. 42. Legou-a Catarina Álvares, mulher de Baltazar, em 1655, ao mosteiro de São Bento, que em 1666 comprou outra parte da fazenda que fora dele. Aí se construiu o convento de Nossa Senhora de Brotas.

3. FR. JOÃO DO ESPÍRITO SANTO (OU DA BAHIA). "Filho de um dos principais homens que vieram à cidade da Bahia", razão porque lhe puseram o apelido "da Bahia", as datas entretanto do ***Catálogo dos Bispos, Gerais, Provinciais, Abades e mais Cardos da Ordem de São Bento do Brasil,*** de D. José Bohr Endres, p. 250, Bahia, 1986, não correspondem às de Fr. Jaboatão. Lá se diz que foi prior de São Paulo em 1656, até 1667, fundador do mosteiro de Jundiaí, 1668, conventual do de Salvador, em 1700, e faleceu em Jundiaí. Conclue-se que o linhagista omitiu, quanto a ele, uma geração.

4. BENTO DE ARAÚJO SOARES. Filho de Domingos de Araújo, de quem herdou a fazenda da Patatiba, casou com D. Clara de Vasconcelos. Morreu sem filhos, com testamento, em 1653, ***L. II do Tombo da Santa Casa;*** e a mulher, no ano seguinte. Deixou à afilhada D. Ana, filha de seu parente Antônio da Silva Pimentel, uma mulata, Lourença, "em sinal do amor que lhe temos".

5. FERNÃO PEREIRA DO LAGO. Juiz ordinário em 1641-1643, ***Cartas do Senado,*** I, pp. 18 e 21, em 1649, ***Anais da Câmara, Bahia,*** III, p. 10.

6. DUARTE DIAS. Leia-se Vicente Dias. ***Duarte Dias*** aparece em 2 de janeiro de 1573, ganhando sesmaria pela parte do rio Real, de doze léguas, ***Publ. do Arquivo Nacional,*** v. XXVII, p. 9. Filho de Paulo Dias e Filipa Álvares — outra filha de Caramuru?

7. FRANCISCO DE ARAÚJO. De Ponte de Lima, no Entre-Douro, lembramos em ***Pedra d'Armas,*** p. 11, São Paulo, 1923, sogro do capitão-mor Baltazar de Aragão. De suas terras no Paraguassu dá notícia Gabriel Soares, ***ibid.,*** p. 140. Comprou-as ao desembargador Brás Fragoso, ***Livro 3.º do Tombo do mosteiro de São Bento,*** da Bahia, fl. 187. A última sesmaria que teve foi em Sergipe, 1597, ***Publicações do Arquivo Nacional*** XXVII, p. 31. Carta citatória contra ele o forçaram, em 1591, a largar o engenho de Sergipe do Conde, que era de D. Filipa de Sá, (filha de Mem de Sá) e Conde de Linhares, ***T.T. Cartório dos Jesuítas*** m. 12. Em 1599, "ao sair pela barra tomaram (naus inglesas) uma nau de Francisco de Araújo, que vinha do Rio de Janeiro com 7 ou 8 mil quintais de pau brasil", Fr.

Vicente do Salvador, ***op. cit.,*** p. 376. Mandou três filhos estudarem em Coimbra (abaixo). Morreu a 27 de agosto de 1622, com testamento, Arq. da Santa Casa da Bahia, ***Livro de Inventários e Testamentos,*** 1756, fls. 320-350 (pesquisa de Maria Tereza Calmon Correa Ribeiro). Instituíra em 1602 morgado da terça de casas em que vivia à porta de Santa Luzia (Carmo) com outra, alugada a João Fernandes Anjo e Pero Velho, as da mesma rua que foram de Sebastião Rodrigues Piva, foreiras à Santa Casa, "para que andem todas juntas e unidas enquanto o mundo durar, sem se poderem trocar, alheiar nem escamotar", em benefício do primogênito Domingos de Araújo, e pelas gerações seguintes sempre do filho mais velho, a menos que por falta de sucessão masculina tocasse à mulher, contanto que filha de matrimônio legítimo. Faltando Domingos, herdaria Francisco; na falta deste, os filhos da filha mais velha, Genebra Barbosa (não mencionada pelo linhagista). A Santa Casa caberiam 80$ cada ano, metade no Natal, metade no dia de Santa Isabel.

— Outro Gaspar Barbosa de Araújo (nome do pai) vem no testamento do padre Francisco de Araújo, abaixo. Era filho de Gaspar Rodrigues Moreira. Genro do 1.º Francisco de Araújo? — Veja-se ***tít. Sucessão da 8.ª filha de Genebra Álvares, e tít. Araújos e Barbosas.***

8. DOMINGOS BARBOSA DE ARAÚJO. Sobrinho de Belchior Dias Morea, por ele requereu as mercês devidas pelas minas que pretendia ter achado, Varnhagen, ***Hist. Geral,*** I, 319, Capistrano, nota a Fr. Vicente do Salvador, ***op. cit,*** p. 442. Escritura de 2 de agosto de 1590 o dá como residente na Bahia, em casas defronte da igreja de São Bento, ***L. do Tombo do Mosteiro,*** II, fl. 74 verso. Foi o 8.º estudante ***brasileiro*** de Coimbra, 1593-1601, ***Brasília,*** IV, p. 4, com os irmãos Francisco (abaixo) e João de Araújo. Formou-se em cânones. A 27 de outubro de 1596 ganhou uma légua de terra em São Cristóvão, ***Publ. do Arquivo Nacional,*** XXVII, p. 32. Em 1622, quando morreu o pai, só podiam herdar-lhe o morgado Domingos de Araújo e, em sucessão, o Pe. Francisco de Araújo.

9. PE. FRANCISCO DE ARAÚJO. Licenciado (é como aparece na aprovação do testamento), estudou em Coimbra de 1596 a 1602, com os irmãos (omitidos por Fr. Jaboatão). Sem herdeiros forçados, o padre Francisco de Araújo doou em testamento a fazenda da Saubara à Santa Casa, pedindo para ser sepultado na igreja de Parategipe (9 de julho de 1650). O testamento foi aberto a 20 de fevereiro de 1652, ***L. 1.º do Tombo da S. Casa,*** n. 40. Curioso é que na igreja, da atual localidade de Bom Jesus dos Pobres, há a "Sepultura do padre Francisco de Araújo, fundador desta capela. Faleceu em 20 de fevereiro de 1669" (Zanderley Pinho, ***História Social da Cidade do Salvador***). — Por feitor-mor do engenho ficou Luiz de Araújo.

O 3.º filho de Francisco de Araújo, João, diplomado em Coimbra em 1602, pagava o foro anual de 70$200 "que é o que deixou seu pai à Santa Casa, nas duas casas da porta da cidade para a missa que se lhe disser cada ano", ***arq. da Santa Casa,*** 1626. A 2 de fevereiro de 1612 teve no engenho de São João, (seu santo) no Iguape, terras que iam daí às cabaceiras de uns matos de Domingos de Araújo, fundador do engenho, ***Publ. do Arquivo Nacional,*** XXVII, p. 42.

10. D. VIOLANTE DE ARAÚJO. Mulher de Estevão de Brito Freire, adiante, que alegava ser sobrinho de Francisco Gil de Araújo.



11. MARIA DE ARAÚJO. É mais completa a lista que dá Roque Luis de Macedo Leme, na ***Genealogia,*** ms. na Biblioteca Nacional. Menciona: 7. "Genebra Álvares casada com o desembargador Baltazar Ferraz em 28 de julho de 1590" (fl. 6 verso). Confirma o que escreveu Fr. Vicente do Salvador, a propósito do filho do desembargador que acompanhou Baltazar de Aragão à luta no mar ("Sobrinho da mulher do Aragão"), ***História do Brasil,*** 3ª. ed., p. 483, salvo por um navio francês e lançado à costa, entre o Rio Grande do Norte e o Maranhão, "onde de fome e cansaço do caminho morreu ao passar de um rio à pura míngua, sendo que tinha de patrimônio nesta Bahia mais de 50 mil cruzados. Porque também seu pai morreu logo de desgosto, publicamente se disse ser justo juízo de Deus".
Baltazar Ferraz, com 50 anos de idade em 1604, ***Revista do Instituto Histórico,*** v. 73, parte I, p. 180, veio nomeado desembargador da Relação que se resolveu criar (sem efeito) em 1587. A 12 de fevereiro de 1591 se lhe deu regimento, para cobrar as dívidas da fazenda real. Alvará de 15 de março desse ano mandou-o "ocupar-se de negócios da fazenda, vencendo 300$ de ordenado, B. N., Rio, ms. ***Alvarás, Provisões*** etc.. Foi elevado a provedor-mor da fazenda. Comprou a Gaspar Dias Barbosa, o moço, o engenho de Cotegipe, na sesmaria dada em 1570 a Gaspar Dias, o velho, e Francisco de Barbuda, ***Doc. Hist.,*** XVIII, p. 376. Ainda em 1612 obteve a adjudicação do rocio, junto do trapiche de Nossa Senhora da Conceição, nas testadas de suas casas, onde fica o "porto de Baltazar Ferraz".

12. BALTAZAR DE ARAGÃO (DE SOUZA). Natural da ilha da Madeira (lê-se no Processo de Familiar do Santo Ofício de Sebastião de Brito de Castro, adiante), a alcunha de ***Blanga*** (ou Bângala, na Bahia, ainda hoje, rua do ***Bângala***), provinha do medo que causou aos pretos de Angola. Também lhe chamariam ***Mangue-la-bote*** (conta Pyrard de Laval, ***"Seconde Voyage...depuis l'arrivée à Goa",*** p. 563, Paris, 1615). ***Manga-na-bota,*** diz uma das testemunhas naquele processo, "porque sempre usava botas". Em língua do gentio do Brasil ***manga-na-bota*** valia o meso que "homem guerreiro que perseguia o gentio". Parece-nos que tudo deriva da força do seu bastão, "bengala", acrescida do prestígio de suas botas, não entre índios, mas entre angolanos, que governou energicamente. Curioso é que o seu nome não figura nas histórias da África portuguesa (a menos que seja Baltazar ***Rebelo*** de Aragão, "um dos excelentes capitães do Reino d'Angola",Elias Alexandre da Silva Correa, ***História de Angola,*** I, p. 216, Lisboa, 1937). Estabeleceu-se na Bahia, onde casou em 12 de abril de 1599 com D. Maria de Araújo, batizada na Sé a 21 de agosto de 1579, falecida a 9 de março de 1633 (cf. Macedo Leme, citado). Já em 1608 era senhor de engenho, Rodolfo Garcia, nota à ***Hist. Geral***, de Varnhagen, II, p. 69. Testemunhando em auto de perguntas sobre o governo de Diogo Botelho, "Baltazar de Aragão, morador em um de seus engenhos do Paraguaçu, de idade de quarenta e quatro anos", ***Revista do Instituto Histórico,*** v. 73, I, p. 190; "por via dos aimorés descobriu na sua fazenda de Peroassu uma mata de pau-brasil". Narra Pyrard de Laval que se dava ao luxo de ter banda de música, com seus escravos, e os cabedais lhe subiriam a 300 mil escudos. O mestre das charamelas, um provençal, seu criado.
Aprestava-se em 1610 para regressar a Portugal, em navio próprio.
Fez parte do triunvirato que governou a capitania depois da partida de D. Diogo de Meneses, Fr. Vicente do Salvador, ***História do Brasil,*** p. 464. Outro engano de Fr. Jaboatão, as naus piratas eram francesas, não flamengas. Morreu no mar, caçan-

do-as, no dia de São Mateus, 24 de fevereiro de 1613 (***Anais da B.N.***, doc. 26.085). Tinha 49 anos.
De Pernambuco escreveu o govenador Gaspar de Souza: Baltazar d'Aragão, "que em minha ausência fazia o ofício de capitão-mor da guerra, saíndo em demanda de cinco navios de corsários", aconteceu correr a artilharia estando as portinholas abertas, com o que se afundou o seu barco e se perdeu parte da artilharia dos fortes, ms. ***Arq. Hist. Ultramarino.*** — Na Bahia, em 1618 vivia "Antônio de Aragão, cirstão velho, natural da ilha da Madeira e assistente nesta cidade, tio de Baltazar de Aragão já defunto que foi capitão-mor dela", ***Denunciações da Bahia,*** ms., fls. 57-58.

13. BALTAZAR DE ARAGÃO DE ARAÚJO. Capitão 1631, participou em 1635 do governo da cidade e em 1638 concorreu com 40$ para o empréstimo à infantaria, quando a atacava o inimigo, ***Atas da Câmara,*** I, p. 358. Vereador em 1643, ***Atas***, II, p. 333, casou nesse ano com a sobrinha, Catarina de Barros (filha de sua irmã Francisca e do capitão Paulo de Barros, mulher em segundas núpcias de Domingos Garcia de Melo, veja-se ***tít. de Garcias e Melo).*** Em 1650 Baltazar de Aragão e Araújo e Catarina de Barros de Brito, pelo procurador e cunhado, Diogo de Aragão Pereira, venderam aos jesuítas uma fazenda na freguesia do Socorro, herdada de D. Maria de Araújo, ***Doc. Hist.,*** v. 63, p. 287.

14. PAULO DE BARROS. Em Paripe, a 20 de julho de 1609, foi batizada Maria, filha de Paulo de Barros e de sua mulher, padrinhos, Antônio Dias Cassão e Inês Brandoa, ***Livro de Batizados de Paripe,*** arq. da Cúria.

15. PEDRO GARCIA. "Filho de Manuel Pereira e Joana Garcia" (Macedo Leme ***Geneologia,*** fl. 7) "natural de ilha de São Miguel, cristão novo por parte do pai, senhor de quatro engenhos, casado e morador nesta cidade", "nas suas casas da rua Direita" (***Denunciações da Bahia, 1618,*** fl. 72).
No seu pedido para entrar na Ordem de Cristo disse, porém, o neto, o avô paterno nascera na vila de Marvão e viveu em Ponta Delgada, "conhecido e reputado por cristão velho e nobre" (1679, T.T., ***Habil. da Ordem de Cristo,*** m. 34, n.165). Constituia impedimento para Francisco Gil de Araújo não haver notícia da pátria do avô paterno, T.T., ***Habil.***, citada.
Carta do rei ao governador geral (3 de agosto de 1622, ***Arq. Hist. Ultr.***, cxa. 1, Bahia) autorizou-o a dar o foro de fidalgo e um dos hábitos das ordens militares a Pedro Garcia, para fazer à sua custa o forte novo da lage (do Mar), segundo traçado do engenheiro Francisco de Frias. Começou-o, de fato, e foram os muros desse forte investidos pelos holandeses, ao desembarcarem na Bahia em 1624. Diz Fr. Vicente do Salvador que foi morto no balcão de sua casa, "onde se pôs com seus criados, e chegando o governador a perguntar-lhe como estava (porque andava em aquele tempo doente) lhe respondeu: Senhor, já estou bom, que neste tempo os enfermos saram e tiram forças da fraqueza. — O pelouro lhe deu pelas queixadas, e ainda lhe deu lugar a se confessar e de se reconciliar com alguns seus inimigos, que ali se acharam, um dos quais era Henrique Álvares, a quem também outro pelouro matou pouco depois", ***História do Brasil,*** p. 511.

16. Nas ***Genealogias*** cit., da Torre do Tombo, consta que D. Francisca de Araújo foi irmã de D. Isabel de Aragão, e seu filho José Garcia de Araújo casou com a sobrinha Isabel, filha de Pedro Camelo Pereira e D. Maria de Meneses.



17. PADRE PEDRO GARCIA DE ARAÚJO. Ofereceu em 1649 lugar para a fundação do convento de Santo Antônio do Paraguaçu, em cuja igreja foi sepultado, legando-lhe 50 arrobas de açúcar por ano, herança que, segundo Fr. Jaboatão, ***Novo Orbe Seráfico,*** II, p.542, "há muitos anos se não satisfaz, por voltas e diminuições que tem havido nos bens encapelados". — Sobre as origens do convento, ***ibid.,*** II, p. 536; ultimamente, Fernando L. Fonseca, ***Santo Antônio do Paraguaçu,*** Publ. do Museu do Recôncavo Wanderley Pinho, Bahia, 1973. Em 1972 defendemos, no Concelho Federal de Cultura, com apoio unânime, a restauração da igreja conventual, ameaçada de desaparecer. — Com outros, teve o padre Pedro Garcia de Araújo 4 léguas quadradas no Vaza-barris, ***Publ. do Arquivo Nacional,*** XXVII, p. 64. O morgado que instituiu foi sucessivamente administrado por Manuel Garcia Pimentel, Ana Garcia Pimentel sua filha, Antônio Garcia Pacheco de Almeida (1796). Diz Macedo Leme ***Geneologia,*** fl. 26 v., "foi muito rico; depois de velho se ordenou, e instituiu morgado de toda a sua fazenda que deixou a seu sobrinho Manuel Garcia Pimentel, filho de sua Irmã D. Joana casada com o Donatário da capitania do Espírito Santo Francisco Gil de Araújo".

18. FRANCISCO DE ARAÚJO DE ARAGÃO, 2.º. Nasceu em 1601. "Serviu a S.M. com a sua pessoa e grandes quantias de fazendas para as guerras de Pernambuco", declarou o filho, homônimo, ***Anais da B.N.,*** v. 36,p. 347. Foi promovido a capitão por seus merecimentos (sobretudo na defesa da cidade contra as tropas de Nassau, em 1638) — em 1655, Arq. Públ. da Bahia, ***Registros de Patentes.*** Senhor de vários engenhos, entre eles o Engenho Novo, foi tributado em 60 cabeças de gado para socorrer a Cidade em 1642, ***Atas da Câmara da Bahia,*** II, p. 135.

19. Lê-se na ***Genealogia,*** de Macedo Leme, fl. 7: "...consta do assento dos batizados do filho João de Aragão em 20 de maio de 1653 e da verba do testamento da filha Francisca de Aragão".

20. É o n. 40 (adiante).

21. PE. JOÃO DE ARAGÃO E ARAÚJO. Tutor do sobrinho Manuel de Araújo de Aragão Pereira e testamenteiro do sobrinho Antônio de Araújo de Aragão Pereira, assina a escritura de composição sobre terras no Jacuípe, 22 de março de 1717, ***Livro do Tombo do mosteiro de São Bento,*** IV.

22. BALTAZAR DE ARAGÃO DE ARAÚJO. Construiu em 1690 a ermida de Santo Estevão, Fr. Agostinho de Santa Maria, ***Santuário Mariano,*** IX, p. 221. Já pertencia à Irmandade da Misericórdia da Bahia em 1659, A. J. Damázio, ***Tombamento dos Bens Imóveis*** etc., p. 67, da qual foi provedor. Juiz ordinário em 1656, 1657, ***Atas da Câmara,*** III, p. 309, ministro da Ordem 3.ª de São Francisco em 1660 a 1671.

23. D. FRANCISCA DE ARAGÃO. "A Dona Francisca de Aragão, que lhe mandou glosar esta regra", Gregório de Matos, ***Obras,*** VI, p. 242. Diz na ***Genealogia*** Roque Luis: "este (Jerônimo) faleceu a 9 de novembro de 1711, ela a 22 de maio de 1719".

24. ANTÔNIO GUEDES DE PAIVA. Veja-se ***tít. Sucessão da terceira filha de Catarina Álvares.***

***D. Ana de Araújo*** foi proprietária do ofício de inquiridor do juízo da Ouvidoria do Estado do Brasil (***Doc. Hist.,*** v. 33, p. 47), e por seu falecimento o herdou a filha, D. Antônia de Serpa Sotomaior, "por sentença do Juiz das Justificações", para quem com ela casasse, como reconheceu o Rei, 10 de dezembro de 1680, Arq. Públ. da Bahia, ***Registro de Patentes de 1684 a 1697,*** fl. 65 verso.

25. SEBASTIÃO PAES MACHADO. Filho de Pedro Paes Machado e Catarina dos Reis, Irmão da Santa Casa, 3 de julho de 1667. ***L. de Irmãos,*** 2, p. 113.

26. MANUEL DE ARAÚJO DE ARAGÃO. Requereu em 1678 licença para fundar vila de Santo Antônio em terras dos Maracás. Levantou na Cachoeira em 1675 ermida consagrada à Conceição da Virgem. Querelou com o paulista João Amaro sobre terras que obtivera e entretanto, por direito sucessório, pertenciam ao bandeirante, pois tinham sido concedidas a seu pai, Estevão Ribeiro Baião Parente. O seu cunhado, mestre de campo Jerônimo Sodré Pereira, auxiliou João Amaro, que foi ao Reino pleitear a sua causa e a venceu na Relação da Bahia. Acabou o litígio com a compra por Manuel de Araújo de Aragão da sesmaria discutida. Veja-se Rocha Pita, ***op. cit.,*** p. 391. Foi vereador na cidade em 1682-83 e Provedor da Misericórdia em 1685 e em 1708. Ganhou em 1683 mais cinco léguas em quadra junto dos Maracás, para si e os filhos: 1. Antônio, 2. Gonçalo de Barros Araújo, 3. João d'Araújo, 4. Beatriz d'Araújo, 5. Bernarda, 6. Maria, 7. Filipa de Araújo. Alvará de 6 de março de 1690 deu-lhe 10 léguas em complemento.
Coronel dos distritos de Itaparica, Jaguaripe, Maragogipe, Pirajuía e Cachoeira do Regimento, que fora de Guilherme Barbalho Bezerra, 3 de agosto de 1686, Arq. Públ. da Bahia, ***Patentes de 1678 a 1688,*** fl. 237 verso. — Veja-se carta do Geral dos jesuítas, Pe. Serafim Leite, ***História da Companhia de Jesus no Brasil,*** V, p. 171.

27. ANTÔNIO DE ARAÚJO DE ARAGÃO. Padre. Morador na Saubara, fazenda que legou à Santa Casa em 1650. Tópicos do testamento, Anfrísia Santiago, ***Capelas Antigas,*** Estudos Baianos, n. 1, pp. 2-4. — Outro do mesmo nome:
ANTÔNIO DE ARAÚJO DE ARAGÃO. Bacharel pela Universidade de Coimbra, cônego de meia prebenda na Bahia a 16 de fevereiro de 1754, ms., ***Patronato,*** Torre do Tombo.

28. GONÇALO DE ARAÚJO DE ARAGÃO. Alistou-se na expedição armada na Bahia para restaurar a região africana de Mombaça, sob o comando do filho do governador. A empresa foi cantada por Manuel Botelho de Oliveira, ***soneto XX.*** Veja-se Fr. Agostinho de Santa Maria, ***op. cit.,*** IV, p. 217. Mas não morreu no naufrágio do patacho ***Santa Escolástica.*** Casou com D. Maria Cavalcanti, e faleceu em março de 1745, ***Livro de Óbitos da Cachoeira,*** arq. da Cúria, deixando filhos Gonçalo, José de Araújo e Maria, casada com Gonçalo Moreira.

29. Na ***Genealogia*** de Roque Luis: "mas 5 filhas freiras em Portugal".

30. MANUEL DE ARAÚJO DE ARAGÃO. 3.º. A mulher: D. Maria de Araújo. É o nome que vem no termo de batismo do filho Bernardo (omitido no texto), a 15 de setembro de 1712, padrinhos o capitão João Rodrigues Adorno e sua mulher D. Úrsula de Azevedo, ***L. de Batismos do Iguape de 1708 á 1754,*** fl. 41, arq. da Cúria. Foi na capela do engenho da Ponta, depois do genro, José Gonçalves Fiuza, em Itaparica, célebre, mais tarde, pelos melhoramentos que nele introduziu o sábio Dr. Manuel Ferreira da Câmara, e que rendia em 1759, 1309 paēs de açúcar branco, José Antônio Caldas, ***Notícia*** etc., p. 226. Coronel do Regimento de Jacobina em 1720, pediu o posto de mestre de campo para conquistar o gentio bravo, Anais do ***Arquivo da Bahia,*** v. 47, p. 75. — Corrigimos o asterisco (N. 41 acima). Quem faleceu a 27 de novembro de 1721 foi D. Maria de Aragão (lê-se no manuscrito de Roque Luis).

31. JOÃO ALEXANDRE. Alexandre, filho de Manuel de Araújo de Aragão e D. Maria de Araújo, batizado na capela do engenho da Ponta, 14 de fevereiro de 1715, ***L. de Batismo do Iguape de 1708 a 1754,*** fl. 63 v., arq. da Cúria.

32. JOSÉ GONÇALVES FIUZA. Natural de Viana, no Reino, filho de Luiz Gonçalves Fiuza, morador na Cachoeira, "onde vive de sua fazenda", e Beatriz Pereira de Araújo, dessa vila, filha de Ana Pereira do Lago, e irmã do Familiar do Santo Ofício Gonçalo Marinho de Queiroz (cf. carta de Familiar, 16 de março de 1723, T.T., m. 14, n. 308). Sua 1.ª mulher, D. Jerônima Clara de Almeida, ***L. de Óbitos da Cachoeira,*** 20 de novembro de 1747, arq. da Cúria. Faleceu a 2.ª, D. Florência Inácia (batizada em 1712) em 1774. Sargento-mor da Cachoeira a 18 de novembro de 1746, Arq. Públ. da Bahia, ***Patentes de 1745 a 1750,*** fl. 62 v., construiu a igreja de Nossa Senhora da Conceição, do Monte, e em 1758 se sentiu preterido com a nomeação de José Garcia Cavalcanti para capitão-mor, ***Anais do Arq. Públ. da Bahia,*** XII, p. 22, e morreu em 1784.

33. FRANCISCO DE ARAÚJO DE ARAGÃO (2.º). Alcaide-mor, lugar que vagou, com a morte de Francisco Teles de Meneses, diz a Carta patente do Rei, 1.º de março de 1687, Arq. Públ. da Bahia, ***Registro de Patentes de 1684 a 1697,*** fl. 101, que teve essa mercê pelas "grandes quantias de fazenda com que contribuiu para as guerras de Pernambuco", e por ser "neto de Baltazar de Aragão de Souza que foi capitão-mor da Bahia, e se embarcar em um seu navio de guerra e pelejar com os holandeses que infestam aquela costa com a gente de guerra e toda a mais despesa à custa de sua fazenda na qual ocasião morreu afogado". "Em satisfação de tudo e do donativo de quinhentos cruzados para munições do Estado do Brasil". — Prestou preito e homenagem a 2 de outubro, Inocêncio Munhoz, ***Revista do Instituto Histórico da Bahia,*** n. 26, p. 419. Exerceu a vereança a 8 de julho de 1686. No ano seguinte foi admitido Irmão da Santa Casa, ***L. de Irmãos*** , n. 2, p. 727. Casou, a 28 de agosto de 1688, e morreu a 8 de julho de 1705. Sucedeu-lhe na alcaidaria o filho, Manuel de Araújo de Aragão.

34. MANUEL PEREIRA DE GÓES. Veja-se ***tít. Pereira Coutinho.***

35. ANTÔNIO DE SOUZA DE ANDRADE. É pura lenda, isso de ser filho natural do rei D. Pedro II (João da Silva Campos, ***Tempo Antigo,*** p. 169, Bahia, 1942). — Veja-se ***tít. Souza de Andrade.*** Sobre a sua filiação não podem pairar dúvidas. Nasceu D. Pedro em 1648 e, já em 1644, Antônio de Souza de Andrade se estabelecera com fazenda, no alto Jaguaripe, cf. nossa ***A Conquista,*** p. 83, Rio, 1929, ***Doc. Hist.,*** V, p. 19, ***Publ. do Arquivo Nacional,*** XXVII, p. 14. Foi em 1650 ministro da Ordem 3.ª, Fr. Jaboatão, ***Novo Orbe,*** I, p. 308. "Morador neste Estado há muitos anos", pediu em 1660 quatro léguas em quadra na margem esquerda

do São Francisco, ***Doc. Hist.,*** v. 20, p. 266. Capitão da Ordenança do distrito da Praia, na Cidade, em 1668, ***Doc. Hist.,*** v. 31, p. 393, deixou o posto em 1670, ***Arq. Públ. da Bahia, Patentes de 1676 a 1688,*** fl. 267. Fora vereador em 1656, ***Cartas do Senado,*** I, p. 53. Contador maior da Fazenda de ***Sua Majestade*** (já o era em 1646, quando apadrinhou um batizado na Conceição da Praia), morreu em 1680, herdando-lhe o cargo Manuel Pereira de Góes.

36. PADRE LOURENÇO RIBEIRO. É "o padre Lourenço, homem pardo, vigário de Passé", com quem Gregório de Matos trocou sátiras escabrosas.

37. MANUEL DE ARAÚJO DE ARAGÃO. 2.º. A sua nomeação de alcaide-mor foi a primeira que fez D. João V para o Brasil. Prestou preito e homenagem a 21 de junho de 1707. Carta do rei de 3 de julho de 1720, mandou informar o requerimento em que pediu o posto de mestre de campo para combater os índios, além de ter servido por mais de 20 anos e estar em condições de sustentar parte de sua gente, ***Anais do Arq. Públ. da Bahia,*** v. 32, p. 41. Faleceu solteiro, a 16 de agosto de 1727. Em carta de 8 de agosto comunicou o governador ao Secretário de Estado, Diogo de Mendonça Furtado, viera do seu engenho para intervir no processo de ***residência*** do ouvidor geral da Câmara, Pedro Gonçalves Cordeiro, e pouco depois sucumbira, vítima da varíola, ***op. cit.,*** v. cit., p. 274.

38. FRANCISCO DE ARAÚJO DE ARAGÃO. Do casamento com D. Francisca Pinheiro, também de Maragogipe, nasceram Teresa, batizada em novembro de 1717, ***L. de Batismo do Iguape de 1708 a 1754,*** fl. 94, arq. da Cúria, e Maria de Araújo de Aragão, mulher do desembargador Antônio José de Afonseca Lemos, filho do Dr. Baltazar da Fonseca Lemos e Maria Josefa Lobato, ms. Torre do Tombo, que se empossou na Relação da Bahia em 1734, conselheiro de Ultramar. Estes os pais de Antônio Manuel de Afonseca Lemos, da Bahia, doutor em Leis, "bom estudante", que fez em 1772 a leitura de bacharel. Outra nota: "filho natural do chanceler Antônio José da Fonseca", sendo corregedor de Coimbra, morreu em Beja, "tomando ares", Luiza da Fonseca, ***Anais do 4.º Congresso de História,*** XI, p. 267. — Observe-se que Maria de Araújo de Aragão casou duas vezes: a primeira, a 25 de novembro de 1731, no sítio da Pituba, com o português Antônio Álvares da Silva, da Vila de Viana, ***L. de Casamentos de N. Sra. das Brotas, 1723-1831,*** arq. da Cúria.

39. ANTÔNIO RODRIGUES PINHEIRO. Natural da cidade de Braga, tabelião e escrivão das sesmarias na Bahia, Familiar do Santo Ofício, T.T., ***Fam.,*** m.28, n. 747, irmão da Santa Casa, 21 de março de 1687, ***L. 2, fl. 729,*** casado com Francisca Ferreira, filha de Manuel Gonçalves Saraiva, de Ponte de Lima, e Francisca Ferreira, da freguesia da Sé, na Bahia, citados por Fr. Antônio de Santa Maria, ***Santuário Mariano,*** IX, p. 103, Lisboa, 1722, como fundadores do culto de Nossa Senhora do Porto de Pituba. — Pais do coronel José Rodrigues Pinheiro, Familiar do Santo Ofício a 22 de fevereiro de 1737, casado com D. Isidora Teresa da Franca. — Instituiu D. Francisca Saraiva, mulher de Antônio Rodrigues Pinheiro, capela que em 1796 administravam os filhos, carmelitas, Fr. José da Conceição e Fr. Antônio da Pituba, ***Memórias do convento do Carmo,*** ms., fl. 142. — Avós do capitão Fortunato José Rodrigues Pinheiro, casado com D. Inácia, filha do coronel D. José de Mirales, dona da Armação (de xaréus) do Rio Vermelho, que lhe herdou o afilhado Manuel Inácio da Cunha Meneses, depois Visconde do Rio Vermelho e Senador do Império. Veja-se, de Fortunato José, Processo de Habilitação à Ordem de Cristo, em 1772, ***T.T.,*** m. 24, n. 16.

40. ANTÔNIO MANUEL DE MORAES SARMENTO. De Juiz de Fora de Thomar, passou a ouvidor da Bahia em 1740. Esteve sete anos no cargo.

40.A. ANTÔNIO MANUEL DE MORAES SARMENTO PORTOCARRERO. 11.º Ouvidor e provedor da comarca da Bahia, 5 de dezembro de 1740, Vilhena, ***Cartas,*** II, p. 333, de 1751 a 1748, voltando à metrópole era em 1757 "professo da Ordem de Cristo, com o foro de fidalgo de S.M., alcaide-mor de Vidigueira, da principal nobreza de Vinhais", administrador da capela da Conceição do Engenho Novo de Maragogipe, Notícia em Arq. Públ. da Bahia, ***Arquivo Histórico,*** II, p. 76.

— Observe-se que omite o texto, três filhos de Francisco de Araújo de Aragão (relacionados por Roque Luis de Macedo Leme): o cônego Antônio de Araújo de Aragão e D. Águeda de Araújo, solteira, batizada a 21 de janeiro de 1730 e o padre João de Aragão.

41. FRANCISCO DE ARAÚJO DE ARAGÃO BULCÃO. Jesuíta, Pe. Francisco de Araújo de Aragão Bulcão. Veja-se ***tít. Bulcões.***

42. DIOGO DE ARAGÃO PEREIRA. Filho de Pedro Camelo e Inês Martins, naturais e moradores na Ilha da Madeira (Processo de Familiar do Santo Ofício). Veja-se nossa ***História da Casa da Torre,*** 2.ª ed., pp. 153 — 154. — Lê-se no citado ***Processo de Familiar*** de Sebastião de Brito de Castro (T.T., ***Fam.,*** m. 4, n. 97), que a 6.ª testemunha, capitão Aires Dornelas de Vasconcelos, declarou saber "por ser público que o dito Diogo de Aragão Pereira era natural desta Ilha (da Madeira), donde se ausentou para os estados do Brasil por um crime de homicídio que lhe imputaram", "e que lá serviu os cargos honrosos da República sendo dos principais dela, e que vivia de suas fazendas e engenho". A 5.ª testemunha disse que os pais lhe contaram, "se ausentara haverá setenta anos (estava-se em 1686) por um crime grande de homicídio que nesta cidade (Funchal) cometeu por desafrontar seu pai de uma injúria que se lhe fez".

Vereador na Bahia em 1627, tomou parte da junta que decretou o castigo dos índios resistentes. Criou companhia para explorar pau-brasil, possivelmente o que o sogro descobrira nas matas do Paraguaçu. Ministro da Ordem 3.ª, 1645, 1648, 1653, provedor da Misericórdia, 1679, Fr. Jaboatão, ***Novo Orbe,*** I, parte 2.ª, p. 100, ***Livro de Irmãos da Santa Casa,*** n. 1, instituiu o morgado da Ponta e de suas casas junto à igreja de São Francisco, uma delas marcada ainda hoje com o seu escudo d'armas, onde se presume ter nascido o poeta Gregório de Matos. Jaz ao pé do altar de Santo Antônio naquela igreja, obra de talha feita a suas expensas, ***Livro dos guardiães,*** citado por Fernando L. Pessoa, ***ibid.,*** p. 33. Observe-se que em 1639, quando se tratou de prover a armada do Conde da Torre, cinco foram os indicados para a comissão (todos neste ***Catálogo***), Antônio da Silva Pimentel, Diogo de Aragão Pereira, Diogo Lopes Ulhoa, Mateus Lopes Franco, Francisco Fernandes. Teve foro de fidalgo e para um filho, ou de dote a uma filha, hábito de Santiago ou de Avís com 20$ de tença, pelos serviços que fez em 1638 na defesa da Bahia, 26 de julho de 1641, Manuel Múrias, notas A ***Relação Diária,*** de Pedro Cadena, p. 245.

— Administrava o morgado das casas próximas à igreja dos franciscanos Fr. Benedito de Santo Antônio e Aragão, tio do capitão-mor Pedro Paes Machado de Aragão, adiante, cf. escritura de arrendamento em favor dos terceiros de São Domingos, 1759, ms. ***Arq. Hist. Ultramarino.***

43. ***ANTÔNIO DE ARAGÃO PEREIRA. Irmão da Santa Casa, 22 de dezembro de 1670, L. 2, fl. 255.*** Provedor em 1680, morreu antes de tomar posse.
Eleito vereador em 1674, escusou-se e, não sendo atendido pela Câmara, recorreu à Relação, que o dispensou, ***Atas da Câmara da Bahia,*** V, p. 126. Em testamento, de 19 de julho de 1680, ***Livro do Tombo*** n. 2, deixou à S. Casa 2 mil cruzados, cujos juros se gastariam com os pobres. "Declaro (emenda o testamento) que fazendo meu cabedal e com as obrigações em que me acho não posso deixar à Santa Casa mais que mil cruzados que se porão a juros". Casou duas vezes, T.T., ***Genealogias,*** v. 21, D-31, fls. 51 a 53.

44. PEDRO PAES MACHADO DE ARAGÃO. A desistência de Fr. Benedito, (adiante), em benefício do sobrinho foi julgada em Cachoeira, Juízo das Capelas e Resíduos, em 5 de novembro de 1757, cf. documento citado, do ***Arq. Hist. Ultramarino*** (Lisboa).

45. PEDRO CAMELO DE ARAGÃO. Soldado, desde 1640, ascendeu a todos os postos, ***Doc. Hist.,*** v. 18, p. 344, J. de Mirales, ***op.cit.,*** p. 33. Capitão de infantaria do terço do mestre de campo Nicolau Aranha Pacheco, 1650, Arq. Públ. da Bahia, ***Registro de Patentes*** fl. 101, teve licença a 16 de setembro de 1659 para passar à Corte ("a ver seus requerimentos... como outros negócios de importância"), Arq. Públ. da Bahia, ***Alvarás de 1630 a 1676,*** fl. 197. Foi reformado em 1664, para voltar a Portugal, ***Doc. Hist.,*** v. 21, p. 275. Coronel das Ordenanças em 1675, provedor da Santa Casa em 1676, ocupou "os lugares mais autorizados da Câmara". Do ***L. do Tombo da Santa Casa*** n. 2, fl. 41, consta que lhe pediu emprestados 3.500 cruzados a juros de 6 1/4% ao ano, "conforme costume corrente nesta praça", hipotecando a fazenda de canas de N. S. do Socorro, havida em dote por sua mulher e dada pelo sogro, Francisco Barreto" (26 de maio de 1663). Teve o foro de moço fidalgo de seu pai, alvará de 1645, T.T., ***Genealogias*** cit., e em 1653 o hábito de Avís, pelos serviços prestados no presídio da Bahia, Carvalho Franco, ***Nobiliário Colonial,*** p. 122.

46. MATARIPE. Já moía canas no tempo de Gabriel Soares, que aí conheceu a casa de meles de João Adrião, mercador, ***Tratado Descritivo,*** p. 136. Pertenceu aos Monizes desde o século XVII até 1898. Na sua relação de 1712, diz o viajante La Barbinnais, assistiu a uma festa campestre "no engenho de uma senhora rica, viúva de um governador geral do Brasil, das relações do brigadeiro Massé, e cuja propriedade se chamava Mataripe". O tempo lá "decorria sem tédio". Afonso Taunay, na ***Bahia Colonial, Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro,*** v. 144, p. 381. Sucessão de proprietários do engenho, o que escrevemos na ***Revista do Instituto Histórico,*** v. 297 (1973).

47. ANTÔNIO DE ARAGÃO DE MENESES. Confirmou o que em 1708 escreveu ao Geral dos jesuítas: "a veneração e respeito que toda nossa família dos Aragões



teve sempre à Companhia, como também o amor especial que todos mostramos na ocasião do Seminário, concorrendo todos a uma obra tão pia e do serviço de Deus, com oferecimento de toda a terra que os Reverendos Padres quiseram, sem as mais esmolas, que espontaneamente vamos oferecendo", Pe. Serafim Leite, ***op. cit.,*** V, p. 172. Pediu por intermédio deles licença papal para casar com a sobrinha, o que obteve, casando dois anos depois, como informa o linhagista. A escritura de "fundação e dote" do Seminário foi lavrada a 18 de dezembro de 1711 no engenho da Embiara, "pousadas de José Garcia de Aragão", seu sogro e tio. Consistiu o dote em 20 mil cruzados para sustento dos religiosos, destacando-se dos juros 100$ para dois seminaristas, "cuja apresentação ficava aos dotadores". Por morte de Antônio de Aragão de Meneses parte daquela importância foi convertida em cinco fazendas no sertão dos jesuítas quando se extinguiu a Companhia.
No inventário dos ornamentos da 1ª igreja de Belém, em 1700, ***Anais da B. N.,*** v.32, p.384, diz-se que havia o seu retrato em "painel grande, com suas molduras de azul e ouro", no alto da escada adiante da portaria. Morreu a 23 de maio de 1740 (corrija-se) e foi sepultado naquela igreja, ***L. de Óbitos da Cachoeira,*** arq. da Cúria, onde se conserva a lousa, com escudo d'armas, e inscrição que copiamos. "Sepultura do coronel de cavalaria Antonio de Aragão de Meneses moço fidalgo da Casa de Sua Majestade e de sua mulher D. Maria de Meneses fundadores deste Seminário de Belém". O Pe. Serafim Leite transcreve vários pedidos dele ao Geral em Roma, assim, em 1726, a nomeação do padre José Bernardino para reitor do Seminário, cargo que de fato exerceu, de 1728 a 1733, ***ibid.,*** V, pp. 126-7.

48. No ms. de Roque Luis, aparece o 1.º filho das segundas núpcias de Pedro Camelo: Tomé, batizado a 5 de outubro de 1687.

49. FRANCISCO DE ARAÚJO E ARAGÃO. Vereador na Bahia em 1686, assina o pedido da Câmara ao rei para instituir São Francisco Xavier padroeiro da cidade. Sua mulher, Perpétua da Silva, era filha do sargento-mor Domingos da Silva Moro e Úrsula Bezerra, ***L. de Irmãos da Santa Casa,*** 3, fl. 53 (20 de junho de 1702). Morreu em 1711. "Pela morte que se fez ao coronel Francisco Araújo de Aragão ser cometida com real escândalo dos moradores desta cidade e seu recôncavo, por ser um homem fidalgo das principais famílias desta terra, e nela muito benquisto e me surpreende que a devassa que está tirando o juiz ordinário da vila de São Francisco não é com a exação que o deve fazer", carta do governador D. Lourenço de Almeida, 8 de abril de 1711, ***Doc. Hist.,*** v. 41, p. 315.

50. PEDRO PAES MACHADO DE ARAGÃO. Filho de Pedro Paes Machado (adiante), em 1718 capitão do Regimento de Miguel Calmon de Almeida, ***Doc. Hist.,*** v. 43, p. 266, ***Anais da B.N.,*** Consultas do Conselho Ultramarino, X, p. 417, Irmão da Misericórdia, 10 de abril de 1718, ***Livro de Irmãos*** n. 4, administrador da capela de Santo Antônio de Maragogipe, capitão-mor das Ordenanças dessa vila ("assim por ser das mais nobres e principais famílias deste Estado como por ter servido a S. M. 26 anos nos postos de capitão de uma tropa de cavalos e de coronel de um Regimento de Infantaria da Ordenança do distrito daquela vila, nos quais procedeu com notória honra e louvante satisfação", 24 de abril de 1747, Arq. Públ. da Bahia, ***Registros de Patentes de 1745 a 1750,*** fl. 96), "senhor do único

engenho de açúcar que no mesmo sítio se acha", ***Notícia***, 1757, ***Arq. Públ. da Bahia, Arquivo Histórico,*** II, parte 1ª, p. 77. Foi em 1729 submetido a providências do governo, pois dele se queixou Antônio da Silva Neiva, ***Anais do Arq. Públ. da Bahia,*** v. 39, p.112, cabendo a um desembargador a apuração do caso.

51. DOMINGOS DA SILVA MORRO. Filho de Domingos João da Costa e Bárbara de Ledesma. Baiano. Entrou na irmandade da Santa Casa a 1º de abril de 1692, ***L. de Irmãos*** 2, fl. 881. Capitão da Ordenança do Regimento de Manuel de Barros da Franca, 6 de setembro de 1687, Arq. Públ. da Bahia, ***Patentes de 1678 a 1688,*** fl. 305 v., foi por el-rei confirmado (capitão do distrito do Rio Pitanga), a 27 de fevereiro de 1689, ***Registro de Patentes de 1684 a 1697,*** fl. 272 verso. Tinha 8 anos de serviço, quando foi promovido a sargento-mor, 9 de agosto de 1795, ***Patentes de 1688 a 1696,*** fl. 344. A mulher, D. Úrsula Bezerra, faleceu viúva com 80 anos de idade a 25 de dezembro de 1743, ***L. de Óbitos de S. Sebastião de Passé,*** arq. da Cúria.

52. SEBASTIÃO GAGO DA CÂMARA. Filho de Pedro Gago da Câmara e D. Inês de Andrade, neto de Lopo Gago da Câmara (diz o foro de moço fidalgo de Sebastição Gago da Câmara, 9 de janeiro de 1700, Arq. Públ. da Bahia, ***Registros de Patentes de 1723 a 1784***). No mesmo códice: foro de moço fidalgo de Pedro Gago da Câmara, 16 de dezembro de 1655, de Lopo Gago da Câmara, também do Rio de Janeiro, de Pedro Gago da Câmara pai deste último (18 de fevereiro de 1639) e filho de Gaspar Martins da Câmara, natural da ilha de São Miguel.

Nascido no Rio de Janeiro, passou Sebastião Gago da Câmara à Bahia no tempo do vice-rei marquês de Angeja, tanto que às festas que lhe fizeram em Santo Amaro, e em que figurou, dedicou João de Brito Lima o poema. Em 1755 era vogal da Mesa de Inspeção dos Açúcares, "Fidalgo muito instruido", A. Lamego, ***A Terra Goitacá,*** I, p. 19, Bruxelas, 1913. Não teve filhos do casamento com D. Francisca Sebastiana de Araújo e Aragão. Deixou filho natural, ao morrer em 1765, CARLOS MANOEL GAGO DA CÂMARA. A mãe: D. Eugênia Teles de Meneses. Requerendo carta de legitimação em 1772, diz Carlos Manuel que era solteira. Outras informações a dão como viúva de Francisco Barreto de Vasconcelos. Houve denúncia de que fosse "infamada de cristã nova". Feita diligência, provou-se era "dos Teles de Barbuda da geração limpa e não dos Teles Paredes e Teles Girões, Cristãos novos", ***T.T., Fam.,*** m. 5, n. 61. Foi Familiar do Santo Ofício em 1774; e em 1776 o hábito de Cristo, ***T.T., Habil. da Ordem de Cristo,*** letra C, m. 7-8, de onde extraimos estes dados. Tenente coronel de um dos regimentos de cavalaria, casou duas vezes, em Lisboa com Juliana Josefa Tomasini, na Bahia com D. Rita Felicidade, filha do coronel do 1.º de infantaria Antônio José de Souza Portugal, "o qual tem seus bens e é uma das pessoas mais conhecidas neste país", D. Fernando José de Portugal, 1798, cf. Braz do Amaral, nota às ***Cartas Soteropolitanas,*** de Vilhena, II, p.370. O seu foro de moço fidalgo é de 7 de junho de 1775, Arq. Públ. da Bahia, ***Registros de Patentes de 1723 a 1784,*** fl. 109. Retirou-se, viúvo, para o Reino, em 1797.

— Corrija-se o texto, de acordo com o ms. de Macedo Leme: "D. Úrsula mulher de Félix de Betencourt e Sá filho de outro do mesmo nome e sua mulher D. Catarina de Aragão e Aiala, sogra de Sebastião Gago da Câmara e D. Antônia".



53. Fr. BENEDITO (DE SANTO ANTÔNIO ARAGÃO), 1681-1763. Batizado na capela do engenho da Ponta (Roque Luis). Administrou o morgado de casas junto ao convento de S. Francisco, deixado pelo avô, está dito em página anterior.

54. PEDRO CAMELO (PEREIRA) de ARAGÃO). Batizado na Sé, madrinha a irmã Isabel, 13 de outubro de 1672. Por ***escritura*** de 27 de maio de 1698 (doc. cm. pelo 2.º distrito do PPHAN) contratou com o mestre pedreiro Julião de Souza a construção de "umas casas" com portal de cantaria e janelas de sacada, na rua que vai para São Francisco. Deve ser o sobrado que conserva no "portal de cantaria" o brasão do coronel Diogo de Aragão Pereira. Na escritura diz que o mestre da obra terá "o trabalho de desmanchar" (a casa antiga) "exceto a cantaria que é minha". A pedra d'armas (assim resguardada) é a mesma da lousa de Manuel de Araújo de Aragão na igreja de Belém, na Cachoeira, que nos permitiu identificá-la. Nessa morada (é a tradição) nasceu Gregório de Matos.

Foi assassinado por "um Domingos da Silva" (que não pode ser o primo Domingos da Silva de Aragão). A viúva reclamou do Rei "mandasse dar busca no dito convento (Santa Teresa) e nos mais desta cidade para o dito matador ser preso": matara "tiranicamente seu marido coronel Pedro Camelo de Aragão". Foi atendida pela carta régia de 25 de maio de 1714, ***Anais do Arq. Públ. da Bahia***, v. 31, p. 265, Valentim Calderon, ***Biografia de um Monumento, O Antigo Convento de Santa Tereza da Bahia,*** p. 83 (1970).

55. PEDRO PAES MACHADO. Pedro Paes Machado, o velho, casou com Catarina dos Rios, filha de Francisco Zorrilla, companheiro de Gabriel Soares na expedição de 1590, neta de Diogo Zorrilla, já na Bahia em 1556, alcaide-mor do mar e curador dos índios. Este lugar Catarina dos Rios levou de dote, e teve o marido, alvará de 16 de fevereiro de 1626. Com 55 anos, proprietário e procurador dos índios, figurante entre as testemunhas-denunciantes dos judeus, em 1646, A. Novinsky, ***op. cit.***, p. 178. Naqueles ofícios sucedeu-lhe o filho, Francisco Machado, licenciado, 5 de julho de 1663, ***Doc. Hist.,*** v. 22, p. 349, nossa ***História do Brasil,*** ed. de José Olympio, I, pp. 277-278. Seu irmão, Sebastião Paes Machado, entrou na irmandade da Santa Casa em 1667. O último meirinho do mar foi Domingos Dias Machado, adiante, filho do 2.º Pedro Paes Machado.

56. JOÃO PEREIRA DE VASCONCELOS. De Lisboa, filho de João Pereira Pestana de Vasconcelos, donatário da ilha de São João, e D. Damiana Antônia de Brito, casado com Marta de Souza, viúva do capitão Bento Pereira Pera, veio de juiz de fora de Setúbal para ouvidor em Sergipe, ***Códice*** 1078, Biblioteca Nacional de Lisboa, fl. 195 e seguintes, Ultramar. Entrou na irmandade da Santa Casa da Bahia a 9 de abril de 1724, ***L. de Irmãos, n. 4,*** Foi ouvidor de Sergipe del-Rei, 1712, ***Doc. Hist.,*** v. 42, p.96, teve por alvará de 12 de agosto de 1716, 300 braças de comprido em Pirajá, junto do engenho de Diogo da Rocha, ***Publ. do Arquivo Nacional***, XXVII, p. 136. Faleceu Marta de Souza a 13 de julho de 1743, ***L. de Óbitos da Sé,*** arq. da Cúria. Casou novamente o Dr. João Pereira de Vasconcelos, com Antônia Francisca Corte Real. Morreu a 5 de janeiro de 1746, ***L. de Óbitos da Sé,*** arq. da Cúria.

— Tardiamente (em 1764) foram os seus bens seqüestrados, como abonador do coronel Pedro Barbosa Leal, fiador do arrematante de contrato Barnabé Cardoso Ribeiro, ***Anais da B.N.,*** v. 32, p. 147. Este, dono do famoso ***trapiche***

***Barnabé,*** era de Viana, casado com Isabel Álvares da Costa, filha do João Velho da Torre e Antônia Maria de Almeida (***L. de Irmãos*** da Santa Casa, 21 de julho de 1723).

57. D. VITÓRIA DE ARAÚJO. Casou a 11 de fevereiro de 1729 com Fernando Pereira de Macedo Brandão, da freguesia de São Tiago Maior na Cachoeira, onde foi coronel do Terço de Ordenanças, (Bulcão Sobrinho ***Famílias Baianas,*** III, p. 50). Filho único, Manuel Pereira de Macedo e Aragão, que naquela freguesia casou com D. Isabel Soares do Rosário filha de Sebastião Barbosa de Araújo e D. Filipa Soares de Brito. Morreu a 23 de janeiro de 1838, deixando: Maria, solteira, Fernando, que casou com D. Francisca Xavier, filha de Antônio Gonçalves da Rocha Queiroz e D. Joana Bernardina Marques de Almeida, falecido a 12 de fevereiro de 1818, pai de Manuel Pereira Macedo de Aragão, 1777-1850, casado com a prima D. Catarina Marques da Rocha Queiroz. Inácia, casada com Tomaz Antônio de Azevedo, sem sucessão. Padre José Pereira de Aragão. Vitória Josefa, solteira, Sebastião Barbosa de Araújo, Francisco Pereira Rebelo, Filipa e Ana.

58. FRANCISCO BARRETO DE ARAGÃO. Coronel, cavaleiro da Ordem de Cristo, pediu confirmação da patente que lhe passou o governador conde de Vimieiro, autorizando-o a trocar de Regimento com Domingos da Costa de Almeida, Lisboa, 24 de abril de 1723, ms. ***Arq. Hist. Ultramarino.*** — Vereador em 1699, ***Doc. Hist.,*** v. 87, p. 23. No seu oratório batizou o padre Alexandre de Gusmão, a 30 de maio de 1712, seu filho Antônio, padrinhos o coronel Antônio de Aragão de Meneses e D. Maria de Araújo, ***L. de Batismos do Iguape,*** arq. da Cúria.

59. D. CATARINA FRANCISCA CORREA VASQUEANES. Batizada no oratório dos pais, 25 de março de 1719, ***L. de Batismos do Iguape,*** arq. da Cúria. Veja-se o que dela dissemos a propósito de Francisco Dias d'Ávila 3.º.

## *GARCIAS DE MELO*

N. 35. Domingos Garcia de Melo, * que era filho de Pedro Fernandes de Melo (1) e de sua mulher Isabel Garcia, naturais todos da ilha de São-Miguel, como consta das inquirições de Pedro Garcia de Melo, filho deste Domingos de Melo, para se ordenar de clérigo: casou com D. Maria do Aragão, filha de D. Maria de Araújo, n. 29 fl...., e de seu primeiro marido Baltazar de Aragão, o Bângala. De D. Maria de Aragão e seu marido Domingos Garcia de Melo foram filhos:

1. João de Aragão, sem filhos.
2. Domingos Garcia de Aragão, que se segue.
3. Pedro Garcia de Melo, (2) sacerdote.
4. Francisco Pereira de Araújo, ** que casou com D. Cecília de Araújo de Aragão, filha de Francisco de Araújo de Aragão, que era sua prima legítima, por ser esta Cecília de Araújo filha, como fica dito, de Francisco de Araújo de Aragão, irmão de D. Maria de Araújo, mãe deste Francisco Pereira de Araújo, que casou com esta Cecília de Araújo, sem sucessão.
5. Antônio Batista de Melo, (3) casado com sua sobrinha D. Úrsula de Aragão, * abaixo n. 11, sem filhos e esta por morte do seu primeiro marido Antônio Batista, casou com Antônio de Aragão Pereira, abaixo.
6. Manuel Garcia, que faleceu sem geração, (4) e D. Maria, D. Joana, e D. Mariana, freiras.
7. José Garcia de Aragão de Araújo, adiante.
8. D. Catarina Garcia, ** segunda mulher de Antônio de Aragão Pereira, filho de Diogo de Aragão Pereira, fl... n. 64, sem filhos.

N. 2. Domingos Garcia de Melo Aragão, (5) ou Araújo, filho de Domingos Garcia de Melo e de sua mulher D. Maria de Aragão, *** n. 35, casou com D. Catarina Paes, filha de Pedro Paes Machado, (6) o velho, o qual Domingos Garcia, por morte desta Catarina Paes, **** casou segunda vez com Catarina de Barros, ***** filha de Paulo de Barros, sem geração. Esta era já viúva de Baltazar de Aragão, que era filho de Baltazar de Aragão, o ***Bângala,*** e de sua primeira mulher D. Maria de Araújo. De sua primeira mulher teve este Domingos Garcia de Aragão os filhos seguintes:

9. Pedro Garcia de Melo, (7) que faleceu de bexigas, e deixou um filho de D. Inês de Meneses, filha de Antônio Gomes Vitória, com quem corria demanda para casar.
10. Antônio Paes de Aragão, (8) herdou por morte a seu irmão Pedro Garcia e à sua irmã D. Úrsula, e foi muito rico. Herdou-o seu filho natural Domingos Dias Machado, (9) porque não casou o dito Antônio Paes de Aragão.
11. D. Úrsula de Aragão, que casou duas vezes, a primeira com Antônio Batista, seu tio, n. 5, e segunda vez casou com Antônio de Aragão Pereira, filho de Pedro Camelo e de sua primeira mulher, D. Maria de Meneses, e faleceu esta D. Úrsula a 5 de setembro de 1700, ao cabo de nove meses depois de casada com este Antônio de Aragão Pereira; e ele casou depois a 8 de setembro de 1710, com D. Maria de Meneses, filha de José Garcia de Aragão, adiante.

---

*Notas de R.I.H.G.B.*

* *Faleceu a 10 de novembro de 1673.*
** *Faleceu este Francisco a 28 de dezembro de 1721, e sua mulher Cecília a 2 de dezembro de 1697.*

---

*Notas da R.I.H.G.B.*

* *Casaram a 9 de setembro de 1693.*
** *Faleceu esta a 25 de novembro de 1729, (1723, cf. Macedo Leme), e casaram a 25 de novembro de 1676.*
*** *Casaram a 7 de fevereiro de 1660.*
**** *Faleceu esta a 10 de fevereiro de 1667.*
***** *Casou com esta segunda mulher a 25 de novembro de 1712.*

N. 7. José Garcia de Aragão Melo, * (10) filho sétimo de Domingos Garcia de Melo e de sua mulher D. Maria de Araújo, n. 35; foi casado com D. Isabel de Meneses de Aragão, filho de Pedro Camelo de Aragão Pereira, à fl.... n. 63 e 70, e de sua primeira mulher D. Maria de Meneses. De José Garcia de Aragão e de sua mulher são filhos.

12. Domingos Garcia de Aragão, ** que casou com Catarina de Barros, viúva de seu parente Baltazar de Aragão, o Bângala, e de sua mulher D. Maria de Araújo, à fl... n. 33.

13. D. Maria de Meneses, *** (11) que casou a 8 de setembro de 1710, com Antônio de Aragão Pereira de Meneses, filho de Pedro Camelo de Aragão Pereira e de sua mulher D. Maria de Meneses, à fl.... n. 69.

14. D. Catarina Bernarda de Meneses, **** (12) que casou com Jerônimo Sodré Pereira, filho do mestre de campo Jerônimo Sodré Pereira e de sua mulher D. Francisca de Aragão, à fl.... n. 43.

15. D. Antônia Francisca de Meneses, ***** casada com Bernardino Cavalcanti de Albuquerque, à fl.... n. 9, e aí a sua descendência.

E José, (13) batizado a 22 de julho de 1699, faleceu a 12 de fevereiro de 1722, e Josefa, batizada a 30 de novembro de 1634. (setembro de 1694).

N. 37. Francisco Gil de Araújo, (14) filho segundo de Pedro Garcia Pascoal e de sua mulher Maria de Araújo, ****** à fl.... n. 29 e 37, foi também muito rico, e dotou a suas sobrinhas, filhas de sua irmã D. Joana de Araújo, mulher de Antônio da Silva Pimentel, à fl.... n. 12, para casarem, e ele casou com uma chamada D. Joana Pimentel. Deu para o colégio da Bahia fazer a capela-mor trinta mil cruzados. Comprou a capitania do Espírito-Santo ao almotacé-mor Antônio Luiz Gonçalves da Câmara Coutinho por quarenta mil cruzados, e foi donatário dela. Desta sua mulher D. Joana Pimentel teve filhos:

1. Antônio da Silva Pimentel, que faleceu moço, José e Ana.
2. Manuel Garcia Pimentel, que se segue.

N. 2. Manuel Garcia Pimentel, (15) filho segundo de Francisco Gil de Araújo e de sua mulher D. Joana Pimentel, herdou a casa de seu pai por falecer seu irmão Antônio da Silva Pimentel de poucos anos. Foi donatário da capitania do Espírito-Santo e senhor do morgado, que lhe deixou seu tio o

---

*Notas da R.I.H.G.B.*

* *Faleceu a 10 de novembro de 1720.*

** *Faleceu a 26 de julho de 1773. Erro: este viveu solteiro até a idade de 80 anos e depois casou a seu gosto. Nota á margem — Retifique-se. Pelo registro do óbito, Iguape, Arq. da Cúria, se vê que era casado com Rosa Maria de Aragão. Herdeiros: os netos, filhos de Maria Antônia,* **bastarda.**

*** *Batizada a 21 de dezembro de 1691.*

**** *Batizada a 27 de setembro de 1693. Casada a 14 de fevereiro de 1710.*

***** *Batizada a 19 de setembro de 1697. (Casada a 24 de maio de 1721, cf. Roque Luis).*

****** *Casaram a 2 de dezembro de 1657.*



padre Pedro Garcia de Araújo, senhor que foi do engenho velho de Paraguassu. Casou com D. Mícia de Moura Rolim, * sua prima co-irmã por ser filha de Manuel de Moura Rolim e de sua mulher D. Ana Pimentel, irmã de D. Joana Pimentel, mãe do mesmo Manuel Garcia Pimentel e mulher de Francisco Gil de Araújo, pai deste Manuel Garcia Pimentel. Foi senhor das vilas que chamam Velha, e a do Espírito Santo, governador e capitão-mor da dita capitania; cavaleiro da Ordem de Cristo e sucessor da comenda que foi de seu pai. Não teve filhos de sua legítima mulher D. Mícia de Moura, mas de uma índia natural da terra teve uma filha bastarda, que foi perfilhada, por nome:

Ana Garcia Pimentel, ** a qual casou com o Dr. Antônio Pacheco de Almeida, que foi ouvidor em Angola, a quem se deram cem mil cruzados de dote. Por morte deste casou a dita D. Ana Garcia Pimentel com seu primo Manuel de Moura Rolim filho de Filipe de Moura Rolim, sem filhos, mas do primeiro marido Antônio Pacheco de Almeida teve um filho, que é:

Francisco Gil Garcia de Araújo, adiante.

Francisco Gil Garcia de Araújo, (16) filho legítimo de D. Ana Garcia Pimentel e de seu marido Antônio Pacheco de Almeida, casou duas vezes: uma com D. Florinda de Freitas Souza Eça, filha legítima do tenente coronel Miguel de Freitas Ferreira (17) e de sua mulher D. Antônia Maria de Souza Eça, naturais da ilha de Itaparica, casaram *** e tiveram filhos, e foi esta a sua segunda mulher; e faleceu este Francisco Gil a 14 de maio de 1770 na cadeia da Bahia, e foi sepultado em S. Francisco. Teve desta sua segunda mulher os filhos seguintes:

Antônio Garcia Pacheco de Almeida, (18) Manuel Garcia Pimentel, Francisco Gil Garcia de Araújo, D. Iria Francisca Garcia, (19) D. Joaquina e D. Maria Garcia.

Foi casado a primeira vez Francisco Gil, acima, com D. Ana, (20) filha de Francisco de Araújo de Aragão, filho natural do alcaide-mor da Bahia Francisco de Araújo de Aragão, à fl.... n. 40, o qual Francisco de Aragão, casado este com D. Francisca Pinheiro, filha do pai da sobredita D. Ana, primeira mulher deste Francisco Gil, foi capitão da fortaleza de Paraguassu; e teve Francisco Gil desta sua primeira mulher D. Ana os filhos seguintes:

D. Francisca Garcia, D. Inácia de Araújo (21) e D. Josefa Garcia.

---

*Notas da R.I.H.G.B.*

* ***Faleceu esta a 9 de janeiro de 1705, na freguesia de N. S. da Conceição em Sergipe do Conde, sepultada na capela-mor do colégio desta cidade da Bahia.***

** ***Faleceu esta a 14 de abril de 1717, sepultada no Carmo, sendo já falecido seu marido Antônio Pacheco a 9 de dezembro de 1712.***

*** ***Casaram a 4 de outubro de 1749, na capela de N. S. da Pena do Engenho, por procuração que apresentou Manuel Luiz de Freitas, irmão da nubente.***

1. PEDRO FERNANDES DE MELO. Da ilha de São Miguel. A mulher, ***Ana*** Garcia, espanhola. Comerciou no Rio de Janeiro (1612), andou por Holanda e Lisboa (1621), José Gonçalves Salvador, ***Os Cristãos Novos — Povoamento e Conquista do Solo Brasileiro***, p. 168, São Paulo, 1976. Seria um deles. O pai, DOMINGOS GARCIA DE MELO, diziam ser parente do rico Pedro Garcia, morreu a mãe, Maria de Araújo (ou Aragão) a 16 de novembro de 1677, Macedo Leme, ***Genealogia***, fl. 25 v..

2. PEDRO GARCIA DE MELO. Filho de Domingos Garcia de Melo, matriculou-se em 1652, no curso de Leis da Universidade de Coimbra, do qual passou, em 1654, para o de Cânones. Bacharelou-se em 1659. ***Relação dos estudantes do Brasil formados em Coimbra,*** em ***Brasília,*** IV, p. 24.

3. ANTÔNIO BATISTA DE MELO e irmãos, José Garcia de Araújo e Francisco Pereira, filhos de Domingos Garcia de Melo, obtiveram do Conselho Ultramarino provisão, 10 de julho de 1681, para que não se construisse engenho junto ao deles, no Iguape. Devia observar-se meia légua de distância. Ms. ***Arq. Hist. Ultr.***, n. 3009 do índice dos docs. da Bahia, organizado por Luiza da Fonseca; Arq. Hist. Ultr. consulta da Bahia, ***papéis avulsos***, cxa. 13.

4. MANUEL GARCIA DE MELO. "Da morte que se deu no Iguape a Manuel Garcia de Melo por ser entre pessoas poderosas", tirou devassa, pelo desembargador Manuel da Costa Palma, o escrivão João Antunes Moreira, que o alegou, em 1693, como relevante servico, ***Documentos Históricos***, v. 31, p. 18. Aconteceu o crime em 1675 (havia 13 ou 14 anos) quando as partes desistiram de acusar Tomé Pereira Falcão, "que não tinha culpa alguma na referida morte que fora feita por matador certo", e foi delcarado inocente em provisão régia que se conheceu na Bahia a 28 de julho de 1689 (Arq. Públ. da Bahia, ***Provisões Reais***, pacote n. 496). Veja-se ***tít. Falcões***. A Provisão refere-se a Domingos Garcia, D. Catarina Garcia sua irmã...

5. DOMINGOS GARCIA DE ARAGÃO. Vereador em 1663, ***Atas da Câmara,*** IV, p. 156,v.V, p. 264, com engenho no Iguape produzindo 5.145 pães de acúcar, Caldas, ***Notícia*** etc., p. 226, provedor da fazenda no governo de D. João de Lencastre, ***Doc. Hist.***, v. 83, p. 121, tinha, com Antônio de Aragão, casas ao pé dos armazéns da Ribeira. Herdeiros deles, D. Félix de Sá e Antônio Batista protestaram, ém 1698, contra a medida adotada pelo provedor da fazenda Francisco Lamberto para evitar o descaminho de mercadorias, que era um muro, separando os armazéns, ***Doc. Hist.***, v. 84, p. 195. Arrematou em 1691 por 90 mil cruzados o contrato dos dízimos: "um dos principais e abonados sujeitos desta terra", ***Doc. Hist.***, v. 33, p. 361. Teve ordem, em 1692, de fazer casa que recolhesse os forcados das galés, em chãos que lhe pertenciam, na Ribeira, ***Doc. Hist.***, v. 83, p. 198. Irmão da Santa Casa desde 1670, foi seu provedor em 1680.

6. PEDRO PAES MACHADO. Capitão de cavalos, juiz ordinário em Maragogipe, 1727, ***Anais do Arq. Públ. da Bahia***, v. 32, p. 273. Sua mulher, Antônia de Araújo, como ficou dito.

7. PEDRO GARCIA DE MELO. Por deixacão de Manuel de Araújo de Aragão, foi a 20 de agosto de 1697, Arq. Públ. da Bahia, ***Patentes de 1696 a 1703,*** fl. 51 v.,



nomeado Coronel dos distritos de Capanema, Maragogipe, Cachoeira, Campo Grande, Itapororocas e Iguape. Morreu em 1698. Substituiu-o Cristóvão Cavalcanti de Albuquerque, ***Anais da B.N.***, v. 37, doc. 26.158. — Era "uma das principais pessoas desta Cidade".

8. ANTÔNIO PAES DE ARAGÃO. Morreu com testamento, a 11 de agosto de 1707, ms., ***Livro 3 do Tombo da Misericórdia,*** fl. 42.

9. DOMINGOS DIAS MACHADO. Erra o linhagista, dando Domingos Dias Machado, herdeiro de Antônio Paes de Aragão, como seu filho. Era tio.
Lê-se no testamento (1707): "tudo o que restar de meus bens deixo ao dito meu tio DOMINGOS DIAS MACHADO, a quem instituo por meu herdeiro com declaracão que não poderá se alheiar os bens que assim ficarem líquidos depois de pagas as minhas dívidas e legados, por quanto neles instituo morgado com vínculo de se me mandar dizer todos os anos enquanto o mundo durar, uma capela de missas e assim disponho que neste morgado sucederá em primeiro lugar o dito meu tio e o logrará com todos os seus rendimentos enquanto for vivo, e por sua morte sucederá no dito morgado meu primo, filho do meu tio PEDRO PAES MACHADO, e ele irá passando a seus filhos e descendentes por linha masculina, precedendo sempre o filho varão mais velho. Extinta a linha masculina, entraria a feminina; por falta desta, herdariam os parentes mais chegados de sua mãe Catarina Paes, e afinal os descendentes do coronel Cristóvão Cavalcanti de Albuquerque, e, não havendo varão em linha direta, a Santa Casa, para dote das órfãs". ***Domingos Dias Machado*** era irmão de Catarina Paes. Herdou do pai o ofício de meirinho do mar e procurador dos índios forros, a 22 de fevereiro de 1669, ***Doc. Hist.,*** v. 24, p. 181. Pediu licença em 1680 para renunciar em favor de Manuel Correa de Lima, que há quatro anos o exercia. Consulta do Conselho Ultramarino, ms. Arq. Hist. Ultramarino. Capitão de infantaria, 20 de março de 1673, ***Anais da B.N.,*** v. 34, p. 360, "rico e poderoso, morava nobremente". Alvará de 26 de março de 1704 alude ao "sítio que está adiante das portas de S. Bento defronte das casas do capitão Domingos Dias Machado", ***Anais do Arq. Públ. da Bahia,*** I, p. 31.
A crueldade com os escravos motivou carta régia, 25 de janeiro de 1695, ***Anais do Arq. Públ. da Bahia,*** I, p. 116. A 28 de abril seguinte teve permissão para se ausentar quatro meses, a fim de ver suas fazendas de Sergipe del-Rei e do São Francisco, ***Doc. Hist.,*** v. VIII, p. 154. Serviu de vereador em 1699, ***Doc. Hist.,*** v. 87, p. 23. "Vago por morte de Domingos Dias Machado que o servia de quem não ficaram filhos", passou em 1714 ao doutor João Calmon o ofício de procurador dos índios, ***Doc. Hist.,*** v. 61, p. 179.

10. JOSÉ GARCIA DE ARAGÃO MELO. Arrendou a Santa Casa o sítio da Tapera Antiga, em que morou Andresa Dias (neta de Caramuru), fronteiro ao engenho do capitão Cristóvão Cavalcanti de Albuquerque, pagando 6$ cada ano, (***Livro 2.º do Tombo***, ms. da Santa Casa da Bahia). Isso em 2 de julho de 1681.

11. MARIA DE MENESES E ARAGÃO. Viúva do coronel Antônio de Aragão, morreu, sem filhos, aos 89 anos, a 6 de agosto de 1777, testamenteiro, Antônio Moniz de Souza Barreto. Sepultada no convento de Santo Antônio do Paraguaçu, ***L. de Óbitos do Iguape, 1774-1794,*** arq. da Cúria.

12. CATARINA BERNARDA DE MENESES. Casou (14 de fevereiro de 1719) em casa do pai, em altar portátil, Macedo Leme, ***op. cit.,*** fl. 26.

13. JOSÉ GARCIA DE ARAGÃO. Na nave da igreja de Belém da Cachoeira, a inscrição: "Jaz sepultado o seminarista José Garcia de Aragão, filho de José Garcia de Aragão e de D. Isabel de Araújo de Meneses benfeitores insignes deste Seminário. Faleceu em fevereiro de 1722" (apontamento que ali tomamos em 6 de março de 1937).

14. FRANCISCO GIL DE ARAÚJO. Nasceu em 1614 (declarou-se de 65 anos, pedindo em 1676 a habilitação à Ordem de Cristo, processo abaixo citado). Sentou praça de soldado em 1635. A 18 de julho de 1638, no mais aceso da luta, defendendo a Bahia contra os holandeses, a trincheira de Santo Antônio Além do Carmo, teve queimados rosto e mãos, mas se conservou no posto, diz a patente de 26 de agosto, que o elevou a capitão. Irmão da Santa Casa, encarregou-se, em 1649, de fazer de novo a Enfermaria Velha, ***L. 1.º de acórdãos,*** arq. da mesma S. Casa. Juiz da Câmara e já coronel, em 1660 tratou de regularizar o pagamento da tropa (louvou-o, em carta ao rei, o governador Francisco Barreto). O padre Simão de Vasconcelos dedicou-lhe a ***Vida do Venerável Padre José de Anchieta, 1672.*** Devoto da Companhia de Jesus, contribuiu com fortes somas para as obras de sua igreja (hoje, a Catedral). Guarda-se no Museu de Arte Sacra a pedra, comemorativa do início da construção, em que está o seu nome. Combina com a importância da sepultura na capela-mor, com epitáfio latino, descoberta e destampada em 1862, ***Correio Mercantil,*** Rio, 21 de dezembro de 1862. Comprou a Antônio Luis da Câmara Coutinho, por 40 mil cruzados, em 1674, a capitania do Espírito Santo (carta régia de 18 de março de 1675) e incumbiu-se, em 1676, da jornada às supostas serras das esmeraldas (carta de Matias da Cunha ao governador do Rio de Janeiro, 27 de julho). Carta do Príncipe a José Gonçalves de Oliveira, capitão-mor do Espírito Santo, 12 de novembro de 1676: "a Francisco Gil de Araújo tenho feito mercê de juro e herdade da capitania do Espírito Santo que estais exercitando como vos constará da carta de Doação que dela lhe mandei passar, encomendo-vos que ao receberdes esta lhe entregueis logo o governo da dita capitania, de que vos farão os autos necessários e costumados", ms. códice 283, ***Arq. Hist. Ultramarino.*** — Na ausência do donatário, exerceu a Câmara de Vitória as funções de capitão-mor, Arq. Públ. da Bahia, ***Registros de Patentes de 1657 a 1678,*** fl. 279, 10 de junho de 1676.
Habilitou-se Francisco Gil de Araújo em 1678 à Ordem de Cristo, pedindo se atendesse a "ser fidalgo da Casa de S.A., donatário e governador da capitania do Espírito Santo". Foi dispensado das dúvidas sobre o avô paterno, 22 de fevereiro de 1679, ***T.T., Habil. da Ordem de Cristo,*** m. 34, n. 165. Morreu a 24 de dezembro de 1685. Deixou o cargo de capitão-mor do Espírito Santo a Manuel de Moraes, confirmado pelo governador da Bahia, 25 de fevereiro de 1686, Arq. Públ. da Bahia, ***Registro das Patentes de 1678 a 1688,*** fl. 228.

15. MANUEL GARCIA PIMENTEL. O registro de Irmão da Santa Casa da Bahia corrige o nome da esposa: Mécia de Moura ***da Silva,*** termo de 22 de junho de 1708, data em que o governador lhe negou o direito de conceder patentes militares, ***Doc.Hist.,*** v. 41, p. 221. A donataria do Espírito Santo foi-lhe ajudicada por carta-régia de 5 de dezembro de 1687. Não chegou a domiciliar-se na sua capitania.
Morreu sem filhos, Borges da Fonseca, ***Nobiliarquia Pernambucana,*** I, p. 450. Herdou-lhe a capitania Cosme de Moura Rolim (seu conhado), que dela tomou posse em 1711. Passou à coroa por morte do donatário, pelo mesmo preco por que a comprara Francisco Gil de Araújo, a 6 de abril de 1718, Vilhena, ***Cartas,*** II, p. 583.
— Manuel Garcia de Moura, coronel, respondia em 1721 pela dívida do donatário Manuel Garcia Pimentel, sucessor de Francisco Gil de Araújo, à capela do padre Pedro Garcia de Araújo. Era senhor do engenho de Subaé, "devedor principal desta dívida" José Martins do Vale, que se achava "notoriamente inexígivel de bens" ***Doc.Hist.,*** v. 69, p. 175. Indica o padre Serafim Leite, ***op.cit.,*** X, p. 185, requerimento sobre a sesmaria de Peroacu (dada a 12 de junho de 1561 a Francisco Toscano), na causa de D. Joana Pimentel e seu filho Manuel Garcia Pimentel contra o capitão-mor Manuel Botelho de Oliveira, traslado de 1709, ms. na Torre do Tombo.

16. FRANCISCO GIL GARCIA DE ARAÚJO. Foi batizado na matriz de Nossa Senhora da Vitória, janeiro de 1709, ***Livro de Batizados,*** 1630-1713, arq. da Cúria. Preso, por delitos cometidos, vingou-se do meirinho Pedro de Oliveira (carta do ouvidor geral, 7 de novembro de 1736), deixando-o gravemente ferido, quando se encontraram à porta da igreja de Santo Antônio do Paraguaçu. Dispunha de dinheiro, influência e súcia. Surpreendido na cidade, na rua da Palma, refugiou-se no convento ali perto, donde saiu ajudado do prior e dos frades. O Conselho Ultramarino, por decisão de 31 de maio de 1737 (***Consultas,*** códice de cópias, no Instituto Histórico) mandou efetivar a prisão. Mudou-se porém para Cachoeira, tão favorecido, que só em 1766 a justica o alcancou. Condenado, reza a ementa, a dez anos de degredo em Angola, ***Anais da B. N.,*** v. 32, doc. 7.547. "O conde de Azambuja por um crime que havia cometido há mais de 30 anos o mandou buscar preso para a cadeia da Bahia, donde acabou os seus dias, talvez antes que aparecessem os cabelos que este Governador tinha no coração punindo-o de um crime não só prescrito mas que se tinha esquecido, e se devia tolerar a um miserável velho. Admiro o governo que se diz fizera este General em Cuiabá...". Macedo Leme, ***Genealogia,*** fl. 27. Acrescenta, que morreu envenenado na cadeia, em 1770. A carta do rei ao vice-rei sobre os crimes de Francisco Gil Garcia de Araújo denunciados pelo ouvidor geral da Bahia, ordenando que o prendesse dado à autoridade competente as escoltas necessárias, é de 17 de agosto de 1737, ***Anais do Arq. Públ. da Bahia,*** v. 47, m. 74.

17. MIGUEL DE FREITAS FERREIRA. Casado com D. Antônia de Sousa e Eca, da mesma freguesia, em 1723, foi seu filho o padre Miguel Luis de Freitas e Eca, vigário da terra natal, que morreu a 28 de julho de 1760, ***Anais da B. N.,*** v. 31, p. 468. No ***Livro de Batismo*** de Santo Amaro de Itaparica (ms. arq. da Cúria) achamos o termo referente a Cristóvão (7 de março de 1734) e Antônia (2 de novembro de 1740), outros filhos do tenente coronel Miguel de Freitas Ferreira. — D. Antônia Maria era filha do coronel Manoel Pinto e Eça e D. Lourença da Rocha Fienes, cf. ***Livro de Casamentos de Santo Amaro do Catu, 1686 — 1745, arq. da cúria.*** Tinha ela 24 anos quando casou, Livro de Batismos da mesma freguesia, fl. 12 v. (1699).

18. ANTÔNIO GARCIA PACHECO DE ALMEIDA. Filho de Antônio Pacheco de Almeida e D. Ana Garcia Pimentel (retifica Bulcão, ***Famílias Baianas,*** II, p. 63), casou com D. Maria Francisca de Araújo de Aragão, viúva de José Pires de Carvalho e Albuquerque (24 de novembro de 1780). Filho: José Garcia Pacheco de Moura Pimentel de Aragão (1785-1835), "primeira autoridade a promover a Aclamacão de Vossa Majestade Imperial" na Cachoeira, em 25 de junho de 1822 (requerimento, ms. no Arquivo do Exército), onde era coronel do Regimento de Cavalaria da Segunda Linha desde 1818. Engajara-se no Regimento, tenente cronel, em 1811. Comandante militar da Vila durante a guerra da Independência, não se conformou com a reforma que lhe deram em 1826. Era Fidalgo da Casa Imperial, comendador da Ordem de Cristo e cavaleiro da Ordem do Cruzeiro. Casou (28 de outubro de 1801) com D. Francisca Rosa Joaquina de Moraes Sarmento, filha do capitão-mor Francisco Manuel da Silva Barreto de Moraes Sarmento e D. Leonor Pereira Marinho Falcão. Com descendência.

19. ÍRIA FRANCISCA GARCIA. Nascida a 20 de outubro de 1750, ***L. de Batismo do Iguape,*** arq. da Cúria.

20. D. ANA ARAÚJO ARAGÃO. Filha de Francisco Araujo Aragão e D. Francisca Pinheira, faleceu a 12 de marco de 1736 e foi sepultada no convento de São Francisco, ***Livro de Óbitos da Sé,*** arq. da Cúria.

21. INÁCIA GARCIA DE ARAÚJO. Faleceu a 13 de marco de 1798 e foi sepultada no convento de Santo Antônio do Paraguacu, ***L. de Óbitos do Iguape,*** 1772-1803, arq. da Cúria.

## *SILVAS PIMENTÉIS ETC., NA BAHIA*

Bernardo Pimentel de Almeida, * (1) foi um fidalgo muito honrado, que passou à Bahia no ano de 1584, governando Portugal Filipe II de Castela, e I cá no reino, e com o temor, de que o dito rei o molestasse por ter sido seu pai da casa do senhor D. Antônio, e seus avós da casa do senhor infante D. Luiz, e del-rei D. Manuel. Governava neste tempo a Bahia Luiz de Brito de Almeida, 4.º governador deste Estado, o qual era muito parente do dito Bernardo Pimentel de Almeida; casou com D. Custódia de Faria, ** (2) filha de Sebastião de Faria (3) e de sua mulher Brites Antunes. De Bernardo Pimentel, e desta sua primeira mulher foram filhos:

---

*Notas da R.I.H.G.B.*

* *Faleceu a 26 de janeiro de 1611, tempo de interdito, sepultado no Carmo, só pelos religiosos.*

** *Em 3 de fevereiro de 1597, faleceu D. Custódia, primeira mulher de Bernardo Pimentel de Almeida, di assim o livro dos óbitos da Sé.*



1. Agostinho, que faleceu solteiro. Agostinho faleceu a 25 de julho de 1619 e sepultou-se no Carmo.

2. D. Brites, mulher de Manuel Rodrigues Sanches, (4) e depois de João Paes Floriano, à fl....

3. D. Antônia, segunda mulher de Francisco de Melo Correa, sem filhos.

4. D. Madalena, (5) mulher de Manuel Homem, (6) sem filhos.

D. Maria e D. Catarina, batizada D. Maria na Sé, a 14 de junho de 1592, não casaram.

Segunda vez casou Bernardo Pimentel de Almeida com D. Joana de Melo * irmã de D. Clara de Melo, mulher de Bento de Araújo, (7) e filha de Baltazar Ferreira Peixoto e de sua mulher D. Catarina de Melo, filha de Fróilo de Vasconcelos e de sua mulher D. Íria de Melo, filha de Diogo de Melo da Cunha; e desta segunda mulher teve filhos:

5. Antônio da Silva Pimentel, que se segue, e D. Maria, que faleceu solteira.

Terceira vez casou Bernardo Pimentel de Almeida com D. Maria de Melo, ** filha de Duarte Moniz Barreto, à fl. ..., e de sua mulher D. Helena de Melo, que era filha de Antônio de Oliveira Carvalhal, o primeiro alcaide-mor, que teve a Bahia, à fl. ..., e de sua mulher D. Luzia de Melo de Vasconcelos, *** filha do sobredito Fróilo de Vasconcelos e de sua mulher D. Íria de Melo, e teve deste desposório os filhos seguintes:

6. Bernardo Pimentel, faleceu solteiro, batizado a 18 de junho de 1608.

E D. Isabel de Oliveira, que faleceu sem estado, batizada a 18 de março de 1607 em Matoim.

Deste Bernardo Pimentel diz o assento dos batizados da Sé, que foi sua filha Maria batizada a 14 de junho de 1592, filha deste e de sua mulher, sem dizer o nome.

D. Helena da Silva, segunda mulher de Mateus Pereira de Meneses, filho de Gaspar Pereira, o velho, (8) e de sua segunda mulher D. Ângela de Mendonça, a qual D. Helena da Silva, (9) depois de viúva de Mateus Pereira, casou com o Dr. Cristóvão de Barros de Burgos de Contreiras, do qual não teve filhos.

N. 5. Antônio da Silva Pimentel, **** (10) filho primeiro da segunda mulher de Bernardo Pimentel de Almeida, D. Joana de Melo de Vasconcelos,

---

*Notas da R.I.H.G.B.*

* *Faleceu esta a 5 de setembro de 1605, sepultada no convento do Carmo.*

** *Casaram-se em Paripe a 3 de abril de 1606.*

*** *Irmã esta D. Luzia de Melo de D. Catarina de Melo, mulher de Baltazar Ferreira Peixoto.*

**** *Faleceu a 21 de novembro de 1661. Sepultado no adro da Igreja do Colegio. Foi alcaide-mor da Bahia 16 anos, 1 mês e 17 dias, por falecimento de seu proprietário.*

casou com D. Joana de Araújo, à fl.... n. 38, filha de Pedro Garcia, o velho, mercador muito rico, e de sua mulher D. Maria de Araújo, filha de Francisco de Araújo, o velho, e de sua mulher Maria Dias, filha de Vicente Dias e de sua mulher Genebra Ávares, à fl.... n. 3 e seguinte, e destes acima, Antônio da Silva Pimentel e sua mulher, foram filhos:

7. Pedro Garcia Pimentel, que se segue.

8. Agostinho Caldeira Pimentel, (11) cônego na Sé de Évora, * que trouxe demanda com D. Rodrigo da Costa, irmão de D. Duarte da Costa, 2.º governador da Bahia, sobre um morgado e lho tirou. Foi seu filho bastardo Bartolomeu de Barros, Clérigo.

9. Antônio da Silva Pimentel, (12) adiante.

10. D. Maria, (13) mulher de Filipe de Moura Rolim, fl.... n. 5.

11. D. Ana, mulher de Manuel de Moura Rolim, à fl.... n. 3.

12. D. Joana, que casou com seu tio Francisco Gil, donatário do Espírito Santo à fl.... n. 37.

13. D. Mariana, mulher de Antônio de Aragão, seu primo, à fl.... n. 64.

D. Bernarda e D. Brites, que faleceram solteiras.

Pedro da Silva Pimentel, que o mataram, sem filhos.

N. 7. Pedro Garcia Pimentel, ** (14) filho primeiro de Antônio da Silva Pimentel (15) e de sua mulher D. Joana de Araújo, chamado por alcunha o Capa-arrasto, casou com D. Leonor de Brito, *** à fl.... n. 6, filha de Sebastião de Brito de Castro e de sua mulher D. Maria de Aragão, filha de Diogo de Aragão Pereira, cavaleiro da Ordem de Cristo, e esta D. Maria era sua prima co-irmã. Não tiveram filhos. Teve o foro de fidalgo, com 1$500 reis de moradia por mês de fidalgo escudeiro e um alqueire de cevada por dia, e era o foro, que por seu pai lhe pertencia. Passado este alvará a 9 de novembro de 1652.

N. 9. Antônio da Silva Pimentel, (16) primeiro filho de Antônio da Silva Pimentel, n. 7, e de sua mulher D. Joana de Araújo, casou com D. Isabel Maria Guedes de Brito, filha bastarda do mestre de campo Antônio Guedes de Brito (17) e de sua mulher D. Serafina de Souza, à fl.... n. 15. Desta sua mulher D. Isabel Maria Guedes teve Antônio da Silva Pimentel filha.

14. D. Joana da Silva Caldeira Pimentel Guedes de Brito, (18) que casou duas vezes, a primeira com D. João Mascarenhas (19) filho do conde de Cuculim; a segunda com Manuel Saldanha da Gama (20) filho de João

---

*Notas da R.I.H.G.B.*

* *Teve este cônego Agostinho de uma D. Catarina Mathei, além do clérigo Bartolomeu de Barros, outro filho por nome Antônio da Silva Caldeira Pimentel, formado nas universidades de Evora e Coimbra, capitão da Índia, e governador da praça de Valença, de Alcántara, possuidor dos morgados das casas dos Silvas, Almeidas, Pimentel e Britos.*

** *Batizado na Sé a 29 de junho de 1647.*

*** *Casaram-se a 21 de dezembro de 1695.*



Saldanha da Gama, vice-rei, que foi, da Índia, e de nenhum teve sucessão. Este seu marido Manuel Saldanha se retirou para o reino na frota do ano de 1766; sendo já falecida esta D. Joana, sua mulher, em domingo por noite de 24 de outubro de 1762, sepultada no Colégio.

N. 32. Maria Dias, outra filha de Maria Dias e seu marido Francisco de Araújo, à fl.... n. 3, casou com Melchior de Aragão de Souza, (21) da ilha da Madeira, e deste teve filhos:

1. Baltazar de Aragão de Souza, (22) casado com Maria da Rocha Peixoto.

2. Belchior de Aragão de Souza, adiante.

3. Antônia de Aragão, mulher de Luiz Pereira de Aragão.

4. D. Isabel de Aragão, mulher de Francisco Barreto de Meneses, à fl....

N. 1. Baltazar de Aragão de Souza, filho primeiro de Maria Dias e de seu marido Melchior de Aragão de Souza, casou com Leonor da Rocha Peixoto, filha de Melchior Velho e de sua mulher Maria Correa Peixoto, * não teve filhos.

N. 2. Belchior de Aragão de Souza, filho de Melchior de Aragão de Souza e de sua mulher Maria Dias, casou com Maria da Rocha Peixoto, filha de Belchior Velho (23) e de sua mulher Maria Correa Peixoto, e teve filhos.

5. D. Maria de Aragão de Souza, que se segue.

6. Gaspar de Aragão de Souza.

D. Maria de Aragão de Souza, filha de Belchior de Aragão de Souza e de sua mulher Maria da Rocha Peixoto, ** casou com Paulo Barbosa de Meireles, natural da freguesia de S. Miguel de Matos, termo do bispado do Porto, filho legítimo do alferes Amador da Cruz e de D. Maria de Mafera Possante, e teve filhos.

Antônia de Aragão, filha de Belchior de Aragão de Souza e de sua mulher Maria Dias, *** casou contra vontade de seus pais com seu primo em 2.º grau Luiz Pereira de Aragão, (24) natural da ilha da Madeira, filho de Luiz Gomes da Gama e de sua mulher Maria de Aragão, irmã esta de Melchior de Aragão de Souza e foram dispensados pelo santo padre Urbano VIII; e teve filhos.

Isabel de Aragão, casada com João Ribeiro. (25)

D. Maria de Aragão, mulher do capitão Nicolau Carvalho Pinheiro, à fl.... n. 1.

Melchior de Aragão Pereira, clérigo secular, faleceu a 10 de outubro de 1674, sepultado em S. Francisco.

---

*Notas da R.I.H.G.B.*

* *Casaram na freguesia da Sé, igreja da Ajuda, a 20 de agosto de 1642, e faleceu ele a 5 de setembro de 1683, sepultado na capela do Desterro de Iguape.*

** *Casaram na capela do Desterro de Iguape a 7 de julho de 1670.*

*** *Casaram na freguesia do Socorro a 10 de fevereiro de 1641.*

N. D. Isabel de Aragão, acima, casou com João Ribeiro de Araújo, filho de João Ribeiro Travassos e de sua mulher Isabel de Araújo, e teve filhos:

Antônio de Aragão. (26)

---

1. BERNARDO PIMENTEL DE ALMEIDA. Sobrinho do governador geral Luiz de Brito e Almeida, filho de Agostinho Caldeira, vedor do Prior do Crato, e D. Beatriz Botelho, já falecidos em 1591, ***Denunciações da Bahia,*** p. 468, "haverá 15 anos" estava no Brasil (disse naquele ano) o que desmente o linhagista, quando assevera que veio depois de estabelecido o domínio espanhol em Portugal. Em setembro de 1575, data de sua viagem para o Brasil, teve cargo de capitão do mar da frota que o tio governador armou para ir à Paraíba, Varnhagen, ***Hist. Geral,*** I, pp. 461-462. Casou três vezes. A 1.ª mulher era a irmã de Sebastião de Faria, Custódia, ***Denunciações, cit.,*** p. 375.
   O pai de Frei Vicente do Salvador trabalhava nas terras de Nossa Senhora da Piedade, herdadas por Bernardo Pimentel do sogro, Sebastião de Faria, e conhecidas de Gabriel Soares, ***Tratado Descritivo,*** p. 135. Em 1599 a armada holandesa que ameacou a Bahia pôs fogo ao engenho de Bernardo Pimentel de Almeida, inclusive a igreja, "da qual tiraram o sino do campanário; mas soou e logo foram castigados...", Fr. Vicente, ***Hist.do Brasil,*** p. 375.

2. D. CUSTÓDIA DE FARIA, irmã de Sebastião de Faria, foi casada no Reino com Fernão d'Alvares Pereira e trouxe de Lisboa o filho, João Álvares Pereira, nascido em 1561 e morador na ilha de Maré em 1591 ***(Denunciações da Bahia***, depoimento de João Álvares Pereira, p. 256). Denunciando à Inquisição, declarou-se natural de Lisboa, filha de Sebastião Álvares e Inês Álvares de Faria, com 50 anos de idade. Casara em segundas núpcias com Pero d'Aguiar d'Altero (***Denunciações,*** pp. 250 e 477), irmão de Cristóvão d'Aguiar Daltro, fundador da família na Bahia.

3. SEBASTIÃO DE FARIA. É o fundador do engenho Freguesia (Wanderley Pinho, ***História de um Engenho de Açúcar***, p. 33, Rio 1947, e aí a síntese biográfica, tanto dele como do pai, Sebastião Álvares p. 26), Cavaleiro da Casa Real, escrivão da fazenda, companheiro de Mem de Sá na conquista do Rio de Janeiro aos franceses. Recebeu de D. Duarte da Costa a sesmaria, uma légua defronte da ilha de Maré, onde o filho construiu o engenho, sede da ***freguesia***.
   Filho de Sebastião Álvares e Inês Álvares de Faria, como ao Santo Ofício declarou sua irmã Custódia de Faria (***Denunciações***, p. 77), foi um dos poderosos personagens do Brasil quinhentista. Alojou nas suas casas, banqueteou oito meses D. Diogo de Flores Valdés e demais oficiais castelhanos, Fr. Vicente do Salvador, ***História do Brasil***, 3.ª ed., p. 272. Realmente, de julho de 1583 a março de 1584 esteve Valdés na Bahia, Amancio Landin Carrasco, ***Vida y Viajes de Pedro Sarmiento de Gamboa***, p. 144, Burgos, 1945. Guerreiro ousado, foi capitão-mor da frota de cinco barcas que defendeu o recôncavo atacado pelos ingleses em 1587, Fr. Vicente do Salvador, ***op. cit.***, p. 332. Chefiou a retaguarda da expedição com que Cristóvão de Barros conquistou Sergipe, Fr. Vicente, ***ibid.***, p. 334. Do seu engenho diz Gabriel Soares: "saindo pela boca de Matoim fora, virando sobre a mão direita, vai a terra fabricada com fazendas e canaviais dali a meia légua, onde está outro engenho de Sebastião de Faria, de duas moendas que lavram com bois, o qual tem grandes edifícios, assim do engenho como das casas de purgar, de



vivenda e outras oficinas, e tem uma formosa igreja de Nossa Senhora da Piedade, que é freguesia deste limite a qual mostra tanto aparato da vista do mar, que parece uma vila", ***Tratado Descritivo***, p. 135. Reconstruida no século XVIII, a casa-grande, cuja história fez Wanderley Pinho, desde 1969 (governo de Luiz Viana) é museu, que tem, com justiça, o nome do historiador eminente.
   Além dos indicados por Fr. Jaboatão, deixou Sebastião de Faria outros filhos. Um deles, Manuel de Faria, estudou no Colégio dos jesuítas, ***Denunciações de 1591***, p. 494.
   Erroneamente, avança o ***Nobiliário de Torres*** que sua mulher "saiu afogueada" por judaizante. Foi a sogra (que aliás escapou à fogueira) Ana Rodrigues. Veja-se, de Beatriz Antunes, ***Confissões do Santo Ofício,*** 1591, pp. 132-134.

4. MANUEL RODRIGUES SANCHES. "... De nação, que dizem ser natural de Porto Alegre, no reino, mercador, e ora é senhor de engenho, casado e morador nesta cidade", era em 1618 denunciado como judaizante, ***Denunciações da Bahia, 1618***, fl. 124. Também figura como natural de Olivença e escrivão da chancelaria da Bahia. Possuiu os engenhos ***Matoim*** e o que se chamou ***Freguesia***, saqueados em 1624 pelos holandeses, Fr. Vicente do Salvador, ***op. cit.***, p. 543, quando Manuel Rodrigues Sanches tinha 45 anos de idade e "32 que está nesta capitania", portanto desde 1592. De seu filho, Bento Sanches, "meio de nação", tratam as ***Denunciações*** citadas. Foi dos cristãos novos acusados em 1625 de terem colaborado com os holandeses, que ocuparam a Bahia, José Gonçalves Salvador, ***Os Cristãos Novos, Conquista e Povoamento do Solo Brasileiro***, p. 334.

5. MADALENA PIMENTEL. Henrique Moniz Teles comprou as casas de Madalena Pimentel, objeto de negociação, em 1607, com os jesuítas, ***Doc. Hist.***, v. 63, p. 367.

6. MANUEL HOMEM. Filho de Gonçalo de Almeida, cursou de 1647 a 1649 a Universidade de Coimbra, ***Brasília***, IV, p. 21.

7. BENTO DE ARAÚJO. Comandou um dos barcos da frota organizada por Baltazar de Aragão — em 1613 — para combater os corsários franceses ("e as outras a Gonçalo Bezerra e Bento de Araújo, que eram capitães de el-rei e comiam seu soldo nesta cidade", Fr. Vicente do Salvador, ***ibid.***, p. 483.

8. GASPAR PEREIRA. Veja-se ***tít. Alomba.*** Foram batizados em Paripe, ***Livro de Batizados de Paripe,*** ms. arq. da Cúria, a 11 de janeiro de 1612, Maria, e em 1613 Cosme, filhos de Gaspar Pereira e sua mulher D. Ângela.

9. Veja-se ***tít. Burgos***. Helena da Silva Pimentel, chama-lhe o autor; e o primeiro marido, Mateus Pereira ***de Meneses***. Veja-se ***tít. Pereiras de Paripe***. Era filho de Bernardo ***Pimentel de Almeida*** (corrige-se Fr. Jaboatão).

10. ANTÔNIO DA SILVA PIMENTEL. Alcaide-mor da cidade da Bahia 16 anos (15 de julho de 1636 a 10 de dezembro de 1652), credenciado por "vários empréstimos para pagamento dos soldados e presídios das fortalezas indo pessoalmente as ocasiões de pelejas que se ofereceram com grande dispêndio de sua fazenda" (T.T., ***Processo de Habil. à Ordem de Cristo*** do filho, abaixo) — participou em

julho de 1639 da comissão que cuidou do abastamento da armada do conde da Torre. A sua contribuição foi de 80$, a maior da cidade, ***Atas da Câmara da Bahia, 1638, 1641***. Ouvidor geral em 1645, benfeitor da Santa Casa, provedor em 1653, A. J. Damázio, ***Tombamento*** etc., p. 21, a ele e à tia Lourença de Melo se refere o Pe. Simão de Vasconcelos, ***Vida do Venerável Pe. José de Anchieta,*** I, p. 361, Lisboa, 1676. Morreu em 1661. Em 1666 a Santa Casa retificou aforamento de terras na Saubara feito à viúva D. Joana de Araújo. L. I ***dos Acórdãos,*** 1645-1674.

Observe-se que a família de Antônio da Silva Pimentel entre o primeiro e o terceiro século constitue uma dinastia de magnatas, só rivalizados pela Casa da Torre: Pedro Garcia o velho, o genro Antônio da Silva Pimentel, Joana da Silva Caldeira Pimentel Guedes de Brito, o conde da Ponte, a cujas mãos portuguesas foram parar os bens de raiz do 1.º Francisco de Araújo, de Pedro Garcia, de Antônio Guedes e do mestre de campo Antônio Guedes de Brito.

11. AGOSTINHO PIMENTEL. Cursou cânones em Coimbra, 1657-58. Na relação de estudantes, ***Brasília***, IV, p. 26, vem errado o nome do pai.

12. ANTÔNIO DA SILVA PIMENTEL. Primogênito, afirma o próprio Fr. Jaboatão. Adiante.

13. D. MARIA PIMENTEL. 2.ª mulher do capitão Filipe de Moura, ***tít. Rolins e Mouras em Pernambuco.***

14. PEDRO GARCIA PIMENTEL. Fidalgo da Casa Real, Irmão da Santa Casa, 27 de outubro de 1669, L. 2, fl. 169, seu provedor em 1699, casou a 19 de maio de 1681 (***L. de Irmãos,*** 2, fl. 508). Fez em 1671 engenho em Sergipe do Conde, que Tomé Pereira Falcão e Belchior Brandão pretenderam destruir, alegando que as roças deviam ficar uma légua de cada engenho, "pelo prejuízo de lhes faltar lenha", carta do Príncipe, 3 de dezembro de 1678, ***Doc. Hist.,*** v. 67, pp. 350 e 354. Provisão de 11 de dezembro de 1679 mandou que não se consentisse que numa légua ao redor do engenho de Pedro Garcia Pimentel se fabricasse outro, nem se fizessem roças, ***Doc. Hist.,*** v. 27, p. 260. O governador Antônio de Souza de Meneses o fez "administrador geral perpétuo das aldeias de índios sem administrador", ***Doc. Hist.,*** v. 60, p. 230. A 1.º de abril de 1683 coronel do Regimento das freguesias de Saubara, Patativa, Sergipe do Conde, Nossa Senhora da Boa Morte e do Perpétuo Socorro, Arq. Públ. da Bahia, ***Patentes de 1678 a 1683,*** fl. 193, era em 1697 contratador das agaurdentes da terra que se navegavam para Angola. ***Doc. Hist.,*** v. 83, p. 255, e em 1703, "maior de 50 anos", habilitou-se à Ordem de Cristo, T.T., letra P , m. 11, n. 118, mostrando em 1668 ajudara a reedificar trincheiras e fortificações da Bahia, ante a iminência de ataque holandês, em 1669 colaborara para a guerra ao gentio bravo, repetira o serviço em 1671. Havia impedimento, quanto à naturalidade dos avós paternos. Foram dispensados e ingressou naquela Ordem.

15. ANTÔNIO DA SILVA PIMENTEL. São dois do mesmo nome, tio e sobrinho, o 1.º Irmão da Santa Casa em 1688, provedor em 1698, L. 2, fl. 755, filho de Pedro Pimentel Garcia Caldeira e D. Joana de Melo, cristãos velhos, Fidalgo da Casa Real, coronel em substituição do velho Baltazar dos Reis Barrenho, Arq. Públ. da



Bahia, ***Patentes de 1678 a 1683,*** fl.263. O 2.º aparece entre os companheiros do filho do governador D. João de Lencastro, que partiram da Bahia para recuperar Mombaça. Naufragou o patacho à saída da barra, morrendo muitos, Mirales, ***op. cit.,*** p. 159. Em 1701 foi ao Jequiriçá, onde se dizia haver ouro, ***Anais do Arq. Públ. da Bahia,*** IV, p. 161. Mais ganhou da herança paterna, e de sua mulher, filha do mestre de campo Antônio Guedes de Brito. Para morar segundo a lei de nobreza, mandou erguer o palácio chamado, pelo genro, Paço do Saldanha, em terreno comprado em 1699, ***Anais do Arq. Públ. da Bahia,*** XI, p. 143, o mais considerável do Brasil colonial. Destruiu-lhe o interior, recentemente, um incêndio, que não comprometeu o admirável pórtico talhado no estilo da frontaria dos Terceiros de São Francisco, obra do mestre Gabriel Ribeiro (sobre o artista, Marieta Alves, ***História, Arte e Religião da Bahia,*** pp. 103 — 105, Bahia, 1974).

16. Esse filho de Antônio da Silva Pimentel e D. Joana de Araújo, tinha em 1684 23 anos, quando conseguiu suprimento de idade, Arq. Públ. da Bahia, ***Provisões Reais, de 1681 a 1684,*** fl. 58.

17. ANTÔNIO GUEDES DE BRITO. 1627-1697. Aluno dos jesuítas, a 18 de fevereiro de 1642 teve o primeiro posto, capitão da companhia de Estudantes, criada pelo governador Antônio Teles, Braz do Amaral, notas a Accioli, ***Memórias Históricas*** II, p. 26. Filho do bravo capitão Antônio de Brito Correa (neto de Antônio Gomes, adiante), nasceu em 1627. Contava em 1666 23 anos de serviço, duas vezes capitão de infantaria no Terço de Nicolau Aranha Pacheco, "fazendo grandes dispêndios em gado, farinhas e comboios para o sustento da guerra". Isso, e mais a fé de ofício do pai, desde 1624, lhe deu o direito de ser sagento-mor, em 1667, ***Doc. Hist.,*** v. 17, p. 400: o conde de Óbidos o fez "sucessor de seu filho, D. Martinho Mascarenhas", "sem nunca ter sentado praça", reclamou (e espanta-nos isso) Bernardo Vieira Ravasco (veja-se ***tít. Ravascos***). — Substituiu, como mestre de campo, Luis Freire de Souza, a 31 de janeiro de 1671. Arq. Públ. da Bahia, ***Patentes de 1657 a 1678*** (aí se diz, "assentou praça de soldado na companhia do Mestre de Campo Álvaro de Azevedo em que atualmente continua"). Cita-se nessa carta-patente que, por ocasião "do sítio que Segismundo general das armadas da Companhia Ocidental em Pernambuco pôs a esta cidade no ano de 647 em que era sargento-mor", exercitou "os soldados do seu Terço com esquadrões em cuja arte é perito, e oferecendo logo de sua fazenda 600 cabeças de gado para o sustento da infantaria, continuando em todos os anos da guerra que houve neste Estado sempre nesta Praça pronto com sua pessoa e fazendo tudo o que se lhe ordene do serviço de Sua Alteza despendendo por ter grande cabedal muita parte dele em donativos, fintas e empréstimos para o socorro de Pernambuco, sustento da infantaria desta Praça, crenas e fornecimentos das armadas, mantimentos das tropas que pelos seus currais passavam a fazer hostilidade à campanha das capitanias do norte quando os holandeses as ocupavam e ultimamente nas várias entradas que se têm mandado fazer ao sertão à conquista dos gentios bárbaros que descem a matar e roubar os moradores do recôncavo e vilas vizinhas; foi sempre o que com mais vantagem assistiu para aquelas despesas com dinheiro, carnes, farinhas, carros, cavalos, escravos e criados para comboio de tudo o que era necessário sem paga alguma da Fazenda Real nem da do Povo, mostrando em tudo grande zelo com que sempre serviu a Sua Alteza, imitando a seu pai Antônio de Brito Correa que por espaço de 40 anos me constou haver

também servido a Sua Alteza nesta Praça..." (segue-se a lista dos serviços). — Com João Peixoto Viegas, mandou fazer os descobrimentos no sertão autorizados, em 1656, pelo governador geral. Possuia (declarou ao desembargador que em 1676 apurou a legitimidade das semsarias) por via hereditária os currais no rio Real, terras do Itapicuru, Itapicuru-mirim (sucessão da avó, Filipa de Brito), Itiúba, Tocós, até Jacobina e o São Francisco, ***Revista do Instituto Histórico da Bahia,*** v. 42, e Afonso Costa, ***Anais do Arq. Públ. da Bahia,*** v. 32, pp. 324-5; ou, como diz Antonil, ***Cultura e Opulência do Brasil,*** tradução e comentário de Andrée Mansuy, Institut dos Hautes Études de l'Amérique Latine, p. 477, Paris, 1968: "desde o morro dos Chapéus até a nascença do rio das Velhas", 160 léguas. — Contendia com a casa da Torre, ***Doc. Hist.,*** VII, pp. 380-1. — Morava junto da igreja da Ajuda, na casa grande em que se hospedariam as freiras vindas para fundar o convento do Desterro, se não preferissem esperar a bordo que se preparasse o alojamento perto da ermida, onde se improvisou a clausura, Fr. Jaboatão, ***Novo Orbe Seráfico,*** II, 3.ª parte, p. 646. — Provedor da Santa Casa (1666), Juiz Ordinário mais velho (1675), integrou o triunvirato que governou a Bahia por morte de Afonso Furtado. Continuava vereador em 1680. Renunciou em 1681 o ofício de tabelião do público, judicial e notas. Alegou em 1678 ter muitas terras na mata de São João, 12 léguas distante, em que se produziam ricos tabacos e mantimentos. Nelas fizera engenho e plantara canaviais, com muitos colonos, motivo por que pretendia erigir vila à sua custa. Objetou o Conselho Ultramarino, reunisse primeiro cinquenta moradores e levantasse casa da câmara e cadeia, consultas ms., ***Arq. Hist. Ultramarino.*** Fez parte do triunvirato que governou, entre a morte de Matias da Cunha e a posse de Antônio Luis da Câmara Coutinho. Rivalizou com o 2.º Francisco Dias d'Ávila. "Sendo o sertão do Brasil tão dilatado como temos referido, quase todo pertence a duas das principais famílias da mesma cidade, que são a da Torre e a do defunto mestre de campo Antônio Guedes de Brito", afirma Antonil.

Na capela de Santana da igreja do Colégio (Catedral) está a lousa armoriada do "governador que fora desta Praça", Antônio Guedes de Brito, e de sua filha Isabel Maria, falecida em 1733. Guarde-se-lhe o nome. O seu procurador. Manuel Nunes Viana. Revista do Arq. Públ. Mineiro, II, p. 393, tirou da procuração o privilégio de administrar a passagem do São Francisco para as Minas, e, em consequência, o comando dos ***emboadas*** (apelido que aos portugueses deram os paulistas, e que a nosso juízo corresponde ao tupi, ***mboi-ava,*** homem cobra, ao contrário do que até agora se escreveu). O governador das Minas conde de Assumar opôs-se vitoriosamente à autoridade, como procurador de D. Isabel Maria, que Nunes Viana, na barra do rio das Velhas e obrigou-o, a 18 de outubro de 1718, a assinar o termo de desistência de seus abusos, Simeão Ribeiro Pires, ***Raízes de Minas,*** p. 125, Montes Claros, 1979. Verdade, o Rei mandou se conservasse a posse que tinha ela de suas sesmarias, em 1720 nomeou procurador, em substituição de Nunes Viana, João Velho Barreto, ***ibid.,*** p. 136, mas o fim do imenso domínio da viúva do coronel Antônio da Silva Pimentel está na carta de D. João V, de 5 de maio de 1724, por intermédio do Conselho Ultamarinho, em resposta à sua alegação de que "todas as terras das vertentes do rio das Velhas foram descobertas, povoadas e conquistadas ao gentio à custa da fazenda do dito seu pai, na boa fé de lhe pertencerem e se continuarem na sua sucessão e descendência", e determinou fossem ouvidas as pessoas mais práticas e inteligentes do país neste particular e interponham seu parecer com as notícias que tiverem, ***Revista do Arq. Públ. Mineiro,*** ano XXX (1979), p. 147.

— Era Antônio Guedes de Brito casado com D. Guiomar Ximenes de Aragão, viúva de Rui Dias de Meneses, filho de Damião Dias de Meneses, de quem não teve filhos. A sua herdeira foi a filha natural, Isabel Maria, casada com Antônio da Silva Pimentel e mãe de D. Joana da Silva Caldeira Pimentel, de cujos casamentos nobres falaremos. Descobrimos no ***L. de Batismos de Itaporocas,*** 25 de setembro de 1692, arq. da Cúria, o registro do batizado de Bento, filho de Margarida Índia e de Antônio Guedes de Brito. Três anos depois falecia o grão-senhor, antes de tomar posse pela segunda vez de provedor da Santa Casa da Bahia. E D. Guiomar, a 8 de julho de 1707, Macedo Leme, ***Genealogia,*** fl. 15 verso.

18. D. JOANA DA SILVA CALDEIRA PIMENTEL. Pelo 2.º casamento (1734) transmitiu aos Saldanhas a casa do avô. O 1.º marido foi o irrequieto D. João de Mascarenhas (veja-se Joaquim Veríssimo Serrão, ***Uma Relação do Reino de Portugal em 1684,*** p. 94, Coimbra, 1960). Conta o Bispo do Pará, "terrível desafogo teve a condessa de Coculim! Foi o caso. Quis um seu filho casar com a herdeira da casa da Torre (?) da Bahia. Dois fidalgos seqüestravam-lha e ele, para os afastar, disse que a dita herdeira era judia, e entregou a medalha e venera do Santo Ofício. Casou, e querendo-a reaver, escreveu à mãe. Foi a condessa ao cardeal da Cunha expor-lhe a rapazia e a dependência. O Cardeal não assentiu, e vendo-se apertado, disse que o Santo Ofício não era guardanapo de limpar nomes. Respondeu a condessa de Coculim: é rodilha de limpar bacios". Camilo Castelo Branco, Memórias do Bispo do Pará, pp. 154-155. Morreu D. Joana a 24 de outubro de 1762 e jaz na mesma capela do Colégio, Macedo Leme, ***ibid.,*** fl. 15 verso.

19. D. JOÃO DE MASCARENHAS. "Formado na Universidade de Coimbra", ***Doc. Hist.,*** v. 69, p. 206, queixou-se ao vice-rei (1721) de que deviam à sua Casa muitas pessoas da Bahia. "E aquele seu capital próprio se acha no poder dos ditos credores e o suplicante com o trabalho de os ter servido graciosamente com o risco de sua vida em vir de Portugal para este clima tão desigual a sua natureza e costume habitual que ela estava, e ainda mal contentes se queixam e falam do suplicante ou por desafeição ou por inveja, ou por qualidade malígna do país". Respondeu-lhe o vice-rei Vasco César de Meneses: "em nenhuma das partes donde governei teve pessoa alguma ousadia para me falar em matéria que prejudicasse a terceiro". E mandou: "autor ou réo use dos meios que o direito lhe permite", ***Doc. Hist.,*** v. 69, p. 182. D. João de Mascarenhas não se adaptou a estes trópicos, nem à família mameluca da mulher. Desaveio-se com a sogra, D. Isabel Maria, a ponto de o Rei fazer proceder a respeito, ***Anais do Arq. Públ. da Bahia,*** XXXIII, p. 155. Outra devassa foi sobre a sua disputa com os frades de São Bento. Desgostoso e doente, o jeito seria retirá-lo do Brasil. Carta do Rei em 9 de fevereiro de 1725 diz que o regresso de D. João evitaria "as constantes desavenças e de desassossego na capitania", ***Anais*** cit., XXXII, p. 192. Por sua morte, ficou a rica D. Joana à disposição para novo casamento nobre.

20. MANUEL DE SALDANHA DA GAMA. Filho do vice-rei que foi da Índia (1725-32), neto materno do governador Luiz César de Meneses, Pe. Antônio Caetano da Costa, ***Corografia Portuguesa,*** II, p. 100, Sanches de Baena, ***Famílias Titulares de Portugal,*** Condes da Ponte, esteve na Bahia, casado com D.

Joana, de 1734 até 1766 (alegou, testemunhando em Lisboa acerca de Domingos Alves Branco, candidato a cavaleiro da Ordem de Cristo, T.T., ***Habil. da Ordem de Cristo,*** D, m. 8). Era Moço Fidalgo da Casa de S. Majestade e professo na Ordem de Cristo. Uniu ao nome os apelidos da mulher, Guedes de Brito, segundo o compromisso dotal. Viúvo, casou no Reino com D. Francisca Joana Josefa da Câmara, viúva de Luiz José Correa de Sá, em 1795 a Câmara de Jacobina queixou-se da cobrança de rendas por seus procuradores. ***Anais da B.N.,*** v. 37, p. 29. Dissolveram-lhe a herança territorial (o patrimônio da Casa da Ponte) os netos, filhos do 6.º Conde. — Filhos (do 2.º casamento), 1, condessa de Souzel; 2, 6.º conde da Ponte, D. João de Saldanha da Gama Melo Torres Guedes de Brito, 1773-1809, governador da Bahia, que morreu no posto, deixando de seu casamento com D. Maria Constança de Saldanha Oliveira e Daun, filha dos condes do Rio Maior, nove filhos. Veja-se-lhe testamento, ***Anais do Arq. Públ. da Bahia,*** v. 28, pp. 45-9, em que se reporta ao morgado de Antônio de Brito Correa e Maria Guedes (adiante). São estes: 1. Viscondessa de Santarém, pelo casamento com o ilustre português, defensor sábio das prioridades marítimas de sua gente. 2. D. Luiz, marquês de Taubaté, 1801-1837, ministro itinerante do príncipe D. Pedro na jornada de São Paulo, em 1822. 3. D. Antônio, nascido na Bahia, 1806, ajudante de ordens de D. Pedro I. 4. D. José, 1808 - 1875, a quem a Abdicação, em 1831, fustrou a carreira diplomática, casado em Campos com a filha do opulento Sebastião Gomes Barroso, D. Maria Carolina, pai da condessa de Aljezur, de João de Saldanha da Gama, diretor da Biblioteca Nacional, de Maria Constança, mulher de Manuel de Souza, de José de Saldanha da Gama, professor da Escola Politécnica, naturalista e matemático, do almirante Luiz Filipe Saldanha da Gama, cujo nome corre os mares com o navio-escola, expoente das melhores tradições da marinha brasileira, Leonor, mulher do barão de Ramiz, Benjamin Franklin de Ramiz Galvão; Sebastião e Manuel, médicos. Vide Pedro Lafaiete, ***Saldanha da Gama,*** I, p. 28, Rio, 1959, — Godofredo Tinoco, ***A Vida Amorosa de Saldanha da Gama, p. 68,*** Campos, 1956. — Pagando as dívidas do herdeiro, o palácio da rua do Saldanha passou em 1770 à propriedde da Santa Casa da Misericórdia, Marieta Alves, ***Anais do Congresso Comemorativo da transferência da Capital***, IV, p. 217.

21. BELCHIOR DE ARAGÃO E SOUZA. "Morador nesta capitania que disse ser de 57 anos pouco mais ou menos", declarou depondo na devassa sobre o governo de D. Luiz de Souza, em 1624, ***L. 1.º do Governo Geral,*** ed. do Itamarati, p. 399. Senhor do engenho Mataripe (o primeiro dos Aragões), herdou-o a filha D. Isabel mulher de Francisco Moniz Barreto, veja-se ***tít. Ulhoa.***

22. BALTAZAR DE SOUZA. Arrendou em 1614 terras deixadas por Mécia Rodrigues, ***L. 1 arq. da Santa Casa,*** fls. 12-16.

23. BELCHIOR VELHO. Um dos conquistadores de Sergipe com Cristóvão de Barros, diz a carta de doacão de uma légua de terra em Itabaiana, 5 de outubro de 1603. "Filipe da Costa e ***Melchior Velho*** moradores na Bahia, que eles têm bem servido a sua majestade assim na guerra que se deu ao gentio nesta capitania"; pessoas "de muita posse".



24. LUIZ PEREIRA DE ARAGÃO. Foi das pessoas ouvidas em 1652 pela Câmara, sobre a arrecadacão necessária ao sustento da infantaria, ***Atas,*** III, p. 215.

25. JOÃO RIBEIRO. Condestável da praca da Bahia, 9 de maio de 1665, ***Doc. Hist.,*** v. 22, p. 79.

26. ANTÔNIO DE ARAGÃO. A 5 de abril de 1766 faleceu em Santo Amaro D. Isabel de Vasconcelos viúva do coronel Antônio de Aragão, com 80 anos de idade. ***L. de Óbitos,*** arq. da Cúria.

## *BRITOS FREIRES COM CARAMURUS NA BAHIA*

N. 31. Estevão de Brito Freire, * (1) filho de Gaspar de Brito Freire e de sua mulher D. Brites Gondim de Brito, que era filha de Heitor Gondim de Brito e de sua mulher D. Isabel Soares, filha de Francisco Soares; e por via paterna, ou de seu pai Gaspar de Brito Freire, era este Estevão de Brito Freire neto de outro Gaspar de Brito, que foi trinchante do infante D. Afonso, e foi casado com D. Branca Freire, filha de Luiz Dantas, alcaide-mor do Landroal. Na Bahia casou Estevão de Brito Freire com D. Violante de Araújo, ** que era filha legítima de Francisco de Araújo e de D. Maria Dias, como fica à p.... n. 31, e era esta bisneta de Catarina Álvares e Diogo Álvares, Caramurus. P.... n. 2. Na sua fazenda de Santo-Estevão instituiu um morgado com o título de Santo-Estevão e N. Sra. de Jesus, e de sua mulher D. Violante de Araújo teve filhos:

1. Gaspar de Brito Freire, (2) que se segue. Batizado na Sé a 13 de julho de 1595. Padrinho o governador D. Francisco de Souza.

2. Francisco de Brito Freire, adiante, batizado na Sé a 5 de abril de 1605. Padrinho, o mesmo governador.

N. 1. Gaspar de Brito Freire, filho primeiro de Estevão de Brito Freire e de sua mulher D. Violante de Araújo, foi possuidor do morgado de Santo-Estevão, e casou com D. Francisca da Silveira, filha de Álvaro da Silveira, comendador da Sortela e alcaide-mor de Alenquer, e de sua mulher D. Brites de Mexia. De Gaspar de Brito Freire e sua mulher D. Francisca da Silveira foi filho:

Francisco de Brito Freire, que se segue.

N. 3. Francisco de Brito Freire, (3) filho de Gaspar de Brito Freire e sua mulher D. Francisca da Silveira, n. 1; foi senhor do morgado de seu pai, e

---

*Notas da R.I.H.G.B.*

* *Teatro Genealógico, Árvore 36.*

** *Casaram na freguesia da Sé, a 10 de agosto de 1592, em casa, com licença do bispo D. Antônio Barreiros.*

casou com D. Tereza de Távora, filha de Luiz de Miranda Henriques (4) e de sua mulher D. Francisca de Távora. De Francisco de Brito e sua mulher D. Teresa de Távora foi filho:

N. 4. Gaspar de Brito, (5) capitão de infantaria do terço da guarnição da fortaleza de São-Julião da Barra de Lisboa. Sucedeu na casa de seu pai e faleceu solteiro.

N. 2. Francisco de Brito Freire, filho segundo de Estevão de Brito Freire e de sua mulher D. Violante de Araújo, foi moço Fidalgo da Casa Real, e teve filho:

5. Estevão de Brito Freire, que se segue.

N. 5. Estevão de Brito Freire, (6) filho de Francisco de Brito Freire, n. 2, e de sua mulher, * casou com D. Violante de Meneses e teve filha:

6. D. Filipa de Brito Freire, que se segue.

N. 6. D. Filipa de Brito Freire, filha de Estevão de Brito Freire, n. 5, e de sua mulher, casou com o Dr. Manuel Botelho de Oliveira, ** (7) Fidalgo da Casa Real e teve filhos:

7. Francisco Félix, (8) que faleceu a 6 de maio de 1730, capitão.

8. Estevão de Brito Freire, (9) que se segue e Maria batizada a 10 de outubro de 1690, e foi mulher de D. Jerônimo da Silveira. (10)

N. 8. Estevão de Brito Freire, filho de D. Filipa de Brito, n. 6, e de seu marido Manuel Botelho de Oliveira, foi Fidalgo da Casa Real e cavaleiro da Ordem de Cristo, não casou e teve bastardo.

9. Antônio de Brito Freire, (11) capitão de mar e guerra, fidalgo da casa del-rei e cavaleiro da Ordem de Cristo, não casou, faleceu em Lisboa no ano de 1767. Legitimado por Magalhães.

### *Sucessão da sexta filha de Genebra Álvares e de seu marido Vicente Dias, a qual foi*

N. 17. Catarina Álvares, filha de Genebra Álvares e de seu marido Vicente Dias de Beja, moço fidalgo da casa do infante D. Luiz, casou com Baltazar Barbosa de Araújo, (12) natural de Ponte de Lima, filho de Gaspar Barbosa de Araújo e de sua mulher D. Maria de Araújo. De Catarina Álvares e seu marido Baltazar Barbosa, foram filhos.

1. Francisca, batizada na Sé a 12 de fevereiro de 1579. Casada com Cristóvão de Sá Betencourt, (13) à fl...., e depois com Filipe de Lemos.

---

*Notas da R.I.H.G.B.*

* *Casaram a 26 de outubro de 1657.*
** *Casaram a 24 de janeiro de 1677 e era ele viúvo de D. Antônia de Meneses, declara o assento.*



2. Joana Barbosa, mulher de Antônio de Souza Dormondo. (14)

2. Isabel, faleceu menina, batizada na Sé a 9 de novembro de 1580.

3. Maria, batizada aí, a 28 de julho de 1582. (15)

4. Antônio, faleceu pequeno, a 28 de novembro de 1583.

5. Domingos Barbosa de Araújo, que se segue. Batizado a 3 de novembro de 1585.

N. 5. Domingos Barbosa de Araújo, (16) filho de Catarina Álvares e de seu marido Baltazar Barbosa de Araújo, casou com Isabel de Lemos de Sá,* filha do licenciado Bartolomeu Madeira de Sá (17) e de sua mulher Maria de Lemos Landim, filha esta de João Rodrigues Palha, escudeiro fidalgo da casa del-rei, e de sua mulher Mícia de Lemos, à fl.... e seg., e teve filhos:

6. Maria Barbosa de Araújo, que se segue.

N. 6. Maria Barbosa de Araújo, filha de Domingos Barbosa de Araújo e de sua mulher Isabel de Lemos de Sá, casou com Manuel Gomes Figueira, natural de Torres-Vedras, e teve filhos:

7. D. Filipa de Araújo, que casou com João Teixeira de Mendonça, (18) a fl....

N. 1. Francisca Barbosa, mulher de Cristóvão de Sá Betencourt, e depois de Filipe de Lemos, (19) deste teve filhos:

1. Vicente
2. Baltazar (20)
3. Lourenço
4. Maria

Águeda Pina, mulher de Lourenço de Oliveira Pita, com filhos.

Do primeiro teve Joana de Betencourt, casada com Miguel Teles de Meneses, Francisco de Sá Betencourt, casado com D. Ana de Souza.

N. 3. Maria de Araújo, mulher de Gaspar Dias Barbosa, (21) com filhos.

### *Sucessão da sétima filha de Genebra Álvares e de seu marido Vicente Dias de Beja, que foi*

N. 18. Andresa Dias, filha de Genebra Álvares e de seu marido Vicente Dias de Beja, casou com Diogo de Amorim Soares, ** (22) filho de Francisco Soares, de Ponte de Lima, e teve filhos:

1. Maria, batizada na Sé a 10 de junho de 1587.
2. Isabel, batizada na Sé a 6 de junho de 1588.

---

*Nota da R.I.H.G.B.*

* *Casaram em Paripe a 9 de julho de 1623.*
** *Casaram na Sé a 12 de janeiro de 1586.*

3. Francisco, batizado na Sé a 8 de abril de 1591.
4. Maria, batizada na Sé a 15 de maio de 1592.

### *Sucessão da oitava filha de Genebra Álvares e de seu marido Vicente Dias de Beja, que foi*

N. 19. Francisca Dias, filha de Genebra Álvares e de seu marido Vicente Dias de Beja, casou com Antônio de Araújo, * natural de Ponte de Lima, da família dos Araújos, primo de Baltazar Barbosa de Araújo e seu meio irmão Francisco de Araújo, em cuja companhia vieram todos para o Brasil, e teve filho:

1. Frei João do Espírito Santo, religioso beneditino, que faleceu na cidade do Porto, no ano de 1634, e havia sido batizado na Sé da Bahia a 14 de março de 1585.

Segunda vez casou Francisca Dias, esta por morte deste seu marido Antônio de Araújo, como fica à fl...., n. 19.

### *Sucessão da terceira filha de Catarina Álvares e Diogo Álvares, Caramurus, a qual foi*

N. 3. Apolônia Álvares, casou esta com João de Figueiredo Mascarenhas, (23) fidalgo da casa de Sua Majestade e natural da cidade de Faro, no reino do Algarve. Era filho de Lourenço de Figueiredo, que passou ao Brasil no princípio, em que se fundava a Bahia, por haver morto um cônego seu parente, e trouxe consigo a este seu filho de idade de 12 anos, os quais ambos fizeram a Deus e a el-rei grandes serviços na conquista desta capitania, pela qual razão el-rei D. João III lhe escrevia e o estimava muito. A este João de Figueiredo chamava o gentio o *Buatucá*. Teve de sua mulher os filhos seguintes:

1. Filipa de Figueiredo Mascarenhas, que se segue.
2. Mícia de Figueiredo Mascarenhas, que casou com Manuel Correa de Brito, adiante.
3. Maria de Figueiredo Mascarenhas, mulher de Sebastião de Brito Correa, ao depois à fl.... n. 3.
4. Grácia de Figueiredo, que casou com Francisco de Barros, (24) de Ponte de Lima, adiante.
5. Clemência de Figueiredo, mulher de Bento de Barbuda. Teve mais a Catarina, batizada na Sé a 21 de dezembro de 1557. Caderneta fl. 20.

---

*Notas da R.I.H.G.B.*

* *Casaram na Sé a 8 de janeiro de 1584 testemunhas Antônio de Paiva, Antônio Gil e Filipa Álvares.*



Isabel, batizada na Sé a 2 de março de 1559, (Caderneta fl. 23) pelo cura João Lourenço. (25)

N. 1. Filipa de Figueiredo Mascarenhas, filha primeira de Apolônia Álvares e seu marido João de Figueiredo Mascarenhas, casou com o capitão Antônio de Paiva, (26) e deles nasceu:

6. Antônio Guedes de Paiva, que se segue.

N. 6. Antônio Guedes de Paiva, * (27) filho de Filipa de Figueiredo, n. 1, e de seu marido Antônio de Paiva, ** foi coronel; casou com D. Ana de Araújo, que era viúva de Pedro Camelo *** à p...., e teve filha, Ana batizada a 16 de novembro de 1689 na capela do engenho da Ponta.

### *Sucessão da segunda filha de Apolônia Álvares, que foi*

N. 2. Mícia de Figueiredo Mascarenhas, casou com Manuel Correa Brito. Faleceu Mícia de Figueiredo a 18 de agosto de 1614 e foi sepultada em Nossa Senhora da Ajuda. Destes foram filhos:

1. D. Violante de Araújo, que se segue.
2. Catarina Correa de Brito, adiante p....

N. 1. D. Violante de Araújo,**** filha de Mícia de Figueiredo Mascarenhas, n. 2, e de seu marido Manuel Correa de Brito, foi casada com Francisco Fernandes Pacheco, fidalgo da casa de Sua Majestade, filho de Gaspar Fernandes de Afonseca, também fidalgo, e tiveram filhos:

3. O capitão Francisco Fernandes Pacheco, (28) cavaleiro da Ordem de Cristo, à fl.... n. 9, solteiro.
4. D. Luiza Pacheco, que se segue.

Frei Antônio dos Anjos, religioso do Carmo.

N. 4. D. Luiza Pacheco, filha segunda de D. Violante de Araújo, n. 1, e de seu marido Francisco Fernandes Pacheco, ***** foi casada com Bartolomeu de Vasconcelos, filho de Paulo de Carvalhal de Oliveira, a p....e de sua mulher D. Francisca de Aguiar Espinosa ou de Espínola, filha de Cristóvão de Aguiar Daltro e de sua mulher D. Ana de Figueiró, à fl...., e tiveram uma só filha, que foi:

---

*Notas da R.I.H.G.B.*

* *Faleceu este a 4 de fevereiro de 1706.*
** *Casaram em 29 de janeiro de 1689.*
*** *Antônio Guedes de Paiva, que casou com D. Ana, foi outro, e não este, e por isso, tudo quanto está escrito no n. 6 está errado. Nota à margem.*
**** *Era viúva já de Sebastião Barbosa.*
***** *Segunda vez casou, sendo já de avançada idade com João Fragoso de Afonseca, e não teve filhos, ao 1.º de março de 1672, em casa, freguesia de Cotegipe.*

5. D. Maria de Vasconcelos, que se segue. Batizada em Cotegipe a 27 de setembro de 1637.

N. 5. D. Maria de Vasconcelos, filha única de D. Luiza Pacheco, n. 4, e de seu marido Bartolomeu de Vasconcelos, foi casada com Mateus de Aguiar Daltro,* à fl.... n. 7, filho de Custódio Nunes Daltro, senhor de engenho em Cotegipe, e de sua mulher D. Isabel de Figueiró, e tiveram filhos, que vão adiante, à fl.... n. 13, e aqui só:

6. O doutor João Álvares de Vasconcelos, que se segue.

O doutor João Álvares de Vasconcelos, (29) filho de D. Maria de Vasconcelos e de seu marido Mateus de Aguiar Daltro, foi casado com D. Antônia Teles de Meneses, filha do sargento-maior Marcos de Betencourt(30) e de sua segunda mulher D. Ângela de Meneses, irmã do alcaide-mor desta cidade Francisco Teles de Meneses, que mataram os Britos, (31) e filha de Mateus Pereira de Meneses e de sua primeira mulher D. Isabel de Almeida, filha de Duarte Moniz Barreto, que por morte dele tornou a casar com Cristóvão de Burgos, que interinamente governava a cidade, como fica à p.... n. 6. De João Álvares Vasconcelos e de sua mulher D. Antônia Teles de Meneses foram filhos:

7. Cristóvão de Aguiar de Betencourt, diz o assento do seu óbito, a 22 de março de 1719.

8. D. Ângela de Meneses, que se segue:

N. 8. D. Ângela de Meneses, filha segunda do doutor João Álvares de Vasconcelos, n. 6, e de sua mulher D. Antônia Teles de Meneses, casou com o capitão-mor Luiz Carneiro de Meneses, filho de Antônio Carneiro de Rocha e de sua mulher D. Ignácia de Meneses e Castro, filha de Francisco de Abreu da Costa Dória, fidalgo da casa de Sua Majestade, que morreu degolado em estátua pela cruel morte, que mandou fazer à sua mulher D. Ana de Meneses Castro, filha de Rui Dias de Meneses, (32) à fl.... n. 1, e de sua mulher Guiomar Ximenes de Aragão. (33) De D. Ângela de Meneses e seu marido Luiz Carneiro de Meneses foram filhos:

9. D. Luiza Arcângela de Meneses, que se segue.
10. Vicente Luiz Carneiro de Meneses.
11. Custódio de Aguiar de Vaconcelos, adiante.
12. D. Francisca de Meneses Dória.
13. D. Ana de Meneses Castro.

N. 9. D. Luiza Arcângela de Meneses Castro, filha primeira de D. Ângela de Meneses, n. 8, e seu marido o capitão-mor Luiz Carneiro de Meneses, casou com Antônio José de Souza Portugal, (34) que é sargento-mor de infantatia em um dos regimentos da guarnição da praça da Bahia, filho do coronel Manuel Domingues Portugal e de sua mulher D. Josefa Maria de Mariz Girão, filha de Francisco Girão Cardoso de Vasconcelos, fidalgo da casa de Sua Majestade, e de sua mulher D. Maria Figueira Palha, e neta pela parte paterna de Manuel Domingues Ferreira Barbuda de Vasconcelos, (35) coronel da Infantaria, que foi da praça de Penamacor, na província da Beira, do qual emprego passou para o de governador da praça de Salvaterra, da Extremadura, onde faleceu, e de sua mulher D. Mariana Robalo, de Portugal. Dos sobretidos Antônio José de Souza Portugal e sua mulher D. Luiza Arcângela são filhos:

14. Pedro Alexandrino, alferes de infantaria. (36)
15. Manuel Domingues Portugal, que faleceu.
16. D. Maria Francisca.

N. 12. D. Francisca Xavier de Meneses Dória, filha de D. Ângela de Meneses e de seu marido o capitão-mor Luiz Carneiro de Meneses, foi segunda mulher de seu primo o capitão José Luiz da Rocha Dória, filho de Manuel da Rocha Dória, (37) e de sua mulher D. Ana Maria de Jesus Vasconcelos, e teve filhos:

Antônio da Rocha Dória de Meneses.
D. Maria.
D. Ana.

N. 11. Custódio de Aguiar de Vasconcelos, filho terceiro do capitão-mor Luiz Carneiro de Meneses e de sua mulher D. Ângela de Meneses, n. 8, casou com Clara Maria do Espírito Santo, filha do capitão Simão de Avelar (38) e de sua mulher D. Antônia de Freitas Jardim, e teve filhos:

Luiz Carneiro de Meneses.
Simão Carneiro de Meneses.

N. 2. Catarina Correa de Brito, filha segunda de Mícia de Figueiredo e de seu marido Manuel Correa de Brito, casou com Francisco Pereira de Abreu, que era natural de Viana, teve deste 9 filhos, 6 machos, que não se acham os nomes, e três fêmeas seguintes:

1. Isabel de Brito Correa, (39) que casou com João Correa Arnao, natural de Coimbra.

2. Maria de Figueiredo, casada com Antônio de Souza, da Arrifana de Souza, filho de Manuel Gonçalves e de sua mulher Catarina Guiomar, tiveram filhos: José e Manuel.

3. Catarina Correa de Brito, mulher de Agostinho de Crasto Pereira, natural da Bahia, e teve filho, Francisco Pereira de Castro.

4. Manuel Correa de Brito, (40) casado, com filhos.

5. João Pereira de Abreu, casado, com filhos.

---

*Nota da R.I.H.G.B.*

* *Casaram em Cotegipe a 23 de janeiro de 1652.*

D. Maria de Brito Souza, filha de Francisco Pereira de Castro, (41) sargento-mor, filho este de Agostinho de Castro; foi casado e teve filhos.

N. 2. Maria de Figueiredo, filha de Catarina Correa de Brito, n. 2, e de seu marido Francisco Pereira de Abreu, casou com Antônio de Souza, natural da Arrifana de Souza, e filho de Manuel Gonçalves e de sua mulher Catarina Gaspar e teve filhos:

6. Manuel de Figueiredo Mascarenhas.

7. José de Souza.

N. 6. Manuel de Figueiredo Mascarenhas, (42) filho de Maria de Figueiredo e de seu marido Antônio de Souza, foi capitão, e casou com Luzia Paes Brandão, que era filha de Manuel Martins Brandão, (43) natural da Ilha da Madeira, do lugar da Ribeira-Brava, freguesia de S. Bento, e de sua mulher Catarina Paes de Oliveira, natural da freguesia da Sé da cidade da Bahia, e teve filhos:

8. Frei Antônio da Piedade, religioso capucho na Bahia.

9. O padre André de Figueiredo Mascarenhas, (44) clérigo.

N. 1. Isabel de Brito Correa, filha de Catarina Correa de Brito e de seu marido Francisco Pereira de Abreu, casou com João Correa Arnao, natural de Coimbra.

10. João Correa Arnao, que se segue.

11. Isabel de Brito.

12. João Correa de Brito,(45) casado com Mícia de Figueiredo.

N. 10. João Correa Arnao,(46) filho de Isabel de Brito Correa e de seu marido João Correa Arnao, casou com...

13. José Pereira Mascarenhas, (47) casado com D. Ana Mascarenhas.

N. 3. Catarina Correa de Brito, filha de Catarina Correa de Brito e de seu marido Francisco Pereira de Abreu, casou com Augusto de Crasto Pereira, natural da Bahia, filho do capitão Francisco de Crasto (48) e de sua mulher D. Marta de Souza, filha de Belchior de Souza Dormondo, à fl...., e de sua mulher D. Mícia de Armas, e teve filhos.

13. Francisco Pereira de Crasto, que se segue.

14. Antônio Brito Pereira, adiante.

N. 13. Francisco Pereira de Crasto, (49) filho de Catarina Correa de Brito e de seu marido Augusto de Crasto Pereira; foi sargento-mor, e casou com D. Maria de Crasto, filha do capitão Pedro Marinho Soutomaior, (50) cavaleiro da Ordem de Cristo, e de sua mulher teve filhos:

15. D. Marta de Souza, (51) que se segue.

D. Marta de Souza, filha do capitão Francisco de Crasto Pereira e de sua mulher D. Maria de Crasto, casou com Faustino da Costa Peixoto, natural de Guimarães, e teve filha:

16. D. Maria da Costa Souza, que se segue.



Segunda vez casou D. Marta de Souza com Baltazar Gonçalves de Paiva, natural do arcebispado de Braga, do qual não teve filhos.

N. 16. D. Maria da Costa Souza, filha de D. Marta de Souza e de seu primeiro marido Faustino da Costa Peixoto, casou com Diogo Álvares de Brito, natural da freguesia de Inhambupe, sertão da Bahia, filho de Manuel Alves Leitão (52) e de sua mulher D. Catarina de Brito: foram dispensados no 4.º grau de consangüinidade, e teve filho:

17. Manuel Álvares Craveiro, que vive solteiro neste ano de 1772.

N. 14. Antônio de Brito Pereira, (53) filho de Agostinho de Crasto Pereira e de sua mulher Catarina Correa de Brito, n. 3, foi capitão, e casou com D. Maria Teles, filha de:

18. D. Joana Maria de Brito, mulher de Manuel de Figueiredo de Abreu.

### *Sucessão da terceira filha de Apolônia Álvares, que foi*

N. 3. Maria de Figueiredo Mascarenhas, casou com Sebastião de Brito Correa, (54) que desta sua mulher teve filhos.

Apolônia de Siqueira de Brito, mulher de Estevão Pereira Barcelar, e depois de Francisco de Brito de Araújo.

1. Filipa de Brito, que se segue.

2. Lourenço de Brito Correa, (55) chamado o Formoso.

Joana Correa.

João de Brito Correa. (56)

N. 1. Filipa de Brito, * filha primeira de Maria de Figueiredo e de seu marido Sebastião de Brito Correa; casou com Antônio Guedes, ** (57) que teve na Bahia o ofício de tabelião, e destes foi filha:

3. Isabel, batizada na Sé a 18 de fevereiro de 1601.

N. 3. D. Maria Guedes, que se segue. Batizada na Sé a 23 de julho de 1606.

3. Antônio, (58) batizado na Sé a 26 de junho de 1619.

N. 3. D. Maria Guedes, filha de Filipa de Brito e de seu marido Sebastião de Brito Correa, (59) casou com Antônio de Brito Correa, *** que era filho de Melchior Maciel Aranha e de sua mulher Isabel de Brito, teve Antônio de Brito

---

*Notas da R.I.H.G.B.*

* *Segunda vez casou com João Álvares da Fonseca, a 27 de outubro de 1621 na Sé.*

** *Faleceu Antônio Guedes a 2 de julho de 1619. Sepultado na Sé.*

*** *Faleceu a 27 de janeiro de 1657: sepultado : o Colégio.*

Correa, (60) o ofício de tabelião de seu sogro, e dele e sua mulher Maria Guedes foi filho:

4. Antônio Guedes de Brito, que se segue. Batizado na Sé aos 13 de fevereiro de 1627.

N. 4. Antônio Guedes de Brito, (61) filho de Antônio de Brito Correa e de sua mulher D. Maria Guedes, foi mestre de campo de um terço pago na cidade da Bahia, e a governou interinamente por morte de Afonso Furtado de Mendonça com Álvaro de Azevedo (62) e o Dr. Cristóvão de Burgos Contreiras; foi casado com D. Guiomar Ximenes de Aragão, que era viúva de Rui Dias de Meneses, (63) à fl.... n. 1, e desta não teve filhos, mas teve bastardos:

5. D. Isabel Guedes de Brito, que se segue.

N. 3. D. Isabel Guedes de Brito, filha natural, herdeira do mestre de campo Antônio Guedes de Brito, e de D. Serafina de Souza, irmã de D. Clara de Souza, mulher esta D. Clara de Miguel Pereira Soares à fl.... n. 15, casou esta D. Izabel Guedes com Antônio da Silva Pimentel, e teve dela filha D. Joana, que já fica à fl....

### *Sucessão da quarta filha de Apolônia Álvares, que foi*

N. 4. Grácia de Figueiredo, casou com Francisco de Barros, (64) natural de Ponte de Lima, e teve 9 filhos seguintes:

1. Nuno de Barros, sem geração.

2. Joana de Barros,* mulher de Luiz Fernandes Fajardo, e de João Lobo de Mesquita, segundo marido.

3. Luiza de Barros, que casou com Manuel Lobo, natural de Ponte de Lima, filho de Francisco da Rocha Lobo, e primo de João Lobo de Mesquita. (65)

N. 2. Joana de Barros, filha segunda de Grácia de Figueiredo e de seu marido Francisco de Barros, foi casada com Luiz Fernandes Fajardo, (66) e teve filho:

4. Luiz de Barros Fajardo, que se segue.

Segunda vez casou Joana de Barros com João Lobo de Mesquita, filho de João da Cea Marinho, e teve filha.

5. Joana Lobo de Barros, que casou com Francisco Barbosa de Brito, (67) a primeira vez, e outra vez casou com Paio de Araújo Azevedo.

*Nota da R.I.H.G.B.*

* *Não é Joana e sim Inês. Nota à margem.*



N. 4. Luiz de Barros Fajardo, filho de Joana de Barros, n. 2, e de seu marido Luiz Fernandes Fajardo, casou com Maria Barbosa, filha de Pedro de Barros e de D. Isabel, e teve filhas.

6. D. Violante de Sá, primeira mulher de Manuel Teles de Meneses, à p.... n. 7.

7. D. Isabel de Sá, que casou com o capitão Pedro Borges de Souza Vasconcelos. (68)

N. 3. Luiza de Barros, filha terceira de Grácia de Figueiredo e de seu marido Francisco de Barros, n. 4, casou com Manuel Lobo e teve filho:

7. Francisco de Barros Lobo, que se segue:

N. 7. Francisco de Barros Lobo, * (69) filho de Manuel Lobo e de sua mulher Luiza de Barros, casou com D. Ana de Meneses, filha de Egas Moniz Barreto, escudeiro fidalgo, e de D. Juliana Rangel, sua terceira mulher, à fl.... e teve filhos.

8. Nuno de Barros Lobo, que se segue.

9. D. Juliana Teles de Meneses, adiante.

10. D. Inês Teles de Meneses, abaixo.

11. D. Maria de Meneses, ao depois.

12. D. Eusébia Teles de Meneses, ao depois.

N. 8. Nuno de Barros Lobo, filho primeiro do Francisco de Barros, n. 7, e de sua mulher D. Ana de Meneses, casou com sua prima D. Isabel da Rocha Teles, filha de D. Maria e João Lobo Marinho, (70) e teve filhos.

13. Antônio de Barros Lobo. (71)

14. D. Felisbela Teles, mulher de Manuel Alves de Barros, com família.

15. D. Leonor Teles, sem filhos.

16. D. Úrsula Teles, sem filhos.

N. 9. D. Juliana Teles, filha de Francisco de Barros, n. 7 e de sua mulher D. Ana de Meneses, foi casada com Manuel Maciel Aranha (72) e teve filhos.

17. Manuel Maciel Aranha, sem filhos.

18. Antônio Teles Barreto, casado com D. Emerenciana Barbosa, com filhos, que foram Antônio Maciel Aranha, sem filhos, e Francisco de Barros Lobo, sem filhos.

N. 10. D. Inês Teles de Meneses, filha de Francisco de Barros, n. 7, e de sua mulher D. Ana de Meneses, foi casada com Diogo Álvares Campos, (73) e teve filhos.

19. Diogo Álvares Campos, que se segue.

20. José Teles de Meneses, sem filhos.

*Nota da R.I.H.G.B.*

* *Faleceu nos Irarás no ano de 1689.*

21. Antônio Moniz Barreto, (74) sem filhos.
22. Francisco de Barros Lobo, sem filhos. (75)
23. D. Teresa Teles de Meneses.
24. O capitão Egas Moniz Barreto. (76)

N. 19. Diogo Álvares Campos, (77) filho de Diogo Álvares Campos e de sua mulher D. Inês Teles de Meneses, n. 10, casou com D. Maria Francisca da Câmara, filha do capitão Pedro de Afonseca de Melo (78) e de sua mulher D. Inês Francisca da Câmara, e teve filhos.

25. O capitão-mor Diogo Álvares Campos. (79)
26. O doutor José Teles de Meneses, cônego. (80)
27. Pedro Álvares da Fonseca.
28. Francisco, que faleceu; D. Inês, D. Ana, D. Francisca, D. Bernarda, D. Vitória, D. Antônia, todas religiosas, (81) e D. Maria , que faleceu solteira.

N. 20. José Teles de Meneses, acima n. 20, foi casado com D. Ana Maria, filha do capitão Pedro da Fonseca (82) e de sua mulher D. Inês, sem filhos.

N. 21. Antônio Moniz, acima n. 21, casou com D. Antônia, filha de José Pereira Freire, (83) e teve filhos.

N. 23. D. Teresa Teles de Meneses, acima n. 23, casou com Inácio de Cerqueira Lima, (84) senhor do engenho do Bom-Jardim; e teve filho.

2. Bernardo de Cerqueira Lima de Meneses.

N. 24. O capitão Egas Moniz Barreto, n. 24 acima, casou com D. Antônia, filha de José Pereira Freire, com filhos.

N. 11. D. Maria de Meneses, filha de Francisco de Barros Lobo, n. 7, e de sua mulher D. Ana de Meneses, foi casada com seu primo o sargento-mor Antônio Moniz, e teve filho:

Diogo Moniz.

N. 12. D. Eusébia Teles, filha de Francisco de Barros Lobo, n. 3, e de sua mulher D. Ana de Meneses, casou com Miguel Álvares Campos, (85) e teve filhos.

Antônio Teles de Meneses, (86) sargento-mor, casado com D. Maria, com filhos.

D. Francisca Maria Teles, mulher de Sebastião Barbosa de Melo, com filhos.

D. Ângela Teles, mulher do capitão Francisco Barbosa Leal. (87)

D. Luiza Teles, (88) mulher do sargento-mor Antônio Pinheiro de Carvalho.

D. Maria Teodósia Teles, mulher do capitão Manuel Nunes Lobato, com filhos.

D. Maria Teodósia Teles de Meneses, acima, casou com o capitão Manuel Nunes Lobato, natural da freguesia de S. Pedro da vila do Crato, filho legítimo



de Manuel Nunes e de Ana Antunes Lobato, de cujo matrimônio nasceram os filhos seguintes.

### *Sucessão da quinta filha de Apolônia Álvares e seu marido João de Figueiredo Mascarenhas, a qual foi*

Clemência de Figueiredo * quinta filha de Apolônia Álvares e seu marido João de Figueiredo Mascarenhas, à fl.... n. 3, casou com Bento de Barbuda, ** filho de Francisco de Barbuda, o velho, e de sua segunda mulher Maria Barbosa e tiveram filhos.

1. João Barbosa de Barbuda, ou Figueiredo, que se segue.
2. Maria Barbosa de Figueiredo. Batizada em casa a 30 de agosto de 1599.

N. 1. João Barbosa de Barbuda, filho de Bento de Barbuda, acima, e de sua mulher Clemência de Figueiredo, casou com Bárbara de Aguiar Daltro, filha de Cristóvão Luiz Salazar e de sua mulher Bárbara de Aguiar Daltro, (89) e tiveram filhos.

3. Bento Barbosa de Barbuda.
4. Maria de Figueiredo Mascarenhas, que se segue.

N. 4. Maria de Figueiredo Mascarenhas, filha de João Barbosa de Barbuda e de sua mulher Bárbara de Aguiar Daltro. Casou com o soldado licenciado Manuel Rodrigues da Silva, (90) filho de João Rodrigues da Silva e de sua mulher Maria Quaresma, e deles foram filhos:

5. O padre Antônio de Figueiredo, (91) e o padre Manuel de Figueiredo, padres da companhia.
6. O padre João Rodrigues de Figueiredo, *** (92) cavaleiro da Ordem de Cristo, e vigário colado de Santo Amaro da Ipitanga.
7. Inês de Figueiredo da Silva, casada, que se segue.
8. Vitória de Figueiredo, casada adiante.
9. Bárbara de Figueiredo; **** Clara de Figueiredo, beata donzela, Maria de Figueiredo, Ana, Teresa e Francisca, todas donzelas.

N. 7. Inês de Figueiredo da Silva, filha do soldado licenciado Manuel Rodrigues da Silva e de sua mulher Maria de Figueiredo Mascarenhas, casou com o alferes Antônio Dias Ribeiro, e teve filhos.

10. Cristóvão Dias de Figueiredo, sacerdote.

---

*Notas da R.I.H.G.B.*

* *Faleceu Clemência de Figueiredo ao 1.º de agosto de 1603. Sepultada na Ajuda.*
** *Faleceu Bento de Barbuda a 3 de novembro de 1616.*
*** *Faleceu a 11 de agosto de 1757. Sepultado na igreja dos clérigos.*
**** *Faleceu a 26 de dezembro de 1719.*

11. Caetano Dias de Figueiredo, cônego na Bahia. (93) Faleceu a 17 de setembro de 1731; sepultado na Sé.

12. O padre Antônio Dias de Figueiredo.

13. O padre Manuel Rodrigues de Figueiredo. (94)

14. Maria e Bárbara. (95)

N. 8. Vitória de Figueiredo Mascarenhas, filha do soldado Manuel Rodrigues da Silva e de sua mulher Maria de Figueiredo Mascarenhas, casou com José Rodrigues de Oliveira. (96) Filhos:

15. O doutor Manuel Rodrigues da Silva, (97) vigário geral e paroquial das minas do Arasuaí.

16. O padre João Rodrigues de Figueiredo, cônego na Bahia.

17. O padre Frei José dos Reis, provincial do Carmo.

18. O padre Antônio de Figueiredo, vigário encomendado em Cotegipe. Bernardo, que faleceu solteiro, Rita e Maria.

---

1. ESTEVÃO DE BRITO FREIRE. Pais e avós eram de Beja, sendo Isabel Soares, avó materna, filha de Manuel Soares, "que foi escrivão da Câmara de Beja, fidalgo honrado, justifica não ser de nação por parte da sua avó materna, soube-se ser de nação por esta parte, não houve efeito a mercê". 1623. ***Ementas de Habilitações de Ordens Militares,*** p. 28 (B. N. Lisboa). Fidalgo da Casa Real, nasceu Estevão de Brito Freire em 1571, como declarou em 1604, ***Revista do Instituto Histórico,*** v. 73, parte I, p. 180, homem de tanta valia, diz Frei Vicente do Salvador, que, entrando na baia de Todos os Santos sete naus holandesas, o comandante quis ter conferência com o governador e pediu se lhe desse refém equivalente à sua categoria. Escolhido foi Estevão de Brito Freire, ***op. cit.,*** p. 575. Isso em 1605, segundo o governador Diogo Botelho: "mandou em um batel ao meio do rio Estevão de Brito Freire e Pedro Rodrigues saberem a língua e onde estava o outro batel com os dois capitães flamengos", ***Revista*** cit., ***ibid.,*** p. 215. Foi senhor do engenho de Caípe, Gabriel Soares, ***Tratado Descritivo,*** p. 383. Um de seus engenhos foi assaltado pelo inimigo em 1624, Fr. Vicente, ***ibid.,*** pp. 542-3. "Logo que se perdeu aquela praça fez serviço a el-rei de 200 escravos, para ajudarem nas fortificações, e ofereceu a D. Fadrique muitos mantimentos".

   Passou ao Reino na armada restauradora da Bahia, Francisco de Brito Freire, ***História da Guerra Brasílica,*** p. 105, Lisboa, 1675. Deu nome ao engenho (Santo Estevão), queimado em 1640 pela expedição holandesa, de Licthtardt; quando do púlpito o padre Vieira pedia a Deus "pelo bom sucesso das armas portuguesas".

   Não esquecamos que o sogro, Francisco de Araújo, fora o rico morador que, em 1587 intimou o bispo a não desertar a Cidade conta Fr. Vicente do Salvador. Herdou-lhe terras; e o amor à terra. O túmulo de Estevão de Brito Freire está na capela do Hospital de N.S. da Luz, de Lisboa, Cordeiro Souza, ***Inscrições Portuguesas de Lisboa,*** p. 8, Academia Portuguesa da História, Lisboa, 1940. Reporta-se o autor ao Teatro Genealógico que contém as árvores de costado, tomo I, árvore 36, de D. Tevisco de Nasao Zarco y Colona, Nápoles, ano M.C.X.II, (aliás, Manuel Carvalho de Ataíde).



2. GASPAR DE BRITO FREIRE. É autor do relatório sobre a crise que, em 1644, sofreu a Bahia, ***Anais da B.N.,*** v. 39, p. 42, "filho do mais rico homem desta terra, e honrado", "da nação por parte de sua avó materna", ***Ementas de Habilitações de Ordens Militares,*** p. 4. O fidalgo Gaspar de Brito Freire arrematou, em 1634, em Lisboa, o palácio do Conde de Vidigueira, remido quatro anos depois pelo filho deste, Gustavo de matos Sequeira, ***O Carmo e a Trindade,*** II, p. 185, Lisboa, 1939. Mandou ornar a capela do pai no Hospital de N.S. da Luz, cuja inscrição Cordeiro de Sousa reproduz.

3. FRANCISCO DE BRITO FREIRE. Não se confunda com o autor da ***História da Guerra Brasílica,*** "filho segundo" (diz no testamento), de Antônio Fróes de Andrade (requerimento de 4 de dezembro de 1648), ***Brasília,*** VII, pp. 104 e 111. Pela carta de pêzames do conde de Óbidos ao governador de Pernambuco, Francisco de Brito Freire (o português), 5 de dezembro de 1663, ***Doc. Hist.,*** IX, p. 130, sabemos que Manuel Freire de Andrada era seu parente próximo. Situa-se na linhagem dos Freires de Andrada, florescente no Brasil com a descendência de José Antônio Freire de Andrada, irmão do conde de Bobadela, pai do inconfidente mineiro coronel Francisco de Paula (quanto a este, ***Genealogia das Famílias Gama, Horta, Vilas Boas etc.,*** Rio, 1859) — de Nicolau Antônio Nogueira Vale da Gama.

   — Senhor do morgado de Santo Estevão, na Bahia, casou Francisco de Brito Freire (o brasileiro) com D. Teresa Maria de Távora, filha de Luís de Miranda Henriques, alcaide-mor da Fronteira, e D. Francisca de Távora, D. Antônio Caetano de Souza, ***História Genealógica da Casa Real,*** XII, p. 729. Em 1690 representou ao rei sobre "os grandes empenhos com que se achava, ocasionados das dívidas que seu filho mais velho Gaspar de Brito Freire lhe contraíra quando os anos passados o mandara ao Estado do Brasil a administrar o seu engenho de Pernamirim, que tinha no distrito da cidade da Bahia", ***Doc. Hist.,*** v. 89, p. 195.

4. LUIZ DE MIRANDA HENRIQUES (PINTO). Filho de Henrique Henriques de Mira. Teve mercê da comenda da Vila do Rei, da Ordem de Cristo, em 1644, por serviços feitos na cidade da Bahia, Carvalho Franco, ***Nobiliário Colonial,*** p. 125.

5. GASPAR DE BRITO FREIRE. Comeu a renda, e empenhou-a, tanto que mandou o rei, 12 de março de 1690, se ouvissem credores, para serem pagos pelo que desse o engenho, reservando um conto de réis anualmente para o pai, documento na íntegra em Pegas, ***Coment. ad Ord.,*** XIII, 1.3,31.2.Francisco de Brito Freire nomeou procuradores o tio Francisco Gil de Araújo e Antônio de Aragão Pereira, Pedro Garcia Pimentel e Afonso Barbosa da Franca, seus primos, o último destes encarregados da administração do engenho de S. Tiago de Pernamirim (16 de novembro de 1679, ms. ***Arq. Hist. Ultramarino***). Carta régia de 27 de julho de 1693 aliás autorizou o arrendamento para saldar as dívidas, ***Anais da B.N.,*** v. 36, p. 227, fazendo jurisprudência. Inalienável o vínculo, indesmembrável o maquinário, vitalício o morgado, responderia pelo débito o rendimento, não a propriedade. Era Gaspar de Brito tão importante sujeito, que ao lado do conde do Prado, filho do governador, conduziu a pedra inaugural da nova igreja de São Francisco, a 20 de dezembro de 1686. O sobrinho, capitão Francisco Félix Botelho, representou que estava "totalmente leso e por essa razão incapaz de administrar seus bens pelos ir de

todo dissipando com a sua continuada louquice". Em vista disso o triunvirato, que governava a Bahia, mandou ao juiz de órfãos da vila de São Francisco o prendesse e remetesse para a cidade, a 23 de setembro de 1720, ***Doc. Hist.,*** v. 69, e v. 73, p. 294.

6. ESTEVÃO DE BRITO FREIRE. Casado com D. Violante de Meneses, entrou na irmandade da Santa Casa a 29 de setembro de 1664, ***L. de Irmãos, n. 2. fl. 40.*** É Violante D'Eça e Castro, viúva de Vasco Moniz Barreto, explica Macedo Leme, ***Genealogia,*** fl. 77 verso.

7. MANUEL BOTELHO DE OLIVEIRA, 1639 — 1711. Filho do capitão de infantaria paga Antônio Álvares Botelho, é o poeta da ***Música do Parnassó*** e da ***Ilha de Maré,*** onde lhe florescia o engenho de açúcar, primeiro brasileiro que publicou versos (proclamou em 1705). Bacharel em cânones pela Universidade de Coimbra, onde estudou de 1659 a 1665, ***Brasília,*** IV, p. 26; Fidalgo da Casa Real, vereador, capitão-mor das Ordenanças de Jacobina e distritos do rio do Peixe e Gameleiras, por ter emprestado 22 mil cruzados para as obras da Casa da Moeda, ***Livro de Patentes,*** 1678-88, ms. Arq. Públ. da Bahia.
— Veja-se Manuel de Sousa Pinto, prefácio à 2.ª ed. de suas ***poesias.***
— No Processo de Habilitação à Ordem de Cristo, alegou o filho, Estevão de Brito Freire: servira "de muitos anos a esta parte na ocupação de Advogado da Casa da Relação da mesma Cidade", "defendendo várias causas dos contradores dos dízimos reais, pescarias das baleias e direitos dos vinhos", de que resultou aumento à fazenda real; "e governando o Estado do Brasil Alexandre de Souza Freire com aviso que teve de se prepararem armadas do norte para invadir o dito Estado, tratando de se prevenir para a defesa, largar o exercício da advocacia e se oferecer voluntariamente como soldado da ordenança assistindo ao trabalho das trincheiras, plataformas e mais fortificacões que se fizeram, acudindo com seus escravos e madeiras para a preparação delas, e na contribuição dos donativos aplicados ao dote de Inglaterra, paz de Holanda, e do que lhe foi lançado para a despesa da guerra contra o gentio bravo, ser muito pontual e ultimamente sendo provido pelo governador geral D. João de Alencastro na serventia do ofício de Juiz dos Órfãos da mesma cidade por tempo de um ano, e obrigar o mesmo governador a continuar nele por reconhecer o zelo com que o servia: e a lhe pertencerem por sentença do juízo das justificações a ação dos serviços de seu irmão Antônio Botelho e de Antônio Maldonado, filho de Francisco de Maldonado e natural de Cantilhena; os de seu irmão obrados por espaço de 13 anos e 9 meses, de 23 de agosto de 650 até 12 de agosto de 665 naquela praça de soldado e alferes: os de Antônio Maldonado feitos na mesma praca do ano de 640 até o de 652 no posto de capitão de infantaria reformado, sendo provido pelo governador geral do Brasil o Conde de Castelo Melhor no posto de sargento-mor da ordenanca e indo derrotado no ano de 640 à ilha Espanhola de São Domingos ser mandado pelo seu capitão ao Reino, e tornando para a Bahia se lhe aclarar praça em 641, e continuando o servico real se achar no de 646 na peleja que houve com a gente da armada com que o general Segismundo foi sobre aquela praca saindo em terra, investindo-se o inimigo com tanto valor que se fez embarcar com perda de muita gente e algumas armas e da mesma maneira passando a barra de Peroari se pelejar com o mesmo inimigo que se achava em terra fazendo-o retirar a suas embarcacões com perda de gente, e passando à Itaparica aonde o inimigo se tinha aquartelado se achar na peleja que



com ele houve e durou espaco de duas horas, procedendo nas referidas ocasiões como muito valente e experimentado soldado, e exercitando o posto de sargento-mor o encarregar o governador geral corresse com as fortificacões nos rios do Recôncavo em cuja ocupação se portou com muito cuidado, e vigilância; e da mesma maneira se haver em tudo o de que foi encarregado, continuando até a reformação geral com dois escudos de vantagem por se haver assinalado na guerra". "Teve 20 mil réis de tenca dos quais logrará 12 a título de hábito da Ordem de Cristo" (portaria de 4 de marco de 1697). Portaria de 4 de novembro de 1711 fez mercê desses 12$ ao filho de Manuel Botelho de Oliveira, T.T., ***Habil. da Ordem de Cristo,*** E, m.5, admitido em 1724 naquela Ordem, com dispensa do impedimento — do avô paterno ter sido alfaiate, antes de ser capitão de infantaria. — Sobreviveu-lhe a mulher, D. Filipa de Brito Freire, que faleceu a 17 de outubro de 1724 e foi sepultada na igreja de S. Francisco, de onde era 3.º testamenteiro o filho Francisco Félix Botelho de Brito, ***L. de Óbitos de S. Pedro Velho,*** arq. da Cúria, fl. 204.
— Além dos filhos citados, há outro, Manuel, batizado na Conceicão da Praia a 21 de marco de 1696, ***L. de Batismos*** dessa freguesia, 1698 — 1709, arq. da Cúria.

8. FRANCISCO FÉLIX (BOTELHO DE BRITO). "Filho do capitão-mor Manuel Botelho de Oliveira, vereador que foi da Câmara da mesma cidade", "aparentado com as pessoas nobres dela, o qual deixou de continuar os seus estudos por Servir a S. Majestade", diz a patente de capitão da Ordenança do distrito do Terreiro, na Bahia, regimento do coronel Sebastião da Rocha Pita, 22 de novembro de 1702, Arq. Públ. da Bahia, ***Patentes de 1696 a 1703,*** fl. 403. Pediu em 1720 providências contra a prodigalidade do tio Gaspar de Brito, como dissemos na nota anterior. Serviu na praça da Bahia de 30 de setembro de 1702 a 4 de fevereiro de 1721, T.T., ***Habil. da Ordem de Cristo,*** m. 46, n. 86. O sobrinho, Antônio de Brito Freire, para ser dispensado de qualidade, apresentou a relação de seus serviços, T.T., ***Habil.***, letra A, m. 47, n. 86. Cavaleiro da Ordem de Cristo em 1724, T.T., ***Habil.,*** m. 34, n. 137. Faleceu solteiro a 5 de maio de 1730, testamenteiros o irmão Dr. Estevão de Brito Freire e o cunhado Jerônimo da Silveira de Albuquerque, ***L. de Óbitos de S. Pedro Velho,*** arq. da Cúria.

9. ESTEVÃO DE BRITO FREIRE. 3º filho de Manuel Botelho de Oliveira, nasceu em 1678 (com 44 anos em 1724, quando testemunhou em ***Processo de Habilitação à Ordem de Cristo,*** T.T., m. 4), foi aos 16 anos para Lisboa (declarou também testemunhando processo semelhante, em 1751, ali morador, na Bica de Artibelo), doutorou-se em cânomes na universidade de Coimbra, em 1700 (***Brasília***, IV, v. 61). Vivia de sua fazenda. Figura entre os senhores de engenho de Santo Amaro, na Bahia, Caldas, ***Notícias***, 1757, p. 223. Instituiu vínculo de suas terras de São Pedro Velho, de que foi administrador da irmandade do Carmo, Publicação do ***Arq. Públ. da Bahia, Tombo dos bens das Ordens***, VI, p. 19 e seguintes. Era cavaleiro da Ordem de Cristo. Sua irmã Maria faleceu em Santo Amaro, 15 de janeiro de 1763.

10. D. JERÔNIMO DA SILVEIRA (E ALBUQUERQUE). De Lisboa, filho ***natural*** (diz o seu registro de óbito) de D. Álvaro da Silveira e Albuquerque e D. Francisca de Souza. Capitão na Bahia, 12 de agosto de 1717, Arq. Públ. da Bahia, ***Patentes***, fl.

63 verso. Viúva, morreu a mulher, D. Maria de Brito Freire, a 15 de janeiro de 1763, ***L. de Óbitos de Santo Amaro***, arq. da Cúria: universal herdeiro, o sobrinho Alexandre Furtado de Mendonça. O filho, D. Álvaro João da Silveira, cavaleiro da Ordem de Cristo, faleceu a 4 de julho de 1741, ***L. de Óbitos de S. Pedro Velho***, arq. da Cúria. E ele, a 31 de julho de 1759, ***L. de Óbitos*** cit., sendo sepultado no Hospício dos Capuchinhos, à Piedade, com 400 missas de corpo presente.

11. ANTÔNIO DE BRITO FREIRE. De Lisboa, fidalgo da Casa Real, embarcou para a Índia na monção de 1720, recebendo o hábito da Ordem de Cristo, T.T., ***Habil.***, m. 47, n. 86, capitão de mar e guerra, comandou, a partir de 1745, a nau em viagem todos os anos, à Bahia, ***Anais da B.N.***, v. 31, p. 4. A mais notável das viagens foi a de 1760, em que transportou para o Reino os jesuítas expulsos do Brasil, ***Anais do Arq. Públ. da Bahia***, v. 8, p. 20 e seguintes, com as atenções que louva o padre José Caieiro.

12. BALTAZAR BARBOSA (D'ARAÚJO). Sua mãe chamava-se Violante Gonçalves. Nasceu em Arcos, 1546, pois em 1591 tinha 45 anos, ***Denunciações da Bahia***, p. 149. Veio em 1571 ("há vinte anos"). Sofreu naufrágio, e morou em Sergipe. Lavrava canas, ***Denunciações***, p. 274. Era meio irmão de Francisco de Araújo, Fr. Jaboatão, ***Novo Orbe***, I, p. 33. Carta de 12 de dezembro de 1611, deu-lhe 300 braças de terra em Sergipe do Conde, ao longo do rio (***Publ. do Arquivo Nacional***, XXVII, p. 42).

13. CRISTÓVÃO DE SÁ BETENCOURT. Confessou à Inquisição, em 1591, "ser cristão velho natural de Lisboa, filho de Francisco Álvares Ferreira de Betancourt (sic) e de sua mulher Isabel Correa de Almeida, casado com Francisca Barbosa, cristã velha, lavrador de idade de 30 anos", ***Confissões da Bahia***, p. 100; irmão de D. Joana de Sá Bittencourt (n. 4). Morava em Sergipe do Conde.

14. ANTÔNIO DE SOUZA DORMONDO. Veja-se ***tít. de Dormondo***. Descendência de Antônio de Souza Dormondo e D. Joana Barbosa.

15. MARIA BARBOSA. Mulher de Gaspar Dias Barbosa, adiante.

16. DOMINGOS BARBOSA DE ARAÚJO. É o sobrinho de Belchior Dias Moréia, seu procurador na corte, Varnhagen, ***Hist. Geral***, 3.ª ed., II, p. 82, Pedro Calmon, ***O Segredo das Minas de Prata***, p. 16, Rio, 1950. Ainda em 1626 vereador na Bahia.

17. BARTOLOMEU MADEIRA DE SÁ. Veja-se ***tít. dos Palhas***, n. 3.

18. Veja-se ***tít. Teixeiras e Mendonças.***

19. FILIPE DE LEMOS. Com sua mulher Francisca Barbosa de Araújo, avô materno de Antônio Gallas da Silveira, de quem trataremos. ***Tít. Monizes do Socorro e Fluzas.***

20. BALTAZAR BARBOSA. Os filhos de Cristóvão de Sá Betencourt, conforme o ***Livro Velho do Tombo de São Bento,*** p. 337: Baltazar Barbosa, Francisco de Sá Betencourt, Lourenço de Lemos, Maria Barbosa, Águeda de Lemos e Joana.



21. GASPAR DIAS BARBOSA. O moço. Veja-se ***tít. Rocha e Sá Sotomaior,*** n. 4: de quem o desembargador Baltazar Ferraz comprou o engenho de Cotegipe. Irmão de Belchior Dias Barbosa, casado com Maria da Rocha Pita, domiciliado (em 1641) em Sergipe, ***Livro Velho do Tombo de São Bento,*** p. 19. Filhos de Gaspar Dias Barbosa, que em 1591 disse ao Santo Ofício "ser cristão velho, natural de Viana da foz do Lima, filho de Gaspar Dias Vicente e de sua mulher Briolanja Barbosa, defuntos, cidadão desta cidade, de 60 anos, casado com Francisca Pinheira" (2.ª mulher; enteado, Onofre Pinheiro, ***Denunciações*** cit., p. 340). Esse Gaspar Dias ***o velho*** falou em sucessos de Porto Seguro em 1547, ***Denunciações,*** p. 340; testemunhou em 1580, com Gabriel Soares, doação feita aos beneditinos, ***Livro Velho*** cit., p. 405, tinha em Matoim engenho de bois de duas moendas, "peça de muito preço, o qual tem nele uma igreja de Santa Catarina", e à entrada do Paraguaçu a ilha "que se chama de Gaspar Dias Barbosa", Gabriel Soares, ***Tratado Descritivo,*** pp. 123, 134 e 140.

22. DIOGO DE AMORIM SOARES. Irmão de Francisco Soares (já o dissemos), cf. ***Denunciações de 1591,*** p. 468.

23. JOÃO DE FIGUEIREDO MASCARENHAS. João de Figueiredo bombardeiro, dos que vieram com Tomé de Souza, recebia soldo de dezembro de 1550 a janeiro de 1551, ***Doc.Hist.,*** v. XIV, p. 103. No ***Livro Velho*** de família, uma das fontes do ***Catálago*** de Fr. Jaboatão, se lê que João de Figueiredo Mascarenhas, o ***Buatucá*** (traduzamos, ***cobra caçadora***) — "fez grandes serviços a Deus e el-rei, conquistando a maior parte dessas capitanais, pelo que el-rei lhe escrevia que o estimava muito". O linhagista alterou a frase: "lhe escrevia e o estimava muito". Tomé de Souza armou-o cavaleiro, mercê confirmada pelo rei, em 1564. Foi em 1557 testamenteiro de Caramuru (Fr. Jaboatão, ***Novo Orbe,*** I, p. 18) "Morreu de meia idade", ***Livro Velho,*** citado. E nossa ***História da Fundação da Bahia,*** p. 94, Bahia, 1949.

24. FRANCISCO DE BARROS. Veja-se ***tít. Sucessão da 4.ª filha de Apolônia Álvares.*** É o valoroso Francisco de Barros, cuja lousa sepulcral se acha na igreja da Vitória.

25. CURA JOÃO LOURENÇO. Vigário, a partir de 1556, Capistrano de Abreu, nota à ***Hist. Geral,*** de Varnhagen, I, p. 320. Denunciando ao Santo Ofício, em 1591, André Fernandes disse "ser cristão velho natural d'Elvas, filho natural de João Lourenço, que depois se fez clérigo que foi arcediago na Sé desta cidade e de Leonor Sotil, mulher parda, defuntos", ***Denunciações da Bahia,*** p. 501.

26. ANTÔNIO DE PAIVA. Alude Gabriel Soares a "uma ilha de Antônio de Paiva (no Paraguaçu) que está aproveitada com canaviais", ***Tratado Descritivo,*** p. 141. Filho deste o capitão Jerônimo Álvares de Figueiredo, que, em 1638, comandou uma companhia, na defesa da cidade?

27. ANTÔNIO GUEDES DE PAIVA. Pela patente de coronel, se vê que foi bravo soldado. Pertencendo à companhia capitaneada por Bernardo Vieira Ravasco, no governo do conde de Castelo Melhor foi, "em duas canoas de pescadores de noite" da praia da cidade à ilha de Itaparica, "com risco de vida e por uma notável

tempestade que naquela noite sobreveio" ao encontro das quatro naos holandesas fundeadas na barra do Paraguaçu, ameaçando os engenhos do Recôncavo. "Passou perto das mesmas naos a recolher pelo mesmo rio a sua companhia que nele estava com o seu Terço para defesa daqueles engenhos". "Marchou com Estevão Baião Parente na conquista dos Bárbaros". Destacou-se na cobrança do dote da Rainha da Grã Bretanha, Arq. Públ. da Bahia, ***Registro das Patentes de 1678 a 1688,*** fl. 255. — Vizinhava, no Salgado com Antônio Guedes de Brito, em 1652 ***Anais de Arq. Públ. da Bahia,*** v. 32, p. 324, que trata das questões que os separaram. — Capitão da Ordenança de Santo Amaro de Tucuruna, em 1667, ***Doc. Hist.,*** v. 31, p. 374, sargento-mor do Regimento de Guilherme Barbalho Bezerra, em 1681, Arq. Públ. da Bahia, Registro cit., fl. 88 v., cavaleiro de Avís, subiu a coronel das sete companhias a 6 de março de 1687, ***id.,*** fl. 255.

28. FRANCISCO FERNANDES PACHECO. Tinha em 1675 trinta e cinco anos de "praça de soldado, cabo de esquadra, sargento, alferes, ajudante e duas vezes capitão vivo e reformado", 16 anos em Pernambuco, destes quase 10 na guerra "naquela campanha desde seu princípio até a restauração do Recife, e aos mais nesta praça e Angola a que foi de socorro em uma companhia de infantaria", diz a patente que o reinvestiu como capitão, Arq. Públ. da Bahia, ***Registro de Patentes de 1657 a 1678,*** fl. 285 (enumerando as ações em que se distinguiu, em Pernambuco, no Rio Grande do Norte, na Paraíba). Ganhou um escudo de vantagem, alvará do Recife, 30 de agosto de 1654, ***Doc. Hist.,*** v. 20, p. 134. Foi para Angola (ajudante de sargento-mor do terço de D. João de Souza, 1659, Arq. Públ. da Bahia, ***Registro de Patentes,*** cit., fl. 24), em 1664, ***Doc. Hist.,*** v. 21, p. 332, e lá reformado pelo governador André Vidal de Negreiros em 1672, ***Doc. Hist.,*** v. 25, p. 30. Em 1678 recebeu ajuda de custo de 60$ "para se apresentar para a jornada do salitre", ***Doc. Hist.,*** v. 32, p. 89. Irmão da Santa Casa da Bahia, 22 de abril de 1671, ***L. de Irmãos,*** 2, fl. 463.

29. JOÃO ÁLVARES DE VASCONCELOS. Formado em Coimbra em 1693, ***Brasília,*** IV, p. 50, médico do presídio e da cidade da Bahia, 29 de janeiro de 1696, ***Doc. Hist.,*** v. 57, p. 63, era viúvo de D. Antônia de Meneses, natural de S. Miguel de Cotegipe, quando morreu; sepultado no Carmo, onde H. Neeser lhe identificou as armas na pedra sepulcral, ***Revista do Instituto Genealógico da Bahia,*** n. 7, p. 161.

30. MARCOS DE BETENCOURT. Com 20 anos de serviço, promovido a sargento-mor do Partido de que era coronel Lourenço Barbosa da Franca. Ajudara a defender os engenhos ameaçados pelos holandeses, de Lichtardt, e evitou que o de Pitanga fosse queimado. Protegeu a barra de Matoim onde se refugiaram os barcos portugueses. Substituiu (14 de maio de 1678) aquele coronel. Os deveres do posto não permitiram aceitasse a vereança, comunicou o governador à Câmara, 16 de janeiro de 1673. Do 2.º casamento, com D. Ângela de Meneses, de Cotegipe: Leonor, mulher do capitão João de Brito de Souza, do Jacuípe, filho do capitão João de Brito e D. Maria de Souza, ***L. de Irmãos da Santa Casa,*** 1720. Mais largamente diremos de seu sobrinho, o alcaide-mor Francisco Teles de Meneses.

31. Veja-se o nosso livro ***O crime de Antônio Vieira,*** S. Paulo, 1931.



32. RUI DIAS DE MENESES. Diz a patente de capitão de Picas da Infantaria portuguesa: "me consta haver servido a Sua Majestade desde sua feliz aclamação até o presente assim na Armada Real como no Exército do Alentejo, achando-se nas ocasiões que no decurso desse tempo ofereceram e ultimamente embarcastes na armada com que passei a socorrer e governar este Estado...", Arq. Públ. da Bahia, ***Patentes,*** fl. 95 verso. Tinha cinco irmãos no Reino "a quem devia ir dar estado decente à sua qualidade", motivo por que se lhe concedeu viajar para Lisboa, 25 de abril de 1650, Arq. Públ. da Bahia, ***Álvarás de 1630 a 1676,*** fl. 12.

33. Morreu a 8 de julho de 1708, Macedo Leme, ***Genealogia,*** fl. 15 verso.

34. ANTÔNIO JOSÉ DE SOUZA PORTUGAL. Capitão do Regimento Velho, sucedeu a Domingos Borges de Barros como ajudante das ordens, de 1756 a 1759, quando passou a sargento-mor do Regimento Novo, J. de Mirales, ***ibid.,*** p. 58; na Academia Brasílica dos Renascidos, "cidadão, da ordem dos vereadores". Substituiu em 1770 D. José de Mirales como tenente coronel de infantaria. Habil. oficial, ***Anais da B. N.,*** v. 31, p. 245, em 1777, pleiteando promoção, alegava ter quarenta anos de serviço, destes 28 na Bahia, para onde viera em companhia do pai, coronel Manuel Domingues Portugal, ***Anais*** cit., v. 32, p. 389. Opinou o governador que era todavia incompetente para comandar o regimento, ***ibid.,*** p. 591. Alcançou o coronelato do 1.º de linha, mas em 1790 (Pedro Calmon, ***A Bala de Ouro,*** p. 31, Rio, 1947). Senhor do engenho de Santo Estevão, morreu em 1795, ***Anais da B. N.,*** v. 34, p. 354.

    Filhos: Caetana Josefa, que casou com o capitão Nicolau Carneiro da Rocha e Meneses; Pedro Alexandrino de Souza Portugal, adiante.

35. MANUEL DOMINGUES FERREIRA BARBUDA DE VASCONCELOS. "Perdeu a vida governando a praça de Salvaterra do Extremo na guerra de 700", lembra o neto, Antônio José de Souza Portugal, em 1777, ***Anais da B. N.,*** v. 32, p. 389.

36. PEDRO ALEXANDRINO DE SOUZA PORTUGAL. Capitão, casou na freguesia do Pilar com Luiza Rosa de Gouveia (15 de agosto de 1787), filha do tenente Antônio Nunes de Gouveia, do Regimento de Artilharia Auxiliar. Filha: Maria do Carmo. Casou, em 1814, com Domingos Borges de Barros, depois visconde de Pedra Branca. Veja-se ***tít. Borges de Barros.*** Quando morreu, a 11 de outubro de 1818, ***Livro de Irmãos da Santa Casa,*** 5, fl. 187, era coronel agregado ao 1.º Regimento de Infantaria. Luiza Rosa sobreviveu ao marido e à filha viscondessa. Faleceu a 7 de maio de 1836. O filho (homônimo) foi tesoureiro da Província, muito protegido da prima, condessa de Barral.

37. MANUEL DA ROCHA DÓRIA. Morreu a 29 de dezembro de 1753, inventariante dos bens sua mulher, Maria de Jesus, deixou sete filhos, ***Anais do Arq. Públ. da Bahia,*** v. 37, p. 28.

38. SIMÃO DE AVELAR. Feitor da abertura da Anfândega da Bahia, natural da freguesia de São Pedro, tinha 75 anos em 1764, T.T., ***Habil. à Ordem de Cristo*** m. 39, n. 12 (testemunha).

39. ISABEL DE BRITO CORREA. O marido, ***João Correa Arnao,*** era filho de Manuel Marques Teixeira e Catarina Correa Arnao. Nasceu em Tentugal, no Reino, e em 1664 ingressou na Irmandade da Santa Casa, ***Livro de Irmãos,*** n. 2, fl. 201. Em 1659, "pessoa de sã consciência e bom entendimento", encarregado de cobrar a finta sobre o gado, para sustento da infantaria, ***Atas da Câmara da Bahia,*** IV, p. 16.

40. MANUEL CORREA DE BRITO. Entrou na irmandade da Santa Casa a 20 de julho de 1701. Morava na Praia, em casas fronteiras ao convento do Carmo, diz escritura de 1717, ms. no Arquivo do mesmo convento. Morreu a 28 de setembro de 1750, ***Livro de Irmãos*** da Misericórdia, n. 4.

41. FRANCISCO PEREIRA DE CASTRO (PEREIRA). Sargento-mor, filho de Agostinho de Castro Pereira e D. Catarina de Brito, neto paterno de Francisco de Castro Pereira e D. Marta de Souza, naturais da Bahia, casado com D. Maria Paes, filha de Manuel Martins Brandão (abaixo) e D. Catarina Paes ***de Castro,*** neta paterna de Francisco Fernandes e Beatriz Martins Brandão, da Ilha da Madeira, e materna de Manuel de Oliveira, do Castelo da Vide, e Maria Paes da Costa, da Bahia, ***Termo de Irmão*** da Misericórdia, 12 de abril de 1699, L. 3, fl. 69.

42. MANUEL DE FIGUEIREDO MASCARENHAS. Lê-se na ***inscrição lapidar*** existente na igreja da Vitória, na Bahia. "Foi reedificada por João Correa de Brito e seu irmão Manuel de Figueiredo. Acabou a reedificação seu sobrinho e herdeiro, cavaleiro de S. Bento de Avís e capitão de mar e guerra do galeão N. S. do Populo, em 10 de junho de 1666". Este: Manuel de Figueiredo Mascarenhas, nomeado exatamente a 4 de junho de 1666 capitão de mar e guerra daquele galeão, em sucessão de D. Pedro de Lencastro que o trouxera da Índia, Arq. Públ. da Bahia, ***Registro de Patentes de 1657 a 1678***, fl. 118. Fora elevado a capitão de infantaria a 15 de março de 1663 (***Doc. Hist.***, VII, pp. 110-1), "em consideração dos serviços que lhe fizestes (a El-rei) na India em que passastes em minha companhia (do conde de Óbidos), e na fronteira do Alentejo, com a qual viestes fazendo o ofício de capitão de mar e guerra na nau em que vim governar este Estado". Em 1665 defendera a vila de Cairu, ameaçada dos aimorés, ***Doc. Hist.,*** VII, p. 217. No galeão N. S. do Populo levou para Lisboa cem soldados, portaria de 11 de agosto de 1666. Diz o alvará de 23 de maio de 1669 (depois de resumir aqueles serviços), procurador da vila de Loulé participou das Cortes que se fizeram em Lisboa, "com particular zelo", pelo que se lhe concedeu "a promessa de 20$ de pensão e 20 efetivos em alguma das comendas que se houverem de apensionar da Ordem de Cristo", em favor do filho, Diogo Mascarenhas (abaixo), T.T., ***Habil. da Ordem de Cristo***, D, m. 12, n. 62. Filhos (do casamento com D. Luiza Paes Brandão):

1. Diogo Mascarenhas, nascido em 1659 (tinha 10 anos, quando o pai tratou de incluí-lo na Ordem de Cristo, o que conseguiu em 1676, T.T., ***Habil.,*** D, m.12, n.63).

2. Pe. José de Figueiredo Mascarenhas, 1.º vigário de Jacobina, por seus malefícios preso e suspenso de ordens, Afonso Costa em ***Anais do 4.º Congresso de História***, IX,p.233.

3. João de Figueiredo Mascarenhas, que, com o irmão André, figurou na ***Academia Brasílica dos Esquecidos*** (tomo 2.º, pp. 253, 272, 297, 353, L. 3.º, p. 95), poeta, Irmão da Santa Casa da Bahia, 31 de julho de 1721, ***L. de Irmãos,*** n. 3.



4. Pe. André de Figueiredo Mascarenhas (abaixo).

5. Manuel de Figueiredo Mascarenhas, Irmão da Santa Casa, 1.º de abril de 1692, L. 2, fl. 841.

Há outros dois do mesmo nome, o ***emboaba,*** morador em Pitangui, Minas Gerais, em 1719, que Feu de Carvalho diz ser filho do Pe. André de Figueiredo Mascarenhas (***Anais do Museu Paulista,*** IV, pp. 631 e segs.), e o capitão-mor de Jacobina em 1749, Arq. Públ. da Bahia, ***Registro de Patentes de 1745 a 1750,*** fl. 189 verso.

43. MANUEL MARTINS BRANDÃO. O nome da mulher: Catarina de Paes, filha do português Manuel de Oliveira e da baiana Maria Paes da Costa, diz-se no termo de posse do filho, Miguel Martins Brandão, como Irmão da Santa Casa, 12 de abril de 1699, L. 2, fl. 71. Viúvo, faleceu Manuel Martins Brandão a 25 de junho de 1697, ***L. de Óbitos*** de Itapororocas, arq. da Cúria. Filho: José de Oliveira Brandão, bacharel em Cânones de 1696, ***Brasília***, IV, p.53., do hábito de S. Pedro, falecido a 29 de abril de 1720, ***L. de Óbitos de S. Pedro Velho,*** arq. da Cúria.

44. ANDRÉ DE FIGUEIREDO MASCARENHAS. Padre, autor de sonetos estimáveis, v.g., Amor com amor de paga, O Movimento Academicista no Brasil, III, p. 198, pertenceu como dissemos, à Academia Brasílica dos Esquecidos. Seria seu filho ***Manuel de Figueiredo Mascarenhas,*** que morava nas Minas em 1719. Amotinados contra o capitão general conde de Assumar, os paulistas prenderam um negro de Manuel de Figueiredo Mascarenhas, que levava para ele o roteiro dos caminhos por onde melhor conquistaria Pitangui, e tomados de fúria o assassinaram. O criminoso, informou Assumar, foi Domingos do Prado. Deixou a vítima "quatro filhas donzelas ao desamparo", ***Revista do Arq. Públ. Mineiro,*** ano 24, II, p.638. "Desejei nesta ocasião usar dos mesmos meios dos paulistas para assassinar a todos, porque são a mais vil canalha de vassalos que el-rei tem", carta de 5 de dezembro de 1719. (Sobre os acontecimentos de Pitangui, nossa ***História do Brasil,*** IV, p. 1018). O Prado referido é Domingues Rodrigues do Prado, veja-se Afonso Taunay, ***História Geral das Bandeiras Paulistas,*** X, p.51 e seguintes. Seu parente Domingos Dias do Prado por outras culpas, em 1724, no Rio das Contas, foi degolado na Bahia com o irmão, Francisco, ***Doc. Hist.,*** v. 71, p.323. Mas Manuel de Figueiredo Mascrenhas não morreu. Coronel, em 10 de novembro de 1725 escrevia-lhe o vice-rei Vasco Fernandes Cesar de Meneses, para que ajudasse o Guarda-mor das Minas a cobrar os quintos do ouro, ***Doc.Hist.,*** v. 72, p. 212.

45. JOÃO CORREA DE BRITO. Capitão da Ordenança de Inhambupe, deixou o posto em 1693, Arq. Públ. da Bahia, ***Registro de Patentes de 1688 a 1696,*** fl. 255.

46. JOÃO CORREA ARNAO. Um dos homens bons da terra, incumbiram-no, em 1659, de cobrar a finta sobre os gados, ***Atas da Câmara,*** II, p. 14.

47. JOSÉ PEREIRA MASCARENHAS. O capitão deste nome aparece casado com Catarina Pereira da Rocha, batizando o filho José, em 1724, ***L. de Batismos do Iguape,*** arq. da Cúria.

48. FRANCISCO DE CRASTO. Valente capitão na guerra aos holandeses, em 1624 e 1625 (Fr. Vicente do Salvador, ***op.cit.,*** pp. 530 e 551), antigo escrivão da Santa Casa da Misericórdia, com Francisco de Barbuda e Jorge Araújo de Góes contribuiu para que se lhe refizesse o patrimônio (***Livro 1.º do Tombo***). Era falecido em 1645, quando o substituiu na guarda caixa dos órfãos Gregório de Matos, pai (***Anais da Câmara, Bahia,*** II, p. 292).

49. FRANCISCO PEREIRA DE CRASTO. Corrija-se: ***Crasto Pereira,*** filho de Agostinho de Crasto Pereira e Catarina de Brito, também baianos, neto paterno de Francisco de Crasto Pereira e Marta de Souza (da Bahia), neto materno de Francisco Pereira de Abreu, de Ponte de Lima, e Catarina Correa de Brito, da Bahia, casou com Maria Paes, filha de Manuel Martins Brandão e Catarina Paes da Costa, sargento-mor da Ordenança, a 9 de janeiro de 1687, Arq. Públ. da Bahia, ***Registro das Patentes de 1678 a 1688,*** foi Irmão da Santa Casa, 12 de abril de 1699, ***L. de Irmãos,*** 3, fl. 69.

50. PEDRO MARINHO SOTOMAIOR. Capitão, foi da governança da terra, chamado, com os principais dela, para deliberar sobre o pagamento às tropas, 1649, contratador, em 1648, da arrecadação dos dízimos da Bahia, ***Doc. Hist.,*** v. 19, p. 278, eleito, em 1656, para cobrar o tributo, ***Atas da Câmara,*** III, p.329, Juiz ordinário, 1654, vereador, 1655. Sua mulher, D. Filipa de Almeida, filha de Manuel Soares Barreto, da ilha da Madeira, moço fidalgo, e D. Margarida, filha de Rodrigo de Almeida e D. Margarida Pereira de Crasto, que vieram casados do Porto, ***Genealogia,*** ms., arq. do anotador.

    Teve a mercê do hábito das três Ordens militares, em 1640, pelos serviços prestados na Bahia, Pernambuco, cabo de Santo Agostinho, Itamaracá, Porto Calvo e Sergipe, Carvalho Franco, ***Nobiliário Colonial,*** p. 147.

51. MARTA (MARIA) DE SOUZA. Casou com o primo Franscisco Pereira de Crasto, sobrinho de seu tio doutor Pedro Marinho Sotomaior, com quem foi viver no Reino, em Arcos de Val-de-vez, "onde os seus descendentes tiveram casas que se conservam em Afonso Pereira de Crasto, seu filho, que ao presente vive com netos", diz a ***Genaalogia***, ms., que temos em vista.

    Outro Francisco de Crasto Pereira (filho daquele?) casou com Josefa de Souza. Sua filha Luciana foi batizada em 1737, ***L. de Inhambupe,*** arq. da Cúria.

52. MANUEL ÁLVARES LEITÃO. Filho de Manuel Coelho e Francisca de Brito, ***L. de Batismos de Inhambupe,*** 1718-49, arq. da Cúria.

53. ANTÔNIO DE BRITO PEREIRA. Capitão do Regimento Novo, do coronel Antônio da Silva Pimentel, em 1687, ***Doc. Hist.***, v. 32, p. 251.

54. SEBASTIÃO DE BRITO CORREA. Filho de Aires Nunes e Brites Correa, segundo a ***Árvore de costado das Famílias Ilustres de Portugal***, organizada por Antônio Peixoto de Queirós e Vasconcelos em 1775, códice da Biblioteca Nacional de Lisboa, "Bastião de Brito Correa teve patente, 27 de maio de 1598, de capitão do forte de Santo Antônio, que se começava a edificar na cidade, códice do ***Conselho Ultramarino***, I, fl. 162, no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Comprou em 1603 fazendas de cana ligadas ao engenho do Conde, que lhe herdou o filho Lourenço de Brito Correa, ***Doc. Hist.,*** v. 62, p. 291. Faleceu a mulher a 14 de janeiro de 1602 e ele a 19 de fevereiro de 1608. Sepultados na capela da Ajuda. "Lourenço de Brito Correa, filho do dito Sebastião de Brito Correa", Macedo Leme, ***Genealogia***, fl. 15.

55. LOURENÇO DE BRITO CORREA. No ***Livro do Tombo do mosteiro de São Bento***, n. 4, há o traslado da carta de sesmaria de Diogo Álvares, "avô de Lourenço de Brito Correa, de terras circunvizinhas à ermida da Senhora da Graça, que deixou este ao "convento com a dita ermida" (20 de dezembro de 1636). Diz-se na referida ***Árvore de costado*** (nota anterior) que foram seus filhos Lourenço, José, Filipe, Lourença, mãe de Catarina, que casou com o desembargador Bernardo Ferreira Vilas Boas.

56. Da citada ***Árvore das Famílias Ilustres de Portugal***, fl. 103: casou JOÃO DE BRITO CORREA com Inês de Araújo, filha de Gonçalo Moreira de Altro, do Porto e Margarida de Araújo. Filhos: Manuel, Maria, Margarida.

57. ANTÔNIO GUEDES. Disse ao Santo Ofício, em 1591, "ser cistão velho natural de Tarouca, filho de Rui Guedes e Ana de Lisboa sua mulher, de idade de trinta e um anos, tabelião nesta cidade casado com Maria Pires". "Viera com a mulher haverá dez meses". Fora apresado pelos corsários ingleses. "Haverá quatro anos" estivera em Porto Seguro. ***Denunciações da Bahia, pp. 343-4***. D. Filipa foi segunda esposa. Declarando (Confissões, p. 51) ter vindo do Reino com sua mulher e família a estas partes para viver — conseguiu a 12 de janeiro de 1598, sesmaria, onde mandou "situar um curral de gado vacum, nas terras da capitania da Cidade de São Cristóvão" pensando fazer maior povoação, no mesmo ano requereu novas terras, ms. do convento do Carmo da Bahia, ***Livro do Tombo I***, fl. 109. Em 1609, ano em que averbou o testamento de Garcia d'Ávila, teve mais seis léguas nas cabeceiras do Rio Real, Felisbelo Freire, ***Hist. Territorial***, p. 28, e dez entre o Inhambupe e o Itapicuru, começo do imenso domínio dos Guedes — futura casa da Ponte. — Ficou-lhe do primeiro casamento o filho, Manuel Guedes, ***Denunciações cit., p. 421, Confissões***, p. 66, herdeiro do cartório, e da sesmaria de Itiuba. É o padre Manuel Guedes Lobo, que, com Sebastiana de Brito, Maria e Ana Guedes, obteve sesmaria a 14 de dezembro de 1612, chamada de Tocós, por elas doada a 9 de setembro de 1651 ao sobrinho Antônio de Brito Correa. Filhas ainda das primeiras núpcias, Sebastiana de Brito casou com o capitão Francisco Barbosa de Paiva, que, em 1652, vendeu ao cunhado Antônio de Brito Correa a sua parte naquela sesmaria, como em 1676 declarou este, justificando a origem de seus bens, e Maria Guedes (adiante). É a mulher de Antônio de Brito Correa. Em codicilo ao seu testamento, aprovado a 12 de abril de 1619, declarou Antônio Guedes, deixava filho por nascer, e se chamaria Antônio: Fr. Antônio do Espírito Santo (adiante), ***Livro II do Tombo do convento do Carmo da Bahia***, fl. 4.

58. ANTÔNIO (FR. ANTÔNIO DO ESPÍRITO SANTO). Nasceu dias depois de aprovado o testamento do pai, que o contemplou, com o mesmo quinhão dos irmãos (23 de julho de 1619, diz Fr. Jaboatão). Antônio fez-se carmelita. Ganhou na Casa da Suplicação, em Lisboa, a 2 de junho de 1644, sentença assegurando-lhe a herança paterna, ms., ***Livro II do Tombo do Carmo da Bahia***, fl. 4 e seguintes.

59. SEBASTIÃO DE BRITO CORREA. Leia-se, ***Antônio Guedes.***

60. ANTÔNIO DE BRITO CORREA. Engana-se Fr. Jaboatão. Maria Guedes era filha do tabelião Antônio Guedes. Nasceu Antônio de Brito Correa em 1597 (disse em 1660 ter 63 anos), Fr. Jaboatão, ***Novo Orbe***, I, p. 207. A enumeração de seus serviços consta da patente que elevou o filho, Antônio Guedes de Brito, a capitão, em 1667, ***Doc. Hist.***, v. 22, p. 400. Isso, "de haver seu pai Antônio de Brito Correa ocupado o posto de alferes da companhia de Lourenço de Brito Correa, que fazia oposição ao inimigo, e achando-se nas ocasiões que se ofereceram, principalmente na de 9 de março de 1624 em que o holandês tomou esta praça, se achar com o dito seu capitão na defesa do forte novo S. Filipe Santiago que o inimigo tinha cercado com 28 lanchas, e estavam nele muitos flamengos e investindo-os com seu capitão e mais seis homens os fizeram lançar ao mar do forte matando-se vinte e tantos e ficar ferido em um braço esquerdo, de que esteve em perigo de morte, na de 13 de setembro de 1624 em que estando de posse desta cidade, lançando 200 homens para o distrito de Vila Velha a tomar algum gado, marchou o dito alferes com toda a companhia a impedir-lhe que o levasse, havendo-se com tanto valor que o fez retirar a costas viradas até se meterem em suas lanchas, matando-lhes e ferindo muita gente; e no mesmo dia saindo o inimigo até o mosteiro de São Bento se teve com ele uma travada pendência, de 18 de outubro de 1624 em que obstando o dito inimigo com 600 homens e mais de cem negros a roçar os matos da fonte nova para receberem muito dano deles, a utilidade do dito alferes fez com que os de sua companhia que investisse à espada e obrou com ela de maneira que se mataram duzentos holandeses e noventa e tantos negros fugindo os mais e largando muitas armas; na de 21 de novembro de 1624 estando holandês de posse desta cidade lançando fora dela 400 homens para S. Bento a cortar a nossa gente lhe deram muitas cargas que os fizeram retirar, matando-lhe e ferindo muita gente; na de 30 de dezembro de 1624 em que o inimigo mandou dez lanchas e dois patachos aos engenhos de Itaparica para os queimar e tomar o açúcar que neles havia o que conseguiria se o dito alferes Antônio Correa de Brito se não achara acaso ali por ter ido com licença a buscar mantimentos para seu sustento o qual, vendo o intento do inimigo correu com alguns moradores e outra gente e fez com eles uma trincheira em que lhe teve o encontro, pelejando com ele com tanto valor que lhe matou muita gente e prendeu uma lancha; em que vindo o general dos holandeses Pedro Peres com uma armada para tirar do porto desta cidade os navios que nele estavam em defesa deles, pelejou com muito valor na companhia de Filipe de Moura Albuquerque, e ultimamente na de abril e maio de 1638 em que conde de Nassau veio sitiar esta praça por mar e terra se achou em defesa dela nas duas investidas que o inimigo fez para ganhá-l..." (Também Braz do Amaral, notas às ***Memórias Históricas e Políticas*** de Accioli, II, ***Doc. Hist.***, v. 23, p. 83).

Tabelião em 1631, Borges de Barros, ***O Senado da Câmara***, p. 31, alargou o domínio herdado (1652 e 1655), instituindo o "vínculo ou morgado" que se chamará, um século depois, da ***Casa da Ponte***.

Do testamento do 6.º Conde da Ponte (1809): "bens pertencentes ao vínculo ou morgado que Antônio de Brito Correa e a sua mulher Maria Guedes instituiram com a cláusula de se estabelecerem em Portugal, cujos bens é o engenho da Mata de São João com os seus pertences e as terras do distrito de Jacobina". ***Anais do Arq. Públ. da Bahia***, v. 28, p. 46.



— O tio, ***Lourenço de Brito*** (Correa) é o heróico defensor da cidade quando, em 1624, a atacaram os holandeses (Fr. Vicente do Salvador, ***Hist. do Brasil***, pp. 510, 518). Tentou libertar o governador Diogo de Mendonça Furtado, preso deles, ***ibid.***, p. 518. Fidalgo da Casa Real e professo na Ordem de Cristo, governou interinamente a Bahia em 1641. Instituiu morgado de grossas fazendas, com a cláusula de que não caberia a herdeiro de infecta nação" (lembrou o trineto, Caetano Alberto de Brito e Figueiredo, pedindo entrar para a Ordem de Cristo em 1745, ***T.T.***, m. 12, n. 3).

Fez parte do triunvirato que substituiu o vice-rei marquês de Montalvão, 16 de abril de 1641 a 30 de agosto de 1642. Esteve preso no castelo de Lisboa, acusado de ter feito vista grossa a navios estrangeiros que então foram ao Rio de Janeiro, requerimento de 2 de maio de 1643, ms. ***Arq. Hist. Ultramarino.*** Foi capitão-mor interino do Rio de Janeiro, ***Anais da B.N.***, v. 37, doc. 741, Baltazar da Silva Lisboa, ***Anais do Rio de Janeiro,*** III, p. 273. Requereu em 1652 a sesmaria confinante com a dos herdeiros de Mem de Sá, ***Anais do Arq. Públ. da Bahia,*** VII, p. 318, e com os dois filhos, Lourenço de Brito de Figueiredo e Diogo de Brito, a registrou em 1663, ***Doc. Hist.,*** v. 21, p. 214. Instituiu um morgado de grossas fazendas na dita cidade da Bahia, com cláusula, que,nenhum possuidor o possa lograr tendo raça de infecta nação" (diz-se no Processo deHabilitação à Ordem de Cristo do trineto Caetano Alberto de Brito e Figueiredo, em 1745, T.T., ***Habil.,*** m. 12, n. 3. Morreu em 1666, ***Doc. Hist.,*** v. 22, p. 280.

O filho, ***Lourenço de Brito de Figueiredo Correa,*** Fidalgo da Casa Real, serviu de 1637 a 1652 de soldado pago, capitão, sargento-mor nas guerras holandesas. Destacou-se em 1638 na defesa da Bahia atacada pelo conde de Nassau, em 1639 embarcou na armada do conde da Torre, e fez a famosa retirada, do porto de Touros até o São Francisco, sob o comando de Luiz Barbalho, Brito Freire, ***op. cit.,*** p. 445, ***Doc. Hist.,*** v. 17, p. 202 e v. 19, p. 470, v.20, p.200, sempre com bravura, reconhece a sua patente de Provedor-mor da Fazenda Real do Estado do Brasil, 18 de julho de 1661, ***Doc. Hist.***, v.23, p.152. Foi senhor da barca do (rio) São Francisco, 1658 e 1661, em virtude "dos serviços feitos nas guerras do Brasil desde o ano de 1637 até o de 1652". Era em 1745 sua neta D. Catarina de Brito Vilas Boas, mulher do desembargador da Relação da Bahia (1705), depois da Casa da Suplicação, Domingos Mendes, alegou o filho, nascido em Lisboa, Caetano Alberto. D. Catarina casara em segundas núpcias com José Carlos de Magalhães. Filhos: Carlos José e Agostinho, naturais de Tomar.

61. ANTÔNIO GUEDES DE BRITO. Veja-se ***tít. Silvas Pimentéis etc. na Bahia.***

62. ÁLVARO DE AZEVEDO. Era o mestre de campo mais antigo. Natural da Bahia. Veterano das guerras de Flandres, Portugal e Brasil. Veja-se Rocha Pita, ***Hist. da América Portuguesa,*** livro 6, p. 395.

63. RUI DIAS DE MENESES 2.º. Enteado de Antônio Guedes de Brito, Rui Dias de Meneses 2.º figurou, ao seu lado, na cerimônia da bênção da primeira pedra da igreja nova dos franciscanos, em 1686 (a atual), Fr. Jaboatão, ***Novo Orbe,*** I, p. 259.

64. FRANCISCO DE BARROS. Provedor da Santa Casa, em 1615 (***Livro do Tombo,*** 1, ms.). Tinha 60 anos, declarou, testemunhando, em 1624, ***Livro 1.º do Governo***

***Geral do Brasil,*** ed. do Itamarati, p. 393. É o fundador da igreja da Vitória, e aí a lápide de seu jazigo, com a data da morte, 19 de novembro de 1625. Carta de sesmaria em Vila Velha, 1609, confirma, era genro de Apolônia Álvares, ***Públ. do Arquivo Nacional,*** XXVII, p. 31. Arrematou os dízimos em 1621, que transferiu a Simão de Leão, ***Livro 1.º do Governo Geral,*** p. 312. Diz Fr. Vicente do Salvador, velho e aleijado, tentou resistir aos holandeses em 1624, tomando-lhes o caminho em Vila Velha, quando iam de rota batida para a cidade, ***ibid.,*** p. 510. Como, um mês antes de morrer, foi feito provedor -mor da fazenda, ***Doc. Hist.,*** XIV, p. 478, pode-se julgar que a nomeação teve o caráter de recompensa, quer pelo heroismo, quer pelos prejuízos com a invasão da terra. É provável que sua fosse a iniciativa de votar à Senhora da Vitória as preces do povo, depois de expulsos os invasores; e a fim de ser sepultado a seus pés, que bem o merecia.

65. JOÃO LOBO DE MESQUITA. Dispensado da função de vereador por estar no serviço do rei, 1631, ***Atas da Câmara da Bahia,*** I, p. 179, voltou a ser eleito em 1643. Em 1642 foi juiz ordinário. Abriu, gastando 9 mil cruzados, o caminho da Mata de São João, de nove léguas, com direito de cobrar uma rez a cada curraleiro, portaria de 15 de dezembro de 1663, ***Doc. Hist.,*** VII, p. 150. Vendeu terras de Jacuípe e Itaporocas a João Peixoto Viegas, 9 de julho de 1653, ***Livro de Sesmarias,*** ms., Arquivo Nacional. Sua mulher ***Inês,*** como se vê no ***Index das notas de vários tabeliães de Lisboa,*** II, p. 151, ed. da B.N., Lisboa, 1937: "procuração de João Lobo de Mesquita e de sua mulher Inês de Barros e seu genro o capitão Francisco Barbosa de Brito, moradores na Bahia no seu engenho a Luiz Caldeira de Brito escrivão das apelações e agravos da Suplicação, lançada nesta nota apresentada por Pedro Lobo de Mesquita em 28 de junho de 1640". Por escritura de 20 de maio de 1635 (***Livro 4.º do Tombo de São Bento,*** Bahia, fl. 213 v.) foi Francisco Barbosa de Brito por eles dotado com metade das terras que tinham nos campos da Cachoeira, para casar com sua filha Joana Loba.

66. O primeiro marido de Inês de Barros foi Luiz Fernandes ***Crespo*** (não Fajardo), diz a escritura de 1635, em São Bento.

67. FRANCISCO BARBOSA DE BRITO. Ajudante de sargento-mor do Partido de que era coronel Baltazar dos Reis Barrenho, em 1668, ***Doc. Hist.,*** v. 31, p. 408. Fora juiz ordinário em 1643, ***Cartas do Senado,*** I, p. 18.

68. PEDRO BORGES DE SOUZA VASCONCELOS. Capitão do Forte de São Francisco da Praia, 14 de janeiro de 1646, Arq. Públ. da Bahia, ***Registros de Patentes, Livro 1.º,*** a sua patente, nomeando-o de novo para esse posto, 14 de janeiro de 1649, diz que desde 1641 servira nas fronteiras do Alentejo, soldado de cavalo, distinguindo-se a princípio na campanha "em que ajudou a matar e render alguma gente do inimigo", depois em Porto de Pinho, Ortas de Olivença, Valverde, Joromenha. Viera na armada de socorro à Bahia. Arq. Públ. da Bahia, ***Registros de Patentes de 1657 a 1678,*** fl. 42.

69. FRANCISCO DE BARROS LOBO. Morava no sertão de Ouriçangas e a sua fazenda se estendia pelos limites do termo de Cachoeira, quando foi criada a vila, em 9 de janeiro de 1698. Deixou sete filhos. Testamento no Livro 2, do ***Tombo*** do mosteiro de São Bento, inventariante, D. Ana de Meneses. Registro de 1.º de agôsto de 1727. Foi almotacé na Câmara da Bahia, eleito a 1.º de novembro de 1654, ***Atas da Câmara,*** III, p. 279.

70. JOÃO LOBO MARINHO. Almotacé na Câmara da Bahia, eleito a 1.º de novembro de 1654, ***Atas,*** III, p. 279. A mulher: Maria de Meneses. Irmão da Santa Casa, 28 de junho 1678, ***Livro 2, fl. 456.***

71. ANTÔNIO DE BARROS LOBO. Morador na vila de Cachoeira e mestre de gramática desde 1758, ***Anais da B.N.,*** v. 31, p. 376. Em 1760 foi aprovado como opositor às cadeiras de gramática latina e retórica, pela junta composta do Chanceler da Relação e padres mestres Fr. Leonardo da Conceição, franciscano, Fr. Joaquim de Almeida, carmelita calçado e Fr. Silvestre, carmelita descalço.

72. MANUEL MACIEL ARANHA. Tinha 45 anos e era tesoureiro geral do Estado em 1624. Juiz da Câmara em 1630. Vereador mais velho, fez a 15 de fevereiro de 1641, a proclamação, na Bahia, de D. João IV, (***Atas da Câmara,*** II, p. 10, Accioli, ***Memórias Históricas,*** IV, p. 16, Bahia, 1837). Contribuiu com 20 arrôbas de açúcar para as despesas com o procurador que iria a Lisboa cientificar o rei de seu reconhecimento no Brasil, ***Atas,*** II, p. 39. Ofereceu-se para a missão. Outros acharam mais indicado o padre Antônio Vieira. Na verdade, eram os homens de negócio que, opondo-se ao vice-rei Marquês de Montalvão, queriam que o seu representante na Corte fosse o jesuíta, tão convincente na defesa dos cristãos novos e tão instruído sobre os interesses da terra. Foram os dois. Vieira eclipsou o companheiro. Porta-voz do "liberalismo" que no Brasil existia, foi em Lisboa o advogado eficaz de tudo o que pedia e reclamava a praça da Bahia.

73. DIOGO ÁLVARES CAMPOS (ou ***Alves***). De Celórico de Basto, batizado a 3 de dezembro de 1642 (certidão no ***processo*** em que o neto se habilitou à Ordem de Cristo, adiante mencionado). "Foi no seu princípio na América viandante para o sertão do Piauí, de onde conduzia seus gados para os vender na comarca da Cidade da Bahia " (diz uma testemunha naquele processo). Outra testemunha: "no seu princípio e modo de vida nesta América foi comprar fazendas e vendê-las". E que ao chegar "foi logo para o sertão do Piauí onde teve o exercício de vaqueiro em que ajuntou cabedais com que se estabeleceu"; no Campo Grande, termo da vila de S. João de Água Fria: com "fazendas de tabaco que comprou". A mulher, D. Inês Teles de Meneses, era de Marapé, em Santo Amaro (***L. de Irmãos da Santa Casa***, n. 3, fl. 258). "E nas ditas terras devolutas tem o suplicante Diogo Álvares Campos, o velho, descoberto à sua custa e com grande trabalho várias terras capazes de se povoar e criar gados", reza carta de sesmaria de 1730, no Itapicuru, em favor do filho José Teles de Meneses, ***Anais do Arq. Públ. da Bahia,*** XII, p. 8. Em todo o processo da Ordem de Cristo (do 3.º Diogo Álvares Campos), com exceção de Fr. José dos Santos Cosme e Damião, Qualificador do Tribunal do Santo Ofício, de 71 anos, se diz que eram cristãos velhos. Só o frade atribui a D. Inês a condição de cristã nova, por o ouvir a um seu cunhado. Casaram na capela de Santo Antônio do Campo Grande, 21 de setembro de 1685, ***L. de Batismos e Casamentos de Itapororocas***, arq. da Cúria.

74. ANTÔNIO MONIZ BARRETO. Morreu em 1713, com testamento (arq. da Santa Casa, ***Livro de Acórdãos***) deixando à Misericórdia uma casa, A. J. Damázio,

***Tombamento*** etc., p. 103. Sua mulher, Apolônia de Souza, instituiu capela no Carmo de 182 missas, para as quais a Ordem 3.ª de S. Francisco pagava 100$ por ano, conforme sentença de 1702, ***Memórias do Convento do Carmo,*** ms fl. 73.

75. FRANCISCO DE BARROS LOBO. Faleceu solteiro na Cachoeira, 27 de agosto de 1747, testamenteiro o irmão Diogo, ***L. de Óbitos da Cachoeira***, arq. da Cúria.

76. EGAS MONIZ BARRETO. Casado com D. Antônia, filha de José Barbosa Vieira, com filhos, Macedo Leme, ***Genealogia***, fl. 19.

77. DIOGO ÁLVARES CAMPOS, 2.º. Batizado a 30 de julho de 1686, na freguesia de S. José das Itapororocas, padrinhos os avós, Francisco de Barros Lobo e D. Ana, ***Processo de Habilitação à Ordem de Cristo*** do filho, Diogo Álvares Campos, ***T.T., letra D., m. 6.*** Casou na capela de S. José de Genipapo, Outeiro Redondo, 21 de outubro de 1726. "Sempre se tratou à lei da nobreza e seu Pai (diz-se naquele processo) sempre viveu das suas lavouras de tabaco, fazendas de gadó e deu seu engenho de fazer açúcares, de suas lavouras e das de seus vizinhos", com "abastados bens".

78. PEDRO DE AFONSECA E MELO. Teve sesmaria nas cabeceiras dos matos de Jaguaripe e Maragogipe, 13 de janeiro de 1716, ***Publ. do Arquivo Nacional***, XXVII, p. 137. Em 1719, juiz ordinário da vila da Cachoeira, ***Doc. Hist.***, v. 73, p. 222. A mulher, D. Inês, filha de Sebastião de Andrade e D. Maria, foi batizada na freguesia de Nossa Senhora do Monte, 19 de junho de 1676 (***Processo de Habilitação à Ordem de Cristo***, citado na nota seguinte), onde casou, 9 de novembro de 1700.

79. DIOGO ÁLVARES CAMPOS, 3.º. Batizado a 18 de janeiro de 1728 na capela de Nossa Senhora das Grotas, filial da freguesia de S. João de Água Fria, padrinhos, os avós capitão Pedro de Afonseca e Melo e (viúva) D. Ana de Meneses. A 20 de setembro de 1748 recebeu todos os graus das ordens menores, do arcebispo D. José Botelho de Matos. Em 1764 morava no seu engenho da Alagoa "abundante de bens". Obteve a habilitação à Ordem de Cristo a 13 de setembro de 1768. Desde 7 de abril de 1754 era irmão da Santa Casa. Figura entre os principais lavradores de tabaco em 1757, ***Consultas do Conselho Ultramarino,*** cópia no Instituto Histórico, fl. 58 verso. Casou em 1778 com Luiza Francisca de Melo Coutinho. Morreu a 3 de julho de 1796 sem testamento, "conduzido por pobres sem pompa alguma", para a sepultura na igreja de S. Pedro dos Clérigos, ***L. de Óbitos da Sé***, arq. da Cúria. Herdou-lhe as terras do Itapicuru o irmão José, adiante

80. JOSÉ TELES DE MENESES. Formou-se em cânones na Universidade de Coimbra, em 1753, ***Brasília***, IV, p. 202. Cônego da Sé da Bahia, membro da Academia Brasílica dos Renascidos, A. Rangel, A ***Academia Brasílica dos Renascidos***, p. 17, chantre em 1788, ***Anais da B.N.***, v. 32, doc. 12909, tesoureiro da Sé, morreu a 29 de dezembro de 1814 (testamento, L. 3 do ***Tombo da Santa Casa,*** fl. 411). Legou à Cúria o belo sobrado (veja-se IPAC-Bahia, ***Inventário de proteção do acervo cultural***, p. 214) para Seminário de São Damaso, do nome do arcebispo D. Francisco de São Damaso de Abreu Vieira, que o fundou, a 15 de agosto de 1815. É uma das raras mansões do começo do século 18 que, restauradas, se conservam.



81. Nas Mercês da Bahia, Macedo Leme, ***Memórias,*** fl. 19.

82. PEDRO DA FONSECA. Com "muita prática na artilharia muitos anos", foi nomeado condestável-mor da praça da Bahia, a 12 de janeiro de 1650, Arq. Públ. da Bahia, ***Registro de Patentes de 1648 a 1684***, fl. 171.

83. JOSÉ PEREIRA FREIRE. Capitão do distrito de São Bento, na cidade da Bahia, 25 de junho de 1700, Arq. Publ. da Bahia, ***Registro de Patentes de 1696 a 1703***, fl. 201.

84. INÁCIO DE CERQUEIRA LIMA. Filho de Bernardo de Cerqueira Lima, de Viana, em Portugal, e Maria da Costa, baiana, neto paterno de Domingos Cerqueira Lima e Maria da Costa, materno de Manuel Vieira Nunes, do Porto, e Teodora Cardosa, da Bahia, o pai foi almotacé da Câmara, eleito em 1651, ***Atas***, VI, p. 161. Entrou a 31 de julho de 1721 na irmandade da Santa Casa. Morreu no seu engenho, em dezembro de 1760, ***Livro de Irmãos,*** n. 3, fl. 269. Filhos: 1. Bernardo de Cerqueira Lima e Meneses, senhor do engenho Bom Jardim, cf. ***Relação dos Engenhos***, 1800, ms. na Biblioteca Nacional. 2. Manuel Inácio de Souza Meneses. 3. Joaquim Inácio de Cerqueira Lima, que casou com D. Mariana Barbosa de Souza Uzel. N. 1. Argemiro de Souza Meneses. N. 2. ***Agrário de Souza Meneses.*** 1834-63, "príncipe dos dramaturgos" (biografado por Jaime de Sá Meneses, 1970). 3. Cônego Rodrigo Inácio de Souza Meneses, professor de retórica e pregador, (S. Blake, ***Dicionário Bibliografico***, VII, p. 143). — Filhos de Inácio, do mesmo nome, batizado em 1731, ***L. de Batizados*** da Vila de S. Francisco, arq. da Cúria. Francisco, batizado em 1734.

85. MIGUEL ÁLVARES CAMPOS. De Santo André de Molares, comarca de Guimarães, no Reino, filho de Gonçalo Álvares e Maria Álvares, casou a 24 de outubro de 1686 com D. Eusébia de ***Meneses,*** filha de Francisco de Barros Lobo e D. Ana de Meneses, ***L. de Batismos, Casamentos e Óbitos de Itapororocas,*** 1685 a 1724, arq. da Cúria.

86. ANTÔNIO TELES DE MENESES. Capitão da companhia de infantaria de Lagarto e Rio Real, sem soldo, provido pelo vice-rei Vasco Fernandes César e confirmado pela carta régia de 25 de maio de 1726, ***Doc. Hist.***, v. 74, p. 208.

87. FRANCISCO BARBOSA LEAL (SOTOMAIOR). Filho do coronel Gaspar Pereira Ferraz e D. Ana de Almeida Barbosa, da Bahia, neto paterno de José Barbosa Leal e Inês Pereira Ferraz, neto materno de Francisco Barbosa Leal e Antônia de Almeida. Irmão da Santa Casa, 18 de abril de 1734. Casado com D. ***Angélica*** Teles de Meneses. — O avô, José Barbosa Leal, era de Ponte de Lima, em Portugal (Irmão da S. Casa, 30 de outubro de 1666, ***L. 2, fl. 90***) — Coronel, 11 anos das Ordenanças de São Bartolomeu de Maragogipe, a 14 de outubro de 1746 subiu a capitão-mor da mesma vila, Arq. Públ. da Bahia, ***Registro de Patentes de 1745 a 1750,*** fl. 54.

88. D. LUIZA TELES. Natural da Bahia, tinha 70 anos em 1672, T.T., ***Habil. à Ordem de Cristo*** m. 76, n. 11. Filho: José Pinheiro Lobo, sargento-mor, casado com D. Perpétua de Mendonça. Pais de Antônio Pinheiro Lobo, casado com D. Joana Bezerra de Meneses, cujo filho, brigadeiro Leandro Bezerra Monteiro, casou com D. Rosa Josefa do Sacramento. Estes os avós do tenente coronel José Geraldo Bezerra de Meneses, tronco da família no Ceará (Barão de Studart, ***Dicionário Biobliográfico Cearense,*** tít. Dr. Leandro Bezerra Monteiro). E J. Dias da Rocha Filho, ***Vida do Brigadeiro Leandro Bezerra Morteiro,*** 2.ª ed., p. 40, Fortaleza, 1978.

89. ***Denunciações*** de 1591, p. 411: "Manuel de Figueiredo que ora está assoldado por feitor da roça de ***Bárbara d'Aguiar*** no sítio de Pernamirim".

90. MANUEL RODRIGUES DA SILVA. Leia-se Licenciado, não soldado. Irmão de menor condição da Santa Casa, 28 de março de 1679; os pais de Maragogipe (Maria Quaresma, mulher enjeitada); figura como requerente de causas (***L. 2, fl. 484).*** Carta sobre faculdade para advogar, 26 março de 1696, ***Anais do Arq. Públ. da Bahia,*** v. 31, p. 100.

91. PE. ANTÔNIO DE FIGUEIREDO. Nasceu em 1684. Entrou na Companhia de Jesus em 1695, como se vê no catálogo de 1701, Pe. Serafim Leite, ***História da Companhia de Jesus no Brasil,*** V, p. 585, Rio-Lisboa, 1945. Em 1738 era superior da casa de Ilhéos, ***ibid.,*** V, p. 220.

92. PE. JOÃO RODRIGUES DE FIGUEIREDO. Vigário de Madre de Deus, menciona-o Fr. Agostinho de Santa Maria, ***Santuário Mariano,*** IX, p. 149. Do Processo de Familiar do Santo Ofício (Carta de 12 de dezembro de 1735, T.T., ***fam.,*** m. 69, n. 1881) consta que era vigário de Santo Amaro de Pitanga, filho do licenciado Manuel Rodrigues da Silva e Maria de Figueiredo Mascarenhas, neto paterno de João Rodrigues da Silva e Maria Quaresma, neto materno de João Barbosa de Figueiredo e Barbuda e Bárbara de Aguiar. Continuava pároco em 1757. ***Relação de freguesias,*** 5.º volume das ***Memórias*** de Accioli. Faleceu a 30 de julho de 1780, ***L. de Óbitos de Ipitanga*** 1725-1843, arq. da Cúria.

93. CAETANO DIAS DE FIGUEIREDO. Nasceu na Bahia, em 1697. Mestre em artes pelo Colégio dos Jesuítas, formou-se em cânones na Universidade de Coimbra, 1724. Na terra natal, cônego e desembargador da Relação Eclesiástica. Publicou, ***Sermão pregado nas exéquias dos sacerdotes irmãos de S. Pedro na sua capela da Bahia, Lisboa, 1732.***

94. MANUEL RODRIGUES DE FIGUEIREDO. Diz na biografia de Gregório de Matos o Licenciado Rabelo, que, condoído com a pobreza do poeta, o vigário de Madre de Deus, seu amigo, Padre Manuel Rodrigues, lhe mandou a viola que lá deixara "com um liberal donativo para cordas para ela", ***Obras*** de Gregório de Matos, I, 75. Não confundir com outro do mesmo nome, requerente com presunções de letrado, por ele satirizado, ***Obras completas*** de Gregório de Matos, ed. de James Amado, III, p. 734. Ao vigário fez Gregório a poesia, ***op.cit.,*** II, p. 300.



95. É Inácia de Figueiredo, que faleceu a 27 de setembro de 1739, sepultada na igreja da Misericórdia, ***L. de Óbitos da Sé,*** arq. da Curia.

96. JOSÉ RODRIGUES DE OLIVEIRA. Do termo de irmão da Santa Casa, 24 de março de 1701 ("filho legítimo de Antônio Barbuda natural de Itaparica e de Águeda de Oliveira Espinha natural da vila de Boipena, casado com Vitória da Silva Figueiredo, filha legítima do licenciado Manuel Rodrigues da Silva e Maria de Figueiredo Mascarenhas". À margem: "por resolução desta Mesa de 3 de junho, se mandou riscar este Irmão por causas declaradas no ***Livro dos Segredos,*** a fl. 84, Bahia, 1709". Mas tornou a ser admitido, e se mandou passar ao número de maio, 24 de junho de 1720, L. cit., 3, fl. 309.

97. MANUEL RODRIGUES DA SILVA, 2.º. Filho de José Rodrigues de Oliveira, natural da Bahia, formou-se em Cânones na Universidade de Coimbra, 11 de junho de 1735.

## *BARBUDAS*

Francisco de Barbuda, (1) o velho, nascido em Portugal, passou para a Bahia nos primeiros anos da sua fundação. Foi cavaleiro da casa del-rei, e casou três vezes; a primeira com Beatriz Pacheco, neta do grande Duarte Pacheco Pereira, que tantas proezas fez na Índia, quando lá foi vice-rei, pelas quais, e por lhe tirarem a comenda do Banho, que era de João Pacheco, seu filho, quando faleceu, e a deram outro, em recompensa deram à filha deste, que era Beatriz Pacheco, esta mulher de Francisco de Barbuda, a propriedade de juiz de órfãos da Bahia, que depois veio a servir e exerceu o licenciado Jerônimo de Burgos Contreiras, que casou com sua neta Maria Pacheco. Teve Francisco de Barbuda desta primeira mulher filha única.

1. Mícia Pacheco de Barbuda, que se segue. Batizada na Sé a 9 de março de 1562.

Segunda vez casou Francisco de Barbuda com Maria Barbosa, (2) filha de Gaspar Rodrigues e de sua mulher Ana Barbosa, e teve filhos.

2. Bento de Barbuda, que se segue, fica à fl.... n. 5. Batizado na Sé a 11 de dezembro de 1566.

3. Margarida, batizada a 11 de junho de 1569.

4. D. Águeda de Barbuda, casada com Francisco Barreto Teles, * (3) filho de Duarte Moniz Barreto, alcaide-mor, e de sua mulher D. Helena de Melo, à fl.... e seguinte.

---

*Nota da R.I.H.G.B.*

* *Casaram a 24 de junho de 1595.*

5. Francisco de Barbuda, (4) que se segue. Batizado a 10 de julho de 1575.

6. D. Maria Barbosa, mulher de Mem de Sá Sotomaior, (5) à fl.... n...., casados a 23 de julho de 1595; faleceu a 8 de setembro de 1622, sepultada em Nossa Senhora da Ajuda. Batizada a 7 de fevereiro de 1580.

Terceira vez casou Francisco de Barbuda com Cristina de Almeida,* filha de Sebastião Luiz, (6) de Itapoã e de sua mulher Cristina de Almeida, e teve filha:

7. Juliana Barbuda de Almeida, que casou com Nuno Pinhão a 8 de maio de 1617.

Faleceu Francisco de Barbuda, o velho, este de quem aqui se trata, a 11 de março de 1607, e foi enterrado em Nossa Senhora da Ajuda. Testamenteiros sua mulher Cristina de Almeida e seu genro Gaspar Fernandes; também diz um assento, que no ano de 1598 tinha este Francisco de Barbuda 62 anos de idade.

*Nota.* — Outro assento diz, que a este Francisco de Barbuda o mandou abrir pelas costas de alto e baixo com um machado Paulo de Carvalhal de Vasconcelos e seu filho Bartolomeu de Vasconcelos, pela qual morte foi Paulo de Carvalhal degolado na Bahia, e ao filho lhe ficaram chamando vulgarmente por esta morte o Má-pele. (7)

N. 1. Mícia Pacheco de Barbuda, batizada na Sé a 17 de maio de 1592, filha única de Francisco de Barbuda , o velho, e de sua primeira mulher Beatriz Pacheco, casou com Gaspar Fernandes da Fonseca, ** (8) natural da vila de Viana, Foz do Lima, das principais famílias dela, e mui opulento em cabedais, e por este casamento teve a propriedade do ofício de juiz dos órfãos, que depois deu em dote ao licenciado Jerônimo de Burgos Contreiras, por casar com sua filha Maria Pacheco. Teve de seu marido esta Mícia Pacheco de Barbuda filhos:

8. Beatriz Pacheco, batizada na Sé a 20 de junho de 1581.

9. Francisco Fernandes Pacheco, que se segue. Batizado a 4 de abril de 1583.

10. Helena Pacheco, mulher de Bento Monteiro à fl.... primeiro.

11. Marçal Pacheco, adiante. Batizado a 8 de fevereiro de 1587.

12. Maria Pacheco, mulher do licenciado Jerônimo de Burgos à fl.... batizada a 17 de maio de 1592.

---

*Notas da R.I.H.G.B.*

* *Casaram a 18 de março de 1584.*

** *Casou na Sé a 17 de julho de 1580; faleceu este Gaspar Fernandes a 13 de outubro de 1653. Sepultado em Monserrate.*



N. 9. Francisco Fernandes Pacheco,* (9) filho de Mícia Pacheco de Barbuda, n. 1, e de seu marido Gaspar Fernandes da Fonseca, casou com D. Violante de Araújo, viúva de Sebastião Barbosa, e filha de Mícia de Figueiredo Mascarenhas, à fl.... n. 1, e de seu marido Manuel Correia de Brito, e teve filhos, que ficam aí.

N. 11. Marçal Pacheco ou Marcelino, filho de Mícia Pacheco, n. 1, e de seu marido Gaspar Fernandes da Fonseca, casou com Maria Monteiro, ** filha de André Monteiro de Almeida e de sua mulher Vitória de Barros, à fl.... n. 2, e teve filhos.

13. Mícia, batizada a 13 de janeiro de 1628. Padrinhos Bento Monteiro, irmão de sua mãe, e Mícia Pacheco, sua avó.

14. Vitória, batizada a 15 de outubro de 1629.

15. Brites, batizada a 7 de agosto de 1631.

16. Gonçalo, batizado a 30 de outubro de 1636.

17. Vitória, batizada a 5 de novembro de 1639.

N. 2. Francisco de Barbuda, filho de Francisco de Barbuda, o velho, e de sua segunda mulher Maria Barbosa, casou com Ângela da Cunha, *** filha de João da Cunha e de sua mulher Ângela da Cunha e teve filhos.

13. Baltazar de Barbuda, que se segue, batizado a 19 de maio de 1619.

14. Fernando, (10) batizado a 24 de outubro de 1605.

15. Francisco, (11) batizado a 28 de fevereiro de 1609 em Paripe.

16. Sebastião, (12) batizado a 27 de janeiro de 1613 na Sé.

16. Gregório da Cunha de Barbuda, casado com D. Antônia de Meneses, à fl... n. 1.

N. 13. Baltazar de Barbuda, **** (13) filho de Francisco de Barbuda, o moço, e de sua mulher Ana da Cunha, e teve filhos de sua mulher D. Ângela de Meneses, que era filha de Francisco de Freitas de Magalhães (14) e de sua mulher D. Custódia.

17. José Teles de Barbuda, que se segue.

18. Francisco de Freitas de Meneses, adiante.

N. 17. José Teles de Barbuda, (15) capitão de cavalaria, batizado a 25 de junho de 1651 em Paripe, filho de Baltazar de Barbuda e de sua mulher D. Ângela de Meneses, que era esta filha de Francisco de Freitas de Magalhães e de sua mulher D. Custódia de Meneses à fl.... e casou José Teles de Barbuda

---

*Notas da R.I.H.G.B.*

* *Batizado na Sé a 4 de abril de 1583.*

** *Casaram a 14 de fevereiro de 1627.*

*** *Casaram na Sé a 5 de agosto de 1600, faleceu a 17 de agosto de 1646, sepultado em S. Francisco.*

**** *Casaram a 15 de dezembro de 1645 em Paripe, este Baltazar de Barbuda com D. Ângela de Meneses, filha de Francisco de Freitas de Magalhães e de sua mulher D. Custódia de Meneses.*

com D. Isabel de Lacerda Coutinho, filho de Sebastião Paes e de sua segunda mulher D. Maria de Lacerda Coutinho, à fl.... n. 14 e teve filha.

19. D. Helena de Lacerda Coutinho, que casou com Domingos Barbosa da Franca, (16) à fl.... n. 6.

19. D. Isabel de Lacerda Coutinho, mulher de Nuno de Amorim Salgado, (17) filho de Gaspar de Brito Freire e de sua mulher D. Ângela de Jesus de Souza, casaram a 7 de junho de 1716, no Carmo.

N. 18. Francisco de Freitas de Meneses, * (18) filho segundo de Baltazar de Barbuda, n. 13, e de sua mulher D. Ângela de Meneses, casou com D. Margarida de Lacerda Coutinho, filha de Sebastião Paes e de sua mulher D. Maria de Lacerda Coutinho, que foi sua segunda mulher, à fl.... n. 21 e teve filhos.

20. João Barbosa de Góes, com ordens menores, casou e faleceu.

21. D. Maria de Lacerda de Góes, que casou com o capitão Inácio Rodrigues Távora, (19) natural da ilha da Madeira, filho de Antônio Rodrigues Távora e de sua mulher Joana de Oliveira, da Ilha da Madeira, e teve filhos: Francisco Teles, Pedro de Freitas, (20) vigário, Inácio Rodrigues, todos sacredotes, Pedro de Freitas, vigário no Saco dos Morcegos, e mais irmãos destes: Manuel, Paulo, Maria, Margarida, Ana Maria, Antônia e Teresa.

22. D. Francisca Coutinho de Lacerda, que casou com o capitão Antônio Barbosa de Souza Coutinho Pinto, e era esta D. Francisca, diz um assento, tia dos reverendos Inácio Rodrigues e do vigário Francisco Teles de Meneses.

22. D. Luzia Coutinho de Lacerda, mulher de Manuel Teles Barreto, com filho.

N. 13. De Baltazar de Barbuda, e de sua mulher D. Ângela de Meneses, que já ficam na p.... foram também filhos, além dos que já ficam aí:

1. D. Custódia de Meneses, mulher de Fernão Rodrigues Santiago, com filhos.

2. Manuel de Barbuda de Meneses, (21) casado com D. Águeda Coutinho.

3. D. Benta.

4. Fernando de Barbuda.

5. D. Jerônima de Meneses, mulher de Manuel Gomes de Escobar, (22) com filhos, batizada a 6 de outubro de 1657.

6. Tomé Teles de Meneses, mulher D. Maria de Melo, sem filhos.

7. Gregório Teles Barbuda, casado com Filipa Henriques da Serra, sem filhos.

---

*Nota da R.I.H.G.B.*

* *Casaram a 13 de setembro de 1676, em Paripe.*



N. 16. Gregório da Cunha de Barbuda, filho do capitão Francisco de Barbuda, n. 2, e de sua mulher Ângela da Cunha, casou com D. Antônia de Meneses, filha de Diogo da Rocha de Sá (23) à fl...., e de sua mulher D. Isabel da Silva, a qual D. Antônia de Meneses era já viúva de Rodrigo Pedroso, (24) do qual deixou filhos, e teve outros mais do segundo consórcio, que são os seguintes, filhos deste Gregório da Cunha:

Ângela de Meneses.

Antônio Teles da Silva, batizado a 14 de novembro de 1696 em Paripe.

Francisco de Sá de Meneses. (25)

Manuel da Cunha, batizado a 12 de novembro de 1654.

O capitão Sebastião Barbosa, (26) filho do capitão Francisco de Barbuda e de sua mulher Ângela da Cunha, casou com Maria de Góes de Macedo, natural do Cairu, filha de Sebastião Pedroso Barbosa, e de sua mulher Maria de Góes de Macedo, e teve filhos:

1. Maria de Góes, mulher de Tomé de Paiva, batizada a 9 de fevereiro de 1641.

2. Francisco, Brites, Sebastião, Antônio, João, Ângela, Manuel.

1. D. Maria de Góes, (27) filha do capitão Sebastião Barbosa e de sua mulher Maria de Góes de Macedo,* casou com Tomé de Paiva, natural da Bahia, filho de João de Paiva e de sua mulher D. Leonor de Freitas, da ilha da Medeira, e teve filhos: Cosme de Freitas de Sá, Tomé Pedroso de Góes, (28) clérigo. **

Aos 25 de março de 1686, recebi em casa de Batolomeu de Azevedo, com licença do Sr. provedor, a Manuel de Melo de Vasconcelos, filho de Francisco de Barbuda e de sua mulher D. Filipa de Melo, com D. Maria de Vasconcelos, filha de Bartolomeu de Azevedo e de sua mulher D. Isabel de Vasconcelos. Pirajá. O vigário *Domingos da Costa Rebouças.*

***Sucessão da quarta filha de Catarina Álvares, Caramuru, que foi***

N. 4. Grácia Álvares, à fl.... Foi casada com Antão Gil *** (29) e teve filhos; era este natural de Évora, e faleceu a 31 de outubro de 1603. ****

1. Catarina Gil, que se segue.

2. Maria Gil, que casou com o capitão Gonçalo Bezerra de Mesquita. (30)

---

*Notas da R.I.H.G.B.*

* *Casaram a 27 de setembro de 1654, Paripe. Batizada esta Maria aos 9 de fevereiro, de 1641. Francisco, batizado a 19 de abril de 1643. Brites, a 6 de fevereiro de 1645. Sebastião, a 29 de janeiro de 1647. João, a 1.º de junho de 1651. Ângela, a 29 de junho de 1653. Manuel, a 28 de fevereiro de 1656. (A)*

** *Cosme de Freitas de Sá, filho de D. Maria de Góes, batizado a 4 de abril de 1665. Tomé Pedroso, batizado a 18 de novembro de 1670. (A)*

*** *Faleceu Antão Gil a 31 de outubro de 1603, enterrado no Colégio. (A)*

**** *A 20 de outubro de 1593, diz um assento do livro da Sé, faleceu Beatriz de Lemos, mulher de Gaspar Barbosa de Araújo; do que se segue, foi casado segunda vez esse Gaspar Barbosa com essa Beatriz de Lemos, que devia ser irmã de Mícia de Lemos, mulher de João Rodrigues Palha. (A)*

3. Cosme Gil, (31) Diogo Álvares, (32) Lourenço Barradas e Antão Gil.

N. 1. Catarina Gil, filha de Grácia Álvares e de seu marido Antão Gil, casou com Gaspar Barbosa, (33) de Ponte de Lima, * que era irmão de Antônio de Araújo à fl.... n. 19, e primo de Francisco de Araújo e Baltazar Barbosa, (34) à fl...., deles acima são filhos:

4. Domingos Barbosa de Araújo, que se segue.

5. D. Brites Barbosa, adiante. Batizada na Sé a 23 de abril de 1586.

E uma que foi a primeira, (35) batizada na Sé a 23 de abril de 1586.

D. Gracia Barbosa, mulher de Vasco de Brito Freire, (36) com filhos.

N. 4. Domingos Barbosa de Araújo, filho de Catarina Gil e de seu marido Gaspar Barbosa, casou com D. Luiza da Franca Corte-Real, à fl.... n. 3, filho de Afonso da Franca, o velho, e de sua mulher D. Catarina Corte-Real, e teve filhos.

6. Miguel Barbosa da Franca, que serviu bem, e foi mestre de campo e governador de Serpa nas guerras de Portugal com Castela.

7. Afonso Barbosa da Franca, que se segue.

8. Lourenço Barbosa da Franca. (37)

9. D. Catarina Corte-Real, mulher de João Álvares Soares, (38) à fl....

10. D. Joana, mulher de João Paes Floriano, (39) o velho, sem filhos, à fl.... n. 1.

11. D. Clara da Franca, que casou com Luiz Paes Floriano, filho de João Paes Floriano, o velho, e teve filhos, a fl.... n. 2.

N. 7. Afonso Barbosa da Franca, (40) filho segundo de Domingos Barbosa de Araújo, n. 4, casou** com D. Jerônima de Castro, filha de Sebastião Pacheco de Castro e de sua mulher D. Antônia, e segunda vez casou esse Afonso Barbosa da Franca com D. Cecília, viúva que era de Cristóvão da Cunha, e desta não teve filhos, e teve da primeira.

12. André Barbosa da Franca, que se segue.

E bastardos com Luiza Barbosa.

Sebastião, clérigo, (41) Manuel e Domingos, e Maria Barbosa, mulher de João de Mateus, e depois de Estevão da Silva.

N. 12. André Barbosa da Franca, (42) filho de Afonso Barbosa da Franca, n. 7, casou com D. Inês de Castro, filha de Diogo Pacheco de Castro e de sua mulher D. Antônia de Meneses, e teve filho, à fl.... n. 16.

13. Afonso Barbosa, (43) que morreu solteiro e deixou uma filha, D. Albana da Franca, mulher de Estevão Cabral, a qual foi legitimada por el-rei D. Pedro II, com dois filhos Afonso e André.

*Notas da R.I.H.G.B.*

** Faleceu este a 20 de janeiro de 1609. Sepultado na Misericórdia.*
*** Casaram a 15 de junho de 1639.*



N. 5. D. Brites Barbosa, filha segunda de Gaspar Barbosa, de Ponte de Lima, e de sua mulher Catarina Gil, casou com Sebastião Pacheco de Castro, (44) e teve filhos.

14. Diogo Pacheco de Castro, que se segue.

15. Gaspar Pacheco de Castro, adiante.

16. D. Jerônima, mulher do coronel Afonso Barbosa, n. 7.

17. D. Antônia de Castro, mulher de Gaspar Borges da Vide.

N. 14. Diogo Pacheco de Castro, filho primeiro de D. Brites Barbosa, n. 5, e de seu marido Sebastião Pacheco de Castro, casou com D. Antônia de Meneses, filha de Mem de Sá, à fl.... n. 16, e teve filhos.

18. D. Inês de Castro, mulher de André Barbosa, (45) n. 12.

19. D. Jerônima de Castro, mulher de Francisco de Lucena Vasconcelos. (46)

20. D. Maria de Castro, mulher de Sebastião da Rocha.

N. 15. Gaspar Pacheco de Castro, (47) filho segundo de D. Brites Barbosa, n. 5, e de seu marido Sebastião Pacheco de Castro, casou com D. Águeda Moreira, filha de Gonçalo Moreira Daltro, nobre cidadão do Porto.

21. Diogo Barbosa, que se segue.

22. Vasco Pacheco, que casou com D. Mariana, filha de Luiz Paes Floriano, à fl.... n. 7.

N. 21. Diogo Barbosa, filho de Gaspar Pacheco, n. 15, e de sua mulher. Casou no sertão com Isabel Cerqueira, filha de Antônio Vaz Ribeiro (48) e de sua mulher D. Maria de Évora, e teve filhos.

23. D. Inácia Cerqueira, mulher de Francisco Machado da Silva. (49)

24. D. Águeda Moreira, mulher de Baltazar Lobo. (50)

D. Antônia, D. Tereza e D. Leonor.

---

1. FRANCISCO DE BARBUDA. — Francisco de Barbuda (sic), filho de Lancerote de Beja, Fidalgo da Casa Real (D. Antônio Caetano de Souza, ***Provas da História Genealógica,*** II, p. 803, provisão de 10 de agosto de 1559), serviu 30 anos de escrivão dos feitos da fazenda, como reconheceu a carta régia de 1607 que lhe permitiu passasse o cargo ao filho e homônio. A sua 2.ª mulher é irmã de Violante Barbosa, mulher de Francisco Rodrigues Durens, ***Confissões da Bahia,*** p. 32. A 1.ª, lê-se na provisão de 17 de agosto de 1559, era filha de Sebastião Rabelo e Luiza Monjolo.

   Pelos serviços do sogro, já falecido, teve o lugar de escrivão com 40$ por ano, semelhante ao benefício recebido pelo cunhado, Miguel de Oliveira, escrivão dos despachos, documento que dá Melo Moraes na ***Crônica do Império do Brasil.***

   Aponta Gabriel Soares fazenda em Matoim de "Francisco de Barbuda, com ermida de S. Bento", ***Tratado Descritivo,*** p. 134.

2. MARIA BARBOSA. No ***tít. Rocha e Sá e Sotomaior,*** diz Fr. Jaboatão que o velho Gaspar Dias era irmão de Maria Barbosa, n. 4. Teria errado pois quanto aos pais. Leia-se o que ficou dito sobre ***Gaspar Dias Barbosa.***

3. FRANCISCO BARRETO TELES. Em 1606 foi batizado em Paripe Bernardo, filho de Francisco Barreto Teles e sua mulher, ***L. de Batizados de Paripe,*** arq. da Cúria.

4. FRANCISCO DE BARBUDA. 2.º. Declarou ao ***Santo Ofício*** em 1618, ter nascido em 1575. Vereador em 1624, ***L. 1.º do Governo de D. Luiz de Souza,*** p. 381, foi capitão de uma das seis companhias que ao lado do bispo D. Marcos Teixeira iniciaram o cerco à Bahia ocupada pelos holandeses, J. de Mirales, ***op. cit.,*** p. 134. Sucessor do pai na escrivania da fazenda, foi dispensado de servir em virtude dos encargos da guerra, ***Doc. Hist.,*** V, p. 14. Escrivão da Santa Casa, ajudou, depois de expulso o invasor, a recompor-lhe o patrimônio, ***L. 1.º do Tombo.*** Em 1633 continuava escrivão. — A 27 de janeiro de 1613 batizou-se Sebastião, seu filho, ***L. de Batizados de Paripe,*** arq. da Cúria.

5. MEM DE SÁ SOUTO MAIOR. Capitão de cavalos do distrito de Lagarto e Itaporganda, em Sergipe del-Rei, 29 de fevereiro de 1689 (nomeação reafirmada a 9 de maio de 1691), Arq. Públ. da Bahia, ***Registro de Patentes de 1688 a 1696,*** fl. 147, (e confirmada por el-rei, 24 de janeiro de 1672, ***Registro de Patentes de 1684 a 1697,*** fl. 261).

6. SEBASTIÃO LUIZ. Gabriel Soares: "Defronte desta ponta (Itapoã) em um alto, está uma fazenda de Sebastião Luiz, com uma ermida de S. Francisco", ***Tratado Descritivo,*** p. 51. Vereador em 1588 e em 1591 (Fr. Jaboatão, ***Novo Orbe,*** II, p. 50), "escrivão de armazém e mantimentos da Bahia com 30$ de ordenado", provisão de 6 de maio de 1561 (Revista do Instituto Histórico, v. 67, parte I, p. 61) "em atenção aos serviços feitos a El-rei seu pai e a ele (D. Sebastião), em dias da sua vida".

7. BARTOLOMEU DE VASCONCELOS (MÁ-PELE). Daí o topônimo, ***Mapele,*** no Recôncavo, não "mbaépé", como propôs, crendo-o indígena, Teodoro Sampaio. Outro ***Má-pele*** comparece às ***Denunciações*** do Santo Ofício em 1618, Manuel Vieira, cristão velho, morador que foi na freguesia de Passé, depois em Camamu.

8. GASPAR FERNANDES. Que um Batolomeu Fragoso "era morador com o tio Gaspar Fernandes no engenho desta cidade", ***Denunciações de 1591,*** p. 288. No seu testamento (adiante) Baltazar de Barbuda diz ser meeiro, no Lagarto, "com Gaspar Fernandes marido de minha sobrinha moradores na cidade da Bahia". Refere-se também "a Gaspar Maciel marido de minha sobrinha Dona Escolástica", a quem dera uma légua de terra. Filha de seu irmão Francisco de Barbuda? — Juiz dos órfãos da Bahia, em 1604 Gaspar Fernandes, sendo procurador o alcaide-mor Baltazar de Barbuda (adiante) tio de sua mulher, conseguiu sesmaria nos limites de Sergipe del-Rei (ms. arq. do convento do Carmo da Bahia). Em Paripe, dezembro de 1611 foi batizada Maria, filha de Gaspar Fernandes, ***Livro de Batizados*** de Paripe, arq. da Cúria. Faleceu a 4 de março de 1633, ***Livro de Óbitos da Conceição da Praia,*** arq. da Cúria.

9. Veja-se ***tít. Sucessão da 2.ª filha de Apolônia Álvares.***

10. FRANCISCO DE BARBUDA, 4.º. Vereador em 1641, na ausência de Manuel Maciel Aranha, ***Atas da Câmara,*** II, p. 45, em 1644 "foi escuso" do cargo de juiz ordinário, ***Atas*** cit., II, p. 214. Escreveu o Príncipe Regente a Lourenço de Brito, 28 de dezembro de 1669: "me pareceu dizer-vos que logo mandeis chamar ao filho de Francisco de Barbuda, sendo apto e em sua falta ao segundo, ordenando-lhes que mandem requerer o ofício que vagou por seu pai" (escrivão dos feitos da fazenda), ***Doc. Hist.,*** v. 24, p. 7.

11. FRANCISCO DE BARBUDA, 5.º (filho deste?) casou com Ana de Morim. Seu filho, Gonçalo, foi batizado em Paripe, a 16 de maio de 1677 (ms. arq. da Cúria).

12. SEBASTIÃO DE BARBUDA. Corrija-se: batizado em Paripe, a 27 de janeiro de 1612 (***Livro de Batizados,*** ms. da Cúria).

13. BALTAZAR DE BARBUDA. Tinha o nome e foi o principal herdeiro de Baltazar de Barbuda, irmão de seu avô Francisco de Barbuda, que veio para a Bahia em 1571 (diz no seu testamento, 3 de março de 1627, ms. arq. do ***Convento do Carmo***) e casou com Catarina Dias Adorno (veja-se tít. Caramurus). Era da cidade de Lamego. Foi alcaide-mor em Sergipe del-Rei (1604) onde tinha extensas terras. Deixou ao sobrinho neto Baltazar, ainda menor, dois terços de sua fazenda, e o restante à sobrinha Águeda (n. 4) e suas três filhas, "assim por elas terem seu sangue como também por serem muito pobres". Desta herança no Lagarto vendeu Baltazar de Barbuda, em 1650, uma parte ao engenho do Carmo da Bahia (ms. no mesmo arquivo).

14. FRANCISCO DE FREITAS MAGALHÃES. Batizados em Paripe, os filhos: João a 28 de julho de 1626, Pedro a 18 de novembro de 1630.

15. JOSÉ TELES DE MENESES. Filho de José Teles e de D. Isabel, batizou-se a 15 de agosto de 1687 a filha Antônia. De 30 de junho de 1686 é o batismo do filho José, ***L. de Batizados de Paripe,*** arq. da Cúria.

16. DOMINGOS BARBOSA DA FRANCA. Filho (não citado por Jaboatão, no tít. ***Florianos na Bahia),*** João, batizado em 1715 na capela do Desterro, filial da do Monte, ***L. de Batizados*** desta, arq. da Cúria.

17. NUNO DE AMORIM SALGADO. ***Tít. Barros de Magalhães na Bahia.*** Filho de Gaspar de Brito Freire (não confundir com os dessa grande família), filho de Bernardo de Vilas Cortes e Esperença de Souza. Morreu-lhe o pai a 8 de março de 1736, ***L. de Óbitos de S. Pedro Velho,*** arq. da Cúria. Casou o capitão Nuno do Amorim Salgado com D. Antônia Dória, viúva de Afonso Gomes Ventura. Entrou na irmandade da Santa Casa, 18 de abril de 1734, ***L. de Irmãos,*** n. 3, "Foi riscado este Irmão", L., ms., citado. A mulher, D. Antônia, faleceu a 23 de setembro de 1737: ele, casado novamente com Maria Antunes Ferrás, a 22 de março de 1752, ***L. de Óbitos*** citado. D. Isabel de Lacerda Coutinho (a que alude Fr. Jaboatão) falecida a 18 de dezembro (era ele alferes), foi a 1.ª esposa, ***L. de Óbitos*** citado. O casamento: 7 de junho de 1716, ***L. de Casamentos do Monte,*** arq. da Cúria.

18. FRANCISCO DE FREITAS DE MENESES. Filho de Baltazar de Barbuda e neto de Francisco de Barbuda que servia o cargo de juiz ordinário, de qualidade, "por seus avós paternos e avós maternos", ***Atas da Câmara da Bahia,*** VI, p. 14, foi

almotacé em 1785. Filha: Francisca Coutinho de Meneses, que casou com Antônio Barbosa de Souza, filho de Melchior Pereira, de S. João de Pendurada, bispado do Porto e Margarida Barbosa de Souza, baiana, conforme assentamento, a 5 de abril de 1727, ***L. de Irmãos da Santa Casa,*** 3, fl. 527. À margem: "Re. desta Mesa 1.º de março de 1755 se riscou este Irmão por causa que se contém no L. dos Segredos".

19. INÁCIO RODRIGUES DE TÁVORA. Processo incompleto de Familiar do Santo Ofício, 1703, T.T., ***Habil. incompleta,*** caderneta R.

20. PEDRO DE FREITAS. Em 1659, vizinho do engenho do Conde, havia "o porto que foi de Pedro de Freitas", ***Doc. Hist.,*** v. 62, p. 317.

21. MANUEL DE BARBUDA. Casado com D. Águeda. A 3 de outubro de 1688 batizou-se sua filha Antônia, ***Livro de Batizados de Paripe,*** arq. da Cúria. Ainda em março de 1707 na mesma freguesia batizava a filha Vitoriana, ***Livro citado.***

22. MANUEL GOMES DE ESCOBAR. A 10 de agosto de 1687 batizou-se João, filho de Manuel Gomes Escobar e sua mulher D. Jerônima. ***Livro de Batizados de Paripe,*** arq. da Cúria. Faleceu ele a 9 de dezembro de 1693, registro no citado livro.

23. DIOGO DA ROCHA DE SÁ. Veja-se ***tít. Rocha, Sá e Soto-Maior.*** "Das principais pessoas daquela vila" (Cairu), "não faltando à contribuição para o donativo Real além da farinha que gratuitamente dá à fortaleza do Morro de S. Paulo", foi feito capitão da Ordenança a 10 de novembro de 1688, Arq. Públ. da Bahia, ***Patentes de 1688 a 1696,*** fl. 43 verso. Não apresentando confirmação régia, foi novamente nomeado a 23 de maio de 1691, ***Patentes,*** cit., fl. 154.

24. RODRIGO PEDROSO (BARBOSA). A mulher, D. Isabel de Meneses, Fr. Jaboatão, ***Novo Orbe Seráfico,*** I, p. 111. Seu filho, João Pedroso de Meneses, acabou às mãos dos tapuias, na peleja que contra eles sustentaram os "três mancebos de valor e força" (veja-se o que dizemos de D. João de Uzeda e Góes).

25. FRANCISCO DE SÁ DE MENESES. Tinha fazenda em Cairu, e cabedais, que abandonou, fugindo aos aimorés numa canoa, Fr. Jaboatão, ***Novo Orbe,*** I, p. 109. De outra feita, doente, de cama, foi surpreendido pelo ataque dos mesmos tapuias. Com uma adaga os repeliu. Ferido porém de uma flexa hervada, acabou sucumbindo. Nessa ocasião os índios lhe mataram um filho no colo da ama, ***Novo Orbe,*** I, p. 110. — Francisco de Sá de Meneses entrou a 20 de novembro de 1670 para Irmão da Santa Casa da Bahia, L. 2, fl. 203.

26. SEBASTIÃO BARBOSA. — Candidatou-se à vaga de capitão de Infantaria em 1669 dizendo que servira de 1647 a 1668. Veio na armada do Conde de Vila Pouca (1647), a desalojar os holandeses de Itaparica; duas vezes assistiu no Morro de São Paulo, para defender as vilas de Camamu, Boipeba e Cairu; saiu a socorrer os engenhos, quando uma "armada de 30 embarcações" foi queimar os navios que estavam no rio de Matoim. Ajudou a apagar o fogo que pegou na capitânea "Bom Jesus de Portugal", ms. Arq. Hist. Ultr., ***Consulta do Conselho Ultramarino,*** cx. 10. Teve em 6 de março de 1664 carta de 1/4 de légua em uma ilha do rio de São Francisco, Livro 6.º das Provisões Reais, ***Publ. do Arq. Público,*** XVII, p. 20.



Gregório de Matos dedicou um soneto "ao desembargador ***Belchior da Cunha Brochado,*** casando com uma filha de ***Sebastião Barbosa,*** capitão de infantaria do Terço Novo da Praça da Bahia".

***Uma pena assaltou muito entendida,***
***Uma espada a cortou mui valerosa,***
***Pois já se dão as mãos, espada, e pena.*** (***Obras, Lírica,*** II, p. 84, ed. da Academia Brasileira).

O desembargador conhecera o poeta em Coimbra: "com suas imagens e tropos, parece que baila Momo às canconetas de Apolo". Licenciado Manuel Pereira Rabelo, ***Vida do grande poeta americano Gregório de Matos Guerra,*** em ***Obras,*** VI, p. 67. Empossou-se na Relação da Bahia a 17 de maio de 1687.

27. D. MARIA DE GÓES. Faleceu em Paripe, viúva, a 2 de maio de 1684, com testamento, testamenteiro o filho Sebastião Barbosa (***Livro de Óbitos,*** arq. da Cúria). Morreu-lhe o marido a 5 de outubro de 1677 (registro no mesmo livro). E Sebastião Barbosa, a 3 de agosto de 1692.

28. TOMÉ PEDROSO DE GÓES. Sacerdote do hábito de S. Pedro, faleceu a 18 de abril de 1731, ***L. de Óbitos de S. Pedro Velho,*** arq. da Cúria.

29. ANTÃO GIL. Morava em Vila Velha, ***Denunciações da Bahia,*** 1591, p. 278. Teve, em 3 de junho de 1574, ***Publ. do Arquivo Nacional,*** XXVII, p. 30, sesmaria de 5 mil braças, juntamente com Catarina Álvares, obrigando-se a passar o gado dentro, em seis meses. Testemunhou, em 1586, a doação da sogra aos beneditinos (Grácia Álvares já era falecida), ***Livro Velho do Tombo de São Bento,*** p. 88.

30. GONÇALO BEZERRA DE MESQUITA. Alvará de 27 de novembro de 1625, premiou-lhe 17 anos de serviço no Brasil: capitão do Presídio da cidade, ***Doc. Hist.,*** XIV, p. 490. Acompanhou Baltazar de Aragão na saída em busca do corsário francês: "e as outras (naus) a ***Gonçalo Bezerra*** e Bento de Araújo, que eram capitães de el-rei e comiam seu soldo nesta cidade". Fr. Vicente do Salvador, ***op. cit.,*** p. 483. Foi capitão da companhia que o governador Diogo de Mendonça Furtado mandou defender Vila Velha, ao desembarcarem os holandeses, em 9 de maio de 1624, Fr. Vicente, ***ibid.,*** p. 510. Tinha então 50 anos, ***Livro 1.º do governo de D. Luiz de Souza,*** p. 382.

31. COSME GIL. Acrescenta Macedo Leme: batizado na Sé a 30 de outubro de 1559.

32. DIOGO ÁLVARES. O capitão Diogo Álvares (este?) companheiro de Fernão de Sá, filho do governador Mem de Sá, ao Espírito Santo, Fr. Vicente do Salvador, ***op. cit.,*** p. 167. Cremos ser o lavrador na freguesia de Paripe, casado com Felícia Costa, das ***Denunciações da Bahia,*** 1591, p. 548.

33. GASPAR BARBOSA. Não confundir com o homônimo, pai do deão da Sé Pero do Campo, ***Denunciações de 1591,*** p. 470, que com Diogo Álvares fora ao encontro do donatário Vasco Fernandes Coutinho, cercado pelos aimorés, Fr

Vicente do Salvador, ***ibid.,*** p. 169, investida em que morreu Fernão de Sá, celebrado no poema latino atribuído a Anchieta, ***De Gesti Mendi Sá*** (aliás impresso em Coimbra, 1563, por Francisco de Sá, outro filho do governador). Em 1580 Gaspar Barbosa testemunhou a primeira doação de Catarina Álvares aos beneditinos, ***Livro Velho do Tombo de São Bento,*** p. 405.

34. BALTAZAR BARBOSA. "Lavrador irmão de Francisco de Araújo", ***Denunciações de 1591,*** p. 274.

35. Roque Luis de Macedo Leme dá como 4.º e 5.º filhos de Catarina Gil, Catarina Barbosa, mulher de Cosme de..., e Gaspar Álvares de Araújo, casado com Margarida Correa, com filhos (***Memórias*** cit., Tít. 1).

36. VASCO DE BRITO FREIRE. Saindo Baltazar de Aragão a combater o corsário, "das outras naus deu a melhor a Vasco de Brito Freire, que fez seu almirante", Fr. Vicente, ***op. cit.,*** p. 483. Em 1618, segunda visita do Santo Ofício à Bahia, aparece senhor de fazendas no Paraguaçu, ***Denunciações,*** ms., fl. 234, tão rico, que ofereceu em 1619 "quatro galeões à sua custa" para policiar a costa, pedindo em troca apenas o galardão "conforme o serviço que nisso lhe faz" (ao Rei), ***Livro 1.º do Governo,*** de D. Luis de Souza, p. 287.
Filho de Gaspar de Brito Freire e pai de Antônio de Brito Freire, que teve foro de fidalgo em 1655 por serviços prestados no Brasil, Carvalho Franco, ***Nobiliário Colonial,*** p. 78.
Casou a 26 de abril de 1610 (Roque Luis de Macedo Leme, ***Memórias*** citada).

37. LOURENÇO BARBOSA DA FRANCA. "Veterano das guerras de Portugal e armadas reais", "fidalgo da Casa de Sua Majestade, cavaleiro da Ordem de Cristo", coronel do Partido de Passé, Matoim, Cotegipe, Paripe, Pirajá, em 1668, ***Doc. Hist.,*** v. 31, p. 401, vereador em 1656, foi a 11 de janeiro de 1677 eleito juiz ordinário da Câmara, "sem embargo de que tenha um crime de mais de quarenta anos saiu por acórdão da Relação perdoado", e por seu despacho tomou posse, 19 de maio de 1678, ***Atas,*** V, p. 227. A 23 de novembro de 1678 provedor da alfândega, por um ano, no impedimento de Francisco de Brito de São Paio, ***Doc. Hist.,*** v. 27, p. 71. Irmão da Santa Casa a 8 de agosto de 1670, foi seu provedor em 1679. Era natural da Bahia. Ia embarcar na armada real para o Brasil, quando a 5 de setembro de 1647 recebeu o hábito da Ordem de Cristo, T.T., ***Habil.,*** m. 17, n. 31.

38. JOÃO ÁLVARES SOARES. Sobrinho de Diogo Soares, capitão de infantaria, tinha o hábito de Cristo e em 1641 estava na Bahia, em casa de Domingos Álvares de Serpa, cristão novo, A. Novinsky, ***op. cit.,*** p. 170.

39. JOÃO PAES FLORIANO. Veja-se ***tít. Florianos na Bahia.***

40. AFONSO BARBOSA DA FRANCA. Cavaleiro da Ordem de Cristo, 19 de junho de 1641, ***T.T., Habil. da Ordem de Cristo,*** letra A, m. 45. Queixou-se Francisco de Brito Freire, em 1679, que o fizera procurador, encarregado, com outros, da administração de seu engenho de Santiago de Parnamirim, e havia passado a função ao filho "bastardo e clérigo chamado Sebastião Barbosa, o qual, com o



favor de seu pai, discerniu e dissipou os frutos do engenho daquela safra de 677 para 678, deixando o engenho em miserável estado, e sucedendo que o dito Afonso da Franca faleceu no fim da dita safra", o primo, Pedro Garcia Pimentel, dali expulsou o mau administrador, ***Doc. Hist.,*** v. 87, p. 294. Irmão da Santa Casa, 31 de outubro de 1672. Morreu a 2 de dezembro de 1678, ***L. de Irmãos,*** n. 2, fl. 285.

41. SEBASTIÃO BARBOSA, CLÉRIGO. Sebastião Barbosa, indicado na nota anterior.

42. ANDRÉ DA FRANCA. Menciona-o Gregório de Matos, na poesia em que descreve a caçada com vários amigos a "uma porca amontada no sítio de São Francisco de Sergipe do Conde", ***Graciosa,*** III, p. 266. "O famoso André Barbosa/Honra da nossa fileira". Ingressou na Irmandade da Misericórdia a 21 de março de 1674, ***L. 2, fl. 329.***

43. AFONSO BARBOSA DA FRANCA. Lembrando "uma caçada de javalis na vila de São Francisco" (talvez a mesma à "porca amontada"), louvou Gregório de Matos, ***Graciosa,*** III, p. 266.
***O lindo Afonso Barbosa***
***Que dos nobres Francas é.***
Dedicou-lhe o soneto, "a morte de Afonso Barbosa da Franca generoso Mancebo da principal nobreza da Bahia, e muito amigo do Poeta, que fala nele na 2.ª décima da obra fr.", ***Lírica,*** II, p. 162. "Quem poderá do pranto soçobrado..." "Ao mesmo assunto", parodiou Camões, "Alma gentil, espírito generoso", ***ibid.,*** II, p. 163. Na "caçada" aos javalis estava com o pai, "O lindo Afonso Barbosa, /Que dos nobres Francas é / Por filho do dito André / Rama ilustre e generosa", ***Graciosa,*** III, p. 266.

44. SEBASTIÃO PACHECO DE CASTRO. Testemunhou em 1624, na inquirição feita sobre o governo de D. Luiz de Souza: "fidalgo da casa de Sua Majestade no seu engenho que tem na ilha de Itaparica", "de idade que disse ser de 54 anos pouco mais ou menos", ***Livro 1.º do Governo,*** I, p. 401. Conta Fr. Vicente do Salvador, "indo já (os holandeses) nos batéis para desembarcar na ilha no engenho de Sebastião Pacheco", os repeliu Paulo Coelho, capitão da ilha de Itaparica.

45. ANDRÉ BARBOSA. Parece ser o do soneto de Gregório de Matos, "por certas diferenças que teve com André Barbosa", ***Obras,*** III, p. 51.

46. FRANCISCO LUCENA DE VASCONCELOS. O seu filho natural, capitão João de Barros Frazão, não foi aceito irmão da Santa Casa, em 1696, ***L. de Segredos,*** no respectivo arquivo.

47. GASPAR PACHECO. Vereador em 1641. Consulta do Conselho Ultramarino pediu se passsasse Provisão ao "capitão Gaspar Pacheco", de Juiz dos órfãos na Bahia, sem embargo de não casar dentro de um ano, como dispunham as Ordenações, requerimento deferido a 17 de novembro de 1663, ***Arq.Hist. Ultr.,*** códice 46, fl. 246. Veja-se neste Catálogo tít. ***Moreiras do Socorro.*** Aí se diz que

sua filha reconhecida, D. Maria de Burgos, casou com Manuel Teles de Meneses, que herdou do sogro o ofício de juiz dos órfãos.

48. ANTÔNIO VAZ RIBEIRO. Natural da vila da Cachoeira, filho de Francisco Vaz Ribeiro, do Porto, e Úrsula Pacheco de Melo, da Cachoeira, tem processo, inconcluso, de Familiar do Santo Ofício, 1701, T.T., ***Fam.***, m. 214, n. 3175. As suas terras do Itapicuru-mirim limitavam com as de Ântonio Guedes de Brito, ***Anais do Arq. Publ. da Bahia,*** v. 32, p. 324.

49. FRANCISCO MACHADO DA SILVA. Escrivão da Vara do Meirinho do Contrato das Cartas e Jogar, e Solimão da capitania da Bahia, 9 de dezembro de 1726, ***Doc. Hist.***, v. 47, p. 276.

50. BALTAZAR LOBO. A mulher, D. Águeda Moreira. Filha, Francisca, batizada na capela de S. José, freguesia do Monte, a 27 de junho de 1718. ***L. de Batizados,*** 1705-29, arq. da Cúria. Faleceu, viúva, D. Águeda, em 1753, ***L. de Óbitos de Passé,*** arq. Cúria.

## *ARAÚJOS E BARBOSAS*

Baltazar Barbosa de Araújo,* de quem era irmão bastardo Francisco de Araújo Barbosa, à fl.... n. 3, e ambos naturais de Ponte de Lima, era filho legítimo de Gaspar Barbosa de Araújo, e de sua mulher D. Maria de Araújo, neto de Francisco Rodrigues de Araújo e de sua mulher D. Genebra Barbosa, filha de Estevão Gonçalves Susteiro e de sua mulher D. Brites Barbosa, filha de Gonçalo Fernandes de Barbosa, que serviu a el-rei D. João I com gente à sua custa na batalha de Aljubarrota, o qual Gonçalo Fernandes de Barbosa, houve a dita D. Brites de Barbosa de sua mulher Beatriz Correa, filha de Fernão Afonso Correa, senhor da honra de Farelões, e das freguesias de S. Pedro do Monte, e Vilameana, e de sua mulher D. Leonor Rodrigues da Cunha, neta de Afonso Vasques Correa, senhor da honra de Farelões, e de D. Berengueira Nunes Pereira, filha de Rui Pereira, a quem chamaram o Bravo, e de D. Violante Lopes de Albergaria, e neta de D. Rui Gonçalves Pereira e de D. Berengueira Nunes, filha de Nuno Martins Barreto, bisneta de Paio Correa de Alvarcenta e de D. Maria Mendes de Melo, filha de Mem Soares de Melo, terceira neta de Pedro Paes Correa, e de D. Dordens Paes, filha de Pedro Mendes de Aguiar, quarta neta de D. Paio Soares Correa, o velho, e de sua segunda mulher D. Maria Gomes da Silva, filha de D. Gomes Paes da Silva, alcaide-mor do castelo de Santa Olaia, quinta neta de D. Soeiro Paes Correa e de D. Urraca Soeiro, filha de D. Huergueda, sexta neta de D. Paio Ramiro, fidalgo português, rico homem del-rei D. Afonso VI da Espanha.

---

*Nota da R.I.H.G.B.*

* *Teatro Genealógico. Árvore 36, fl. 91, n. 27.*



Foi Gonçalo Fernandes de Barbosa filho de D. Fernão Pires de Barbosa e de sua mulher D. Mauroires, filha de Aires Paes de Torozelos e de D. Urraca Ramires, filha de Dom Rui Gonçalves da Cunha, neto de Martim de Barbosa e de D. Margarida Eanes, filha de João Aires Duro, e neta de Aires Rodrigues Duro e de D. Teresa de Vasconcelos, filha de João Pires de Vasconcelos, bisneto de Nuno Pires Barbosa, e terceiro neto de D. Pedro Nunes de Barbosa e de D. Elvira, filha de Martim Pires da Maia, Ojami, de alcunha, quarto neto de D. Nuno Sanches de Barbosa e de sua mulher D. Teresa Álvares, filha do Conde D. Álvaro de Ferreira de Castela, quinto neto do Conde D. Sancho Nunes e da Condessa D. Teresa Mendes, filha de D. Mem Moniz de Riba-Douro, sexto neto do Conde D. Nuno de Salanova e de D. Sancha Gomes Echegui, sétimo neto de Guterre Arias, Conde de Tui, mordomo-mor del-rei D. Afonso Magno, oitavo neto de Ermenelgido, Conde de Tui, mordomo-mor, e parente del-rei D. Afonso Magno, pelos anos de Cristo de 864.

Foram Baltazar Barbosa de Araújo e seu irmão Francisco de Araújo Barbosa bisnetos de Rodrigo Álvares de Araújo, comendador da Ordem de Santiago, e de D. Bibiana Álvares de Anta , filha de Álvaro Pires de Anta , e neta de Estevão Rodrigues de Anta , que se achou no escalamento de Tui, como refere Azurara na Crônica del-rei D. João I, e concorreu nos tempos del-rei D. Diniz, bisneta de Gonçalo Fernandes de Anta , senhor do Pasto de Anta, e do conselho de Fragão, e de sua mulher D. Inês Aldret, filha de D. Vasques Aldret da Silva, terceira neta de Garcia Vasques de Anta e de sua mulher D. Teresa de Novaes, filha de D. Paio de Novaes, senhor de Gondum, que era da casa de Castela, e de sua mulher D. Teresa Oerio, quarta neta de Pedro Esteves de Anta e de D. Dordia Martins, filha de Martim Dadis, o velho, e de sua mulher D. Urraca Pires, filha de D. Pedro Mendes de Aguiar.

Foram os ditos Baltazar Barbosa de Araújo e seu irmão Francisco de Araújo Barbosa, terceiros netos de Álvaro Rodrigues de Araújo, comendador do Rio-Frio, e de D. Constança da Veiga Azevedo, filha de Rui Lopes da Veiga Azevedo, quartos netos de Paio Rodrigues de Araújo, que chamaram o cavaleiro, embaixador del-rei D. João I de Portugal, capitão da guarda do infante D. Henrique, e de sua mulher D. Leonor Pereira de Barbudo, senhor do solar de Barbudo, quintos netos de Pedro Anes de Araújo Portegueiro-mor de Cela-nova, senhor da terra de Lindoso, e de sua mulher (não lhe explica o nome) filha do senhor de Pedroso, sextos netos de Gonçalo Rodrigues de Araújo, vassalo del-rei D. Fernando de Portugal, senhor de Vilar de Valar, e do lugar de Ladrões, e casal de Donas, e da terra de Lindoso, e dos Susgados, e Portorgo de Castro Laboreiro, e de sua mulher, que foi filha de um senhor da casa de Ribeira em Galisa, sétimos netos de Pedro Anes de Araújo, fronteiro-mor contra a parte de Galisa, e de sua mulher F. Veloso, oitavos netos de Vasco Rodrigues de Araújo, o primeiro que teve este apelido de Araújo, por ser

senhor desta vila, Milmenda, Interino e treze da Ordem de Santiago, e de sua mulher D. Leonor Gonçalves Velho, filha de Pedro Anes Velho, mestre da Ordem de Santiago em Portugal, nonos netos de Paio Cavaleiro, em quem começou esta família.

O Marquês de Monte-Belo, nas notas ao Conde D. Pedro, afirma descender do infante D. Veloso, filho del-rei D. Ramiro. Foi este Paio Cavaleiro senhor das vilas de Araújo, Interino, Guindave, Milmenda, e Val de Pedras. Tudo o que aqui se refere anda nos livros das linhagens em Portugal, e do Conde D. Pedro; e nos autores, que escreveram as notas ao dito Conde; também no 1.º tomo da Corografia Portuguesa, cap. 14, fl. 253, se trata da família dos Araújos.

## *CARAMURUS*

N. 7. Isabel Álvares, filha natural de Diogo Álvares Caramuru, que vai na p...., casou com Francisco Rodrigues, (1) e teve filhos:

1. Henrique, batizado, na Sé a 3 de abril de 1554.
2. Filipe, batizado, na Sé a 2 de maio de 1557.
3. Maria, batizada, na Sé a 29 de janeiro de 1559.

N. 8. Catarina Álvares, filha natural de Diogo Àlvares Caramru, foi casada com Gaspar Dias, que suposto se não declara no livro, ou caderno dos batizados da Sé, quem era este Gaspar Dias, e de quem era filha esta sua mulher Catarina Álvares pela ocorrência dos anos e batizados seguintes dos seus filhos assim o assentamos, e foram filhos:

1. Isabel, batizada, na Sé a 4 de setembro de 1557.
2. Maria, batizada, na Sé a 7 de maio de 1559.
3. Manoel, batizado, na Sé a 25 de março de 1567.
4. João, batizado, na Sé a 30 de junho de 1568.
5. Ana, batizada, na Sé a 27 de julho de 1570.

### *Filhos naturais e ilegítimos de*

Diogo Álvares Caramuru, o qual, além dos filhos legítimos, que teve de sua legítima mulher Catarina Álvares Paraguassu, que já ficam à fl.... n. 1 e seguintes, teve da mesma, antes de casar, e de outras índias os seguintes:

1. Gaspar Álvares, * (2) que casou com Maria Rabelo, irmã de Lopo Rabelo, (3) escrivão da alçada, ofício que lhe deu el-rei, pelo que perdeu em Arzila na África, onde era morador, quando se perdeu aquela fronteira.

*Nota da R.I.H.G.B.*

** Também acompanhou a seu irmão e cunhado.*



2. Marcos Álvares, (4) que foi o que fez as pazes com os Tapuais e os trouxe à comunicação com os Portugueses por ordem do governador Mem de Sá, igualmente com Garcia de Ávila, o velho.
3. Manuel Álvares e João Álvares, (5) aos quais mataram os índios em Gequiriçá, quando mataram a Fernão de Sá, filho do governador da Bahia Mem de Sá.
4. Filipa Álvares, que se segue.
5. Madalena Álvares, adiante.
6. Helena Álvares, que casou com João Luiz, (6) e teve filhos: Tomé Luiz, Antônio Luiz, * Salvador Luiz e Inês Luiz, que casou com Antônio Rodrigues Prior. **
7. Isabel Álvares, que foi casada com Francisco Rodrigues e teve filhos Filipe Rodrigues, *** Joana Rodrigues, que casou com Gaspar Melio, sogro de Sebastião de Oubelos, na folha... n. 7.
8. Catarina Álvares, mulher de Gaspar Dias na fl.... n. 8.
9. Beatriz Álvares, que casou com Antônio Vaz, **** e teve filhos: Gonçalo Vaz, Jerônimo Vaz e Maria Gonçalves, que casou com Baltazar Margalho, do Acupe.

N. 4. Filipa Álvares, filha do Caramuru, bastarda, casou com Paulo Dias Adorno, (7) fidalgo genovês, ***** que se achava na Bahia em companhia do Caramuru, para onde se havia retirado de São-Vicente em uma lancha junto com Afonso Rodrigues, natural de Óbidos, por um homízio, (8) que lá fizeram. De Paulo Dias Adorno e sua mulher Filipa Álvares foram filhos:

10. Catarina Dias Adorno, (9) que casou com Francisco Rodrigues em 1.º de janeiro de 1552, sendo padrinho destes o governador Tomé de Souza. Cadern. fl. 85.
11. Antônio Dias Adorno, (10) cavaleiro do hábito de Santiago.

N. 5. Madalena Álvares, filha bastarda do Caramuru, casou com Afonso Rodrigues, ****** (11) que já se disse e no mesmo dia em que casou também Filipa Álvares com Paulo Dias Adorno, e casaram na igrejinha da Graça e foram ministros destes sacramentos o padre Frei Diogo de Borba, religioso de S. Francisco, que com companheiros iam para a Índia com Martim Afonso de Souza, mandados no ano de 1534 pelo rei D. João III, a fundar lá conventos e

*Notas da R.I.H.G.B.*

** Antônio, batizado na Sé a 13 de novembro de 1558.*
*** Henrique, batizado a 3 de abril de 1554.*
**** Este Filipe foi batizado na Sé a 2 de maio de 1557.*
***** Este também acompanhou a seu cunhado Marcos Alvares na redução do gentio, e pazes com os Portugueses.*
****** Casaram no ano de 1534 na igrejinha da Ajuda. (Erro)*
******* Faleceu a 9 de novembro de 1607, sepultado no Colégio.*

por ocasião dos mares foram arribados à Bahia, e estes foram também os primeiros religiosos, que a ela vieram e admistraram os sacramentos não só este do matrimônio, mas também o do batismo a estas duas filhas do Caramuru, e a outros mais filhos, que tinha assim bastardos de outras índias, como aos legítimos de sua mulher Catarina Álvares; com a qual havia casado em França e estes sacramentos se administraram na igreginha da Graça, (12) que havia levantado o Caramuru a N. S.; também a primeira que houve na Bahia, aonde só assistia o Caramuru com estes poucos Portugueses, que haviam vindo de São-Vicente. De afonso Rodrigues e sua mulher Madalena Álvares foram filhos:

13. Álvaro Rodrigues, (13) que se segue.
14. Rodrigo Martins, (14) capitão.
15. Gaspar Rodrigues * (15). Consta que foram, estes três irmãos por uma justificação dos serviços deste Álvaro Rodrigues, acima, em 26 de setembro de 1594, e outra de 23 de janeiro de 1593, e dos dois acima consta por uma carta ou alvará real; a carta é a seguinte:

## *ADORNOS DA CACHOEIRA*

### *CARTA DE EL-REI, DE 24 DE DEZEMBRO DE 1607*
### *Livro 4 de serviços da câmara da Bahia*

Vi uma consulta do conselho da Índia, que me enviastes, sobre Álvaro Rodrigues e Rodrigo Martins, irmãos, e hei por bem de fazer mercê de os tomar por cavaleiros fidalgos de minha casa, com 20$200 réis de moradia cada um, e que se lhe dê brazão de armas de nobreza, conforme a seus feitos; e assim lhes faço mercê do hábito da ordem de Avís com 20$000 réis de tença a cada um e também lhes faço de quatro léguas de terra, como pareceu a dois votos do conselho da Índia, as quais lhes assinará o governador do Brasil, etc..

N. 13. Álvaro Rodrigues, a quem chamavam também o Caramuru, ** à imitação de seu avô Diogo Álvares, Caramuru, foi filho de Afonso Rodrigues, como fica acima, e o disse mesmo Álvaro Rodrigues em uma petição que começa assim: Diz Álvaro Rodrigues, que é filho de Afonso Rodrigues, um dos primeiros fundadores e povoadores destas terras da Bahia; — a qual petição se acha despachada no livro 4.º dos serviços da câmara à fl. 37, com despacho de 9 de novembro de 1594, com testemunhas, que assim o provam.

---

*Notas da R.I.H.G.B.*

* *Casaram no ano de 1534 na igreginha da Ajuda.*
** *Faleceu a 29 de setembro de 1606. Sepultado no Colégio.*



acha despachada no livro 4.º dos serviços da câmara à fl. 37, com despacho de 9 de novembro de 1594, com testemunhas, que assim o provam.

Foi senhor do engenho da Cachoeira e suas terras, como fica dito, cavaleiro fidalgo e não sabemos com quem fosse casado este Álvaro Rodrigues Caramuru, mas porque consta dos papéis e escrituras autênticas, que ficam referidas no livro que citamos dos serviços destes Adornos, que os filhos deste Álvaro Rodrigues, que foram Afonso e João não só tomaram o sobrenome de Rodrigues, que era o de seu pai, mas também tomaram o de Adorno que só lhe podia vir por sua mãe, assentamos aqui, enquanto não aparecer outra clareza mais evidente, que esta podia ser alguma F. Adorno, filha de Catarina Dias Adorno e de seu marido Francisco Rodrigues, a qual Catarina Dias Adorno, era filha de Paulo Dias Adorno, n. 4, e de sua mulher Filipa Álvares, vindo assim a ser a dita Catarina Dias Adorno prima legítima de Álvaro Rodrigues, e a dita F. Adorno mulher de Álvaro Rodrigues, sua sobrinha em 3.º grau misto com o 2.º. E nem de outra sorte podiam tomar como tomaram os filhos de Álvaro Rodrigues e todos os seus descendentes o sobrenome de Adornos, se não fora assim. E confirma-se o poder ser isto assim, porque de Catarina Dias Adorno e de Antônio Dias Adorno, (16) filhos legítimos de Paulo Dias Adorno, não achamos para esta linha descedência alguma. De Álvaro Rodrigues Caramuru e sua mulher foram filhos:

16. Afonso Rodrigues Adorno, que se segue.
17. Maria Adorno, no fim.

N. 16. Afonso Rodrigues Adorno, (17) filho de Álvaro Rodrigues Caramuru, n. 13, foi para a Índia no ano de 1604, ou 5, e voltando, foi eleito capitão dos índios das aldeias das partes da Cachoeira, e seu administrador, por provisão do governador Diogo Botelho de 9 de dezembro de 1607. Foi moço da câmara, e faleceu, diz assim o assento do seu óbito: Em 7 de abril de 1665, faleceu Afonso Rodrigues Adorno, está sepultado na capela de N. Sra. do Rosário do capitão Gaspar Rodrigues Adorno; ficaram por testamenteiros o capitão-mor Gaspar Rodrigues e o capitão João Rodrigues, seu filho.

18. João Rodrigues Adorno, o velho, filho segundo.
18. Gaspar Rodrigues Adorno, (18) que se segue.
19. Afonso Rodrigues Adorno, (19) foi eleito capitão da gente branca e índios das três aldeias nas partes da Cachoeira por patente do Conde da Torre D. Fernando Mascarenhas, governador da Bahia, de 25 de julho de 1639, e faleceu no mesmo ano nesta guerra.
20. Agostinho Pereira, (20) que foi alferes reformado, como se diz na ordem do governador João Rodrigues de Vasconcelos, para que fosse mandado por seu irmão Gaspar Rodrigues com 30 soldados para a guerra do mesmo gentio, por patente do dito seu irmão de 6 de setembro de 1651.

N. 18. Gaspar Rodrigues Adorno, filho de Afonso Rodrigues Adorno, n.

16, por morte de seu irmão Afonso Rodrigues, que o matou o gentio no ano de 1639, foi mandado castigar o tal gentio por patente do governador D. Fernando de Mascarenhas de 15 de maio de 1640 e no de 1642, por outra patente do governador Antônio Teles de 11 de janeiro, foi nomeado capitão de infantaria paga de toda a gente, que ajuntasse no recôncavo da Cachoeira para socorro do mestre de campo Francisco Rabelo. (21)

Por patente do governador João Rodrigues de Vasconcelos de 6 de setembro de 1651, em que ia inclusa a de seu irmão Agostinho Pereira, que já se disse foi mandado ao sertão a castigar o gentio bravo, e aldeias levantadas da Cachoeira, com poder para tudo o que fosse necessário fazer assim de infantarias, cabos, soldados, e tudo o mais. E por outra ordem do governador D. Antônio de Ataíde de 24 de dezembro de 1654 foi mandado, a outra guerra do gentio. Foi casado com Filipa Álvares, e teve filhos.

21. João Rodrigues Adorno, (22) que se segue.

22. Álvaro, (23) de quem diz assim o assento seguinte:

Em 14 de janeiro de 1654 batizou o padre Pantaleão Álvares, na capela de Gaspar Rodrigues, a Álvaro, seu filho e de sua mulher Filipa Álvares. Padrinhos Francisco Dias e Isabel Fernandes.

23. D. Maria Adorno, que casou com Manuel de Aragão, à fl.... n. 39, e aí a sua descendência.

Filipa Álvares, última mulher de Gaspar Rodrigues Adorno, era filha de Maria Fernandes, como diz o assento seguinte da freguesia de Iguape: Em 25 de abril de 1672 faleceu nesta freguesia Maria Fernandes, viúva e sogra de Gaspar Rodrigues Adorno, sepultou-se na capela de N. S. do Rosário do mesmo Gaspar Rodrigues, e ficou o dito por seu testamenteiro.

Veja-se o mais na p. ... No fim.

N. 21. João Rodrigues Adorno, filho de Gaspar Rodrigues Adorno, n. 18, foi capitão de ordenança da Cachoeira, por patente do governador Francisco Barreto, de 4 de junho de 1673.

N. 17. Maria Adorno, filha de Álvaro Rodrigues Caramuru, n. 13, e de sua mulher F. Adorno, foi casada com Martinho de Ugim, (24) como consta do assento do seu enterro, que diz assim: Em 23 de novembro de 1667, faleceu Maria Adorno, mulher casada, sepultada na capela do capitão-mor Gaspar Rodrigues Adorno, testamenteiro seu marido Martinho de Ugim e seu filho Afonso Rodrigues de Ugim.

Do que se segue que tiveram estes acima filho:

Afonso Rodrigues de Ugim Adorno. (25)

Em 24 de novembro de 1656 casou, na capela de Gaspar Rodrigues Adorno, Afonso Rodrigues Adorno com Maria Dias de Souza; sem explicar quem era este Afonso Rodrigues Adorno o assento deste casamento.



Maria Fernandes* foi casada com Francisco Dias, (26) e teve filhos:

1. Filipa Álvares, mulher de Gaspar Rodrigues Adorno.
2. Isabel de Souza, mulher de Afonso Rodrigues Barreto.
3. Clara de Souza, mulher e viúva de Inácio Cardoso.
4. Francisco Dias.

---

1. FRANCISCO RODRIGUES. Viveu em Vila Velha, ***Doc. Hist.,*** XIV, p. 249. "Francisco Rodrigues espingardeiro", figura entre os homens d'armas trazidos por Tomé de Souza. Procurador do Conselho em 1552.

2. GASPAR ÁLVARES. Feito cavaleiro por Tomé de Souza, título que lhe confirmou o rei em 1554, recompensando serviços de guerra "do mar e da terra" de "Gaspar Álvares filho de Diogo Àlvares Caramuru", doc. cit. por Souza Viterbo, em ***A Armaria em Portugal.***

3. LOPO RABELO. Deve ter deixado Arzila em 1549, quando ordenou D. João III o abandono da praça e a transferência da população para Tanger, Resumo ***Histórico das Descobertas e Conquistas dos Portugueses***, V, p. 93, Lisboa, 1849. Era sua mulher Leonor Carvalho, natural de Arzila, filha de Francisco Carvalho e Maria Lopes, "***viúva de Lopo Rebelo*** escrivão da alçada do Brasil", em 1591, e então de 60 anos, ***Confissões da Bahia,*** p. 56. Veio com o cargo de "escrivão dante o provedor geral dos portos do Brasil", provisão de 8 de junho de 1554, ***Revista do Instituto Histórico,*** v. 67, parte I, p. 58; Melo Moraes, ***Crônica etc.,*** p. 63. Nessa carta de nomeação é tratado como "moço fidalgo da Câmara de Sua Alteza". Gabriel Soares: "Na ponta desta ilha de Taparica defronte da Serra de Jaguaripe está uma ilhota junto a ela, que se diz de ***Lopo Rebelo***", ***op. cit.,*** p. 149.

4. MARCOS ÁLVARES. Os carmelitas obtiveram em 1606 do governador Diogo Botelho sesmaria, da "tapera de Jacuípe aonde Marcos Álvares e seu irmão Gaspar Álvares tiveram aldeias do gentio da terra para a banda de leste ao longo do dito rio", ms. arq. do convento do Carmo, livro do Tombo, 1, fl. 148.

5. MANUEL ÁLVARES. Os gentios que mataram João e Manuel Álvares, eram chefiados por Miranguaba, nota de Capistrano, à ***Hist.Geral,*** de Varnhagen, I, p. 320.

6. JOÃO LUIZ. "João Luiz Marinheiro", vencia soldo na Bahia em 1549-51, ***Doc.Hist.,*** XXXVII, p. 381.

7. PAULO DIAS ADORNO. Recomendou D. João III o governador Tomé de Souza a Diogo Álvares Caramuru, 19 de novembro de 1548, "escrevo sobre isso a Paulo Dias vosso genro". E o doutor Pero Borges, a Rainha, em 7 de agosto de 1558: "Paulo Dias Adorno entende do mar bem",e "está enfadado desta terra". Podia encarregar-se do comando de algum navio, "porque é para isso", Rodolfo Garcia,

---

*Nota da R.I.H.G.B.*

* *Consta este assento da verba do Testamento desta Maria Fernandes, sem mais explicação.*

nota às ***Cartas do Brasil,*** ed. da Academia Brasileira, I, p. 250, Rio, 1931. A 16 de outubro de 1551 vendeu por 5$500, em mercadoria, um barco de pesca, ao Provedor-mor, ***Doc.Hist.,*** XIV, p. 114. Ganhou tença, com hábito de Cristo, em 1554, ***Doc.Hist.,*** v. 35, p. 345. Comendador de Santiago, diz Fr. Vicente do Salvador, ***op.cit.,*** p. 180. Foi um dos capitães na expedição ao Espírito Santo de Fernão de Sá, Fr. Vicente, ***ibid.,*** pp.169-170, e se distinguiu na tomada aos franceses do Rio de Janeiro com Estácio de Sá, comandando galeota de dez remos de banda, Fr. Vicente, ***ibid.,*** p. 180. A valentia remiu-lhe a culpa de ter matado um homem em São Vicente, Fr. Simão de Vasconcelos, ***Crônica*** etc., 2.ª ed., p. 28. "Entretanto chegaram os capitães Jorge Ferreira e Paulo Dias com as canoas e gentio que, tanto que chegou, mandou (Estácio) buscar a Cananéa e provida a armada de todo o necessário, se partiu outra vez para o Rio de Janeiro em o ano de 1565, dia de São Sebastião, a quem tomou por patrão da sua jornada", Fr. Vicente, ***ibid.,*** p. 181. — "Dina viúva", em 1573, confirmou Filipa Álvares a venda feita pelo filho Antônio Dias (abaixo) ao "Mosteiro de Jesus" de "umas moradas de casas com seus quintais", "pegados para a cerca do Mosteiro". Morava na povoação do Pereira, ***Doc.Hist.,*** v. 64, p. 21.

— A propósito de Jerônimo Adorno, genovês, que em 1499 andou pelo próximo Oriente, era da família patrícia Adorno, "da qual três irmãos vieram para Portugal no princípio do século XVI, e depois se estabeleceram no Brasil", Francisco Maria Esteves Pereira, ***Marco Paulo,*** p. XVII, Lisboa, 1922.

Na verdade foram três: o genovês Francisco, capitão de navio (sem descendência no Brasil), José, capitão de um bergantim que conduziu o padre Anchieta, Fr. Gaspar da Madre de Deus, ***Memórias para a História da capitania de São Vicente,*** p. 157, feitor na ilha da Madeira de engenhos de açúcar, fundador em São Vicente do engenho São João, dono em 1570 de sesmaria no Rio de Janeiro (praia de Caraí); Rafael Adorno, tronco de linhagem paulista, tít. Gayas, cf. Silva Leme, ***Nobiliarquia,*** V, p. 416.

8. Leia-se, "homicídio", como está nas ***Memórias*** de Roque Luis de Macedo Leme.

9. CATARINA DIAS ADORNO. "Minha mulher", diz Baltazar de Barbuda no seu testamento (ms. no arq. do convento do Carmo, da Bahia). Teria sido 2.º marido.

— Filhas de Francisco Rodrigues e Catarina Dias Adorno, foram Filipa, que casou com Gaspar Rodrigues Adorno (adiante) e Clara Adorno. Fr. Jaboatão não anotou o nome de Paulo Adorno, que em 1574 entrou o sertão com tio, Antônio Dias Adorno, ***Denunciações da Bahia,*** 1591, p. 159, casado com Maria de Almeida, filha de Manuel Gonçalves, cavaleiro da casa del-rei. Herdada do avô Paulo Dias, casas junto do Colégio, escritura de 1573, ***Doc.Hist.,*** v. 64, p. 24. Viúvo, tinha 39 anos em 1592, ***Confissões,*** p. 164.

10. ANTÔNIO DIAS ADORNO. Casou com Antônia Fogaça, filha do castelhano Diogo de Zorrilha, provedor dos índios (alvará de 25 de fevereiro de 1576) e Catarina dos Rios, nascida em 1563. Fundou engenho às margens do Paraguaçu, Gabriel Soares, ***Tratado Descritivo,*** p. 143. Deu-lhe o governador D. Luiz de Brito e Almeida sesmaria ao longo do rio Traripe, do outro lado do recôncavo (Pedro Tomás Pedreira, ***Memória Histórico-Geográfica de Santo Amaro,*** p. 8, Brasília, 1977). Mostrou-se arrojado sertanista, entrando o sul da capitania com 150 brancos e 400 índios, dizem Gabriel Soares, ***ibid.,*** p. 60, Fr. Vicente do



Salvador, ***op.cit.,*** p. 218, Pe. Simão de Vasconcelos, ***Crônica da Companhia de Jesus*** (3.ª ed., Petrópolis, 1977, I, p. 73). Tinha terra no caminho de Vila Velha, escritura de 1580, ***L. Velho do Tombo de São Bento,*** p. 404. Trouxe o governador Manuel Teles Barreto recomendação para com ele tratar, mas já era falecido quando chegou, a 9 de maio de 1584. De seus costumes agrestes conta documento achado pelo Pe. Serafim Leite, ***História da Companhia de Jesus no Brasil,*** II, p. 25: "Tendo um padre informado para Roma que Antônio Dias, célebre sertanista, deixava castigar diante de si os índios e as índias, todos nus, o Pe. Geral pediu ao antigo Visitador Cristóvão de Gouveia que lhe dissesse o que haveria sobre o caso. Respondeu que o serem diante do padre era para não matarem os índios, e aquela nudez no Brasil não se devia estranhar: pior é o castigo, nas aulas, aos estudantes, na Europa, e não se estranha". Quanto à ambição de sua ***entrada*** pelos sertões: confessou em 1592 Francisco Fernandes, mamaluco, "haverá 20 anos mais ou menos que ele foi ao sertão de Porto Seguro em companhia de Antônio Dias Adorno, à conquista do ouro", ***Confissões da Bahia,*** p. 168. — Deixou filha, Margarida Adorno, ***Confissões*** cit., p. 130, ***Denunciações da Bahia,*** p. 389.

11. AFONSO RODRIGUES. Veio com Tomé de Souza. A 26 de junho de 1549, passou o provedor-mor mandado para o tesoureiro dar a Afonso Rodrigues, morador na cidade do Salvador da Bahia de Todos os Santos, 1$120 em pano azul de 280 réis por côvado para servir com o seu barco, ***Livro de provisões reais*** de 1548 a 1578, Arq. Públ. da Bahia. Em 1551, "morador na povoação do Pereira", fornecia farinha da terra à cidade nascente, ***Doc. Hist.,*** XIV, p. 179, de cujas obras foi nomeado contador por Mem de Sá, 15 de Maio de 1558, ***Anais da B.N.,*** v. 27, p. 264. Na igreja da Victória, à entrada, há a pedra que o recorda. "Aqui jaz Afonso Rodrigues natural de Óbidos primeiro homem que casou nesta terra".

. Nas ***Denunciações do Santo Ofício,*** 1591, aparece "Álvaro Roiz, mameluco, da Cachoeira, filho de Madelena Álvares e de Afonso Rodrigues" (1591). A carta de sesmaria dada no sertão da Cachoeira, a Afonso Rodrigues Adorno e seu pai Álvaro Rodrigues, 15 de novembro de 1619, ***Livro 3.º do Tombo de São Bento,*** fl. 25, diz que este já tinha morrido.

12. Anotação marginal às suas ***Memórias,*** de Roque Luis de Macedo Leme: "Esta capela que é hoje convento de Beneditinos, edificada e dotada em testamento pela dita (Catarina Álvares) ficava junto a casa e com tribuna que eu ainda cheguei a ver, donde ela ouvia as Missas e fazia as suas orações. E o seu estrado próprio se acha no dito Mosteio. Na parede desse, assoma janela conventual que olha para o mar da Itapoã. "Chegou a ver a capela antiga, transformada em 1776 (data que se lê sobre a porta principal) na igreja existente.

13. ÁLVARO RODRIGUES. Foram três irmãos, Álvaro, Rodrigo e Gaspar. Os dois primeiros entraram o sertão em 1575, submeteram, em 1586, os índios do Jaguaripe, e comandaram os que Cristóvão de Barros levou à conquista de Sergipe. Em 1595 Álvaro Rodrigues se estabeleceu em Cachoeira do Paraguaçu, de onde, em 1599, saiu a combater corsários na baía de Todos os Santos. Pacificou aimorés, em 1603. Achou minas de salitre. Na frase do governador Diogo de Meneses: ***os índios obedeciam-lhe como ao sol.*** (1609). Veja-se livro

4º de ***Serviços da Câmara da Bahia,*** carta do Rei, 24 de dezembro de 1607. O governador pediu para seu filho Afonso o hábito de Cristo.

14. RODRIGO MARTINS. "...Engenho de água mui bem acabado, o qual fez um Rodrigo Martins, mameluco, por sua conta", no Paraguaçu, Gabriel Soares, ***Tratado Descritivo,*** p. 142. "Rodrigo Martins e Álvaro Rodrigues seu irmão", Fr. Vicente, ***Hist. do Brasil,*** p. 334.

15. GASPAR RODRIGUES. Mameluco da Cahcoeira, conforme ***Denunciações do Santo Ofício,*** Bahia, 1591, p. 566, tinha engenho no Paraguaçu, acrescido de 3 mil braças de terra pela carta de sesmaria, de 12 de maio de 1574, com a obrigação de por dentro o gado, em seis meses (Publ. do Arquivo Nacional, XXVII, p. 29) Antônio Dias Adorno Cedeu-lhe (sesmaria de 23 de janeiro de 1574) outras 1.200 braças naqueles sítios.

    Sua mulher, neta de Filipa Álvares e irmã de Clara Adorno, chamava-se Filipa Adorno. Morava com a avó, filha bastarda de Caramuru (***Denunciações da Bahia,*** 1591, ***documento citado).***

    — No ***Livro de Óbitos da Cachoeira,*** o surpreendente registro de 16 de dezembro de 1742: "faleceu da vida presente o capitão João Rodrigues Adorno, natural desta, filho de Gaspar Rodrigues Adorno e de sua mulher Filipa Álvares, recebeu todos os sacramentos, tinha deste pouco mais ou menos cento e trinta e cinco anos, foi enterrado na Ordem 3ª..." (arq. da Cúria). Teria nascido em 1607 (se o casamento dos pais foi como diz o linhagista em setembro de 1606). Havia portanto dois com o mesmo nome, pois o sertanista João Rodrigues Adorno morrera antes da mulher, D. Úrsula de Azevedo, cujo Óbito é de8 de agosto de 1740, dois anos antes do longevo seu homônimo.

16. ANTÔNIO DIAS ADORNO. Casou com Catarina dos Rios, filha de Diogo Zorrilla, já viúva em 1592. ***Confissões do Santo Ofício,*** p. 101.

17. AFONSO RODRIGUES ADORNO. Teve carta de sesmaria, 15 de novembro de 1619, no sertão de seu engenho da Cachoeira, "onde tem suas aldeias e currais de gado", de seis léguas, além das duas que já possuia, juntamente com o pai, então já morto. ***Livro 3 do Tombo de São Bento,*** fl. 25. Ajudou a defender a Bahia contra os holandeses, em 1624, com "60 índios frecheiros de Afonso Rodrigues de Cachoeira, que os capitaneava", Fr. Vicente do Salvador, ***op. cit.,*** p. 509. Os "índios selvagens de ***Afonso Rodrigues da Cachoeira***" trucidaram a escolta do coronel João Van Dorth, em Água de Meninos, e cortaram a cabeça e os pés do governador flamengo e do seu clarim. Desbarataram em Itaparica, depois disso, o ataque do inimigo, Fr. Vicente, ***ibid.,*** pp. 519 e 527. — Conforme acordo feito pela Câmara da Bahia, 19 de dezembro de 1627, ***Atas,*** I, p. 80, chefiou Afonso Rodrigues uma entrada no sertão, 1628-29, Braz do Amaral, nota às ***Memórias*** de Accioli, II, p. 75. Quase um século mais tarde, o coronel Pedro Barbosa Leal encontraria os vestígios da devastação causada pela ***bandeira,*** castigando o gentio do Jaguaripe e do Paraguaçu. "Com muitos índios presos, os quais foram distribuídos em tanto número que só ao governador couberam 27 peças", Varnhagen, ***Hist. Geral,*** II, p. 247. Rebatendo o cerco em que Nassau pôs a Bahia, em 1638, continuava o mesmo guerreiro. Aí sucumbiu, conta na ***Relação Diária*** Pedro Cadena de Vilhasanti. "E colheram a Afonso Rodrigues da Cachoeira com muito



gentio junto ao Rio de Matoim. Pelejou com perto de 300 holandeses, e posto que o fez valorosamente matando muitos ele também morreu na briga", carta de 7 de maio, p. 49, prefácio de Serafim Leite e notas de Manuel Múrias, Lisboa, 1941. Corrija-se portanto o texto.

18. GASPAR RODRIGUES ADORNO. Nasceu a 24 de junho de 1624, Aristides Milton, ***Efemérides Cachoeiranas, Rev. do Inst. Hist. da Bahia,*** n. 27, p. 73. Fez guerra aos tapuias, provisão de 4 de setembro de 1651, nossa ***A Conquista***, pp. 85 — 86; capitão de toda a gente em jornada ao sertão, ***Livro de Patentes*** ms. Arq. Públ. da Bahia, ***Doc. Hist.,*** v. 31, p. 96; encarregado em 1654 de tratar com as aldeias dos índios de Itapicuru, ***Doc. Hist.,*** III, p. 217, quando em nova expedição castigou os do Jaguaripe. Aos 60 anos de idade, capitão-mor, residente na Cachoeira, testemunhou no processo de habilitação para cavaleiro da Ordem de Cristo do primo em 4.º grau Francisco Dias D'Ávila, T.T. ***Habil.,*** m. 34, n. 126.

19. AFONSO RODRIGUES ADORNO. É o mesmo (citado adiante), que em 1654 casou com Maria Dias de Souza. Filho de Gaspar Rodrigues Adorno; como o pai e avós, sertanista famigerado, o governador geral encarregou-o, 20 de julho de 1671, de socorrer Estevão Ribeiro Baião Parente, cabo dos paulistas que tinham ido "reduzir" os tapuias do Paraguaçu. A carta de nomeação diz de quem era filho, ***Doc. Hist.,*** IV, e pelos ***Extratos dos Processos para Familiares do Santo Ofício,*** de Eduardo Miranda e Artur de Távora, I, p. 158, Lisboa, 1937, sabemos ser sua mulher Maria Dias de Souza. Viviam na freguesia de Nossa Senhora do Rosário da vila de Cachoeira. ***João Rodrigues da Franca,*** da mesma freguesia casou com D. Ana de Proença, de Santo Amaro, filha de João de Guillardam, de Lisboa, morador em São Gonçalo dos Campos, e D. Inácia de Proença, de Santo Amaro, Bahia. Neto:

    ***Afonso da Franca Adorno,*** batizado em Cachoeira, 8 de março de 1694, vigário colado de São Gonçalo dos Campos, graduado em direito canônico e civil por Sua Santidade, protonotário e juiz da apelação, em 5 de fevereiro de 1754, habilitou-se perante o Santo Ofício, em Lisboa, para a dignidade de Familiar. Provou: a mãe fora batizada em N. S. da Purificação de Santo Amaro, 3 de agosto de 1673; casaram os pais na Sé da Bahia, 2 de fevereiro de 1693; a avó materna, filha do capitão Filipe Barbosa e D. Francisca de Proença, batizada na Sé, 10 de agosto de 1652: o avô materno era filho de Paulo de Guillardam e Isabel Datel, franceses e, "segundo se julga, da província da Rochela, que tinham vindo para Lisboa. Por declarações de testemunhas, soube-se que os pais e avós do habilitando eram pessoas nobres, lavradores brancos e cristãos velhos. Testemunhas unânimes".

20. AGOSTINHO PEREIRA. Alferes reformado, figurou na expedição de 1651, contra o gentio bravo. Sucederia ao irmão, Gaspar Rodrigues Adorno, patente de 4 de setembro de 1651. ***Doc. Hist.,*** v. 31, pp. 98 e 101. Voltou ao sertão, para guerrear os paiaiás, em 1654, ***Doc. Hist.,*** V, p. 238; e por último, em 1668, acompanhando Francisco Dias d'Ávila (o 2.º). Capitão-mor, teve a incumbência de prender nos distritos da Cachoeira vadios e criminosos, para irem no socorro a Angola (24 de abril de 1671, ***Doc. Hist.,*** IV, p. 194).

21. FRANCISCO RABELO. Aliás Rebelo, segundo o Processo de Habilitação à Ordem de Cristo, T.T., m. 37, n. 20, o capitão Francisco Rebelo, estando em Lisboa,

no ano de 1642. Pais e avós eram de Pernambuco. Foi o famoso mestre de campo que morreu na ilha de Itaparica, atacada pelos holandeses, em 1647.

22. JOÃO RODRIGUES ADORNO. Casado com D. Úrsula de Azevedo, A. Milton, ***Efem. Cachoeiranas, Revista do Instituto Histórico da Bahia***, n. 17, p. 392. Capitão da Ordenança dos campos da Cachoeira, 4 de junho de 1663, ***Doc. Hist.***, v. 31, p. 299. Manteve a capela fundada pelo avô e a reconstruiu em 1673, Fr. Agostinho de Santa Maria, ***Santuário Mariano***. Doou a 14 de março de 1688 aos carmelitas o sítio em que fundaram o convento da Cachoeira, ms. do convento do Carmo, ***Memórias***, fl. 6. Cedeu ao hospício, criado por Antônio Machado Velho, 60 braças de terra no Pitanga, escritura de 7 de abril de 1729, Pe. Fernando Pinto de Macedo, ***Rev. do Inst. Hist. da Bahia***, n. 45, p. 102. Dono das terras em que se acha a cidade da Cachoeira, acordou a 11 de junho de 1699 com o Senado da Câmara o preço de cada braça, 900 réis, aforada para edificação, A. Milton, ***Revista do Instituto Histórico da Bahia***, n. 20, p. 217.

— Seu filho, padre Miguel de Araújo Adorno, disse em 10 de abril de 1686 a primeira missa na igreja da família, Pedro Celestino da Silva, ***Anais do Arq. Públ. da Bahia***, v. 29, p. 333.

— D. Úrsula de Azevedo, mulher do capitão João Rodrigues Adorno, morreu a 8 de agosto de 1740, sem testamento por não ter de que, ***Livro de Óbitos da Cachoeira***, arq. da Cúria, com a fabulosa idade de 135 anos! — revela o registro do falecimento, que devemos à pesquisa de Maria Teresa Calmon Correa Ribeiro.

— João Rodrigues Adorno (3.º), requereu em 1736 a graça de recolher os tabacos em seu armazém da Cachoeira, "como faziam seus antepassados", arq. do Conde os Arcos, na Universidade de Coimbra, códice 13, Índice.

23. ÁLVARO RODRIGUES ADORNO. Sargento-mor, 2 de agosto de 1688, Arq. Públ. da Bahia, ***Patentes de 1688 a 1696***, fl. 27 verso. Filho natural de Álvaro Rodrigues Adorno, faleceu com 50 anos de idade, em 1741, Afonso Rodrigues Adorno. ***L. de Óbitos de Cachoeira***, arq. da Cúria.
— A 20 de agosto de 1718 casou-se na Cachoeira Manuel Suzarte com Margarida Rodrigues Adorno, filha do sargento-mor Álvaro Rodrigues Adorno, já defunto, e sua mulher Elisa Alves Madeira, natural daquela freguesia, ***Livro de Casamentos***, arq. da Cúria.

— Lê-se no ***Livro de Óbitos da Cachoeira***, que em dezembro de 1741 faleceu Afonso Rodrigues Adorno, de 50 anos, "filho natural do capitão-mor Álvaro Rodrigues Adorno já defunto e de Filipa Álvares Madeira, arq. da Cúria.

24. MARTIM DE UGUI. A 9 de julho de 1659, na Câmara, Martim de Ugui compareceu para retificar o foro de terrenos adquiridos a Cristóvão Vieira Ravasco na ladeira da Misericódia, ***L. de Tombo da Prefeitura Municipal do Salvador***, I, p. 8.

25. AFONSO RODRIGUES ADORNO. Casado com Maria Dias de Souza (será este?), Afonso Rodrigues Adorno, morador na freguesia de Nossa Senhora do Rosário da Cachoeira, foi pai de João Rodrigues da Franca, casado com D. Ana de Proença, e avô do vigário colado de S. Gonçalo dos Campos, na Bahia, graduado em Direito Canônico e Cível por Sua Santidade, Protonotário e Juiz da Apelação naquela freguesia, provido de Comissário do Santo Ofício a 5 de fevereiro de 1754, Eduardo de Miranda e Artur de Távora, ***Extratis dis Oricessis para Familiares do Santo Ofício***, I, p. 158, Vila Nova de Famalicão, 1937.

26. FRANCISCO DIAS. A nota anterior esclarece a dúvida. Afonso é filho de Gaspar Rodrigues Adorno; Maria Fernandes, irmã de Gaspar Rodrigues Adorno. O Regimento de 24 de dezembro de 1654 diz, confirmando, o capitão Francisco Dias, cunhado deste último, acompanhou-o ao sertão e devia substituí-lo como terceiro, em caso de morte. Em 1663 nova jornada ao sertão teve como chefes os capitães mores Agostinho Pereira e Francisco Dias, Arq. Públ. da Bahia, ***Patentes***, fl. 150.

## *MONIZES BARRETOS NA BAHIA*

Egas Moniz Barreto, (1) natural da ilha Terceira, etc., filho de Guilherme Moniz e sua mulher. Foi morgado, neto de Sebastião Moniz também morgado e de sua mulher D. Joana da Silva, (2) filha de Gonçalo da Silva, regedor da justiça em Lisboa, e bisneto de Guilherme Moniz Barreto, alcaide-mor de Silves, e de sua segunda mulher D. Inês, filha de Gonçalo Nunes Barreto, alcaide-mor de Faro, do qual Guilherme Moniz Barreto foi mulher D. Joana da Corte Real, filha de João Vaz da Costa Corte Real, (3) terceiro neto de Henrique Moniz, quarto neto de Vasco Martim Moniz; (4) foi este dito Egas Moniz Barreto o primeiro que veio à Bahia no tempo em que só havia a Vila Velha e povoação do Pereira junto à Vitória.

Foi casado na mesma ilha Terceira com D. Maria da Silveira, de quem teve três filhos abaixo nomeados; sendo certo que se casou com D. Ana como consta do assento do seu enterro, que diz assim: Faleceu Egas Moniz Barreto a 4 de novembro de 1582, sepultado em Nossa Senhora da Ajuda. Testamenteira sua mulher D. Ana, a qual por outro assento consta faleceu a 4 de setembro de 1596. Testamenteiro seu filho Duarte Moniz, sepultada em Nossa Senhora da Ajuda.

Nem se deve dizer, que na Bahia, casou segunda vez este Egas Moniz com outra mulher chamada D. Ana; porque a ser assim, não diria o tal assento do seu enterro, que fora testamenteiro seu filho Duarte Moniz; porque diz Cordeiro * no lugar citado, com os outros filhos foram nascidos na ilha Terceira, e eram filhos de D. Maria da Silveira, podendo ser erro da escrita o pôr D. Maria, em lugar de D. Ana Soares, como se acha no seu testamento feito a 3 de novembro de 1595. Faleceu a 4 de setembro de 1596. Sepultada em Nossa

---

*Nota da R.I.H.G.B.*

* *Cordeiro, p. 313.*

Senhora da Ajuda pois o assento do óbito é manifesto. Foram filhos os seguintes:

1. Duarte Moniz Barreto, (5) que se segue.
2. Henrique Moniz Barreto, ou Teles abaixo.
3. Jerônimo Moniz Barreto ou Teles, adiante.
4. Diogo Moniz Barreto, (6) e D. Inês Barreto à fl...., mulher de Diogo da Rocha de Sá, à fl....

N. 1. Duarte Moniz Barreto, * primeiro filho de Egas Moniz Barreto e de sua mulher D. Maria da Silveira, ou D. Ana, foi o segundo alcaide-mor, (7) que teve a Bahia por doação que lhe fez da alcadaria-mor Antônio de Oliveira de Carvalhal, o primeiro alcaide-mor que houve na Bahia, por mercê del-rei D. João III, por casar Duarte Moniz com a filha do dito Antônio de Oliveira chamada D. Helena de Melo, de quem teve filhos. D. Helena de Melo fez testamento a 4 de maio de 1621 e faleceu a 28 de dezembro de 1630; sepultada em Matoim.

Casaram a 17 de dezembro de 1633. Teve mais filhos:

D. Catarina de Meneses, primeira mulher do capitão Manuel Girão. Sem filhos. Batizada a 10 de janeiro de 1592.

D. Joana de Meneses, mulher de Gaspar dos Reis Pinto. (8)

D. Luiza de Melo, também filha, e Bernardo, que faleceu pequeno.

4. Jorge Barreto de Melo, que se segue.
5. Francisco Barreto de Melo Teles, (9) abaixo.
6. Antônio Barreto de Melo. (10)
7. D. Maria, terceira mulher de Bernardo Pimentel de Almeida, que foram pais de D. Helena da Silva etc. à fl.... e ..., que aí ficam.
7. D. Brites de Meneses, segunda mulher de Francisco de Freitas Magalhães, sem filhos. Batizada a 2 de outubro de 1588.

---

1. EGAS MONIZ BARRETO. Notícias genealógicas abundantes dão o ***Nobiliário da Ilha da Madeira,*** de Henrique Henriques de Noronha, II, p. 397, o ***Nobiliário de Torres,*** v. 5, fl. 124, ms. da B. N., manuscrito de 1741, nos ***Anais do Arquivo Público da Bahia,*** XVI, p. 111, o Padre Antônio Carvalho da Costa, ***Corografia Portuguesa,*** Porto, 1862, o ***Nobiliário*** de Felgueras Gayo, Sanches de Baena, ***Índice Heráldico,*** p. CXV, Lisboa, 1872, árvores de costado, ms. que possuimos, da letra do barão de Moniz de Aragão, resumindo os apontamentos da família, abonadas no que se refere à ligação com o tronco metropolitano pela carta do Padre Antônio Vieira, 14 de julho de 1692. Que os da Bahia descendiam do antiqüíssimo Egas Moniz, como se chamava o avô da noiva, Leonor Josefa de Meneses, com quem ia casar Gonçalo Ravasco. O marquês de Angeja, estando na Bahia, os reconhecera como parentes.
São de raiz visigótica, de que brotou o primeiro Dom Egas Moniz do Ribadouro, cujo escudo se conserva na sala dos brasões do palácio de Sintra (veja-se A. de Almeida Fernandes, obra comemorativa do 8.º centenário, Lisboa, 1946), "fiel Egas amo" de D. Afonso Henriques, do canto 8.º de ***Os Lusíadas***, e daí a obcessão do patronímico, preservado em todas as gerações dos Monizes. Deles passou à Bahia com Tomé de Souza, "patriarca" do grupo, ***Diogo Moniz Barreto,*** Fidalgo da Casa Real, a quem se juntou, no governo de Mem de Sá, o irmão Egas (indicado no texto), "morador na ilha da Madeira, na vila de Machico", com cinco filhos, dos quais "três maiores de 20 anos", ***Doc. Hist.,*** XIII, pp. 262 e seguintes — Diogo Moniz Barreto vencia soldo de 800 réis por mês, de agosto de 1551 a junho de 1552, ***Doc. Hist.,*** v. 38, pp. 36 e seguintes; primeiro alcaide-mor da Bahia (explicamos em seguida), nomeado a 2 de maio de 1554 com 20$ anuais, e primeiro provedor da Santa Casa da Misericórdia. — Quanto a Egas Moniz, teve a 20 de fevereiro de 1563 légua e meia de terras no Paraguaçu.

2. A mulher de Sebastião Moniz foi D. Joana de Meneses, filha de Henrique Moniz, alcaide-mor de Silves, seu primo co-irmão, ***Nobiliário*** de D. Antônio de Lima, ***Genealogia,*** v. 21, F — 8, p. 836 e seguintes, Torre do Tombo.

3. JOÃO VAZ DA COSTA CORTE REAL. Donatário de Angra. Capitão da Ilha Terceira. Alcaide-mor de Tavira. Vedor do rei D. Manuel.

4. VASCO MONIZ, filho de Vasco Martins Moniz o 1.º, casou com D. Aldonça Cabral, filha de Fernão d'Álvares Cabral, senhor de Azurara e alcaide-mor de Belmonte. Filha: D. Joana, 1.ª mulher de D. Francisco de Almeida, 1.º vice-rei da Índia (***Nobiliário*** de D. Antônio de Lima). Outro filho de Vasco Moniz: Jorge, guarda-mor do rei D. Manuel senhor de Angeja e da Bemposta. Era neto de Vasco Gil Moniz, filho do escrivão da puridade de D. Nun'Álvares Pereira, Gil Aires e de D. Leonor de Lusignan, filha de Phebus de Lusignan, senhor titular de Saida em Jerusalém, que provinha dos reis de Chipre. Ao ramo que ficou em Lisboa pertence Phebo Moniz, o defensor eloqüente da independência de Portugal em 1680, cujas armas, Monizes de Lusignan (usadas posteriormente pelos da Bahia) se vêem nos tetos do palácio de Sintra.

5. DUARTE MONIZ BARRETO. Acompanhou Cristóvão de Barros à conquista de Sergipe e foi aquinhoado com sesmaria, 1602, Fr. Jaboatão, ***Novo Orbe.*** I, p. 130. Duarte Moniz alcaide-mor desta cidade foi acusado perante o Santo Ofício pela vizinha, Paula de Barros, de ter dito palavras heréticas, ***Denunciações da Bahia,*** p. 416, "haverá quatro anos, confirmou Manuel de Paredes, por se perder um pouco de fato", "com agastamento e cólera arrenegou de si", ***ibid.,*** p. 305. Renunciou a alcaidaria-mor em favor do sobrinho, cf. livro achado por D. Fernando José de Portugal em 1800, ***Anais da B.N.,*** v. 36, doc. 20.716.

6. DIOGO MONIZ. Sua mulher, cristã velha, de Setúbal, Maria de Reboredo, com 46 anos em 1592, ***Confissões do Santo Ofício,*** p. 153, queixou-se que o marido "na sua fazenda do Peruassu", há 3 ou 4 anos, lhe dava "muitas ocasiões de se enojar", por "fazer sem razões e dormir com as escravas moças da casa". A 14 de

---

*Nota da R.I.H.G.B.*

* *Faleceu este Duarte Moniz a 10 de janeiro de 1618 à meia noite.*

agosto de 1614 aforou à Santa Casa "casas que ficaram por falecimento de Diogo Moniz Barreto, pertencentes a seu hospital", ***L.I do Tombo.*** Também se lhe chama Diogo Moniz, o velho, ***Livro*** citado, restaurado em 1626. Filho: Antônio Moniz, fidalgo escudeiro, 17 de março de 1596, ***L. de Ementas,*** I, 58 v., ms. Torre do Tombo.

7. ALCAIDE-MOR. Equivocou-se Fr. Jaboatão. Antônio de Oliveira Carvalhal foi alcaide de Vila Velha, não da cidade da Bahia, deixou claro Fr. Vicente do Salvador, ***História do Brasil,*** p. 154. Quem antecedeu na alcaidaria-mor da Bahia a Duarte Moniz foi o tio, Diogo Moniz Barreto, doação aprovada pelo Rei, 16 de janeiro de 1573, ***Nobiliário de Torres,*** ms., V, fl. 135.

8. GASPAR DOS REIS PINTO. Depondo em 1624, disse ser de 38 anos, ***Livro 1.º do Governo***, p. 387. Pagava em 1626 à Santa Casa foro de casa comprada a Brás da Costa. Em 1629 com a esposa, doou nos limites da sesmaria da Condessa de Linhares 143 braças de terra em quadra aos frades de São Francisco. Aí começaram eles em 1630 uma residência, transformada, entre 1718 a 1722, no vasto Convento de São Francisco do Conde. Veja-se Pedro Tomás Pedreira, ***Notícia Histórica de São Francisco do Conde***, p. 14, Bahia, 1976. Aparece Gaspar dos Reis Pinto como contribuinte, em 1637, para as despesas da defesa da Bahia. Emprestou em 1639 100$, ***Atas da Câmara***, I, p. 360. Sem descendentes, constituiu herdeiro universal Antônio Simões de Crasto, soldado da armada do conde da Torre, depois homem rico na Bahia. No testamento (1661) declara-se filho de Afonso Pinto e Maria das Neves, irmão de João da Rocha, residente em Pernambuco, e de Dom Luis de Freitas Pinto, morador em Nápoles. Fora casado na Bahia com D. Joana de Meneses, filha de Jerônimo Moniz, depois com D. Joana de Melo, filha de Duarte Moniz e D. Helena de Melo, e, pela 3.ª vez, com D. Isabel, filha de Gaspar Lobo de Souza, ***L. 1.º do Tombo da Santa Casa***, a quem deixou prédios na rua Direita.

9. FRANCISCO BARRETO DE MELO. A 20 de maio de 1603 foi batizada em Paripe, Joana, filha de Francisco Barreto de Melo e de sua mulher, ***Livro de Batizados de Paripe,*** arq. da Cúria.

10. ANTÔNIO BARRETO DE MELO. A 6 de abril de 1628 foi batizada, em Paripe, Margarida, filha de Antônio Barreto de Melo e de sua mulher D. Benta, arq. da Cúria.

## *ALOMBA*

4. Jorge Barreto de Melo, (1) filho primeiro de Duarte Moniz Barreto e de sua mulher D. Helena de Melo, foi o terceiro alcaide-mor da Bahia, casou com D. Maria de Lomba, filha de Pedro de Alomba (2) e de sua mulher Beatriz de Albernaz, dos Lombas da ilha da Madeira; e tiveram filhos. *

*Nota da R.I.H.G.B.*

* *Casaram em Paripe a 13 de agosto de 1600 pelo vigário Estevão Fernandes. Faleceu ele em 1638, e ela a 11 de setembro de 1647. Sepultada no Carmo.*



8. Francisco Moniz Teles, que se segue. Batizado a 24 de setembro de 1602.

9. Luiz de Melo de Vasconcelos, adiante. Batizado a 5 de setembro de 1604.

10. Duarte Moniz Barreto, ao depois. Batizado a 14 de julho de 1611.

11. Antônio de Oliveira de Carvalhal, adiante. Batizado a 25 de agosto de 1611.

12. Manuel Moniz Barreto, casado com D. Maria de Aguiar, filha de Antônio de Aguiar Daltro, neta de Pedro de Aguiar Daltro, irmão de Cristóvão de Aguiar Daltro, o velho, à fl.... n. 7.

12. D. Catarina de Meneses. Batizada a 24 de agosto de 1614.

13. Bartolomeu de Vasconcelos, adiante.

14. Pedro Moniz Barreto, ao depois.

15. D. Joana de Meneses, mulher de João Garcez. (3) Batizada a 24 de junho de 1606. (4)

16. D. Ângela de Meneses, mulher de Gaspar Pereira, (5) e por morte deste de Manuel Pacheco Freire. (6)

N. 8. Francisco Moniz Barreto ou Teles * (7) contém o assento do seu enterro: — filho primeiro de Jorge Barreto, n. 4, e de sua mulher D. Maria de Lomba, por morte de seu pai, foi o primeiro alcaide-mor da Bahia, ** casou em Angola com D. Francisca de Almeida Veloria, de quem não teve filhos, e neles se acabou a baronia dos alcaides-mores da Bahia por incúria de seus irmãos, que a não procuraram. El-rei D. Afonso VI a deu a Bernardo de Miranda Henriques, o qual a vendeu a Francisco Teles de Meneses, filho de Mateus Pereira de Meneses e de sua mulher D. Helena da Silva Pimentel, filha de Bernardo Pimentel de Almeida e de sua mulher D. Isabel de Almeida, à fl.... n. 2. Por morte de Francisco Moniz Teles se casou D. Francisca com José Mendes de Faria, filho de Manuel Veza e de Isabel de Faria, a 15 de fevereiro de 1665.

N. 9. Luiz de Melo de Vasconcelos, (8) filho segundo de Jorge Barreto, n. 4, e de sua mulher D. Maria de Lomba, foi casado com D. Leonor Varela, filha de Domingos Varela, Familiar do Santo Ofício, e de sua mulher Paula Dornela; e teve filhos.

17. Antônio Moniz, sacerdote. Batizado na Sé a 13 de abril de 1631.

18. D. Joana, mulher do capitão João de Cassares. (9)

19. D. Feliciana, mulher de seu primo Jorge Barreto de Vasconcelos ou de Melo, adiante. Batizada em Paripe a 21 de julho de 1641.

20. D. Ana, mulher de Gonçalo de Amorim. (10)

*Notas da R.I.H.G.B.*

* *Faleceu a 19 de junho de 1669. Enterrado no convento de S. Francisco.*

** *Alcaide-mor por alvará régio de 2 de outubro de 1647.*

N. 10. Duarte Moniz Barreto, filho terceiro de Jorge Barreto, n. 4, passou a Angola, onde casou com D. Isabel, irmã do capitão João de Veloria, e teve filhos.

21. Jorge Barreto de Melo, que se segue.

N. 21. Jorge Barreto de Melo, (11) filho único de Duarte Moniz Barreto, n. 10, casou três vezes; a primeira com D. F., irmã de João Barbosa de Amorim, e teve desta filho:

22. Joaquim Barreto de Melo:

Segunda vez casou com D. Ângela de Souza, filha de Agostinho de Paredes, (12) a qual era já viúva de Baltazar de Amorim; desta não teve filhos e a matou o dito seu marido Jorge Barreto, por lhe fazer traição com Bento Monteiro, seu primo.

Terceira vez casou este Jorge Barreto com D. Antônia Ferreira,* irmã de Lourenço Ferreira Louçano, e teve filhos:

23. Jerônimo Moniz Barreto.

24. Tomás Borges de Miranda.

N. 11. Antônio de Oliveira de Carvalhal, filho quarto de Jorge Barreto de Melo, n. 4, casou com D. Maria de Barros, filha de Antônio de Barros de Magalhães, e teve filhos:

25. Pedro Moniz Barreto, que se segue.

26. Duarte Moniz Barreto.

27. José de Barros, que faleceu solteiro.

28. D. Catarina, mulher de Luiz Lopes de Paredes. (13)

29. D. Margarida, mulher de Francisco Barbosa Eça.

30. D. Helena, segunda mulher de João de Barros de Araújo.

31. D. Inês, mulher de Gaspar de Amorim de Passos.

N. 25. Pedro Moniz Barreto, filho de Antônio de Oliveira de Carvalhal, n. 11, e de sua mulher D. Maria de Barros, casou com D. Maria de Almeida, filha de Baltazar Lourenço Pacheco, (14) a primeira vez, e teve filhos:

32. Egas Moniz Barreto.

D. Maria de Almeida e D. José de Meneses.

Segunda vez casou Pedro Moniz Barreto com D. Luiza de Góes, filha de Lourenço de Souza Vieira, e teve filhos:

33. Antônio de Oliveira de Carvalhal.

D. Maria de Barros.

---

*Nota da R.I.H.G.B.*

* *Casaram a 15 de agosto de 1674. Era esta D. Antônia filha de Simão Ferreira Louçano e de sua mulher Guiomar Soares de Crasto, e natural de Lisboa ela, diz o termo de seu casamento.*



N. 13. Bartolomeu de Vasconcelos,* (15) filho de Jorge Barreto de Melo, n. 4, casou com D. Maria da Conceição da Cunha, filha de João da Cunha,** de quem teve filhos. Faleceu este Bartolomeu de Vasconcelos a 21 de março 1665, na freguesia de Pirajá, sepultado no Carmo, e teve filhos.

34. Jorge Barreto de Vasconcelos, que se segue.

35. João da Cunha e Manuel Barreto, sem filhos.

36. D. Ângela da Cunha, segunda mulher de Custódio Nunes Daltro, e aí a sua descendência à fl.... n. 20.

D. Bernarda Teles, (16) que faleceu solteira com 91 anos de idade.

N. 34. Jorge Barreto de Vasconcelos,*** (17) filho primeiro de Bartolomeu de Vasconcelos, n. 13, e de sua mulher D. Maria da Conceição, ou Cunha, casou com D. Feliciana de Melo, sua prima, filha de Luiz de Melo de Vasconcelos, à fl.... n. 19, e teve filhos.

37. D. Leonor de Vasconcelos, mulher de Valentim da Fonseca, que saiu da companhia; e faleceram no sertão, sem filhos.

Segunda vez casou Jorge Barreto de Vasconcelos com D. Apolônia Teles de Meneses, filha de Antônio Moniz Teles, senhor do engenho de Pirajá, e de sua mulher D. Catarina de Sá, filho este Antônio Moniz de Diogo Moniz Teles, neto de Henrique Moniz Barreto, e bisneto de Egas Moniz Barreto e de sua mulher D. Catarina Vitória; e de sua segunda mulher D. Apolônia teve filhos; e casaram a 29 de outubro de 1674. D. Catarina de Sá, diz o termo do casamento.

38. Manuel Teles Barreto de Vasconcelos, **** que se segue.

39. D. Maria da Conceição de Meneses, que casou com seu primo legítimo Antônio Moniz Barreto, filho do capitão Constantino Lins, à fl.... o qual Antônio Moniz Barreto foi pessoalmente à Roma buscar a dispensa.

40. D. Branca Teles, mulher de seu primo legítimo Bartolomeu Lins de Vasconcelos, filho também de Constantino Lins, acima, e tiveram filhos:

41. D. Ana da Consolação de Meneses, que casou com o capitão Vasco Pacheco de Aguiar Espinosa, sem filhos.

38. Manuel Teles Barreto de Vasconcelos, filho de Jorge Barreto de Vasconcelos, n. 34. Teve o mesmo foro de seus pais e avós, e casou com D. Luzia Coutinho de Meneses de Lacerda, filha de Francisco de Freitas de

---

*Notas da R.I.H.G.B.*

* *Faleceu a 21 de março de 1665.*

** *João da Cunha casado com D. Ângela da Cunha.*

*** *Teve este Jorge Barreto de Vasconcelos o mesmo foro de fidalgo escudeiro, como o teve seu pai Bartolomeu de Vasconcelos, com 1$500 de moradia por mês e um alqueire de cevada por dia, por alvará de el-rei de 31 de janeiro de 1693, e era neto de Jorge Barreto de Melo, declara o mesmo alvará.*

**** *De Manuel Teles Barreto foram mais irmãos os seguintes: João da Cunha, Antônio Moniz, que nasceu cego, Bartolomeu de Vasconcelos, que morreu nas minas, Francisco Xavier de Vasconcelos.*

Meneses e de sua mulher D. Margarida Coutinho de Lacerda e tiveram filhos:

João Batista Barreto de Vasconcelos, (18) que casou com D. Joana de Aragão, à fl.... n. 28.

Outra vez casou Manuel Teles Barreto, acima n. 38, com D. Francisca Lins, filha de Constantino Lins, que já ficam à fl.... n. 6, e aí o mais.

Outra vez casou Manuel Teles Barreto, acima n. 38, com D. Francisca Lins, filha de Constantino Lins, que já ficam a fl....n. 6, e aí o mais.

N. 14. Pedro Moniz Barreto, (19) filho sétimo de Jorge Barreto de Melo, n. 4, e de sua mulher D. Maria de Lomba, casou com D. Ângela da Cunha, filha de João da Cunha e teve filhos:

42. Francisco Moniz. (20)

43. Antônio Moniz.

D. Maria de Meneses, mulher de Pedro Duarte. (21)

N. 5. Francisco Barreto Teles, como tem o assento do seu enterro, ou de Meneses, como se acha em outra parte, filho segundo de Duarte Moniz Barreto, n. 1, e de sua mulher D. Helena de Melo, casou, * com D. Águeda de Barbuda, filha de Francisco de Barbuda, o velho, e de sua segunda mulher D. Maria Barbosa à fl.... n. 3; e não achamos tivesse desta filhos. Mas sim que de sua primeira mulher D. Maria de Aragão, que não declara o assento, que disto trata, de quem era filha, tivera desta filha:

44. D. Maria de Meneses, a qual foi primeira mulher de Pedro Camelo de Aragão Pereira, à fl.... n. 63, e aí a sua descedência.

*Nota*. Achamos em outro assento, que da sua segunda mulher D. Águeda de Barbuda teve os filhos seguintes:

45. D. Joana Barreto de Melo. Batizada 20 de maio de 1603.

46. Francisco Barreto de Meneses e Duarte Moniz Barreto, batizados ambos por gêmeos a 22 de novembro de 1604.

47. Bernardo Moniz Teles. (22) Batizado a 19 de agosto de 1606.

48. Antônio Moniz Barreto. Batizado a 27 de maio de 1608.

49. Bento Moniz Teles. Batizado a 14 de junho de 1610.

N. 2. Henrique Moniz Teles, ** (23) filho de Egas Moniz Barreto, n..., e de sua mulher D. Ana Soares, foi fidalgo escudeiro da casa real, e casou duas vezes, como se acha nos assentos dos batizados de seus filhos, que logo se apontarão. Foi primeira mulher deste Henrique Moniz D. Luiza, da qual não achamos mais notícia, e desta primeira teve filhos:

---

*Notas da R.I.H.G.B.*

* *Casaram a 24 de junho de 1595. Foi senhor do engenho de Mataripe e Fidalgo da Casa Real.*

* *Faleceu a 20 de fevereiro de 1620, sepultado no Colégio. Testamenteiros, seu filho Diogo Moniz e sua mulher D. Leonor Antunes. E faleceu esta a 17 de dezembro de 1641, sepultada no Colégio.*



1. Henrique Moniz Barreto, que se segue. Batizado na Sé a 3 de maio de 1584.

2. D. Antônia Soares, mulher de Antônio Vaz, adiante.

3. D. Maria Soares, mulher de Gaspar Pereira, (24) o velho, à fl....

Segunda vez casou Henrique Moniz Teles, acima, com D. Leonor Antunes, filha de Sebastião de Faria, e de sua mulher Custódia Antunes e teve filhos:

4. D. Antônia de Meneses,* mulher de Diogo Lopes Franco, o velho, adiante.

5. D. Inês de Meneses, que diz assim o assento do seu batizado: — A 24 de março de 1588 se batizou Inês, filha de Henrique Moniz Teles e de sua segunda mulher D. Leonor Antunes.

Casou esta D. Inês com o capitão Antônio Coelho Pinheiro, à fl...

6. D. Joana Teles, casada com Nuno Darez, adiante.

7. Diogo Moniz Teles, (25) casado com D. Catarina Vitória, ao depois.

E D. Maria, que faleceu solteira a 11 de novembro de 1636.

N. 1. Henrique Moniz Barreto, (26) filho de Henrique Moniz Teles, o velho, e de sua primeira mulher D. Luiza, foi Fidalgo da Casa Real, como seu pai e avós, e casou com D. Maria Soares, ** filha de Antônio Vaz, à fl. ... e de sua mulher D. Antônia Soares, e teve filhos:

8. Antônio Moniz Barreto de Meneses, casado com D. Isabel Pimentel.

9. D. Antônia de Meneses, que se segue.

10. D. Jerônima de Meneses foi primeira mulher do sargento-mor Marcos de Bitencourt, do qual não teve filhos e faleceu a 23 de novembro do seguinte ano de 1639, havendo casado a 10 de outubro de 1638. Vide à fl.... Foi batizada a 6 de abril de 1611 em Cotegipe.

11. Manuel Soares Barreto, ao depois, batizado ao 1.º de janeiro de 1617.

N. 10. D. Antônia de Meneses, filha de Henrique Moniz Barreto e de sua mulher D. Maria Soares, casou com Francisco Furtado, *** irmão de Diogo Lopes Lima, Fidalgos da Casa Real, e teve filhos:

12. Henrique Moniz, batizado a 19 de dezembro de 1626.

12. Gaspar Furtado, batizado a 9 de agosto de 1628, em S. Amaro da Pitanga.

13. D. Ana de Meneses, segunda mulher do Dr. Teles, e depois de João

---

*Notas da R.I.H.G.B.*

* *Batizada na Sé a 3 de maio de 1584; padrinhos, o governador Manuel Teles Barreto e D. Inês Barreto, mulher de Diogo da Rocha de Sá e irmã do pai da batizada.*
*Esta que fica acima, era filha de D. Luiza, primeira mulher deste Henrique Moniz, como declara o termo de seu batizado.*

** *Casaram em Paripe ao 1.º de setembro de 1596, pelo vigário Miguel Martins.*

*** *Casaram em Cotegipe a 15 de outubro de 1625.*

Pereira; sem filhos de ambos, batizada a 5 de julho de 1633. Vide fl. ... n. 73.

Diogo e Maria, que faleceram solteiros, batizados, aquele a 24 de setembro de 1629, e esta a 27 de julho de 1631.

N. 11. Manuel Soares Barreto, filho de Henrique Moniz Barreto e de sua mulher D. Maria Soares, foi Fidalgo da Casa Real, e casou com D. Filipa de Almeida, filha de Rodrigo de Almeida e de sua mulher Margarida Pereira de Castro, naturais dos Arcos de Valdevez e teve filhos:

14. Henrique Moniz Barreto, casado com D. Antônia Soares de Góes.

D. Maria Soares. D. Filipa de Almeida.

N. 1. Diogo Moniz Teles, (27) filho de Henrique Moniz Teles, o velho, e de sua segunda mulher D. Leonor Antunes, foi fidalgo escudeiro da Casa Real, e casou com D. Catarina Vitória, * filha de Manuel Gomes Vitória e de sua terceira mulher Branca Serra, teve filhos:

15. Henrique Moniz Teles, (28) casado com D. Isabel de Almeida, sem filhos.

16. Antônio Moniz Barreto, ** casado, adiante.

17. D. Leonor Teles, mulher do capitão João Mendes de Vasconcelos, ao depois.

18. D. Mariana Teles, *** primeira mulher de Luiz Álvares Franco. (29)

19. D. Branca Teles, mulher de Amaro Homem de Almeida, (30) casou a 12 de abril de 1651.

20. D. Antônia de Meneses, mulher de Francisco da Rocha de Sá, com filhos.

21. Manuel Teles, casado em Angola, com filhos.

22. Bartolomeu Moniz, casado com D. Arcângela da Lomba.

23. Cosme Moniz, que faleceu no Algarve.

Segunda vez casou Diogo Moniz Teles, acima, com D. Filipa de Almeida, filha de Manuel de Almeida Lobato e de sua mulher D. Filipa Cordeiro Aires filha de Antônio Cordeiro Aires e de sua mulher Isabel do Rego, à fl...., n. 1 e 2, e desta não teve filhos, e faleceu ela a 15 de setembro de 1646, sepultada no Colégio.

N. 16. Antônio Moniz Barreto, (31) filho de Diogo Moniz Teles, n. 7, e de sua primeira mulher D. Catarina Vitória, foi Fidalgo da Casa Real, e casou com D. Catarina de Sá de Almeida; **** filha esta do Dr. Gonçalo Homem de Almeida (32) e de sua mulher Maria de Sá, e teve filhos.

---

*Notas da R.I.H.G.B.*

* *Casaram na Sé a 1.º de maio de 1610; padrinhos, o bispo D. Constantino Barradas, Henrique Moniz, seu pai, D. Helena de Melo, mulher de seu tio o alcaide-mor Duarte Moniz Barreto e sua mãe D. Leonor Antunes.*

** *Faleceu ele a 25 de dezembro de 1657, sepultado no Colégio.*

*** *Faleceu ela a 13 de agosto de 1635, sepultada em S. Francisco.*

**** *Faleceu esta a 27 de fevereiro de 1666, sepultou-se no Carmo.*



24. Manuel Teles Barreto, que se segue.

25. D. Maria de Sá, primeira mulher do capitão Constantino Lins de Vasconcelos, à fl...., n. 5, e aí o mais.

26. D. Apolônia Teles de Vasconcelos, segunda mulher do seu primo Jorge Barreto de Meneses, à fl.... n. 34.

27. D. Antônia de Meneses, mulher de Ambrózio de Queiroz Cerqueira, e D. Leonor, que faleceu pequena.

N. 24. Manuel Teles Barreto, (33) filho de Antônio Moniz Barreto e de sua mulher D. Catarina de Sá, foi Fidalgo da Casa Real, e casou com sua sobrinha D. Francisca Lins de Vasconcelos, filha do capitão Constantino Lins de Vasconcelos e de sua mulher D. Maria de Sá de Meneses, e teve filhos.

28. Manuel Moniz Barreto, que se segue.

28. D. Tereza de Jesus, mulher de D. Antônio de Uzeda Aiala, e depois de Belchior de Sá Coutinho.

N. 28. Manuel Moniz Barreto, (34) filho de Manuel Teles Barreto e de sua mulher D. Francisca Lins de Vasconcelos, foi tenente de infantaria de um dos regimentos pagos da Bahia, Fidalgo da Casa Real, como seu pai e avós; casou com D. Tereza Maria de Jesus, filha de Antônio de Araújo de Góes e de sua mulher D. Ana Úrsula de Souza, e teve filhos:

29. Luiz Moniz Barreto. (35)

30. João Teles de Meneses. (36)

N. 17. D. Leonor Teles, filha do capitão Diogo Moniz Teles, e de sua primeira mulher D. Catarina Vitória, casou com o capitão João Mendes de Vasconcelos, * (37) cavaleiro da Ordem de Santiago, natural da ilha da Madeira, filho de João Mendes Delgado e de sua mulher Constança de Mendonça de Vasconcelos, teve filhos:

31. D. Catarina de Vasconcelos, casada com o capitão João Nunes Pita, (38) que se segue.

32. João Mendes de Vasconcelos.

33. O capitão Diogo Moniz Teles, ** (39) casado com Isabel de Almeida *** e teve filho:

Antônio Teles de Meneses.

N. 31. D. Catarina de Vasconcelos, acima, casou, como fica dito, com o capitão João Nunes Pita, natural da Bahia, filho de Sebastião Martins Brandão e de sua mulher Maria das Neves, e teve filha:

---

*Notas da R.I.H.G.B.*

* *Faleceu este a 12 de junho de 1675, sepultou-se no Carmo.*

** *Faleceu a 24 de agosto de 1698, sepultou-se no Carmo.*

*** *Casaram a 1.º de novembro de 1678 na capela de Santo Antônio da Patatiba.*

34. D. Maria de Vasconcelos. Batizada na Sé a 31 de maio de 1677.

N. 18. D. Maria Teles, filha do capitão Diogo Moniz Teles, n. 7, e de sua primeira mulher D. Catarina Vitória, casou com Luiz Álvares Franco, * e teve filhos:

35. Diogo Lopes Franco, casado com sua prima D. Francisca Teles, adiante, batizada a 18 de setembro de 1653.

36. D. Joana Teles, que se segue, batizada ao 1.º de julho de 1655.

37. José Teles Barreto, ** casado com D. Úrsula da Rocha, filha de Antônio Moniz, à fl...., n. 9; e teve filha D. Luzia, batizada a 20 de abril de 1690 em Matoim.

N. 36. Joana Teles, filha de D. Mariana Teles, acima, e de seu marido Luiz Álvares Franco, casou com o sargento-mor João de Couros Carneiro, (40) escrivão da câmara da Bahia, proprietário, natural de Ponte de Lima, e teve filhos:

38. João de Couros Carneiro, *** (41) e Luiz Pessoa de Vasconcelos, batizado a 14 de janeiro de 1672 na igreja da Graça. (42)

39. Miguel Pessoa de Vasconcelos.

40. E três religiosas no Desterro da Bahia, Soror Maria Caetana, (43) aí abadessa e também na Lapa soror Catarina do Monte Sinai, (44) e soror Páscoa da Ressurreição e D. Mariana Xavier.

N. 19. D. Branca Teles, (45) filha de Diogo Moniz Teles, n. 7, e de sua primeira mulher D. Catarina Vitória, casou com Amaro Homem de Almeida, ****filho de Gonçalo Homem de Almeida e de sua mulher Maria de Sá, cristã velha e teve filhos.

41. Antônio Teles de Almeida, (46) sacerdote do hábito de São Pedro, dispensado por Clemente X. Batizado a 26 de junho de 1652.

42. Diogo Moniz Teles, que segue.

N. 42. Diogo Moniz Teles, filho de D. Branca Teles, e de seu marido Amaro Homem de Almeida; casou com D. Teresa de Ulhoa, ***** filha de Antônio Gomes Vitória e de sua mulher D. Mariana de Ulhoa, filha de Antônio Dias Duarte e de Paula de Mesquita, teve filhos:

D. Maria de Ulhoa, batizada a 22 de abril de 1697.

---

*Notas da R.I.H.G.B.*

* *Casaram a 24 de setembro de 1651 em Matoim.*

** *Batizado a 25 de março de 1662 e casou a 10 de junho de 1685 em Guadalupe.*

*** *Casaram a 8 de abril de 1728; casou este com D. Ana de Albuquerque e desta foi filha D. Catarina Maria da Graça, mulher do mestre de campo Jerônimo Sodré Pereira com filho. Vide a p.... n. 4.*

**** *Casaram a 12 de abril de 1651 na Sé.*

***** *Casaram a 8 de maio de 1696, dispensados no 3.º grau de consangüinidade, na capela da Embiava, em Iguape.*



44. Antônio Moniz Teles, outra filha de D. Mariana e D. Paula, batizada a 25 de julho de 1700.

43. Manuel Moniz Teles, (47) casado com D. Catarina Barbosa a 13 de junho de 1689.

44. Bartolomeu, adiante.

*Nota.* — Em 25 de novembro de 1675, recebi em sua casa, com licença dos senhores do cabido, a Antônio Gomes Vitória, filho de Constantino Gomes Vitória e de D. Inês de Meneses, com D. Mariana Ulhoa, filha de Antônio Dias Duarte (48) e de Paula de Mesquita. Padrinhos Constantino Vieira, Diogo Lopes Ulhoa, D. Branca. O vigário João Álvares, Iguape.

*Nota.* — Das inquirições, com que se ordenou o padre Antônio Teles de Almeida, acima, consta o seguinte: — Antônio Teles de Almeida, batizado a 26 de junho de 1652, filho de Amaro Homem de Almeida e de sua mulher Branca Teles, neto paterno de Gonçalo Homem de Almeida (parte de nação) e de sua mulher Maria de Sá (cristã velha), e pela materna de Diogo Moniz Teles (1 e 4) e de Catarina Vitória; foram dispensados na ametade por Clemente X, sumo pontífice.

N. 5. Inês de Meneses, filha de Henrique Moniz Teles, o velho, e de sua segunda mulher D. Leonor Antunes, casou com Antônio Coelho Pinheiro, (49) homem nobre, Familiar do Santo Ofício, e teve filha:

D. Margarida de Meneses, que casou com Inácio Ferreira de Souza, que foi pai de Manuel Ferreira de Souza, casado este com D. Luiza Teles de Meneses, filha do coronel Miguel Teles Barreto, como vai à fl. ...

N. 4. Antônia de Meneses, (50) filha de Henrique Moniz Teles, o velho, e de sua mulher D. Leonor Antunes, e casou com Diogo Lopes Franco, * o velho, como diz o assento seguinte: — Em 30 de maio de 1618, recebeu o chantre Bartolomeu de Vasconcelos (51) a D. Antônia com Diogo Lopes Franco, (52) na igreja de Pirajá, com licença do Sr. bispo D. Constantino Barradas. Padrinhos, Marcos da Costa e D. Catarina, mulher de Diogo Moniz Teles.

De seu marido teve D. Antônia filho:

Diogo Lopes Franco, foi capitão, e casou com D. Francisca Teles, ** filha do capitão Jerônimo Moniz Barreto e de sua mulher D. Maria de Azevedo, 1689. Segunda vez casou, como vai abaixo.

---

*Notas da R.I.H.G.B.*

* *Faleceu este Diogo Lopes a 19 de julho de 1660, sepultado em S. Francisco; testamenteira sua mulher D. Antônia de Meneses.*

** *Casaram a 27 de agosto de 1679, em casa.*

N. 6. D. Joana Teles, * filha de Henrique Moniz Teles e de sua segunda mulher D. Leonor Antunes, casou com Nuno Dares, e teve filhos:

O capitão Henrique Moniz Teles.

Antônio Dares de Meneses.

D. Genebra de Meneses, mulher de Lourenço Abreu de Brito Souza.

D. Leonor.

D. Inês.

D. Mariana.

Manuel Teles.

Segunda vez casou o capitão Diogo Lopes Franco, ** que fica acima, com D. Leonor Ximenes de Aragão, filha do tenente general Domingos Antunes da Costa, (53) e de sua mulher D. Guiomar Ximenes de Aragão, (54) e teve filhos:

Guiomar Ximenes de Aragão, casada com Antônio Calmon, à fl. ..., n. 24 e seguinte. Batizada a 7 de fevereiro de 1711.

D. Francisca. (55) Batizada a 9 de novembro de 1714.

João. (56) Batizado a 27 de fevereiro de 1708, na capela de S. João Batista.

José. Batizado na freguesia da Vitória a 23 de maio de 1712.

---

1. JORGE BARRETO DE MELO. O ***Nobiliário*** de Torres dá Jorge Barreto de Melo como vítima dos holandeses na Bahia (ms., IV, fl. 136). Foi o 3.º alcaide-mor (a partir de 1573). Capistrano de Abreu, nota à ***História Geral***, de Varnhagen, I, p. 347. "Jorge Barreto morador na Bahia, alegando querer ajudar a povoar a capitania de Sergipe del-Rei, teve sesmaria de uma légua na testada da de Duarte Barreto seu pai", 19 de abril de 1602.

2. PEDRO DE ALOMBA. "Pedo de Lomba", um dos conquistadores de Sergipe del-Rei, em companhia de Cristóvão de Barros (1589).

3. JOÃO GARCEZ. Guarda-mor da Relação, 26 de outubro de 1658, ***Doc. Hist.***, XX, p. 412, e XXI, p. 134, — João Garcez (pai?) aparece nas ***Denunciações da Bahia***, 1618, natural do Porto, 64 anos de idade.

4. Veja-se ***tít. Oliveiras Carvalhais***, n. 24. A data do batizado no respectivo ***Livro***, arq. da Cúria.

5. GASPAR PEREIRA. Chamando-lhe o velho, Fr. Jaboatão diz que casou segunda vez, com D. Ângela Lobo de Almeida. Parece-nos a mesma Ângela de Meneses. "Gaspar Pereira morador e casado em Paripe", ***Denunciações de 1591***, p. 295. Instituiu capela, de 2 mil cruzados, ao convento do Carmo na Bahia, 5 de dezembro de 1631, ***Memórias*** do mesmo convento, fl. 57. — 2.º Gaspar Pereira subscreve a ata municipal de 1640, sobre o estanco dos vinhos, ***Atas da Câmara***, I, p. 453.

6. MANUEL PACHECO FREIRE. Veja-se ***tít. de Monteiros***. Registro de Irmão da Santa Casa, 1674.

7. FRANCISCO MONIZ TELES. Morreu sem filhos em 1664, razão porque o conde de Óbidos deu a alcaidaria-mor a Filipe de Moura de Albuquerque (corrija-se o texto), ***Doc. Hist.***, v. 21, p. 392. Naquele ano aportara à Bahia a nau da Índia, de que era capitão-mor Bernardo de Miranda Henriques. O governador geral mandou aprestá-la para seguir viagem, ***Doc. Hist.***, VII, p. 168.

8. LUIZ DE MELO DE VASCONCELOS. Da governança da terra, em 1626, ***Atas da Câmara***, I, p. 32, vereador em 1627, e por vários períodos, até 1648, ***ibid.***, II, p. 385.

9. JOÃO DE CASSARES DE AMORIM. A 31 de outubro de 1633 (reza a patente de capitão) foi ferido no assalto ao engenho da Várzea de Capibaribe, em Pernambuco. Participou a 1.º de março de 1632 do ataque ao Recife e do socorro a Nazaré (7 de março) e ao arraial (30 de março). Foi novamente ferido em Goiana. Esteve na ação de Porto Calvo. Voltou a combater na Bahia, em 1637. Arrecadou gados para a resistência da cidade e quando em 1638 a investiu Nassau. Achou-se nos dois ataques do inimigo às trincheiras de Santo Antônio. Embarcou na armada do conde da Torre, retirou, com Luis Barbalho, do porto de Touro até o rio Real, retornou ao São Francisco com o mestre de campo Francisco Rabelo, em 1640. Passou a ajudante de número do sargento-mor do Rio de Janeiro, a 12 de setembro de 1657, ***Anais do Arq. Públ. da Bahia***, VIII, p. 30, a 17 de maio de 1668 foi promovido a capitão dos fortes de Santo Antônio da Barra e Santa Maria, na Bahia, ***Doc. Hist.***, v. 19, pp. 337-340. Capitão de infantaria em Pernambuco, 16 de outubro de 1664, ***Doc. Hist.***, v. 28, p. 343, teve a companhia de infantaria na Bahia vaga com a morte de Manuel da Costa da Câmara, 12 de outubro de 1648, e foi reformado em 1685, ***Doc. Hist.***, v. 83, p. 22, com 8$ mensais, ***Doc. Hist.***, v. 32, p. 320, elevados a 20$ em 1691, "por ser extrema a sua miséria", ***Doc. cit.***, v. 32, p. 329.

10. GONÇALO DE MORIM. Meirinho da correição da Bahia, em 1685, ***Doc. Hist.***, v. 28, p. 319, v. 33, p. 138.

11. JORGE BARRETO DE MELO. (2.º). Capitão dos distritos de Sergipe do Conde e Marapé, em 1682, Arq. Públ. da Bahia, ***Registro das Patentes de 1687 a 1688,*** fl. 9 v., capitão do Regimento do coronel Sebastião de Araújo Lima, em 1687, ***Doc. Hist.,*** v. 32, p. 249, deixou o posto em 1690, ***Doc. Hist.,*** v. 96, p. 241. "Com a nobreza da Bahia" assinou, em 1693, a representação sobre a moeda provincial, Wanderley Pinho, ***História de um Engenho,*** p. 65. Era Fidalgo da Casa Real, diz a confirmação da patente de capitão no Recôncavo, Lisboa, 26 de setembro de 1682, Arq. Públ. da Bahia, ***Registro de Patentes de 1684 a 1697,*** fl. 69.

---

*Notas da R.I.H.G.B.*

* *Faleceu no ano de 1665.*

** *Casaram a 17 de abril de 1708, na capela de São João Batista.*

12. Veja-se ***tít. Paredes*** na Bahia.

13. LUIZ LOPES DE PAREDES. "De nação, natural do Porto, lavrador de canas no Ipioca (Iguape) da Bahia", ***Denunciações de 1618,*** p. 17, — Luiz Lopes de Paredes, 2.º, foi em 1680 um dos proprietários ouvidos sobre a forma nova de carrear mercadorias, oferecida por Pantaleão de Fontes, ***Atas da Câmara da Bahia,*** V, p. 286. Mas em carta à Câmara, 24 de outubro de 1679, mandou o governador não fosse escolhido capitão da companhia da Saubara, por falta que conhecia, ***Livro de Correspondência do Senado da Câmara da Bahia,*** ms., fl. 87, Biblioteca Nacional.

14. BALTAZAR LOURENÇO PACHECO. Com irmão Urbano Pacheco e José Leitão de Barros, teve sesmaria de duas léguas em Sergipe del-Rei, 12 de março de 1665, ***Publ. do Arquivo Nacional,*** XXVII, p. 22.

15. BARTOLOMEU DE VASCONCELOS. Almotacé em 1636, ***Atas da Câmara da Bahia,*** I , p. 312, vereador em 1646, alferes de cavalos da cidade em 1650, ***Doc. Hist.,*** v. 31, p. 67, documento de 1662 diz, "com o de Bartolomeu de Vasconcelos está totalmente desfalcado (o engenho) de João Paes Floriano", ms. do ***Arq. Hist. Ultr.;*** fidalgo da Casa Real (cf. o foro do neto, adiante). Veja-se ***tít. Pereira.***

16. BERNARDA TELES. Sua sobrinha D. Ana da Consolação recebeu de herança de D. Bernarda Teles uma sorte de terras, na praia grande da cidade da Bahia, com título de capela, confirmada por alvará de 21 de agosto de 1717. ***Publ. do Arquivo Nacional,*** XXVII, p. 140.

17. JORGE BARRETO DE VASCONCELOS. Filho de Bartolomeu de Vasconcelos, neto de Jorge Barreto de Melo, o seu foro de fidalgo escudeiro é de 31 de janeiro de 1695, Arq. Públ. da Bahia, ***Registro de Patentes de 1723 a 1784,*** fl. 306.

18. JOÃO BATISTA BARRETO DE VASCONCELOS. Será João Batista Barreto, que se aplicara "com muita inteligência na arquitetura militar", como "um dos discípulos da aula de fortificações" e passou a Ajudante Engenheiro em 1715? ***Doc. Hist.,*** v. 62, p. 81.

19. PEDRO MONIZ BARRETO. Capitão da Ordenança Auxiliar do rio de São Francisco, da capitania de Sergipe del-Rei, foi novamente nomeado para este posto a 8 de maio de 1691, Arq. Públ. da Bahia, ***Patentes de 1688 a 1696,*** fl. 139.

20. FRANCISCO MONIZ (TELES). Alegou em 1811 Hermenegildo José Teles de Meneses, seu 3.º avô, Pedro Moniz Barreto (acima) e o filho ***Francisco Moniz Teles,*** "obtiveram as graças de Sua Majestade" ***(Livro de Patentes,*** ms., Arq. Públ. da Bahia).

21. PEDRO DUARTE. Ângela Duarte Pimentel, filha do capitão Pedro Duarte, que morreu em 1645, de moléstias adquiridas durante a campanha de Pernambuco contra os holandeses, teve em 1662 tença de 20$ no rendimento da Obra Pia da Alfândega da Bahia, ***Doc. Hist.,*** v. 20, p. 436. Mercê igual foi dada à sua irmã Isabel Duarte, ***ibid.***, p. 440.



22. BERNARDO MONIZ TELES. No ***Livro de Batizados de Paripe,*** ms. arq. da Cúria, só se lê o ano de 1620.
Dele extraiu Fr. Jaboatão a data certa: 19 de agosto.

23. HENRIQUE MONIZ TELES. Veja-se ***Nobiliário de Famílias de Portugal,*** de Felgueiras Gayo, edição de A. de Azevedo Meireles e D. de Araújo Afonso, tomo 21, p. 21. Em 1607 permutou casas com os Padres da Companhia, ***Doc. Hist.***, v. 63, p. 366. Provedor da Misericórdia em 1614, ***Livro do Tombo,*** ms., n. 1; em 1617-18 vereador, ***Denunciações de 1618,*** ms., fl. 40, de "45 anos de idade pouco mais ou menos, fidalgo da Casa de Sua Majestade, natural da ilha da Madeira", casado e morador em Matoim, onde tinha engenho, ***ibid.,*** fl. 85. — A segunda mulher, ***Leonor Antunes,*** cunhada de Sebastião de Faria, era cristã nova. Disse ao Santo Ofício em 1591 ter 32 anos, ***Confissões,*** p. 134.
Equivoca-se o ***Nobiliário,*** asseverando que, foi queimada num dos autos de fé que se fizeram na Bahia, onde nunca ardeu fogueira da Inquisição. O Conselho Geral do Santo Ofício determinou ao Visitador, Heitor Furtado de Mendonça: "pela informação que nos dá, nos parece que deve ser presa a ***velha*** cristã nova de que faz menção e enviada na primeira embarcação com as culpas que dela houver retificadas as testemunhas sem lá lhe fazer perguntas algumas nem a outros presos que houver de enviar", 24 de outubro de 1592, em ***Brasília,*** I, p. 545, Coimbra, 1951.
Explica-se: com tantos judaizantes na terra, seria desassizado promover espetáculo que os revoltasse.
A velha, mandada para Lisboa, era a mãe de Leonor, Ana Rodrigues (não pelo Visitador Marcos Teixeira, mas por Furtado de Mendonça, corrija-se neste passo J. Lúcio d'Azevedo, ***História dos Cristãos Novos Portugueses,*** p. 228). Esta foi queimada em ***efígie*** (na realidade, morreu nos cárceres do Santo Ofício), ***Processo da Inquisição,*** na Torre do Tombo, cit. por AnitaNovinsky, ***Cristãos Novos na Bahia,*** p. 82, São Paulo, 1972. — Nas ***Denunciações de 1618*** disse Adão Gonçalves, soldado no forte de Itapagipe e lavrador de canas no Cotegipe, "criado de Henrique Moniz Teles, cristão velho, casado e morador no dito Matoim, tirara por seu mandado o retrato de Ana Rodrigues, sogra do dito Henrique Moniz, que fora queimada em Portugal por hereje da nossa santa Fé, o qual retrato tirara da porta principal da igreja do dito Matoim aonde estava posto por mandado do Santo Ofício, haverá segundo sua lembrança, doze ou treze anos pouco mais ou menos, do que houve grande escândalo", ***ibid.,*** ms., fl. 297.

24. Veja-se ***tít. Alomba.***
Fr. Vicente do Salvador, ***Hist. do Brasil,*** p. 384, diz que em 1602, ausente do Rio Grande o capitão João Rodrigues Colaço, "D. Beatriz de Meneses, sua mulher, filha de Henrique Moniz Teles, da Bahia", socorreu os portugueses da nau da Índia apreendida em Fernando de Noronha pelos corsários flamengos.
É o nome que falta à enumeração do linhagista.

25. Do ***Nobiliário***, de Felgueiras Gayo, tomo XXI, p. 22: "Diogo Moniz, filho de Henrique Moniz N. 2, casou com..... filha de Manuel Gomes Vitória, cristão novo mercador de canas no Brasil".

26. HENRIQUE MONIZ BARRETO. Cristão velho, fidalgo da Casa de Sua Majestade, natural da ilha da Madeira, vereador na Bahia, senhor de engenho em Matoim, ***Denunciações*** de 1618, tinha então 45 anos. ***Anais da B. N.***, v. 49, p. 42.

27. DIOGO MONIZ TELES. Fidalgo da Casa del-rei, "morador nesta cidade e da governança dela de idade que disse ser de 46 anos", em 1624, ***Livro 1.º do governo de D. Luis de Sousa***, p. 386. Nas ***Denunciações*** de 1618 é dado como "de nação", por linha materna. Capitão, teve, em 1624 a seu cargo uma das três trincheiras do arraial do bispo D. Marcos, Fr. Vicente do Salvador, ***op. cit.***, p. 521.
A patente de capitão do neto Manuel Homem de Almeida (adiante), informa que foi até agosto de 1630; e depois, participou da "jornada do mestre de campo Luiz Barbalho em a campanha de Sergipe del-Rei", e ajudou bravamente a defender a cidade atacada pelo conde de Nassau (Arq. Públ. da Bahia, ***Patentes de 1657 a 1678***, fl. 290).
Dele era o "engenho de Moniz Teles", a duas léguas da Bahia, onde em 1638 se fortificou parte do exército que resistiu aos holandeses. Vereador na primeira reunião da Câmara após a libertação da capital, em 1625, ***Atas***, I, p. 3, a ela voltou em 1629, 1636, 1640 e 1641, nesses últimos anos juiz ordinário, I, p. 483, II, p. 43.

28. HENRIQUE MONIZ TELES. Segundo o ***Nobiliário da Ilha da Madeira***, II, p. 398, casou com D. Isabel, filha do Doutor Infeliz, Antônio Homem: sem geração. Esse irmão do pobre e ilustre lente de Coimbra era, como dissemos, Gonçalo Homem de Almeida. Lê-se nas ***Memórias do convento do Carmo da Bahia***, fl. 65, instituiu Henrique Moniz Teles capela de missas e foi sepultado ao pé do arco do altar-mor. Doou o remanescente dos bens, 2 mil cruzados, aos frades, mas depois da morte da viúva. Recebeu-os o convento em 1686.

29. LUIZ ÁLVARES FRANCO. Pai de D. Joana Teles de Meneses, que, viúva de João de Couros Carneiro, faleceu a 16 de setembro de 1731, ***L. de Óbitos de S. Pedro Velho,*** arq. da Cúria.

30. AMARO HOMEM DE ALMEIDA, Filho de Gonçalo Homem de Almeida (adiante), teve em 1673, ***Publ. do Arquivo Nacional,*** v. 27, p. 49, seis léguas de sesmaria nos campos largos do Paraguaçu. Seu filho, e homônimo, capitaneou uma das três companhias na guerra aos bárbaros do Rio Grande, 22 de julho de 1690, Arq. Públ. da Bahia, ***Patentes de 1688 a 1696,*** fl. 107. Outro filho, Manuel Homem de Almeida, que combateu os holandeses em Pernambuco e na Bahia, ajudando a defendê-la em 1638, (neto de Diogo Moniz Teles), foi capitão de infantaria em 1677, ***Doc. Hist.,*** v. 26, p. 188. Na sua patente se diz, socorreu o coronel Francisco Dias de Ávila na guerra aos índios do S. Francisco ("sendo dos primeiros que investiram o inimigo"), vitória em que foram degolados 400 bárbaros.

31. ANTÔNIO MONIZ. O ***Nobiliário,*** de Felgueiras Gamo, diz que "casou com D. Leonor irmã de sua cunhada".

32. GONÇALO HOMEM DE ALMEIDA. Licenciado, cunhado de Francisco Álvares, assim figura no testamento de Garcia d'Ávila, 1609, desde 1606 estava no Brasil. "Gonçalo de Almeida de nação natural do Algarve, solicitador dos negócios de Antônio Cardoso de Barros", citado nas ***Denunciações,*** 1618, Anita Novinsky, ***Cristãos Novos na Bahia,*** p. 71 ***passim;*** ouvidor no Rio de Janeiro, privado do cargo "desordenadamente por paixão do oficiais da Câmara", declarou em 1624, louvando o governador D. Luis de Souza que lho restituiu, ***Livro 1.º do Governo,*** p. 399 (tinha então 52 anos de idade). — Era irmão do famoso Dr. Antônio Homem, lente de cânones da Universidade de Coimbra, queimado como judeu a 5 de maio de 1624 (leia-se, Antônio José Teixeira, ***Antônio Homem e a Inquisição,*** 1895, Antônio Baião, ***Episódios Dramáticos da Inquisição Portuguesa,*** I, p. 109 e segs., Lisboa, 1936, Teófilo Braga, ***História da Universidade de Coimbra,*** II, p. 558 e segs., Lisboa, 1895, J. Lúcio de Azevedo, ***História dos Cristãos Novos Portugueses,*** pp. 171-174, Lisboa, 1921. — Acusando-o de ser também judaizante, várias testemunhas disseram que o retrato de Santo Antônio de sua capela era o do irmão supliciado pelo Santo Ofício, A. Novinsky, ***ibid.,*** p. 159. — Mudando-se para a Bahia, trouxe o filho Miguel (acima), batizado no Rio em 1616, Carlos Rheingantz, ***Primeiras Famílias do Rio de Janeiro,*** II, p. 154, Rio, 1967, José Gonçalves Salvador, ***Os Cristãos Novos — Povoamento e Conquista do Solo Brasileiro,*** pp. 166 e 339, São Paulo, 1976. — Compreende-se por que Gonçalo Homem aderiu aos holandeses invasores da Bahia em 1624. Escapou do castigo depois da expulsão deles, e tornou-se pessoa influente na cidade.

33. MANUEL TELES BARRETO. Da Bahia, filho de Antônio Moniz Barreto, cursou de 1675 a 1678 a Universidade de Coimbra, ***Brasília,*** IV, p. 33. Estava em 1697 entre os notáveis ouvidos na Bahia pelo governador, ***Atas da Câmara,*** VI, p. 347. Fidalgo da Casa Real, diz o foro de escudeiro fidalgo do filho, Manuel Moniz Barreto, Arq. Públ. da Bahia, ***Registro de Patentes de 1723 a 1784,*** fl. 242.

34. MANUEL MONIZ BARRETO. Do casamento com D. Teresa Maria de Jesus teve dois filhos, que foram os primeiros cadetes criados na Bahia, Luiz Moniz Barreto e João Teles de Meneses. O seu foro de fidalgo escudeiro é de 15 de julho de 1713. Foi em 1780 registrado a pedido do filho, alferes João Teles de Meneses, abaixo.

35. LUIZ MONIZ BARRETO. Cadete em 1768, capitão em 1796, reformou-se em 1804, ms. ***Arq. Hist. Ultramarino.*** Era em 1811 Inspetor do Hospital Real Militar da Bahia. Faleceu em 1830, cf. ***L. de Irmãos da Santa Casa,*** a que pertencia desde 1790.

36. JOÃO TELES DE MENESES. Há dois com este nome, o 1.º cuja mulher, Maria Rosaura Brandão, morreu aos 80 anos em 1771, ***L. de Óbitos de Santo Amaro,*** e o 2.º JOÃO TELES DE MENESES, cadete em 1768, capitão em 1796, se reformou em 1804. Casou com D. Maria Francisca da Conceição. Morreu a 1.º de maio de 1811 e ela a 11 de outubro de 1836, ***L. de Irmãos da Santa Casa,*** apostila ao registro de 1790.

37. JOÃO MENDES DE VASCONCELOS. Natural de Machico, na Ilha da Madeira, filho de Joane Mendes de Vasconcelos (os "avós, homens nobres dos principais da vila de Machico", segundo testemunhas no Processo de Habilitação para a Ordem de Cristo do filho, Diogo Muniz Teles, abaixo, ***T.T., habil. da Ordem de Cristo, letra D, m. 11),*** foi "desta ilha para a Bahia na era de seiscentos e quarenta e

cinco" (conforme outra testemunha). Há engano na data, pois comandou em 1641 a guarda do palácio na Bahia. Enviado em missão a Lisboa, voltou com pequeno reforço em 1645 (daí o equívoco). Capitão de uma companhia do Regimento do mestre de campo Hugo Hostrate, foi reformado em 1651, Arq. Públ. da Bahia, ***Registros de Patentes de 1648 a 1684,*** fl. 237. Na Bahia casou com D. Leonor Teles. Note-se que naquele ***processo de habilitação*** o pai é também chamado João Mendes ***Delgado*** (como está no texto).

Teve o hábito de San Tiago em 1649, pelos serviços feitos na guerra holandesa, Carvalho Franco, ***Nobiliário Colonial,*** p. 156.

38. JOÃO NUNES PITA. Almotacé da Câmara da Bahia em 1677, capitão-mor do distrito do Terreiro, no mesmo ano, ***Anais da B.N.,*** v. 32, p. 375, morreu em 1679, ***Doc. Hist.,*** v. 86, p. 227.

39. DIOGO MONIZ TELES. Não casou em 1651, em Maotim, pois, solteiro, requereu em 1677 habilitação à Ordem de Cristo, processo a que aludimos em nota anterior. Na noite de 29 de novembro de 1673, estando em casa do cunhado João Nunes Pita, aconteceu que, parede meia de onde estava, Bento Pereira Terras tentou matar a mulher, a cujos gritos acudiu, e, na briga que com ele travou, lhe deu oito ou dez golpes com a faca que levara. Pronunciado, obteve perdão da parte, e o limpo de culpa. Provisão Régia, de 1678, Arq. Públ. da Bahia, Alvará de perdão ao alferes Diogo Moniz Teles, ***Provisões Reais*** de 1681 a 1692, pacote n. 496.

40. JOÃO DE COUROS CARNEIRO. Homônimo do coronel (natural de Ilhéus ou Camamu, ***tít. Couros Carneiro***), diz o linhagista, português de Ponte de Lima. Dos seus sete filhos, (Marieta Alves, ***as filhas de João de Couros Carneiro,*** em ***História, Arte e Tradição*** da Bahia, ed. da Prefeitura, p. 47, Bahia, 1974), as quatro mulheres foram freiras do Desterro: Soror Maria Caetana da Assunção, Soror Catarina do Monte Sinai, Soror Páscoa da Ressurreição e Mariana Xavier. — É o "famoso João de Couros", "sargento dos escrivães/sendo escrivão dos sargentos", da ***Satírica,*** de Gregório de Matos, IV, p. 188, seu amigo, e dos Ravascos, na rusga de 1683. Foi justificar-se em Lisboa.
— Viúva, morreu D. Joana Teles de Meneses a 16 de setembro de 1731, ***L. de Óbitos de S. Pedro Velho,*** arq. da Cúria.

41. JOÃO DE COUROS CARNEIRO, 2.º. Sobre o motivo porque o governador mandou para o Recolhimento sua mulher, há ofício do Secretário de Estado para o vice-rei, em 1728, ***Arq. do Conde dos Arcos,*** cód. 11, Universidade de Coimbra.

42. LUIZ PESSOA DE VASCONCELOS. Nos impedimentos do pai, escrivão da Câmara, carta de 1693. ***Anais da B.N.,*** v. 36, ***Doc. Hist.,*** v. 34, p. 91.

43. SOROR MARIA CAETANA DA (ASSUNÇÃO). Uma das clarissas baianas fundadoras do convento no Rio de Janeiro, em 1744. Morreu nonagenária, no Desterro da Bahia.

44. SOROR CATARINA DO MONTE SINAI. Deve-se-lhe a capela interna do Senhor dos Passos, no convento do Desterro. "Por sua indústria adquiriu no mesmo mosteiro cinco moradas de casas de pedra e cal, uma de barro com assento de pedra e cal, 12 escravos, 400$ e 500$ que tinha em vários créditos de dívidas", disse em carta ao arcebispo, em 1758 pedindo beneficiasse com dois escravos e duas casas as irmãs velhas e pobres, religiosas professas desse mosteiro, Marieta Alves, ***op. cit.,*** p. 48. Como entre os seus pertences aparecem utensílios para a fabricação de doces, percebe-se que esta foi a sua indústria, elucida Marieta Alves. Morreu a 29 de agosto de 1758.

45. BRANCA TELES. Outro filho de Amaro Homem, não relacionado: capitão Manuel Homem de Almeida, "neto de Diogo Moniz Teles", soldado desde 8 de junho de 1668, legatário dos serviços do tio, Miguel Homem de Almeida, na guerra holandesa e chefe, em 1676, do socorro ao coronel Francisco Dias de Ávila no alto São Francisco, ou seja, na conquista do Piauí. Subiu a capitão a 11 de março de 1677, Borges de Barros, ***Bandeirantes e Sertanistas Baianos,*** pp. 139 — 141.

46. PE. ANTÔNIO TELES BARRETO. Cristão novo. A esta condição refere-se a dispensa pontifícia.

47. MANUEL MONIZ TELES. Capitão de uma tropa de cavalos em Itaporocas e S. João de Água Fria, 1729, ***Anais do Arq. Públ. da Bahia***, v. 39, p. 110.

48. ANTÔNIO DIAS DUARTE. Pai de Manuel Lopes de Ulhoa, cujos serviços foram relatados ao Conselho Ultramarino (6 de outubro de 1676 a 15 de junho de 1678), ms., Contratos da Bahia, Arq. Hist. Ultramarino.

49. ANTÔNIO COELHO PINHEIRO. Vereador e procurador do Senado, 1638, juiz ordinário, 1644, ***Anais da Câmara da Bahia***, I, p. 350, II, p.239.

50. D. ANTÔNIA DE MENESES. Morava em Matoim. Declarou, em 1644, que se curara de suas doenças pela muita devoção que tinha ao Padre Anchieta, Pe. Simão de Vasconcelos, ***op. cit.***, pp. 371-5.

51. BARTOLOMEU DE VASCONCELOS. "Natural e morador nesta cidade", chantre da Sé, tinha em 1591 trinta e dois anos. ***Confissões da Bahia***, 1591, pp. 70-2. Em 1618 foi um dos denunciantes à Inquisição, ***Denunciações***, n. 4.

52. DIOGO LOPES FRANCO. São vários, e sucessivos, os cristãos novos deste nome, assim Diogo Lopes Franco, o 1.º, "casado, mercador e morador nesta terra genro de Henrique Moniz Teles, vereador que agora é", ***Denunciações da Bahia***, 1618, fl. 40, acusado de reunir-se com outros "de nação", sexta-feira, à tarde, para conversas misteriosas, disse Belchior de Bragança. Era da família de Francisco Lopes Franco, "de nação que é passado a Flandres e recebera grande cópia de mil cruzados", herança de Henrique Fernandes, cristão novo, ***Denunciações*** cit., fl. 303; primo de Mateus Lopes Franco, senhor do engenho de Maré, queimado em 1638 pelos holandeses, Wanderley Pinho, ***História de um Engenho***, p. 107. Lembra o poeta da ilha, Botelho de Oliveira:

***Era rei dos engenhos preminente***
***E quando Holanda pérfida e nociva***
***O queimou, renasceu qual Fênix viva.***

A capela e o engenho de São João na baía de Matoim constituiram morgado de Diogo Lopes Franco, 2.º, também apontado como judaizante, A. Novinsky, ***Cristãos Novos na Bahia***, p. 80.
Este Diogo, casado em 1679, foi capitão de Matoim, 18 de janeiro de 1677, ***Doc. Hist.***, XII, p. 425, ***Anais da B.N.***, v. 36, p. 372. Casou em novas núpcias com D. Leonor Ximenes de Aragão, sobrinha de Estevão Fernandes Moreno, senhor do engenho da ilha de Maré, W. Pinho, ***ibid.***, p. 108. Veja-se ***tít. dos Calmons***. Do segundo casamento teve José, batizado na matriz de Nossa Senhora da Vitória, 23 de maio de 1712, arq. da Cúria.

53. DOMINGOS ANTUNES DA COSTA. Na patente de sargento-mor do terço do mestre de campo André Cusaco, 30 de janeiro de 1698, ***Doc. Hist.***, V, p. 50, se diz que por 39 anos servira exemplarmente, achando-se "em muitas ocasiões de guerra contra os holandeses", "dos primeiros para as funções de maior importância havendo-se com bom procedimento na recuperação das fortalezas do Recife trabalhando dia e noite nas muitas trincheiras e plataformas que se fizeram entre muita quantidade de balas de artilharia que o inimigo atirava". Tenente do mestre de campo general, em 12 de junho de 1703, esteve no posto até 1712, J. de Mirales, ***op. cit.***, pp. 52-53. Ganhou sesmaria em Caravelas a 7 de abril de 1701.

54. GUIOMAR XIMENES DE ARAGÃO. Cremos que seja filha de Mateus Lopes Franco, acima. A 7 de outubro de 1673, "na pousada de Leonor Ximenes viúva do capitão Mateus Lopes Franco", o alferes Francisco de Abreu da Costa e sua mulher Ana de Castro de Meneses, moradores em Itaparica, venderam ao capitão Don Pedro Barayon e Maria Pinheira quatro braças e 4 palmos de terra na praia da cidade que vai das Olarias para o convento de Santa Teresa, ***L. 2.º do tombo do mosteiro de São Bento***, fl. 68 verso. — Veja-se ***tít. Ravasco***. — Maria Ximenes (sua irmã?) recebeu por alvará de 7 de abril de 1698 sesmaria de 3 léguas no distrito de Caravelas, ***Publ. do Arquivo Nacional***, XXVII, p. 106.

55. FRANCISCA XIMENES DE ARAGÃO. Faleceu solteira, 11 de outubro de 1735, e foi enterrada na igreja da Ajuda, ***L. de Óbitos da Sé***, arq. da Cúria.

56. JOÃO (BATISTA). Faleceu a 28 de outubro de 1728. "Não fez testamento por não ter ainda 14 anos", ***L. de Óbitos de S. Pedro Velho***, em restauração, arq. da Cúria.

## *GOMES VITÓRIA*

Manuel Gomes Vitória, * (1) o velho, de quem não achamos qual fosse a sua pátria, nem seus progenitores, casou na Bahia com Catarina de Moura, filha de Pedro Fernandes de Moura (2) e de sua mulher Leonor Martins. Da dita sua mulher Catarina de Moura teve um só filho que faleceu logo depois de sua mãe.

*Nota da R.I.H.G.B.*

* *Faleceu a 22 de novembro de 1648. Sepultado em S. Francisco.*



Segunda vez casou com Branca Serrão, filha de Antônio Serrão (3) e de sua mulher Catarina Mendes, e teve filhos.

1. Antônio Gomes Vitória, (4) casado com Isabel Nunes.
2. D. Catarina Vitória, mulher de Diogo Moniz Teles, à fl.... n. 7, e aí a sua descendência.
3. Maria Gomes, casada com Fernão Rodrigues Ribeiro, (5) sem filhos.
4. Constantino Gomes Vitória, casado com Maria da Fonseca, sem filhos.

E Diogo, que faleceu moço, sem casar.

Terceira vez casou, Manuel Gomes Vitória com outra Branca Serrão, viúva de Gonçalo Nunes Campomaior, e filha de João Vaz Serrão (6) e de sua mulher Leonor Rosa, e foram dispensados pelo Sr. bispo D. Constantino Barradas no grau de afinidade, por ser esta Branca Serrão prima da outra Branca Serrão, segunda mulher deste Manuel Gomes Vitória; e desta aqui não teve filhos.

Quarta vez se tornou a casar com D. Maria de Meneses, viúva de Domingos Gomes Pimentel, (7) e filha de Valentim de Faria e de sua mulher Filipa de Sá, e também não teve filhos.

Constantino Gomes Vitória, filho de Manuel Gomes Vitória e de sua segunda mulher Branca Serrão, casou com Maria da Fonseca, * filha de Manuel da Fonseca Homem e de sua mulher Catarina Mendes, da qual não teve filho.

Segunda vez casou com D. Inês de Meneses, ** filha de Domingos Gomes Pimentel e de sua mulher D. Maria de Meneses, e teve filho:

5. D. Branca de Meneses, casada, que se segue.
6. Manuel Gomes Vitória, casado com D. Clara Maria de Ulhoa.
7. Antônio Gomes Vitória, (8) casado com D. Mariana de Ulhoa.

1. MANUEL GOMES VITÓRIA. Lavrador de canas no Paraguacu, segundo o ***Nobiliário de Torres,*** tinha fazenda no Rio Vermelho, ***Denunciações da Bahia,*** 1618, fl. 246. Nestas aparece como "de nação". E nas ***Confissões*** de 1618: "Manuel Gomes Vitória da nação natural de Vigo em Galisa, casado e lavrador de canas", fl. 180 verso.
2. PEDRO DE MOURA (ou Pero), branco e lavrador no Paraguacu, casou com a mamaluca Leonor Martins, e além de Catarina, mulher de Manuel Gomes Vitória, e Isabel Martins, mulher de Miguel Fernandes, teve filho, Pero de Moura, nascido em 1572, em 1592 residente "em casa de D. Isabel Soares, mulher de Vicente Rangel", ***Denunciações da Bahia,*** p. 567; e Vicente de Moura, bastardo, que andava com os Adornos de Cachoeira. O 2.º Pero de Moura, escrivão dos Contos, 17 de novembro de 1621, recebeu ordenados até 1633, ***Doc. Hist.,*** XIV, p. 484.

*Notas da R.I.H.G.B.*

* *Casaram na Sé a 7 de janeiro de 1624.*
** *Casaram na Sé ao 1.º de maio de 1641.*

3. ANTÔNIO SERRÃO. Veja-se ***Confissões da Bahia*** p. 304. Cristão novo, "casado com uma cristã nova irmã da mulher do mestre Afonso cirurgião outrossim havido por cristão novo", ***Denunciações*** de 1591, p. 301 — a mulher de Antônio Serrão chamava-se Catarina Mendes e suas irmãs Maria Lopes (mulher do cirurgião) e Leonor da Rosa, mulher de João Vaz Serrão, ***ibid.,*** p. 358. "E assim foi fama pública que quando a dita mãe e filhas vieram a esta terra vinham fugidas da Santa Inquisição e nela ficava preso em Lisboa o pai delas, marido da velha, e depois dissera que fora lá queimado". Escrivão da provedoria, 6 de março de 1558, Antônio Serrão foi escrivão da armada que em 1560 zarpou para o Rio de Janeiro, ***Anais da B. N.,*** v. 27, p. 264, conduzindo o governador Mem de Sá, à conquista da ilha de Villegaignon (veja-se carta deste, publicado por Barbosa Machado, Sousa Viterbo, Jaime Cortesão, por último, Joaquim Veríssimo Serrão, ***O Rio de Janeiro no Século XVI,*** II, p. 14, Lisboa, 1965). Quanto ao concunhado o cirurgião mestre Afonso, bacharel e físico-mor, acompanhou Mem de Sá nas suas expedições a Ilhéus, Paraguacu e Rio de Janeiro, ***Anais da B. N.,*** v. 27; José Goncalves Salvador, ***Os Cristãos Novos — Povoamento e Conquista do Solo Brasileiro,*** pp. 72 e 81.

4. ANTÔNIO GOMES VITÓRIA. Sobrinho de João Vaz Serrão, lavrava canas em Pirajuía, ***Denunciações de 1618,*** fl. 184. Parece ser o mesmo indicado por José Goncalves Salvador, ***Os Cristãos Novos, Povoamento e Conquista do Solo Brasileiro,*** p. 167.

5. FERNÃO RIBEIRO. Irmão de Francisco Ribeiro, ***Denunciações de 1618.***

6. JOÃO VAZ SERRÃO. Avô e neto. O 1.º, casado com "Lianor da Rosa, cristã nova", ***Denunciações de 1591,*** p. 546, estava então no Peru, ***ibid.,*** p. 563, "peruleiro", como então se apelidavam os mercadores que de lá voltavam, ***Diálogo das Grandezas do Brasil,*** ed. de Capistrano e R. Garcia, p. 37, Rio, 1930. O 2.º, filho de Branca Serrão e Goncalo Nunes Campomaior, também cristão novo, já era natural da Bahia e morava em Pirajuía, ***Denunciações de 1618.***

7. DOMINGOS GOMES PIMENTEL. Solteiro, com 24 anos, morador em Passé, era filho do lavrador Simão Gomes Varela e Madalena Pimentel. Acusou-se ao Santo Ofício de ter lido a ***Diana,*** de Montemor, ***Confissões de 1591,*** pp. 98-99.

8. ANTÔNIO GOMES VITÓRIA. Casado com D. Mariana de Mesquita. Filhas, D. Antônia de Meneses, que faleceu a 2 de agosto de 1752, deixando filho (e testamenteiro) Bernardo da Silva, ***L. de Óbitos da Sé de 1734 a 1762,*** fl. 184; D. Inês de Meneses, falecida a 23 de julho de 1849, ***L. de Óbitos de S. Pedro Velho,*** arq. da Cúria.

## *ULHOA*

N. 5. D. Branca de Meneses, filha de Constantino Gomes Vitória e de sua segunda mulher D. Inês de Meneses, casou com o capitão Duarte Lopes Ulhoa, * (1) natural de Lisboa, freguesia de S. Mamede, Fidalgo da Casa Real, cavaleiro da Ordem de Santiago o provedor da Fazenda Real da Capitania da Bahia, filho de Diogo Lopes Ulhoa, (2) Fidalgo da Casa Real, enviado a Londres, e de sua mulher Maria Duarte. De D. Branca e seu marido Duarte Lopes foram filhos:

8. Constantino Moniz Barreto.

9. Luiz de Sá de Meneses.

N. 44. Bartolomeu Moniz Teles, filho do capitão Diogo Moniz Teles, n. 42 p. ..., e de sua primeira mulher D. Catarina Vitória, teve o foro de fidalgo como seu pai e avós, casou com D. Arcângela da Lomba, ** natural da Bahia, filha de Paulo da Lomba (3) e de sua mulher Thomásia Barbosa, e teve filhas:

10. D. Catarina Moniz. Batizada a 17 de março de 1644.

11. D. Tomásia Barbosa, que se segue.

N. 11. D. Tomásia Barbosa filha de Bartolomeu Moniz Teles e de D. Arcângela da Lomba, sua mulher casou com Manuel Teles de Meneses *** natural da Bahia, filho de Antônio Moniz Barreto e de sua mulher D. Luiza de Espinosa, e foram dispensados no 4.º grau de consangüinidade, e teve filho:

12. Constantino Moniz Teles, (4) casado com D. Teresa de Lacerda Coutinho, de quem teve filhos, que faleceram solteiros.

N. 3. Jerônimo Moniz Barreto, **** (5) filho terceiro de Egas Moniz Barreto, à fl...., e de sua mulher D. Maria da Silveira ou D. Ana, como já fica aí notado, passou à Bahia com seu pai e irmãos, e ali casou duas vezes, a primeira com D. Mícia Lobo de Mendonça, filha de Francisco Bicudo e de sua primeira Mulher D. Mícia Lobo de Mendonça, à fl...., uma das 3 irmãs órfãs, que mandou a rainha D. Catarina para casarem com as pessoas principais, como já se tem dito; e dela teve filhos:

1. Egas Muniz Barreto, que se segue.

2. D. Ângela Lobo de Almeida, segunda mulher de Gaspar Pereira, o velho, à fl.... n....

3. D. Maria de Meneses, mulher de Cristóvão da Costa Dória, à fl.... n. 2, e ali a sua geração.

3. D. Francisca de Meneses, mulher do Dr. Barbosa de Amorim, com filhos, à fl.... n. 3, Isabel e Vasco, que faleceram sem casar.

---

*Notas da R.I.H.G.B.*

* *Casaram no Iguape ao 1.º de janeiro de 1659.*

** *Casaram a 17 de abril de 1643. Paripe.*

*** *Casaram a 3 de fevereiro de 1658. Paripe.*

**** *Faleceu a 12 de outubro de 1606, sepultado em S. Francisco. Testamenteira sua segunda mulher D. Isabel de Lemos. Foi Fidalgo da Casa Real. Do seu testamento consta, que foi esta D. Mícia, filha do Bicudo sua primeira mulher, o qual testamento se acha no cartório dos órfãos, o inventário foi dos bens de Mícia, esta acima 3.ª mulher deste Jerônimo Moniz, n. 3.*

Segunda vez casou Jerônimo Moniz Barreto com D. Isabel de Lemos, filha de João Rodrigues Palha (6) e de sua mulher Mícia de Lemos, e teve filhos:

4. Miguel Teles de Meneses, à fl.... e ali o mais.

4. Antônio Moniz Teles, adiante batizado na Sé a 19 de abril de 1586.

4. Vicente, Francisco, Jerônimo, D. Joana e Ana de Lemos, mulher de Cristóvão Rabelo (7) com filhos, à fl....

N. 1. Egas Moniz Barreto, * filho primeiro de Jerônimo Moniz Barreto e de sua primeira mulher D. Mícia Lobo de Mendonça, casou três vezes, a primeira com D. Águeda de Lemos, irmã de sua madrasta D. Isabel de Lemos, acima, e à fl.... n. 5, e dela teve filho:

5. Francisco Barreto de Meneses, (8) que se segue. Batizado em Paripe a 6 de junho de 1602.

D. Mícia de Meneses, mulher de Paulo de Argolo, à fl....

Segunda vez casou Egas Moniz (9) com D. Joana, a qual faleceu a 8 de julho de 1618, e teve filhos. Irmã essa D. Joana do vigário do Socorro Francisco Pereira de Aguiar.

6. O Padre João Pereira, da Companhia. (10)

7. Antônio Moniz Barreto, sacerdote. (11)

Terceira vez casou Egas Moniz Barreto, com D. Juliana Rangel, filha de Rafael Teles e de sua mulher Maria Rangel, que era irmã do Padre Antônio Rangel, (12) da Companhia, e teve filhos:

8. D. Ana de Meneses, mulher de Francisco de Barros Lobo, que fica à fl.... n. 7, e aí a sua descendência.

9. D. Isabel, mulher de Francisco Freire de Andrade, o Xumberga, (13) cavaleiro da Ordem de Cristo.

10. D. Maria, mulher de João Lobo Marinho.

11. Diogo Moniz, o Gordo, adiante.

N. 5. Francisco Barreto de Menezes, fidalgo escudeiro, filho de Egas Moniz, n. 1, e de sua primeira mulher Águeda de Lemos, casou com D. Isabel de Aragão, filha de Melchior de Aragão ** (14) e de sua mulher Maria Dias, e teve filhos. Faleceu D. Isabel de Aragão a 19 de maio de 1674, já viúva. Sepultada em S. Francisco.

12. Egas Moniz Barreto, que se segue. Batizado na Sé a 22 de agosto de 1646.

13. D. Mícia, mulher de seu tio Diogo Moniz, o Gordo, batizada a 22 de julho de 1644.

---

*Notas da R.I.H.G.B.*

** Fidalgo escudeiro. Faleceu a 23 de outubro de 1646, sepultado em Camamu, onde era morador.*

*** Senhor do engenho Mataripe. Faleceu em 1669.*



14. D. Águeda, mulher do coronel Luiz de Melo de Vasconcelos, (15) à fl.... n. 25. Batizada a 20 de junho de 1642.

D. Inês de Aragão de Meneses, batizada a 4 de setembro de 1652 no Socorro, capela de Santa Maria Mãe das Almas.

N. 12. Egas Moniz Barreto, (16) filho de Francisco Barreto de Meneses, n. 5, foi coronel escudeiro fidalgo, casou com D. Inês Barbalho Bezerra, filha de Antônio Ferreira de Souza (17) e de sua mulher D. Antônia Bezerra, filha de Luiz Barbalho, à fl.... n. 4, como consta do livro dos casamentos, na capela do Bom Jesus, a 8 de janeiro de 1698, e teve filhos.

15. Antônio Ferreira de Souza, que se segue.

16. Francisco Barreto de Meneses, (18) sem filhos de sua mulher D. Isabel da Silva, filha do Dr. Manuel de Matos Viveiros. (19) Batizado a 12 de fevereiro de 1682.

17. Egas Moniz Barreto, adiante.

18. Bento Pereira de Aragão.

19. D. Isabel, mulher de Antônio Machado Velho, à fl.... n. 6, e por morte deste casou segunda vez com o capitão Nicolau Lopes Fiuza, (20) sem filhos. Batizada a 11 de agosto de 1680.

N. 15. Antônio Ferreira de Souza, (21) filho do coronel Egas Moniz Barreto, n. 12, foi escudeiro fidalgo, como seu pai, e senhor do engenho de Mataripe, casou com D. Isabel, * filha de seu tio Diogo Moniz, o Gordo, e teve filhos:

20. Antônio Ferreira de Souza, sem geração.

21. Egas Carlos de Souza Meneses, adiante.

22. Diogo Luiz, que casou com a filha do sargento-mor José Batista de Carvalho, (22) e se desquitaram, chama-se esta D. Tereza Josefa Maria de Jesus, e sua mãe mulher do dito sargento-mor José Batista de Carvalho chama-se D. Brites de Brito Faria.

N. 17. Egas Moniz Barreto, (23) filho do coronel Egas Moniz Barreto, (24) n. 12, casou em Sergipe del-rei com D. Rosa de Sá Soutomaior, filha do capitão Mem de Sá, à fl.... n. 2, e de sua mulher D. Maria Barbosa, e teve filhos.

23. O padre Gonçalo de Sá.

23. Roque Moniz Barreto, capitão, faleceu solteiro.

23. José Sotério de Sá Barreto, casado em Pernambuco com D. Apolinária.

23. Egas Moniz Barreto, faleceu solteiro.

---

*Nota da R.I.H.G.B.*

** Casaram a 13 de junho de 1706, na igreja de S. Pedro da cidade pelo seu vigário o Dr. Francisco Pinheiro Barreto.*

23. Estácio de Sá Moniz Barreto, que casou com sua prima D. Francisca Xavier de Santa Josefina, sua prima, filha do capitão João Teles de Meneses.

D. Inês Moniz Barreto, casada com seu primo o capitão Teodoro Moniz Barreto.

24. D. Joana de Sá Meneses, que casou com seu primo o tenente-general Francisco Teles de Meneses, que mora nas Alagoas.

Nazário da Rocha Sá Soutomaior, casado.

N. 19. D. Isabel Maria de Aragão, filha do coronel Egas Moniz Barreto, n. 12, casou * com Antônio Machado Velho, que foi coronel e era filho de Manuel Pereira de Góes, à fl.... n. 6, e aí à sua descendência.

N. 11. Diogo Moniz Barreto, (25) a quem chamavam o Gordo, ** filho de Egas Moniz Barreto, n. 1, e de sua mulher, terceira, D. Juliana Rangel, casou com D. Mícia de Aragão de Meneses, *** sua sobrinha, filha de seu irmão Francisco Barreto de Meneses n. 5, e de sua mulher D. Isabel de Aragão, e teve filhos:

26. Antônio Moniz Barreto, que se segue.

27. D. Leonor Josefa de Meneses, (26) segunda mulher de Gonçalo Ravasco, Secretário de Estado, de quem não teve filhos, e faleceu esta a 9 de novembro de 1737.

28. D. Isabel, que casou com o coronel Antônio Ferreira de Souza, à fl.... n. 15, e aí a sua descendência.

29. D. Mariana, mulher do Dr. Pedro Baldes, (27) e por morte desse casou **** segunda vez com o Dr. Inácio Barbosa Machado, (28) juiz de fora na Bahia.

Francisco Barreto de Meneses.

Pedro Teles Barreto.

N. 26. Antônio Moniz Barreto, ***** (29) filho de Diogo Moniz Barreto, o Gordo, n. 11, foi sargento-mor, casou com D. Maria, sua prima, filha de Francisco de Barros Lobo, à fl...., n. 7, e de sua mulher D. Ana de Meneses, filha de Egas Moniz Barreto, escudeiro fidalgo e de sua mulher D. Juliana Rangel e teve filho:

30. Diogo Moniz Barreto, que se segue.

Mateus Moniz Barreto, que faleceu moço.

Segunda vez casou Antônio Moniz Barreto com D. Ana de Almeida, filha do capitão Domingos Monteiro de Sá, (30) e de sua mulher mãe dos Calmons,

*Notas da R.I.H.G.B.*

* *Casaram em 8 de janeiro de 1698 na capela do Bom Jesus.*

** *Faleceu a 3 de maio de 1608. Sepultado na Misericórdia a 18 de fevereiro de 1693.*

*** *Sepultado no convento de S. Francisco a 1.º de outubro, e D. Micia faleceu a 30 de dezembro de 1691.*

**** *Casaram a 8 de setembro de 1720.*

***** *Foi Fidalgo da Casa Real e sargento-mor. Faleceu a 17 de junho de 1730. Sepultado em S. Francisco.*



D. Juliana de Almeida, (31) viúva do capitão João Calmon, o velho, e teve filhos. Casaram em casa na freguesia da Sé a 24 de abril de 1697; o governador D. João de Alencastro foi testemunha do casamento, João Calmon, vigário geral, os recebeu.

32. Francisco Barreto, (32) que foi capitão. Sem filhos em Sergipe del-rei.

N. 30. Diogo Moniz Barreto, filho do sargento-mor Antônio Moniz Barreto, n. 26. Casou com D. Maria Josefa, filha de Antônio de Faria Severim, e teve filhos, e de sua mulher D. Luzia de Meneses, filha de Antônio Moreira da Gamboa, à p.... n. 11.

32. Antônio Pedro Moniz Barreto (33) e D. Maria Lima.

N. 21. Egas Carlos de Souza de Meneses, (34) filho de Antônio Ferreira de Souza, n. 15, e de sua mulher D. Isabel, casou com D. Maria Francisca da Conceição, filha de Antônio Machado Velho, à fl.... n. 9, e de sua mulher D. Antônia Maria de Meneses e teve filho:

32. Antônio Moniz de Souza Barreto, que se segue.

N. 32. Antônio Moniz de Souza, (35) filho de Egas Carlos de Souza Meneses, n. 21, tem o foro de fidalgo cavaleiro, como tem seu pai, com 1$500 de moradia e um alqueire de cevada por dia, por alvará de el-rei, de 30 de maio de 1768. Casou com D. Luiza Francisca Severina * filha de Luiz Coelho Ferreira, (36) cavaleiro professo da Ordem de Cristo e mercador na praça da Bahia, e de sua mulher D. Maria Dias do Vale.

N. 4. Antônio Moniz Teles, (37) filho de Jerônimo Moniz Barreto, ** à fl.... n. 4, e de sua segunda mulher D. Isabel, foi fidalgo escudeiro como consta do alvará de seu filho Jerônimo Moniz Barreto, que se segue, casou com D. Cristina Coutinho, e teve filhos.

33. Jerônimo Moniz Barreto, que se segue.

34. D. Isabel Teles quarta mulher de Gaspar de Araújo de Góes, à fl.... n. 2, e aí a descendência. Batizada a 22 de janeiro de 1646.

35. Antônio Moniz Teles.

37. D. Francisca Coutinho, segunda mulher de Pedro Baldes Barbosa, à fl.... Batizada em Paripe a 1.º de outubro de 1637.

38. D. Maria Teles, segunda mulher de Pascoal de Freitas Pimentel, à fl...., e depois do capitão Manuel de Quadros Gregório. ***

39. D. Teresa Moniz Teles, mulher de Geraldo Baldes Leitão, (38) com filhos, à fl.... Batizada a 24 de maio de 1657.

N. 33. Jerônimo Moniz Barreto, (39) filho de Antônio Moniz Teles, n. 4, e de sua mulher D. Cristina Coutinho, foi fidalgo escudeiro, como seu pai, casou

*Notas da R.I.H.G.B.*

* *Casaram a 24 de janeiro de 1769.*

** *Casaram na freguesia dos Ilhéus a 10 de agosto de 1633.*

*** *Casados a 24 de junho de 1713.*

com D. Maria de Souza, * filha do desembargador João de Góes de Araújo e de sua mulher D. Catarina de Souza à fl.... n. 1, e teve filhos:

40. D. Teresa Catarina de Souza, mulher do tenente coronel Nicolau Carvalho Pinheiro, à fl.... n. 14, e aí o mais.

41. D. Francisca de Meneses.

João de Góes de Araújo. (40)

Eu el-rei faço saber a vós D. João da Silva, Marquês de Gouvea, Conde de Portalegre, meu muito amado sobrinho, do meu Conselho de Estado, e meu mordomo-mor, que ei por bem, e me praz fazer mercê a Jerônimo Moniz Barreto, natural da cidade da Bahia, filho de Antônio Moniz Teles, fidalgo da minha casa, e neto de Jerônimo Moniz Barreto, de o tomar no mesmo foro de fidalgo dela, com 1$500 réis de moradia por mês, de fidalgo escudeiro dela e um alqueire de cevada por dia paga segundo o ordinário e é o foro e moradia, que pelo dito seu pai lhe pertence; mando-vos, que o façais assentar no livro da matrícula dos moradores da minha casa, no título dos fidalgos escudeiros com a dita moradia e cevada. Manuel Ribeiro Monteiro a fez em Lisboa a 16 de fevereiro de 1684. Manuel Leitão de Andrade a fez escrever. — *Rei.*

N. 3. D. Francisca Coutinho, filha de Antônio Moniz Teles, n. 4, e de sua mulher D. Cristina Coutinho, ** foi segunda mulher de Pedro Baldes Barbosa, (41) viúvo, e filho do sargento-mor Justo Baldes e de sua mulher D. Leonor, teve filhos:

42. Geraldo Baldes Leitão, que se segue.

N. Geraldo Baldes Leitão, (42) filho de Pedro Baldes Barbosa, acima, e de sua segunda mulher D. Francisca Coutinho, casou com D. Tereza Moniz Teles, *** filha de Antônio Moniz Teles, n. 4, e de sua mulher D. Cristina e teve filha:

N. 3. D. Francisca de Meneses, filha de Jerônimo Moniz Barreto, o velho, fl.... n. 3, e de sua primeira mulher D. Mícia Lobo de Mendonça, casou com Domingos Barbosa de Amorim, **** natural de Ponte de Lima, filho de Baltazar de Amorim e de sua mulher Inês Rodrigues, e teve filhos.

43. D. Ângela de Meneses, (43) mulher de Álvaro de Sousa Basto, e faleceu sem sucessão a 26 de janeiro de 1667; foi batizada a 15 de julho de 1607, e casada a 6 de novembro de 1633.

44. D. Maria de Meneses, mulher de Estevão de Aguiar, o Gago; à fl.... n. 4, e teve filhos aí; batizada a 31 de março de 1610.

---

*Notas da R.I.H.G.B.*

* *Faleceu esta D. Maria a 22 de maio de 1650; sepultada na matriz.*
** *Casaram na freguesia de Socorro a 3 de fevereiro de 1675.*
*** *Casaram a 20 de novembro de 1679. Socorro.*
**** *Casaram em Paripe a 20 de janeiro de 1606; e faleceu ela a 20 de junho de 1626. Sepultada em S. Francisco.*



45. Jerônimo Moniz Barreto, que se segue. Batizado a 30 de março de 1613 em Matoim.

46. Baltazar de Amorim Barbosa. (44)

47. Antônio Moniz Barreto, segundo testamenteiro de sua irmã D. Ângela.

N. 43. Jerônimo Moniz Barreto, filho de Domingos Barbosa de Amorim e de sua mulher D. Francisca de Meneses, n. 3, casou com D. Maria de Azevedo Teixeira, * filha de Manuel de Azevedo Teixeira e de sua mulher Isabel Soares, filha esta de Gaspar Pereira, de Paripe e de sua mulher D. Maria Soares, e teve filhos. Faleceu esta D. Maria, mulher deste Jerônimo Moniz a 22 de maio de 1650; sepultada na matriz.

48. Domingos Barbosa de Amorim. Batizado a 30 de junho de 1641.

49. D. Antônia de Meneses, casou, e faleceu sem sucessão, e deixou a seu pai por herdeiro. Batizada a 23 de setembro de 1643.

50. Manuel Teles Barreto faleceu a 28 de outubro de 1692 batizado a 29 de março de 1645.

51. D. Francisca Teles, mulher do capitão Diogo Lopes Franco, o moço. (45)

52. D. Joana Teles. Batizada a 5 de janeiro de 1648.

53. D. Ângela de Meneses, batizada a 7 de janeiro de 1649.

54. D. Isabel Teles, segunda mulher do coronel Baltazar dos Reis Barrenho, (46) casados a 11 de dezembro de 1674, e era já viúvo de D. Ana de Souza, diz o termo deste casamento.

Segunda vez casou Jerônimo Moniz Barreto n. 43, com D. Inácia de Almeida Serrão, ** viúva de Leopoldo João de Azevedo, e teve filhos:

53. Antônio Moniz Barreto, que casou com D. Isabel de Vargas, filha do sargento-mor Miguel de Vargas Cirne, à fl. ..., n. 3; e teve um filho Antônio, que faleceu menino.

56. D. Branca Teles.

N. 4. Francisco Moniz de Meneses,*** filho de Jerônimo Moniz Barreto, o velho, fl. ..., n. 3, e de sua segunda mulher D. Isabel de Lemos, foi Fidalgo da Casa Real, e casou com D. Maria Lobo de Mendonça, filha de Manuel de Freitas do Amaral e de sua mulher D. Vitória de Barros, à fl. ... n. 6, e teve filhos:

57. D. Vitória de Meneses, que se segue.

58. Jerônimo Moniz Barreto, (47) casado com Teresa de Souza.

---

*Notas da R.I.H.G.B.*

* *Casaram a 2 de setembro de 1635, na capela de S. Jerônimo do Utum de Matoim.*
** *Casaram a 2 de maio de 1651 na Freguesia de S. Agostinho de Iguape; e faleceu a 27 de março de 1678, sepultada no convento de S. Francisco da Bahia, onde faleceu: testamenteiro seu filho Antônio Moniz e seu cunhado Antônio Moniz Barreto.*
*** *Faleceu a 1.º de abril de 1674, sepultado na capela-mor da Misericórdia na sepultura de seu avô Francisco.*

N. 57. D. Vitória de Meneses, (48) filha de Francisco Moniz de Meneses, n. 44, e de sua mulher D. Maria Lobo de Mendonça, casou com Vasco de Souza, * filho de Manuel de Paredes, (49) à fl.... teve filhos:

59. Francisco Moniz de Souza, que se segue.

60. D. Ângela de Souza, mulher de Tomé Pereira de Meneses, à fl. ... n. 9, sem filhos.

D. Maria, e D. Ana, que faleceu solteira com 90 anos.

N. 59. Francisco Moniz de Souza, (50) filho de Vitória de Meneses e de seu marido primeiro Vasco de Souza, casou com D. Isabel Soares de Abreu, ** filha do capitão João Leitão de Faria, (51) (irmão do mestre escola da Sé da Bahia e provisor Antônio de Faria Leitão) (52) e de sua mulher D. Mariana de Araújo. De sua mulher D. Isabel Soares não teve Francisco Moniz de Souza filhos, mas bastardos teve:

61. Luiz Moniz de Souza.

D. Ana de Lemos, filha da segunda mulher de Jerônimo Moniz Barreto, o velho, que foi D. Isabel de Lemos, casou com Cristóvão Rabelo de Macedo, *** e teve filhos:

1. Mateus Pereira de Azevedo, que se segue.
2. D. Perpétua de Meneses, adiante.
3. Maria de Meneses, mulher de Diogo Barreto Cea.
4. Miguel Moniz Barreto, ao depois.
5. D. Joana de Meneses, mulher do capitão João Pinto da Fonseca Góes. (53)
6. Cristóvão Rabelo de Azevedo.
7. D. Margarida de Meneses.

N. 1. Mateus Pereira de Azevedo, filho de D. Ana de Lemos e de seu marido Pacheco e Cristóvão Rabelo de Azevedo, casou com D. Antônia de Góes, filhos:

8. Mateus Pacheco de Azevedo. Batizado a 31 de maio de 1655.
9. D. Apolônia de Meneses. Batizada a 9 de julho de 1651.
10. José Moniz Teles.
11. D. Teresa de Meneses. Batizada a 15 de agosto de 1658.
12. D. Luzia de Meneses, casada com Francisco de Almeida Sarmento. Batizada em 1661.
13. D. Ana de Góes, que se segue.
14. D. Maria de Góes Meneses, mulher de Antônio Correa de Figueiredo.

*Notas da R.I.H.G.B.*

* *Casaram no Socorro a 30 de abril de 1658. Casou segunda vez com Jerônimo da Cruz a 14 de agosto de 1670.*

** *Casaram a 24 de abril de 1687 na Sé.*

*** *Faleceu este Cristóvão Rabelo em dezembro de 1641. Sepultou-se na igreja do Socorro.*



15. João Pinto de Faria.
16. D. Joana de Meneses.

N. 13. D. Ana de Góes, filha de Mateus Pacheco de Azevedo e de sua mulher D. Antônia de Góes, casou com Inácio Furtado de Mendonça.

D. Maria. Batizada a 9 de março de 1675.

N. 2. D. Perpétua de Meneses, filha de D. Ana de Lemos e de seu marido Cristóvão Rabelo de Azevedo, casou com Belchior Dias de Ávila. *

Jerônimo Moniz Barreto, casado com D. Sebastiana de Araújo e morador no Rio-Real.

Antônio Moniz de Meneses.

D. Maria de Meneses, mulher de Carlos Preto Dornelas.

N. 4. Miguel Moniz Barreto filho de Ana de Lemos e de seu marido Cristóvão Rabelo de Azevedo, foi Fidalgo da Casa Real, e casou com D. Úrsula do Rego, ** filha de Sebastião Paes e de sua primeira mulher Isabel de Azevedo, e teve filhos.

D. Isabel de Meneses, que se segue. Batizada a 9 de outubro de 1653 no Socorro.

Miguel Moniz Barreto. (54) Batizado a 10 maio de 1656.

João Batista Moniz, casado com sua prima, filha de Antônio da Fonseca Saraiva (55) e de sua mulher D. Francisca Meneses. Batizado a 30 de junho de 1659.

José Teles de Meneses,(56) casado com D. Mariana de Meneses. Batizado a 29 de maio de 1661.

D. Mariana de Meneses. Batizada a 22 de dezembro de 1662.

D. Ana Paes de Azevedo, mulher de Francisco de Sá de Betencourt. Batizada a 18 de junho de 1668.

D. Maria de Meneses. Batazada a 6 de maio de 1671.

D. Isabel de Meneses, filha de Miguel Moniz Barreto e de sua mulher D. Úrsula do Rego, casou com o capitão João Borges David, *** (57) natural da Bahia, filha do capitão Gaspar Borges David e de sua mulher D. Antônia de Castro; teve filha única: D. Antônia de Meneses. Batizada a 22 de maio 1673.

N. ... Miguel Teles de Meneses, filho de Jerônimo Moniz Barreto, o velho, e de sua segunda mulher D. Isabel de Lemos Palha, foi Fidalgo da Casa Real, casou com D. Joana de Sá Betencourt, filha de Cristóvão de Sá Betencourt, e de sua mulher Francisca Barbosa, filha esta de Baltazar Barbosa de Araújo, de Ponte de Lima e de sua mulher Catarina Álvares; teve filhas:

*Notas da R.I.H.G.B.*

* *Casaram a 15 de fevereiro de 1643. Socorro.*

** *Casaram a 8 de setembro de 1652, na capela de S. Luzia de Cotegipe.*

*** *Casaram 22 de janeiro de 1631. Socorro.*

D. Isabel de Lemos, terceira mulher de Domingos Maciel Teixeira, * e depois de Germão Botelho.

D. Francisca de Meneses,**casada com Antônio da Fonseca Saraiva. Batizada na Sé a 11 de outubro de 1620.

D. Madalena de Meneses, mulher de Damião Pinheiro de Mendonça.

De seu marido Domingos Maciel Teixeira teve D. Isabel de Lemos um filho por nome Tomé, batizado na capela da Trindade a 23 de setembro de 1646, o qual Tomé faleceu sete meses depois da morte de seu pai.

Cristóvão de Sá de Betencourt foi casado com Francisca Barbosa, filha de Baltazar Barbosa de Araújo e de sua mulher Catarina Álvares, à fl.... n. 1; e teve filha:

1. D. Joana de Sá de Betencourt, casada com Miguel Teles de Meneses, acima.

N. 1. Diogo Moniz Teles, ** (58) filho de Henrique Moniz Barreto, ou Teles, como se acha em vários assentos de batizados e casamentos, além do que já deste fica assentado à p.... n. 7, achamos em outros papéis, que foi casado segunda vez com D. Filipa de Almeida, filha de Manuel de Almeida Lobato e de sua mulher D. Filipa Cordeiro Aires, filha de Antônio Cordeiro Aires e de sua mulher D. Isabel do Rego, e não teve sucessão desta. Faleceu ela a 15 de setembro de 1646, sepultada na igreja do Colégio.

Também é de notar que escrevendo nós no lugar já citado a p. ...que da sua primeira mulher D. Catarina Vitoria, que era filha de Manuel Gomes Vitória e de sua terceira mulher Branca Serra, ou Serrão, fora os dois filhos que lá se diz, que foram Antônio Moniz Teles e D. Branca Teles, teve mais os seguintes:

3. Henrique Moniz Teles, casado com D. Isabel de Almeida, sem filhos.
4. D. Antônia de Meneses, mulher de Francisco da Rocha de Sá, com filhos.
5. D. Leonor Teles, mulher do capitão João Mendes de Vasconcelos.
6. D. Mariana Teles, primeira mulher de Luiz Álvares Franco, adiante.
7. D. Branca Teles, mulher de Amaro Homem de Almeida.
8. Manuel Teles, casado em Angola, sem filhos.
9. Cosme Moniz, que faleceu no Algarve.
10. Bartolomeu Moniz, casado com D. Arcângela da Lomba, com filha.

N. 14. Manuel Teles Barreto (59) filho primeiro de Antônio Moniz Barreto e de sua mulher D. Catarina de Sá, foi Fidalgo da Casa Real, e casou com sua

---

*Notas da R.I.H.G.B.*

* *Casaram a 10 de janeiro de 1644, no Socorro.*

** *Faleceu este Diogo Moniz a 25 de dezembro de 1657, sepultado no Colégio. E D. Catarina sua mulher faleceu a 13 de agosto de 1635, sepultada em S. Francisco.*



sobrinha D. Francisca Lins de Vasconcelos, filha de Constantino Lins, à fl. ... n. 6 e aí como se diz.

N. 5. D. Leonor Teles, filha do capitão Diogo Moniz Teles e de D. Catarina Vitória, primeira mulher, casou com o capitão João Meneses de Vasconcelos, cavaleiro da Ordem de Santiago, natural da ilha da Madeira, filho de João Mendes Delgado e de sua mulher Constança de Mendonça de Vasconcelos, e teve filhos:

11. D. Catarina de Vasconcelos, mulher do capitão João Nunes Pita.
12. João Mendes de Vasconcelos.
13. Diogo Moniz Teles (60) capitão, casado com D. Isabel de Almeida.

N. 11. D. Catarina de Vasconelos, filha de D. Leonor Teles, acima, casou com o capitaão João Nunes Pita, natural da Bahia, filho de Sebastião Martins Brandão e de sua mulher D. Maria das Neves, e teve filha:

14. D. Maria de Vasconcelos.

D. Mariana Teles, filha do capitão Diogo Moniz Teles e de sua primeira mulher D. Catarina Vitória, casou com Elias Álvares Franco, e teve filhos:

15. Diogo Lopes Franco, casado com D. Francisca Teles, sua prima.
16. D. Joana Teles, que se segue:
17. José Teles Barreto, casado com D. Úrsula da Rocha.

N. 16. D. Joana Teles, acima, casou com o sargento-mor João de Couros Carneiro, escrivão da Câmara da Bahia, e teve filhos:

18. Manuel Paiva de Vasconcelos.

Maria Caetana, abadessa, Catarina do Monte Sinai e Páscoa da Ressurreição, freiras no Desterro.

19. João de Couros Carneiro.

---

1. DUARTE LOPES ULHOA. Filho de Diogo Lopes Ulhoa, que acompanhou à Holanda o embaixador de Portugal em 1659, Duarte Lopes Ulhoa, alferes em 1638, distinguiu-se na defesa da Bahia, tendo de prêmio um escudo, ***Doc. Hist.,*** XVII, p. 109. Nessa guerra perdeu um irmão, diz Pedro Cadena na ***Relação Diária,*** 19 de maio de 1638, p. 70: "e hoje nos morreu um filho de Diogo Lopes Ulhoa a quem tinham levado um braço". Capitão, ganhou, com os filhos, Constantino e Luiz Teles (não Sá de Meneses) sesmaria de três léguas no Paraguaçu, Felisbelo Freire, ***Hist. Territorial***, p. 47.

2. DIOGO LOPES ULHOA. Indicou Gabriel Soares, entre os engenhos do Paraguaçu, o de seu irmão Antônio Lopes de Ulhoa, ***Ibid.***, p. 141, que em 1591 vivia em Lisboa, ***Denunciações do Santo Ofício,*** p. 488. A fazenda de Diogo Lopes Ulhoa tinha torre. ***Confissões do Santo Ofício***, 1618, fl. 120, onde seu sobrinho André Lopes Ulhoa (sesmeiro, em 1609, no Paraguaçu, com Diogo Lopes Ulhoa, ***Publ. do Arquivo Nacional,*** XXVII, p. 33) pranteou a tia, mãe de criação, Branca Gomes, falecida em Portugal (1610), segundo os costumes judáicos. Aliás, em 1591 foi acusado de ter sinagoga doméstica: "que em casa de Diogo Lopes Ulhoa, cristão

novo mercador nesta cidade se fazia esnoga com ajuntamento de judeus e que quando uns estavam dentro fazendo a esnoga, outros andavam de fora vigiando", ***Dennunciações,*** p. 420.

Encarregou-o o governador de ir à Cachoeira buscar os remanescentes da expedição de Gabriel Soares, que abrigou no seu engenho e levou para a cidade. Aí, nas "casas grandes de Diogo Lopes de Ulhoa em que agora vive o Bispo", diz o ***Livro de Tombo da Santa Casa*** restaurado em 1626.

Aos 80 anos, se lhe negou o ingresso na Ordem de Cristo, pois "por ambas as partes, materna e paterna, é descendente da nação hebréia". A margem, despachou o Rei: "Dispenso no defeito de idade; e para suprimento do sangue oferecerá breve de S. Santidade e a Mesa lho guardará. Lisboa, 11 de maio de 1663." ***T.T., Habil., D, M. 12, n. 57.***

Diogo, o velho, era tio de Diogo, casado com Maria Duarte, filho de seu irmão Antônio, de Lisboa, jurisconsulto, lente de véspera na Universidade de Pisa, autor de duas obras de Leis, 1680 e 1682. Dele conta o padre Antônio Vieira, em 1688, "é falecido Diogo Lopes de Ulhoa. Vagou por sua morte o ofício de que servia em Setúbal, pretende-o um seu neto, filho do provedor-mor da fazenda real no Brasil, o qual na capacidade e juízo não só iguala o seu avô, mas o excede muito nas letras, de que sou testemunho porque o vi examinar em Coimbra com admiração de todos". ***Cartas,*** I, p. 350.

O provedor chamava-se ***Antônio Lopes Ulhoa, Index das Notas de vários Tabeliães de Lisboa***, III, p. 128: carta régia de 8 de novembro de 1661, ***Doc. Hist.,*** XX, pp. 411-3. Foi inimigo de Bernardo Vieira Ravasco, pois, morrendo o governador Afonso Furtado, quis suceder-lhe, ao que se opôs o Secretário do Estado (1676). A sucessão cabia a uma junta, como sempre se praticara. A junta mandou prendê-lo (***Doc. Hist.,*** VIII, p. 266, Alberto Rangel, em ***O jornal***, Rio, 12 de janeiro de 1930, documento louvando a discreta política de Ravasco). O Rei fizera mercê a Antônio Lopes Ulhoa do hábito de Santiago com pensão de 20$, por serviços prestados no Brasil e em Flandres, 1640, nota de Manuel Múrias à ***Relação Diária,*** de Pedro Cadena, p. 232. Na residência que se lhe fez após seis anos de provedoria, foi dito, "muito diligente e zeloso", "entrou a servir pobre a saíu pobríssimo". ***Consulta do Conselho Ultramarino,*** 1678, ms. ***Arq. Hist. Ultramarino.*** Servia dez anos o cargo e se achava doente e velho. Conseguiu em 1677 que durante a sua viagem ao Reino ficasse no cargo o filho, José Lopes de Ulhoa. ***Doc. Hist.,*** v. 26, p. 207. Teve este, com 31 anos de idade, sentença de justificacão do Conselho Ultrmarino, 2 de maio de 1681, ms. ***Arq. Hist. Ultramarino.*** Requereu Antônio Lopes de Ulhoa em 1681 aposentadoria, na Bahia ou na metrópole, alegando, Provedor-mor, "tem gastado a vida com tanto zelo e limpeza como é notório, e por essa razão ficar muito pobre", ms. no mesmo ***Arquivo.***

De Leonor da Mota: Filhos (além de José), Antônio Lopes de Ulhoa, que em 1692 construiu um cais, na testada de sua casa, ***Atas da Câmara da Bahia,*** VI, 192, contador geral dos contos em 1693, ***Doc. Hist.,*** V, p. 318, por mais um ano em 1695, ***Doc. Hist.,*** v. 57, p. 10; D. Branca Maria de Ulhoa, falecida solteira a 12 de junho de 1742 e sepultada na igreja de São Francisco, ***L. de Óbitos da Sé de 1734 a 1762,*** fl. 84, arq. da Cúria.

3. PAULO DE LOMBA. Filho de Pedro de Lomba (tít. de Alomba, n.3), morador nos limites de Paripe, com a mulher, Tomásia Barbosa, vendeu parte das terras herdados ao capitão Francisco Pereira do Lago, em 1639, ***L. 2 do Tombo do convento do Carmo,*** fl. 22. Fr. Jaboatão não cita seus filhos Beatriz, batizada em 1610, Alonso, em 1613, Maria, em 1621, Madalena, em 1627, Isabel, em 1630, Luis, em 1632, Henrique, em 1635, ***L. de batismo de Paripe,*** arq. da Cúria.

4. CONSTANTINO MONIZ TELES. A 14 de agosto de 1678, na igreja de Paripe, foi batizado Antônio, filho de Constantino Moniz e D. Teresa, arq. da Cúria. Outro batismo: sua filha Maria, 15 de agosto de 1683. Morreu Constantino Moniz a 9 de janeiro de 1689, ***Livro de Óbitos*** de Paripe, arq. da Cúria.

5. JERÔNIMO MONIZ BARRETO. Tronco dos Monizes de Mataripe, Buclão Sobrinho, ***Famílias Baianas,*** III, p. 88; códice no arq. do anotador, ***Genealogia dos Monizes.***

6. Veja-se ***tít. dos Palhas.***

7. ANA DE LEMOS. Cristóvão de Rebelo de Azevedo, "Filho de D. Ana de Lemos", lavrador de roças, com 68 anos de idade, figura como testemunha (1688) no Processo de Familiar do Santo Ofício de Rafael Soares da Franca, T.T., m. 1, n. 5.

8. FRANCISCO BARRETO DE MENESES. Almotacé-mor, 11 de novembro de 1642, ***Atas da Câmara***, II, p. 138, vereador em 1646, senhor do engenho de Mataripe. Não faltou quem o confundisse com o governador geral Francisco Barreto. Talvez esta a razão da oferta que fez o visconde de Paraguaçu, Francisco Moniz Barreto de Aragão, à Câmara Municipal da Bahia, da cópia, a óleo, do retrato de Francisco Barreto (acrescentado: ***de Meneses)*** existente na Galeria degli Uffizi, de Florenca. O baiano Francisco Barreto de Meneses nasceu em 1602 e morreu no seu engenho em 1674.

9. EGAS MONIZ BARRETO. Em 11 de abril de 1636 "em pousadas de Egas Moniz Barreto no Mairaú... apareceu Dona Juliana sua mulher", para outorgar o distrato relativo de aforamento no Camamu, ***Doc. Hist.,*** v. 63, p. 266.

10. PADRE JOÃO PEREIRA. Nasceu em 1619, na Bahia (Pe. Serafim Leite, ***História da Companhia de Jesus no Brasil,*** IX, p. 39), onde fez profissão solene, 11 de novembro de 1657, recebendo-o o Pe. Simão de Vasconcelos. Superior de Ilhéus, vice-reitor de Olinda, Reitor na Bahia, Secretário do Provincial e Visitador da Província em seu nome, ensinou filosofia, teologia eclesiástica e moral, assim na Bahia como em Pernambuco. Protetor dos escravos, para eles organizou a confraria de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos do Pelourinho, na sua terra onde morreu a 30 de maio de 1691.

11. ANTÔNIO MONIZ BARRETO. Licenciado 1.º vigário, em 1642, da freguesia do Socorro, Goncalo Soares da Franca, ***op. cit.,*** p. 302.

12. PADRE ANTÔNIO RANGEL. Natural de Lisboa, veio em 1657 para o Brasil, Irmão filósofo, professou em 1672, Procurador da Companhia em Roma, 1689. Na Bahia para onde voltou em 1691, diretor dos estudos. Este o Padre Antônio Rangel catalogado pelo Pe. Serafim Leite, ***op. cit.,*** IX, p. 68, entre os escritores jesuítas, também, V, p. 309; VII, p. 73.

13. FRANCISCO FREIRE DE ANDRADE. Fidalgo da Casa Real, era filho de Francisco Freire e neto de Diogo Freire de Andrade. Veio o pai na armada de D. Fadrique de Toledo, Fr. Vicente do Salvador, ***op. cit.***, p. 557. D. Isabel Teles casou duas vezes, a primeira com Cristóvão de Aguiar Daltro, a segunda com o capitão Francisco Freire de Andrade, vereador da cidade em 1682, mandado reeleger em 1683 pelo governador Antônio de Souza de Meneses, como pessoa da parcialidade do alcaide-mor (Consulta do Conselho Ultramarino, 24 de novembro de 1684, ***Doc. Hist.***, v. 89, p. 7).

    A alcunha de ***Xumberga*** devia ser comum a esse tempo, pois a tinha o governador de Pernambuco, Jerônimo de Mendonca Furtado, deposto e expulso pelos moradores. Aplicava-se a bigodes e chapéus à moda do marechal Schomberg, que comandou o exército português na guerra com Espanha. Em espanhol, ***chombergo*** (assim o famoso chapéu do general Mitre). — Capitão.

    — Irmão da Santa Casa, a 19 de marco de 1677, ***L. 2, fl. 325,*** foi seu escrivão em 1679.

14. BELCHIOR DE ARAGÃO. Veja-se ***tít. Silva Pimentéis etc. na Bahia,*** n. 82.

15. LUIZ DE MELO DE VASCONCELOS. Coronel dos distritos dos arrabaldes da Bahia, posto que vagou pelo falecimento de Antônio Machado Velho, 7 de abril de 1700, Arq. Públ. da Bahia, ***Patentes de 1696 a 1703,*** fl. 180 verso.

16. EGAS MONIZ BARRETO, 3.º. Casou com D. Inês Barbalho em 1678 (não 1698). Entrou em 1679 na Irmandade da Misericórdia, de que era provedor o sogro, Antônio Ferreira de Souza. Nesse ano foi ministro da Ordem 3.ª de São Francisco. "Fidalgo da Casa de Sua Alteza", capitão de ordenanca do distrito do Socorro, 4 de abril de 1678, ***Doc.Hist.,*** XIII, p. 30. Sargento-mor em 1679 ***Doc. Hist.,*** v. 86 p. 240, juiz ordinário na cidade, 1692, nesse ano (16 de fevereiro), sargento maior para o Recôncavo, Arq.Públ. da Bahia, ***Registro de Patentes de 1688 a 1696,*** fl. 210, de que era coronel Goncalo Ravasco, subiu ao coronelato substituindo Goncalo, no Novo Terco separado do Regimento de Sebastião de Araújo Lima, 1694, doc. publicado por Alberto Lamego, ***O Jornal***, 19 de janeiro de 1930. Senhor do engenho de Mataripe. Faleceu a 9 de novembro de 1720, Bulcão Sobrinho, ***Famílias Baianas,*** III, p. 90.

17. Veja-se ***tít. Ferreiras de Souza.***

18. FRANCISCO BARRETO DE MENESES. 2.º sargento-mor do Regimento de infantaria da Ordenanca, 30 de abril de 1694, ***Livro Velho de família,*** ms., cit. (Arq. Públ. da Bahia, ***Registro de Patentes de 1688 a 1696,*** fl. 279 v.), vago pela promoção a coronel de Egas Moniz Barreto.

19. Veja-se ***tít. Aguiar Daltro.***

20. Veja-se ***tít. Monizes do Socorro e Fiuzas.***

21. ANTÔNIO FERREIRA DE SOUZA. Teve o nome do avô materno. Capitão da Ordenanca de Itapicuru, no Regimento do coronel Sebastião de Araújo Góes, Arq. Públ. da Bahia, ***Registro de Patentes de 1678 a 1688,*** fl. 309, casou com a prima, D. Isabel Moniz de Meneses. Entrou a 28 de outubro de 1707 na Irmandade da Santa Casa da Bahia, ***L. de Irmãos,*** n. 3, fl. 263. Aí se esclarece: o avô era filho de Eusébio Ferreira, de Porto Seguro, e D. Catarina de Souza. Foi capitão da Ordenanca de Jaguaripe, onde morava, 23 de maio de 1699, Arq.Públ. da Bahia, ***Registro de Patentes de 1697 a 1703,*** fl. 53.

22. JOSÉ BATISTA DE CARVALHO. Sargento-mor. O filho, Inácio Xavier Batista Hermoso, foi Irmão da Santa Casa da Bahia, 13 de setembro de 1741, ***L. de Irmãos,*** n. 4, ms. citado.

23. EGAS MONIZ BARRETO. Filho de homônio, teve foro de fidalgo de sua casa como o pai, a 18 de marco de 1697, T.T., ***Chanc. de D. P. 2.º,*** L. 32, fl. 88.

24. EGAS MONIZ BARRETO, 4.º. Teve foro de fidalgo, 18 de maio de 1697. Deste, que casou em Sergipe del-Rei descendem os Barreto de Meneses. O mais ilustre: Tobias Barreto.

25. DIOGO MONIZ BARRETO. Sua mulher, D. Maria de Meneses, ***Livro de Irmãos*** da Misericórdia da Bahia, n. 2, fl. 317, em que Diogo Moniz Barreto ingressou a 14 de marco de 1674. Aí a data do falecimento, 1690 (não 1693). Capitão da companhia do Monte, proposto pelo governador, 27 de novembro de 1669, ***Livro de correspondência,*** ms., fl. 39, B. N., foi preso, juntamente com Egas Moniz, por não cumprir as ordens do coronel do distrito, alegando privilégios que gozava. O Príncipe mandou livrá-los, carta régia de fevereiro de 1673, ***Doc. Hist.***, VIII, p. 547. Foi vereador em 1674.

26. LEONOR JOSEFA DE MENESES. Anunciando o casamento do sobrinho, escreveu a 22 de setembro de 1692 o padre Antônio Vieira, descendia do "antiqüíssimo Egas Moniz, como se chamava o avô da noiva, reconhecido pelo senhor conde de Angeja quando cá veio no ano de 38" como parentes, os Monizes da Bahia, carta 228; e ***O Crime de Antônio Vieira,*** p. 105. Veja-se nota sobre Goncalo Ravasco.

27. DR. PEDRO BALDES. Filho de Geraldo Baldes Leitão e D. Tereza Moniz Teles, adiante, neto paterno de Pedro Baldes Teles e D. Cristina Coutinho, todos naturais da Bahia, o doutor em cânones PEDRO BALDES BARBOSA fez em 1706 a sua leitura de bacharel, ***Anais do 4.º Congresso de História,*** XI, p. 177. Senhor de engenho no Recôncavo, declarou a carta régia de 6 de julho de 1711 que lhe atendeu à queixa, não fosse constrangido a servir de oficial de milícia por ser desafeto do coronel Pedro Barbosa Leal, ms. Biblioteca Nacional.

28. INÁCIO BARBOSA MACHADO. Irmão do insígne Diogo Barbosa Machado (veja-se-lhe o nome na ***Biblioteca Lusitana***), filho do capitão João Barbosa Machado e D. Catarina de Almeida Barbosa, veio de Almada para a Bahia, juiz de fora, em 1720, já autor dos ***Panegíricos*** do Infante D. Manuel (1717) e do Conde de S. Vicente (1718), Antônio Ferrão, ***Os Estudos de Erudição em Portugal nos fins do século XVIII,*** pp. 23—24, Coimbra, 1928. Foi dos sete primeiros sócios da Academia Brasílica dos Esquecidos. Na Biblioteca Nacional de Lisboa, códice 367: Inácio Barbosa Machado, ***Exercícios de Marte. Nova Escola de Belona, Guerra***

***Brasílica.*** 1.ª à 4.ª parte da ***História Militar,*** na Academia Brasílica dos Esquecidos.
"Arquivo de letras, biblioteca viva", no elogio de um confrade, certamente ministrou ao irmão as informações sobre os escritores nascidos no Brasil, que figuram no seu grande repertório. Entrou a 25 de março de 1725 na Irmandade da Misericórdia da Bahia e casou com D. Mariana Francisca de Meneses e Aragão, cunhada do coronel Gonçalo Ravasco. Requereu em 1729 40$ de aposentadoria, ***Anais do Arq. Públ. da Bahia,*** v. 42, p. 13. Viúvo, fez-se eclesiástico (1734) e publicou, em 1745, ***Fastos Políticos e Militares da Antiga e Nova Lusitania.*** "Ulissiponense acadêmico de número da Academia Real", Cronista do Reino em 1751, sócio supranumerário da Academia Brasílica dos Renascidos (1759), morreu sem descedência, em Lisboa, a 23 de março de 1766.

29. ANTÔNIO MONIZ BARRETO. Proprietário do Ofício de Escrivão dos Agravos e Apelações da Relação, único dote que Domingos Monteiro (abaixo) deu à filha — sua 2.ª mulher — D. Ana de Almeida (informou o vice-rei) 15 de abril de 1733, favorável ao que pediu a viúva do sargento-mor Antônio Moniz Barreto: de se lhe fazer mercê daquele Ofício, ***Anais do Arq. Públ. da Bahia,*** v. 43, p. 24.

30. DOMINGOS MONTEIRO DE SÁ. Filho de Frutuoso Gonçalves de Sá e Maria Monteiro, ***L. de Irmãos da Santa Casa,*** 2, fl. 442, termo de 22 de maio de 1678, aparece em 1697 entre os incubidos de lançar o imposto de 10 mil cruzados na Bahia, em defesa da Colônia do Sacramento, ***Atas da Câmara,*** VI, pp. 326 — 334. Proprietário do ofício de escrivão dos Agravos e Apelações, deu-o de dote à filha, D. Ana de Almeida, que casou com sargento-mor Antônio Moniz Barreto.

31. D. JULIANA DE ALMEIDA. Veja-se ***tít. Calmons na Bahia.*** Teve filhos do 2.º matrimônio, diz Fr. Jaboatão; um deles, D. Ana de Almeida.

32. FRANCISCO BARRETO (DE MENESES). Casou com D. Joana Teresa de Jesus, sua tia, filha de Rodrigo de Almeida e D. Margarida Pereira de Castro, "natural de Viana da família dos Pereiras do Porto e vieram já casados da Europa para o Brasil", conforme a ***Genealogia*** em nosso poder. Jaz sepultado na matriz de Santo Amaro, como seu filho Antônio Diogo.

33. ANTÔNIO MONIZ BARRETO. Sargento-mor da Ordenança da vila de São Francisco, de que era capitão-mor Inácio de Siqueira Vilas Boas, 2 de dezembro de 1746, Arq. Públ. da Bahia, ***Registros das Patentes de 1745 a 1750,*** fl. 67 verso.

34. EGAS CARLOS MONIZ DE SOUZA E MENESES. 4.º senhor do engenho de Mataripe. Fidalgo da Casa Real. Casou com a prima Maria Francisca da Conceicão de Aragão e Meneses, batizada na Cachoeira, 8 de fevereiro de 1731. Morreu no seu engenho em 1798, deixando filho único o que se segue.

35. ANTÔNIO MONIZ DE SOUZA BARRETO. Nasceu a 10 de marco de 1748. Fidalgo da Casa Real, Familiar do Santo Ofício, cavaleiro da Ordem de Cristo. Segundo Macedo Leme, ***Genealogia,*** fl. 129 v., "carregado com as dívidas e pobre com os seus engenhos em fogo morto, apenas vinha à cidade ocultamente".



O negociante rico Luiz Coelho Ferreira o quis entretanto para genro. Casou à 24 de fevereiro de 1769 com sua filha D. Luiza Francisca Zeferina Coelho Ferreira do Vale (nascida e batizada na Conceição da Praia, 8 de outubro de 1753, falecida em Mataripe, 2 de janeiro de 1835), que levou de dote o mesmo engenho, adquirido pelo pai quando foi à praça para pagar débitos de Egas Carlos Moniz de Souza e Meneses. 5.º senhor de Mataripe, Antônio Moniz teve ainda os engenhos de Baixo, Santo Estevão, Tanque, Papagaio (vovô do Papagaio, chamam-lhe os descendentes). Morreu na Bahia, 31 de agosto de 1812. Sepultado em São Bento, Bulcão Sobrinho, ***op. cit.,*** III, p. 92. Inventário de D. Luiza Francisca Zeferina, ***Anais do Arq. Públ. da Bahia,*** v. 37, p. 242, inventariante o filho Joaquim Egas, adiante.

5. Salvador Moniz Barreto de Aragão, 1789 — 1865, irmão gêmeo do que se segue cavaleiro da Ordem de Cristo, 1808, com foro de fidalgo, 1806, barão de Paraguaçu em 1849, guarda-roupa do Imperador, moço da imperial câmara, 1825 — 26, veador da Imperatriz, 1859, casado a 25 de novembro de 1812 com D. Teresa Clara Viana, filha do Dr. Francisco Vicente Viana, depois 1.º barão do Rio das Contas e primeiro presidente da província da Bahia e D. Clara Caetana do Sacramento Bandeira, irmã do citado Pedro Rodrigues Bandeira. Era Francisco Vicente Viana 2.º filho de Frutuoso Vicente Viana, dono do engenho Paramirim, natural de Viana do Castelo, no Minho e fundador da família, que chegou à Bahia em 1725. Filhos: 1. Francisco Moniz Barreto de Aragão, 1813 — 1901, formado na Alemanha, cônsul geral do Brasil em Hamburgo, visconde de Paraguaçu em 1886. Solteiro. 2. Egas Moniz Barreto de Aragão, 1816 — 1871, formado na escola de minas de Freyberg, comendador, casado com a alemã Maria Luiza Gabe de Massarelos, filha de Pedro Gabe, cônsul geral de Portugal nas cidades hanseáticas (1778 — 1831), autor de ***Pequena Crestomatia Portuguesa,*** 1809, (Leia-se Bruno, ***Portuenses Ilustres,*** III, p. 199, Porto, 1908, Schlichthorst, ***O Rio de Janeiro como é,*** tradução de Emy e Gustavo Barroso, p. 159, Rio) e Luiza Sofia Wilhelmina de Lavezzari de Cremona, Itália, ***filha de Carlos Lavezzari*** e Sofia Guizetti de Capoferri irmã do barão de Gabe de Massarelos, em Portugal, Sanches de Baena, ***Resenha das Famílias Titulares,*** II, p. 6; neta do senador hamburguês Johann Gabe, 1737 — 1820, cujo mausoléu se conserva no cemitério de Hamburgo. Veja-se Bernharb Koernerm, ***Deutsches Geschlechterbuch,*** p. 102, Hamburg, 1913.

Filhos: 1. D. Maria Luiza (nascida a 5 de abril de 1783), mulher de José Rodrigues de Figueiredo. 2. Antônio Moniz Barreto de Aragão e Meneses (1784 — 1861), guarda-roupa do Imperador, casado com D. Ana, filha de Custódio Ferreira Dias, homem de negócios e D. Joaquina Bandeira, irmã de Pedro Rodrigues Bandeira, o mais opulento dos comerciantes da capitania, e deputado às Cortes de Lisboa, sem sucessão. 3. José Joaquim (1785 — 1834), oficial da Ordem do Cruzeiro em 12 de outubro de 1823, membro da junta de governo nomeada a 5 de dezembro de 1822, coronel do regimento de Santo Amaro, barão de Itapororocas em 1828. Casou com D. Maria José Gomes Ferrão, filha de José Diogo Gomes Ferrão e D. Maria de Araújo e Azeredo, veja-se tít. Gomes, Franças, Ferrões, Castelos Branco. Entre seus filhos: Antônio Ferrão Moniz de Aragão, 1813 — 1887, que está a merecer estudo biográfico, discípulo em Paris de Auguste Conte, Blake, ***Dic.,*** I, pp. 159 — 160; baronesas de Matoim e Rio das Contas, ***Anais do Arq. Públ. da Bahia,*** v. 37, p. 147, inventário do barão de Itapororocas. 4. Joaquim Egas (1787 — 1865), que teve em 1796 o mesmo foro do Pai. Solteiro.

Filhos: 1. Salvador, nascido em 1840, formado em engenharia na Alemanha, casou em 1863 no Rio de Janeiro com D. Maria do Loreto, filha de Antônio Navarro de Andrade e D. Maria Leopoldina Navarro de Andrade, filha, Ana, casada em 1867 com o oficial belga Leopoldo de Poucques. 2. Egas, 1841-1898, barão de Moniz de Aragão, doutor pela Universidade de Gottingen, casou em 1874 com D. Francisca Calmon Nogueira da Gama, filha dos barões de Nogueira da Gama. Filhos: Nicolau Moniz Barreto de Aragão, 1875 — nascido em Paris, o pai adido à Legação, falecido em 1931, oficial de marinha, dos mais bravos, ao lado de Saldanha da Gama em 1893-94, casado com D. Maria Cândida de Ataíde, filha de João Alfredo de Ataíde e D. Emerenciana Clark. D. Maria Romana Moniz de Aragão Calmon de Bittencourt, 1877-1959, nascida em Petrópolis, casada em 1894 na Bahia, com seu primo, Pedro Calmon Freire de Bittencourt, 1857-1941, pioneiro do desenvolvimento econômico de Nazaré e Amargosa. 3. Antônio, 1844-1932, barão de Mataripe, casado com D. Teresa Maria Pires de Carvalho e Albuquerque, filha dos viscondes da Torre. Filhos: Maria Epifânia, 1868-1941, casou em 1884 com o Dr. Clemente Pinto de Oliveira Mendes, filho de Clemente Augusto de Oliveira Mendes e D. Maria Joaquina da Costa Pinto (1865-1943). Antônio Moniz Barreto de Aragão (1869-1940), oficial de marinha, casado com D. Isabel Gracinda de Brito. Filha de Policarpo de Brito e D. Maria de Brito. Coronel médico Dr. João Moniz Barreto de Aragão, 1871-1922, patrono da Veterinária do Exército Brasileiro, casado em 1902, com D. Maria Augusta Meira de Castro, filha do coronel Dr. Raimundo de Castro e D. Maria de Paiva Meira. 4. Francisco Moniz Barreto de Aragão, 1846-1922, doutor pela Universidade de Heidelberg, casou em 1869 com D. Ana de Lacerda, filha do comendador Antônio Francisco de Lacerda e D. Angélica Miquelina de Sampaio Viana (falecida em 1946). Filhos: Egas Moniz Barreto de Aragão, 1870-1924, doutor em medicina, 1895, professor e poeta, dos maiores do simbolismo brasileiro, com o pseudônimo de ***Pethion de Vilar***, casado em 1896 com D. Maria Elisa de Lacerda Valente, filha de Antônio dos Santos Valente e D. Elisa Augusta de Lacerda, musicista e autora, mencionada por Sacramento Blake no ***Dicionário Bibliográfico***. Francisco Moniz Barreto de Aragão, 1876-1943, engenheiro agrônomo e industrial, casado em 1910, com D. Amália de Queiroz Miranda, filha do major Manuel Xavier de Miranda e D. Adalgisa Durvalina de Queiroz. 5. Maria Teresa, nascida em 1855, foi para a Alemanha com a mãe, viúva, e lá casou com o oficial prussiano Oto Bruno Hermann, barão von Wenden. — E (filho dos barões de Paraguacu) Dr. Pedro Moniz Barreto de Aragão, 1827, formado em Olinda, barão do Rio das Contas, deputado geral em várias legislaturas, casado em 1851 com D. Maria Joaquina de Aragão Bulcão, filha do 2.º barão de São Francisco. Filhos: 1. Salvador Antônio, 1863, formado no Recife, juiz e desembargador no Rio, casado em 1878 com D. Maria Bernardina de Lima e Silva, filha dos condes de Tocantins (e sobrinha do Duque de Caxias). Em segundas núpcias, casou o barão do Rio das Contas com D. Carlota Lírio Ratton, filha de Jácome Próspero Ratton e D. Maria Luiza Lírio (1843-1911). Entre os filhos: engenheiro Joaquim Egas, casado em primeiras e segundas núpcias com duas filhas do conselheiro João Alfredo Correa de Oliveira, Maria de Nazaré e Maria Eugênia. Remetemos o leitor à ***Famílias Baianas***, de Bulcão Sobrinho, III, p. 125 e seguintes. 6. Irmão gêmeo de Salvador, Manuel Inácio casou, em 1821, com D. Francisca de Assis Viana, filha dos barões do Rio das Contas. Filhos: Luiz, morreu estudante, em Heidelberg, 1841, Francisca, baronesa de Alenquer (1872), casada com o primo, Dr. Custódio Ferreira Viana Bandeira.



36. LUIZ COELHO FERREIRA. Filho de Domingos Ramalho Coelho, fidalgo cavaleiro, título que herdeu a 15 de agosto de 1746, Arq. Públ. da Bahia, ***Registros de Patentes***, era "homem de negócios", natural de Nogueirinha, arcebispado de Braga "agora morador na cidade da Bahia, freguesia de Nossa Senhora da Conceição da Praia ao arco de Inácio Álvares", diz a carta de Familiar do Santo Ofício (15 de março de 1736), ainda solteiro, com 30 anos, vivendo "de sua loja de fazendas secas limpa e abastadamente" (***Informações da Bahia***, 15 de junho de 1735, do comissário cônego João Calmon). O processo tem anexo: informações de Maria Dias do Vale, natural e moradora na Bahia, com quem pretendia casar: filha do Familiar Antônio Luis do Vale e Francisca Dias Ferreira. Diligências aprovadas em Lisboa, 16 de maio de 1744, ***T.T., m. 18***. Antônio Luis do Vale era de Barcelos, e a mulher baiana, neta materna de José Dias, de Espozende, e Luiza Ferreira, da Bahia, diz o processo de leitura de bacharel de José Dias do Vale, irmão de Maria Dias do Vale, em 1749: depois desembargador, ***T.T.***, Macedo Leme, ***códice*** ms. citado, fl. 175. Luiz Coelho Ferreira foi um dos incorporadores da companhia de comércio para a costa d'África, 1757, ***Anais da B.N.***, v. 31, p. 498, capitão do Regimento dos Úteis, dos maiores armadores da navegação para Angola e Moçambique, Marieta Alves, ***O Comércio Marítimo e Alguns Armadores do século XVIII na Bahia, Revista de História*** n. 63, pp. 140-4, negociando Fazendas da Índia, José Roberto do Amaral Lapa, ***A Bahia e a Carreira da Índia***, p. 271, São Paulo, 1968. Comprou em 1761 por 16 mil cruzados o ofício de guarda-mor da Alfândega; e arrematou em hasta pública o engenho de Mataripe, com que dotou a filha, Luiza Francisca Zeferina, mulher de Antônio Moniz Barreto de Aragão, para que continuasse este dono da velha fábrica. Tesoureiro da Bula da Santa Cruzada, foi várias vezes vereador e entrou na Ordem de Cristo, em 1764, T.T., ***Habil,*** m. 6, n. 12. Morreu a 5 de novembro de 1784, Bulcão Sobrinho, ***ibidem.*** O filho, Luiz Coelho do Vale, nascido em 1742, foi estudar Leis na Universidade de Coimbra em 1762, T.T., ***Habil., da Ordem de Cristo,*** I, m. 35, n. 1. "Bom estudante", completou a diplomação com a leitura de bacharel, em 1767, sucessivamente juiz do crime do bairro de Santa Catarina, 1771, desembargador na Bahia, 1776, desembargador do Porto, 1784, provedor do Hospital Real de Caldas da Rainha, 1793, desembargador da Casa da Suplicação, 1794, do Senado da Câmara de Lisboa, 1799. Casou com D. Maria da Penha de França filha do desembargador da Casa da Suplicação André de Souza Pinheiro. — era primo direito do baiano desembargador José Dias do Vale, da Relação de Goa (1762). — Ingressou na Ordem de Cristo, em 1763, T.T., ***Habil.,*** m. 5, n. 12.

37. ANTÔNIO MONIZ TELES. Sargento-mor do Regimento do coronel Goncalo Ravasco, morreu em 1662, sucedendo-lhe Egas Moniz Barreto, Arq. Públ. da Bahia, ***Registro de Patentes de 1688 a 1696***, fl. 210.

38. GERALDO BALDEZ LEITÃO. Coronel de Ordenanças do S. Francisco para cima, ***Anais do Arq. Públ. da Bahia***, v. 6, p. 311 (23 de maio de 1707).

39. JERÔNIMO MONIZ BARRETO. Irmão da Santa Casa, 14 de abril de 1683, ***L. 2***, fl. 583, encarregado dos negócios tocantes à alfândega da Bahia, nessa função continuou por portaria de 4 de maio de 1684, ***Doc. Hist.***, v. 33, p. 238. Faleceu em Paripe, 11 de junho de 1692, com a nota, posta pelo vigário, de que não aprovou o

testamento. Deixou quatro capelas por sua alma e os mais bens para os pobres de São Francisco, ***L. de Óbitos de Paripe***, arq. da Cúria.

40. JOÃO DE GÓES DE ARAÚJO (2.º). Soldado pago 11 anos, na Bahia, foi capitão-mor de Porto Seguro, por 3 anos, prazo prorrogado por mais 3, patente do vice-rei conde das Galveas, 22 de julho de 1739, ***Patentes e Alvarás de 1738 a 1746,*** Arq.Públ. da Bahia.

41. PEDRO BALDES BARBOSA. Seu irmão, sargento-mor ANTÔNIO BALDES BARBOSA, que morreu em 15 de março de 1687 (enterrado na igreja de São Francisco), não casou, e deixou os bens ao sobrinho neto e afilhado Pedro (adiante), filho de Geraldo Baldes Leitão e Teresa Moniz Teles. Constituiam-se do Engenho Velho, do curral da Pojuca, dinheiro e — o que era rara então — "uma livraria de livros históricos que é o mais prezado cabedal que tem e dele faz grande estimacão e assim pede a seu sobrinho Geraldo Baldes Leitão que estes livros os tenha em grande estimacão e os não dê nem os empreste antes os tenha muito consertados, até o dito seu sobrinho e afilhado Pedro ter idade para passar a vista por eles e cuida a seu sentir é a melhor cousa que lhe deixa para aprender por eles muita doutrina" (testamento registrado em 4 de fevereiro de 1690 no ***Livro 2.º do Tombo*** do Mosteiro de São Bento, fl. 225 verso). Tinha irmãs, Joana e Antônia, e vários outros sobrinhos contemplados no testamento. O sargento-mor Antônio e seu irmão Pedro Baldes Barbosa possuíam por metade em Traripe, freguesia de Sergipe do Conde, "há 24 anos" dois engenhos de acúcar correntes e moentes. Pediram, e foram atendidos pelo Conselho Ultramarino, Provisão de 23 de julho de 1681, ms., ***Arq.Hist.Ultr.,*** que não se construissem outros em distância de meia légua. Do arq. de São Bento consta o arrendamento a Antônio Baldes da armacão de Francisco Lourenco, feita pelos Irmãos de São Goncalo, no Rio Vermelho. Será a famosa ***Armação*** de D. Inácia, que passou ao Visconde do Rio Vermelho, casa e capela ainda existentes (hoje sede da bateria de Artilharia de Costa?)

42. O linhagista omite os filhos de Geraldo Baldes Leitão e Teresa Moniz Teles, Doutor Pedro Baldes, herdeiro do tio avô acima, Antônio, Geraldo, contemplados no mesmo testamento, e Inácio Tomé, que faleceu em 1741, ***L. de Óbitos de S. Pedro Velho,*** arq. da Cúria. Geraldo Baldes Leitão, 3.º do nome, faleceu aos 30 anos de idade em 1772, ***L. de Óbitos de Passé,*** arq. citado.

43. PEDRO BALDES BARBOSA (cuja filiacão aparece no processo de leitura de bacharéis, 1706), doutorado em 1707, morreu com testamento, transcrito no L. 2.º do Tombo de S. Bento, 14 de março de 1750. Herdara do pai terras no rio Jacuí, que ficaram para o irmão, sargento-mor Geraldo Baldes Leitão, com Manuel Moniz Teles, e donas Cristina, Teresa e Isabel.

44. BALTAZAR DE AMORIM BARBOSA. Almotacé, eleito pela Câmara da Bahia em 1640, ***Atas,*** I, p. 470. Casado com D. Felícia de Araújo (Macedo Leme).

45. DIOGO LOPES FRANCO. Faleceu a 19 de fevereiro de 1702 (Macedo Leme).

46. BALTAZAR DOS REIS BARRENHO. Figura nas guerras holandesas na Bahia e em Pernambuco desde 1631, diz a Provisão de 30 de outubro de 1646. Foi um dos



cabos enviados da Torre de Garcia d'Ávila por Bagnolo, para espreitar o inimigo, Duarte de Albuquerque, ***Memórias Diárias,*** p. 147, e salvou uma ponta de gado de 700 cabecas que os flamengos levavam do São Francisco. Matou quinze e foi ferido "de um alfanjaco", ***Doc.Hist.,*** v. 18, p. 135. O seu comandante era Luis Barbalho. Ajudou a defender a Bahia em abril e maio de 1638. Destacado com a sua Ordenanca para Sergipe, em 1649, foi aí capitão-mor, nomeado a 13 de dezembro de 1656, ***Doc.Hist.,*** v. 31, p. 196. Vereador mais velho na Bahia, em 1663, coronel do distrito em 1668, teve de encargo a vigilância da costa, a partir de Itapoã, ante possível ataque de corsários (carta de 2 de janeiro). Participou da junta incumbida de cobrar o imposto da paz de Holanda e dote de Inglaterra, 24 de outubro de 1663. Procedeu no recôncavo ao inventário geral para a contribuicão dos 80 mil cruzados, ***Doc.Hist.,*** VII, p. 129, com João Peixoto Viegas, e assim em Sergipe, portaria de 15 de setembro de 1664. Com 87 anos de idade, entrevado totalmente, foi afinal substituído, como pediu, no seu posto de coronel. Sucedeu-lhe Antônio da Silva Pimentel, Arq.Públ. da Bahia, ***Registro de Patentes de 1678 a 1688,*** fl. 263.

47. JERÔNIMO MONIZ BARRETO. Filho de Francisco Moniz de Meneses e D. Maria de Mendonca, casado com ***Catarina*** de Souza, filha de Antônio Francisco de Souza e Antônia Bezerra, é como está no registro de Irmão da Santa Casa, 25 de junho de 1669, ***L. n. 2,*** fl. 153. Juiz ordinário, 1678, ***Atas,*** V, p. 226. Estava em 1673 entre os senhores de engenho que se cotisaram para contratar o mestre, que prometia melhorar o fabrico do acúcar, ***Atas da Câmara***, V, p. 102. Sua mulher, era filha de Antônio Ferreira de Souza, sogro aliás de Rafael Soares da Franca, e Diogo de Sá Soutomaior.

A carta de Familiar do Santo Ofício do capitão Manuel Cardoso da Silva, natural de Guimarães e morador na Bahia, nela homem de negócios, 5 de setembro de 1707 (***T.T., maço 66***, n. 133), diz que pretendia casar com D. Catarina Barreto de Meneses, natural da freguesia do Socorro, filha de Hierônimo Moniz Barreto e neta de Francisco Moniz Barreto e D. Maria de Mendonca, ambos também da Bahia.

48. D. VITÓRIA DE MENESES. Veja-se ***tít. de Paredes***, onde se esclarece que Vasco de Sousa era filho de Agostinho, não de Manuel de Paredes.

49. MANUEL DE PAREDES. Veja-se ***tít. Paredes na Bahia***.

50. FRANCISCO MONIZ DE SOUZA. Celebrado "amigo capitão", por Gregório de Matos, pelo garbo na festa das Virgens, promovida pelos estudantes do Colégio dos jesuítas, ***Lírica***, II, p. 80, ***"outro Moniz valentão"***, p. 320.

Na ***Graciosa***, III, p. 185:

***Faltava para alegria***
***Desta festa a vossa vinda,***
***Que só fica sendo linda***
***Assistindo vós ao dia...***

Foi capitão da Ordenança do distrito do Socorro, pela divisão da companhia de Egas Moniz Barreto, a 7 de março de 1687, Arq. Públ. da Bahia, ***Registro de Patentes de 1678 a 1688***, fl. 263. Sua mulher: Isabel Soares da Franca. Acrescenta o ***L. de Óbitos da Sé***, 1734-62, ms. arq. da Cúria, por absoluta pobreza, Francisco Moniz de Souza foi "enterrado por caridade". É de notar que ele próprio

deixou, em 1694, o posto de capitão, Arq. Públ. da Bahia, ***Registro de Patentes de 1688 a 1696***, fl. 281.

51. JOÃO LEITÃO DE FARIA. Filho do capitão-mor André Leitão de Faria e Beatriz de Brito. Recomendando-o para capitão de infantaria em 1661, o governador Francisco Barreto diz "ser filho de um capitão de infantaria que serviu a V. Majestade muitos anos neste Estado, e dos mais nobres desta cidade", ***Doc. Hist.***, IV, p. 401. Tinha 18 anos de serviço, quando o mesmo governador o propôs para capitão do terço do mestre de campo Nicolau Aranha. Ocupou o posto de alferes e capitão de sua guarda (19 de setembro de 1658, ***Doc. Hist.***, IV, p. 375). Fora reformado por alvará de 26 de abril de 1658, ***Doc. Hist.***, v. 19, p. 350. A 2 de dezembro desse ano, capitão da guarda do governador, ***Doc. Hist.***, v. 19, p. 416. Teve baixa em 1661, ***Doc. Hist.***, VII, p. 53, mas foi indicado por Francisco Barreto para capitão de infantaria no terço do mestre de campo João de Araújo.
— Do capitão-mor João Leitão de Faria e sua mulher D. Maria de Araújo foi filha Brites de Brito Faria, mulher de José Batista de Carvalho, natural de Vila Real de Trás-os-montes, como se vê do seu termo de irmão da Santa Casa da Bahia, ***Livro 3, fl. 145***, 20 de junho de 1702. Nota à margem: "por resolucão da mesa de 17 de março de 1713 se mandou riscar este irmão pelas causas apontadas no ***L. dos Segredos,*** à fl. 7".

52. ANTÔNIO DE FARIA LEITÃO. Doutor, Provisor, Mestre Escola na catedral, foi quem entregou às freiras vindas de Évora, a 8 de maio de 1677, as chaves da nova clausura do Desterro, Fr. Jaboatão, ***Novo Orbe***, III, p. 656.

53. JOÃO PINTO DA FONSECA. João Pinto de ***Afonseca*** capitão da vila do Cairu, em 1660, ***Doc. Hist.***, v. 31, p. 264. — Filho de Simão Pinto de Faria e Mariana Góes de Araújo (veja-se ***tít. Góes, Fonsecas e Saraivas na Bahia***), entrou, irmão de maior condicão, na Santa Casa, a 16 de abril de 1685, ***L. 2, fl. 711.***

54. MIGUEL MONIZ BARRETO. Capitão da ordenanca do distrito do Socorro, onde tinha fazenda, 12 de maio de 1694, Arq. Públ. da Bahia, ***Registro de Patentes de 1688 a 1696,*** fl. 281.
Perdeu o posto em virtude de sentença que o condenou a dez anos de degredo para Angola, como se vê na patente do substituto, 26 de setembro de 1697, ***Patentes de 1696 a 1703,*** fl. 55 verso. Mas não cumpriu a pena. Em 1712, "ao presente criminoso se tem oculto", ***Doc. Hist.,*** v. 42, p.56, devendo 38$400 "do resto da finta que cobriu no ano de 696". Contra sua mulher Ângela da Rocha, viúva em 1722, ganharam os carmelitas uma questão a respeito do sítio Pamataí, ms. do arq. do Carmo, da Bahia, ***Tombo,*** I, fl. 87 verso. Filha: Luiza Josefa de Meneses, mulher do capitão Antônio Ferreira da Silva, Irmão da Santa Casa a 31 de julho de 1721, ***Livro*** respectivo, n. 3, filho de Manuel Ferreira e Maria Quaresma, de Lisboa.

55. ANTÔNIO DA FONSECA SARAIVA. Alferes, capitão (4 de maio de 1657, Arq. Públ. da Bahia, ***Patentes de 1648 a 1657***, fl. 310 v.) dos campos do Rio Real.

56. JOSÉ TELES DE MENESES. Vereador em 1695, Atas da Câmara, VI, pp.278-9, teve em 1731 sesmaria de 16 braças junto da igreja de Nossa Senhora da Barroquinha, ***Publ. do Arquivo Nacional,*** XXVII, p.158.



57. JOÃO BORGES DAVID. Capitão de companhia na praca de Sergipe del-Rei, em 1668, ***Doc. Hist.,*** v. 32,p.7.

58. DIOGO MONIZ TELES. Juiz ordinário, em 1641, está na primeira linha das autoridades que aclamaram, na Bahia, D. João IV, ***Atas da Câmara***, II, p. 12.

59. Veja-se ***tít. Lins em Pernambuco.*** E Borges da Fonseca, ***Nobiliarquia Pernambucana,*** I, p. 108.

60. DIOGO MONIZ TELES. "Serviu alguns anos de soldado pago, alferes vivo e reformado nas companhias dos Tercos de infantaria do Presídio desta Praça", e foi feito capitão do distrito de Patatiba a 19 de agosto de 1793, Arq. Públ. Bahia, ***Registro de Patentes de 1688 a 1696***, fl. 254 verso.

## *TELES*

### *Com os quais se acham enlaçados Barretos, Meneses e Monizes.*

Rafael Teles, natural da ilha da Madeira, filho de Antônio Fernandes de Abreu e de sua mulher Maria de Gouvea, passou à Bahia, e aí casou com Maria Rangel,* (1) filha de Miguel Ribeiro (2) e de sua mulher Marta Vilela, pessoas opulentas em cabedal: teve Rafael Teles de sua mulher os filhos seguintes:

1. Maria Rangel, que se segue. Batizada na Sé a 15 de abril de 1585.
2. Joana Teles, adiante.
3. D. Juliana Rangel, terceira mulher de Egas Moniz Barreto, à p.... n. 1 e seguinte.
4. D. Isabel Teles, mulher de Cristóvão de Aguiar Daltro, sem sucessão, à p....
5. Francisco Teles, batizado a 6 de dezembro de 1593.
6. Antônio Rangel, religioso da companhia. Batizado a 22 de abril de 1595.

Segunda vez casou Rafael Teles com D. Mícia de Armas, viúva de Belchior de Souza Dormando, e filha de Luiz de Armas (3) e de sua mulher Catarina Jacques, pessoas nobres e principais da Bahia, e deste segundo matrimônio não teve sucessão.

---

*Nota da R.I.H.G.B.*
** Casaram na Sé a 6 de janeiro de 1583.*

N. 1. D. Maria Rangel, filha de Rafael Teles, acima, e de sua mulher Maria Rangel, casou com André de Padilha de Barros, (4) natural de Portugal, o qual havia passado ao Brasil no ano de 1589, e foi capitão de infantaria nas guerras dos holandeses, fidalgo cavaleiro da Ordem de Cristo, teve filhas:

7. Marta Rangel, que se segue.

8. Isabel Pereira de Magalhães, casada com Rodrigo de Argolo, e a sua descendência vai à p.... n. 7.

9. Maria Teles de Padilha, casada com Vicente Rangel de Macedo. (5)

N. 7. Marta Rangel, filha de Maria Rangel, n. 1, e de seu marido André de Padilha de Barros, casou a furto e contra a vontade de seus pais* com Cristóvão de Leão Camelo, filho de Francisco Teixeira Soares, mestre de açúcar do engenho de Baltazar Lobo, e de sua mulher D. Beatriz de Leão, que era filha de Cristóvão de Leão Camelo, e teve filhos:

10. Joana Teles de Magalhães, que se segue. Batizada a 3 de julho de 1646, pelo vigário Diogo Coelho.

11. Beatriz Teles de Magalhães, casada com Rafael Pessoa da Gama, (6) batizada a 29 de setembro de 1648.

12. Antônio Teles de Magalhães, casado com Isabel da Silva, batizado a 28 de agosto de 1650.

13. Isabel Teles de Magalhães, casada com Antônio de Almeida, batizado a 28 de março de 1653.

14. André de Padilha de Magalhães, casado com Clara da Gama, filha de Antônio Pessoa e de sua mulher Maria da Silva, casaram a 30 de janeiro de 1690.

N. 10. Joana Teles de Magalhães, filha de Marta Rangel e de seu marido Cristóvão de Leão Camelo, casou com Eusébio Teixeira ** e teve filhos.

15. Maria Teles, mulher de Domingos da Mota.

16. Antônio Teles de Magalhães, batizado a 20 de junho de 1672.

17. Inácio Teixeira de Magalhães.

18. Manuel Teles.

19. Ana Pereira, casada com Antônio Ferreira Feio.

20. Beatriz Teles de Magalhães, (7) mulher de Domingos de Araújo.

21. Joana Teles de Magalhães.

N. 19. Ana Pereira, filha de Joana Teles de Magalhães, n. 10, e de seu marido Eusébio Teixeira, casou com Antônio Ferreira Feio e teve filho:

---

*Notas da R.I.H.G.B.*

* *Foi recebida na Sé a 12 de dezembro de 1640 por ordem do senhor bispo D. Pedro da Silva, por se haver ausentado da casa de seus pais, e foram receber as bençãos na freguesia do Socorro em abril de 1641 pelo vigário Francisco Pereira de Aguiar.*

** *Casaram na freguesia do Socorro.*



22. Antônio Ferreira Feio, (8) que casou com sua prima D. Úrsula de Almeida.

N. 2. Joana Teles, filha de Rafael Teles e de sua mulher Maria Rangel, casou duas vezes, uma com o capitão Francisco de Padilha, (9) do qual não achamos mais notícia. Segunda vez casou com João Borges de Escobar, (10) natural da vila de Bemposta, termo do bispado de Miranda, filho de João Borges de Escobar e de sua mulher Leonor de Aguirre; de seu segundo marido teve Joana Teles filha:

23. D. Leonor Teles, que casou com Francisco Carvalho Pinheiro, à fl.... n. 6, e aí a sua descendência. Foi batizada esta D. Leonor Teles ao 1.º de agosto de 1633. Padrinho o governador Diogo Luiz de Oliveira.

Francisco Moniz Barreto, * filho do capitão Miguel Teles Barreto e de sua mulher D. Jerônima Correa, foi casado três vezes; a primeira com D. Antônia de Meneses, filha de Manuel Teles de Meneses e de sua mulher D. Isabel de Mariz, e teve filhos.

D. Ângela de Meneses, casada com o capitão Roberto da Silva Henriques Baldes. (11)

D. Jerônima de Meneses, casada.

Segunda vez casou com D. Francisca de Araújo, filha de Fernão Pereira do Lago (12) e de sua mulher Sebastiana de Queiroz, e teve filho:

Egas Moniz Barreto, casado com D. Inês Teles.

Terceira vez casou com D. Maria Teles, filha de Francisco Moniz Teles e de sua mulher D. Isabel Garcia, e teve filhos:

D. Maria de Meneses.

Francisco Barreto de Sá. (13)

---

1. "... Maria Rangel filha da dita Marta Vilela", ***Confissões de Santo Ofício 1591,*** pp. 50-51, cristã velha, natural do Porto, ***Ibid.,*** p. 124. Tinha então 24 anos. O marido, Rafael Teles, era lavrador.

2. MIGUEL RIBEIRO. "... Maria Vilela natural do Porto, mulher de Miguel Ribeiro morador nesta cidade na rua de São Francisco", foi em 1591 acusada de magia, ***Confissões do Santo Ofício,*** p. 50. Miguel Ribeiro, "procurador de número desta cidade", ***ibid.,*** p. 124.

3. LUIZ D'ARMAS. Acompanhou Mem de Sá à tomada do Rio de Janeiro, como se vê de sua alegação, de que ali o governador lhe prometera sesmaria no rio de Joane, onde queria fazer engenho, ***Doc. Hist.,*** XIV, p. 459. Isso em 1571. Figura como

---

*Nota da R.I.H.G.B.*

* *Faleceu em julho de 1688.*

testemunha no ***Instrumento dos serviços*** do governador geral, Wanderlei Pinho, ***Documentos relativos a Mem de Sá; e História de um Engenho de Açúcar,*** p. 29.

4. ANDRÉ DE PADILHA. Pedindo sesmaria em Terra Nova, cabeceiras do Passé, enumerou em 1612 os seus serviços. Há 23 anos estava na Bahia, "sempre servindo a S. Majestade em todas as ocasiões que então até hoje se ofereceram, como foi na ocasião de duas naus inglesas e um patacho que a esta terra vieram governando nela Cristóvão de Barros. E na ocasião das naus holandesas governando Álvaro de Carvalho e outrossim na ocasião das naus que aqui vieram governando Diogo Botelho, assim se achou na tomada de Sergipe, em companhia do capitão-mor Cristóvão de Barros e também acompanhou a Gabriel Soares de Sousa na jornada que fez por mandado de S. Majestade e em todos os rebates e alardes gerais que no tempo de vossa senhoria se ofereceram, acudiu sempre com muita vontade. Em todo esse tempo serviu a S. Majestade com sua pessoa e armas e escravos sempre à custa do suplicante, sem gastar da fazenda de S. Majestade cousa alguma e é morador na terra e tem mulher e filhos, e não tem terra nenhuma que de sesmaria lhe fosse dada, tem necessidade para remédio de sua vivenda...". Obteve duas léguas, fronteiras ao domínio dos Padres da Companhia de Jesus, chegando ao Jacuípe, nunca antes cultivadas. O despacho concedendo-as é de 10 de julho de 1612, ms. do arq. do convento do Carmo, ***Livro II do Tombo,*** fl. 29; carta nas ***Publ. do Arquivo Nacional,*** XXVII, p. 37. O bravo André de Padilha pelejou em 1624 e 1625 contra os holandeses. Foi nessa luta que se celebrizou seu filho ***Francisco de Padilha.*** Deste fala Fr. Jaboatão na página seguinte. — Quanto à sesmaria de 1612, nas cabeceiras de Passé, era seu dono em 1800 o Padre Manuel Rodrigues Pereira, ***Anais da B.N.,*** v. 37, p. 215.

5. VICENTE RANGEL DE MACEDO. Casas que foram dele, vendeu Baltazar Ferraz, em 1608, aos jesuítas. Ficavam junto do Colégio, no Terreiro de Jesus, ***Doc. Hist.,*** v. 63, p. 240. Escritura semelhante fizera em 1599 Henrique Fernandes, cuja filha D. Isabel Soares, viúva de Gaspar Leitão Cabral, depois mulher de Vicente Rangel de Macedo, ***ibid.,*** p. 387.

6. RAFAEL PESSOA DA GAMA. Lavrador de canas da freguesia de Socorro donde era natural, tinha 60 anos em 1688, quando compareceu como testemunha no Processo de Habilitação de Familiar do Santo Ofício de Rafael Soares Barbosa, T.T., m. 1, n. 5.

7. Viúva de Domingos de Araújo, faleceu Beatriz Teles a 14 de junho de 1749, ***L. de Óbitos do Monte,*** arq. da Cúria.

8. ANTÔNIO FERREIRA FEIO. Faleceu no sítio da matriz do Monte, viúvo desde 1741, a 26 de fevereiro de 1747, ***L. de Óbitos,*** 1749-84, arq. da Cúria.

9. FRANCISCO DE PADILHA. Chefiando uma embosacada, depois de ter derrubado a tiro o cavalo do governador João Van Dorth, correu sobre ele e matou-o a estocadas, em Água de Meninos, Fr. Vicente do Salvador, ***ibid.,*** p. 519. Acompanha-o o primo, Francisco Ribeiro, que julgamos ser filho de Antônio Ribeiro e Maria de Argolo. Comandando um barco no Recôncavo morreu e com ele quase todos os tripulantes, no ataque de Peter Heyn com quatro naus em 10 de junho de 1627, Barão do Rio Branco, ***Efemérides,*** p. 304, ed. do Instituto Histórico, R. Garcia, nota à ***Hist. Geral*** II, p. 246. A viúva Joana Teles ficou com uma filha e um filho. Teve provisão do rei, de 8 de janeiro de 1630, e (a contar de 10 de novembro de 1629), 40$ de tença, que perdeu em 1634, por casar com João Borges de Escobar.

10. JOÃO BORGES DE ESCOBAR. De 1628 a 1629, escrivão do tesoureiro da Bahia, ***Doc. Hist.,*** XV, pp. 317-322, casou como dissemos com a viúva de Francisco de Padilha, e foi em 1638 escrivão da ouvidoria geral, ***Doc. Hist.,*** XVI, p. 196. De uma feita, feriu na igreja da Ajuda Agostinho de Resende e respondeu a processo, que o rei permitiu se dilatasse, em 1667, ***Doc. Hist.,*** IV, p. 156. Já então era falecido, como se vê da carta régia de 20 de outubro de 1651, dispondo sobre a nomeação de Antônio Camelo, com obrigação de dar um terço de rendimento da escrivania à viúva e filhos, doc. ms. na Biblioteca Nacional. Em 1800 alegava-se obtivera dolosamente sesmaria, em 1644, no alto Jaguaripe, ***Anais da B.N.,*** v. 37, p. 104.

11. ROBERTO DA SILVA HENRIQUES. Sua viúva, D. Ângela Teles de Meneses, faleceu em 17 de setembro de 1742, ***L. de Óbitos de Rio Fundo,*** arq. da Cúria.

12. FERNÃO PEREIRA DO LAGO. Genro de Francisco de Aguilar e Francisca Dias, como ficou dito. Vereador em 1642, juiz ordinário em 1649, almotacé da Câmara em 1655.

13. FRANCISCO BARRETO DE SÁ. Natural de Guaíba, filho de Francisco Moniz Barreto e D. Maria Teles, faleceu a 6 de novembro de 1753, ***L. de Óbitos da Sé,*** arq. da Cúria.

## *ARGOLOS*

Rodrigo de Argolo (1) foi um nobre castelhano, que passou à Bahia nos princípios da sua fundação, e nela casou com Joana Barbosa Lobo, uma das três irmãs órfãs, filhas de Baltazar Lobo de Souza, que faleceu na carreira da Índia, as quais três irmãs, com outras mais, também órfãs e filhas de pessoas nobres, mandou a rainha D. Catarina, mulher do Sr. rei D. João III, no ano de 1551, na armada de que era capitão de mar e guerra Antônio de Oliveira de Carvalhal, que foi o primeiro alcaide-mor da Bahia, e vieram a entregar estas órfãs ao governador Tomé de Souza, primeiro que no ano de 1549 veio fundar esta cidade, mudando-a da Vila Velha do Pereira para onde agora está, recomendando el-rei e a rainda ao dito governador casasse as tais donzelas com as pessoas principais que houvesse na terra, e assim com o tal Rodrigo de Argolo, acima, que nesta mesma ocasião, com o governador Tomé de Souza,

ou na própria armada do Oliveira veio à Bahia casou o governador a D. Joana Barbosa, a qual e suas duas irmãs, nomeadas à fl.... dizem as memórias, que delas tratam, eram sobrinhas do Conde de Sortela. Foi este Rodrigo Argolo provedor da alfândega da nova cidade do Salvador, Bahia de Todos os Santos, por mercê do Sr. rei D. João III, por casar com a sobredita D. Joana Barbosa, da qual teve os filhos seguintes:

1. Paulo de Argolo, que se segue.
2. D. Inês, * mulher de Jácome Raimundo.
3. D. Ana de Argolo, ** (2) mulher de João de Brito, (3) sem filhos.
4. D. Maria de Argolo, casada com Antônio Ribeiro adiante à fl....

N. 1. Paulo de Argolo, *** (4) filho de Rodrigo de Argolo, Castelhano, e de sua mulher D. Joana Barbosa Lobo, foi provedor da alfândega da Bahia, e casou com D. Felícia Lobo, sua prima, filha de Gaspar de Barros de Magalhães e de sua mulher Catarina Lobo de Barbosa de Almeida, e era a dita Felícia Lobo irmã de D. Joana Barbosa, mãe deste Paulo de Argolo, e mulher de seu pai Rodrigo de Argolo, Castelhano. A dita Felícia Lobo era já viúva de Pedro Dias, (5) mercador rico, à fl...., teve filhos.

5. D. Joana de Argolo, **** que casou duas vezes; a primeira com o desembargador Francisco Subtil de Siqueira, à fl....

Segunda vez casou com o Dr. Sebastião Parui de Brito, à fl.... e aí a sua descendência.

6. Paulo de Argolo, ***** (6) que casou com D. Mícia Lobo de Mendonça, ****** filha de Egas Moniz Barreto, filho de Jerônimo Moniz Barreto, o velho, e de sua primeira mulher D. Mícia Lobo de Mendonça. É casado este Egas Moniz Barreto a primeira vez com D. Águeda de Lemos, de quem foi filha esta Mícia Lobo de Mendonça, mulher desse Paulo de Argolo, veja-se à fl.... n....

7. Rodrigo de Argolo, que se segue.

N. 7. Rodrigo de Argolo, filho de Paulo de Argolo e de sua mulher Felícia Lobo, ******* casou com Isabel Pereira de Magalhães, filha do capitão André de Padilha e de sua mulher Maria Rangel, filha esta de Rafael Teles e de sua mulher D. Maria Rangel, e teve filhos.

---

*Notas da R.I.H.G.B.*

* *Faleceu a 14 de setembro de 1605, sepultada em S. Francisco.*
** *Casou a 24 de novembro de 1552.*
*** *Faleceu este Paulo de Argolo a 12 de janeiro de 1619. Testamenteiros sua mulher Felícia Lobo e seu enteado Baltazar Lobo, filho de Pedro Dias.*
**** *Faleceu esta a 18 de janeiro de 1626, às 8 horas da noite, sepultada em S. Francisco.*
***** *Batizado na Sé a 7 de junho de 1601.*
****** *E casou com esta D. Mícia a 25 de novembro de 1621.*
******* *Casou no Socorro em julho de 1642, e a 28 do dito recebeu as bençãos, faleceu em 1665.*



8. Rodrigo de Argolo, clérigo de ordens sacras. Batizado em Jaguaripe a 30 de abril de 1643.
9. Francisco de Padilha.
10. Paulo de Argolo, que se segue. Batizado no Socorro a 30 de maio de 1646.
11. Felícia Lobo. Batizada a 19 de novembro de 1647.
12. Mariana Pereira, (7) soror. Batizada a 5 de junho de 1649.
13. D. Ana Argolo, (8) mulher do capitão Antônio Moreira de Meneses, à fl...., batizada a 19 de fevereiro de 1650.
14. D. Joana Teles de Meneses, mulher do licenciado Bartolomeu Soares, (9) sem filhos. Batizada a 9 de março de 1654.
15. Paulo, que faleceu de 10 anos. Batizado a 20 de agosto de 1654.

N. 10. Paulo de Argolo, (10) filho de Rodrigo de Argolo, n. 7, e de sua mulher D. Isabel Pereira de Magalhães, casou com D. Inês de Gusmão, * filha de Miguel Rodrigues de Gusmão e de sua mulher D. Maria de Souza, que, por morte desse seu marido Miguel Rodrigues de Gusmão, casou segunda vez a tal D. Maria de Souza com Sebastião Moniz, filho de Martim Afonso de Mendonça, (11) à fl.... n. 13, e a tal D. Maria de Souza era filha de Francisco Barreto e de D. Clara de Souza, à fl...., teve filhos:

16. José de Argolo de Gusmão, que faleceu solteiro.
17. D. Joana de Argolo, casada com João Pereira Barbosa, adiante à fl....
18. Paulo de Argolo, casado com D. Leonor Francisca, à fl.... Batizado na capela de Cinco-Rios a 16 de junho de 1708.
19. João de Teive de Argolo, (12) casado com D. Joaquina de Almeida, à fl.... Batizado na dita capela a 6 de setembro de 1711.

N. 18. Paulo de Argolo, (13) filho de Paulo de Argolo, n. 10, e de sua mulher D. Inês de Gusmão, foi senhor do engenho de Cinco-Rios, e casou com D. Leonor Francisca de Araújo Queiroz, filha do capitaõ Antônio Gonçalves da Rocha, (14) cavaleiro da Ordem de Cristo, e de sua mulher D. Luiza de Queiroz Araújo, ** e teve filhos, vide fl....

20. Miguel Jerônimo de Argolo. (15)
21. Francisco de Argolo. (16)
22. José de Argolo. (17)
23. Paulo de Argolo. (18)
24. D. Francisca.(19)
25. D. Maria,(20) D. Inês, (21) D. Maria Rosa. (22)
26. D. Antônia. (23)

---

*Notas da R.I.H.G.B.*

* *Casou na Copacabana a 18 de fevereiro de 1692.*
** *Faleceu esta D. Luiza de Queiroz a 23 de agosto de 1773.*

27. D. Luiza Clara de Queiroz, (24) segunda mulher do desembargador adiante.

28. D. Ana, D. Antônia, D. Clara, D. Leonor.

N. 19, João de Teive (25) filho de Paulo Argolo, n. 10, e de sua mulher D. Inês de Gusmão, casou com D. Ana Joaquina de Almeida, viúva de Luiz Barbalho de Negreiros Corte Real, e filha do capitão André Marques (26) cavaleiro professo na Ordem de Cristo, e de sua mulher D. Isabel de Almeida, e teve filho:

29. Paulino.

N. 21. D. Luiza Clara de Queiroz, filha de Paulo de Argolo, n. 18, e de sua mulher D. Leonor Francisca de Queiroz, é segunda mulher do desembargador Bernardino Falcão de Gouvea, (27) cavaleiro professo na Ordem de Cristo.

---

1. RODRIGO DE ARGOLO. Nomeado provedor a 16 de janeiro de 1549, veio na expedição fundadora da Bahia (***Doc. Hist.,*** XIV, p. 377). Teve licença para resgatar um escravo cada ano "enquanto servisse de provedor da fazenda da fortaleza do Salvador". Esclarece a provisão em favor do genro Antônio Ribeiro: "Rodrigo de Argolo porteiro que foi da Câmara da Rainha e provedor da fazenda, que foi de el-rei na dita fortaleza por cinco anos", Melo Moraes, ***Crônica,*** p. 81, ***Doc. Hist.,*** v. 37, p. 341 (onde é ***Arguello***). Já era falecido a 18 de novembro de 1553, quando entrou no seu lugar Rodrigo de Freitas, o futuro jesuíta, "contratado para haver de casar com uma sobrinha de Rodrigo de Arguello que Deus tem", ***Doc. Hist.,*** v. 35, p. 195.

2. D. ANA DE ARGOLO. Nasceu em 1552 (enganou-se o linhagista, dando o milésimo como do casamento). O seu primeiro marido foi Gabriel Soares de Souza, o autor do ***Tratado Descritivo,*** que o diz no testamento: "em a qual sepultura se enterrará minha mulher Ana de Argolo", de quem não tivera filhos. Gabriel Soares morou 17 anos na Bahia. Morrendo no sertão em 1592, o sobrinho afim Bernardo Ribeiro (filho de Maria, irmã de Ana de Argolo) cumpriu-lhe o voto, levando os restos a sepultar na igreja dos benediditinos, sob pedra em que se lê, "aqui jaz um pecador". Por alvará de 13 de dezembro de 1590, tivera Gabriel Soares o direito de dar a quatro cunhados e dois primos, que o acompanhavam ao descobrimento das minas no sertão, hábitos de Cristo e tenças de 50$. Os cunhados devem ser Paulo de Argolo, dois genros de Rodrigo de Argolo e um quarto, possivelmente casado com uma sua irmã.

3. JOÃO DE BRITO. Tinha engenho no Paraguacu, Gabriel Soares, ***ibid.,*** p. 141.

4. PAULO DE ARGOLO. Em 1598 obteve terras em Passé. Possuía em 1600 (carta de 11 de novembro) meia légua no Jequiriçá. Vereador em 1607, ***Rev.do Instituto Histórico da Bahia,*** n. 34, p. 63 e provedor da Alfândega, ainda em 1608 ganhou sesmaria em Ilhéos, ***Públ. do Arquivo Nacional,*** XXVII, p. 32. A cidade de Aratuípe nasceu de capela feita por seus descendentes, Francisco Vicente Viana, ***Memória sobre o Estado da Bahia.***



5. PEDRO DIAS. Que Pero Dias é cristão velho de idade de 50 anos mercador e lavrador rico, "morador nesta cidade", declarou em 1591 Manuel Ferreira, acusando-o ter posto fogo em "certas rumas de lenha", ***Denunciações da Bahia,*** p. 268. Veja-se ***tít. Torres*** (Pero Dias de Figueiró; N. 4). Natural do Porto, era filho de Goncalo Álvares, homem do mar, e Bárbara Dias de Figueiroa já defuntos, ***Denunciações*** cit., p. 383, casado com Felícia Lobo, ***Denunciações*** cit., p. 374. Diz Macedo Leme que deixou dois filhos, Baltazar Lobo e José Dias, ***Genealogia***, fl. 78 verso.

6. PAULO DE ARGOLO. 2.º. "Achando-se nas ocasiões do inimigo que se tem oferecido no Recôncavo, e procedido nelas com muito honrada opinião", foi elevado a capitão da Ordenanca de Passé, 20 de outubro de 1650, ***Doc.Hist.,*** v. 31, p. 64.

7. MARIANA PEREIRA. Com o nome de Soror Maria de Santa Clara, recebeu o hábito no convento do Desterro, em 28 de outubro de 1679, Fr. Jaboatão, ***Novo Orbe,*** III, p. 659.

8. D. ANA DE ARGOLO. Veja-se tít. ***Argolos e Moreiras.***

9. Licenciado BARTOLOMEU SOARES. Vereador em 1694, ***Atas da Câmara,*** VI, p. 253, "pessoa abonada e segura", senhor de engenho, pagou em 1684, o que devia o tesoureiro de quem foi fiador, ***Atas,*** VI, p. 38. Teve sesmaria no Recôncavo, alvará de 29 de maio de 1684, ***Públ. do Arquivo Nacional,*** XXVII, p. 81.

10. PAULO DE ARGOLO, 3.º. Irmão da Santa Casa a 15 de abril de 1696, juiz ordinário da vila de São Francisco, em 1711, ***Anais da B. N.,*** v. 32, p. 94. A mulher, era neta paterna de Gregório Rodrigues Varela, ***L. de Irmãos,*** v. 3, fl. 22, e neta materna do capitão Belchior Barreto e D. Clara de Souza: Inês de ***Gusman*** (como se lê no termo matrimonial do filho, Paulo de Argolo, L. de Casamentos de ***São Pedro,*** 1747-1772, fl. 10, arq. da Cúria).

11. JOSÉ DE ARGOLO. Capitão de infantaria da Ordenança do engenho Quibaca, do Regimento do coronel Egas Moniz Barreto, 18 de agosto de 1718, Arq.Públ. da Bahia, ***Registro de Patentes de 1717 a 1718,*** fl. 261.

12. JOÃO DE TEIVE E ARGOLO. Casou na capela do engenho Cinco Rios com D. Ana Joaquina Marques de Almeida, 1771. Conta o cônego Roque Luis, foi homem de grande fortuna. Seu filho Bernardino casou em Lisboa com uma cômica, de quem teve três filhos, ***Memórias*** etc., ms. Biblioteca Nacional.

13. PAULO DE ARGOLO 4.º. 1708-1779. Casou a 7 de janeiro de 1748 (já defunto os pais) com D. Antônia de Queiroz (não como está no texto), filha de Antônio Goncalves da Rocha, (também falecido) e D. Luiza de Queiroz. Morava na Piedade, ***L. de Casamentos de São Pedro,*** arq. da Cúria. Moco fidalgo, vivia do rendimento de engenhos e fazendas; Familiar do Santo Ofício, 2 de janeiro de 1771, T.T., ***Fam.,*** m. 9, n. 130: teve licença em 1777 para internar no convento do Desterro quatro filhas. Isto porque, sendo dez, somente uma casara, com o desembargador Bernardino Galvão de Gouveia, ***Anais da B.N.,*** v. 32, doc. 9644.

— O filho, alferes José Joaquim de Queiroz Argolo, foi Familiar do Santo Ofício a 16 de março de 1779, T.T., ***Fam.,*** m. 147, n. 2873. De 21 de fevereiro de 1780 é a carta de brazão e nobreza dada a Paulo de Argolo pela Rainha D. Maria I (ms., cm. pela família). Divide-se o escudo d'armas em Argolos Queiroz, Gusmões e Rochas. Foro de escudeiro fidalgo: 12 de junho de 1780, Arq. Públ. da Bahia, ***Patentes,*** fl. 363. Veja-se-lhe inventário, ***Anais do Arq. Públ. da Bahia,*** v. 37, p. 90. Montemor da herança: 173:528$029. Wanderley Pinho, Instituto Histórico, ***Anais do Congresso da transferência da sede do governo,*** 1963, I, p. 315.

14. ANTÔNIO GONCALVES DA ROCHA. Do termo de Viana, bispado de Braga, em 1701 mercador de fazendas na Bahia , quando se encartou Familiar do Santo Ofício, T.T., ***Fam.,*** m. 40, n. 957. Soldado do Terço Novo da guarnicão da praca, propôs-se em 1716 acabar a construção à sua custa do forte de São Lourenco, em Itaparica, de que seria capitão, ***Doc.Hist.,*** v. 62, p.136. Assim foi feito. Entrou a 24 de junho de 1716 na irmandade da Santa Casa, e foi seu provedor em 1726. Faleceu a 8 de novembro de 1740, ***L. de Óbitos de S. Pedro Velho,*** arq. da Cúria.

15. MIGUEL JERÔNIMO DE ARGOLO (E QUEIROZ). Nasceu em 1756, Senhor do engenho Pitinga; mestre de campo agregado ao Terco de Pirajá, 1780; no mesmo ano, coronel de milícias e escudeiro fidalgo (foro de 12 de junho de 1780, Arq. Públ. da Bahia, ***Registro das Patentes de 1784-1823,*** fl. 362)

16. FRANCISCO ANTÔNIO DE ARGOLO (E QUEIROZ). 1758-1800. Herdou do pai o engenho de Cinco Rios. Escudeiro fidalgo, foro de 12 de junho de 1780, Arq. Públ. da Bahia, ***Registro das Patentes,*** fl. 363 v., casou com D. Antônia Teresa de Sá Pita, filha de Antônio da Rocha Pita e D. Inácia Pereira de Macedo. Filhos, Pedro de Argolo da Rocha Pita, 1790-1864; Antônio Bernardino da Rocha Pita, 1793-1877, barão, visconde, conde de Passé, coronel honorário, medalha da Independência da Bahia, senhor de dez engenhos, talvez o mais rico proprietário no Recôncavo, com residência na cidade, o sobrado, na praca das Portas de São Bento, de Antônio da Silva Lisboa (depois ***Diário da Bahia***). Casou com D. Maria Luiza Moniz Barreto, filha do brigadeiro Jerônimo Moniz Barreto. Deixou dois filhos, Francisco Antônio, visconde de Passé, morto em 1871, num motim de escravos e D. Antônia Teresa de Sá Pita e Argolo, pelo casamento, baronesa de Cotegipe.

17. JOSÉ JOAQUIM DE ARGOLO E QUEIROZ. Alferes cadete da guarnição da Bahia, teve carta de brasão d'armas, 21 de fevereiro de 1780, Sanches de Baena, ***Índice Heráldico,*** cit. por Wanderley Pinho, ***História de um Engenho,*** p. 201. Familiar do Santo oficio, 16 de marco de 1779, T.T., ***Fam.,*** m. 147, n.2873.

18. PAULO DE ARGOLO E QUEIROZ. 1760-1816. Foro de escudeiro fidalgo também de 12 de junho de 1780, códice citado. Tenente coronel. Casou com D. Maria Benedita de Argolo Pina e Melo (***Anais do Arq. Públ. da Bahia,*** v. 37, p. 273). Filhos: Luis Carlos, José Egídio, Paulo, Francisco de Paula, Antônio Gonçalves da Rocha e Argolo, Manuel Inácio, Luiza Clara, casada com o sargento-mor Luiz Carlos da Silva Pina e Melo. Filha dessa, Leonor Eugênia.



19. FRANCISCA (CLARA DE QUEIROZ E ARGOLO). Casou com Paulo de Argolo e Teive.

20. MARIA (LUIZA DE QUEIROZ E ARGOLO). Casou com José Joaquim de Teive e Argolo, em 1816 vereador mais velho da vila de São Francisco, fidalgo da Casa Imperial. Filho, Milguel José de Teive e Argolo, nascido em 1802, capitão na guerra da Independência, comandante da guarda nacional na vila de São Francisco (1839), coronel honorário do exército (1864), barão de Paramirim, casado com a prima, D. Bernarda Maria de Teive e Argolo.

21. D. INÊS E D. CLARA (nascida em 1765), freiras do Desterro.

22. D. MARIA ROSA. Casada com Luiz de Betencourt Berenguer Cesar.

23. D. ANTÔNIA. Casada com o sobrinho, Joaquim Bernadino Falcão de Gouveia. A irmã, Ana, batizada em 1874, ***L. de Batismos de Passé,*** arq. da Cúria.

24. D. LUIZA CLARA QUEIROZ E ARGOLO. "Das principais famílias da cidade da Bahia, viúva do desembargador Bernardino Falcão de Gouveia, do qual lhe ficou um único filho, da idade de 3 anos", tendo ela 22, "sem a necessária deliberação para as disposições que requer uma casa grande como a sua", com dois engenhos de açúcar e mais fazendas, pediu licença ao rei em 28 de maio de 1777 para casar com o capitão Manuel Caetano de Araújo Corte-Real. Requereu nova licença, no ano seguinte, para casar com o coronel Carlos Manuel Gago da Câmara, ms. ***Arq. Hist. Ultr.,*** de 41 anos, natural de São Gonçalo, no Recôncavo, Familiar do Santo Ofício, viúvo de Juliana Josefa Tomassini, de Liorne, Toscana (com quem casara em Lisboa, 1774).
Terceira vez casou Luiza Clara: com o sagento-mor Luiz Carlos da Silva Pina e Melo, como consta do batismo da filha, Leonor Efigênia de Queiroz e Argolo Pina e Melo, março de 1788, ms. arq. da Cúria, cm. por Maria Teresa Calmon Correa Ribeiro, a quem devemos a pesquisa.

25. JOÃO DE TEIVE. Viúvo, testemunhou em 1784 o casamento de Ana, filha de Paulo de Argolo e Teive, ***L. de Casamentos de Passé,*** arq. da Cúria. Filho: João de Teive (Barreto) e Argolo, fidalgo cavaleiro, capitão das milícias de Pirajá, 1812, casado com D. Ana Joaquina Marques de Almeida (que faleceu em 1778). Filhos: Paulo de Argolo Teive, cujo foro de fidalgo cavaleiro é de 1780, ***Arquivo Público da Bahia,*** como o de seu irmão José Joaquim, que casou com a prima, Maria Luiza, filha de Paulo de Argolo Queiroz. São estes os pais do barão de Paramirim (acima). E Antônio, Maria Leonor, Antônia Marcelina e Isabel Luiza, ***Anais do Arq. Públ. da Bahia,*** v. 37, p. 82.

26. ANDRÉ MARQUES. Contratador (1764), ***Anais da B. N.,*** v. 32, p. 99. Capitão. Menciona-o o cirurgião entre os seus clientes, ***Relação Cirúrgica e Médica,*** p. 104, Lisboa, 1751.

27. BERNARDINO FALCÃO DE GOUVEIA. Natural de Cascais, filho do capitão Agostinho Henriques Falcão e D. Mariana Maria de Gouveia, da mesma vila, habilitou-se para a Ordem de Cristo em 1754, já desembargador da Relação da

Bahia, ***T.T., Habil. da Ordem de Cristo,*** letra B, m. 2, cargo em que se empossara a 8 de abril daquele ano. Enviuvara no Reino, de D. Eufrásia Pereira dos Santos. Teve papel saliente no embarque dos jesuítas, expulsos do Brasil. Do 2.º casamento na Bahia, filho: Joaquim Bernardino Falcão de Gouveia. Casou com a tia, D. Antônia, nascida em 1766. Notas comunicadas por Wanderley Pinho. A 4 de julho de 1764 informou o governo interino que pela devassa a que procedera ficara provado que o desembargador Bernardino Falcão de Gouveia "servira sempre com limpeza de mãos e sem haver cometido qualquer excesso", ***Anais da B. N.,*** v. 32, p. 69.

Morreu a 4 de janeiro de 1774, ***Anais do Arq. Públ. da Bahia,*** v. 37, p. 79, sem testamento, e jaz no convento da Vila de S. Francisco, ***L. de Óbitos,*** 1729-1810, fl. 41, arq. da Cúria.

## *ARGOLO RIBEIRO*

N. 14. Antônio Ribeiro, (1) de quem não achamos mais notícia de que no livro antigo dos casamentos da Sé, que casou a 5 de novembro de 1556 com Maria de Argolo, n. 4, * a qual era filha do primeiro Rodrigo de Argolo, Castelhano. De sua mulher Maria de Argolo teve Antônio Ribeiro filhos:

30. Bernardo Ribeiro. (2) Batizado na Sé a 20 de agosto de 1562.

31. Agostinho Ribeiro. Batizado na Sé a 4 de março de 1564.

N. 4. Maria de Argolo, filha de Rodrigo de Argolo, o primeiro, e de sua mulher D. Joana Barbosa, casou com Antônio Ribeiro, ** que também serviu de provedor e juiz da alfândega da Bahia, e teve filhos:

1. Joana Barbosa, que se segue. Batizada na Sé a 10 de março de 1558. Padrinho o governador D. Duarte, etc..

2. D. Helena de Argolo, casada com Manuel de Sá Soutomaior. (3) Batizada na Sé a 7 de junho de 1560.

3. Bernardo Ribeiro. Batizado a 20 de agosto de 1562.

4. D. Agostinho Ribeiro, (4) bispo de Ceuta. Batizado a 4 de março de 1564.

N. 1. D. Joana Barbosa, *** filha de Maria de Argolo e de seu marido Antônio Ribeiro, casou com Diogo Correa de Sande, (5) natural de Portugal, da casa dos Correas de Sá, tronco dos viscondes de Asseca, e teve filhos:

---

*Notas da R.I.H.G.B.*

* *Faleceu esta Maria de Argolo a 11 de fevereiro de 1602. Testamenteiro seu filho Bernardo Ribeiro. Sepultada em S. Bento.*

** *Casou na Sé a 5 de novembro de 1556. Testemunhas o governador D. Duarte da Costa, seu filho D. Alvaro e Maria Lobo, mulher de Francisco Bicudo; e faleceu a 11 de fevereiro de 1602. Sepultada em S. Bento. Testamenteiro seu filho Bernardo Ribeiro.*

*** *Faleceu esta no ano de 1598. Sepultada no Colégio.*



5. André Correa de Sande.

6. Antônio Ribeiro. (6)

7. D. Maria de Argolo.

8. D. Leonor Correa de Sande. (7)

9. D. Luiza de Sande.

10. Pedro Correa.

11. D. Catarina de Sande de Andrade, que se segue.

N. 11. Catarina de Sande, filha de D. Joana Barbosa, n. 1, e de seu marido Diogo Correa de Sande, foi segunda mulher de Sebastião Pacheco de Castro, (8) e teve filha:

12. D. Clara de Sande, que se segue.

N. 12. D. Clara de Sande, filha única de D. Catarina de Sande e de seu marido Sebastião Pacheco de Castro, (9) casou com o capitão Francisco Fernandes da Ilha.

---

1. ANTÔNIO RIBEIRO. Tomou o partido do governador Duarte da Costa contra o bispo D. Pedro Fernandes Sardinha. Em virtude do casamento com Maria de Argolo, filha de Rodrigo de Argolo e Joana Barbosa, uma das três órfãs, filha de Baltazar Lobo de Souza, mandadas pelo rei casar na Bahia, ganhou o lugar de "provedor da fazenda da fortaleza da cidade do Salvador", 14 de outubro de 1562, ***Doc. Hist.,*** v. 35, p. 366, Rodolfo Garcia, ***As Órfãs,*** p. 9. Era em 1561 capitão nos Ilhéos. "Este capitão se chama Antônio Ribeiro, morador e casado na Bahia, grande nosso amigo, e por que o fez mui bem em o Rio de Janeiro, o deixou aqui o governador por capitão quando de lá veio", Pe. Rui Pereira, 1561, ***Cartas Avulsas,*** ed. da Academia Brasileira, p. 283. Destacou-o Mem de Sá para capitão e governador dos índios em Santa Cruz, Itaparica, 1562, Anchieta, ***Informação etc.,*** ed. da Academia, p. 358. Foram "depois disso aos índios de Campo Grande, onde morreram com o dito Antônio Ribeiro muitos índios da Bahia", Anchieta, ***ibid.,*** p. 379.

2. BERNARDO RIBEIRO. É o testamenteiro de Gabriel Soares, referido em nota anterior. "Bernardo Ribeiro mancebo solteiro da idade de 30 anos mais ou menos, inquietava a Inquisição em 1591 por suas idéias heterodóxas, ***Denunciações,*** p. 329. Foi procurador do conde de Linhares, 1606, ***Doc. Hist.,*** v. 63, p. 222; provedor da alfândega, cargo herdado por sua irmã D. Helena (viúva de Manuel de Sá Souto Maior), enquanto uma das filhas não casasse, alvará de 24 de novembro de 1606, ms. Arq. Hist. Ultramarino: e em 1612 sesmeiro no Jequiriçá, ***Publ. do Arquivo Nacional,*** XXVII, pp. 40-41, com engenho de açúcar, ***Anais do Arq. Públ. da Bahia,*** v. 25, p. 16. — Outro filho de Antônio Ribeiro, além de Agostinho, abaixo, se formou em teologia na Universidade de Coimbra, 1588: Gonçalo Ribeiro, relação de estudantes por Francisco Morais, ***Brasília,*** IV, p. 4. Foram o 5.º e o 6.º nascidos no Brasil que lá estudaram.

3. D. HELENA DE ARGOLO. Veja-se ***tít. Rocha, Sá, Souto Maior e Parui, Brito e Lobo.***

4. D. AGOSTINHO RIBEIRO. Bispo de Ceuta, depois de Angra, foi o primeiro prelado natural do Brasil, e também o primeiro estudante baiano formado em Coimbra, mestre em artes e bacharel, 1586, licenciado em teologia, 1593, ***Brasília,*** IV, p. 3. Padre Fr. Agostinho de São Goncalo doou aos beneditinos a capela de São Goncalo, no Rio Vermelho, ***Livro 2.º do Tombo do mosteiro de São Bento da Bahia,*** fl. 287, célebre pelas festas de que tanta ressonância há no ***folclore*** local.

5. DIOGO CORREA DE SANDE. O seu engenho no Jaguaripe era em 1584 "uma das melhores pecas da Bahia, porque está mui bem acabado, com grandes aposentos e outras oficinas, e uma fresca igreja de Vera Cruz". Ficava perto do de Gabriel Soares, ***Tratado Descritivo,*** p. 145. Avisado o governador Manuel Teles da invasão dos aimorés em Ilhéos, "ordenou que fossem Diogo Correa de Sande e Fernão Cabral de Ataíde, que possuiam muitos escravos e tinham aldeias de índios forros", repelir os bárbaros, Fr. Vicente do Salvador, ***ibid.,*** p. 328. Tinha fazenda em Caípe, ***Confissões ao Santo Ofício,*** 1592, p. 105. Veja-se também Pirajá da Silva, nota à ***Notícia do Brasil,*** de Gabriel Soares, p. 351, São Paulo, 1974.

6. ANTÔNIO RIBEIRO. Primo do capitão Francisco de Paula, combateu valentemente, em 1624-25, os holandeses acastelados na Bahia, Fr. Vicente do Salvador, ***ibid.***, p. 550.

7. D. LEONOR DE SANDE. Casou com Braz da Costa Cirne. Filho: Valentim da Costa, "estudante que tem raca de nacão", ***Denunciações da Bahia de 1618,*** n. 134, "solicitador de causas da Bahia".

8. SEBASTIÃO PACHECO. Tinha engenho em Itaparica, de onde os holandeses foram desalojados em 1624, Fr. Vicente do Salvador, ***ibid.,*** p. 547.

9. D. CLARA DE SANDE. É a mãe de D. Francisca de Sande, a generosa senhora, que converteu a casa em enfermaria nos dias terríveis da epidemia da ***bicha.*** Não era filha única. Aires de Ornelas de Vasconcelos (1620-89), que "embarcou para a Bahia na armada de Antônio Teles de Meneses e com o mesmo posto acompanhou a D. João de Meneses quando foi à Franca", casou a primeira vez na Bahia com D. Maria de Sande, filha de Francisco Fernandes, natural desta Ilha, cujo cabedal se reputava em setecentos mil cruzados, e de D. Catarina Sande, de quem houve Agostinho d'Ornelas de Vasconcelos", ***Nobiliário,*** de Henrique, Henriques de Noronha, da Ilha da Madeira, I, p. 426, Funchal, 1947.

## *ARAÚJO, BARBOSA*

Antônio Barbosa de Araújo, (1) casado com D. Mônica de Meneses, natural de Iguape, freguesia de Santiago, teve filho:

1. João Pereira Barbosa, que se segue.

N. 1. João Pereira Barbosa, filho de Antônio Barbosa de Araújo e de sua mulher D. Mônica de Meneses, foi casado com D. Joana de Argolo de Gusmão, * (2) filha de Paulo de Argolo, n. 10, fl. ..., e de sua mulher D. Inês de Gusmão.

1. ANTÔNIO BARBOSA DE ARAÚJO. Mandou-se restituir a Antônio Barbosa de Araújo, uns escravos em 1720, Arq. do Conde dos Arcos, ***Índice***, cód. 11, Universidade de Coimbra.

2. JOANA MARIA DE ARGOLO, é como aparece no termo de batismo do filho Antônio, em fevereiro de 1730, ***L. de Batismos do Iguape de 1708 a 1754***, arq. da Cúria. 2.º filho: Ana (5 de janeiro de 1731). 3.º, Rosa (1.º de janeiro de 1735). 4.º, Antônia (15 de maio de 1737).

— Outra filha de Antônio Barbosa de Araújo, Mônica Maria de Meneses, que faleceu donzela, com 85 anos, em 1776, ***L. de Óbitos do Iguape,*** arq. da Cúria.

## *ARGOLOS E MOREIRAS*

N. 13. D. Ana de Argolo, filha de Rodrigo de Argolo, n. 7, e de sua mulher Isabel Pereira de Meneses, casou com o capitão Antônio Moreira de Meneses, (1) filho de Antônio Moreira de Gamboa, Fidalgo da Casa Real, e de sua mulher D. Antônia de Meneses à fl. ..., e teve filhos:

1. José de Argolo de Meneses, que se segue.
2. Bartolomeu de Argolo de Meneses, depois.
3. Vicente de Argolo de Meneses, adiante.
4. Manuel Teles de Meneses, ao depois.
5. Rodrigo de Argolo, que morreu com ordens sacras.
6. D. Helena Maria de Argolo, casada duas vezes, a primeira com Bartolomeu Soares, à fl...., a segunda com Francisco de Negreiros Corte Real, à fl.... Batizada a 29 de junho de 1672.
7. D. Antônia de Argolo, casada com João Pereira Coronel, e depois com Baltazar de Vasconcelos, e de nenhum teve sucessão. Batizada no Socorro a 31 de julho de 1675.
8. D. Inês de Argolo, casada em Sergipe del-rei com Teodósio de Sá Brandão, sem filhos.

N. 1. José de Argolo de Meneses, (2) filho de D. Ana de Argolo e de seu marido o capitão Antônio Moreira de Meneses, foi casado duas vezes; a primeira com D. Francisca de Meneses, ** filha de Antônio Barbosa de Araújo e de sua mulher D. Mônica Serrão de Meneses, tiveram filhos:

*Notas da R.I.H.G.B.*

* *Casaram a 27 de fevereiro de 1729.*
** *Casaram a 4 de junho de 1710, dispensados no 3.º grau de consangüinidade em Guadalupe.*

9. João de Argolo de Meneses, (3) casado com D. Fé de Souza na vila do Cairu, dos Eças e Couros, sem sucessão.

10. Antônio Moreira, que faleceu solteiro.

Segunda vez casou José de Argolo de Meneses com D. Catarina Ponciana Bezerra de Vargas Cirne, * filha do capitão de cavalaria Miguel Bezerra, (4) e cavaleiro da Ordem de Cristo, filho de André Fernandes Bezerra e de D. Marta de Cortes, filha do capitão Afonso Vaz Corte e de sua mulher D. Maria de Vargas Cirne, filha do sargento-mor Manuel de Vargas Cirne (5) fidalgo conhecido, e de sua mulher D. Ana Pereira, filha do capitão Lázaro Lopes Soeiro, dos Soeiros do Minho. De sua segunda mulher D. Catarina teve José de Argolo os filhos seguintes:

11. Simão Manuel de Argolo, que se segue. Batizado a 28 de dezembro de 1730.

12. José de Argolo de Meneses, solteiro. Batizado a 15 de abril de 1731, no Monte.

13. D. Maria de Vargas Cirne, adiante.

N. 11. Simão Manuel de Argolo de Meneses, (6) filho de José de Argolo de Meneses, n. 1, e de sua segunda mulher D. Catarina, casou com D. Clara Maria da Encarnação, filha do sargento-mor Antônio da Costa Coelho (7) e de sua mulher D. Águeda Luiza Gomes de Lima, e teve filhos:

14. Tomás de Argolo de Meneses.

15. José de Argolo de Meneses.

16. D. Rosa Maria de Argolo.

17. D. Clara Maria de Argolo. (8)

N. 13. D. Maria de Argolo, ou Vargas Cirne, filha de José de Argolo de Meneses, n. 1, e de sua segunda mulher, casou com o guarda-mor Bernardo da Silveira de Meneses, (9) cavaleiro da Ordem de Cristo, e teve filhos:

18. D. Ana de Meneses.

19. Caetano José. (10)

N. 2. Bartolomeu de Argolo de Meneses, (11) filho de D. Ana de Argolo, n. 13, e de seu marido o capitão Antônio Moreira de Meneses, casou com D. Antônia Isidora Maria Bezerra de Vargas Cirne, ** filha do capitão Miguel Bezerra, (12) cavaleiro da Ordem de Cristo, e de sua mulher D. Maria de Vargas Cirne, e desta sua mulher teve filhos:

20. Frei João de Argolo, carmelita calçado na Bahia.

21. Rodrigo de Argolo Vargas Cirne, que se segue.

---

*Notas da R.I.H.G.B.*

* *Casaram a 8 de janeiro de 1727 na capela de S. Domingos.*

** *Casaram no Socorro a 29 de janeiro de 1715. Faleceu D. Antônia a 18 de agosto de 1739.*



22. D. Ana, que faleceu solteira a 13 de maio de 1731.

23. D. Helena Maria. Batizada a 7 de novembro de 1729.

24. D. Rosa, que faleceu a 8 de setembro de 1733. Segunda vez casou Bartolomeu de Argolo com D. Águeda Luiza Gomes de Lima, filha do capitão Manuel Rodrigues Brandão (13) e de sua mulher D. Maria Rebouças, e era a tal D. Águeda Luiza viúva do sargento-mor Antônio da Costa Coelho, e teve filhos:

25. Pedro de Argolo de Meneses, casado com D. Josefa Maria. Batizado a 2 de setembro de 1734.

26. Vitorino de Argolo de Meneses, (14) adiante.

N. 21. Rodrigo de Argolo Vargas Cirne de Meneses, (15) filho do capitão Bartolomeu de Argolo de Meneses e de sua primeira mulher D. Antônia Isidora Bezerra, etc., foi sargento-mor do regimento de cavalaria do termo da cidade, e ao presente é coronel do mesmo regimento; casou com D. Marcela da Silva, filha de Antônio da Silva Gomes, Familiar do Santo Ofício, e de sua mulher Teresa de Jesus; teve onze filhos. (16)

27. Inácio de Argolo Vargas Cirne*, que se segue.

28. D. Luiza Vicência da Ressurreição.

29. João de Argolo, que faleceu moço.

30. D. Antônia Izidora de Argolo.

31. D. Ana Maria de S. Joaquim.

32. D. Maria Francisca de Argolo.

N. 27. Inácio de Argolo Vargas Cirne, filho do coronel Rodrigo de Argolo Vargas Cirne de Meneses e de sua mulher D. Marcela da Silva, e ajudante de um dos regimentos pagos e casou com D. Ana Joaquina de Souza de Matos, filha do capitão José de Souza de Matos e de sua mulher D. Francisca.

33. Inácio de Argolo.

N. 26. Vitorino de Argolo de Meneses, (17) filho do capitão Bartolomeu de Argolo de Meneses e de sua segunda mulher D. Águeda Luiza Gomes de Lima, casou com D. Ana Inês Josefa Saldanha de Andrade, filha do Dr. José Borges de Siqueira (18) e de sua mulher D. Clara Josefa Saldanha, pelo qual casamento é proprietário dos ofícios de distribuidor, inquiridor e contador dos auditórios judiciais da cidade da Bahia, e teve filhos:

34. D. Maria. (19)

35. Antônio Moreira.

N. 3. Vicente de Argolo de Meneses, (20) filho de D. Ana de Argolo, n. 13, e de seu marido o capitão Antônio Moreira de Meneses, casou com D. Ana Maria de Vargas Cirne,** filha também do capitão de cavalaria Miguel Bezerra,

---

*Notas da R.I.H.G.B.*

* *Batizado em Monte, no ano de 1748.*

** *Casaram a 2 de outubro de 1726 na capela de S. Antônio dos Cinco Rios.*

já referido na descendência de José e Bartolomeu de Argolo, irmãos desse Vicente, e casados também com as irmãs desta, casada com Vicente de Argolo, e dela teve filhos.

36. D. Ana de Argolo Vargas Cirne, casada com José Pinto Ribeiro. (21)

37. D. Maria, que faleceu menina a 15 de janeiro de 1728, batizada em casa.

38. D. Maria, batizada no Monte a 15 de janeiro de 1731.

39. Francisco Xavier de Argolo,* (22) casado com D. Antônia Bezerra de Vargas, sem filhos.

30. Inácio de Argolo de Meneses, ** solteiro.

31. Leandro de Argolo de Meneses, que se segue:

N. 31. Leandro de Argolo de Meneses, (23) filho do capitão-mor Vicente de Argolo de Meneses e de sua mulher D. Ana Maria de Vargas Cirne, casou com D. Teresa.

N. 4. Manuel Teles de Meneses, filho de D. Ana de Argolo e de seu marido o capitão Antônio Moreira de Meneses, já referido, casou com D. Isabel da Rocha, filha de Zenóbio de Almeida e de sua mulher Maria da Rocha de Ávila, e teve filhos:

Antônio Moreira de Meneses, casado.

Carlos José de Argolo de Meneses, casado.

João de Argolo.

---

1. ANTÔNIO MOREIRA DE MENESES. Filho de Antônio Moreira Lanha e D. Antônia de Meneses. Da freguesia da Encarnacão do Passé, capitão, juiz ordinário em 1691, ***Atas da Câmara da Bahia***, VI, p. 153. A mulher, D. Ana de Argolo, da freguesia de Socorro, ambas no Recôncavo. Irmão da Santa Casa, 21 de abril de 1671, ***L. 2, fl. 219.***

2. JOSÉ ARGOLO DE MENESES. Dono de sesmaria, "homem muito poderoso naqueles sítios", confirme carta do rei, de 17 de janeiro de 1726, que trata da acusacão que se lhe fizeram de usurpar terras dos índios. ***Anais do Arq. Públ. da Bahia***, v. 32, p. 231. Casou a 4 de junho de 1710 (acrescenta Macedo Leme, ***Genealogia,*** p. 79 verso). Viúvo, contrai novas núpcias em janeiro de 1727, com D. Catarina Ponciana Bezerra de Vargas, filha do capitão de cavalos Miguel Bezerra e D. Maria Cerne, ***L. de Casamentos do Monte,*** arq. da Cúria.

---

*Notas da R.I.H.G.B.*

* *Batizado a 19 de maio de 1732 (Aliás 1702, pois faleceu com 80 anos a 7 de janeiro de 1782.* ***L. de Óbitos de Inhambupe****, arq. da Cúria).*

** *Batizado a 30 de setembro de 1733.*



3. JOÃO DE ARGOLO E MENESES. "Degredado natural da vila de Jaguaripe, qu pede para sair de Angola por ter terminado o degredo", ofício de Lisboa, 8 de marc de 1747, ***Livros de Ofícios para o Reino***, Arquivo Histórico de Angola, 1726-1801 por Carlos Dias Coimbra, p. 54, Luanda, 1959.

4. Veja-se ***tít. Bezerra, Vargas Cirne***.

5. Veja-se ***tít. Barros da Ilha da Madeira***.

6. SIMÃO MANUEL ARGOLO DE MENESES. Figura o seu nome no índice do processos incompletos de Familiar do Santo Ofício, Caderneta A, m. 24, n. 52 ***Torre do Tombo***, 1756, ano em que morreu. Era de boa vida e costumes, jui ordinário na vila de São Francisco e lavrador de canas. — A 16 de junho de 175 batizou o filho José, ***L. de Batizados de Passé***, arq. da Cúria.

7. ANTÔNIO DA COSTA COELHO. Promovido a ajudante de sargento-mor d Regimento do coronel Antônio Ferreira de Souza, em 1708, ***Doc. Hist.***, v. 34, p 433. Era natural de Boucas, bispado de Lamego, a mulher, da Cachoeira, na Bahia filha de casal que viera de Boucas, ***Habilitações incompletas*** de Familiar do Sant Ofício (indicada na nota anterior).

8. D. MARIA CLARA RUFINA D'ARGOLO E MENESES. Casou com o capitã Vicente José de Souza Lisboa, ms. ***Arq. Hist. Ultramarino.***

9. BERNARDO DA SILVEIRA DE MENESES. Tabelião público do judicial e notas d vila de Maragogipe, carta régia de 14 de dezembro de 1726, ***Doc. Hist.***, v. 74, p 298.

10. CAETANO JOSÉ (DA SILVEIRA MENESES). Senhor do engenho de Giricó termo da vila de Santo Amaro, em 1797 pediu para nele edificar uma capela, po ser distante a sede da freguesia, ***Anais da B. N.***, v. 37, pp. 106-107. — Sua irmã D Ana Joaquina casou em 1787 com o coronel Francisco de Abreu Barreto e Castro ***L. de Casamentos de Santo Amaro***, arq. da Cúria.

11. BARTOLOMEU DE ARGOLO DE MENESES. Casou a 29 de janeiro de 1715, ***L de Casamentos do Monte***, fl. 95 verso. Juiz Ordinário da vila de São Francisco 1725, ***Anais da B.N.,*** XVIII, p. 84, entrou para a Irmandade da Santa Casa, 1733 ***Livro*** n. 3, fl. 371. Tinha o engenho Taguipe. Com a mulher, D. Antônia Isidor Maria Bezerra de Vargas e Cirne, desistiu em 1720 de contenda com os carmelita sobre limites entre os rios Jacuípe e Itacuípe, ***L. 1.º do Tombo*** do convento d Carmo, fl. 248. Casara na capela de Santo Antônio do Socorro a 29 de janeiro d 1715. Morreu a mulher a 18 de agosto de 1730 (Macedo Leme, ***Genealogia,*** fl. 7 verso). Sargento-mor de Santo Amaro (há 18 anos no posto) a 5 de agosto d 1748, Arq. Públ. da Bahia, ***Patentes de 1745 a 1750***, fl. 154... "Juiz ordinári Bartolomeu de Argolo, pessoa que se fez célebre não só pela nobreza do sangu mas também por suas muitas virtudes morais", conta Fr. Bento da Apresentação ***Catágrafo Epipomptêutico dos Aplausos Sereníssimos que na vila... de São Francisco do Conde... em obséquio dos... desposórios da Sereníssima Prin cesa dos Brasis***, Lisboa, 1760 (***O Movimento Academicista nc Brasil***, III, t. 4, p

47). Morreu a 10 de julho de 1764. Fr. Jaboatão omite sua filha Joana Batista de Argolo, mulher de Estevão da Mata Gomes que faleceu na ilha do Príncipe, com os bens seqüestrados, tendo ela licença para repatriar-se, 1793, ***Anais da B.N.***, v. 34, e a filha Maria, batizada na igreja do Monte, em 1718, ***L. de Batizados***, 1705-1729, arq. da Cúria. Quanto à filha Helena, foi batizada em 1730 e faleceu aos nove meses de idade (***L. de Batizados do Monte***, arq. da Cúria).

12. MIGUEL BEZERRA. Veja-se ***tít. Bezerra, Vargas e Cirne.***

13. MANUEL RODRIGUES BRANDÃO. De Saborosa, bispado do Porto, a mulher da freguesia do Rosário, Cachoeira, irmã de Catarina de Souza, mãe do doutor Gonçalo de Souza Falcão (formado em cânones na Universidade de Coimbra em 1739) — diz-se no ***Processo de Familiar do Santo Ofício*** do neto, Vitorino de Argolo e Meneses. — Filha de Gaspar Rebouças e Maria Sardinha, viúva do capitão Manuel Rodrigues Brandão, morreu D. Maria Rebouças com 96 anos de idade, a 22 de junho de 1757, ***L. de Óbitos da Cachoeira***, arq. da Cúria.

14. VITORINO DE ARGOLO DE MENESES. E Pedro de Argolo, nascido a 2 de setembro de 1734 (Macedo Leme, ***Genealogia***, fl. 79 verso).

15. RODRIGO DE ARGOLO VARGAS CIRNE DE MENESES. Batizado a 1.º de maio de 1722, padrinhos os irmãos José e Antônia, ***L. de Batizados*** de Nossa Senhora do Monte, 1705-29, arq. da Cúria. Filho de Bartolomeu de Argolo e Meneses e D. Antônia Isidora Maria Bezerra de Vargas (é o que se lê no Processo de Familiar do Santo Ofício; Guedes Vargas e Cirne, no Termo de Irmão da Santa Casa, em 1736) — casado com D. Marcela da Silva da Purificação, filha de Antônio Silva Gomes e D. Teresa de Jesus, nascida na rua do Paço, Bahia. Antônio da Silva Gomes, diz o cônego Roque Luis Paes Leme, era ferreiro da Casa da Moeda; natural do Porto, acrescenta-se no Processo de Familiar, referido. Conta ainda que os descendentes de Rodrigo não seguiram a nobre condição paterna. Membro da Academia Brasílica dos Renascidos (1759), Familiar do Santo Ofício, 26 de março de 1772 (T.T. ***Fam.***, m. 5, n. 72), Rodrigo, o que é de espantar, foi expulso da Santa Casa por incivilidade, em 1762, e readmitido no ano seguinte, ***Livro de Segredos***, ms., inédito, arq. da Misericórdia. Funcionou em 1763, como escrivão da irmandade, A. J. Damázio, ***Tombamento***, etc., p. 155. A 8 de maio de 1780, escrivão da Casa da Moeda, ***Doc. Hist.***, v. 82, p. 35, coronel do Regimento de cavalaria auxiliar da cidade, 1770, a 11 de novembro de 1794 doou ao genro, Francisco Alexandre de Freitas e Eça, o ofício de escrivão. ***Anais B.N.***, v. 36, doc. 27.867, e morreu a 25 de junho de 1795. Tinha 74 anos (testemunhado em 1767 se dizia com 46, T.T. Ordem de Cristo, ***Habil.***, E, m. 31, n. 0 ).

16. RODRIGO DE ARGOLO VARGAS CIRNE DE MENESES. 2.º Capitão do 1.º Regimento de Linha, distinguiu-se na expedição mandada pelo conde dos Arcos para debelar a revolução pernambucana de 1817, "jam clarus Rodericus", epinício, de José Francisco Cardoso de Moraes, em ***Relação do Festim que ao Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor Dom Marcos de Noronha e Brito"*** se fez na Bahia, 1817.



17. VITORINO DE ARGOLO E MENESES. Capitão de cavalos, pelo casamento com D. Ana Inês Josefa Saldanha, filha mais velha de José Borges de Siqueira, proprietário encartado dos ofícios de Inquiridor, Contador e Distribuidor da cidade Bahia, deles teve mercê, 17 de fevereiro de 1763, Arq. Hist., Ultr., cxa. 72. Era natural da freguesia de Nossa Senhora do Monte. Familiar do Santo Ofício, 12 de novembro de 1765, T.T., ***Fam.***, m. 91, n. 11, enviuvou a 17 de novembro de 1768, ***Anais do Arq. Públ. da Bahia***, n. 37, n. 64. Filhos: Maria (13 anos) e Antônio de Argolo ***de Meneses*** (3 anos). Entrou para a irmandade da Santa Casa a 27 de março de 1763. Morreu a 29 de maio de 1785, ***L. de Irmãos***, do respectivo arquivo. Há no ***L. de Batismos de Passé*** o de outro filho, Manuel, em 1764 (arq. da Cúria). Nascera no ano anterior.

18. JOSÉ BORGES DE SIQUEIRA. Natural de Évora, (irmão do Comissário do Santo Ofício Antônio da Costa de Andrade, natural e morador na Bahia, Processo de Familiar do Santo Ofício do genro, Vitorino de Argolo, citado), doutor, casado com D. Clara Josefa de Saldanha e Andrade. Outras filhas: Maria, batizada na Sé, 30 de maio de 1735, padrinho D. José de Miralles, Helena, 15 de agosto de 1736, ***L. de Batizados da Sé,*** arq. da Cúria.

19. D. MARIA (CLARA). Herdou do pai o ofício de escrivão da Coroa e Fazenda, carta-régia de 5 de novembro de 1804. A sua sentença cível de justificação é de 1790. Já então era viúva do capitão Vicente José de Souza Lisboa, Arq. Hist. Ultr., cxa. 72.

20. VICENTE DE ARGOLO E MENESES. Está entre os doze cavaleiros dos jogos hípicos e bélicos que se correram na Bahia em 1717, ***Relação das Festas*** etc., p. 13. Confirmado capitão-mor de Jaguaripe, 23 de outubro de 1721, ms. Arq. Hist. Ultramarino. Casou a 21 de outubro de 1726 com D. Ana Maria ***Bezerra,*** filha do capitão Miguel Bezerra e D. Maria de Vargas e Cirne, ***L. de Casamento do Monte***, arq. da Cúria.

21. JOSÉ PINTO RIBEIRO. Faleceu a 11 de maio de 1744, ***L. de Óbitos de Passé***. Sua viúva, Ana Maria de Argolo, casou em segundas núpcias na igreja do Monte, a 17 de outubro de 1774, com João Crisóstomo, filho do capitão Antônio da Costa Pinto e Maria de Jesus José, ***L. de Casamentos de Passé***, arq. da Cúria.

22. A 5 de dezembro de 1739 foi batizada em Inhambupe Ana, filha de Francisco Xavier de Argolo e ***Maria Mendes***, L. de Batizados, 1749-1818, arq. da Cúria.

23. LEANDRO DE ARGOLO. Queixaram-se em 1790 os carmelitas do prejuízo de 90$, que lhes causaram Leandro de Argolo e sua mulher D. Teresa, mandando cortar lenhas em terras do convento, ms. do Convento do Carmo, ***Memórias***, fl. 46. Deram força aos Terceiros, em 1778, na sua reclamação, por plantarem em roças de seus engenhos ***Memórias***, fl. 151.

Mem Rodrigues de Vasconcelos, filho de Martim Mendes de Vasconcelos e neto de D. Mem Rodrigues de Vasconcelos, casou com Catarina Furtado de Mendonça, filha de Bartolomeu Perestrelo, que foi capitão de Porto-Santo * na ilha da Madreira, e de sua mulher Beatriz Furtado de Mendonça, filha de Ana Delmor. Teve este Bartolomeu Perestrelo, entre outros filhos, uma que casou com Cristóvão Colon, (1) outra que casou com o Conde de Golvez, e outra com Pedro Correa da Cunha, segundo capitão donatário da ilha Graciosa. ** De Mem Rodrigues de Vasconcelos e sua mulher Catarina Furtado de Mendonça, além de outras fêmeas e machos, foi também filho:

1. Heitor Mendes de Vasconcelos, que se segue.

N. 1. Heitor Mendes de Vasconcelos, filho de Mem Rodrigues de Vasconcelos, acima, casou com D. Maria Correa da Cunha, ou D. Catarina Correa da Cunha, como tem o autor da ***Corografia Portuguesa*** P.... fl. 554, § último, a qual era filha de Pedro Correa da Cunha Lacerda, segundo capitão donatário da ilha Graciosa, e de sua mulher Izac Perestrelo de Mendonça, filha do donatário do Porto-Santo, Bartolomeu Perestrelo, e teve filhos:

2. Tróilo de Vasconcelos, que se segue.
3. João Rodrigues de Vasconcelos.

N. 2. Tróilo de Vasconcelos, filho primeiro de Heitor Mendes de Vasconcelos, acima, casou com D. Íria de Melo, filha de Diogo de Melo da Cunha, neta de Vasco Martins de Melo, tio do Conde de Olivença Rodrigo Afonso de Melo, e primo co-irmão do pai do Conde de Atalaia, Pedro Vaz de Melo. E Vasco Martins de Melo por sua mãe D. Isabel de Albuquerque era neto de Vasco da Cunha, o velho, senhor da Tábua; e por sua avó D. Teresa de Albuquerque, descendente de D. João Afonso Telo de Meneses Albuquerque, Conde de Albuquerque e neto del-rei D. Diniz. Teve Tróilo de Vasconcelos de sua mulher filhos:

5. D. Luiza de Melo, mulher de Antônio de Oliveira do Carvalhal, alcaide-mor da Bahia, à fl.... e seguinte.
6. D. Catarina de Melo, mulher de Baltazar Ferreira Peixoto.

N. 4. Bartolomeu de Vasconcelos, (2) filho de Tróilo de Vasconcelos, acima, foi comendador da Ordem de Seixo, (3) tomou a fortaleza do Rio de Janeiro aos franceses no ano de 1560, sendo capitão da armada, que mandou a rainha D. Catarina a este efeito, casou com Joana de Mendonça, senhora da

---

*Notas da R.I.H.G.B.*

* *Cordeiro Hestor. Insulan. p. 65, n. 13.*
** *Idem, p. 438, n. 41.*

vila da Praia na ilha Terceira; viúva do capitão dela Antão Martins da Câmara, e não teve filhos. Segunda vez casou com D. Francisca Correa de Albuquerque, filha de Vicente Correa de Albuquerque, irmão de Pedro de Albuquerque de Penalva, sobrinhos de D. Brites de Albuquerque, que fundou o mosteiro de Ferreira e foi abadessa perpétua dele. De sua segunda mulher teve filhos:

7. Martim Mendes de Vasconcelos, sem filhos.

8. Rui Mendes de Vasconcelos, (4) que sucedeu a seu pai na comenda do Seixo.

9. Francisco de Vasconcelos da Cunha, que se segue.

N. 9. Francisco de Vasconcelos da Cunha, (5) filho terceiro de Bartolomeu de Vascoconcelos e de sua segunda mulher D. Francisca Correa de Albuquerque, foi conselheiro de Sua Majestade, comendador de S. Facundo e de S. Maria da Torre, da Ordem de Cristo, casou com D. Isabel de Brito, filha de Jerônimo Dias Cardoso de Brito e de sua mulher D. Guiomar da Gama, e teve filhos:

10. Bartolomeu de Vasconcelos da Cunha, que se segue.

N. 10. Bartolomeu de Vasconcelos da Cunha, (6) filho de Francisco de Vasconcelos, n. 9, foi governador da ilha da Madeira, * casou com D. Juliana de Melo, sua prima, morgada em Angra, filha de José Ferreira de Melo, irmão de sua mãe, e neta de Luiz Ferreira de Melo, e de sua mulher D. Guiomar da Gama; bisneta de Estevão Ferreira de Melo e de sua mulher D. Antônia de Lima, filha de Manuel Pacheco de Lima e de sua mulher D. Francisca Neto. O mais se pode ver no autor citado na nota.

1. Da mulher portuguesa de Colombo, D. Filipa Moniz, e os Perestelos, temos breve notícia de Fernando Colombo, base das investigações subseqüentes, ***Histórie del S. D. Fernando Colombus; nelle quali s'ha particolare, e vera relazione dela vita, e de' fatti delle' Ammiraglio D. Cristoforo Colombo, suo padre,*** Venecia, 1571. É escusado acrescentar que na ilha de Porto Santo e em Lisboa o futuro descobridor do Mundo Novo se informou de navegações e conhecimentos marítimos e adquiriu as convicções que o levaram à grande aventura. Entre tantos livros que o biografam, merece referência o de Seraphim G. Canoutas, ***Cristopher Columbus — A Greek Nobleman,*** New York, 1943.

2. BARTOLOMEU DE VASCONCELOS (DA CUNHA). Chegou à Bahia, comandando a armada que devia restaurar o Rio de Janeiro, em novembro de 1559. Acompanhou Mem de Sá, que a 16 de janeiro seguinte assumiu a chefia da frota, Capistrano de Abreu, nota à ***Hist. Geral,*** de Varnhagen, I, p. 399; Joaquim Veríssimo Serrão, ***O Rio de Janeiro no século XVI,*** I, pp. 70-71, Lisboa, 1965. Depois do regresso do Brasil, casou (2.ª vez) Bartolomeu de Vasconcelos da Cunha com D. Francisca Correia, de quem teve: 1. Francisco de Vasconcelos da Cunha; 2. Rui Mendes de Vasconcelos, adiante (Serrão, ***ibid.,*** I, p. 202).

*Nota da R.I.H.G.B.*

* *Corografia Portuguesa, t. 3.º, fl. 555 § ultimo.*



com D. Francisca Correia, de quem teve: 1. Francisco de Vasconcelos da Cunha; 2. Rui Mendes de Vasconcelos, adiante (Serrão, ***ibid.***, I, p. 202).

3. Leia-se, Comendador da vila do Seixo, de que os Vasconcelos da Cunha foram alcaides-mores.

4. RUI MENDES DE VASCONCELOS. Casou, 17 de janeiro de 1609, com D. Maria de Vasconcelos, viúva, Serrão, ***ibid.***, I, p. 202.

5. FRANCISCO DE VASCONCELOS CUNHA. Casou em 1604 com D. Luiza de Melo. Governou Cabo Verde de 1624 a 1628, Angola de 1635 a 1639. Veja-se, ***Ementas de Habilitações de Ordens Militares Portuguesas nos princípios do Século XVII,*** p. 20, Lisboa, 1931.

6. BARTOLOMEU DE VASCONCELOS CUNHA. 24.º governador de Angola (Elias Alexandre, ***História de Angola,*** II, p. 237, Lisboa, 1927). A viúva, D. Juliana de Melo, de 50 anos, vivia em 1672, em Lisboa, "parenta do Justificante (João de Góes de Araújo) e de de seus pais, e filha de D. Serafina de Góes", alegou que a família dele "é muito honrada e nobre", T.T. ***Habil. à Ordem de Cristo,*** m. 76, n. 11.

## *OLIVEIRAS E CARVALHAES, MELOS E VASCONCELOS NA BAHIA*

Antônio de Oliveira de Carvalhal (1) foi o primeiro deste apelido ou cognome, que veio à Bahia. Em um manuscrito que vimos, se diz, que este Antônio de Oliveira, a quem acrescentam o segundo cognome de carvalhal, era filho de Heitor de Oliveira e de sua mulher D. Violante de Miranda, filha de Martim Afonso de Miranda e de sua mulher D. Isabel de Brito, que era filha de João Nunes de Caravalhal, ama do infante D. Fernando, Duque de Viseu, e filho del-rei D. Duarte. Mas do alvará de Sua Majestade, em que o nomeia cavaleiro fidalgo, que é o certo, consta, que era este Antônio de Oliveira filho de Simão de Oliveira, morador na vila de Extremoz, e irmão de Francisco de Oliveira, ao qual o sobredito rei já tinha concedido o mesmo foro, e foi passado este na forma seguinte.

Eu el-rei faço saber a vós Tomé de Souza do meu conselho, veador da minha casa, que Antônio de Oliveira, alcaide-mor da povoação de Pereira, nas partes do Brasil, filho de Simão de Oliveira, morador na vila de Extremoz, me pediu por mercê o quizesse tomar no foro e moradia de seu irmão Francisco de Oliveira, e por lhe fazer mercê, havendo respeito aos serviços, que me tem feito nas ditas partes, hei por bem, e me praz de tomar ao dito Antônio de Oliveira por cavaleiro fidalgo de minha casa, com mil e cem réis de moradia cada mês, e um alqueire de cevada por dia, quando tiver cavalo, pago segundo a orde-

nança de minha casa, com declaração que não há de haver casamento a respeito dos oitocentos réis, que o dito seu irmão tem de moradia de escudeiro fidalgo, segundo mostrou por certidão de Francisco de Siqueira, que ora por meu mandado serve de escrivão da matrícula dos moradores de minha casa; pelo que vos mando, que o façais assentar no livro da dita matrícula no título dos cavaleiros fidalgos com a dita moradia de cevada, e de como o fica assentado passará o escrivão da matrícula sua certidão nas costas deste, em que declarará a quantas laudas do dito livro fica o dito assento, e este lhe será tornado para ele obter para sua guarda. Diogo Lopes o fêz em Lisboa aos 10 dias de maio de 1554. Rei.

Deste alvará, que não tem dúvida, consta, que Antônio de Oliveira, de quem aqui se fala, não foi filho de Heitor de Oliveira, mas sim de Simão de Oliveira, morador na vila de Extremoz, e deste ajuizamos podia vir a Antônio de Oliveira o cognome segundo de Carvalhal; porque bem podia ser este Simão de Oliveira, irmão por parte de pai, de Heitor de Oliveira, este que o manuscrito que vimos dá por pai de Antônio de Oliveira e filhos ambos, assim Heitor de Oliveira, como Simão de Oliveira de João Mendes de Oliveira, o qual foi casado duas vezes, a primeira com D. Brites de Melo, filha de Vasco Martins de Melo, alcaide-mor de Évora e Castelo de Vide, e teve desta a Heitor de Oliveira e outros; segunda vez foi casado João Mendes de Oliveira com D. Isabel de Brito, filha bastarda de Heitor de Carvalhal, amo da rainha, D. Leonor, mulher de el-rei D. João II e desta sua segunda mulher podia ser filho Simão de Oliveira e por esta via, vir a seu filho Antônio de Oliveira, o cognome de Carvalhal, que não podia ter por via de Heitor de Oliveira, e para que melhor se entenda isto pomos aqui a seguinte árvore:

Joane Mendes de Oliveira foi casado duas vezes, a primeira com D. Brites de Melo, filha de Vasco Martins de Melo, e desta teve filho.

1. Heitor Mendes de Oliveira, como os mais.

Segunda vez casou Joane Mendes com com D. Isabel de Brito, bastarda, e desta teve, entre outros, filho.

2. Simão de Oliveira, que se segue adiante.

N. 1. Heitor Mendes de Oliveira, filho de Joane Mendes de Oliveira, casou com D. Violante de Miranda, e teve filhos.

3. Martim Afonso de Oliveira Miranda e outros.

N. 2. Simão de Oliveira, filho de Joane Mendes e de sua segunda mulher, teve filhos.

4. Francisco de Oliveira.

5. Antônio de Oliveira de Carvalhal, que se segue.

Antônio de Oliveira de Carvalhal, filho de Simão de Oliveira, como fica assentado, foi cavaleiro fidalgo, ao qual mandou el-rei D. João III no ano de 1551 por capitão-mor de uma armada à Bahia, governando Tomé de Souza. E



foi o primeiro alcaide-mor, como fica dito, na Bahia. Casou com D. Luzia de Melo de Vasconcelos, * filha de Froilo e Vasconcelos e de sua mulher D. Íria ou Éria de Melo, que era filha de Diogo de Melo da Cunha, de quem teve filhos:

1. Manuel de Melo de Vasconcelos, (2) que se segue.

2. Paulo de Carvalhal de Oliveira adiante. Batizado na Sé a 11 de julho de 1557.

3. Francisco de Melo de Carvalhal.

4. D. Helena de Melo, mulher de Duarte Moniz Barreto que já fica à fl. 121 e seguinte.

5. D. Maria de Vasconcelos, ** que ficou casada em Lisboa com Baltazar Pereira, (3) mercador em Lisboa, moço da câmara; destes foi filha, entre outras, D. Luzia, batizada na Sé da Bahia a 9 de agosto de 1587.

N. 1. Manuel de Melo de Vasconcelos, filho primeiro de Antônio de Oliveira, acima foi comendador na Ordem de Cristo, acompanhou a el-rei D. Sebastião e por alvará del-rei D. Filipe II de Castela e I em Portugal, que trasladamos, consta ao certo de seus serviços e prêmios.

D. Filipe, por graça de Deus, rei de Portugal, etc., como governador e perpétuo administrador que sou da ordem e cavalaria do mestrado de Nosso Senhor Jesus Cristo, a quantos esta minha carta virem, faço saber, que havendo respeito aos serviços de Manuel de Melo de Vasconcelos, e o ir com o Sr. rei D. Sebastião, meu sobrinho à África, e ser cativo na batalha de Alcácer: hei por bem, e me praz fazer-lhe mercê de vinte mil réis de tença em cada um ano, como é uso na dita ordem, que ora lhe mandei lançar, os quais terá e haverá de minha fazenda de treze dias do mês de agosto passado deste ano presente de 1582 em diante, em que lhe fiz esta mercê, e lhe serão assentados e pagos nas rendas da Bahia de Todos os Santos, nas partes do Brasil, aonde ao presente vai como o governador Manuel Teles Barreto; (4) pelo que mando ao almoxarife ou recebedor das ditas rendas, que ora e ao diante for, que dos ditos 13 dias de agosto deste presente ano em diante, dê e pague ao dito Manuel de Melo de Vasconcelos esses vinte mil réis de tença, cada ano, e lhe faça deles bom pagamento, aos quartéis, por esta só carta geral sem mais outra provisão, com declaração que o dito almoxarife ou recebedor lhe não fará pagamento desses vinte mil réis, o ano de 584, sem ele dito Manuel de Melo não apresentar certidão de Rui Dias de Meneses, fidalgo de minha casa, escrivão de minha fazenda, e das ordens, de como tem pago os três quartos desta tença, e tirado antes a certidão deles, registrado no livro da fazenda da

---

*Notas da R.I.H.G.B.*

* *Faleceu D. Luzia de Melo a 18 de dezembro de 1603. Sepultada na Sé.*

** *Batizada na Sé a 15 de abril de 1556.*

dita ordem, a qual certidão do dito almoxarife ou recebedor apresentará em sua conta, e pelo traslado dela, que terá registrada no livro de sua despesa pelo escrivão do seu cargo, e os conhecimentos do dito Manuel de Melo. Mando, que lhe sejam os ditos vinte mil réis levados em conta cada ano, que lhes assim pagar; e aos vedores da minha fazenda, que lhe façam assentar no livro da fazenda da ordem; por firmeza de tudo lhe mandei dar esta minha carta por mim assinada, e selada com o selo pendente da minha ordem. Dada na cidade de Lisboa aos 17 dias de setembro. Manuel Afonso a fez, ano do nascimento de Nosso Senhor Jesus-Cristo de 1582. E eu Diogo Velho a fiz escrever. *Rei*.

### *Certidão do mordomo-mor*

El-rei nosso senhor há por bem de fazer mercê a Manuel de Melo de Vasconcelos, que foi aposentador dos fidalgos, de o tomar por cavaleiro fidalgo da sua casa com mil e duzentos réis de moradia e havendo respeito aos serviços de seu pai e seus, e a se perder na batalha de Alcácer, e esta mercê lhe fez Sua Majestade a 9 de Abril de 1585. Em Lisboa a 16 de agosto do dito ano, na consulta que veio despachada.

### *Certidão*

Certifico eu Duarte Moniz Barreto, fidalgo da casa de Sua Majestade e alcaide-mor desta cidade do Salvador que é verdade, que Manuel de Melo de Vasconcelos, fidalgo da casa de Sua Majestade e cavaleiro da ordem de Nosso Senhor Jesus-Cristo, e seu filho Luiz de Melo de Vasconcelos, ambos assistiram nesta cidade no tempo do governador D. Francisco de Souza, e Álvaro de Carvalho, capitão-mor e Diogo Botelho Junior, governador, e em todas as ocasiões de guerra, que no dito tempo se sucederam, vindo a esta Bahia os inimigos holandeses, (5) etc.. Em 15 do mês de abril de 1611 anos. — Duarte Moniz Barreto.

N. 1. Manuel de Melo de Vasconcelos, este de quem aqui se trata, viveu em Cotegipe, termo da Bahia, casou com D. Francisca de Perada, filha de Henrique de Perada, à fl...., e de sua mulher Francisca de Siqueira Cabral, e teve filhos:

6. Antônio de Melo de Vasconcelos, que se segue.

7. Luiz de Melo de Vasconcelos, adiante. Batizado a 2 de maio de 1585.

8. D. Maria de Melo, segunda mulher, de André Cavalo de Carvalho à fl...

9. D. Arcângela de Melo, mulher de Francisco Betencourt, irmão de André Cavalo, batizada a 21 de janeiro de 1686.

10. Henrique de Perada, vigário em N. S. do Monte.



N. 6. Antônio de Melo de Vasconcelos, * filho de Manuel de Melo, n. 1, casou com D. Maria de Paiva, ** filha de Sebastião Barreto (6) e de sua mulher D. Ana da Fonseca, morou na freguesia de Matoim, e teve filhos.

11. Jorge de Melo de Vasconcelos, que se segue.

12. Inácio de Melo, adiante.

13. D. Lourença de Melo, (7) mulher de João Lopes de Paiva.

Sebastião e Henrique, que faleceram solteiros.

N. 11. Jorge de Melo, filho de Antônio de Melo, n. 6, casou com D. Isabel Cordeiro, a qual faleceu, *** já viúva, a 20 de julho de 1679, e teve filho:

14. Antônio de Melo de Vasconcelos, que se segue.

N. 14. Antônio de Melo de Vasconcelos, filho de Jorge de Melo, n. 11, casou com D. Inês Lobo, filha de André Monteiro e de sua mulher Vitória de Barros, (8) e não teve filhos. Segunda vez casou com D. Maria da Silva, ou Machado, filha de Antônio Belo da Silva, e de sua mulher Ana Machado, e teve desta segunda filha:

15. D. Luiza de Melo, mulher de Francisco de Macedo.

Francisco das Neves, diz o termo de seu casamento, que foi a 6 de fevereiro de 1690, à fl.... n. 11.

Terceira vez casou este Antônio de Melo, com D. Isabel Bárbara de Meneses, filha de Francisco da Costa (9) e de sua mulher D. Clemência Dória, e teve desta filhos:

16. José de Melo, Antônio e João de Melo.

17. D. Mariana de Melo, que casou com Antônio Moniz Barreto, o qual faleceu a 12 de outubro de 1692.

N. 12. Inácio de Melo de Vasconcelos, filho segundo de Antônio de Melo de Vasconcelos, n. 6, e de sua mulher D. Maria de Paiva, casou no Socorro com D. Filipa, ou Felícia Lobo de Barros, filha de Manuel Pinheiro de Carvalho, o velho, e de sua mulher D. Maria de Barros Lobo, à fl. ... n. 3.

18. Antônio de Melo, Manuel Pinheiro.

19. D. Catarina, mulher de Antônio de Sá Peixoto. (10)

20. D. Ângela, mulher de Domingos Rodrigues de Cachoeira.

N. 7. Luiz de Melo de Vasconcelos, (11) filho segundo de Manuel de Melo de Vasconcelos, n. 1, e de sua mulher D. Francisca Perada, foi coronel e casou quatro vezes, a primeira com D. Maria **** filha do Dr. Sebastião Cavalo de Carvalho e de sua mulher D. Maria de Betencourt, e teve filhos, à fl.... n. 2.

---

Notas da *R.I.H.G.B.*

* *Faleceu a 12 de junho de 1653, sepultado na matriz de Matoim.*
** *Faleceu esta a 28 de janeiro de 1642, sepultada em Matoim.*
*** *Sepultada na matriz de Matoim.*
**** *Casou com esta em 16 de abril de 1606.*

21. Cristóvão de Melo de Vasconcelos, que se segue.

22. Bartolomeu de Vasconcelos, adiante.

23. Francisco de Vasconcelos de Melo, ao depois.

24. D. Serafina, mulher de Martim de Freitas de Oliveira, à fl....

D. Inês de Melo e D. Filipa de Sá.

Segunda vez casou Luiz de Melo de Vasconcelos com D. Antônia Garcez de Oliva , filha de João Garcez (12) e de sua mulher Vitória de Oliva,* e teve filhos.

25. Luiz de Melo de Vasconcelos, ** adiante.

26. D. Luiza de Melo, mulher de Pedro de Góes de Araújo.

27. D. Filipa, mulher de Antônio Homem de Almeida. (13)

Joaquim de Melo e D. Teresa, que faleceram solteiros.

Terceira vez casou Luiz de Melo, acima, com D. Luiza Dória, filha de Brás da Silva, (14) sem filhos, casaram a 12 de junho de 1645. Faleceu este Luiz de Melo a 28 de fevereiro de 1668, e sepultou-se no Carmo.

Quarta vez casou o mesmo, com D. Bernarda Coutinho, filha de Francisco Pinheiro Coutinho, e também não consta ter filhos.

N. 21. Cristóvão de Melo de Vasconcelos, filho primeiro de Luiz de Melo de Vasconcelos, n. 7, e de sua 1.ª mulher D. Maria Cabral de Carvalho, casou no Rio de Janeiro com D. Antônia Pereira Lobo, filha de Sebastião Lobo Pereira, e teve filhos.

28. Sebastião Pereira de Melo, que casou na Bahia com D. Luzia da Cruz, diz outro assento, Luzia de Azevedo, filha de Sebastião Paes, irmã de Aleixo Paes de Azevedo, sem filhos.

29. Paulo Pereira de Melo, que casou com D. Antônia de Meneses, filha de Martim Afonso de Mendonça, sem filhos.

30. Antônio de Melo, Pedro de Melo; D. Isabel de Vasconcelos.

31. D. Serafina de Vasconcelos, adiante.

N. 23. Francisco de Melo de Vasconcelos, (15) filho terceiro de Luiz de Melo de Vasconcelos, n. 7, e de sua primeira mulher D. Francisca de Perada, casou na Bahia com D. Ângela Soares Barbosa, filha de Jácome Barbosa de Amorim, e de sua mulher Isabel Soares, teve filhos.

32. Jácome Barbosa, (16) que faleceu solteiro, Luiz de Melo, Francisco Xavier de Vasconcelos, João Barbosa e D. Águeda, mulher de Cristóvão Alberto, à fl....

---

*Notas da R.I.H.G.B.*

* *Casou com esta a 3 de julho de 1624.*

** *Aos 3 de abril de 1631, batizei a Antônio, filho de Luiz de Melo de Vasconcelos e de D. Leonor sua mulher.*



N. 25. Luiz de Melo de Vasconcelos, (17) filho primeiro de Luiz de Melo de Vasconcelos, n. 7, e de sua segunda mulher D. Antônia Garcêz de Oliva, foi também coronel, como seu pai, casou a primeira vez com D. Águeda de Meneses, filha de Francisco Barreto de Meneses, à fl...., n. 14, em Mataripe, e teve filhos.

33. Luiz de Melo, que faleceu a 20 de julho de 1722.

E D. Isabel de Melo.

Segunda vez casou este Luiz de Melo com D. Margarida Teles de Meneses, ou Betencourt, * (18) filha de Marcos de Betencourt e de sua mulher D. Ângela de Meneses, à fl...., e teve filhos.

34. Marcos de Betencourt, D. Antônia — D. Ângela e Vasco de Melo, casado com uma filha de Antônio Rabelo, (19) de quem teve um filho por nome Francisco, e por morte desta casou com uma mulata, à fl.... n. 43.

---

1. ANTÔNIO DE OLIVEIRA CARVALHAL. "O ano seguinte de 1551 mandou el-rei outra armada, e por capitão dela Antônio de Oliveira Carvalhal para alcaide-mor de vila velha, com muitas donzelas da rainha D. Catarina e do mosteiro das órfãs, encarregadas ao governador para que as casasse, como o fez", Fr. Vicente do Salvador, ***História do Brasil,*** 3.ª ed., p. 155. Cavaleiro fidalgo, com 1$100 de moradia por mês, 10 de maio de 1554, ***Anais da B.N.,*** v. 36, doc. 21.442, casou na Bahia, 11 de julho de 1557, com D. Luiza de Melo, cf. ***Denunciações do Santo Ofício,*** 1591, p. 342, natural da ilha Graciosa, filha de Tróilo de Vasconcelos e D. Iria de Melo, com 26 anos (confessou em 1591 ter 60). Construiu engenho de açúcar em Escada, aquem da Praia Grande, Gabriel Soares, ***ibid.,*** p. 132. Comprou-lhe este a terra "valada no caminho da Vila Bela", "da outra banda", que doou, em testamento (1684) aos beneditinos.

2. MANUEL DE MELO DE VASCONCELOS. Depois da batalha de Alcácer Quibir, armado cavaleiro da Ordem de Cristo, 6 de setembro de 1582, vencendo tenca de 20$, andou alguns anos pelas Índias de Castela, entre 1585 e 1591, ***Confissões da Bahia,*** p. 67, ficando sua mulher D. Francisca na fazenda que tinham no Jaguaripe. Seu irmão cônego Bartolomeu de Vasconcelos, declarou que estava em "Cusco no Peru", ***Denunciações de 1591,*** p. 380. Sua irmã, Maria de Vasconcelos, era casada com Manuel de Miranda.
Ainda na ***Folha Geral do Estado*** de 1626 aparece a receber os 20$ da tenca, ***Doc. Hist.***, XV, p. 33.

3. BALTAZAR PEREIRA. Depondo perante o Santo Ofício em 1591, disse "ser natural de Ponte de Lima, filho de Gabriel Rodrigues já defunto e Isabel Dias já defunta, casado com dona Maria de Vasconcelos de idade até 50 anos", ***Denuncia-***

---

*Nota da R.I.H.G.B.*

* *Casaram em casa a 2 de maio de 1679, com licença em Coiegipe, e tomaram as bençãos a 4 de outubro de 1680.*

***ções,*** p. 295. Comprou o engenho de Afonso de Torres, em Matoim, que vendeu a Antônio Vaz, Gabriel Soares, ***ibid.,*** p. 134. "...Este negro feiticeiro ele denunciante o vendeu a Antônio Vaz de Matoim quando lhe vendeu o engenho", ***Denunciações*** cit., p. 295. "...Dona Maria Mulher de Baltazar Pereira", ***Denunciações,*** p. 357.

4. Nomeado a 30 de setembro de 1582, trouxe o governador Manuel Teles Barreto (Irmão de Antônio Moniz, que governou a Índia) o jesuíta Pe. Fernão Cardim. Veja-se deste ***Narrativa Epistolar,*** ed. de Rodolfo Garcia, p. 281 e seguintes. Saíram de Lisboa a 5 de março de 1583, nossa ***História do Brasil***, ed. de José Olympio, II, p. 387.

5. É o episódio que conta Fr. Vicente do Salvador, ***Hist. do Brasil,*** pp. 374 — 376. Ocorreu na ante-véspera do Natal de 1599 (aliás confundiu a aparição dos holandeses em 1599 com a de 1604, a sua capitânea, a nau ***Jardim de Holanda***). Governava Álvaro de Carvalho, na ausência de D. Francisco de Souza, que fora atender às capitanias do sul.

6. SEBASTIÃO BARRETO. Filho de Baltazar Fernandes e Catarina Ribeiro, era natural de Fronteira em Alentejo. Depondo, em 1591, declarou ter 30 anos, "morador em Matoim freguesia de N. S. da Piedade, que vive por sua fazenda", casado com Jerônima de Paiva, ***Denunciações da Bahia,*** p. 415. Nas ***Denunciações*** de 1618 resurge, morando na enseada de Jacarecanga, com lavoura de canas. A mulher era sobrinha de Antônio da Fonseca, "dos da governança da cidade", ***Denunciações*** cit., p. 462.

7. D. LOURENÇA DE MELO. Tia de Antônio da Silva Pimentel, em 1615 D. Lourença de Melo, por sua devoção ao padre Anchieta, obteve várias curas, registradas pelo Pe. Simão de Vasconcelos, ***op. cit.,*** p. 361.

8. Veja-se ***tít. Monteiros***, onde não há referência a Inês Lobo.

9. FRANCISCO DA COSTA. Veja-se tít. ***Dórias***.

10. Filha: Mariana, casada com Inácio Carneiro de Meneses, sem descendência, falecida em 1750, ***L. de Óbitos de Santo Amaro***, arq. da Cúria.

11. LUIZ DE MELO DE VASCONCELOS. Capitão da Ordenança da Cidade em substituição do irmão Francisco (adiante), agosto de 1657, ***Doc. Hist.***, v. 31, p. 205. Enviuvando, casou com "mulher de nação" (cristã nova), foi expulso da Irmandade da Misericórdia na Bahia, 5 de junho de 1679, ***Livro de Termos***, ms. no respectivo arquivo, em que entrara quinze anos antes. Chegou a coronel dos distritos e arrabaldes da Cidade, depois de 31 anos de capitão e sargento-mor, 7 de abril de 1700, Arq. Públ. da Bahia, ***Registro de Patentes de 1697 a 1703***, fl. 127.

12. JOÃO GARCEZ. "Disse ser cristão velho natural do Porto, filho de Pantaleão de Freitas defunto e de sua mulher Catarina Garcez na dita cidade do Porto moradora, casado com Madelena Pinheira, cristã velha, de idade 37 anos, cidadão da cidade do Porto morador ora nesta cidade e nela também cidadão", ***Denunciações da Bahia***, 1591, p. 465.



13. ANTÔNIO HOMEM DE ALMEIDA. Filho de Goncalo Homem de Almeida, de quem já tratamos, José Goncalves Salvador, ***op. cit.***, p. 226. Casado em 2as núpcias com Inês da Costa, teve filhos, Ana e José, batizados em 1703 e em 1705 na matriz de Santo Amaro de Itaparica, ***L. de Batizados*** dessa freguesia, 1686-1745, arq. da Cúria.

14. BRÁS DA SILVA. O mesmo? No Conselho Ultramarino, relação dos serviços de Brás da Silva, de 1647 a 1673. Aí se diz que, embarcando na armada do conde de Vula Pouca passou ao Brasil (1647), entrou na expedição que correu a costa, lutou com os holandeses, foi aprisionado, remetido para o Recife, libertado, e tornou a Portugal em 1650, Arq. Hist. Ultr., ***Serviços de partes,*** cxa. 1, n. 744.

15. FRANCISCO DE MELO DE VASCONCELOS. Capitão, deu baixa por doente, em 1657 substituiu-o o irmão, Luiz de Melo de Vasconcelos.

16. JÁCOME BARBOSA. Capitão do Regimento do cornel Pedro Camelo Pereira de Aragão, em 1687, ***Doc.Hist.,*** v. 32, p. 247.

17. LUIZ DE MELO DE VASCONCELOS. Recebeu o hábito de avís em 1655 por serviços prestados na Bahia. Capitão de ordenança nesta cidade em 1657, ***Documentos Históricos,*** v. 31, p. 205.

18. MARCOS DE BETANCOURT. Mulher de Marcos de Betancourt, morreu em 1771 Antônia Maria dos Anjos, de idade de mais de 40 anos, ***L. de Óbitos da Penha,*** 1772-1806, arq. da Cúria.

19. ANTÔNIO RABELO. Natural da ilha de São Miguel, casado em Santo Antônio além do Carmo a 26 de março de 1714, ***L. de Batizados*** dessa freguesia, arq. da Cúria, com Arcângela Pereira, da vila da Cachoeira. Outra filha, Antônia, casou com Lourenço Furtado de Mendonça, viúvo de Maria de Freitas, em 1738, ***L. de Óbitos e Casamentos da vila de S. Francisco, 1729-1810***, arq. da Cúria.

## *OLIVA E FREITAS*

N. 24. D. Serafina, filha de Luiz de Melo de Vasconcelos, n. 7, e de sua mulher D. Francisca de Perada, casou com Martim de Freitas de Oliva, * e teve filhos:

35. Francisco de Freitas, capitão de infantaria, ao qual mataram os Britos.

36. D. Úrsula, mulher de Antônio de Couros Carneiro, (1) capitão-mor dos Ilhéus, e por morte desta casou Antônio de Couros outra vez com D. Joana, filha de Melchior da Fonseca Saraiva.

---

*Nota da R.I.H.G.B.*

* *Casaram a 28 de janeiro de 1629.*

37. D. Josefa de Melo e Francisco de Oliva.

Segunda vez casou Martim de Freitas de Oliva com D. Joana, filha de Melchior da Fonseca Saraiva.

38. Martim de Freitas, que mataram moço, João de Oliva de Melo.

N. 36. D. Úrsula, filha de Martim de Freitas de Oliva e de sua mulher D. Serafina, casou com Antônio de Couros Carneiro, capitão-mor dos Ilhéus, e teve filha:

39. D. Inês de Melo, que se segue.

N. 39. D. Inês de Melo, (2) filha de D. Úrsula, n. 36, e de seu marido Antônio de Couros Carneiro, casou com Tomé Pereira de Meneses, à fl.... n. 9 e era já viúva esta D. Inês de Gaspar de Vargas Cirne, e Tomé Pereira também viúvo de D. Ângela de Meneses, filha de Vasco de Souza e de sua mulher D. Vitória de Meneses, que era irmã de Jerônimo Moniz Barreto, genro de Antônio Ferreira de Souza. Desta D. Inês e de seu segundo marido Tomé Pereira foi filha:

40. D. Joana de Meneses. (3)

N. 22. Bartolomeu de Vasconcelos filho segundo de Luiz de Melo de Vasconcelos, n. 7, e de sua primeira mulher D. Maria, casou no Rio de Janeiro com D. Inácia Pereira Lobo, filha de Sebastião Lobo Pereira, e teve filho:

10. Manuel de Melo de Vasconcelos, que faleceu solteiro.

N. 34. Vasco de Melo de Vasconcelos, (4) filho do coronel Luiz de Melo de Vasconcelos e de sua segunda mulher D. Margarida Teles de Meneses, foi casado com D. Isabel Teles de Meneses, * filha de Antônio Rabelo de Macedo, à fl.... n. 39, e de sua mulher D. Mariana Monteiro; ibi, n. 33: e teve filhos:

41. Francisco de Melo de Vasconcelos, (5) que se segue.

N. 41. Francisco de Melo de Vasconcelos, filho de Vasco de Melo de Vasconcelos e de sua mulher D. Isabel Teles de Meneses, casou com D. Inácia de Araújo de Góes, filha de Inácio de Araújo de Góes e de sua mulher D. Maria de Souza, e teve filha:

42. D. Francisca de Vasconcelos. (6)

N. 92. D. Águeda de Melo, filha do capitão Francisco de Melo de Vasconcelos, à fl...., e de sua mulher D. Ângela Barbosa, ou Soares, casou com Cristóvão Alberto de Castelo Branco, ** já viúvo, e filho do capitão Marcos Alberto e de D. Antônia, natural da cidade de Lisboa.

N. 34. Marcos de Betencourt Vasconcelos, (7) filho do coronel Luiz de Melo de Vasconcelos e de sua segunda mulher D. Margarida Teles de Meneses, à fl...., n. 25, e 34, foi capitão, e casou com D. Úrsula Teles de Meneses, * natural do Monte, filha do sargento-mor Antônio Moniz Barreto e de sua mulher D. Arcângela de Melo Vasconcelos, dispensados no 4.º grau dobrado, misto com o 3.º de consangüinidade.

N. 2. Paulo de Carvalhal de Oliveira, (8) filho segundo de Antônio Oliveira de Carvalhal, primeiro alcaide-mor da Bahia, e de sua mulher D. Luzia de Melo de Vasconcelos, ** como fica acima, casou na Bahia com D. Francisca de Aguiar de Espínola, filha de Cristóvão de Aguiar de Altro, a quem chamavam o velho, à fl...., n. 3, e teve filhos:

1. Francisco de Carvalhal de Oliveira, que se segue.

2. Bartolomeu de Vasconcelos de Oliveira, adiante.

3. D. Maria de Vasconcelos, mulher de Gaspar de Araújo de Góes, à fl.... Casada a 8 de setembro de 1630.

4. D. Catarina de Vasconcelos, mulher de Amador Dias Canal. Batizada a 23 de janeiro de 1604. Casou a 22 de maio de 1633 em Cotegipe.

D. Iria de Vasconcelos, mulher de Paulo Mendes Escobar. Batizada a 23 de julho de 1591.

N. 1. Francisco de Carvalhal de Oliveira, acima, cavaleiro fidalgo casou com D. Maria de Meneses, *** filha de Gaspar Pereira, o velho, à fl...., n. 8 e de sua mulher D. Ângela de Meneses, sua segunda mulher, e teve filhos:

5. João de Carvalhal de Oliveira de Vasconcelos, como se acha em papéis autênticos, que se segue.

6. Paulo de Carvalhal de Oliveira, adiante.

7. Gaspar Teles de Meneses, ao depois.

8. D. Francisca de Meneses, mulher de Lucas Pinto Coelho, filho de Sebastião Soares Pinto, à fl...., n. 1. Casaram a 7 de maio de 1657.

N. 6. João de Carvalhal de Oliveira, **** (9) filho primeiro de Francisco de Carvalhal de Oliveira, n. 1, e de sua mulher D. Maria de Meneses, casou com D. Joana Soares, irmã de Lucas Pinto Coelho, (10) filha de Sebastião Soares Pinto, (11) e teve filhos, à fl...., n. 2. Casaram a 5 de julho de 1649.

9. Fernandes Teles, (12) que casou com D. Águeda Barbosa, filha de Baltazar de Amorim e de sua mulher D. Ângela de Souza, sem filhos.

10. José de Melo, que casou com D. Maria de Meneses, filha de Ângelo de

---

*Notas da R.I.H.G.B.*

* *Faleceu D. Isabel a 29 de maio de 1725. Sepultada na igreja de Matoim da grade para dentro.*

** *Casaram em 27 de novembro de 1686, na capela de S. Jerônimo em Cotegipe.*



*Notas da R.I.H.G.B.*

* *Casaram a 28 de agosto de 1728, na capela de Nossa Senhora da Conceição.*

** *Faleceu esta a 17 de julho de 1633. Sepultada na Capela de S. Antônio de Custódio Nunes.*

*** *Casaram a 4 de julho de 1632.*

**** *Faleceu este a 18 de junho de 1672. Casado com D. Joana Soares, diz o assento de seu enterro; ele dá o último apelido de Vasconcelos. Teve mais este João de Carvalhal n. 6, sua filha Francisca. Veja-se à fl. n. 3, à margem.*

Araújo e de sua mulher D. Isabel de Meneses, filha de Gaspar Pereira de Meneses, e teve filha D. Isabel.

11. Manuel de Carvalhal de Oliveira, que casou com D. Ângela de Meneses a 13 de setembro de 1693, filha de Ângelo de Araújo (13) e de sua mulher D. Isabel de Meneses, filha de Gaspar Pereira de Meneses, e teve filhos: José de Carvalhal de Oliveira, D. Luzia e D. Apolônia. (14)

12. Brites, batizada ao 1.º de junho de 1628. Veja-se à fl...., n. 24.

12. D. Maria (15) mulher de João de Almeida e de Tomé Teles de Barbuda e depois de Francisco de Araújo, filho de Ângelo de Araújo, à fl...., e teve filhos, D. Clara e D. Brites, mulher de Manuel de Araújo, filho de Ângelo de Araújo, fl...., n. 14.

12. D. Clara de Melo de Vasconcelos, mulher de Manuel Rodrigues de Meneses, sem filhos.

N. 6. Paulo de Carvalhal de Oliveira, (16) filho segundo de Francisco de Carvalhal de Oliveira, n. 1, e de sua mulher D. Maria de Meneses, casou com Apolônia Pereira, * filha de Bento Monteiro e de sua mulher D. Suzana Pereira, filha de João da Rocha de Andrade e de sua mulher D. Marta Pereira, e teve filhos:

13. João de Carvalhal de Oliveira, (17) que casou com D. Ângela de Meneses, filha de Manuel Pacheco Freire, e de D. Ângela de Meneses, sem filhos.

14. Francisco Teles de Meneses, que casou com D. Teresa de Meneses, filha do sobredito Manuel Pacheco Freire e de sua mulher D. Ângela de Meneses, acima, sem filhos.

16. Lourenço de Carvalhal de Oliveira que casou com D. Leonor Baldes, (18) viúva de Matias Barbosa. Batizado a 16 de agosto de 1672.

16. José de Carvalhal Oliveira, que se segue. Batizado a 13 de janeiro de 1669.

17. D. Antônia, batizada a 29 de janeiro de 1667, D. Maria, D. Marta e D. Isabel.

N. 15. José de Carvalhal de Oliveira, filho de Paulo de Carvalhal, n. 6, e de sua mulher D. Apolônia Monteiro Pereira, casou com D. Maria Caetana de Vasconcelos, (19) filha de Matias Barbosa, fidalgo cavaleiro, e de sua primeira mulher D. Leonor Baldes, o qual Matias Barbosa era filho de Pedro Barbosa, Fidalgo da Casa Real, e neto de Simão Barbosa, também Fidalgo da Casa Real; e teve o dito Matias Barbosa, acima, o título de fidalgo cavaleiro com vinte mil réis de moradia e um alqueire de cevada por dia por alvará del-rei de

*Nota da R.I.H.G.B.*

* *Faleceu D. Apolônia a 11 de junho de 1674.*



21 de novembro de 1687. De José de Carvalhal e de sua mulher D. Maria Caetana foram filhos:

18. Francisco Teles de Carvalhal Vasconcelos, que se segue.

N. 18. Francisco Teles de Carvalhal Vasconcelos, filho de José de Carvalhal de Oliveira e de sua mulher D. Maria Caetana de Vasconcelos, casou com D. Ana Maria de Jesus, a qual era filha bastarda do capitão de infantaria da praça da Bahia, Ambrósio Álvares Caranha, e neto do capitão de infantaria Manuel Fernandes, (20) da ilha de São-Miguel, casado com Natália de Almeida, filha de Domingos de Almeida (21) e de sua mulher Catarina Correa, natural de Vila Velha da Bahia, e bisneta a dita D. Ana Maria de Jesus de Manuel Fernandes, da sobredita ilha de São-Miguel, e de sua mulher Bárbara Teixeira. De Francisco Teles de Carvalhal, acima, e de sua mulher D. Ana Maria de Jesus são filhos:

19. José Teles de Carvalhal. (22)

20.

21.

N. 2. Bartolomeu de Vasconcelos, filho segundo de Paulo de Carvalhal de Oliveira, à fl.... n. 2, e de sua mulher D. Francisca de Aguiar de Espinosa, foi casado com D. Luiza Pacheco, a qual era irmã inteira do padre Frei Antônio dos Anjos, religioso do Carmo, e do capitão Francisco Fernandes Pacheco, que serviu a Sua Majestade de capitão de infantaria na Bahia, e filhos estes três de Francisco Fernandes Pacheco e de sua mulher D. Violante de Araújo, à fl...., n. 1. Deste Bartolomeu de Vasconcelos e de sua mulher D. Luiza Pacheco foi filha:

22. D. Maria de Vasconcelos, que casou com Mateus de Aguiar Daltro, e a sua descendência vai à fl.... n. 7.

*Nota.* — A este Bartolomeu de Vasconcelos chamaram o Má-pele, porque concorreu com seu pai Paulo de Carvalhal para a cruel morte, que este fez a Francisco de Barbuda, o velho, mandando-o abrir pelas costas de alto a baixo, com um machado, pela qual morte foi Paulo de Carvalhal degolado na Bahia, com cadeia no pé, a 7 de outubro de 1614, e o filho, ainda que se livrou da morte, ficou com o apelido de Má-pele.

N. 7. Gaspar Teles de Carvalhal, * (23) filho de Francisco de Carvalhal de Vasconcelos, n. 1, e de sua mulher D. Maria de Meneses, casou com D. Benta de Sá, ** ou de Oliva, filha legítima de André Cavalo, o velho, e de sua mulher D. Margarida de Betencourt de Sá, o qual André Cavalo era filho de Sebastião

*Notas da R.I.H.G.B.*

* *Faleceu a 18 de outubro de 1677. Sepultado em São Francisco. Foi casado primeiro com D. Margarida de Góes, filha de João de Araújo de Siqueira e de D. Maria de Meneses, e teve filha D. Ana de Vasconcelos, casada com João de Oliva Garcez.*

** *Casaram a 17 de março de 1674 em Cotegipe.*

Cavalo de Carvalho, (24) o primeiro ouvidor que el-rei mandou a esta terra, à Bahia, e de sua mulher Margarida de Betencourt de Sá; de Gaspar Teles de Meneses e sua mulher D. Benta foi filha:

23. D. Maria de Vasconcelos de Meneses, que se segue.

---

1. Veja-se ***tít. Couros Carneiro.***

2. D. INÊS (DE VASCONCELOS CORTE-REAL). Viúva de Tomé Pereira de Meneses, natural de Cairu e moradora na freguesia do Monte, faleceu a 27 de junho de 1724, deixando por testamenteiro o genro Manuel de Magalhães de Azevedo e o remanescente dos bens à filha D. Joana Maria de Vasconcelos e ao neto Paulo de Vargas (***L. de Óbitos do Monte,*** arq. da Cúria).

3. D. JOANA (MARIA FR. VASCONCELOS CORTE-REAL). Casou a 7 de janeiro de 1726 com Elias de Souza Salgado.***Livro de Casamento do Monte,*** arq. da Cúria.

4. VASCO DE MELO DE VASCONCELOS. Casou em 28 de novembro de 1721 com D. Isabel Teles de Meneses, ***Anais da B. N.,*** v. 36, p. 324, filha de Inácio de Araújo Góes e D. Maria de Souza.

5. FRANCISCO DE MELO DE VASCONCELOS. Sargento-mor de Porto Seguro, reformado em 1771, de seu casamento com D. Inácia Teles Araújo Góes (adiante), teve filhos: D. Ângela da Encarnacão, que casou com Francisco Cardoso Pereira (1731), nascido em 1699, filho de José Cardoso Pereira e D. Úrsula da Fonseca. N.1. D. Francisca de Melo e Vasconcelos d'Aguiar Daltro, casada em 1775 com Joaquim Vitório Pereira. Biblioteca Nacional. 1. Francisco Cardoso de Melo e Vasconcelos, nascido em 1782, que em 1805 obteve justificação de nobreza, (BN 2 — Antônio Cardoso Pereira de Melo, casado com D. Felicidade Perpétua Cardoso de Melo Lacerda. TN. Joaquim Cardoso Pereira de Melo, em 1878, capitão tenente da marinha, em São Luis do Maranhão, requereu o brasão que lhe correspondia, Arquivo Nacional, ***Catálogo da Exposição de modelo de brasões*** etc., Diretor, Pedro Moniz de Aragão, p. 85, Rio, 1965). BN 3. Cônego José Cardoso Pereira de Melo, membro da junta de governo da Bahia em 1822, que abandonou, aderindo à causa brasileira, nosso ***A Bala de Ouro,*** p. 101, Bahia, 1947.

6. D. FRANCISCA DE VASCONCELOS. Mulher de José Carlos d'Eca, tesoureiro na vila de Cairu, ***Doc.Hist.,*** v. 83, p. 163. — Outra filha: D. Ângela da Encarnacão de Vasconcelos, casada com Francisco Cardoso Pereira, cuja filha, Francisca de Melo e Vasconcelos d'Aguiar Daltro, casou em 1775 com Joaquim Vitório Pereira, nascido em 1749, ***Anais da B. N.,*** v. 36, p. 322, como ficou dito.

7. MARCOS DE BETENCOURT VASCONCELOS. Capitão da Ordenança da rua Direita na Cidade, Regimento de Sebastião da Rocha Pita, 19 de abril de 1700, Arq. Públ.da Bahia, ***Registro de Patentes de 1697 a 1703,*** fl. 128 verso; capitão do forte de São Bartolomeu, 1717, ***Anais do Arq.Públ.da Bahia,*** v. 31, p. 332, "pessoa da principal nobreza desta terra".

8. PAULO DE CARVALHAL DE OLIVEIRA. Nasceu em 1557, ***Anais de B.N.,*** v. 36, doc. 21. 441.



9. JOÃO DE CARVALHAL DE OLIVEIRA. Casou em 5 de julho de 1649.

10. LUCAS PINTO COELHO. Faleceu em Paripe, a 29 de julho de 1714, D. Francisca de Vasconcelos, mulher de Lucas Pinto Coelho, natural daquela freguesia, ***Livro*** da freguesia de Paripe, arq. da Cúria.

11. SEBASTIÃO SOARES PINTO. D. Joana Soares era filha de Sebastião Soares Pinto e Maria Borges, ***Anais da B. N.***, v. 37, doc. 21. 439.

12. FERNANDO TELES DE CARVALHAL. Nasceu em Cotegipe; casou com D. Mariana Antônia de Vasconcelos (talvez em segundas núpcias), cf. ***Livro de Óbitos da Sé,*** 1634-62, fl. 17 verso; faleceu na Bahia em 20 de maio de 1637.

13. ÂNGELO DE ARAÚJO. O sogro de Manuel de Carvalho chamava-se Ângelo de Araújo da Mota, alferes da companhia de cavalos da Bahia, 8 de setembro de 1657, ***Doc.Hist.,*** v. 19, p. 256. — O casamento foi a 13 de setembro de 1693. A 2 de fevereiro de 1711 morreu em Paripe Francisco de Araújo Mota, filho do Ângelo e sua mulher D. Maria de Meneses, ***ms. arq. da Cúria.***

14. APOLÔNIA. Batizada a 14 de novembro de 1694, D. Apolônia de Meneses e Vasconcelos casou com André Cavalo de Carvalho, 3.º, filho de Filipe Garcão de Oliva e D. Maria Girão, a 5 de outubro de 1710.

15. D. MARIA (DE MENESES). Morreu em Paripe a 20 de setembro de 1716, declarando no testamento ter sido casada três vezes, com João de Almeida, Tomé Teles de Barbuda e Francisco de Araújo da Mata dos Reis. "Não teve filho algum". Herdeiro, o sobrinho José de Melo, testamenteiros, com o cunhado Manuel de Araújo Teles, ***Livro de Óbitos da freguesia de Paripe,*** arq. da Cúria.

16. PAULO DE CARVALHAL DE OLIVEIRA. Realmente, como anotou Fr. Jaboatão, está no ***L. de Óbitos*** de Paripe, arq. da Cúria, o de "Dona Pelônia, mulher de Paulo Carvalhal", a 11 de junho de 1674. Fez testamento e foi sepultada na matriz da freguesia.

17. JOÃO DE CARVALHAL DE OLIVEIRA. 2.º. Eleito almotacé da Câmara, "por ser filho de Paulo de Carvalhal de Oliveira que foi cidadão desta cidade e concorrerem nele todas as partes necessárias assim em qualidade como em procedimento", 30 de janeiro de 1685, ***Atas***, I, p. 14.

18. LEONOR DE BALDES. Casada com Matias Barbosa de Vasconcelos. Filha, Maria Caetana de Vasconcelos, abaixo.

19. MARIA CAETANA DE VASCONCELOS. Morreu viúva, a 17 de setembro de 1731, aos 50 anos de idade. Sepultada na capela de N. S. do Desterro do Engenho Velho de Traripe. O registro de óbito (***Santo Amaro***, 1727-1795, arq. da Cúria) menciona duas filhas, Joana e Leonor, mulher de Francisco Barbosa de Sá.

20. MANUEL FERNANDES. Parece ser Manuel Fernandes, capitão de forasteiros em Porto Seguro, confirmado pelo Rei capitão da Ordenanca do rio das Caravelas, 23 de janeiro de 1689, Arq. Públ. da Bahia, ***Patentes de 1684 a 1697***, fl. 148 v., promovido a ajudante do sargento-mor, com 26 anos de servico, a 17 de janeiro de 1701, ***Patentes de 1696 a 1703***, fl. 242 verso.

21. DOMINGOS DE ALMEIDA. Com esse nome aparece um lavrador, queixoso de Pedro Homem, ***Denunciações da Bahia***, p. 257.

22. FRANCISCO TELES DE CARVALHAL. Do ***Livro de Irmãos*** da Santa Casa consta, deixou dois filhos, nela admitidos a 15 de marco de 1765, alferes José, casado com Maria Angélica da Silva, e Francisco Teles Carvalhal Meneses, casado com Maria Joaquina, filha do capitão Antônio Leitão Arnoso.

23. GASPAR TELES DE CARVALHAL. Capitão da Ordenança de Pirajá e Paripe, 20 de abril de 1663, ***Doc. Hist.***, v. 31, p. 295, renunciou ao posto em 1663, ***Doc. Hist.***, XI, p. 440.

24. Veja-se ***tít. Cavalos e Carvalhos.***





N. 23. D. Maria de Vasconcelos de Meneses, filha de Gaspar Teles de Meneses de Carvalhal e de sua mulher D. Berta de Oliva, foi casada com o doutor Francisco Teles de Meneses, ou Barreto, (1) filho de D. Filipa de Meneses e de seu marido Sebastião de Torres, (2) à fl...., n. 4, e desta D. Maria de Vasconcelos e seu marido o doutor Francisco Teles Barreto foram filhos:

24. Francisco Teles Barreto.

25. O capitão Miguel Teles Barreto, que se segue.

N. 25. Miguel Teles Barreto, (3) este aqui foi casado com D. Maria de Burgos de Meneses, filha de Francisco Teles de Meneses e de sua mulher D. Francisca de Vasconcelos. Todo o referido aqui, e acima se acha no termo de seu casamento assim: Aos 22 de fevereiro de 1741, recebí ao capitão de cavalaria Miguel Teles Barreto, filho do doutor Francisco Teles Barreto e de sua mulher D. Maria de Vasconcelos de Meneses, com D. Maria de Burgos de Meneses, filha de Francisco Teles de Meneses e de sua mulher D. Francisca de Vasconcelos. O vigário Inácio Jardim.

N. 1. Baltazar Lobo, * filho de Pedro Dias de Figueiró e de sua mulher Felícia Lobo, casou com D. Ana de Gamboa, filha de Martim Afonso Moreira e de sua mulher D. Luzia Ferreira, casou e teve filha única:

5. D. Antônia Lobo, que casou com Francisco de Vasconcelos, (4) à fl.... e começa em fl.... n. 3.

N. 4. Pedro Dias de Figueiró, ** (5) natural da cidade do Porto, freguesia de S. Pedro de Miragaia, era filho de Gonçalo Álvares e de sua mulher Bárbara Dias, passou à Bahia, donde foi mercador muito rico, e nela casou com Felícia Lobo, filha de D. Catarina Lobo Barbosa de Almeida e de seu marido Gaspar de Barros de Magalhães, na fl.... diante, e foi este Pedro Dias seu primeiro marido, do qual teve filhos:

1. Baltazar Lobo, que se seguiu acima, n. 1. Batizado na Sé a 29 de abril de 1584.

2. Bárbara, batizada na Sé a 3 de setembro de 1585. Padrinhos seu sogro André Monteiro e sua cunhada Inês de Barros, diz o assento.

3. Pedro, batizado na Sé a 1.º de novembro de 1587. Faleceu este a 11 de janeiro de 1618, sepultado na Sé. Testamenteiro seu padrinho Paulo de Argolo.

4. Frei Gonçalo de S. Antônio, professo no convento de S. Francisco da Bahia a 13 de junho de 1610, em idade de 18 anos.

---

*Notas da R.I.H.G.B.*

* *Faleceu este a 27 de janeiro de 1628.*

** *Assim o diz o assento de seu casamento, que foi a 4 de novembro de 1582, na Sé.*

1. FRANCISCO TELES BARRETO. Da Bahia, filho de Sebastião de Torres, bacharelou-se em Leis na Universidade de Coimbra, em 1680. ***Brasília***, IV, p. 33.

2. SEBASTIÃO DE TORRES. Tabelião na cidade da Bahia, ainda em 1676. ***Doc. Hist.***, v. 62, p. 287.

3. MIGUEL TELES BARRETO. Bacharel em cânones pela Universidade de Coimbra, 1680, no mesmo ano em que o irmão completou o estudo de Leis, formou-se também em 1682. Das principais pessoas da Bahia, com Gonçalo Ravasco e Antônio Ferrão Castelo Branco serviu de juiz nas festas de cavalaria que se fizeram em 1717, em homenagem ao marquês de Angeja.
— Diz Macedo Leme em nota marginal, ***Genealogia***, fl. 103: "Este tít. (Sás Barretos) é tirado de Ms. antigo que está em poder de D. Maria de Burgos viúva do capitão Miguel Teles no seu engenho de Santa Cruz em 31 de dezembro de 1764".

4. FRANCISCO DE VASCONCELOS. Foi nomeado em 8 de julho de 1687 para suceder a Tomé Dias Lacos como capitão nos sertões. ***Doc. Hist.***, III, p. 386.

5. Veja-se ***tít. Argolos***.

## *BARROS E MAGALHÃES NA BAHIA*

Gaspar de Barros de Magalhães, homem fidalgo, viveu no Brasil, no recôncavo da Bahia, onde chamam São Paulo; e viera de Portugal exterminado, foi mui rico e afazendado, casou na Bahia com Catarina Lobo de Barbosa Almeida, (1) uma das três irmãs órfãs, que mandou a rainha D. Catarina para na Bahia casarem com as pessoas principais, como já ficou dito, e dela teve filhos:

1. Jerônimo de Barros, que se segue.
2. Baltazar Lobo de Souza, adiante.
3. Gaspar de Barros de Magalhães, ao depois.
4. D. Felícia Lobo, que foi casada quatro vezes, a primeira com Pedro Dias, de quem teve filhos, à fl.... retro n. 1; a segunda com Paulo de Argolo, e teve filhos à fl...., a terceira com Vicente Coelho, e a quarta com Constantino Menelao, (2) dos quais não achamos filhos.
5. D. Mícia Lobo de Mendonça, primeira mulher de Jerônimo Moniz Barreto, à fl...., n. 3. Não era filho deste.
6. D. Vitória de Barros, (3) mulher de Manuel de Freitas do Amaral, adiante, e D. Inês de Barros Lobo, (4) depois.

D. Paula de Barros, (5) mulher de Manoel de Paredes à fl....



N. 1. Jerônimo de Barros, filho primeiro de Gaspar de Barros de Magalhães e de sua mulher D. Catarina Lobo, casou a seu gosto com F. de Aguiar, que dizem era índia da terra, e teve filhos:

7. Filipe de Barros Lobo, que se segue.
8. D. Ana de Aguiar, mulher de Francisco Álvares Varejão, à fl....

N. 7. Filipe de Barros Lobo, filho de Jerônimo de Barros, (6) n. 1, casou com D. Maria de Moraes, filha de Domingos Pires, (7) e teve filhos.

9. João de Barros de Magalhães, que casou com D. Isabel de Vasconcelos, filha de Mateus de Aguiar Daltro, sem filhos, e ela era viúva de Francisco Monteiro, dos da Jequitaia.
10. Atanásio de Barros Lobo, que casou por amores com Inês Lobo, filha de Inácio de Miranda e de Izabel de Faria, sua parenta.
11. Antônio de Barros.

N. 2. Baltazar Lobo de Souza, filho segundo de Gaspar de Barros de Magalhães e de sua mulher D. Catarina Lobo de Almeida, casou com D. Ana da Gamboa, filha de Martim Afonso Moreira, à fl...., n. 2, e teve filha.

12. D. Antônia Lobo, mulher de Francisco de Vasconcelos Cavalcanti de Albuquerque, à fl...., e aí a sua descendência, n. 3, e seguintes.

N. 3. Gaspar de Barros de Magalhães, (8) filho terceiro de Gaspar de Barros de Magalhães e de sua mulher D. Catarina Lobo, casou com D. Antônia da Gamboa, filha de Martim Afonso Moreira à fl.... n. 3; e teve filhos:

Francisco de Freitas, (9) filho de Gaspar, acima.

13. Antônio de Barros de Gamboa, que se segue.
15. Gaspar de Barros, que morreu solteiro; e teve um filho bastardo Pedro Dias de Barros.
15. Luiz Lobo, que também não casou e teve três filhos bastardos, Matias de Barros, Maria Barbosa, mulher de Antônio Fernandes, sem filhos, e Helena Lobo, mulher de Antônio Rodrigues, (10) de quem teve três filhos.

N. 13. Antônio de Barros da Gamboa, filho primeiro de Gaspar de Barros, n. 3, e de sua mulher D. Antônia de Gamboa, casou com D. Margarida da Cunha, irmã de Manoel Trinxão e filha de Diogo da Cunha Trinxão (11) e de sua mulher Natália Pinto de Faria, e teve filhos:

16. Gaspar de Barros, que se segue.
17. D. Luzia de Barros, mulher de Antônio Martins Lima.
18. D. Helena da Cunha, mulher de Antônio Rodrigues Palhete.

N. 16. Gaspar de Barros de Magalhães, filho primeiro de Antônio de Barros, n. 13, e de sua mulher D. Margarida da Cunha, casou a 12 de novembro de 1676, diz o livro do seu casamento, com D. Jerônima Garcez, filha de Antônio de Abreu Garcez e de D. Mariana, filha de Gaspar Pinto de Góes, já defuntos.

N. 19. Pedro de Góes, (12) que casou com Josefa Rodrigues da Madre de

Deus, filha de Valentim Rodrigues e de sua mulher Antônia de Faria. (13) Casaram a 3 de fevereiro de 1709.

N. 20. Francisco de Barros de Magalhães.

N. 21. D. Joana, mulher do coronel Francisco Barbosa Deça, à fl...., n. 5.

N. 21. Antônio de Barros de Gamboa, à fl...., Inácio de Góes, aleijado, e D. Paula.

N. 18. Helena da Cunha, filha de Antônio de Barros, n. 13, e sua mulher D. Margarida da Cunha, casou com Antônio Rodrigues Palhete, e teve filhos:

N. 22. Manuel Rodrigues da Cunha.

N. 23. Pedro da Cunha de Freitas, que casou com D. Maria Francisca de Vasconcelos, filha de Antônio Martins Bareda, ou Barexe e de sua mulher D. Maria Francisca de Vasconcelos, e teve três filhos, duas fêmeas e um macho, que faleceu menino, e por morte desta sua mulher se ordenou de sacerdote no ano de 1718.

N. 24. D. Isabel de Freitas Lobo, mulher de João Martins da Assunção.

N. 17. Luzia de Barros, filha de Antônio de Barros, n. 13, e de sua mulher D. Margarida da Cunha, casou com Antônio Martins Lima, e teve filhos:

N. 25. Francisco Martins.

N. 26. Teresa Lobo, mulher de Manuel Rangel, de quem teve filhos, Antônio de Barros e Caetano de Barros.

N. 6. D. Vitória de Barros, filha sexta de Gaspar de Barros de Magalhães, o primeiro deste nome, e de sua mulher Catarina Lobo de Almeida, casou com Manuel de Freitas do Amaral, homem forado e cavaleiro fidalgo.

N. 27. Antônio de Azevedo Lobo, que se segue:

N. 28. Manuel de Freitas Lobo, filho de Manuel de Freitas do Amaral e de sua mulher D. Vitória de Barros, casou com D. Filipa Pimentel, e teve filhos, filha esta de Cristóvão Cassão e de sua mulher Joana Pimentel.

1. Nicolau de Freitas Lobo, (14) casado com D. Maria de Meneses Mariana.

2. D. Úrsula de Freitas, casada com André Pinheiro de Carvalho.

3. D. Maria de Freitas, casada com Manuel Teles Barreto, à fl...., n. 62 no fim.

4. D. Joana Pimentel, casada com Manuel de Barros Lobo a 13 de novembro de 1690, filho este de Francisco de Azevedo e de sua mulher Maria de Barros Lobo.

5. Pascoal de Freitas Pimentel, casado com Maria Teles de Meneses.

6. D. Filipa Pimentel.

28. D. Maria, mulher de Francisco Maria de Meneses, à fl...., batizada na Sé a 27 de março de 1591.

N. 27. Antônio de Azevedo Lobo, filho de D. Vitória de Barros, n. 6, e de seu marido Manuel de Freitas do Amaral, teve o foro de seu pai, casou com D.



Maria do Cazal, filha de Fernão Pinto do Cazal, * e de sua mulher Violante da Costa, e teve filhos.

N. 29. Bartolomeu de Azevedo Lobo, que se segue.

N. 30. Manuel de Azevedo Lobo, sem filhos.

N. 31. Violante de Mendonça, mulher de Manuel de Lara, (15) de quem teve filhos, Dionísio de Lara Lobo, e José de Mendonça de Barros.

N. 32. Fernão Pinto do Cazal, que casou com D. Romana, ** filha de Nuno de Amorim Salgado, (16) de quem teve filhos Antônio Manuel Vasco, D. Maria, D. Leonor e D. Ana.

25. Nuno de Amorim, casado com D. Maria de Paredes, que faleceu a 25 de maio de 1696, e foi sepultado na matriz.

N. 33. D. Margarida de Freitas Lobo. mulher de Antônio de Barros Furtado, e teve filhos Constantino de Barros Lobo, Francisco Furtado, Antônio de Freitas do Amaral (17) e Luzia de Freitas.

N. 29. Bartolomeu de Azevedo Lobo, acima, casou com D. Maria de Vasconcelos, filha de Duarte Maciel de Andrade e de Maria de Quevedo, e teve filhos de Vasconcelos.

N. 34. Maria de Vasconcelos, casada com Antônio Pereira de Souza, *** filho de José Pereira (18) e de sua mulher Maria de Souza, natural de Braga.

N. 34. Brás Pinto de Barros, batizado ao 1.º de julho de 1667 no Socorro.

N. 35. João de Quevedo de Vasconcelos, que casou com Úrsula da Cruz.

N. 36. Antônio de Freitas Lobo, que casou com D. Francisca de Brito, **** sem filhos, batizado a 23 de fevereiro de 1673.

N. 37. D. Suzana de Vasconcelos, que se segue, batizada a 31 de janeiro de 1671.

N. 38. José de Freitas Lobo, Pelônia Maciel, Maria de Quevedo, Ana e Paula de Barros.

N. 37. D. Suzana de Vasconcelos, filha de Bartolomeu de Azevedo Lobo, n. 29, casou com Antônio de Freitas Teles Sotomaior ***** e teve filhos, filho este de João de Freitas Madeira e de sua mulher D. Teresa de Brito.

39. Francisco Xavier de Vasconcelos, Antônio de Brito Cassão Sotomaior; D. Isabel Maria, e D. Luiza Micaela, Inácio de Freitas Teles, casado este

---

*Notas da R.I.H.G.B.*

* *Casaram a 8 de abril de 1630.*

** *Casaram no Socorro a 13 de abril de 1682.*

*** *Casaram a 23 de julho de 1714 na capela de São Paulo.*

**** *Casaram a 6 de fevereiro de 1697, no Socorro; era esta D. Francisca filha de Tomé Lobo de Barros, e de sua mulher D. Teresa de Brito; era já viúva D. Francisca de João de Freitas Madeira e foram dispensados no 4.º grau de consangüinidade.*

***** *Casaram a 3 de fevereiro de 1694, Socorro. Foi batizada D. Suzana a 31 de janeiro de 1671. De D. Suzana foi também filha D. Teresa de Brito, adiante, n. 4.*

com D. Gertrudes Maria da Conceição, com os filhos seguintes:

Lucas de Sá Sotomaior, solteiro, André Cursino de Brito. Era D. Gertrudes esta aqui filha de Antônio de Sá e Souza (19) e de sua mulher.

N. 39. D. Isabel Maria de Vasconcelos, filha de D. Suzana, acima, foi casada com o coronel Antônio de Aragão Souto, e teve filho.

N. 38. D. Paula de Barros Lobo, filha de Bartolomeu de Azevedo Lobo, n. 29, e de sua mulher D. Maria de Vasconcelos, casou com Teodósio de Lira de Aguiar * natural da ilha da Madeira, filho legítimo de Francisco de Aguiar (20) e de D. Maria de Lira, e teve filhos:

1. O padre Gonçalo Maciel de Andrade.
2. D. Ludovina de Vasconcelos, que se segue.
3. D. Rita de Vasconcelos, adiante.
4. D. Teresa Maciel, mulher de Melchior Fernandes Barreto.
5. Inácio Caetano Maciel, casado com D. Joana.

N. 2. D. Ludovina de Vasconcelos, filha de D. Paula de Barros e de seu marido Teodózio de Lira Aguiar, casou com Luiz Gomes Viana, natural de vila de Viana, o qual é já falecido, teve filha:

6. D. Paula de Barros, que se segue.

N. 6. D. Paula de Barros, filha de Ludovina de Vasconcelos e de seu marido Luiz Gomes Viana, casou com João de Lima Fiuza, filho legítimo de Manuel de Lima e de Paula Lopes Fiuza, natural de Ponte de Lima, e teve filhas:

7. D. Maria e D. Ana, de menor idade: 1771.

N. 3. D. Rita de Vasconcelos, filha de D. Paula de Barros e de seu marido Teodózio de Lira Aguiar, casou com Estevão Lautério, natural da freguesia do Socorro, o qual faleceu e deixou filhos:

8. Salvador, que viveu solteiro.

N. 4. D. Teresa Maciel, filha de D. Paula de Barros e de seu marido Teodózio de Lira Aguiar, casou com Melchior Álvares Barreto, natural da vila de Cachoeira, filho de Custódio Barreto e de sua mulher Filipa Álvares; e teve filhos:

9. D. Ana Dina, casada com Manuel de Passos, com filho de menor idade por nome José.

10. Gonçalo, Custódio, Vicente, Francisco, Antônio, todos de menor idade.

N. 5. Inácio Caetano Maciel, filho de D.Paula de Barros e de seu marido Teodózio de Lima de Aguiar, casou com D. Januária, viúva, e teve um filho.

---

*Nota da R.I.H.G.B.*

* *Casaram a 8 de janeiro de 1703, no Socorro.*



11. José, de menor idade.

N. 40. D. Teresa de Brito, filha de D. Susana de Vasconcelos e de seu marido Antônio de Freitas Teles Sotomaior, n. 37, foi casada com Antônio de Araújo Pestana, (21) e teve filho. Antônio de Araújo, marido desta D. Teresa, era filho de Antônio de Araújo Pestana, homem forado, natural da Cachoeira, teve filhos.

12. Antônio Reginaldo. (22)

N. 39. Francisco Xavier de Vasconcelos, filho de D. Susana de Vasconcelos e de seu marido Antônio de Freitas Teles Sotomaior, casou com D. Teresa Nogueira, filhos:

Francisco Xavier de Vasconcelos.

Antônio Nogueira de Freitas.

D. Ana Maria das Neves, mulher de Custódio Gonçalves, sem filhos.

N. 21. Antônio de Barros de Gamboa, filho de Gaspar de Barros de Magalhães, n. 16, à fl...., e de sua mulher D. Jerônima Garcez Deça, natural e moradora na freguesia do Socorro, casou com D. Ana de Góes, * filha de Simão de Araújo de Góes e de sua mulher D. Inês de Castro, à fl...., n. 26, e tiveram filhos, que faleceram pequenos.

Por morte deste seu marido Antônio de Barros de Gamboa casou esta D. Ana de Góes com Manuel Teles de Meneses,** também viúvo de D. Maria de Meneses.

N. 38. D. Ana de Barros Lobo, irmã de D. Paula de Barros, que já fica na folha..., e filhas ambas de Bartolomeu de Azevedo Lobo e de sua mulher D. Maria de Vasconcelos, casou com Pedro Correa de Vasconcelos, *** (23) filho legítimo do capitão Leandro Correa de Vasconcelos (24) e de sua mulher D. Margarida da Câmara Pesqueira, e tiveram filhos:

1. D. Luzia de Vasconcelos, casada com Francisco de Brá da Rocha Moutinho, sem filhos, viveu cego.
2. Leandro Correa de Vasconcelos, que se segue.
3. D. Maria de Vasconcelos Maciel, adiante.
4. D. Apolônia de Barros Lobo, solteira, faleceu.
5. D. Ana da Luz, casada com Gonçalo Rodrigues Bezerra, natural da freguesia da Cachoeira, filho legítimo de Antônio Marques de Azeredo e de Luzia Pereira, sem filhos.
6. Antônio de Barros Lobo, solteiro.

---

*Notas da R.I.H.G.B.*

* *Casaram a 27 de fevereiro de 1713, no Socorro.*
** *Casaram a 3 de fevereiro de 1718.*
*** *Casaram a 9 de outubro de 1701, na capela de S. Paulo do Socorro.*

6. Gonçalo José, casado com Luzia da Assunção, viúva de Manuel Ribeiro, (25) sem filhos.

N. 2. Leandro Correa de Vasconcelos, filho de D. Ana de Barros Lobo e de seu marido Pedro Correa de Vasconcelos, casou com Ana Maria de Jesus, filha legítima de Fabiano Lopes e de sua mulher Maria Sardinha Pereira, ele filho de Portugal e ela da freguesia do Oiteiro Redondo, faleceu, e deixou filhos:

7. José Correa, Antônio Correa, Domingos Correa, solteiros.

N. 3. D. Maria de Vasconcelos Maciel, filha de D. Ana de Barros Lobo e de seu marido Pedro Correa de Vasconcelos, casou com Manuel Pereira de Azevedo, (26) natural da cidade do Porto, filho legítimo de Francisco de Azevedo, e de sua mulher Luzia Pereira e teve filhos:

8. Manuel Pereira de Azevedo, tenente.
9. Jerônimo José de Vasconcelos, alferes.
10. Antônio Caetano de Barros Lobo.
11. Joaquim Pereira de Sant'Ana. (27)
12. D. Luzia Pereira de Vasconcelos.
13. D. Ana Maria de S. José, todos solteiros até este ano de 1770.

---

1. CATARINA LOBO DE BARBOSA ALMEIDA. Em segundas núpcias foi mulher de André Monteiro (veja-se ***tít. Monteiros***), que ao Santo Ofício, em 1591, declarou ser de "45 anos casado com Catarina Lobo", e alude aos enteados, "Jerônimo de Barros" e Inês de Barros casada ora com Cipriam Velho, morador em Passé e cunhado de Manuel de Paredes, ***Denunciações***, p. 413. Sobre este, ***tít. Paredes na Bahia.***

2. CONSTANTINO DE MENELAO. Capitão do Espírito Santo, por nomeação de D. Diogo de Meneses, 8 de fevereiro de 1609, R. Garcia, nota à ***Hist. Geral***, II, p. 224, governou o Rio de Janeiro de 1614 a 1617. Deve-se-lhe a expulsão dos franceses de Cabo Frio. Vide Fr. Vicente do Salvador, ***ibid.***, pp. 490 e 550; R. Garcia, nota ao ***Diálogo das Grandezas do Brasil***, p. 77. Positivamos a sua presença na Bahia em 1619, Pedro Calmon, ***O Segredo das Minas de Prata***, p. 56, Rio, 1949. Tomé Pinheiro da Veiga, ***Fastigimia***, p. 195, Porto, 1911, recorda em Madrid, no ano de 1606, "meu compadre Constantino de Menelao, jocoso, nobre, cheio de espírito.

3. D. VITÓRIA DE BARROS. Manuel de Freitas (sic) casado com D. Vitória de Barros, disse "ser cristão velho natural de Guimarães, filho de Francisco de Freitas e sua mulher Maria Brás já defuntos , de 41 anos, mercador morador nesta cidade", ***Denunciações***, 1591, p. 270. Nascera D. Vitória em 1566, ***Denunciações***, p. 437. — Filha bastarda de Gaspar de Barros, "Mécia de Barros, mamaluca", já era casada em 1576 com o mercador, cristão novo Álvaro Sanches, declarou ao Santo Ofício o padre Luiz da Grã, ***Denunciações***, pp. 330 e 538.



4. D. INÊS DE BARROS. Nascida em 1563 (ou 1565), casou com Ciprião Velho, lavrador em Passé, ***Denunciações*** de 1591, p. 536. Veja-se tít. ***Barros Lobo e Velho***, n. 6.

5. D. PAULA DE BARROS. Nascida em 1504. Não sabia escrever, disse à Inquisição em 1591. "Jerônimo de Barros seu irmão dela denunciante é inimigo do dito seu marido Manuel de Paredes e andaram às cutiladas e seu marido o feriu em uma perna", ***Denunciações***, p. 418.

6. JERÔNIMO DE BARROS. Solteiro em 1591, feitor da fazenda do cunhado, Pero Dias, ***Denunciações,*** p. 483. "Disse ser cristão velho natural desta cidade de idade de trinta anos, filho de Gaspar de Barros já defunto e de Catarina Lobo que ora é casada segunda vez com André Monteiro morador nesta cidade", excomungado por ter posto fogo, com alguns escravos de Pero Dias, à lavoura de Manuel Ferreira, a quem o padrasto vendera terras em Passé antes da partilha dos bens deixados pelo pai, ***Confissões do Santo Ofício***, 1591, pp. 33-4. Confirma Pero Dias, ***Confissões***, p. 387. "Jerônimo de Barros mancebo solteiro e doente", alegou por sua vez Manuel Ferreira, ***ibid.***, p. 268.

7. DOMINGOS PIRES. "... E Domingos Pires licenciado em artes, filho de Antônio Pires, sapateiro desta cidade", ***Denunciações de 1591***, p. 289.

8. GASPAR DE BARROS MAGALHÃES. Tinha em 1618, 35 anos, era natural da Bahia e morador em Tasuapina, freguesia do Socorro, vereador na cidade, ***Denunciações da Bahia***, p. 70. Assina ata da Câmara de 2 de maio de 1618, ***Livro 1.º do Governo***, p. 223.

9. FRANCISCO DE FREITAS. Filho de Francisco de Freitas e sua mulher D. Custódia, João, foi batizado em Paripe a 28 de junho de 1626, arq. da Cúria.

10. ANTÔNIO RODRIGUES. Talvez seja Antônio Rodrigues, professo do Hábito de Santiago, capitão do forte Real da Praia, enviado ao Reino "com um aviso de importância" pelo governador geral, 24 de janeiro de 1651, Arq. Públ. da Bahia, ***Alvarás de 1630 a 1676***, fl. 58 verso.

11. DIOGO DA CUNHA TRINXÃO. Capitão da Ordenança da vila de Boipeba, 1690, foi nomeado para a capitania da Paraíba, 23 de maio de 1691, mas novamente indicado para aquela vila, 28 de julho, e confirmado pelo Rei, 7 de janeiro de 1693, Arq. Públ. da Bahia, ***Patentes de 1688 a 1696***, logo subiu a sargento-mor (9 de novembro). "Morador do termo da dita Vila e que tem servido na perseguição dos piratas naquela costa, como nos cargos públicos da dita Vila, contribuição do dote da Inglaterra e paz da Holanda, etc.", ***Patentes*** cit., fl. 104 verso.

12. PEDRO DE GÓES. Casado com D. Josefa Rodrigues, "não fez testamento por ser pobre". Morreu a 17 de julho de 1726, ***L. de Óbitos de S. Pedro Velho***, em restauração, arq. da Cúria.

13. ANTÔNIA DE FARIA. Inventário, 1738, L. de Órfãos e inventários da vila de São Francisco, ***Anais do Arq. Públ. da Bahia***, v. 37, n. 7.

14. NICOLAU DE FREITAS LOBO. Lavrador de canas, com 62 anos em 1688, testemunhou no Processo de Familiar do Santo Ofício, de Rafael Soares da Franca. T.T., m. 1, n. 5.

15. MANUEL DE LARA. Vêem os Laras de antigo tronco de cristãos-novos, a que pertencem o escritor David Cohen de Lara, incluído por Barbosa Machado na ***Biblioteca Lusitana***, e os judeus-hispano-italianos Disraeli.

16. NUNO DE AMORIM SALGADO. Ajudante de tenente em 1633, distinguiu-se em 1638 na defesa da Bahia, ***Doc. Hist.***, XVII, p. 466, alcançou provisão para receber soldos vencidos, em 1646, ***Doc. Hist.***, XIX, p. 170 e reformou-se em 1652. Mirales, op. cit., pp. 33 e 41.
Voltou porém à atividade (16 de dezembro de 1653, Arq. Públ. da Bahia, ***Registros de Patentes de 1648 a 1657***, fl. 259) comandando uma companhia que ofereceu levantar no Terço do Mestre de Campo Nicolau Aranha Pacheco. Por mercê del-rei encartou-se num ofício de justiça e obteve um lugar de freira para a irmã, por "seus serviços no Salvador, Pernambuco, Rio de Janeiro e Castro Laboreiro", 1646, M. Múrias, nota à ***Relação Diária***, de Pedro Cadena, p. 325.
Filha de Nuno de Amorim Salgado, D. Maria de Lacerda Coutinho, casou com o capitão João da Costa Ferreira. Filho: o doutor José Antônio da Costa Ferreira, veja-se tít. ***Paredes na Bahia***.

17. ANTÔNIO DE FREITAS DO AMARAL. O seu primeiro cargo foi de escrivão de almotaçaria, durante a licença dada ao proprietário, em 1685, ***Doc. Hist.*** v. 33, p. 149.
Poeta; da Academia Brasílica dos Esquecidos, autor da décima de louvor a Gonçalo Soares da Franca, ***O Movimento Academicista no Brasil***, I, p. 114.
Faleceu a 28 de julho de 1752. Deixou filho, Antônio, ***Anais do Arq. Públ. da Bahia***, v. 37, p. 10.

18. JOSÉ PEREIRA. Pode ser o capitão José Pereira "por alcunha o sete carreiras louco com caprichos de poeta sendo ele ignorantíssimo", satirizado por Gregório de Matos, ***Obras completas***, ed. de James Amado, II, p. 359.

19. ANTÔNIO DE SÁ E SOUZA. Obteve sesmaria no Pirajuía em 16 de julho de 1719, ***Publ. do Arquivo Nacional***, XXVII, p. 145.

20. FRANCISCO DE AGUIAR. Mais de 20 anos soldado e alferes efetivo de uma companhia do distrito da Praia, "achando-se principalmente no sítio que o conde de Nassau pôs a esta cidade, e na que o general Segismundo lhe tornou a pôr, fortificando-se na ilha de Itaparica, no socorro que ajudou a dar às embarcações do recôncavo à vista das naus inimigas, no trabalho das fortificações e contribuições de vários donativos para as armadas reais e sustento da infantaria, e ultimamente pelo aviso que S. Majestade mandou que vinham as armadas inimigas, dando 70... para os armazéns", foi feito capitão e o confirmou o Rei em 1670, e elevado — com mais 17 anos de serviço — a sargento-mor, 24 de março de 1687, Arq. Públ. da Bahia, ***Patentes de 1678 a 1688***, fl. 267, por el-rei confirmado a 27 de março de 1688, ***Registro de Patentes de 1684 a 1697***, fl. 111.



21. COSME RODRIGUES DE ARAÚJO. Filho de Antônio de Araújo Pestana, natural da Bahia, soldado de infantaria paga, foi beneficiado pelo tio capitão João Rodrigues Adorno "com seus serviços e dos seus ascendentes", invocando as causas do povoamento da Cachoeira, pediu se lhe desse o direito sobre a passagem do rio (Paraguaçu). Opinou contrariamente o vice-rei conde das Galveas, 28 de agosto de 1736, Carlos Ott, ***História da Igreja de Nossa Senhora do Rosário de Cachoeira***, p. 28, Centro de Estudos Baianos (1978).

22. ANTÔNIO REGINALDO. Filho de Antônio de Araújo Pestana e D. Teresa de Brito, foi batizada em casa por perigo de vida, a 21 de março de 1752, ***L. de Batismos da Cachoeira de 1749 a 1755***, arq. da Cúria.

23. PEDRO CORREA DE VASCONCELOS. Tabelião na Cachoeira, foi em 1719 preso pelo juiz da vila, por ordem do vice-rei, ***Doc. Hist.***, v. 73, p. 21.

24. LEANDRO CORREIA DE VASCONCELOS. Alferes, foi promovido a capitão da Ordenança de Sergipe del-Rei, 1.º de outubro de 1687, Arq. Públ. da Bahia, ***Registro de Patentes de 1678 a 1688***, fl. 230. Distribuidor e contador, lembra o alvará de 17 de fevereiro de 1684, que lhe deu sesmaria em Sergipe, ***Publ. do Arquivo Nacional***, XXVII, p. 77. A mulher: ***Margarida*** da Câmara Pesqueira, como consta do termo do casamento, a 13 de maio de 1715, em Cachoeira, de seu filho Facundo com Teresa Maria de Jesus, filha do Licenciado Jerônimo Antunes Pereira, ***Livro de Casamentos*** da Cachoeira, 1714-1736, ms. arq. da Cúria.

25. MANUEL RIBEIRO. Há Processo de Familiar do Santo Ofício de Manuel Ribeiro, de Lisboa, casado com Antônia de Lemos, cuja casa comercial quebrou, e se ausentou para o Brasil, em 1676, T.T., ***Fam.***, m. 269, n. 1870. — Casou a viúva de Manuel Ribeiro com Gonçalo José de Mendonça, filho de Pedro Correa de Vasconcelos e D. Ana de Barros Lobo, em 1747, ***L. de Casamentos*** da vila de S. Francisco, 1729-1810, arq. da Cúria.

26. MANUEL PEREIRA DE AZEVEDO. Solicitador das Causas dos Auditórios da vila da Cachoeira, 4 de março de 1727, ***Doc. Hist.***, v. 47, p. 290, continuou na função em 1728, ***Doc. Hist.***, v. 48, p. 244.

27. JOAQUIM PEREIRA DE SANTANA. Batizado em agosto de 1750, ***L. de Batismos da Cachoeira de 1749 a 1755***, arq. da Cúria.

## *BARROS, LOBO E VELHO*

N. 39. D. Isabel Maria de Vasconcelos, filha de D. Joana de Vasconcelos e de Antônio de Freitas Teles, casou com o coronel Antônio de Aragão de Souza, e teve filho:

1. Antônio Félix de Aragão de Souza, que se segue.

N. 1. Antônio Félix de Aragão de Souza, filho de D. Isabel Maria de

Vasconcelos e de seu marido o coronel Antônio de Aragão de Souza, casou com D. Bernarda da Assunção Corte Real,* filha de Francisco Moniz Barreto Corte-Real, (1) e de sua mulher D. Bernarda Moniz e teve filhos:

2. D. Reginalda Maria da Purificação Corte-Real, batizada a 11 de dezembro de 1758 na igreja da Barroquinha.

3. D. Firmiana Joaquina de Aragão de Brito, batizada na matriz da Purificação a 21 de setembro de 1760.

4. Francisco Moniz de Aragão Barreto, (2) batizado na matriz de S. Pedro da cidade a 13 de dezembro de 1762.

5. Manuel Xavier de Aragão Corte Real, batizado a 16 de outubro de 1764 na mesma igreja de S. Pedro.

6. Luiz de Aragão Barreto Corte Real, batizado a 5 de junho de 1766 na mesma matriz de S. Pedro.

N. 6. D. Inês de Barros Lobo, filha de Gaspar de Barros de Magalhães e de sua mulher Catarina Lobo de Barbosa, casou com Ciprião Velho Barreto, ** natural de Viana, e teve filhos:

1. D. Maria de Barros, casada com Garcia da Câmara, Fidalgo da Casa Real.

2. D. Isabel de Reboredo.

3. Henrique Lobo, casado com D. Helena.

4. D. Guiomar Lobo, mulher de Francisco Moniz Teles. ***

5. D. Madalena de Barros.

6. D. Margarida.

7. Fernão Lobo.

Lourenço de Barros Lobo, filho de Antônio Carvalho Tavares (3) e de sua mulher D. Margarida de Negreiros, natural da freguesia de S. Antônio além do Carmo, da cidade da Bahia, casou com Leonor Teles Pinheiro, filha de Antônio Rabelo de Macedo (4) e de sua mulher Maria Teles Pinheiro. Casaram a 17 de abril de 1717.

---

1. FRANCISCO MONIZ BARRETO CORTE REAL. Na sua defesa, perante os juízes que presidiram à devassa da ***Inconfidência da Bahia,*** em 1798, ***Franco Moniz Barreto de Aragão,*** justificou a linhagem, reproduzindo certidão de D. Antônio Caetano de Souza. "Francisco Moniz Barreto morador na vila de Cairu na província da Bahia", constava ser filho legítimo de Guilherme Moniz Barreto, natural de Angra, na Ilha Terceira, donde se passara para a vila de Boipeba, depois para a de Cairu, e de D. Margarida de Souza, filha de Simão de Araújo de Souza e de D. Antônia de Souza, pessoas nobres e principais daquele distrito. Neto de Diogo Moniz Barreto, chamado o moço, morador na cidade de Angra, que dizem foi Fidalgo da Casa Real, e de sua mulher D. Margarida Pamplona de Miranda, filha de João Pamplona de Miranda e de D. Mécia da Silveira, pessoas fidalgas e mais conhecidas por tais na ilha Terceira . Seguem-se os antepassados, até Guilherme Moniz Barreto, irmão de Vasco Martins Moniz, "progenitor dos senhores de Angeja e ascendente dos marqueses de Angeja e Marialva e de outros grandes senhores do Reino, e de sua mulher D. Joana de Corte Real, filha de João Vaz Corte Real", porteiro-mor do Infante D. Fernando, pai do rei D. Manuel. ***Certidão*** de 1741.

---

*Notas da R.I.H.G.B.*

* *Casaram na matriz do Rosário da Vila do Cairu a 12 de agosto de 1754.*
** *Faleceu a 27 de setembro de 1604, sepultado na cova de Gaspar de Barros.*
*** *Casaram a 26 de abril de 1643. Paripe.*



2. FRANCISCO MONIZ BARRETO DE ARAGÃO. É o Inconfidente de 1798. — Filho de Antônio Félix de Aragão e Souza e D. Bernarda de Assunção Moniz Barreto, tinha 31 anos e era professor de gramática latina na vila do Rio das Contas. Implicado na "conjura dos alfaiates", foi acusado de ser o autor do "hino da república baiense" (Pedro Calmon, ***A História do Brasil na Poesia do Povo***, 2.ª ed., Rio, 1973). A sentença de absolvição é de 7 de novembro de 1800, ***A Inconfidência da Bahia***, II, ed. de Braz do Amaral, p. 25 (1931). Alegou manter de seus ordenados irmã donzela e mãe octogenária, "e ser das principais famílias deste país", ***ibid.***, II, p. 228. Teve provisão para advogar em Cachoeira, 1801, e na Bahia, 1807, ***Anais da B. N.***, v. 37, doc. 30145-6. Casou a 5 de janeiro de 1810 com D. Ana Joaquina de S. José Carneiro de Campos, filha de José Carneiro de Campos e D. Custódia Maria do Sacramento, irmã do futuro Marquês de Caravelas, de Francisco Carneiro de Campos, também estadista do Império, de João Carneiro de Campos, 1.º oficial maior do Ministério da Justiça. Faleceu (cf. registro da Santa Casa da Bahia, em que ingressou, Irmão, em julho de 1810) a 12 de junho de 1814. Filho: Egas Moniz Barreto Carneiro de Campos, 1814-1864, doutor em medicina, 1834. Casou com D. Inês Maria de Souza Seixas, filha de Joaquim Antônio de Ataíde Seixas e D. Joana Maria de Souza Seixas. Veja-se, de Afonso Costa, ***Revista do Instituto Genealogico da Bahia***, n. 5, p. 23. Foi o médico que em 1849 diagnosticou na Bahia a febre amarela, epidemia de que tanto sofreram a cidade e o recôncavo no ano seguinte, José Pereira Rego, ***História e Descrição da Febre Amarela***, p. 3, Rio, 1851. Morreu a 4 de janeiro de 1864, data que se lê no seu jazigo na igreja da Graça.

3. ANTÔNIO CARVALHO TAVARES. Ajudante de sargento-mor da Ordenança, do regimento do coronel Sebastião de Araújo Góes, com dez anos de serviço, 14 de dezembro de 1688, Arq. Públ. da Bahia, ***Patentes de 1688 a 1696***, fl. 54 verso.

4. ANTÔNIO RABELO DE MACEDO. De sua mulher, D. Maria Teles ***Pinheira***, teve Francisco Rabelo de Macedo, sargento-mor, casado com D. Isabel Rodrigues Duarte, que faleceu a 14 de julho de 1739, ***L. de Óbitos de S. Pedro Velho***, arq. da Cúria.

## *MOREIRAS DO SOCORRO*

Martim Afonso Moreira, (1) natural de Setúbal, fidalgo cavaleiro, filho legítimo de Antônio Moreira de Mendonça, fidalgo cavaleiro da família de solar dos Moreiras em Santa Maria de Moreira, em Celórico de Basto, e de sua mulher D. Joana de Souza Gamboa, descendente de um irmão segundo de Martim Afonso de Souza, governador e vice-rei da Índia. * Nos seus primeiros anos foi Martim Afonso Moreira moço da câmara real em tempo do Senhor rei D. João III, e passando para a Índia no serviço do dito Senhor por almirante de uma armada, deu a costa em Porto Seguro no Brasil, daí se passou para esta cidade da Bahia, e nela casou com D. Luzia Ferreira Feio, (2) irmã de D. Úrsula Feio, viúva de Pedro Carneiro, e por morte deste casou com Lourenço Cavalcanti de Albuquerque, filhas ambas de Estevão Ferreira e de sua mulher D. Úrsula Feio, pessoas de qualidade que de Portugal passaram casados para esta Bahia, e tiveram assento em um engenho, que levantaram em Cotegipe. Teve Martim Afonso Moreira de sua mulher D. Luzia Ferreira os filhos seguintes:

1. Antônio Moreira de Gamboa, que se segue.
2. Martim Moreira, religioso jesuíta.
3. D. Ana de Gamboa, mulher de Baltazar Lobo de Souza, à fl....
4. D. Antônia de Gamboa, mulher de Gaspar de Barros, à fl....., n. 3, e aí a sua descendência.
5. Francisco Moreira, sacerdote.

N. 1. Antônio Moreira de Gamboa, fidalgo, e filho de Martim Afonso Moreira, e de sua mulher D. Luzia Ferreira Feio, casou com D. Antônia Dória de Meneses, filha de Cristóvão da Costa Dória, fidalgo cavaleiro, e de sua mulher D. Maria de Meneses, filha de Jerônimo Moniz Barreto, fidalgo escudeiro da Casa Real, e de sua primeira mulher D. Maria Lobo de Mendonça, filha de Gaspar de Barros de Magalhães, Fidalgo da Casa Real, e de sua mulher D. Catarina Lobo de Barbosa de Almeida, uma das três irmãs orfãs, que mandou a rainda D. Catarina para nesta Bahia se casarem com as pessoas principais. De Antônio Moreira de Gamboa e de sua mulher D. Antônia foram filhos:

6. Martim Afonso de Mendonça.
7. D. Francisca de Meneses, mulher de Francisco Soares Brandão, (3) à fl.... n. 12.

---

*Nota da R.I.H.G.B.*

* ***Consta de um documento, que se acha em poder do coronel Rodrigo de Argolo, em que declara fora passado o alvará em 28 de fevereiro de 1555.***



8. D. Joana Moreira, mulher de Gaspar da Cunha Severim, na fl.... n..
9. Antônio Moreira de Meneses, e casado com D. Ana de Argolo à fl.... n. 13.
10. José Teles de Meneses, clérigo.
11. Francisco de Sá Barreto, ou de Meneses. (4) Batizado a 18 de março de 1642 em Paripe.
12. D. Luzia de Meneses, mulher de Antônio de Faria Severim. Batizada a 20 de dezembro de 1643.
13. D. Mariana de Meneses, mulher de Nicolau de Freitas, e depois de Filipe de Góes. Batizada a 22 de novembro de 1648.
14. Manuel Teles de Meneses, adiante.

N. 6. Martim Afonso de Mendonça, (5) Fidalgo da Casa Real, filho primeiro de Antônio Moreira de Gamboa e de sua mulher D. Antônia Dória de Meneses, casou com D. Inês, filha de Nicolau Carvalho Pinheiro, à fl...., e não teve filhos.

Segunda vez com D. Brites, filha de Sebastião Soares e de sua mulher.

15. Sebastião Moniz, que se segue.
16. D. Antônia de Meneses, mulher de João de Araújo Cabreira e depois de Paulo Pereira de Melo, (6) e de nenhum teve filhos, teve do primeiro um filho, que foi João de Araújo Pereira. (7)
17. D. Maria, mulher de Manuel Gomes, depois de Pedro Moniz, (8) e também de Henrique de Valença, sem filhos de nenhum destes.
18. D. Helena de Meneses, mulher de Gregório Soares e D. Paula Pereira de Melo.

Terceira vez casou Martim Afonso de Mendonça com D. Joana Barbosa,* filha de Miguel Nunes Peixoto, e de sua mulher Concórdia Barbosa, e teve filhos:

10. Cristóvão da Costa Dória, adiante.
20. D. Brites de Meneses, mulher de Nicolau Carvalho Pinheiro, à fl.... foi segunda mulher, fl....
21. D. Mariana de Meneses, mulher de José Teles de Meneses, à fl...., no fim.
22. Gonçalo Barbosa de Mendonça, (9) casado com D. Antônia de Aragão Pereira, filha de Alberto da Silveira de Gusmão e de sua mulher D. Isabel de Aragão, com filhos**.

---

*Notas da R.I.H.G.B.*

* *Casaram a 10 de setembro de 1665, na igreja do Monte.*
** *Casaram a 27 de abril de 1716, na matriz do Socorro.*

23. Antônio Moniz.

24. Miguel Moniz.

N. 15. Sebastião Moniz, filho de Martim Afonso de Mendonça e de sua segunda mulher D. Brites, casou com D. Maria de Souza, filha de Francisco Barreto e de D. Clara de Souza, a qual D. Maria era já viúva de Miguel Rodrigues de Gusmão do qual teve uma filha por nome D. Inês de Gusmão, casada com Paulo do Argolo, à fl.... n. 6.

N. 19. Cristóvão da Costa Dória, filho de Martim Afonso de Mendonça, n. 6, e de sua terceira mulher D. Joana Barbosa, casou com D. Catarina de Vasconcelos, * (10) filha de Manuel Mendes de Vasconcelos (11) e de sua mulher D. Brites de Sá, filha de Miguel de Sá (12) e de sua mulher Catarina Correa, e teve filhos.

25. Martim Afonso Moreira, que foi casado com D. Leonor Francisca de Meneses, natural de Passé, filha de Nicolau Carvalho Pinheiro e de sua mulher D. Brites de Meneses, irmã inteira do sobredito Cristóvão da Costa Dória.

26. D. Joana Barbosa, casada com Antônio Moreira de Meneses, ** seu primo, filho de Antônio Moreira de Gamboa e neto de Martim Afonso Moreira. (13)

N. 11. Francisco de Sá de Meneses ou Barreto, filho de Antônio Moreira de Gamboa, n. 1, e de sua mulher D. Antônia Dória de Meneses, foi casado com D. Jerônima Diniz, filha de Filipe Veloso e de sua mulher D. Maria da Cruz Diniz, e teve filhos:

27. D. Antônia de Sá Barreto, que se segue.

28. D. Maria de Sá Barreto, mulher de Inácio Teles, (14) à fl....

N. 77. D. Antônia de Sá Barreto, filha de Francisco de Sá de Meneses e de sua mulher D. Jerônima Diniz, casou com Nuno Pereira da Silva,*** viúvo de Apolônia Ximenes, e deste e de sua mulher D. Antônia foi filha:

D. Ana Pereira da Silva, que casou com Baltazar de Vasconcelos Cavalcanti de Albuquerque, à fl...., n. 9.

Nuno Pereira da Silva era filho de Pedro Machado Palhares e de D. Maria de Abreu, sua mulher, e por morte deste casou segunda vez D. Maria de Abreu com o capitão Francisco de Araújo da Costa. O sobredito Nuno Pereira da Silva foi escrivão proprietário da alfândega da Bahia por mercê del-rei D. Pedro II e provisão de 13 de março de 1692, ofício que tinha sido também de propriedade de seu pai Pedro Machado Palhares, com condição de pagar à sua mãe Maria de Abreu no decurso de seis anos 3:732$576 réis, e juros enquanto não pagasse.

N. 20. D. Brites de Meneses, filha de Martim Afonso Mendonça e de sua terceira mulher D. Joana Barbosa, à fl.... casou com o tenente-coronel Nicolau Carvalho Pinheiro, que era já viúvo de D. Teresa Moniz Barreto, filha de Jerônimo Moniz Barreto, fidalgo da casa de Sua Majestade, e de sua mulher D. Maria de Souza, filha do desembargador João de Góes de Araújo e de sua mulher D. Catarina de Souza, à fl.... De seu marido o tenente-coronel Nicolau Carvalho Pinheiro teve D. Brites filha:

30. D. Leonor Francisca de Meneses, que casou com Martim Afonso Correa, filho de Cristóvão da Costa Dória, segundo do nome, e era este Martim Afonso Moreira primo legítimo desta sua mulher D. Leonor Francisca de Meneses por serem filhos de dois irmãos inteiros Cristóvão da Costa Dória e de D. Brites de Meneses.

N. 14. Manuel Teles de Meneses, (15) filho de Antônio Moreira de Gamboa, n. 1, e de sua mulher D. Antônia Dória de Meneses, casou com D. Violante, filha de Luiz de Barros Fajardo e de sua mulher Maria Barroso, à fl.... n..

Casou segunda vez com D. Maria de Burgos, (16) bastarda, filha perfilhada de Gaspar Pacheco e de D. Petronilha, pelo qual casamento houve de seu sogro o ofício de juiz dos órfãos de propriedade, e teve filhos:

31. Gaspar Pacheco de Meneses, que se segue.

32. Cristóvão de Burgos. (17)

33. Caetano Teles de Meneses.

34. Francisco Teles de Meneses. (18)

D. Antônia e D. Madalena.

---

*Notas da R.I.H.G.B.*

* *Casaram a 27 de novembro de 1692.*

** *Casaram a 14 de dezembro de 1728.*

*** *Casaram a 21 de outubro de 1694.*

1. MARTIM AFONSO MOREIRA. Em 1588, vizinho do convento de São Francisco, teve de vender os chãos para ampliá-lo, Fr. Jaboatão, ***Novo Orbe***, I, p. 48. Fazendeiro em Passé; "vereador neste presente ano (1604), de idade que disse ser de 50 anos para cima", declarou em processo movido pelo governador, ***Revista do Instituto Histórico***, v. 73, parte I, p. 164.

2. D. LUZIA FERREIRA FEIO. Irmã do padre Estevão Ferreira, da Companhia de Jesus (veja-se ***tít. Cavalcantis e Albuquerques na Bahia).*** É o que diz a ***habilitação incompleta de Familiar do Santo Ofício*** T.T., m. 24, n. 52, a propósito de seu bisneto Simão Manuel de Argolo e Meneses. Diz Macedo Leme, ***Genealogia***, árvore 23; irmã do Deão velho da Sé da Bahia.

3. FRANCISCO SOARES BRANDAO. Capitão da companhia do Iguape, em 1687, ***Doc.Hist.,*** v. 32, p. 247, depois de Embiara, morreu em 1693, Arq. Públ. da Bahia, ***Registro de Patentes*** de 1688 a 1696, fl. 168.

4. FRANCISCO DE SÁ MENESES. Natural de Paripe, casado com D. Maria Monteiro de Abreu, faleceu a 15 de janeiro de 1703, ***L. de Batizados e Óbitos de Paripe,*** arq. da Cúria. Foi capitão, em 1687, do Regimento do coronel Francisco Dias de Ávila, ***Doc.Hist.,*** v. 32, p. 252.

5. MARTIM AFONSO DE MENDONÇA. Irmão da Santa Casa, 7 de novembro de 1672, ***L. 2, fl. 287.***

6. PAULO PEREIRA DE MELO. Capitão da Ordenança no regimento do coronel Luiz de Melo de Vasconcelos, 25 de outubro de 1702, Arq. Públ. da Bahia, ***Patentes de 1696 a 1703,*** fl. 399.

7. JOÃO DE ARAÚJO PEREIRA. Casado com D. Antônia de Meneses. Inventário de 6 de outubro de 1745 (a filha, Joana de Araújo Pereira, tinha oito anos), ***Anais do Arq. Públ. da Bahia,*** v. 37, p. 16. Veja-se tít. Carvalhos Pinheiros.

8. PEDRO MONIZ. Faleceu a 28 de julho de 1672, ***L. de Batizados e Óbitos de Paripe,*** arq. da Cúria.

9. GONÇALO BARBOSA DE MENDONÇA. Inventário de 16 de novembro de 1737, inventariante sua mulher, D. Antônia de Aragão. Filhos, Miguel Teles, de 18 anos, Helena, casada com Antônio de Aragão Pereira, Isabel, casada com José Luiz da Rocha, Antônio, Cristóvão, Martinho, ***Anais do Arq. Públ. da Bahia,*** v. 37, p. 23 e Gonçalo, falecido em 1731, ***L. de Óbitos do Monte,*** arq. da Cúria.

10. D. CATARINA DE VASCONCELOS. Faleceu em fevereiro de 1723, ***L. de Óbitos do Monte,*** arq. da Cúria.

11. MANUEL MENDES DE VASCONCELOS. Capitão da Ordenança da vila de São Francisco, 8 de agosto de 1718, Arq. Públ. da Bahia, ***Registro de Patentes de 1717-1718,*** fl. 262. Filho deste.

12. MIGUEL DE SÁ. Homem abastado, concorreu com 50$, em 1639, para o auxílio da cidade à frota do conde da Torre. Foi a quota oferecida por Diogo de Leão e pelo licenciado Jerônimo de Burgos.

13. Filho, Cristóvão da Costa Dória, 3.º. Deste, filho o capitão Antônio Rodrigues da Costa Dória, que viveu em Propriá, pai de José da Costa Dória, do conselheiro Bernardo Machado da Costa Dória, de Gustavo Rodrigues da Costa Dória (diz-nos Francisco Antônio Dória, que tem estudado os Dórias brasileiros).

14. INÁCIO TELES. Sargento-mor da Ordenança dos sertões de Sergipe del-Rei, 10 de outubro de 1703 (Arq. Públ. da Bahia, ***Registro de Patentes de 1697 a 1703,*** fl. 19 verso).

15. MANUEL TELES DE MENESES. Veja-se tít. de ***Burgos.*** Vereador na Cidade, 1669, ***Atas da Câmara,*** VI, p. 12. Substituiu Gaspar Pereira de Magalhães como capitão do distrito do Socorro, 1676, ***Anais da B.N.,*** v. 36, p. 311. Proprietário do



ofício de juiz de órfãos da cidade, 1678, ministro da Ordem 3.ª de São Francisco, "morreu há cinco meses" (dizia em 1693 o governador geral), casado com D. Maria de Burgos, de quem ficaram quatro filhos e duas filhas menores, ***Doc. Hist.,*** v. 34, p. 98, e v. 89, p. 239. Irmão da Santa Casa a 7 de maio de 1672, ***L. de Irmãos,*** 2, fl. 267.

16. D. MARIA DE BURGOS. Carta régia de 21 de fevereiro de 1696, mandou Manuel Botelho de Oliveira pagar a D. Maria de Burgos a terça parte do rendimento do ofício dos orfãos, ***Anais do Arq. Públ. da Bahia***, v. 31, p. 74.
Morreu a 15 de janeiro de 1741. Do ***L. de Óbitos da Sé*** de 1734 a 1762, consta ser viúva e filha legítima de Gaspar Pacheco de Burgos e D. Petronilha Henriques. Sepultada em São Francisco. Deixou no testamento 200 missas de corpo presente e quatro capelas de missas.

17 CRISTÓVÃO DE BURGOS DE MENESES. 3.º magistrado da família. Formou-se em cânones, em 1707, fez em 1709 a leitura de bacharel, em seguida juiz de fora em Albufeira.

18 FRANCISCO TELES DE MENESES. Beneditino, Fr. Francisco Manuel de Santa Catarina e Burgos, gozou do privilégio de viver fora do cláustro, em fazendas de parentes. Eleito abade do convento de Brotas, 7 de abril de 1710, mandaram-no para o Rio de Janeiro por ter lançado o hábito a "um homem da principal nobreza da Bahia que se tinha recolhido a clausura culpado e criminoso". Morreu no mosteiro do Rio, em 19 de abril de 1715, ***Mosteiro de São Bento, Notícia histórica***, p. 147, Rio, 1927.

## *CUNHA E SEVERIM*

N. 31. Gaspar Pacheco de Meneses, * (1) filho de Manuel Teles de Meneses, n. 14, e de sua mulher D. Maria de Burgos. Foi muito honrado e benquisto, e por não ter idade não entrou logo no ofício, que ficara de seu pai, e se deu o dito ofício de serventia ao doutor Miguel Calmon de Almeida, que tinha pouco mais idade que o dito Gaspar Pacheco, mas entrou no ofício no ano de 1705. Parece-me necessário, disse quem isto escreveu, advertir, que o dito Gaspar Pacheco tomou o nome de seu avô materno por lhe pertencer também o apelido de seu ascendente o grande Duarte Pacheco Pereira, (2) que tantas proezas fez na Índia, e foi pai de João Pacheco, comendador do

---

*Nota da R.I.H.G.B.*

* *A 28 de março de 1720 faleceu Gaspar Pacheco de Meneses, solteiro, na idade de 43 anos, natural da cidade da Bahia, e nela juiz dos órfãos, filho do capitão Manuel Teles Barreto e de sua mulher D. Maria de Burgos; sepultado em São Francisco. Assento dos óbitos da Sé.*

Banho, a qual comenda se deu por sua morte a outra pessoa e satisfizeram ao filho João Pacheco com o ofício de juiz dos órfãos da Bahia, e o teve Gaspar Fernandes Pacheco, pai de Maria Pacheco, a qual casou com o licenciado Jerônimo de Burgos, e foram pais de Gaspar Pacheco, sogro de Manuel Teles de Meneses, por casar com sua filha D. Maria de Burgos, que são os pais deste Gaspar Pacheco aqui. Veja-se à fl...., n. 2, e à fl.... n. 1.

Para maior clareza do que acima ficou dito, e vai adiante, pomos o assento seguinte: A 24 de janeiro de 1677, recebi ao capitão Manuel Teles de Meneses, viúvo, que ficou de D. Violante, com D. Maria de Burgos, filha natural e perfilhada do capitão Gaspar Pacheco de Contreiras, (3) e de D. Petronilha: testemunhas o mestre de campo Álvaro de Azevedo, (4) Diogo Moniz Barreto, etc..

Deste assento, que é verdadeiro, consta o que aqui fica acima, e não dizem, nem explicam outras memórias e manuscritos avulsos.

N. 8. D. Joana Moreira de Meneses, filha de Antônio Moreira de Gamboa e de sua mulher D. Antônia Dória de Meneses, casou com Gaspar da Cunha Severim, * e teve filha:

35. D. Josefa Caetana Dória, que se segue.

N. 35. D. Josefa Caetana Dória, filha de D. Joana Moreira e de seu marido Gaspar da Cunha Severim casou com Manuel Botelho de Sampaio, e teve filhos.

36. D. Luzia, casada com Manuel Moniz Barreto, (5) sem filhos.

37. D. Joana Moreira de Gamboa, que casou com o capitão Clemente da Costa, e teve filho, o padre Egas Moniz.

38. Gaspar da Cunha. (6)

39. Miguel da Cunha Severim.

40. D. Gertrudes Maria do Espírito Santo, casada com João Paes Barreto.

41. D. Branda, que se segue.

41. D. Branda, filha de D. Josefa Caetana Dória e de seu marido Manuel Botelho de Sampaio, casou com Pedro Rodrigues, (7) e teve filhos:

42. Antônio Pereira de Sampaio.

43. D. Leonarda.

34. Francisco Teles de Meneses, (8) filho do capitão Manuel Teles de Meneses, à fl...., n. 14, e de sua segunda mulher D. Maria de Burgos, filha bastarda e perfilhada de Gaspar Pacheco de Contreiras, como fica aqui na fl...., e vai adiante à fl...., n. 3, e casou este Francisco Teles de Meneses com D. Francisca de Vasconcelos. * filha de Custódio Nunes Daltro e de sua mulher D. Ângela da Cunha, à fl...., n. 22, e teve filha:

44. D. Maria Burgos de Meneses, que se segue.

N. 44. D. Maria Burgos de Meneses, filha de Francisco Teles de Meneses e de sua mulher D. Francisca de Vasconcelos, casou com o capitão de cavalos Miguel Teles Barreto, ** (9) filho do doutor Francisco Teles Barreto e de sua mulher D. Maria de Vasconcelos de Meneses.

---

1. GASPAR PACHECO DE MENESES. Entrou na Irmandade da Misericórdia da Bahia, a 15 de junho de 1704, ***Livro de Irmãos***, n. 3, fl. 180.

2. DUARTE PACHECO PEREIRA. É "um Pacheco fortíssimo" (***Os Lusíadas***, c. I, 14), "o grão Pacheco, Aquiles lusitano" (***Os Lusíadas***, c. 10, 12), "o grão Pacheco ousado / A grande multidão que irá matando / A todo O Malabar terá admirado" (***Os Lusíadas***, c. 10, 15). Foi depois dos feitos assombrosos nos mares da Índia governador de São Jorge da Mina, de onde voltou preso a Portugal, vítima das intrigas que lhe fizeram, e morreu pobre, deixando o manuscrito, ***Esmeraldo de situ orbis***, guardado na biblioteca de Évora, A. C. Teixeira de Aragão, ***Descrição Geral e Histórica das Moedas***, etc., III, p. 8, Lisboa, 1880, e publicado em 1905 pela Sociedade de Geografia de Lisboa, com as notas de Augusto Epifácio da Silva Dias (nova edição, pela mesma Sociedade, Lisboa, 1975).

3. Veja-se ***tít. Burgos***.

4. ÁLVARO DE AZEVEDO. Natural da Bahia, distinguiu-se, diz Rocha Pita, nas guerras de Flandres e Portugal, era mestre de campo mais antigo, por isso chamado pelo governador Afonso Furtado para suceder-lhe, na junta que então se formou, ***História da America Portuguesa***, livro 6.º, p. 395. Realmente, trinta e oito anos serviu "nas guerras de Pernambuco e fronteiras deste Reino em praça de soldado, alferes e capitão de infantaria vivo e reformado, sargento-mor capitão-mor, achando-se no decurso desse tempo em muitas ocasiões de peleja que no decurso de oito anos se lhe ofereceram em Pernambuco, e em particular quando o Conde de Nassau no ano de 638 foi sitiar a Bahia matando a muitos inimigos por suas mãos e nos Estados de Flandres onde serviu alguns anos com o posto de capitão". Lutou em 1645 no Alentejo, em 1659 defendia Elvas, comandou em seguida a fortaleza de Santo Antônio de Cascais, e a 7 de agosto de 1662 subiu a mestre de campo, ***Doc. Hist.***, v. 21, p. 309, posto que ocupou até 1690. Subsituiu-o André Cusaco, J. de Mirales, ***op. cit.***, pp. 45-46. Alvará de 1671 mandara reformá-lo, por já "se achar muito velho e com muitos achaques que lhe impedem poder continuar", ***Doc. Hist.***, v. 24, p. 150. Irmão da Santa Casa da Bahia, 21 de setembro de 1664, ***L. 2, fl. 36***.

---

*Nota da R.I.H.G.B.*

* *Casaram a 15 de outubro de 1657.*

*Notas da R.I.H.G.B.*

* *Casaram a 7 de fevereiro de 1718.*

** *Casaram a 12 de fevereiro de 1741.*

5. O marido de Luzia foi Miguel Moniz Barreto, (L. de Casamentos do Monte, 1722, arq. da Cúria).

6. GASPAR DA CUNHA. Capitão de Campo da capitania da Bahia até o rio de São Francisco, 23 de agosto de 1684, Arq. Públ. da Bahia, ***Registro das Patentes de 1678 a 1688***, fl. 194 verso.

7. PEDRO RODRIGUES. Alferes, teve, com licença para ir ao Reino, reformação legítima, 18 de janeiro de 1657, ***Doc. Hist.,*** v. 19, p. 109.

8. FRANCISCO TELES DE MENESES. Inventário de 12 de maio de 1731, inventariante a mulher, D. Francisca de Vasconcelos. Filhos: Manuel Teles de Meneses, D. Maria de Burgos, casada com Miguel Teles, D. Ângela, D. Manuela e Caetano. O tio João Álvares Barreto legou a Manuela 400$, ***Anais do Arq. Públ. da Bahia***, v. 37, p. 21.

9. MIGUEL TELES BARRETO. O filho menor Antônio faleceu em 1758, ***L. de Óbitos de Passé***, arq. da Cúria. Os filhos Francisco José de Meneses e João Goncalves de Meneses casaram em 1774 com Ana Maria de Meneses, filha de Félix Mariano de Góes e D. Mariana de Meneses, e Ana Maria de Jesus, filha de Francisco Pereira das Chagas e D. Antônia Maria de Pandilha, ***L. de Casamentos de Passé,*** no mesmo arquivo.

## *PEREIRAS E SOARES DE PARIPE*

Gaspar Pereira, o velho, * que dizem memórias e papéis antigos, foi filho natural de Leandro Pereira Pinto, fidalgo da casa de Britiandos da província do Minho no arcebispado de Braga, que o teve de Justa Álvares, moça branca, e cristã velha, natural da freguesia de S. Pedro de Arcos, termo de Ponte de Lima, comarca de Viana, filha de um lavrador honrado, a qual recolheram em um mosteiro de religiosas de S. Bento. e o menino se deu a criar a Baltazar Pereira, (1) moço da câmara de el-rei, descendente da casa de Mazarefe, sendo morador em Ponte de Lima, de onde se passou para o Brasil no ano de 1560, e viveu nesta cidade da Bahia, com engenho nos limites de Paripe, com invocação Santa-Cruz de Torres, (2) o qual engenho vendeu Baltazar Pereira, acima, a Antônio Vaz, por escritura de 20 de março de 1589, e no seguinte ano de 1590, se retirou Baltazar Pereira outra vez para Portugal; foi opulento em cabedais, por cujo motivo se quis Gaspar Pereira, de quem aqui se trata, tratar-se por seu filho, só a fim de ser seu herdeiro, mas opondo-se a isto Ventura de Frias Salazar, Fidalgo da Casa Real, e provedor-mor da fazenda de el-rei, por ser casado com D. Branca de Vasconcelos, filha do dito Baltazar Pereira, correram litígio e teve sentença a seu favor contra Gaspar Pereira, a qual se confirma pelo destroço dos Holandeses nesta cidade da Bahia. Nela casou Gaspar Pereira, o velho, com D. Maria Soares, * filha de Henrique Moniz Barreto, à fl...., e de sua mulher.

1. D. Margarida Soares. Batizada em Paripe a 29 de julho de 1590.

2. Francisco Pereira Soares, que se segue. Batizado a 30 de junho de 1591.

3. D. Isabel Soares, adiante. Batizada a 9 de janeiro de 1593.

Fr. Lourenço Pereira, religioso calçado, prior do convento da Bahia, batizado a 20 de agosto de 1595.

Segunda vez casou Gaspar Pereira com D. Ângela Lobo de Mendonça, ** filha de Jerônimo Moniz Barreto, fidalgo escudeiro primeiro deste apelido, e chamado o velho, e de sua primeira mulher D. Mícia de Mendonça Lobo, filha de Francisco Bicudo, fidalgo mui esclarecido e de sua mulher D. Mícia Lobo de Mendonça Almeida, filha de Baltazar Lobo de Souza, general da carreira da Índia, onde faleceu o irmão do Conde de Sortelha. Desta sua segunda mulher D. Ângela teve Gaspar Pereira filhos:

4. D. Mícia, que faleceu solteira, batizada a 21 de setembro de 1600.

5. D. Custódia de Meneses, mulher de Francisco de Freitas de Magalhães à fl.... Batizada a 10 de janeiro de 1602.

6. Manuel Teles de Meneses, ou Barreto, adiante. Batizado a 2 de maio de 1603.

7. Mateus Pereira de Meneses, ao depois. Batizado a 25 de setembro de 1604.

8. Baltazar, que faleceu menino. Batizado a 3 de abril de 1606.

9. Antônio Moniz Barreto ao depois. Batizado a 6 de junho de 1608.

10. Gaspar Pereira de Meneses, adiante. Batizado a 13 de setembro de 1609.

11. D. Maria de Meneses, mulher de Francisco de Carvalhal à fl.... n. 1. Batizada a 11 de janeiro de 1612.

---

*Nota da R.I.H.G.B.*

* *Consta todo o referido de uma justificação, que fez o capitão-mor Domingos Monteiro de Abreu, casado com uma neta de Gaspar Pereira, sobre a limpeza de sangue do dito, por se dizer era o dito Gaspar Pereira de nação por se apelidar filho de Baltazar Pereira, onde se criou, que diziam era cristão novo, a qual justificação foi feita no ano de 1675, perante o juiz ordinário o mestre de campo Antônio Guedes de Brito; escrivão Domingos Dantas de Araújo, e se acha na Câmara eclesiástica; e das inquirições do padre Gonçalo Monteiro de Abreu seu bisneto. Faleceu Gaspar Pereira, o velho, em 1623, sepultado no convento do Carmo.*



---

*Notas da R.I.H.G.B.*

* *Faleceu D. Maria Soares a 13 de setembro de 1597, sepultada no convento do Carmo.*

** *Casaram no ano de 1600, e faleceu D. Ângela a 29 de abril de 1611, sepultada no Carmo.*

12. Cosme Pereira de Mendonça, adiante. Batizado a 8 de outubro de 1613.

13. Diogo Moniz Sobrinho.

14. Francisco Moniz Teles. Batizado a 20 de abril de 1617.

N. 2. Francisco Pereira Soares, (3) filho segundo da primeira mulher de Gaspar Pereira, o velho, D. Maria Soares; foi senhor do engenho Santa-Cruz de Torres, que foi de Baltazar Pereira, como fica dito, e casou com Maria Pereira de Góes, (4) filha do doutor Diogo Pereira Coutinho e de sua mulher D. Luzia de Góes de Mendonça, tiveram filhos:

15. D. Luzia Pereira, que se segue, batizada a 31 de maio de 1626.

16. D. Maria Soares, adiante. Batizada a 9 de setembro de 1629.

17. Miguel Pereira Soares, ao depois. Batizado a 12 de maio de 1631.

18. Gaspar Pereira Soares, batizado a 29 de maio de 1632.

19. Diogo Pereira Soares, (5) batizado a 11 de setembro de 1633.

20. D. Francisca Pereira Soares, batizada a 11 de outubro de 1634.

21. Bento Pereira, (6) batizado a 19 de fevereiro de 1636.

22. D. Águeda Pereira, batizada a 9 de setembro de 1637.

23. Antônio Pereira Soares. (7)

24. D. Calra Pereira, batizada a 5 de julho de 1639.

25. Bernardo Pereira.

26. D. Apolônia Pereira, batizada a 24 de fevereiro de 1641.

27. D. Margarida de Góes, batizada no ano de 1642, no tempo em que Segismundo ocupou esta cidade, (8) e por isso se não fez assento.

28. O padre Gonçalo Pereira Coutinho, batizado a 12 de março de 1646.

29. João Pereira Coutinho, batizado a 9 de junho de 1652.

N. 15. D. Luzia Pereira, filha de Francisco Pereira Soares e de sua mulher D. Maria Pereira de Góes, casou por amores com Pedro Mendes Meza, um dos homens mais honrados da freguesia de Paripe, e senhor do engenho grande de Pirajá, que o fundou à sua custa e nele perdeu todo o cabedal, que possuia; era filho de Manuel Mendes Meza (9) e de sua mulher D. Isabel de Faria; teve desta filhos:

30. Bárbara, que faleceu solteira, batizada a 18 de fevereiro de 1646.

31. José, que faleceu solteiro, batizado a 26 de março de 1651.

32. Manuel Mendes, batizado a 3 de fevereiro de 1653.

33. Francisco, que falceu solteiro, batizado a 6 de abril de 1654.

34. D. Maria Pereira de Góes, terceira mulher de Estevão Rodrigues do Porto, (10) batizada a 24 de abril de 1657.

35. Gonçalo e Nuno, que faleceram solteiros.

N. 34. D. Maria Pereira de Góes, filha de D. Luzia Pereira e de seu marido Pedro Mendes Meza, foi terceira mulher de Estevão Rodrigues do Porto, * natural da Bahia, filho de Fernão do Porto (11) e de sua mulher Maria da Cruz, e teve filhos:

36. José Pereira Porto. (12)

37. Francisco Pereira Porto.

38. Tomázia Pereira.

N. 16. D. Maria Soares, filha de Francisco Pereira Soares, n. 2, e de sua mulher Maria Pereira de Góes, casou com o capitão de infantaria Domingos Monteiro de Abreu, ** (13) natural de Vila Nova, freguesia de S. João do bispado do Porto, filho de Domingos Duarte de Abreu, e de sua mulher Brasida Monteiro, o qual Domingos Monteiro veio em companhia do Conde de Castelo-melhor, João Rodrigues de Souza Vasconcelos, quando veio por XIV governador desta capitania, e viveu sempre honradamente, teve filhos:

39. Gonçalo Monteiro de Abreu, sacerdote secular.

40. Francisco Monteiro de Abreu, o mesmo.

41. Manuel Monteiro de Abreu. (14)

42. Domingos Monteiro de Abreu.

43. D. Ana Monteiro de Abreu, que se segue.

44. D. Maria Monteiro, mulher de seu primo Francisco de Sá.

45. D. Teresa Monteiro de Abreu.

N. 43. D. Ana Monteiro de Abreu, filha de D. Maria Soares e de seu marido o capitão Domingos Monteiro de Abreu, casou com o dito Gabriel Vieira de Araújo, *** (15) natural da vila de Guimarães, filho de João Vieira e de sua mulher Domingas Monteiro, teve filhos:

46. O padre Manuel Monteiro de Abreu, vigário da freguesia de Cotinguiba, batizado ao 1.º de setembro de 1683.

47. O padre Miguel Vieira Monteiro, (16) vigário da freguesia do Rosário da cidade, batizado a 11 de janeiro de 1689.

N. 17. Miguel Pereira Soares, filho de Francisco Pereira Soares, n. 2, e de sua mulher Maria Pereira de Góes, casou com D. Clara de Souza, filha de Manuel de Souza Dormondo e de sua mulher D. Maria Correa, teve mais esta D. Clara uma irmã chamada D. Serafina, de quem o mestre de campo Antônio Guedes de Brito teve uma filha, que foi herdeira da sua casa, chamada D. Isabel Maria Guedes de Brito, que casou com Antônio da Silva Pimentel, de

---

*Notas da R.I.H.G.B.*

* *Casaram na igreja do hospício da Palma a 10 de julho de 1686.*

** *Casaram na freguesia de Paripe a 23 de agosto de 1654.*

*** *Este Gabriel Vieira justificou, que seu sogro Domingos Monteiro fora injustamente infamado de cristão novo; e teve sentença do Santo Ofício a seu favor, no ano de 1688.*

quem já se disse à fl.... Foi este Miguel Pereira também jogador e viveu de tal sorte, que depois de jogar o seu engenho de Paripe e mais bens, que possuia, jogou sua própria mulher duas vezes, e perdendo-a a foi entregar aos que a ganharam. Depois houveram desquites por justiça, e ela se amigou com vários homens e foi mulher pública, e diziam, que o tal seu marido muitas vezes lhe entrava em casa a pedir-lhe, que o socorresse com algun dinheiro, do que ela ganhava pela sua culpa. Tiveram filhos:

48. Manuel, que faleceu solteiro, batizado a 18 de novembro de 1653. Paripe.

49. Brás Pereira Soares, que se segue.

N. 49. Brás Pereira Soares, filho do Miguel Pereira Soares e de sua mulher D. Clara de Souza, contra vontade de seus parentes casou com D. Isabel de Barros, * filha do capitão de infantaria da Bahia Manuel de Barros (17) e de sua mulher Maria de Borba e teve filhos:

50. Manuel Pereira, D. Antônia, D. Maria.

---

1. BALTAZAR PEREIRA. Veja-se tít. Pereira.

2. SANTA CRUZ DE TORRES. A cinco léguas da cidade, "povoação de brancos", "que tem 60 fregueses, que se chama Santa Cruz, povoacão de Antônio de Torres". ***Cartas Jesuíticas,*** 1563, II, p. 374.
   Foi a segunda sesmaria dada pelo donatário da capitania da Bahia, Francisco Pereira Coutinho (a 1.ª, de Caramuru, na ***Vila Velha***), a 28 de julho de 1542. Comprou-a Baltazar Pereira, em Lisboa, a Jorge Gomes de Lamego (informa Fr. Jaboatão) e vendeu o engenho com as suas terras, em 1589, com grande lucro — a Antônio Vaz. "De Torres" continuou a ser o engenho de Santa Cruz (mantendo o nome do primeiro ***sesmeiro,*** rico armador andaluz que nunca veio ao Brasil). N'***A Idade de Ouro,*** de 17 de janeiro de 1812 (Wanderley Pinho, ***História de um Engenho do Recôncavo,*** p. 22, nota, Rio, 1946) há o anúncio de que o proprietário, Francisco Agostinho Gomes, o vendia ("Santa Cruz de Torres em Paripe").

3. FRANCISCO PEREIRA SOARES. Consta do ***Livro de Batizados de Paripe***, arq. da Cúria, os de seus filhos, cujas datas estão certas no texto. Fr. Jaboatão o consultou.

4. MARIA PEREIRA DE GÓES. Provisão régia de 16 de fevereiro de 1686, Arq. Públ. da Bahia, ***Patentes de 1684 a 1697***, fl. 99, mandou que a contenda de Maria Pereira de Góes, viúva de Francisco Pereira Soares com o desembargador Cristóvão de Burgos (quanto à moagem no seu engenho de canas da fazenda do magistrado) corresse perante o ouvidor do cível na Bahia.

---

*Nota da R.I.H.G.B.*

* *Casaram no convento de S. Francisco da Bahia a 6 de dezembro de 1679.*



5. DIOGO PEREIRA SOARES. Batizado em Paripe, 11 de setembro de 1633, ali morreu solteiro, 24 de janeiro de 1714, ***L. de Batizados e Óbitos de Paripe***, arq. da Cúria.

6. BENTO PEREIRA. Faleceu solteiro, 8 de setembro de 1710, ***Livro*** citado, arq. da Cúria. A Bento Pereira dedicou Gregório de Matos na ***Satírica***, IV, pp. 147-9, chistosos versos, louvando-lhe a capacidade de ter mil amigos.

7. ANTÔNIO PEREIRA SOARES. No ***tít. Pereira do Lago*** está dito que casou com Leonor de Freitas (morreu em Paripe, testamenteiro o filho Padre Antônio de Freitas, 30 de setembro de 1673, ***L. de Óbitos,*** arq. da Cúria). Capitão das ordenancas do Carmo em 1649; almotacé da Câmara em 1653, ***Atas,*** III, p. 243, meirinho da Relacão, 6 de setembro de 1657, ***Doc. Hist.***, v. 19, p. 249, alferes da companhia de Estudantes, de que era capitão João Pereira do lago; irmão da Santa Casa, 1.º de novembro de 1691, ***L. 2, fl. 235***.

8. Refere-se à ocupacão de Itaparica. Filha de Francisco Pereira Soares e D. Maria Pereira de Góes, faleceu Margarida de Góes em agosto de 1715, em Paripe, deixando dez capelas de missas, ***L. de Óbitos de Paripe***, arq. da Cúria.

9. MANUEL MENDES MESA. Nas ***Denunciações de 1618***, n. 110, "de nacão", natural de Estremoz. Lavrava canas, em 1625, na sua fazenda de Matoim, Fr. Vicente do Brasil, ***ibid.***, p. 529.

10. ESTEVÃO RODRIGUES PORTO. Em substituicão de João Gomes Pereira, cujos achaques o impediam de desempenhar a funcão, foi provido na escrivania do tesoureiro, 9 de julho de 1674, ***Doc. Hist.***, v. 25, p. 305, e confirmado sucessivamente, ***Doc. Hist.***, v. 26, p. 412. Em 1678, encartado no lugar do pai, Fernão do Porto (adiante), tesoureiro das fazendas de defuntos e ausentes, ***Doc. Hist.***, v. 33, p. 124. Acusou-o o governador em 1687 do "crime de falsidade que cometeu na fé do recibo, que falsamente passou", ***Doc. Hist.***, v. 32, p. 266. Nesse ano, a 13 de janeiro, confirmou-o o Rei ainda uma vez escrivão do tesoureiro por três anos, Arq. Públ. da Bahia, ***Patentes de 1684 a 1697***, fl. 89.

11. FERNÃO DO PORTO. Tesoureiro das fazendas de defuntos e ausentes da Bahia, em 1684, ***Doc. Hist.***, v. 33, p. 54, por sua morte, em 1685, herdou o cargo seu filho Estevão Rodrigues do Porto, ***ibid.***, v. 33, p. 124.

12. JOSÉ PEREIRA PORTO. Cursou Institutas e Cânones na Universidade de Coimbra, de 1750 a 1754, ***Brasília***, IV, p. 203.

13. DOMINGOS MONTEIRO DE ABREU. Do bispado do Porto (nota abaixo), foi reformado no posto de capitão de infantaria, 29 de marco de 1654, ***Doc. Hist.***, v. 18, p. 303.

14. MANUEL MONTEIRO DE ABREU. Solteiro, natural e morador em Paripe, de onde eram a mãe e os avós maternos, filho de Domingos Monteiro de Abreu, do bispado do Porto, e da baiana D. Maria Soares, não chegou a ser Familiar do Santo

Ofício. Diz-se no respectivo processo, T.T., ***Fam.,*** m. 39, n. 862, que as habilitações foram reprovadas por ter avós maternos "notados e havidos por cristãos novos", 5 de março de 1696.

15. GABRIEL VIEIRA DE ARAÚJO. De Oliveiras, bispado de Braga, diz o termo de irmão da Santa Casa da Bahia de seu filho, padre Miguel Vieira Monteiro. De Guimarães, filho de João Vieira e Domingas Monteiro, escreve Macedo Leme, ***Genealogia***, fl. 42 verso. Justificou o sogro infamado injustamente de cristão novo, com sentença do Santo Ofício em seu favor. Omitiu Fr. Jaboatão suas filhas Antônia e Francisca, batizadas em 1696 e em 1698, e os filhos Francisco, Cristóvão e José, batizados em 1694, 1695 e em 1712, ***L. de Batizados de Paripe***, arq. da Cúria.

16. PE. MIGUEL VIEIRA MONTEIRO. Vigário de Paripe, depois de Itapicuru de Cima, 1725, ***Anais da B. N.***, v. 18, p. 135, com mantimento assegurado pela carta régia desse ano, ***Doc. Hist.***, v. 74, p. 62, entrou na irmandade da Santa Casa a 14 de abril de 1737, vigário então de N. S. do Rosário das portas do Carmo, ***L. de Irmãos***, n. 4, fl. 35.

17. MANUEL DE BARROS. Com muitos anos de serviço, foi capitão de infantaria, 5 de dezembro de 1656, ***Doc. Hist.***, v. 20, p. 196; Capitão-mor de Sergipe del-Rei, 15 de janeiro de 1657, ***Doc. Hist.***, v. 19, p. 123. Era português. A mulher, Maria de Borba, filha de Domingos Casado e Maria de Borba, moradores em Maragogipe. Irmão da Santa Casa da Bahia, 7 de junho de 1665, ***L. 2, fl. 55.***

## *AMORIM, BARBOSA*

N. 3. D. Isabel Soares, filha de Gaspar Pereira, o velho, e de sua primeira mulher D. Maria Soares, casou duas vezes, a primeira com Manuel de Azevedo Teixeira, (1) do qual teve uma filha única, que foi:

51. D. Maria de Azevedo, primeira mulher do capitão Jerônimo Muniz Barreto à fl....

Segunda vez casou D. Isabel Soares com Jácome Barbosa de Amorim, * (2) natural de Ponte de Lima, arcebispado de Braga, filho de Baltazar de Amorim Barbosa e de sua mulher Isabel Barbosa. Teve filhos.

52. João Barbosa de Amorim, batizado a 28 de janeiro de 1624.

53. Baltazar de Amorim Barbosa, batizado a 15 de março de 1625.

54. D. Joana Soares Barbosa, batizada ao 1.º de julho de 1626.

55. D. Ângela Barbosa Soares, batizada ao 1.º de novembro de 1621. Casada com Francisco de Melo de Vasconcelos.

*Nota da R.I.H.G.B.*

* *Casaram a 26 de fevereiro de 1623 na freguesia de Paripe.*



56. D. Águeda Barbosa, batizada a 6 de setembro de 1629.

57. D. Francisca Soares, batizada a 20 de junho de 1632.

N. 6. Manuel Teles Barreto, filho de Gaspar Pereira, o velho, e de sua segunda mulher D. Ângela de Mendonça, viveu em Paripe * em sua fazenda chamada São Tomé, e casou com D. Maria de Lima, ou Espinosa Ribeira, como em outros lugares se apelida, filha de Cristóvão de Espinosa, (3) e de sua mulher Ana Ribeiro, irmã do Rev. Tesoureiro-mor da Sé da Bahia Francisco Ribeiro, e do Rev. Bartolomeu Ribeiro, por serem todos filhos de Francisco Ribeiro (4) e de Catarina Gonçalves sua mulher. Teve Manuel Teles filhos.

58. Gaspar Teles Barreto, que se segue, batizado a 2 de dezembro de 1628.

59. D. Ana, Antônio, Francisco, Manuel, Miguel. Estes faleceram solteiros.

60. João Pereira Teles, adiante.

N. 58. Gaspar Teles Barreto, filho de Manuel Teles Barreto e de sua mulher D. Maria de Lima, ou Espinosa, casou em Curupeba com D. Isabel Pereira, filha de Sebastião Pereira e de sua mulher Ana Correa. Teve filhos:

61. Manuel Teles Barreto, que casou com D. Maria de Freitas, filha de Manuel de Freitas Lobo e de D. Filipa Pimentel, sem filhos, à fl...., n. 28.

62. Sebastião, batizado a 28 de maio de 1656, e faleceu pequeno.

63. Antônio Teles Pereira, casado com D. Antônia de Meneses, filha de Augusto Subtil, dispensados no parentesco, sem filhos, e segunda vez casou com D. Teresa de Meneses. Batizado a 2 de agosto de 1652.

64. Pedro Pereira de Meneses, casado com D. Maria de Souza, filha de Inácio Pereira de Souza, sem filhos.

N. 60. João Pereira Teles, (5) filho de Manuel Teles Barreto e de sua mulher D. Maria de Lima ou Espinosa, casou com D. Escolástica Cabral, filha de João Fernandes, teve filhos:

65. Tomé Pereira.

66. Matias Pereira.

67. D. Eufrásia, D. Teresa, (6) D. Faustina, D. Mariana.

1. MANUEL DE AZEVEDO TEIXEIRA. Tesoureiro geral do Estado do Brasil, no governo de D. Luiz de Souza, ***Livro 1.º***, p. 348.

2. JÁCOME BARBOSA DE AMORIM. ***Livro de Batizados de Paripe*** (dos filhos de Jácome Barbosa de Amorim e Isabel Soares), arq. da Cúria. Fr. Jaboatão só deve ser corrigido em relacão a Ângela (n. 55); foi a 1.º de dezembro de 1627.

*Nota da R.I.H.G.B.*

* *Faleceu a 22 de março de 1682. Sepultado na capela de S. Tomé.*

3. CRISTÓVÃO DE ESPINOSA. Em Paripe, a 28 de janeiro de 1607, foi batizado Francisco, filho de Cristóvão de Spinosa (sic) e sua mulher Ana Ribeira, ***Livro de Batizados***, arq. da Cúria. A 30 de julho de 1610, Beatriz.

4. FRANCISCO RIBEIRO. Arrematador dos dízimos em 1604, capitão, senhor de engenho, figura entre os moradores da Bahia suspeitos de cristãos novos no relatório do vigário geral da Sé, Manuel Temudo, Anita Novinsky, ***Cristãos Novos na Bahia***, p. 123. Foi libertado mediante fiança de Diogo Moniz Teles, juiz ordinário da Câmara.

5. JOÃO PEREIRA TELES. No ***Livro de Batizados de Paripe***, o de Mariana, filha de João Pereira Teles e D. Escolástica, a 21 de dezembro de 1698, arq. da Cúria.

6. TERESA TELES. Filha de João Pereira Teles e D. Escolástica, viúva de Matias Pisarro Cardoso, faleceu a 20 de dezembro de 1729, ***L. de Óbitos de S. Pedro Velho***, arq. da Cúria.

## *PEREIRAS DE PARIPE*

N. 7. Mateus Pereira de Meneses, (1) filho de Gaspar Pereira, o velho, e de sua segunda mulher D. Ângela de Mendonça, casou com D. Isabel de Almeida, filha de Gaspar de Freitas de Magalhães, à fl...., e teve filhos:

67. Gaspar Pereira de Magalhães, que se segue.

68. D. Antônia de Meneses, casada com Jorge de Araújo de Góes à fl.... Batizada a 17 de junho de 1629.

69. D. Ângela de Meneses, segunda mulher de Marcos de Betencourt, à fl...., batizada a 1.º de maio de 1631.

70. D. Maria de Meneses, primeira mulher do licenciado José de Araújo de Góes, à fl...., batizada a 25 de março de 1634.

71. O alcaide-mor Francisco Teles de Meneses, (2) que faleceu solteiro, batizado a 9 de outubro de 1635.

72. O capitão Antônio Teles de Meneses, (3) batizado a 27 de setembro de 1639, adiante.

73. Domingos Teles de Meneses, batizado a 25 de junho de 1643, depois.

Segunda vez casou Mateus Pereira com D. Helena da Silva Pimentel, * irmão do coronel Antônio da Silva Pimentel, o velho, e filhos ambos de Bernardo Pimentel de Almeida, Fidalgo da Casa Real, e sobrinho do governador do Brasil Luiz de Brito de Almeida e de D. Maria de Melo, sua terceira mulher, não teve Mateus Pereira desta segunda mulher filhos.

*Nota da R.I.H.G.B.*

* *Casaram na capela de S. Pedro do Acupe a 9 de janeiro de 1647.*



N. 67. Gaspar Pereira de Meneses Magalhães, filho primeiro de Mateus Pereira de Meneses e de sua primeira mulher D. Isabel de Almeida, casou com D. Violante Brandoa, * filha de Tomé Tavares de Alvim e de sua mulher Bárbara Pereira de Gusmão, rendeiro do engenho de Santo-Estevão, e nele perdeu todo o cabedal, que tinha, por seus parentes lhe não saírem de casa, e ele os querer banquetear todos os dias; teve filhos:

74. Tomé Pereira de Meneses, que se segue, batizado a 4 de dezembro de 1657.

75. Antônio Teles de Meneses, batizado a 9 de novembro de 1661.

E o padre Antônio Caldeira de Meneses, bastardo.

N. 74. Tomé Pereira de Meneses, (4) filho de Gaspar Pereira de Meneses Magalhães e de sua mulher D. Violante Brandoa, casou com D. Ângela de Souza, ** filha de Vasco de Souza Dormondo (5) e de sua mulher D. Vitória de Meneses, irmã de Jerônimo Moniz Barreto, e filhos, ambos, de Francisco Moniz de Meneses, fidalgo e herdeiro, e de sua mulher D. Maria Lobo de Mendonça, e não teve Tomé Pereira desta sua mulher filho algum.

Segunda vez casou Tomé Pereira com D. Inês de Melo Vasconcelos Corte Real, viúva de Gaspar de Vargas Cirne Barbosa, e filha de Antônio de Couros Carneiro, capitão-mor dos Ilhéus, e de sua primeira mulher D. Úrsula de Melo; e teve filhos:

76. D. Joana Maria de Vasconcelos, mulher de Elias de Souza Salgado.

N. 71. Francisco Teles de Meneses, filho de Mateus Pereira de Meneses e de sua segunda mulher D. Helena da Silva Pimentel; serviu a el-rei na Bahia com o posto de alferes e capitão-mor de infantaria, e dali passando para Portugal, foi roubado por piratas, veio com o Conde de Óbidos para a Bahia; porém maquinando ele e Lourenço de Brito Correa, (6) o velho, o Queiroz, e Álvaro de Azevedo a prisão do Conde, e embarcá-lo para Portugal, revelou o segredo Damião de Lençóis, que era capitão, e por isso o fizeram sargento-mor, e cedeu a companhia a seu sobrinho Teotônio Soares e Francisco Teles preso, e remetido para Portugal na frota, e Lourenço de Brito e os mais ficaram presos na Bahia; então foi que Francisco Teles de Meneses comprou a alcaidaria-mor da Bahia a Bernardo de Miranda Henriques, a quem el-rei D. Afonso IV a havia dado, e voltou para a Bahia com Alexandre de Souza Freire, quando a veio governar no ano de 1668. Este foi o alcaide-mor a quem Antônio de Brito de Castro matou na rua do Palácio em junho de 1683. (7) Não casou Francisco Teles, mas teve bastardos, filhos:

*Notas da R.I.H.G.B.*

* *Casaram na capela de Santo-Estevão do Socorro a 3 de setembro de 1656.*
** *Casaram na freguesia do Monte a 18 de fevereiro de 1697.*

Antônio de Queiroz e Rui Teles de Meneses. (8)

N. 72. Antônio Teles de Meneses, filho de Mateus Pereira de Meneses e de sua segunda mulher, acima, por morte de seu irmão Francisco Teles de Meneses, acima, o fez o governador Antônio de Souza de Meneses, a quem chamavam o ***Braço de prata***, alcaide-mor da Bahia no lugar de seu irmão; e passou a Portugal a queixar-se da tal morte, em os quais requerimentos gastou tudo o que tinha e depois de estar na corte anos, voltou para a Bahia, aonde acabou muito pobre, tendo dado perdão a Antônio de Brito por intercessão de D. João de Alencastro, que tinha vindo de governar Angola. Foi casado este Antônio Teles de Meneses com D. Ângela Barbosa, filha de Belchior Barbosa e de sua mulher D. Úrsula da Rocha, filha de João da Rocha, e dela não teve filhos.

N. 73. Domingos Teles de Meneses, filho de Mateus Pereira de Meneses e de sua primeira mulher D. Isabel de Almeida, casou duas vezes, a primeira com D. Francisca de Aguiar, filha de Estevão de Aguiar, o gago, à fl....., e de sua mulher D. Maria Barbosa, filha de Domingos Barbosa de Amorim, sem filhos; segunda vez casou com D. Ana de Meneses, filha de Francisco Furtado e de sua mulher D. Antônia de Meneses, que era filha de Henrique Moniz Barreto, à fl.... sem filhos; viveram muito mal, e se desquitaram, e ela casou depois com João Pereira. (9)

N. 9. Antônio Moniz Barreto, filho de Gaspar Pereira, o velho, e de sua segunda mulher D. Ângela de Mendonça, casou com D. Luzia de Espinosa, * filha de Cristóvão de Espinosa, e de sua mulher Ana Ribeiro, irmã do Reverendo Cônego Tesoureiro-mor da Sé da Bahia Francisco Ribeiro, (10) e do Reverendo Bartolomeu Ribeiro (11) por serem todos filhos de Francisco Ribeiro, (12) e de Catarina Gonçalves e sua mulher, e teve filhos.

77. Cristóvão Pereira de Aguiar, que se se segue. Batizado a 26 de outubro de 1631.

78. D. Isabel de Figueiró, mulher de João Dias Ribeiro. (13)

79. Manuel Teles, adiante. Batizado a 26 de março de 1636.

80. Jerônimo Moniz Barreto. Batizado a 4 de março de 1638.

81. D. Antônia de Figueiró, mulher de Pedro Mendes de Escobar. (14)

N. 77. Cristóvão Pereira de Aguiar, (15) filho de Antônio Moniz Barreto e de sua mulher D. Luzia de Espinosa, casou com D. Maria do Campo Alomba, ** filha de Paulo de Alomba, e de sua mulher Tomásia Barbosa e teve filhos. A este Cristóvão chamavam o Pai de Éguas.

82. Gonçalo Teles de Castelo Branco. (16)

*Notas da R.I.H.G.B.*

* *Casaram em Cotegipe capela de Santo Antônio a 30 de dezembro de 1630. Casou esta D. Luiza segunda vez com Gomes de Aguiar, à fl....., n. 9*

** *Casaram a 2 de setembro de 1649.*



83. D. Tomásia de Meneses, mulher de Luiz Pereira de Mendonça, filho de Cosme Pereira, à fl.... e depois de Tomé de Melo, filho de Lucas Pinto, (17) à fl.... Batizado a 9 de maio de 1652.

84. D. Ângela de Meneses, batizada a 20 de fevereiro de 1656.

85. D. Ana de Meneses, batizada a 9 de março de 1658.

N. 79. Manuel Teles de Meneses, filho de Antônio Moniz Barreto, n. 9, e de sua mulher D. Luzia de Espinosa, casou duas vezes, a primeira com D. Tomásia Barbosa * filha de Bartolomeu Moniz, e de sua mulher D. Arcângela da Lomba, e teve filho.

86. Constantino Moniz Teles, casado com D. Teresa de Lacerda Coutinho, e teve filhos.

N. 86. Constantino Moniz Teles, este acima, casou com D. Teresa de Lacerda Coutinho, filha de Sebastião Paz, à fl...., n. 18, e de sua segunda mulher D. Maria de Lacerda Coutinho, e teve filhos, 6 mortos e

87. Francisco Moniz Coutinho.

Segunda vez casou Manuel Teles de Meneses com D. Mariana Monteiro, ** (18) filha de Bento Monteiro Freire e de sua segunda mulher D. Suzana Pereira, viúva de Belchior Barbosa Pinheiro, e teve filhos:

88. Antônio Teles, que se matou.

89. D. Catarina de Meneses, mulher de Manuel de Melo, o Panica;

90. D. Mariana Teles de Meneses, que se segue. Batizada em Paripe a 18 de outubro de 1667.

N. 90. D. Mariana Teles de Meneses, filha de Manuel Teles de Meneses, e sua segunda mulher D. Mariana Monteiro, casou com Antônio Rabelo de Macedo, (19) o Panica, filho de Diogo Rabelo de Macedo e de sua mulher D. Margarida de Melo, e teve filhos:

91. O padre Gonçalo Rabelo de Meneses.

92. D. Ana Teles de Meneses, que se segue.

93. D. Isabel Teles de Meneses, mulher de Vasco de Melo de Vasconcelos, à fl....

N. 92. D. Ana Teles de Meneses, filha de D. Mariana Teles de Meneses e de seu marido Antônio Rabelo de Macedo, casou com Inácio de Matos Pinto de Carvalho, (20) cavaleiro professo da Ordem de Cristo, fidalgo da casa de Sua Majestade, por alvará régio do ano de 1755, capitão de infantaria de um dos regimentos pagos da Bahia, e comandante da fortaleza do mar, e foi filho de Manuel Pinto de Carvalho (21) e de sua mulher Úrsula de Matos, irmã de

*Notas da R.I.H.G.B.*

* *Casaram a 3 de fevereiro de 1588 Paripe.*

** *Casaram a 27 de novembro de 1660, Santa Luzia de Cotegipe.*

Monsenhor Matos; (22) e teve filhos.

94. Antônio Rabelo de Macedo, (23) tenente de infantaria, cavaleiro da Ordem de Cristo, vive solteiro.

95. Inácio de Matos Teles de Meneses, que se segue.

96. O doutor Manuel de Matos Pinto de Carvalho, (24) casado em Lisboa com D. Maria Violante de Albuquerque.

N. 95. Inácio de Matos Teles de Meneses, (25) filho de D. Ana Teles de Meneses e do capitão Inácio de Matos Pinto de Carvalho, é capitão de infantaria na Bahia, Fidalgo da Casa Real, cavaleiro na Ordem de Cristo, casou com D. Maria, * filha do capitão dos auxiliares Jácome José de Seixas (26) e de sua mulher D. Josefa. Homem de negócio e rico, que foi criado do Conde de Sabugosa, Vasco Fernandes Cesar, vice-rei e governador que foi da Bahia. Teve filhos.

N. 10. Gaspar Pereira de Meneses, filho de Gaspar Pereira, o velho, e de sua segunda mulher D. Ângela de Mendonça ** foi senhor do engenho de Matoim, casou três vezes, a primeira com D. Brites Antunes, que era irmã de D. Custódia de Faria, mulher de Bernardo Pimentel de Almeida, e teve filhos:

97. Manuel Pereira de Faria, (27) que se segue. Batizado a 28 de outubro de 1629.

98. João Pereira de Faria, adiante. Batizado a 6 de fevereiro de 1631.

99. Ângela e Roque, que faleceram de pouca idade.

Segunda vez casou Gaspar Pereira de Meneses com D. Maria Barbosa,*** filha de seu cunhado Francisco de Freitas de Magalhães, Fidalgo da Casa Real, e de sua primeira mulher D. Maria Barbosa, filha esta de Francisco Dias de Almeida e de sua mulher D. Águeda Barbosa de Barbuda; e teve filhos:

100. D. Mícia de Meneses, mulher de Pedro Barbosa de Vasconcelos. Batizada a 19 de abril de 1637.

101. Francisco de Freitas de Meneses, casado com D. Helena Monteiro, com filhos. Batizado a 7 de novembro de 1638.

102. Jerônimo Moniz Barreto, casado com D. Filipa, filha esta de Antônio de Miranda Silveira e de sua mulher Catarina Correa, sem filhos. Batizado a 3 de outubro de 1639.

103. Gonçalo Pereira de Meneses, adiante. Batizado a 15 de outubro de 1644.

104. D. Isabel de Meneses, mulher de Ângelo de Araújo. Batizada a 19 de novembro de 1648.

---

*Notas da R.I.H.G.B.*

* *Faleceu esta D. Maria a 28 de julho de 1773. Sepultada no Carmo.*

** *Casaram a 9 de janeiro de 1629 em Paripe e faleceu ele a 22 de outubro de 1659, sepultado no Carmo.*

*** *Casaram a 3 de fevereiro de 1636.*



Terceira vez casou o mesmo Gaspar Pereira de Meneses com D. Ângela de Meneses Vasconcelos, filha do alcaide-mor Jorge Barreto de Melo, Fidalgo da Casa Real, e de sua mulher D. Maria da Lomba, e teve filho.

105. Fernão Teles, que faleceu solteiro, batizado a 26 de janeiro de 1653.

N. 97. Manuel Pereira de Faria, (28) filho do capitão Gaspar Pereira de Meneses, n. 10, e de sua primeira mulher D. Brites de Faria, casou com D. Francisca de Perada, * viúva de Francisco Lopes Girão, o moço, e filha de Francisco de Betencourt, (29) e de sua mulher D. Arcângela de Melo; e teve filhos:

106. Francisco Betencourt de Sá, que se segue.

107. D. Brites de Faria Meneses, casada com o capitão Antônio Ferreira de Souza, sem filhos.

108. D. Joana de Meneses.

109. Tomé Pereira de Faria, (30) casado com D. Mariana de Souza, filha de Inácio Ferreira de Souza e de sua mulher D. Margarida Coelho, viveu em Matoim na fazenda, que foi de seu pai, e administração da que foi de sua tia, irmã de sua mãe, sem filhos.

N. 106. Francisco de Betencourt de Sá, filho de Manuel Pereira de Faria, e de D. Francisca de Perada, sua mulher, casou com D. Ana Paes de Azevedo, filha de Miguel Moniz Barreto, Fidalgo da Casa Real, e de sua mulher D. Úrsula do Rego, e teve filho:

110. Manuel Moniz Teles.

N. 98. João Pereira de Faria, (31) filho do capitão Gaspar Pereira de Meneses, n. 10 e de sua primeira mulher D. Brites de Faria, casou com D. Joana de Albuquerque, filha do licenciado João Leitão Arnoso, (32) cavaleiro fidalgo e professo na Ordem de Cristo, e de sua segunda mulher D. Filipa de Albuquerque Coutinho, e teve filhos:

111. Gaspar Pereira de Albuquerque, que casou com D. Joana, filha de Jerônimo Moniz Barreto, senhor do engenho da Passagem.

Segunda vez casou João Pereira com D. Isabel, filha de Antônio de Melo.

N. 104. D. Isabel de Meneses, filha de Gaspar Pereira de Meneses, n. 10, e de sua segunda mulher D. Maria Barbosa, casou duas vezes, a primeira com Manuel de Melo, que era de Portugal, e não teve filhos, a segunda vez casou com Ângelo de Araújo e teve filhos:

111. Manuel de Araújo, que casou com D. Brites, filha de seu irmão Francisco de Araújo.

112. Francisco de Araújo, que casou com D. Maria, filha de João de Carvalhal, à fl...., n. 12.

---

*Nota da R.I.H.G.B.*

* *Casaram a 25 de outubro de 1654 em Matoim.*

113. D. Maria, mulher de José de Melo, à fl...., n. 11, e teve filhos:

114. D. Ângela, mulher de Manuel de Carvalhal, (33) à fl.... n. 11, e aí a sua descendência. D. Joana, que faleceu solteira.

N. 6. Manuel Teles de Meneses, ou Barreto, filho de Gaspar Pereira, o velho, e de sua segunda mulher D. Ângela de Mendonça, à fl...., viveu na sua freguesia de Paripe, em uma fazenda, que chamam São Tomé, e casou com D. Maria de Espinosa, que era sobrinha do padre Bartolomeu Ribeiro, irmão do cônego Francisco Ribeiro, e teve filhos:

115. Gaspar Teles, que se segue:

116. João, Manuel e Francisco, que faleceram solteiros.

N. 115. Gaspar Teles, filho de Manuel Teles, acima, n. 6, e de sua mulher D. Maria de Espinosa, casou em Curupeba com D. Isabel, filha de Sebastião Pereira e de sua mulher Ana Correa e teve filhos:

117. Manuel Teles, que casou com D. Maria, filha de Manuel de Freitas Lobo.

118. Antônio Teles, que casou com D. Antônia, filha de Augusto Subtil, sem filhos.

119. Pedro Pereira, casado com D. Maria, filha de Inácio Ferreira de Souza, sem filhos.

N. 116. João Pereira Teles, filho de Manuel Teles de Meneses, n. 6, acima, e de sua mulher D. Maria de Espinosa, casou com D. Escolástica, filha de João Fernandes Perfeito, mercador na Bahia, o qual era irmão do padre José Henriques, do padre Domingos Cabral, e de Inácio Cabral, e teve filhos:

120. Tomé Pereira, Mateus Pereira, D. Eufrásia, D. Teresa, D. Faustina e D. Mariana.

N. 12. Cosme Pereira de Mendonça, filho de Gaspar Pereira, o velho, e de sua segunda mulher D. Ângela de Mendonça, casou com D. Luiza Girão, * a qual era filha de André Cavalo, (34) o velho, e já havia sido casado a primeira vez com F. chamava-se esta primeira D. Maria de Vasconcelos e era filha de Francisco de Mesquita, e casaram a 25 de novembro de 1635, de quem lhe não achamos os nomes, nem os pais, e desta tal segunda teve filhos.

121. Luiz Pereira, que casou com D. Tomásia de Meneses, filha de Cristóvão Pereira de Aguiar, à fl.... e de sua mulher D. Maria do Campo Alomba.

122. André Cavalo de Carvalho, que casou com D. Ana de Souza, viúva de Antônio Simões de Crasto, (35) filho de João de Souza Pereira e de sua mulher D. Maria de Souza, não teve filhos; foi sargento-mor de auxiliares, e capitão de cavalos.

---

*Nota da R.I.H.G.B.*

* *Casaram a ... de novembro de 1648.*



123. Mateus Pereira, casado com D. Jerônima de Meneses, sua prima, filha de Antônio Moniz e de sua mulher D. Arcângela Girão, filha de Francisco Lopes Girão e de sua mulher Francisca de Betencourt, e ela depois de viúva casou com Antônio de Crasto.

124. Martim Teles, que casou com D. Bárbara de Sá de Meneses, viúva de João de Seixas, de quem não teve filhos, mas teve bastardos D. Florência de Meneses, mulher de João Batista de Brito e D. Luiza de Meneses.

125. Álvaro Girão, que se segue.

N. 125. Álvaro Girão, filho de Cosme Pereira, n. 12, e de sua mulher segunda D. Luzia Girão, casou por amores com D. Joana Betencourt de Meneses, filha de Agostinho da Costa de Meneses, e morreu na cadeia, pobre, ao desamparo, e deixou filhos:

126. André Cavalo de Carvalho. (36)

127. D. Antônia, D. Maria, D. Simoa, e D. Ana.

N. 14. Francisco Moniz Teles, filho de Gaspar Pereira, o velho, e de sua segunda mulher D. Ângela de Mendonça, casou com D. Policena de Souza Rabelo, filha de Bartolomeu Rabelo, a primeira vez e teve desta filhos, e de sua mulher Constância de Souza.

128. Antônio Teles, que se segue.

129. João Moniz, que faleceu solteiro e Fernão Teles.

129. Francisco Moniz Teles, (37) que casou com D. Isabel Garcia, filha de Antônio Cordeiro Aires, à fl...., n. 3.

Segunda vez casou Francisco Moniz, acima, com D. Inês Lobo, e teve filhos:

130. Antônio Teles, abaixo:

E duas fêmeas mais.

N. 128. Antônio Teles, a quem chamavam o Carapeba, filho de Francisco Moniz, acima, e de sua primeira mulher Policena Rabelo, casou com D. Brites de Aguiar,* filha de Gomes de Aguiar Daltro e sua primeira mulher D. Luzia de Espinosa, a qual era já viúva de Antônio Moniz Barreto, filho de Gaspar Pereira, o velho, e de sua segunda mulher D. Ângela de Mendonça, e teve filhos:

131. Lázaro Teles de Meneses, que casou com D. Elvira de Esteria, (38) filha de Carlos e de D. Ângela de Betencourt.

132. Bernardo Moniz Teles.

D. Luzia.

D. Maria.

---

*Nota da R.I.H.G.B.*

* *Casaram a 1.º de fevereiro de 1665 em Paripe.*

D. Mariana.

E D. Policena.

N. 130. Antônio Teles, que foi chamado, o Barradas por alcunha, e filho também de Francisco Moniz e de sua segunda mulher D. Inês Lobo, casou com D. Mariana de Bitencourt, filha de Aleixo Antunes da Silva e de sua mulher Natália Guedes de Carvalho, filha de Rui de Souza de Carvalho e de sua mulher Antônia Correa de Sá, e Aleixo Antunes era filho de Roque Antunes **(39)** e de sua mulher Ana da Silva, filhos deles.

133. Urbano Teles.

David Teles.

D. Antônia de Betencourt, (40) mulher de Francisco Pereira Pinto.

E D. Florência de Betencourt.

---

1. MATEUS PEREIRA DE MENESES. Fr. Jaboatão achou no ***Livro de Batizados de Paripe*** (que consultamos) o de Antônia, n. 68, filha de Mateus Pereira e de sua mulher, a 17 de novembro de 1690, padrinhos Francisco Pereira Soares e Isabel de Lemos.

2. FRANCISCO TELES DE MENESES. Alferes reformado da companhia do capitão Sebastião de Araújo e Lima, do terço do mestre de campo Nicolau Aranha Pacheco, obteve licenca do governador geral, 24 de setembro de 1659, para ir tratar na Corte de "negócios que necessitavam de sua assistência pessoal", Arq. Públ. da Bahia, ***Alvarás de 1630 a 1676***, fl. 197 verso. Capitão, foi desapossado de sua companhia e mandado preso para Portugal pelo conde de Óbidos, na "presuncão de um chamado Motim contra sua pessoa que se não provou". O governador Alexandre de Souza Freire o reincorporou, com os soldos devidos, por ordem do rei, ***Doc. Hist.***, v. 23, p. 5, (3 de marco de 1667). Ganhou a mercê de alcaide-mor da Bahia a 16 de agosto desse ano, ***Doc. Hist.***, v. 23, p. 29. Aí se diz que servira desde 1665 em praca de soldado, alferes e capitão: e que "vindo para o reino em 659 ser roubado na viagem, e levado a Galiza, onde esteve até vir em liberdade". A sua patente de 1664 registra servicos "por espaco de oito anos, desde 28 de janeiro de 1652 até novembro de 1659 em ocasiões que ali se ofereceram em que procedeu com satisfacão", ***Doc. Hist.***, v. 21, p. 378. Acabou (muito protegido do governador geral Antônio de Souza de Meneses) às mãos de um grupo de inimigos (episódio que estudamos em ***O Crime de Antônio Vieira***), entre eles Antônio de Brito de Castro e Goncalo Ravasco. Ainda a 15 de janeiro de 1683 lhe foram dadas 10 léguas de terras nos Maracás, rio de Jequiricá, ***Publ. do Arquivo Nacional*** , XXVII, p. 76.

   — Em abril de 1717 morreu em Paripe, solteiro, Antônio Liguamor de Meneses, "filho natural do alcaide-mor Francisco Teles de Meneses", exposto em casa do capitão Antônio Liguamor Cerqueira e Inocência de Souza "como se fosse sua mãe", ***Livro de Batizados e Óbitos***, arq. da Cúria.

3. ANTÔNIO TELES DE MENESES. Capitão da Ordenança do distrito de Paripe, nomeado pelo governador Alexandre de Souza Freire, ***Doc. Hist.***, XI, p. 440, em 14 de julho de 1668, com serviço de guerra, no Recôncavo, aos índios que desciam do sertão. A 30 de junho de 1683 foi investido no lugar de Manuel de Barros da Franca, acusado ter morto o alcaide-mor seu irmão. Foi pelo governador Antônio de Souza de Meneses nomeado alcaide-mor, 26 de junho de 1683, Arq. Públ. da Bahia, ***Registro de Patentes de 1678 a 1688***, fl. 147, lugar em que o Príncipe não o confirmou, provendo nele, a 1.º de marco de 1687, Francisco de Araújo de Aragão. Perseguiu judicialmente os matadores de Francisco Teles de Meneses, na Bahia e no Reino. Pródigo, desbaratou em curto prazo os bens, e mais tarde, com o perdão que os jesuítas conseguiram para Antônio de Brito de Castro, perde-se-lhe o rasto. Preocupou o padre Antônio Vieira, que em várias cartas lhe descreve a arrogância vingativa.



4. TOMÉ PEREIRA DE MENESES. O sobrinho do alcaide-mor, mencionado em nota seguinte.

5. VASCO DE SOUZA DORMUNDO. Leia-se, de Souza ***Paredes***, como ficou dito.

6. LOURENÇO DE BRITO CORREA. É o irmão de Antônio de Brito Correa, de quem tratamos.

7. O alcaide-mor foi morto na rua atrás da Sé (ou do Palácio) em 4 de junho de 1683. A importância do crime ressalta das páginas que lhe dedica Sebastião da Rocha Pita, na ***História da América Portuguesa***. Fr. Jaboatão, ouvindo a tradição oral, atribue a Antônio de Brito de Castro o golpe decisivo. Esta é a verdade.

8. RUI TELES DE MENESES. Tenente da companhia de cavalos de que era capitão André Cavalo de Carvalho (criada a 14 de maio de 1692), a 11 de fevereiro de 1693, Arq. Públ. da Bahia, ***Patentes de 1688 a 1696***, fl. 242.

9. JOÃO PEREIRA. Palpita-nos seja o da rua do Rosário de João Pereira, onde se faria o convento das ursulinas.

10. PADRE FRANCISCO RIBEIRO. Cristão velho, natural da Bahia, capelão da Relacão, coadjutor da Sé, em 1618.

11. PADRE BARTOLOMEU RIBEIRO. "Tomou posto o conde de Nassau, ocupando em uma eminência a casa do padre Bartolomeu Ribeiro, tiro de canhão da cidade, e de mosquete à ermida de Santo Antônio", Brito Freire, ***ibid.***, p. 436.

12. FRANCISCO RIBEIRO. Nas ***Denunciações***, 1618, aparece "Francisco Ribeiro, da nacão, desnarigado, natural da Vila Nova de Portimão, morador na ilha das Fontes, senhor de engenho".

13. JOÃO DIAS RIBEIRO. Juiz dos órfãos da vila de Camamu, em 1684, ***Doc. Hist.***, v. 33, p. 94.

14. PEDRO MENDES DE ESCOBAR. Sua filha Úrsula foi batizada em Santo Amaro do Catu, 21 de abril de 1658. ***Livro de Batizados***, arq. da Cúria.

15. CRISTÓVÃO PEREIRA DE AGUIAR. Capitão de infantaria da ordenanca da cidade da Bahia, em 1667, ***Doc. Hist.***, v. 31, p. 383. Morreu a mulher, D. Maria de Lomba, a 29 de julho de 1707, ***Livro*** da freguesia de Paripe, arq. da Cúria.

16. GONÇALO TELES CASTELBRANCO. Alferes da companhia de cavalos de que era capitão Paulo de Matos Aranha, 26 de abril de 1703, Arq. Públ. da Bahia, ***Patentes de 1696 a 1703***, fl. 420 verso.

17. LUCAS PINTO. A "ilha de Lucas Pinto" ficava na freguesia de Pirajá, Notícia, 1757, ***Anais da B.N.***, v. 31, p. 217.

18. MARIANA MONTEIRO. Faleceu em Paripe, a 1.º de dezembro de 1687, testamenteiro o filho, Antônio Teles (***Livro de Óbitos***, arq. da Cúria).

19. ANTÔNIO REBELO DE MACEDO. Natural da vila de Maragogipe, na Bahia, Familiar do Santo Ofício; sua mulher ***Maria*** Teles de Meneses, da freguesia de Nossa Senhora de Paripe, cf. Processo de Habilitacão à Ordem de Cristo do neto, desembargador Manuel de Matos Pinto de Carvalho, 1763, T.T., ***Habil.***, m. 516, n. 4. Curioso é o que revela uma testemunha naquele Processo de Habilitacão. Que o avô materno "era cabouco (caboclo) mas não sabe com certeza se tinha casta da terra ou não".

20. INÁCIO DE MATOS PINTO DE CARVALHO. A mulher, D. Ana ***de Sá*** e Meneses (lê-se no ***Processo de Habilitação*** à Ordem de Cristo do neto, Inácio, abaixo). Ambos da Bahia, batizados na Sé. Foi cavaleiro de Cristo em 1752 (***Árvore de costado das Famílias Ilustres de Portugal)*** ordenado por Antônio Peixoto de Queirós e Vasconcelos, ms. da Biblioteca Nacional de Lisboa, fl. 94.

21. MANUEL PINTO DE CARVALHO. Filho de Belchior Pinto de Carvalho e Ângela Lopes, natural da vila de Guimarães (***Genealogia***, T.T., v. 30, árvore 94 v.), no Reino, morador na Bahia, aí casado com Úrsula de Matos, foi Familiar do Santo Ofício por carta de 15 de fevereiro de 1690, ms. T.T., maço 36, n. 792. Alferes de uma companhia de infantaria. proveu-o o vice-rei Vasco Fernandes César no posto de capitão-mor do Espírito Santo de Inhambupe, em que o rei o confirmou, 8 de fevereiro de 1727. Entrou na irmandade da Santa Casa a 8 de abril de 1691. Viúva, faleceu Úrsula de Matos a 6 de agosto de 1743, ***L. de Óbitos da Sé*** arq. da Cúria.
— Outra filha, D. Helena de Matos, mulher de Luiz Lopes Pegado Serpa, Provedor da Fazenda da Bahia, que, segundo Macedo Leme, morreu no Limoeiro, em Lisboa. Filho: Manuel de Matos Pegado Serpa, que continuou na provedoria, embora morando em Lisboa (Macedo Leme). Casou com D. Ana Maria, filha do coronel Manuel Xavier Ala, que foi governador interino da Bahia, e D. Antônia de Aguiar de Carvalho (falecida com 96 anos em 1784), filha de Bernardo de Aguiar, "potentado no Maranhão dono que foi de capitania e governador" e D. Mariana.

22. MONSENHOR MATOS. Manuel de Matos, Monsenhor da Patriarcal de Lisboa, doutor pela Universidade de Coimbra (1701, ***Brasília***, IV, p. 62), natural da Bahia, filho de Inácio de Matos, de Viana e Helena Fernandes, baiana (processo de leitura no Desembargo do Paco), neto paterno do desembargador Fernandes de Matos e Maria Álvares, que em 1702 morava no bairro da Sé, na Bahia. Lente de Leis em Coimbra, deixou-a em 1716 (Teófilo Braga, ***História da Universidade de Coimbra***, III, p. 204, Lisboa, 1898) para concorrer ao lugar de cônego da Sé de Vizeu; doutor do Real Colégio de São Paulo.

23. ANTÔNIO ***REBELO DE MATOS***. Tenente de infantaria na Bahia, então assistente em Alcântara, com o irmão germano desembargador Manuel de Matos (adiante), habilitou-se à Ordem de Cristo a 30 de julho de 1766, T.T., ***Habil.***, m. 19, n. 3.

24. MANUEL DE MATOS PINTO DE CARVALHO. Nasceu na Bahia, 13 de janeiro de 1736. Do processo de leitura de bacharéis, 1756 — licenciado em cânones e leis, filho de Inácio de Matos Pinto de Carvalho, governador da fortaleza do Mar, na Bahia, tenente coronel de infantaria e D. Ana de Sá e Meneses Cavalcanti de Albuquerque, filha do brigadeiro Antônio Rabelo de Macedo, neto paterno de Manuel Pinto de Carvalho e D. Úrsula de Matos, irmã do desembargador Manuel de Matos. Provedor da fazenda nos Acores, de 1759 a 1770, em seguida, aos 34 anos, desembargador da Relacão do Porto (declarou no Processo de Habilitacão à Ordem de Cristo de Francisco Pires de Carvalho e Albuquerque, que morava na sua casa em Lisboa, T.T., ***Habil.***, m. 18, n. 15), procurador da Coroa, presidente do Subsídio Militar, Procurador Fiscal da Companhia dos Vinhos, corregedor do cível e agravos na Corte, 1791-95, ***Anais do 4.º Congresso de História***, XI, pp. 373-4, casou na Bahia em segunda núpcias com Maria Angelina, filha bastarda do Secretário de Estado José Pires de Carvalho e Albuquerque. Filhos, nascidos em Angra, bacharel Manuel de Matos (adiante), capitão José Teles, D. Mariana, cf. Macedo Leme, ***Genealogia***, ms. fl. 188. — A sua inscrição na Ordem de Cristo é de 1765. Morreu a 16 de novembro de 1796 (Macedo Leme).
Filho: desembargador Manuel de Matos Pinto de Carvalho e Albuquerque, Procurador da Real Fazenda, Fiscal da Alfândega das sete Casas e Corregedor dos Órfãos do Termo. Com dispensa de provancas, ingressou na Ordem de Cristo a 11 de fevereiro de 1800, T.T., ***Habil.***, m. 9, n. 56. A sua leitura de Bacharel é de 1787.

25. INÁCIO DE MATOS TELES DE MENESES. Capitão de infantaria, indicado em 1763 à promoção, ***Anais da B.N.***, v. 32, p. 5. Brasão d'armas: 6 de junho de 1764. Fidalgo da Casa Real. Capitão de granadeiros de um dos Regimentos pagos da Bahia. A mulher: D. Maria Josefa de Seixas, batizada na freguesia do Pilar (ele, na Sé), alegou o filho, do mesmo nome, no seu Processo de ***Habilitação à Ordem de Cristo***, em 1779. Filhos: 1. Inácio de Matos Teles de Meneses, batizado na freguesia da Vitória, morador na Corte, onde professou na Ordem de Cristo, T.T., ***m. 54***, n. 10. 2. José, capitão do 1.º Regimento de infantaria na Bahia, irmão da Santa Casa em 1787, falecido a 29 de outubro de 1800 (não de 1801, ***Anais da B.N.***, v. 36, doc. 22.250). 3. Jácome, também oficial. 4. Úrsula, mulher, em 1791, do capitão Francisco Alvelos Spínola, filho do escrivão da Câmara Francisco Alvelos Spínola, ofício em que lhe sucedeu, em 1803, irmão da Santa Casa em 1785, falecido a 20 de agosto de 1826, ***L. de Irmãos***, 5, fl. 129. Netos: Inácio de Matos Teles de Meneses, cadete, um dos presos de 3 de novembro de 1821, remetidos para Lisboa, citado por Titara no poema da campanha da Independência, ***Paraguaçu***, c. II, nota 16, capitão em 1835, casado com D. Teresa Helena de Matos Teles de Meneses. Filha: Francisca Leopoldina, batizada a 3 de marco de

1813 na Sé, padrinho o barão de Quintela, ***arq. da Cúria***. Justificacões diversas, pasta 1. Alferes Luiz Alvelos Teles de Meneses, Braz do Amaral, ***História da Independência da Bahia***, p. 101, promovido a tenente, Titara, ***ibid.***, c. III, nota 44.

26. JÁCOME JOSÉ DE SEIXAS. Natural de Seixas, bispado de Miranda do Douro, veio pequeno para a Bahia, e fez fortuna. As testemunhas no Processo de Habilitacão à Ordem de Cristo do neto, Inácio de Matos Teles de Meneses, dizem "era pessoa muito rica, e se tratava à lei da nobreza andando em cadeirinha com criados que o acompanhavam, e vivia das rendas das suas lavras e fazendas, e que nunca exercitara ocupacões mecânicas", T.T., ***Habil. da Ordem de Cristo***, J, m. 62, n. 4. Tinha comércio com a África e a metrópole. Cita-o Caldas, ***Notícia, Revista do Instituto Histórico da Bahia***, n. 57, p. 316, entre os quatorze mais opulentos da praca.

27. MANUEL PEREIRA DE FARIA. ***L. de Batizados de Paripe*** (2 de setembro de 1629), arq. da Cúria: confirma Fr. Jaboatão.

28. MANUEL PEREIRA DE FARIA. Vereador, em eleicão de barrete, anulada em 1683. Era da faccão do alcaide-mor Francisco Teles, ***Consultas do Conselho Ultramarino***, ms. no Instituto Histórico, fl. 272. Pelo ***termo de Irmão*** da Santa Casa da Bahia, 7 de dezembro de 1664, se sabe que era filho de Francisco Nogueira Sampaio e Catarina Pereira de Faria, casado com Constanca da Silva, filha de Gaspar Rodrigues Varela e Maria Bernardes.

29. FRANCISCO DE BETENCOURT (DE SÁ). Parece ser Francisco de Bettencourt de Sá, a quem o rei prometeu a Ordem de Cristo se levasse da ilha da Madeira para o Brasil cem homens, em 1631. Era moco fidalgo, daquela ilha, filho de Gaspar de Bettencourt de Sá. A expedição destinava-se à guerra de Pernambuco, ou à Bahia, dando ele "todos os mantimentos", T.T., ***Habil. da Ordem de Cristo***, m. 34, n. 49. Teve o Hábito de Cristo a 4 de marco de 1633.

30. TOMÉ PEREIRA DE FARIA. Sobrinho de D. Cecília de Bettencourt, foi pelo tio instituido administrador da capela por este criada em Santo Antônio das Barreiras do rio Jaguaripe (veja-se o que se diz de Antônio Fernandes da Costa, tít. ***Cavalos e Carvalhos***).

31. JOÃO PEREIRA DE FARIA. Almotacé, eleito pelos vereadores a 5 de marco de 1668, ***Atas da Câmara da Bahia***, IV, p. 348.

32. JOÃO LEITÃO ARNOSO. Lê-se em notas do tabelião Sebastião Machado, de Lisboa, 1645: "substabelecimento que faz o Pe. João Leitão da Companhia de Jesus, da procuracão de sua mãe D. Filipa de Albuquerque Coutinho e seu Pai o Ldo. João Leitão Arnoso da Cidade do Salvador da Bahia cuja procuracão também foi feita ao irmão do mesmo Pe. e f.º dos sobreditos assistentes em Lisboa chamado Gar. Leitão de Eca em 13 de janeiro fl. 44". ***Index das Notas***..., 3.º, p. 170. — João Leitão Arnoso teve o hábito de Cristo com 20$ de pensão, por seus servicos em Pernambuco e na Bahia, Pedro Cadena, ***Relação Diária do Cerco da Bahia de 1638***, notas de Manuel Múrias, p. 291. Estava entre os "de negócio e de maior experiência" ouvidos sobre a vintena dos acúcares, 1643, ***Atas da Câmara***, II, p. 184. Vereador em 1650-1654, Cartas do Senado, I, p. 23. Casado em primeiras núpcias com Agostinha da Cruz. Filha, Vicência Leitão de Sá, mulher de Marcos Coutinho, falecido em 1669, com testamento, ***Livro do Tombo da Misericórdia da Bahia***, ms. n. 1, em que consigna dívidas do marido, que tinha comércio com os portos de Angola. Do 2.º casamento: Gaspar Leitão de Eca, nascido na Bahia, bacharel em leis pela Universidade de Coimbra, 1654, ***Brasília***, IV, p. 15; padre João Leitão, jesuíta, em 1671, examinador no Colégio de Olinda, Pe. Serafim Leite, ***História da Compahia de Jesus no Brasil***, V, p. 432, depois de longa permanência em Portugal, ***ibid.***, VIII, p. 336.



33. MANUEL DE CARVALHAL. Faleceu em Paripe a 31 de marco de 1698, ms. arq. da Cúria.

34. ANDRÉ CAVALO (o velho). A 10 de maio de 1608, foi batizado João, filho de André Cavalo e de sua mulher, ***Livro de Batizados de Paripe***, arq. da Cúria.

35. ANTÔNIO SIMÕES DE CRASTO. Veio na armada do conde da Torre. Fez-se na Bahia homem de negócios, tendo sociedade na ilha da Madeira e outra para exploração de pau-brasil. Foi casado (primeiras núpcias?) com D. Isabel de Souza, filha de Gaspar Lobo de Souza e D. Maria de Medeiros. Morreu em 1661, testamento no ***L. do Tombo n. 1, da Santa Casa***. — Aparece 2.º Antônio Simões de Crasto, capitão da Ordenanca do distrito de Sergipe do Conde, posto em que foi provido a 3 de marco de 1679, Arq. Públ. da Bahia, ***Registro das Patentes de 1678 a 1688***, fl. 26.

36. ANDRÉ CAVALO DE CARVALHO. Veja-se ***tít. Cavalos de Carvalho***. Alferes de gente a cavalo, 4 de maio de 1676, ***Doc. Hist.***, v. 26, p. 85, foi sentenciado em 1678 por crime de ferimentos graves, tanto que a 20 de dezembro de 1680 o seu posto foi dado a Antônio Simões Delgado ("André Cavalo de Carvalho cometeu um delito por cuja causa lhe mandei dar baixa em seu assento", ***Doc. Hist.***, v. 27, p. 362). Era, mais do que bom capitão; "capitão de graca suma/André Cavalo saiu..." (no elogio de Gregório de Matos, ***Satírica***, IV, 2.º, p. 41). Voltou às armas, sargento-mor do Regimento de Manuel de Barros da Franca, 13 de maio de 1687 ("sujeito das principais famílias desta praca", Arq. Públ. da Bahia, ***Registro de Patentes de 1678 a 1688***, fl. 283 v.), capitão-mor em 1692, ***Doc. Hist.***, v. 32, p. 304, capitão de companhia de 80 cavalos fora da cidade, ***Doc. Hist.***, v. 89, p. 241, em 1693. Sargento-mor da ordenanca do regimento do coronel Francisco Dias D'Ávila, capitão de uma das quatro companhias de até 50 cavalos, em 1702, Patentes de 1696 a 1703, fl. 388, juiz ordinário da vila de São Francisco em 1708.

37. FRANCISCO MONIZ TELES. Capitão-mor do distrito da Saubara, resignou em 1676, ***Anais da B.N.***, v. 36, p. 371. Teve sesmaria de 3 léguas no sertão, alvará de 7 de novembro de 1683, ***Publ. do Arquivo Nacional***, XXVII, p. 77.

38. ELVIRA ***DE AGUIAR***. Casada com Lázaro Teles. É o que se lê no registro de óbito da filha, D. Ana de Aguiar (não citada por Fr. Jaboatão), solteira, que faleceu a 10

de junho de 1729. E ela, a 2 de dezembro do mesmo ano. ***L. de Óbitos de S. Pedro Velho,*** arq. da Cúria. Filho de Carlos e D. Ângela de Betencourt de Sá, Carlos de Aguiar Heredes, casou em 1735, ***L. de Casamentos do Monte***, arq. da Cúria.

39. ROQUE ANTUNES. Sua mulher Ana ***de Freitas***, como se vê no ***Livro de Batizados de Paripe***, 1677 (arq. da Cúria): batizado de Leonor, filha de Roque Antunes.

40. ANTÔNIA DE BETENCOURT. Viúva de Domingos da Silveira, faleceu a 4 de agosto de 1722, ***L. de Óbitos de S. Pedro Velho,*** arq. da Cúria.

## *GOMES DE LAMEGO*

Jorge Gomes de Lamego, morador na cidade de Lisboa, foi casado em Lisboa, duas vezes, a primeira com Isabel Henriques, da qual teve filhos:

1. Diogo Rodrigues de Lisboa.
2. Gomes Rodrigues.
3. Manuel Rodrigues.
4. Branca Rodrigues.

Segunda vez casou Jorge Gomes de Lamego com Catarina Lopes, também teve filhos, que não achamos na escrita de onde tiramos isto, quais foram eles, nem os seus nomes.

Foi este Jorge Gomes senhor do engenho de Santa Cruz de Torres em Cotegipe, arrabalde da Bahia, o qual engenho vendeu a Baltazar Pereira, de quem adiante se dirá, e este Baltazar Pereira, o velho, o vendeu depois a Antônio Vaz, e este o vendeu a Gaspar Pereira, de Paripe, o que tudo se acha em uns autos de demandas, que sobre o tal engenho correu pelo tempo adiante Gaspar Pereira com Antônio Vaz, mas nos tais autos ainda que neles se fale neste Jorge Gomes, primeiro senhor do tal engenho e no seu segundo possuidor Baltazar Pereira, não se declara o tempo, em que foram senhores deste engenho nem as escrituras das suas vendas e compras, e só se acham as de Baltazar Pereira com Antônio Vaz e as deste com Gaspar Pereira, o velho, como em seu lugar se dirá.

## *PEREIRA*

Baltazar Pereira, (1) mercador, e morador na cidade de Lisboa, teve o título de moço da câmara de Sua Majestade, foi mercador mui rico, e casou com D. Maria de Melo de Vasconcelos, filha de Antônio de Oliveira, primeiro alcaide-mor da Bahia, onde casou o dito Baltazar Pereira, quando veio nesta cidade tratar do seu engenho de Cruz de Torres, em Cotegipe, o qual engenho



havia comprado em Lisboa a Jorge Gomes de Lamego, e o vendeu depois no ano de 1589 por escritura de 20 de março do dito ano a Antônio Vaz, por 32 mil cruzados, como vai adiante. Teve Baltazar Pereira de sua mulher D. Maria de Melo filhos:

1. D. Branca, que se segue.
2. D. Luiza, batizada na Sé a 9 de agosto de 1587.
3. D. Maria, batizada na Sé ao 1.º de setembro de 1585.
4. D. Mariana.

N. 1. D. Branca, filha primeira de Baltazar Pereira e de sua mulher D. Maria de Melo de Vasconcelos, casou com Ventura de Frias Salazar, (2) fidalgo da casa de Sua Majestade, serviu de provedor da fazenda real, e teve filhos. Faleceu Ventura de Frias a 15 de abril de 1630, sepultado em S. Francisco.

5. D. Maria, que faleceu sem casar e deixou por herdeiro a seu irmão João de Salazar de Vasconcelos. Fidalgo da Casa Real.

6. João de Salazar de Vasconcelos, já nomeado.

De Ventura de Frias Salazar, acima, foi irmão João de Frias Salazar, Fidalgo da Casa Real, desembargador do paço, testamenteiro, tutor e administrador das pessoas e bens dos ditos órfãos, filhos de Ventura de Frias Salazar.

Baltazar de Amorim, casado com a irmã de Baltazar Pereira.

Domingos Barbosa de Amorim, sobrinho de Baltazar Pereira.

Antônio Mendes de Oliva, (3) tutor dos filhos de Ventura de Frias.

Baltazar Pereira acima, passou à Bahia no ano de 1560, como se disse já, tratando de Gaspar Pereira, o velho, à fl...., e no ano de 1590 se retirou outra vez para Lisboa, e lá na corte, por escritura de 31 de maio de 1596, ratificou a venda que havia feito do tal engenho ao sobredito Antônio Vaz, por seu procurador e parente de sua mulher na Bahia o Rev. Bartolomeu de Vasconcelos, cônego chantre da Sé.

---

1. BALTAZAR PEREIRA. "A mão direita, por um braço acima (Matoim) está o famoso engenho do Paripe, que foi de Afonso de Torres e agora é de Baltazar Pereira, mercador. A este engenho pagam foro todas as fazendas que há no porto de Paripe, e que também chamam do Tubarão, até a boca do Matoim, e pelo rio acima duas léguas", Gabriel Soares, ***Tratado Descritivo,*** p. 134.
"Baltazar Pereira disse ser natural de Ponte de Lima, filho de Gabriel Rodrigues já defunto e de Isabel Dias já defunta casado com dona Maria de Vasconcelos de idade até cinquenta anos morador nesta cidade", ***Denunciações da Bahia,*** 1591, p. 295.

2. VENTURA DE FRIAS SALAZAR. Fidalgo da Casa Real. Tinha 56 anos em 1624, ***Livro 1.º do governo,*** p. 380. Foi por D. Francisco de Moura nomeado Provedor-mor da fazenda de S. Majestade neste Estado do Brasil, 24 de novembro de 1625, ***Doc. Hist.,*** XIV, p. 478, por falecimento de Francisco de Barros. Fez parte da junta de guerra que se reuniu a 10 de dezembro de 1627, para dispor sobre a repressão

dos tapuias, ***Anais do Museu Paulista,*** III, parte 2.ª, p. 128, juiz ordinário na Câmara da cidade, nesse mesmo ano, ***Anais da Câmara,*** I, p. 63, senhor de engenho (1619).

3. ANTÔNIO MENDES DE OLIVA, nascido na Bahia, filho de João Mendes, Bacharelou-se em Cânones na Universiadade de Coimbra, em 1649, ***Brasília,*** IV, p. 19. Cristão novo. Pai de Mateus Mendes, soldado, Nicolau e duas freiras de Odivelas, A. Novinsky, ***op. cit.,*** p. 166. ***Veja-se tít. Subtil e Siqueira*** — Acusado de cristão novo em 1646. Não é o tesoureiro das rendas da Coroa, de 1632 (retifique-se neste ponto a citada autora).

## *VAZ, ETC.*

Antônio Vaz, (1) de quem não achamos ainda donde era natural e só que no ano de 1589, por escritura de 20 de março, comprou na Bahia, aonde assistia, a Baltazar Pereira o seu engenho de Santa Cruz de Torres, em Cotegipe, por 32 mil cruzados, e no ano seguinte de 1590 a 2 de novembro vendeu o sobredito Antônio Vaz a metade do tal engenho, por escritura de 2 de novembro a Gaspar Pereira, o velho, por 140 mil cruzados e cem mil réis, e no mesmo ano de 1590 por outra escritura de 22 do mesmo mês de novembro vendeu o tal Antônio Vaz a outra metade do próprio engenho ao sobretido Gaspar Pereira, com tudo o mais que tocava desse engenho por 160 mil cruzados. Tudo isto sobre o tal engenho e estes que foram seus possuidores Jorge Gomes o 1.º, Baltazar Pereira o 2.º, Antônio Vaz o 3.º, e Gaspar Pereira o último. Se acha assim nos autos de demandas, que correu Antônio Vaz com seu cunhado Gaspar Pereira, o velho, sobre o mesmo engenho, e nos quais autos se dizerem Antônio Vaz e Gaspar Pereira cunhados. Assim se diz nos autos das demandas à fl. 41 verso, por serem casados ambos com duas irmãs, Gaspar Pereira com D. Maria Soares e Antônio Vaz com D. Antônia Soares, filhas ambas de Henrique Moniz, o velho, * irmão de Duarte Moniz, alcaide-mor da Bahia, como fica à fl....

De Antônio Vaz e de sua mulher D. Antônia Soares foi filha:

1. D. Maria Soares, (2) que se segue e casou ao 1.º de setembro de 1596 com Henrique Moniz Barreto, filho de Henrique Moniz Teles e de sua mulher, como fica tudo à fl....

E assim o diz o termo do seu casamento: — Henrique Moniz Barreto, filho de Henrique Moniz Teles e de sua mulher D. Leonor Antunes, casou com D. Maria Soares, filha de Antônio Vaz e de sua mulher Antônia Soares. Casaram

*Nota da R.I.H.G.B.*

* *Erro muito grande. Nota à margem.*



na freguesia de Paripe ao 1.º de setembro de 1596 e os recebeu o vigário Miguel Martins.

1. ANTÔNIO VAZ. Um dos homens d'armas trazidos por Tomé de Souza, vencendo pensão, a partir de 1.º de maio de 1549 ***Antônio Vaz, Doc. Hist.,*** XIII, p. 333. "Antônio Vaz de Baiona". ***Doc. Hist.,*** XIV, p. 113.

2. D. MARIA SOARES. A 20 de agosto de 1595 batizou-se em Paripe Lourenço, filho de (Henrique Moniz T...) eles e sua mulher Maria Soares, padrinhos Alvaro Adião e a mulher de Antônio Vaz, portanto a avó de Maria, D. Antônia Soares, ***Livro de Batizados de Paripe,*** ms. arq. da Cúria. É erro a data de 1596, dada por Fr. Jaboatão para o casamento de Henrique Moniz Teles (ou Barreto).

## *TEIXEIRA E MENDONÇA*

João Teixeira de Mendonça,(1) natural da cidade de Lisboa, passou à Bahia, e aí casou com D. Filipa de Araújo, filha de Maria Barbosa de Araújo e de seu marido Manuel Nunes Figueira, (2) à fl...., n. 7. Era o sobredito João Teixeira de Mendonça filho do capitão André Teixeira de Mendonça (3) e de sua mulher D. Mariana de Magalhães, filha esta de Manuel Jorge de Magalhães, moço fidalgo da casa de Sua Majestade, e de sua mulher D. Maria Coelho de Brito, e André Teixeira de Mendonça era filho do capitão Antônio Teixeira de Mendonça, (4) moço Fidalgo da Casa Real, e de sua mulher D. Julia de Carvalho, neto do doutor Marcos Texeira,(5) deputado da mesa da consciência e ordens e do geral do Santo Ofício de Lisboa, e de sua mulher D. Mariana de Mendonça, bisneto de Diogo Teixeira (6) e de sua mulher D. Violante de Vasconcelos; e D. Júlia de Carvalho, mãe do capitão André Teixeira de Mendonça, era filha de João Mendes de Carvalho, comendador de Ferreira e irmão do Marquês de Monte Belo em Castela. De D. Filipa de Araújo e seu marido João Teixeira de Mendonça, foram filhos:

1. Manuel Teixeira de Mendonça, que se segue.
2. D. Mariana, que faleceu solteira a 18 de maio de 1715.
3. D. Julia de Carvalho, adiante.

N. 1. Manuel Teixeira de Mendonça, (7) filho de D. Filipa de Araújo e de seu marido João Teixeira de Mendonça, foi capitão das ordenanças desta cidade da Bahia, e casou a primeira vez com Páscoa da Resurreição, filha de Cristóvão de Santiago e de sua mulher Violante da Costa, e por morte desta casou segunda vez com D. Joana Pinheiro de Lemos, filha do licenciado João Pinheiro de Lemos (8) e de sua mulher D. Helena de Melo; casou a segunda

vez a 27 de novembro de 1687; faleceu a 20 de fevereiro de 1734 com 70 anos de idade, à fl...., e teve filhos.

4. O doutor Luiz Teixeira de Mendonça, (9) clérigo, que, sendo visitador das minas deste arcebispado, faleceu.

5. João Teixeira de Mendonça, que se segue.

6. D. Rosa, (10) que faleceu solteira a 2 de julho de 1729.

7. D. Ana Maria de Mendonça, adiante.

8. D. Clara, solteira.

N. 5. João Teixeira de Mendonça,(11) filho do capitão Manoel Teixeira de Mendonça e de sua mulher D. Joana Pinheiro de Lemos, é sargento-mor das ordenanças da cidade e proprietário de um dos ofícios de escrivão da ouvodira geral do cível desta capital, de que foram também proprietários seu pai, avô e bisavô, por mercê do Sr. rei D. João IV pelos seus relevantes serviços; casou com D. Leonor Teresa da Franca Corte Real,(12) filha de Domingos Barbosa da Franca e de sua mulher D. Helena de Lacerda Coutinho, neta pela parte paterna de Luiz Paes Florião e de sua mulher D. Clara da Franca, filha de Domingos Barbosa de Araújo e de sua mulher D. Luiza Franca Corte Real, filha esta de Afonso da Franca, o velho, Fidalgo da Casa Real, e de sua mulher D. Catarina Corte Real, bisneta de João Paes Florião, fidalgo espanhol e de sua mulher D. Brites de Almeida, filha de Bernardo Pimentel de Almeida, Fidalgo da Casa Real, e de sua primeira mulher D. Custódia de Faria, a qual descendência é pela parte materna, neta do capitão José Teles de Barbuda Meneses e de sua mulher D. Isabel Coutinho, filha de Sebastião Paes e de sua segunda mulher D. Maria de Lacerda de Góes, à fl...., bisneta de Baltazar de Barbuda e de sua mulher D. Ângela de Meneses, filha de Francisco de Freitas de Magalhães; e este de Gaspar de Freitas de Magalhães, Fidalgo da Casa Real, e provedor da alfândega da Bahia; terceira-neta do capitão Francisco de Barbuda, o moço, e de sua mulher Ângela da Cunha; quarta-neta do capitão Francisco de Barbuda, o velho, e moço da câmara real, e cavaleiro da casa de el-rei, e de sua segunda mulher Maria Barbosa. Do sargento-mor João Teixeira de Mendonça e de sua mulher D. Leonor Teresa foi filho único:

9. Manoel Teixeira de Mendonça,(13) que faleceu solteiro.

N. 7. D. Ana Maria de Mendonça, filha do capitão Manuel Teixeira de Mendonça e de sua mulher D. Joana Pinheiro de Lemos, casou com Francisco Lopes Delgado. (14)

10. João Lopes Delgado.

N. 3. D. Júlia de Carvalho Araújo, (15) filha de D. Filipa de Araújo e de seu marido João Teixeira de Mendonça, casou com Manuel Soares da Veiga, natural de Lisboa, freguesia de Sant'Ana, filho de Manuel Pinto Rosa e de sua mulher Lucrécia Nunes da Veiga, e teve filhos. Casaram a 3 de julho de 1678.



D. Antônia de Carvalho Araújo, que se segue, casou com João Nunes da Cunhã, (16) cavaleiro professo na Ordem de Cristo e guarda-mor da relação da Bahia e não teve filhos.

D. Clara Maria Sobrinha, faleceu a 24 de julho de 1775 às 8 para 9 horas da noite, e foi sepultada no outro dia no convento de S. Francisco da cidade da Bahia.

João Pinheiro de Lemos,(17) casado com D. Helena de Melo, e teve filhas:

1. D. Joana Pinheiro de Lemos, mulher de Manoel Teixeira de Mendonça, que fica.

2. D. Luiza de Melo, que se segue, à fl.... n. 70.

---

1. JOÃO TEIXEIRA DE MENDONÇA. A 28 de abril de 1692, deu conta o governador geral Antônio Luis Gonçalves da Câmara Coutinho que a 5 daquele mês, havendo seis meses que acabara de servir de Tesoureiro dos Defuntos e Ausentes, João Teixeira de Mendonça "amanhecera fugido com todo o seu cabedal e das partes e do mesmo cofre de seu recebimento, e se metera em uma sumaca para sair barra fora". O governador conseguiu que fosse preso ainda no porto e recolhido à enxovia, ***Doc. Hist.***, v. 89, p. 217. "Ao Dr. João Teixeira de Mendonça e os mais companheiros dos Defundos e Ausentes" dedicou Gregório de Matos a sátira LVI, ***Obras.*** IV. 2.º, p. 226.

***E que fazeis gerigonça,***
***Sendo Teixeira de Mendonça***
***Querieis comer furtado.***

Em Lisboa fora alferes da companhia dos oficiais de justiça, de que o pai era capitão, provido pela primeira vez em 1659, ***Doc. Hist.***, v.20, no lugar de escrivão da Chancelaria ("filho do referido proprietário"), durante o impedimento deste, em 1672 porteiro da Alfândega e guarda do livro dos Contos e Fazenda em 1678, ***Anais da B.N.***, v. 36, p. 358, ***Doc. Hist.***,v. 28, p. 199. Irmão da Santa Casa, 11 de abril de 1672, L. 2. fl. 247.

Gregório de Matos castigou-o com duas outras mofinas: "a João Teixeira de Mendonça na sua fugida sendo tesoureiro dos ausentes". Nesta faz ele dizer:

***Meu pai para meu desdouro***
***Dizem alguns que era sastre,***
***Fiquei tesoura em tesouro,***
***Luzi logo como ouro.***
***Em grande fui transformado***
***e por mais enfidalgado***
***Irei dessa gerigonça***
***Porque como sou Mendonça***
***Quis lograr o meu furtado***

(***Obras.*** volume ms. com poesias inéditas, códice do século 18, pertencente ao anotador).

2. MANUEL NUNES FIGUEIRA. Veja-se adiante nota sobre seu filho, João Nunes da Cunha, Familiar do Santo Ofício em 1717. — Almoxarife dos Armazéns das armas, foi confirmado, por mais três anos, em consulta do Conselho Ultramarino de 9 de maio de 1656, ***Doc. Hist.,*** v. 19, p. 148. Foi em seguida (1663) Provedor da Fazenda Real da capitania de São Vicente, deixando como procurador na Bahia seu filho, Fernão Nunes Figueira, ***Doc. Hist,*** v. 20, p. 212. Recomendou-se-lhe verificar a cobrança dos quintos do ouro porventura arrecadados em São Paulo, ***ibid.,*** p. 256.
3. ANDRÉ TEIXEIRA DE MENDONÇA. Foi em Lisboa capitão da companhia de oficiais de justiça, ***Doc. Hist.,*** v. 18, p. 237, na Bahia, escrivão da Chancelaria da Relação, 29 de outubro de 1658, ***Doc. Hist.,*** v. 19, p. 417. Ordem régia de 18 de outubro de 1680 mandou entregassem à viúva, D. Mariana de Magalhães, 60$ de pensão que tinha no ofício de escrivão da Provedoria, ***Anais do Arq. Públ. da Bahia,*** v. 28, p. 19. — Natural de Almoster, termo de Santarém, filho de Álvaro de Carvalho, teve alvará de fidalgo cavaleiro em 1647, pelos serviços prestados na conquista de Angola, Carvalho Franco, Nobiliário Colonial, p. 196.

4. ANTÔNIO TEIXEIRA DE MENDONÇA. Capitão-mor, foi enviado à Bahia quando os holandeses ocupavam a ilha de Itaparica, ***Doc. Hist.,*** v. 23, p. 425. Capitão-mor deAngola (1648), bravamente a defendeu, J. C. Feo Cardoso de Castel Branco e Torres, ***Memórias*** etc., p. 178, Paris, 1825.

5. DOUTOR MARCOS TEIXEIRA. "Deputado da mesa de consciência e ordens", é o 1.º Marcos Teixeira, licenciado em Cânones na Universidade de Coimbra em 1572, deputado da Inquisição em Lisboa em 1574, Inquisidor-mor, prontonotário apostólico, desembargador da Casa da Suplicação, falecido a 22 de março de 1610, Nachman Falbel, ***O Catálogo dos Inquisidores de Fr. Pedro Monteiro e sua complementação por um autor desconhecido,*** p. 170, São Paulo, 1980, que não se confunde com o 2.º Marcos Teixeira, seu sobrinho, bispo do Brasil, que em 1624 trocou o báculo pela espada. Acreditou Mons. Manuel de Aquino Barbosa, ***Freguesia da Conceição da Praia,*** 1623-1673, que Marcos Teixeira visitador do Santo Ofício na Bahia em 1618 fosse o tio do 2.º (p. 57, Bahia, 1973). Desvanece-se a hipótese com a notícia que damos de sua morte, em 1610. Estamos por que o visitador foi promovido a bispo. Tinha a "Inconveniência de ser bastardo" (Informou o coletor pontifício Mons. Taverna, em 1598). Era filho de Joana Teixeira e esta de Antônio Teixeira. Note-se que Joana é também o nome da irmã do bispo, casada com Vicente Ribeiro da Mota, Familiar do Santo Ofício, a 30 de maio de 1622, T.T., ***Fam.,*** letra V, m. 1, n. 1. No respectivo Processo de Habilitação há o apontamento final: "depois se lhe tornou a carta e se ajuntou ao processo do Ben. do João da Mota seu irmão que foi preso na Inquisição de Coimbra e dela veio para esta de Lisboa e em ato público saiu com abjuração de veemente".

6. DIOGO TEIXEIRA. Nota de Macedo Leme, ***Genealogia,*** fl. 12 verso: casara em Castela e era pai do Dr. Martinho Teixeira que morreu cardeal em Roma e do Dr. Marcos Teixeira (como está no texto).

7. MANUEL TEIXEIRA DE MENDONÇA. O tio, Manuel Teixeira de Mendonça, filho de André (acima) requereu ao Conselho Ultramarino, em 1680, sendo menor



MANUEL TEIXEIRA DE MENDONÇA, proprietário do ofício de Escrivão da Ouvidoria Geral da Relação da Bahia, por morte do pai, João Teixeira de Mendonca, servisse Antônio Rodrigues Marques, como vinha fazendo desde 1678. Foi atentido a 17 de janeiro de 1681, ***Arquivo Histórico Ultramarino,*** cxa. 13. Capitão de ordenanças, entrou Manuel os sertões em busca das minas de prata, alvará de 7 de dezembro de 1690. A 11 de julho de 1696 subiu a capitão da ordenanca de todos os oficiais de justica da Bahia, no Regimento de que era coronel Sebastião da Rocha Pita, Arq. Públ. da Bahia, ***Patentes de 1696 a 1703,*** fl. 16 verso. "Faz mui bom versos com bom assunto e estilo, e sendo moco foi famoso músico", dele diz Nuno Marques Pereira, ***O Peregrino da América,*** II, p. 54. Irmão da Santa Casa a 1.º de abril de 1692, L. 2, fl. 873, foi substituido, por doente, no ofício de Escrivão, a 8 de abril de 1726, ***Anais da B.N.,*** v. 23, ***Doc. Hist.,*** v. 47, p.94.

8. JOÃO PINHEIRO DE LEMOS. Filho de Inácio Dias e Maria Jorge, registro de Irmão da Santa Casa, 23 de abril de 1696, L. 2, fl. 377, cirurgião aprovado, serviu muito tempo no hospital do presídio e na Relacão da Bahia. Tinha mais de 70 anos em 1692 o que incapacitava, segundo o governador geral, para ser também cirurgião do Terco Velho, ***Doc. Hist.,*** v. 34, p. 31. Tratara dos feridos, transportados em lanchas, de Itaparica para a Cidade, quando dos sangrentos combates de 1647, Afonso Costa, ***Revista do Instituto Genealógico da Bahia,*** n. 8, p. 18. Entre os seus onze filhos, o médico Antônio Pinheiro de Lemos, formado em Coimbra em 1699.

9. LUIZ TEIXEIRA DE MENDONÇA. Bacharelou-se em Coimbra, em 1731. Irmão da Santa Casa em 1725. "Visitador do sertão de Cima", Macedo Leme, ***Genealogia,*** fl. 12 verso.

10. ROSA. Morreu com 34 anos de idade, Macedo Leme, ***ibidem.***

11. JOÃO TEIXEIRA DE MENDONÇA. Capitão da ordenanca no Regimento do coronel Manuel de Barros da Franca, 8 de marco de 1688, Arq. Públ. da Bahia, ***Patentes de 1688 a 1696,*** fl. 7, acrescenta Macedo Leme, "capitão-mor e proprietário do mesmo ofício de Escrivão da Ouvidoria, senhor do engenho de Água do Bom Jesus sito no termo da vila de São Francisco.

12. Do termo de Irmão da Santa Casa, citado na nota anterior, consta o casamento de João Teixeira de Mendonça e D. Leonor da Franca Corte Real em 1734. Em 1777, resolução da Mesa admitiu-a como Irmã. Faleceu ele a 13 de agosto de 1771.

13. MANUEL TEIXEIRA DE MENDONÇA. Filho do capitão-mor João Teixeira de Mendonça e D. Leonor Teresa da França, foi batizado na Sé, 8 de maio de 1737, ***Livro de Batizados da Sé,*** arq. da Cúria.
14. FRANCISCO LOPES DELGADO. Natural de Abrantes, em Lisboa, filho de João Lobato Mendes e Maria Ferreira de Oliveira, reza o termo de óbito, adiante citado. Morreu a mulher, D. Ana Maria de Mendonça, a 6 de março de 1777, deixando o marido por herdeiro e testamenteiro (sepultada na matriz da Piedade de Matoim, ***L. de Obitos*** respectivo, arq. da Cúria). Sua filha Joana foi batizada na Sé da Bahia, a 1.º de agosto de 1735, L. de Batizados, no mesmo arquivo e faleceu

Francisco Lopes Delgado a 17 de maio de 1791, "sepultado na igreja de São Francisco, conduzido em caixão por pobres, mortalha de São Francisco acompanhado do seu pároco, sacristão e 12 padres", ***L. de Óbitos da Sé.***

15. JULIA DE CARAVALHO ARAÚJO. Morreu a 2 de março de 1740, ***L. de Óbitos da Sé,*** arq. da Cúria.

16. JOÃO NUNES DA CUNHA. Guarda-mor da Relação da Bahia, natural desta cidade, filho de Fernando Nunes Figueira e D. Joana de Vasconcelos, neto paterno de Manuel Nunes Figueira e Maria Barbosa de Araújo, ainda solteiro, teve carta de Familiar do Santo Ofício, 3 de março de 1717, T.T., ***Fam.***, m. 50, n. 975. Sua mulher chamou-se D. Antônia Soares da Veiga. Morreu, viúvo, a 3 de agosto de 1739, ***Livro de Óbitos da Sé***, arq. da Cúria. Filho, Aniceto Nunes da Cunha, que em 1755 cursou Institutas na Universidade de Coimbra, ***Brasília,*** IV, 218.

17. JOÃO PINHEIRO DE LEMOS, 2.º. Escrivão da Almotacaria de Santo Amaro, provisão de 4 de marco de 1727, Pedro Tomás Pedreira, ***Memória Histórico-Geográfica de Santo Amaro,*** p. 35.

## *FLORIANOS NA BAHIA*

1. João Paes Floriano, ou Florião, (1) como escrevem alguns, foi um cavaleiro, que passou de Madrid, e dizem que pela morte do Conde de Vila Medina, e o Conde de Castelo Melhor fez dele muita estimação, e dizia era seu parente, casou com D. Brites de Almeida* neta de Sebastião de Faria e de Brites Antunes, e filha de D. Custódia de Faria e de seu marido Bernardo Pimentel de Almeida, que era fidalgo bem conhecido, e a dita D. Brites de Almeida, havia sido casada com Manoel Rodrigues Sanches, homem muito rico, e senhor do engenho de Matoim, em cujo pasto está a igreja matriz de Nossa Senhora da Piedade, e de Manoel Rodrigues Sanches tinha já D. Custódia de Almeida uma filha, que depois casou com Rui Lobo Freire,(2) dos quais não houve filhos, e outra irmã D. Francisca, solteira. E por morte desta sua mulher D. Brites de Almeida casou João Paes Floriano com D. Joana Barbosa, filha de Domingos Barbosa de Araújo e de sua mulher D. Luiza da Franca; e desta não teve filhos, e teve da primeira e seguintes:

*Nota da R.I.H.G.B.*

* *Casaram a 14 de julho de 1625. Era já viúva de Manoel Rodrigues Sanches, com quem havia casado em 11 de maio de 1618.*



2. Luiz Paes Floriano, que se segue.

3. Bernardo Pimentel, que morreu solteiro.

4. D. Luiza Floriana, mulher de Manuel da Rocha, cavaleiro de Avís; casaram a 6 de maio de 1655.

E Amaro Paes, bastardo.

N. 2. Luiz Paes Floriano, (3) filho de João Paes Floriano, acima e de sua mulher D. Brites de Almeida, casou com D. Clara da Franca, filha de Domingos Barbosa de Araújo e de sua mulher D. Luiza da Franca Corte Real, à fl...., n. 3, e teve filhos:

5. João Paes Floriano, que se segue.

6. Domingos Barbosa da Franca, adiante.

7. D. Mariana Corte Real, mulher de Vasco Pacheco de Castro, filho de Gaspar Pacheco de Castro, (4) à fl...., n. 22.

8. D. Brites da Franca, mulher de Manuel Relamberge. (5)

9. D. Luiza, que faleceu solteira, D. Joana e D. Custódia, (6) freiras no Desterro da Bahia.

N. 3. João Paes Floriano, (7) filho de Luiz Paes Floriano, acima e de sua mulher D. Clara da Franca, casou em vida de seu pai com D. Maria Teles de Meneses, filha de Marcos de Betencourt e de sua segunda mulher D. Ângela de Meneses, filha de Marcos Pereira de Meneses, à fl...., n. 14. E por morte de seu pai, ele e o sobrinho dissiparam a fazenda, e estiveram sem moer alguns anos, e fizeram depois com sua mãe, que vendesse o engenho e fazendas a Antônio da Rocha Pita, dando-se-lhe 12 mil cruzados em dinheiro de dote; com sua mulher consumiram tudo, e assim mais o que lhe coube por morte da sogra e sogro, e não teve filhos dela.

N. 6. Domingos Barbosa da Franca, (8) filho de Luiz Paes Floriano e de sua mulher D. Clara da Franca, foi também homem desperdiçado, e mui notado por isso, casou com D. Helena de Meneses * filha de José Teles de Meneses e de sua primeira mulher D. Isabel Lacerda Coutinho, filha de Sebastião Paes de Azevedo e de sua segunda mulher ** teve filhos.

10. Luiz Paes Floriano.

11. D. Leonor Teresa da Franca Corte Real, (9) mulher do sargento-mor João Teixeira de Mendonça à fl...., n....

12. D. Clara, mulher de João de Bettencourt, (10) e depois de Domingos Simões. (11)

13. O padre José Barbosa da Franca; e o padre Manuel Paes à fl. no fim.

*Notas da R.I.H.G.B.*

* *D. Helena de Lacerda Coutinho de Góes, diz outro assento à fl. 105, n. 8.*

** *Segunda mulher D. Maria Lacerda de Góes, à fl..., n. 7.*

1. JOÃO PAES FLORIÃO. Veio na expedição de D. Fadrique de Toledo, capitão no Terço do mesre de campo D. Pedro Osório. Inocentando-o, em 1657, das acusações que lhe fizeram de imoderação na linguagem, escreveu ao rei o governador geral Francisco Barreto: "é um sujeito de qualidade, discreto e engraçadíssimo, muito velho, e desprezador da autoridade com que pudera conservar sua fazenda, que é considerável. Foi sempre estimado de todos por sua pessoa e conversação, e dos generais que foram deste Estado, por o vassalo que nesta praça faz sempre levantar as dízimas com grande excesso e a seu zelo deve a fazenda de V. M. os aumentos que são notáveis... E como no modo e no juízo é naturalmente jocoso e agudo, em qualquer parte folgavam os mais e menos entendidos de o ouvir. Por não perder um bom dito não reparava talvez em dizer uma herezia, que nem dele passava da superfície, nem nos que a ouviam a escândalo. Antes da feliz aclamação de V. M. dizia el-rei de Castela o que lhe parecia, se dali tirasse conceito para dar gosto aos que procurava a rir. O mesmo praticava de si próprio, se convinha, com muita galanteria", carta de 23 de fevereiro de 1658, ***Doc. Hist.,*** v. 22, p. 153. A referência ao rei de Espanha confirma o que de seus antecedentes diz Fr. Jaboatão.

   Aí temos pois o patriarca do humorismo brasileiro; antes de Grogório de Matos — e preconizando-o. Juntamente com o rico Sebastião Duarte, foi em 1665-66 um dos contratadores da arrecadação da dízima, ***Doc.Hist.,*** v. 22, p. 153.

   Quanto a venda do engenho ***Freguesia,*** é anterior à data presumida (Wanderley Pinho, ***História de um Engenho do Recôncavo,*** p. 92), pois diz Bernardo Vieira Ravasco, em 1662: "como o de Bartolomeu de Vasconcelos está totalmente desfabricado o de João Floriano, hoje do capitão Antônio da Rocha, e com os de Gaspar Ferreira e Mateus Pereira se perdeu também o de Maré (foi de Mateus Lopes Franco)", 8 de setembro de 1662, ms. Arq.Hist.Ultramarino.

2. RUI LOBO FREIRE. Da facção oposta ao alcaide-mor Francisco Teles, saiu juiz da Câmara da Bahia em 1683, eleição anulada pelo governador Antônio de Souza de Meneses, ***Doc.Hist.,*** v. 89, p.6.

3. LUIZ PAES FLORIÃO. Sargento-mor do Partido de que era Coronel Lourenço Barbosa da Franca, 9 de janeiro de 1668, ***Doc. Hist.,*** v. 31, p. 427. Herdou o engenho Freguesia, que deixou sem moer alguns anos e, pródigo, o vendeu a Antônio da Rocha Pita, Wanderley Pinho, ***op. cit.,*** p. 61.

4. GASPAR PACHECO DE CASTRO. Vereador na Bahia, quando aí aclamaram D. João IV.

5. MANUEL RELEMBERGE. Assina-se de Relemberg, ***Livro de Irmãos,*** n. 3, fl. 12, da Misericórdia, 15 de abril de 1696. Filho de Manuel de Relemberg da Alemanha e Sezilha de Pina, de Lisboa, neto paterno e materno de alemães, casou (a esse tempo) com Joana de Mendonça, natural da Bahia, filha do capitão Manuel de Abreu de Mendonça e Ana de Mendonça.

6. MADRE CUSTÓDIA (DO SACRAMENTO). É mencionada pelo seu gênio exaltado, tanto que, numa contenda, em que se meteram as freiras do Desterro, esbofeteou o vigário e queixou-se ao Arcebispo, Anna Amélia Vieira Nascimento, ***O Convento do Desterro,*** p. 76.



7. JOÃO PAES FLORIANO, 2.º. A 2 de setembro de 1679 mandou o governador dar baixa a João Paes Floriano, soldado da companhia do capitão Bartolomeu Nabo Correa, "porquanto reside lá fora e não assiste às obrigações da sua companhia". ***Doc. Hist.,*** v. 32, p. 145.
   O citado documento de 1662, que descobrimos no Arquivo Histórico Ultramarino, de Lisboa, mostra que se enganou Fr. Jaboatão, atribuindo à sua prodigalidade a venda do engenho (***Freguesia***) a Antônio da Rocha Pita. Foi o pai, que, desfabricado, o vendeu.
   — Resta liquidar a dúvida: se é o mesmo ***João Paes Florião*** que, em 1692, promoveu a paz dos janduís, pondo fim à guerra do Assu.
   Não era da Bahia; era paulista.
   Com o mesmo nome, já aparece no Rio de Janeiro (João Paes Florião) em 1639, em trabalho de recrutamento, José Gonçalves Salvador, Os Cristãos Novos, Povoamento e Conquista do Solo Brasileiro, p. 80, incorporou no socorro paulista à esquadra do conde da Torre, Pedro Taques, ***Revista do Instituto Histórico,*** v. 34, 2.ª parte, p. 176. É de perguntar-se: fixou-se na Bahia? Ou foi, em São Paulo, o pai do pacificador dos canindés? Quanto a este, diz a patente de capitão de infantaria que teve a 18 de abril de 1692, Arq. Públ. da Bahia, ***Patentes de 1688 a 1696***, fl. 216 (documento que encerra a discussão): "João Paes Floriano natural da vila de São Paulo, depois se haver achado na conquista dos Bárbaros desta capitania de que foi governador Estevão Ribeiro Baião Parente, em muitas ocasiões de guerras, servindo no Terço do mestre de campo Domingos Jorge Velho desde 687 até 692 na capitania do Rio Grande, achando-se em todos os assaltos dos Bárbaros e batalhas das Nações Bárbaras, e ora chegou a esta Praça com os maiorais José Vidal de Abreu e Miguel Pereira Gariju pequeno, ambos da nação Janduim, os quais com o mesmo João Paes Floriano em Monjupe me enviaram pedido da parte do Canindé Rei dos mesmos índios, a paz que desejava ter com a Nação portuguesa, e o dito João Paes Floriano, como o dito Rei e maiorais daquela Nação oferecendo-me dez proposições que eu lhes concedi..."

8. DOMINGOS BARBOSA DA FRANCA. A mulher, Helena de Lacerda Coutinho (registro de irmã da Santa Casa de sua filha Leonor Teresa, adiante). A ele se refere sem dúvida Frei Antônio das Chagas (Antônio da Fonseca Soares), na carta de 1670 em que deseja regressar à Bahia: "recomende-me aos amigos, especialmente a Domingos Barbosa...", ***Cartas Espirituais,*** selecão de N. Rodrigues Lapa, p. 63, Lisboa, 1939. Não sabemos a quem escrevia o frade, mas era personagem da Bahia, "tenho um ardente desejo de passar a essa terra", onde "me viram pecador escandaloso".

9. LEONOR TERESA. Casou em 1734, admitida na Santa Casa a 25 de outubro de 1767, o marido morreu em 1771 e ela a 4 de maio de 1780, ***Livro de Irmãos.***

10. JOÃO DE BETENCOURT. Nasceu na Bahia, filho de Jerônimo de Abreu e Lima, de S. Paio de Pinhais, Braga, e D. Maria de Betencourt Castelo Branco, da ilha da Madeira, neto paterno do sargento-mor Inácio de Betencourt de Vasconcelos e D. Maria Álvares, da mesma Ilha. Foi em 1715 oficial de Escrivão da Fazenda, ***Doc. Hist.***, v. 61, p. 323. Entrou na irmandade da Santa Casa a 9 de abril de 1724, de cujo ***Livro de Irmãos***, 3, fl. 492, tiramos aqueles dados. Morreu a 14 de dezembro de 1730., ***L. de Óbitos de S. Pedro Velho,*** arq. da Cúria.

11. DOMINGOS SIMÕES. Pensamos ser o pernambucano Domingos Simões Jordão, filho de Silvestre Fernandes e Maria Correa, portugueses, morador na Bahia, que em 1730, obteve o hábito de Cristo, ***T.T., Habil.***, D, m. 6. Soldado, alferes, capitão, tinha 22 anos de servico em 1722.

## *BARROS DA FRANCA NA BAHIA*

Afonso da Franca, (1) o velho, foi um homem honrado, e fidalgo de bom procedimento, irmão de André Dias da Franca, o qual Afonso da Franca passou à Bahia com sua mulher D. Catarina Corte Real, e o pai desse Afonso da Franca doi Lancerote da Franca. (2) De Afonso da Franca e sua mulher foram filhos:

1. D. Leonor da Franca, que se segue e Francisco, batizado na Sé a 16 de setembro de 1606. Padrinho o governador Diogo Botelho.

2. D. Ana, mulher de João Paes Barreto, sem filhos.

3. D. Luiza, mulher de Domingos Barbosa de Araújo, (3)à fl...., n. 4,e aí a sua descendência.

4. D. Antônia, mulher de Luiz de Basto Saraiva, a qual se meteu freira com uma filha que teve, e casaram a 12 de setembro de 1639 no Desterro.

N. 2. D. Leonor da Franca, filha de Afonso da Franca, acima, casou com Manuel Gonçalves Barros, * (4) da ilha da Madeira, muito rico, serviu na Bahia os cargos e postos maiores da república e milícia, e lhe escreveram muitas vezes os reis satisfeitos dos serviços; teve filhos. Faleceu D. Leonor acima a 19 de novembro de 1673, sepultada em S. Francisco. Testamenteiros seus filhos o capitão Afonso da Franca e o capitão Manuel de Barros da Franca.

5. João de Barros da Franca, que serviu nas guerras de Pernambuco, e faleceu solteiro.

6. Manuel de Barros da Franca, que se segue.

7. Afonso da Franca, adiante.

8. D. Margarida da Franca, primeira mulher de Salvador Correa de Sá ou Vasqueanes, ou Benavides, ao depois, e D. Maria, que faleceu solteira.

N. 6. Manuel de Barros da Franca, (5) filho segundo de D. Leonor da Franca e de seu marido Manuel Gonçalves Barros, serviu em Portugal e depois na Bahia no ano de 1668, foi capitão de cavalos, e coronel de auxiliares. Teve

*Nota da R.I.H.G.B.*

* *Casaram em 27 de maio de 1630 na Sé. Veja-se uma destas cartas no princípio deste livro.*



de Helena da Silva, * filha de Manuel da Silva e de sua mulher Maria Pinto, com a qual Helena casou depois, filhos:

9. João de Barros da Franca, (6) que morreu solteiro e afogado.

9. Manuel de Barros. (7) Afonso da Franca, clérigo, Antônio de Barros. (8) que faleceu solteiro, e três freiras, D. Leonor, D. ana e D. Margarida.

N. 7. Afonso da Franca, (9) filho terceiro de Leonor da Franca e seu marido Manuel Gonçalves Barros foi capitão de infantaria, em que serviu a el-rei muitos anos, casou com D. Maria Gomes, ** filha do mestre de campo Pedro Gomes, (10) que governou o Rio de Janeiro, e de sua mulher D. Isabel Madeira, filha legítima de Domingos Lopes Falcato e de Águeda da Costa, viúva do capitão de infantaria Lázaro Lopes; e teve filhos:

10. Pedro Gomes da Franca Corte Real, (11) foi alferes, capitão de infantaria e mestre de campo, na Bahia, foi dotado de grandes prendas, e muito estimado entre os grandes desse tempo, passou a ajudante de tenente e depois a tenente-general, sendo governador Pedro de Vasconcelos no ano de 1712, e faleceu no de 1743, a 23 de agosto; não casou.

11. D. Leonor, que faleceu a 23 de janeiro de 1705, e foi sepultada em S. Francisco, João, Manuel, Afonso, D. Catarina,*** e D. Isabel, e outro Manuel, que todos faleceram pequenos.

D. Catarina da Franca, mulher de Tristão Velho de Araújo, (12) à fl...., n. 3.

N. 8. D. Margarida da Franca, filha de Leonor da Franca e de seu marido Manuel Gonçalves Barros, n. 2. Foi casada com Salvador Correa Vasqueanes, e teve filhos.

12. Manuel, que faleceu de 15 anos.

13. D. Marta de Cristo, (13) foi a primeira religiosa, que entrou no convento do Desterro a tomar nele o hábito, tendo de idade 28 anos, no de 1678, em 28 de janeiro, e havia nascido no de 1650; foi abadessa, viveu no convento 60 anos, e faleceu com fama de virtude e com 88 anos de idade em 3 de outubro de 1738, veja-se este Salvador Correa que já fi-lo às fls. 60 e 61.

D. Leonor (14) também freira no mesmo convento.

João Álvares Soares da Franca, (15) era filho de Rafael Soares e de sua mulher D. Joana de Mendonça, filha de André Dias da Franca, (16) alcaide-mor de Tanger, e que a governou, e era neto de João Álvares Soares e de D.

*Notas da R.I.H.G.B.*

* *Casaram a 27 de novembro de 1680 na matriz de Passé.*

** *Casaram no ano de 1669.*

*** *Batizada a 17 de novembro de 1680.*

Paula da Silva, sua mulher; filha de Mateus Pires da Silva, vedor da fazenda da Índia, bisneto de Cristóvão Lagarto e de sua mulher Leonor Soares, filha de João Álvares, o do Amieira, e Rafael Soares era irmão inteiro de Diogo Soares, escrivão da fazenda, e secretário do Conselho de Estado de Portugal em Madrid.* Casou este João Álvares Soares da Franca com D. Catarina Corte Real, sua prima, segunda filha de Domingos Barbosa de Araújo (17) à fl.... n. 9, e de sua mulher D. Luzia da Franca Corte Real, e teve filhos:

1. Domingos Soares da Franca, (18) que teve a comenda de seu pai, entrou na religião dos carmelitas descalços, e brevemente saiu; casou com D. Luiza Corte-Real, (19) sua prima, filha de seu irmão Rafael Soares da Franca, e teve dela geração, que foi uma filha D. Catarina Josefa Corte Real, que casou com Antônio José de Negreiros, e só teve bastardo um por nome Lourenço Barbosa da Franca. Casou a 15 de agosto de 1692, no Socorro.

2. Rafael Soares da Franca, (20) que se segue.

3. D. Luiza da Franca Corte Real, (21) mulher de Luiz Barbalho Bezerra, filho de Francisco de Negreiros, casado este Francisco de Negreiros com D. Helena Maria de Argolo de Meneses, segunda vez, sem filhos. Faleceu esta D. Luiza a 23 de janeiro de 1716.

N. 2. Rafael Soares da Franca, filho de João Álvares Soares e de sua mulher D. Catarina Corte Real, casou com D. Catarina de Souza, filha de Antônio Ferreira de Souza, cavaleiro do hábito de Santiago, e de sua mulher D. Antônia Bezerra, filha do mestre de campo Luiz Barbalho Bezerra; foi homem rico e senhor de engenho no rio de Paraná-mirim; teve filhos:

4. João Álvares Soares da Franca, (22) clérigo, autor do livro *Soares Bahiense*, batizado a 17 de setembro de 1676.

5. Antônio Soares da Franca, (23) mestre de campo na Bahia, batizado a 14 de maio de 1679.

6. D. Luiza da Franca Corte Real, que casou com seu tio Domingos Soares da Franca, acima, n. 1; teve filha D. Catarina Josefa Corte Real, mulher de Antônio José de Negreiros Corte Real, sem filhos, batizado a 20 de janeiro de 1672.

7. Domingos Soares da Franca, (24) batizado a 17 de janeiro de 1686, que a 3 de fevereiro de 1721 na freguesia de Santiago casou com D. Isabel de Borba Ribeiro, viúva de Domingos Soares Barbalho, natural de Maragogipe, e faleceu esta D. Isabel a 11 de julho de 1735.

*Nota da R.I.H.G.B.*

* *Teatro Genealógico, Árvore 207.*



8. Francisco, que faleceu menino. D. Joana, D. Antônia, D. Paula, D. Maria (25) e D. Mariana, religiosa no convento de Odivelas, em Lisboa.

N. 10. O mestre de campo Pedro Gomes da Franca Corte Real, filho legítimo do capitão Afonso da Franca e de sua mulher D. Maria Gomes, n. 7, era neto por parte paterna de Manuel Gonçalves Barros e de sua mulher D. Leonor da Franca, n. 2, e pela materna era neto do mestre de campo Pedro Gomes e de sua mulher D. Isabel Madeira, filha legítima de Domingos Lopes Falcato e de Águeda da Costa, viúva do capitão de infantaria Lázaro Lopes Soeiro.

1. AFONSO DA FRANCA. Tinha o nome do tio-avô, capitão-mor da Paraíba, onde socorreu o sobrinho, capitão Lancerote da Franca, adiante. Veio na comitiva do governador Diogo Botelho, Fidalgo da Casa Real e capitão entretenido, com 150$ de ordenado, alvará de 6 de agosto de 1602, ***Anais do Museu Paulista***, III, p. 68. Contador da fazenda em 1609, ms., ***Arq. Hist. Ultr.***, teve tença de 30$, em 1616, ***Livro 1.º do Governo do Brasil***, p. 57, ed. do Ministério das Relações Exteriores. Foi em 1617 de licença ao Reino. Figura entre os convocados pela Câmara da Bahia, em 1630, para tratar do imposto sobre o vinho de mel, ***Atas da Câmara***, I, p. 154. Morreu a 13 de dezembro de 1635, sobrevivendo-lhe a mulher, D. Catarina Corte Real, ***Doc. Hist.***, XV, p. 142.

2. LANCEROTE DA FRANCA. No cerco da Bahia, em 1625, ocupou as trincheiras da Palma. Primeiro filho de ***André Dias da Franca***, comandava a nau ***Caridade***, do comboio de D. Fadrique de Toledo, que se perdeu nos recifes da costa. Deu em Pernambuco notícia da armada restauradora, Fr. Vicente do Salvador, ***op. cit.***, p. 569. Casado com D. Mécia Baracha, teve filha, Joana da Franca, a quem a carta régia de 29 de novembro de 1638 concedeu o ofício de escrivão da Alfândega, provedoria e defuntos da Bahia, em dote para quem com ela casasse. Casou com Agostinho Figueira de Azevedo, ms. ***Arq. Hist. Ultr., Papéis Avulsos,*** século XVII, fl. 812. Seria segundo casamento, pois André Dias da Franca aparece nas ***Ementas de Habilitações***, p. 45, filho de Lancerote da Franca e ***Leonor de Campos***. Casou André com D. Isabel de Mendonça, filha de Jorge de Mendonça e D. Joana Coelha d'Andrade, "todos naturais de Ceuta, fidalgos honrados". Cavaleiro da Ordem de Cristo, governou Tanger, Caldas, ***Notícia***, 1757, e foi capitão-mor de Pernambuco em 1626, Fr. Vicente do Salvador, ***ibid.***, p. 614. "Por velho e doente", segundo Matias de Albuquerque, fraco defensor de Pau Amarelo, onde em 1630 desembarcaram os holandeses, R. Garcia, nota à ***Hist. Geral***, de Varnhagen, II, p. 338. Em 1629 transferiu em Olinda ao filho Diogo Lopes da Fonseca a comenda de Santa Maria de Vimiosa, ***Index das Notas de Vários Tabeliães de Lisboa***, III, p. 85 (ed. da Biblioteca Nacional).

3. DOMINGOS BARBOSA DE ARAÚJO. Natural da Bahia, capitão-mor do Espírito Santo, diz a Carta de Familiar do Santo Ofício do neto, Domingos Soares da Franca.

4. MANUEL GONÇALVES DE BARROS. Capitão "Manuel Goncalves", um dos comandantes de guerrilha, quando o bispo D. Marcos Teixeira a organizou contra

os holandeses encastelados na Bahia, em 1624, Fr. Vicente do Salvador, ***ibid.***, p. 501, vereador em 1626, emprestou 100$ para a defesa da terra em 1640. Fiador do contrato das baleias, ***Doc. Hist.***, v. 17, p. 126, Juiz Ordinário em 1642, escreveu-lhe o Rei, D. João IV, 4 de maio de 1641, comunicando a Restauracão, ***Atas da Câmara da Bahia***, II, p. 61 (e Fr. Jaboatão, no início deste ***Catálogo***). — Sua mulher, D. Leonor da Franca, era natural de Tanger, diz a Carta de Familiar do Santo Ofício do neto, Pedro Gomes da Franca Cortereal.

5. MANUEL DE BARROS DA FRANCA. Fidalgo da Casa Real, servira quatorze anos "nas guerras deste Estado, em que sentou praça de soldado, e nas de Portugal a que passou a continuá-la, achando-se nas ocasiões que se ofereceram... Na campanha de Olivenca, no sítio de Moirão e Badajós, na expugnacão e queimada da Talavera, na batalha das linhas d'Elvas e outros direrentes recontros nas províncias de Alentejo e Beira", diz a patente, de 27 de janeiro de 1668, que, em atencão, ao seu "grande valor, disciplina militar, e eqüestre muita experiência da guerra", o nomeou capitão, na Bahia, de uma companhia de cavalos, Arq. Públ. da Bahia, ***Patentes de 1657 a 1678,*** fl. 122 (e ***Doc. Hist.,*** v. 23, p. 110). Reprimiu os tapuias, no governo do conde de Óbidos. Entrou a 3 de abril de 1667 para a irmandade da Santa Casa, ***L. de Irmãos,*** 3, fl. 103. Reeleito vereador, era em 1683 o mais velho, Livro de ***Atas,*** 21 de janeiro. Chegou a coronel do regimento de Passé, Matoim, Pirajá e Paripe, 9 de maio de 1682, em sucessão do tio, Lourenco Barbosa da Franca (nome que não aparece neste Catálogo), a quem se referiu Gregório de Matos, na poesia descritiva da cacada em companhia dos ***Francas, Graciosa,*** XLIX. Provedor interino da alfândega, ***Doc. Hist.,*** v. 27, p. 71, era, na opinião do padre Antônio Vieira, "dos principais fidalgos desta cidade", ***Cartas,*** II, p. 249. Foi um dos inimigos do alcaide-mor Francisco Teles de Meneses e do governador Antônio de Souza de Meneses, que o prendeu. Note-se que meses depois de confirmado no coronelato por el-rei (15 de fevereiro de 1684, Arq. Públ. da Bahia, ***Registro de Patentes de 1684 a 1697,*** fl. 84). Justificou-se em Lisboa. Morreu em 1690 (é de 6 de novembro a nomeacão do sucessor, ***Patentes de 1688 a 1696,*** fl. 128).

6. JOÃO DE BARROS DA FRANCA. Filho do coronel Manuel de Barros da Franca, foi capitão de Auxiliares do Terco do mestre de campo Alexandre de Souza Freire, 21 de abril de 1702, Arq. Públ. da Bahia, ***Registro de Patentes de 1697 a 1703,*** fl. 250 verso.

7. MANUEL DE BARROS (DA FRANCA). Capitão. Casou com Francisca Pinheiro. Filha, Eugênia de Barros da Franca, mulher em 1774 de Pedro Dias de Carvalho e, viúva, em segundas núpcias, de Antônio Teixeira dos Santos (1776), ***L. de Casamentos de Santo Amaro,*** arq. da Cúria. Filho, Sebastião de Barros da Franca, que casou em 1787 com Ana Maria, filha de Estevão Pereira Betencourt, ***L. de Casamentos*** cit., 1771-1793.

8. PADRE AFONSO DA FRANCA. Sacerdote do hábito de São Pedro, provido na igreja de Nossa Senhora da Piedade da vila de Lagarto, carta régia de 27 de novembro de 1724, ***Doc. Hist.,*** v. 74, p. 31.



9. AFONSO DA FRANCA. Foi admitido na irmandade da Santa Casa no mesmo dia em que entrou o irmão, Manuel de Barros da Franca. "Neto de Afonso da Franca, Fidalgo da Casa Real" (reza a patente de capitão do Terco Velho, 15 de fevereiro de 1669, Arq. Públ. da Bahia, ***Registro de Patentes de 1657 a 1678***), foi alferes "na jornada do descobrimento das esmeraldas que fez por ordem de Sua Alteza Salvador Correa de Sá e Benavides (desde maio de 1661)". — O Mestre de Campo, Pedro Gomes, tinha fazenda tributária do engenho do Conde: "por sua morte passou a seu genro o capitão Afonso da Franca". Filho deste, administrava-o em nome da mãe viúva, Manuel Correa da Franca, em litígio com os jesuítas porque suspendera o fornecimento da cana, ***Doc. Hist.,*** v. 62, p. 259.
— Omite-se no texto outro filho, João de Barros da Franca, "filho de Afonso da Franca, natural da cidade da Bahia", "com serviços feitos naquela praça por espaço de 6 anos 10 meses e 2 dias continuados, de 1.º de fevereiro de 1687 té 8 de dezembro de 1693", ***padrão régio*** concedido a seu irmão Pedro Gomes da Franca Cortereal, abaixo.

10. PEDRO GOMES. Natural de Arcos de Valdevez, filho de Domingos Álvares, teve foro de fidalgo cavaleiro em 1655, por servicos prestados no Brasil. Carvalho Franco, ***Nobiliário Colonial,*** p. 83. Consta de sua fé de ofício, ***Documentos Históricos,*** v. 19, p. 118 que serviu 32 anos nas guerras deste Estado, subindo de soldado todos os postos, até sargento-mor do Terco do mestre de campo João de Araújo, ou desde a restauracão da Bahia em 1624, distinguindo-se na resistência a Pedro Peres (1627), no sítio de Nassau à praca (1638), quando ficou ferido de uma pelourada na perna (ganhou dois escudos de vantagem), principalmente na retirada com Luiz Barbalho dos baixos de São Roque à Bahia ("um dos quatro capitães" que aquele mestre de campo para se fazer a jornada por terra dos desembarcados da armada do conde da Torre), ferido em Goiana, herói na campanha do mestre de campo Francisco Rabelo no São Francisco, participando das acões que se deram quando Von Schoppe ocupou Itaparica. Sargento-mor do Terco Velho da Bahia em 1651, tenente do mestre de campo em 1657, governou o Rio de Janeiro, nomeado por D. Manuel Lobo, de marco de 1680 a janeiro de 1682, Baltazar da Silva Lisboa, ***Anais do Rio de Janeiro,*** IV, p. 293, Rio, 1835.

11. PEDRO GOMES DA FRANCA CORTE REAL. Filho do mestre de campo Pedro Gomes, e natural da Bahia, começou a carreira das armas com o irmão, Manuel de Barros. Serviu em Pernambuco, comandou o Partido de Sergipe do Conde, 2 de julho de 1679, ***Anais da B.N.***, v. 36, p. 367, teve praça de soldado, alferes de infantaria, alferes de mestre de campo (embarcando na ocasião em que o Marquês das Minas mandou um navio e duas sumacas para correr a costa atrás de um navio de piratas), e, com oito anos na praça da Bahia, foi promovido a capitão, confirmado por el-rei a 2 de março de 1694, Arq. Públ. da Bahia, ***Registro de Patentes de 1684 a 1697***, fl. 283. A 24 de novembro pediu o soberano ao governador informações sobre a sua renúncia ao mandato de vereador, ***Anais do Arq. Públ. da Bahia,*** III, p. 216. Familiar do Santo Ofício, 15 de março de 1696, T.T., ***Fam.***, m. 10, n. 250, coronel, ***Doc. Hist.***, IX, pp. 22-23, governador do Terço Velho (esclareceu a 7 de janeiro de 1700 D. João de Lencastro, ***Anais da B.N.,*** v. 36, p. 261), tenente de mestre de campo com 36 anos de serviço em 1714 — entre as suas proezas figura a da saída de Ilhéos em 1700, em busca do rio Patite (Pardo), subida do Jequitinhonha, entrada nos sertões do rio das Contas, castigo do gentio,

***Anais da B.N.***, v. 18, p. 238. O padrão de tença de 120 mil réis dado, a 29 de abril de 1738, a suas duas filhas (abaixo), comemora-lhe o "descobrimento de algumas minas de ouro e prata nas cabeceiras do rio Pardo e Verde, escusando-se algumas pessoas dessa diligência", em cinco meses, com 70 soldados, o que lhe custou 2 mil e 60 cruzados de sua fazenda, "a todo risco de vida", Arq. Públ. da Bahia, Patentes de 1723 a 1784, fl. 130, ***Anais do Arq. Públ. da Bahia,*** III, p. 195. Por sua contribuição à história natural, louvada na Academia Brasílica dos Esquecidos, a que pertenceu, ***O Movimento Academicista na Bahia***, V, p. 204, podemos incorporá-lo na lista dos viajantes que no século 18 continuaram a pesquisa científica dos missionários (veja-se ainda Mirales, ***op. cit.***, p. 56). Morreu a 23 de agosto de 1743 (registro de Irmão da Santa Casa, em que ingressou em 1734, ***L.3,*** fl. 375) e foi sepultado na igreja de São Francisco, ***L. de Óbitos da Sé,*** arq. da Cúria.
Não casou, diz o linhagista.
Mas lhe foi concedido em 1738 dividir com duas filhas, Perpétua e Feliciana, a tença recebida. Outra filha, Rosa Gabriela da Franca, mulher, a 20 de outubro de 1717, do capitão-mor de Porto Seguro, Geraldo Simões de Castro. Estes os pais de Maria Madalena do Nascimento da Franca, batizada a 10 de outubro de 1725, casada a 10 de setembro de 1764 com José Pires Garcia, moedeiro de número da Casa da Moeda da Bahia, que tiveram Úrsula Isabel, batizada a 20 de julho de 1765, mulher de João Manuel Barbosa. Filhos, os alferes João Manuel e Manuel Barbosa da Franca, batizados a 7 de junho de 1780 e a 4 de julho de 1782.

12. TRISTÃO VELHO DA FRANCA. Veja-se tít. Araújo e Velho, n. 3.

13. MARTA DE CRISTO. Marta Borges da Franca. Tinha 28 anos quando recebeu o hábito, a 21 de janeiro de 1678. Foi a primeira abadessa baiana do Desterro, eleita a 16 de julho de 1686 por todas as professas, quando as fundadoras, vindas de Evora, para lá voltaram. "À madre Soror Marta de Cristo foram sucedendo na dignidade por turno as freiras mais antigas; porém, passados alguns triênios, tornaram a elegê-la prelada, porque o seu grande talento e religioso exemplo as obrigava a ocupá-la no lugar repetidas vezes", Rocha Pita, ***História da América Portuguesa***, 2.ª ed., p. 278. Assim ainda em 1720, ***Livro da fundação do convento do Desterro,*** ms. no seu arquivo.
Gregório de Matos dedicou-lhe romance reverente:

> ***Sois uma freira mui linda,***
> ***Bem nascida e bem criada;***
> ***E o gabo não vos assenta,***
> ***Que ninguém gorda vos acha. Graciosa,*** III, p. 61.

Faleceu aos 88 anos, "com grandes mostras de predestinada", em 3 de outubro de 1738, Fr. Jaboatão, ***Novo Orbe Seráfico***, II, 3.ª parte, p. 657.

14. D. LEONOR. Nascida no Rio de Janeiro, "para onde seus pais tinham passado", entrou para freira do Desterro aos 17 anos, Fr. Jaboatão, ***ibid.*** cit. p. 657, no cláustro: Leonor de Jesus.



15. JOAO ALVARES SOARES DA FRANCA, 1.º. O pai, Rafael Soares, comendador de S. Pedro de Manteigas, na Ordem de Cristo, irmão de Diogo Soares, Secretário de Estado, T.T., Familiar do Santo Ofício, m. 1, n. 5. Embarcou na armada de Lancerote da Franca, destinada aos rios de Mono e Monomotapa, na Africa e por 10 anos assistiu em Lisboa, sempre a bordo, ou no Presídio de Cascais, serviços que lhe valeram na Bahia, para onde passou em 1635, a patente de capitão, 10 de março de 1639, ***Doc. Hist.***, XVII, p. 131. Comandou uma nau da pequena esquadra de Jerônimo Serrão de Paiva, derrotada pelos holandeses em 1646 (João Alvares Soares). Que era sobrinho de Lançerote, diz escritura de 1634: "arrendamento de Lançerote da Franca F. (fidalgo) e Com.dor da Ordem de Cristo, morador em S. Estevão da Alfama, administrador de seu sogro, João Alz. Soares Com.dor de S. Pedro de Manteigas a Luis de Chaves, etc.", ***Index das notas de vários tabeliães de Lisboa***, II, p. 91, Lisboa, 1937 (Biblioteca Nacional).

16. ANDRE DIAS DA FRANCA. "Capitão-mor de Pernambuco André Dias da Franca" (1626), Fr. Vicente do Salvador, ***História do Brasil***, p. 614. Fora alcaide-mor de Tanger, de onde era a filha D. Joana ***da Franca,*** T.T., Familiar do Santo Ofício, ***Rafael,*** m. 1, n. 5.

17. DOMINGOS BARBOSA DE ARAUJO. Natural da Bahia, capitão-mor do Espírito Santo, T.T., processo citado. A mulher, natural de Tanger.

18. DOMINGOS SOARES DA FRANCA. Cavaleiro da Ordem de Cristo. Familiar do Santo Ofício, 1687, T.T., m. 6, n. 214. Irmão da Santa Casa da Bahia, 1665, seu provedor em 1672, teve sesmaria, 1674, ***Publ. do Arquivo Nacional,*** XXVII, p. 56, e em 1692 pretendeu ir à guerra do salitre, "uma quimera", segundo o governador D. João de Lencastro, ***Doc. Hist.***, v. 33, p. 332. Foi capitão dos Familiares (do Santo Ofício), lê-se no Processo de Familiar do irmão, Rafael Soares da Franca, adiante. Pela consulta do Conselho Ultramarino, 9 de fevereiro de 1678, ms., ***Arq. Hist. Ultr.***, podemos localizar a sesmaria dada pelo governador Afonso Furtado de Mendonça aos irmãos Domingos e Rafael (3 leguas para cada um) ao poente das aldeias dos Macás, "que se chamam Campo Grande". A sua carta de Familiar do Santo Ofício é de 12 de março de 1687, T.T., ***Fam.***, m. 8, n. 214.

19. LUIZA (MARIA) CORTE REAL. Filha de Rafael Soares da Franca e D. Maria de Souza, viúva de Domingos Soares da Franca, faleceu a 17 de maio de 1746 e foi sepultada em São Francisco, ***L. de Obitos da Sé,*** arq. da Curia.

20. RAFAEL SOARES DA FRANCA. Em 1643, uma das pessoas principais da terra, foi ministro da Ordem 3.ª, Fr. Jaboatão, ***Novo Orbe,*** I, p. 109. Obteve sesmaria em Maracás, 1674, ***Publ. do Arquivo Nacional,*** XXVII, p. 56. Ainda em 1698 era mandado servir como vereador na Cidade, ***Doc. Hist.***, v. 87, p. 18. A sua carta de Familiar do Santo Ofício é de 4 de novembro de 1690, m. 1, n. 5.

21. D. LUIZA DA FRANCA CORTE REAL. Mãe do ilustre Gonçalo Soares da Franca, veja-se ***tít. Negreiros de Sergipe do Conde,*** n. 7.

22. JOAO ALVARES SOARES. Nasceu na Bahia a 8 de setembro de 1676. Foi capitão da companhia da Ordenança (aluno dos jesuítas) de todos os estudantes que havia na cidade, 5 de janeiro de 1702, Arq. Públ. da Bahia, ***Patentes de 1696 a 1703,*** fl. 348 verso. Faleceu em junho de 1753 e foi sepultado no convento de S. Francisco de Sergipe do Conde, ***L. de Óbitos,*** 1749-84, arq. da Cúria. Capitão do Terço de infantaria de que era mestre de campo seu irmão Antônio Soares da Franca, vereador em 1705, ***Doc. Hist.,*** v. 87, p. 64, optou pela religião. Sucessivamente presbítero, 1718, mestre em artes do colégio em que estudara, teólogo, escritor, poeta, ***Barbosa Machado, Bibliografia Lusitana,*** II, p. 585, da Academia Brasílica dos Esquecidos, e seu presidente, com muito louvor dos confrades. O livro, ***(Soares Bahiense*** é o autor, não a obra), desconhecido de Inocêncio e José Carlos Rodrigues, vem anunciado na ***Gazeta de Lisboa,*** 1.º de setembro de 1734: ***Progymnasma Literário e Tesouro de Erudição.*** Há sonetos seus no ***Breve Compêndio e Narração do Funebtre Espetáculo*** (exéquias de D. Pedro II) composto por Sebastião da Rocha Pita, Lisboa, 1709. Veja-se nota seguinte.

23. ANTÔNIO SOARES DA FRANCA. Moço Fidalgo da Casa Real, mestre de campo do Terço Novo da Bahia, 9 de março de 1711, incumbido a 14 de janeiro de 1712 de recrutar soldados no Recôncavo, ***Doc.Hist.,*** v. 42, p. 3, exerceu por pouco tempo comando. Explica-se pelo que diz José de Mirales, ***História Militar,*** p. 49: "cuja ausencia motivou a culpa que lhe resultou do exacrando e horroroso delito que com temerária e conhecido desacordo se cometeu no sitio de Paraguaçu, cujo funesto sucesso causou não pequena ruina, igual descômodo e manifesto desagrado de conhecida nobreza do Reconcavo desta cidade". É o caso referido na carta régia de 1º de maio de 1716, Braz do Amaral, nota às ***memórias*** de Accioli, II, p. 329 "seis mortes feitas no Paraguaçu". Quexaram-se Vitória Batista e sua filha Lioguarda Adorno, "de lhe haverem morto a seu marido, filhos, pai e irmãos," ***Doc.Hist.,*** v. 96, p. 128. Foram condenados à morte "o que deu o primeiro tiro em Francisco de Souza donde se originou e se seguiu todo o insulto, e o segundo fora o que de sua mão ao mestre de açúcar de tudo principal cabeça, vencendo-se que fosse degregado para Benguela em que tivera dois votos de morte", João Álvares Soares (acrescente-se), "criminoso, culpado", refugiou-se no convento de S. Bento das Brotas, carta de 4 de maio de 1715, ***Doc. Hist.,*** v. 42, p. 246. Isso pela rigorosa devassa determinada pelo rei, de que resultou a imediata prisão de Antônio Soares da Franca.

24. DOMINGOS SOARES DA FRANCA. Veja-se nota anterior. Foi pelas mortes do Peruassu condenado a dois anos de degredo para fora da vila e termo. Entrou para a Santa Casa, portanto limpo de culpa, a 31 de julho de 1721. Faleceu a 24 de maio de 1744. Sua mulher, D. Isabel de Borba, era filha de Manuel Ribeiro Ribas (outro condenado por aqueles crimes) e Teresa de Borba, ***L. de Irmãos,*** n. 3, fl. 266. Em sua casa, filha de pai incógnita, foi exposta Francisca Maria da Trindade, que em 1733 casou com Gaspar de Brito Freire, ***L. de Casamentos do Monte,*** arq. da Cúria. Filho natural de Domingos Soares da Franca, faleceu Inácio Manuel Soares da Franca em 1742. ***L. de Óbitos do Monte,*** arq. da Cúria.

25. D. MARIA ANA DA FRANCA CORTE REAL. Casou com o capitão Antônio Luis da Mota. E o que consta do Processo de Habilitação do neto, Inácio Francisco Silveira da Mota, para a leitura de bacharéis, de Coimbra, 1773. "Bacharel em leis, formado em 1770. Natural da Bahia, Filho de Baltazar dos Santos Quaresma e D.



Feliciana da Silveira Franca; neto materno do capitão Antônio Luis da Mota e Maria Ana da Franca Corte Real, todos naturais da Bahia. Bom estudante. Leu e 7 de outubro de 1778", ***Anais do 4.º Congresso de História,*** XI, p. 267. Irmã Joaquim Inácio Silveira da Mota, casado em Vila Boa de Goiás com D. Ana Lui da Gama. Foi o famoso ouvidor, que promoveu a anexação a Minas Gerais região de Araxá e Desemboque. Pai de José Inácio Silveira da Mota (1807-189 lente da Faculdade de Direito de São Paulo (1843), senador do império (1855 do barão da Vila Franca; avô de Artur Silveira da Mota, barão de Jaceguai, " aspirante a almirante" figura célebre da marinha brasileira.
O irmão de Inácio Francisco, João Inácio Silveira da Mota, comandante marinha portuguesa, não aderiu à Independência, e retirou-se da Bahia com o s navio, a 2 de julho de 1823. A eles foi recomendado o conterrâneo Albino Jo Barbosa de Oliveira, ***Memórias de um Magistrado do Império,*** notas de Améri Lacombe, p. 88 e segs., São Paulo, 1947.

## *AGUIAR DALTRO*

Cristóvão de Aguiar Daltro. (1) Faleceu a 10 de dezembro de 1622, se testamento. Sepultado na capela de S. Antônio da fazenda de Custódi Nunes, a quem chamavam o Velho, e era filho de Álvaro de Aguiar Daltro, neto de Pedro Vaz, que foi colaço de el-rei D. Pedro I, como se acha em u instrumento de justificação, que conservam seus descendentes, feito na vila d Feira no ano de 1534; passou à Bahia, e este foi o que deu aos religosos d Carmo todas as terras, que lhe foram necessárias para formarem o seu con vento da Bahia, em satisfação do que lhe permitiram na capela maior su sepultura para ele e seus descendentes, a qual ainda hoje conservam, mas for da capela-mor, e é a primeira, porque quando os padres acrescentaram igreja, a deixaram de fora. Na Bahia casou com D. Isabel de Figueiró. Casou esta D. Isabel, que diz o assento era filha de Pedro Nunes, (2) em Cotegipe, a 2 de fevereiro de 1592, na fazenda e ilha do Santo Bispo, e teve filhos:

1. Francisco, batizado na Sé, a 18 de julho de 1580.
2. D. Ana de Figueiró, que se segue, batizada a 15 de abril de 1587.
3. D. Francisca de Aguiar de Espinosa, mulher de Paulo de Carvalhal, à fl...., n. 2.
4. D. Antônia de Aguiar, batizada a 24 de junho de 1590.
5. Cristóvão de Espinosa, adiante.
6. Maria de Figueiró, ou de Espinosa, casada com Manuel Lopes Caldeira a 16 de fevereiro de 1620, à fl....

N. 2. D. Ana de Figueiró* filha de Cristóvão de Aguiar Daltro, acima e de sua mulher D. Isabel de Figueiró, casou com Custódio Nunes** a quem chamavam o Velho, e teve filhos:

---

*Nota da R.I.H.G.B.*

* *Faleceu esta a 6 de agosto de 1657. Sepultada no Carmo.*
** *Faleceu este a 11 de novembro de 1662, sepultado na sua capela de S. Antônio de Cotegipe.*

7. Mateus de Aguiar Daltro, que se segue.

8. Cristóvão de Aguiar Daltro, que casou com D. Isabel Teles, filha de Rafael Teles, sem geração. Faleceu este Cristóvão a 15 de janeiro de 1664. Havia casado a 26 de julho 1651.

9. O Dr. João Álvares de Figueiró, (3) casado no Rio de Janeiro. Sem filhos.

10. D. Isabel de Figueiró, adiante. Batizada a 18 de junho de 1622.

N. 7. Mateus de Aguiar Daltro, casou a 23 de janeiro de 1652 e foi batizado a 29 de agosto de 1624 em Cotegipe; filho primeiro de D. Ana de Figueiró e de seu marido Custódio Nunes, o velho, n. 2, casou com D. Maria de Vasconcelos, sua prima, filha de Bartolomeu de Vasconcelos, que era filho de Paulo de Carvalhal, à fl...., n. 2, e neto de Antônio de Oliveira de Carvalhal primeiro alcaide-mor da Bahia, e teve filhos:

11. D. Luzia de Vasconcelos, casada a 17 de janeiro de 1681 com Francisco Monteiro Freire, filho de André Monteiro de Almeida e de sua mulher Vitória de Barros Lobo, à fl...., e no ano de 1685 tornou a casar esta D. Luzia, morto o seu primeiro marido, com Francisco da Silva Pescador, filho de Francisco da Silva e de sua mulher Ângela Custódia. E adverte o assento de primeiro casamento desta D. Luzia com Francisco Monteiro Freire no ano de 1681, que era filha de Mateus de Aguiar Daltro e de sua mulher D. Maria de Vasconcelos, já defunta, e que foram padrinhos do tal casamento Mateus de Aguiar Daltro e sua mulher D. Maria Pereira, sinal de que era esta D. Maria Pereira sua segunda mulher.

12. Antônio de Vasconcelos, que se segue, e casou com D. Maria Gomes. Gomes.

13. João Álvares de Vasconcelos, adiante, e já fica a sua decendência à fl...., n. 6.

14. D. Maria de Vasconcelos, ao depois.

15. D. Isabel, mulher de João de Barros Lobo, e teve filho: Martinho de Aguiar de Vasconcelos.

16. D. Ângela, mulher de André Monteiro de Barros, filho de André Monteiro, acima, n. 11.

17. D. Ana, mulher de Esteves Teles.

18. Francisco de Aguiar, Gaspar Pacheco e Bartolomeu de Vasconcelos.

N. 14. D. Maria de Vasconcelos, filha de Mateus de Aguiar Daltro, n. 7, e de sua mulher D. Maria de Vasconcelos, foi casada com Manuel Gomes Dias, e teve filha:

19. D. Ana Maria de Vasconcelos, que casou com Manuel da Rocha Dória, (4) e teve deste filho o capitão José da Rocha Dória, que casou com sua prima D. Francisca de Meneses. Casaram a 4 de dezembro de 1726 na capela do Carmo. Filho este Manuel da Rocha Dória do capitão Miguel Moniz Barreto



e de sua mulher D. Ângela da Rocha.

19. D. Inácia de Figueiró, mulher de Manuel Arão Coutinho, filho de Manuel Arão Coutinho (5) e de sua mulher Maria de Brito. Casaram a 4 de março de 1715 na capela do Carmo do Limoeiro.

N. 10. D. Isabel de Figueiró, filha de Custódio Nunes, (6) o velho, e de sua mulher Ana de Figueiró, foi casada duas vezes, a primeira com Melchior Rodrigues Ribeiro, (7) filho de Bento Rodrigues e de sua mulher Isabel Ribeiro da Costa, naturais do Algarve, Vila-Nova de Portimão. Casaram na Sé a 19 de outubro de 1637. Faleceram, ele a 6 de outubro de 1651, e ela a 16 de março de 1666, e teve filhos:

20. Custódio Nunes Daltro, que se segue.

Bento Rodrigues de Figueiró, licenciado, que faleceu solteiro a 25 de março de 1699.

João e Francisco, que faleceu solteiro.

Segunda vez casou D. Isabel de Figueiró com Diogo Pereira da Silva * (8) e teve filhos.

21. Bento Rodrigues de Figueiró. Testamenteiro de seu pai.

21. D. Francisca da Silva, abaixo.

21. Nicolau Mendes de Vasconcelos e Antônio Pereira da Silva. (9)

N. 20. Custódio Nunes Daltro, (10) filho de Belchior Rodrigues Ribeiro, n. 8, e de sua mulher D. Isabel de Figueiró, foi casado com Ângela da Cunha, e teve filhos, filha esta de Bartolomeu de Vasconcelos, Fidalgo da Casa Real e de sua mulher D. Maria da Conceição. Faleceu este Custódio Nunes a 15 de maio de 1720.

22. D. Francisca de Vasconcelos, casada com Francisco Teles de Menezes, à fl...., n. 34.

23. D. Ana Maria de Vasconcelos, que se segue.

24. Cristóvão de Aguiar Daltro, (11) que casou com D. Maria Gomes de Vasconcelos, filha de Manoel Gomes Dias e de sua mulher Maria de Vasconcelos e teve filha Josefa Maria do Socorro, casada com Antônio de Brito Freire e teve filhos. Casaram a 17 de outubro de 1718. (12)

25. Bento Nunes, Bartolomeu de Vasconcelos, Custódio Nunes Daltro, João Álvares Barreto, José Teles de Vasconcelos, D. Isabel de Figueiró, D. Francisca de Vasconcelos e 4 mortos.

N. 21. D. Francisca da Silva, filha de D. Isabel de Figueiró, e seu segundo marido Diogo Pereira da Silva, casou com Manuel de Matos de Viveiros, (13) casaram a 8 de fevereiro de 1679, e teve filhos:

26. D. Ana Subtil de Figueiró, que casou com Sebastião Subtil de Si-

---

*Nota da R.I.H.G.B.*

* *Casaram a 20 de fevereiro de 1652 e faleceu ele a 23 de setembro de 1673, sepultado no Carmo.*

queira. (14) Esta tal D. Ana, que o seu sobrenome antes de casar era só o de Figueiró, depois de casada tomou mais o de Subtil, por fazer a vontade ou lisonja a seu marido, pois muito se amavam.

Mais filhos: Soror Maria, religiosa no Desterro, o capitão Francisco Xavier, o capitão Diogo Pereira da Silva, casado com D. Leonor Josefa Subtil de Siqueira, sem filho, José Pereira da Silva.

N. 5. Cristóvão de Espinosa, filho quarto de Cristóvão de Aguiar Daltro, o velho, e de sua mulher Isabel de Figueiró, casou com Ana Ribeiro, como se acha no livro dos casamentos da matriz de Cotegipe. A 23 de outubro de 1603 recebeu o vigário Estevão Fernades a Cristóvão de Espinosa, filho de Cristóvão de Aguiar Daltro e de sua mulher Isabel de Figueiró, já defunta, morador em Cotegipe, com Ana Ribeiro, filha de Francisco Ribeiro e de sua mulher Catarina Gonçalves; tiveram filhos:

27. D. Luzia, batizada a 19 de dezembro de 1604, casou esta com Antônio Muniz Barreto, à fl...., n. 9, e aí a sua descendência.

28. Francisco, batizado a 28 de janeiro de 1607.

29. Catarina, batizada a 15 de janeiro de 1609.

30. Beatriz, batizada a 30 de julho de 1610.

31. D. Maria, casada com Manuel Teles Barreto, filho de Gaspar Pereira, o velho.

32. Cristóvão, batizado a 7 de fevereiro de 1623.

N. 23. D. Ana Maria de Vasconcelos, filha de Custódio Nunes Daltro e de sua mulher D. Ângela da Cunha, n. 20, casou com o doutor Manuel Nunes Leal,* e a sua ascendência deste Manuel Nunes Leal e a descendência com ele de sua mulher, vai adiante à fl.... e aqui também que são os seguintes:

32. O doutor Bernardo Manuel de Vasconcelos, (15) que casou com D. Romana, filha do capitão Antônio Ferreira da Cunha(16) e de sua mulher D. Francisca.

33. O doutor Manuel Nunes, (17) médico, faleceu solteiro.

34. D. Ângela, casada com o capitão Francisco Xavier da Costa, (18) com um filho por nome Custódio.

35. D. Ana, mulher de José Barbosa da Cunha, (19) sem filhos.

36. D. Catarina deS. Mônica da Cunha, que se segue.

N. 36. D. Catarina de S. Mônica da Cunha, que casou com o capitão Francisco Xavier de Castilho, filho de Antônio Mendes Bravo e de sua mulher Mariana de Jesus, (20) e tem filhos.

37. D. Ana, (21) Pedro de S. Manço, João de Castilho, D. Maria, D. Inácia, D. Rosa e Alberto Magno Rangel Aguiar Daltro.

Nota-se. Mariana de S. Cruz, mulher de Antônio Mendes Bravo, e mãe de

*Nota da R.I.H.G.B.*

** Faleceu este a 8 de Maio de 1728, e faleceu ela a 23 de setembro de 1762, sepultada no Carmo.*



Francisco Xavier de Castilho, era filha, de Duarte Ximenes, o qual Duarte Ximenes era filho legítimo de matrimônio de André Lopes da Índia, (22) e de sua legítima mulher Mícia Lopes de Almeida; e por que, por morte de seus pais, foi criado desde menino este Duarte Ximenes em casa de Antônio Correia Ximenes, (23) este lhe pôs o sobrenome de Ximenes, o que tudo consta de um instrumento autêntico, que se acha no cartório do capitão-mor João Teixeira de Mendonça, de que é proprietário, e hoje serve nele Antônio de Sepúlveda de Carvalho; tirado este instrumento no ano de 1698.

A 29 de dezembro de 1672, faleceu Joana da Vega, moça solteira, filha de André Lopes da Índia. Testamenteiro seu irmão Manuel Rodrigues de Almeida, sepultada em S. Francisco.

1. CRISTOVÃO D'AGUIAR D'ALTERO, foi por D. Isabel de Gamboa, mulher de Pero Lopes de Souza, nomeado em 1542 capitão locotenente das 50 léguas de São Vicente (Fernandes Gama, ***Memórias Históricas da Província de Pernambuco***, I, p. 121, Pernambuco, 1844). Aparece "almoxarife dos armazéns e mantimentos da Bahia" por cinco anos, nomeado pelo rei a 10 de dezembro de 1548. Veio com Tomé de Souza. Fez logo o engenho d'água na vertente junto a Santo Antônio além-do-Carmo, Gabriel Soares, ***Tratado Descritivo***, p. 130. Tinha fazenda em Matoim, ***ibid.***, p. 134. Com sua mulher Isabel de Figueiró doou aos carmelitas o chão, "desde o esteio da casa que lhes foi dada por Antônio Pires, calafate, até a casa do padre Pantaleão Gonçalves, pelo caminho que vai para Água de Meninos", onde construiram o convento — que resistiu aos séculos. Parece ter falecido ***ab intestato*** em 1598. O filho Cristóvão confirmou, em 1602, a doação aos frades: este "Cristóvão d'Aguiar ***o moço***", Fr. Vicente do Salvador, ***ibid.***, p. 178, ferido no ataque aos tamoios do Rio de Janeiro em 1563, capitão na conquista da Paraíba, Fr. Vicente, ***ibid.***, p. 287, casado com Catarina Jaques ***(L. do Tombo, I, de S. Bento)*** morreu em 1622 (o do texto acima). Um ano antes, instituira a capela de Santo Antônio além-do-Carmo, cujo administrador em 1804 era Joaquim Vitório Pereira, ***Anais da B.N.***, v. 36, p. 350, pai de Francisco, que em 1800 cursou em Coimbra o Real Colégio das Artes, ***Brasília***, IV, p. 377: e do cônego José Cardoso Pereira de Melo, membro da junta eleita para governar a Bahia em 2 de fevereiro de 1822. veja-se ***tit. dos Correia de Souza.***

2. PEDRO NUNES. "E outrossim denunciando disse que Pero Nunes cristão novo rendeiro de Engenho del-rei que mataram nesta cidade disse um dia agastado perante ela denunciante que arrenegava dos anjos do paraíso com tais diabos que eram suas filhas", ***Denunciações de 1591***, p. 279. "Pero Nunes cristão novo que mataram nesta cidade...", ***Denunciações***, p. 547.

3. JOAO ALVARES DE FIGUEIRO. ***Alves***, diz a relação dos estudantes brasileiros de Coimbra, ***Brasília***, IV, p. 55, filho de Aires de Miranda, natural do Rio de Janeiro, formou-se em Leis, em 1697. Neto do Dr. João Alvares de Figueiró indicado no texto?

4. MANUEL DA ROCHA DÓRIA. Filho do capitão Miguel Muniz Barreto e D. Ângela da Rocha (falecida, viúva, em 1753, ***L. de Óbitos do Monte***, arq. da Cúria) casou com D. Ana Maria e Jesus, filha de Manuel Gomes Dias, em 1726.

5. MANUEL ARÃO COUTINHO. O filho menor, João, faleceu em casa de João Nunes de Azevedo, no sítio do Pouco Ponto, em 1726. ***L. de Óbitos do Monte***, arq. da Cúria.

6. CUSTÓDIO NUNES. Tinha dois engenhos de açúcar. Contribuiu em 1639 com lancha aparelhada, para a defesa do Recôncavo, Wanderley Pinho, ***História de um Engenho***, pp. 78-80.

7. BELCHIOR RODRIGUES RIBEIRO. Fornecia à cidade farinha que levava de S. Vicente, ***Atas da Câmara***, II, p. 308. Tinha parte do engenho Real em Cotegipe, que era do sogro, Custódio Nunes. Foi cobrador da vintena em Cotegipe e Matoim em 1643 e em 1650 o governador mandou conservasse no seu engenho um dos estrangeiros que deviam ir para o Reino, ***Doc. Hist.***, III, p. 83. Está entre os acusados de judaismo. A irmã, Brites Henriques, residente em Lisboa, por isso seria presa em 1651, Anita Novinsky, ***Cristãos Novos na Bahia***, p. 84. Na ***Inquisição*** só disse que mantinha comunicação com judeus portugueses na Holanda.

8 DIOGO PEREIRA DA SILVA. Juiz ordinário, na Bahia, em 1666, ***Atas da Câmara***, IV, p. 231.

9. ANTÔNIO PEREIRA DA SILVA. Escrivão interino da fazenda na Bahia, em 1754, ***Anais da B.N.***, v.31, p. 87, oficial maior do Tribunal da Fazenda, por indicação do proprietário. Caldas, ***Notícia***, 1757, p. 58.

10. CUSTÓDIO NUNES DALTRO. A 23 de agosto de 1676 foi batizado na matriz de Paripe (***L. de Batizados***, arq. da Cúria) Custódio, filho de Custódio Nunes e sua mulher D. Ângela.

11. CRISTÓVÃO DE AGUIAR DALTRO. Morreu a 12 de dezembro de 1713 e foi sepultado na matriz de Nossa Senhora do Socorro, testamenteira a mulher D. Maria de Vasconcelos, ***L. de Óbitos do Monte***, arq. da Cúria, que casou segunda vez, a 28 de março de 1714, com o capitão Francisco de Brito Freire, irmão de Antônio, ***L. de Casamentos do Monte***, no mesmo arquivo.

12. ANTÔNIO DE BRITO FREIRE. A data do casamento confere com a do ***L. de Casamentos***, do arq. da Cúria. Era Antônio filho de José de Brito Freire e D. Clara dos Anjos. Faleceu em agosto de 1763, ***L. de Óbitos de Passé***, arq. da Cúria.

13. MANUEL DE MATOS DE NEGREIROS. Filho de Manuel Gomes Aires, nasceu na Bahia, estudou medicina em Coimbra, 1661 a 1665, ***Brasília***, IV, p. 27, e foi vereador mais velho da Câmara, ***Atas*** VI, p. 199. A pedido da mesa da Santa Casa o proveu o governador Roque da Costa Barreto no lugar de médico dos soldados do presídio da Bahia, "pelo grande zelo com que costuma assistir a seus enfermos, como por ser menos impedido de achaques" do que o doutor Ventura da Cruz Arrais, por ela demitido, ***Doc. Hist.***, v. 27, p. 229: a 19 de dezembro de 1679. Curiosa queixa fez "Manuel de Matos Viveiros, médico na cidade da Bahia, onde vive há mais de 4 anos em umas casas nobres no sítio do Desterro, a mais de 100 braças do convento dos religiosos capuchos de Santo Antônio", ao Conselho Ultramarino. Que os frades, irritados com as "obras lícitas e necessárias" que nelas



fazia, promoveram uma "assuada e motim, com seus escravos e criados, com armas de fogo e outras ofensivas, invadindo as ditas casas para as destruir". Pedia nomeasse desembargador "de melhor nota e satisfação" como ouvidor geral, para "evitar as perturbações que os religiosos fazem na cidade da Bahia", consulta de 12 de novembro de 1681, ms. ***Arq. Hist. Ultramarino***. Foi provido no cargo de físico-mor e cirurgião do Estado do Brasil (vago por morte do doutor Arrais) a 2 de maio de 1686, ***Doc. Hist.***, v. 28, p. 400.

14. Veja-se ***tít. Subtil e Siqueira***. Da herança do marido, viúva antes de 1757, tinha D. Ana Subtil de Figueiró engenho que naquele ano não moía, freguesia de Passé, ***Notícia, Anais da B.N.***, v. 31, p. 216.

15. BERNARDO MANUEL DE VASCONCELOS. Formou-se em Leis em 1733, ***Brasília***, IV, p. 122. Em 1744 assinou, com muitos outros, a resolução da Irmandade do Sacramento do Desterro que mandou construir a igreja de Santana, próxima do convento das freiras, ***Anais do 2.º Congresso de História da Bahia***, p. 361, Bahia, 1955. Foram batizados na Sé seus filhos, e de D. Romana Francisca Xavier de Melo, Ana, 1737, Joaquim, 1741, ***L. de Batizados da Sé***, arq. da Cúria. Seu filho José Joaquim de Melo e Vasconcelos formou-se em Coimbra, em 1769 (***Brasília***, IV, p. 254) e morreu na Bahia a 18 de maio de 1788, sepultado na capela dos Terceiros de S. Domingos "acompanhado do pároco, sacristão e 40 padres", ***L. de Óbitos da Sé***, arq. da Cúria. Faleceu longevo Bernardo Manuel: 17 de agosto de 1789.

16. ANTÔNIO FERREIRA DA CUNHA. Escrivão dos Armazéns das Armas e mais Munições de guerra da Bahia, continuou mais um ano no cargo, 23 de outubro de 1796, ***Doc. Hist.***, v. 47, p. 224. Capitão da Ordenança da Cruz do Pascoal até Santo Antônio além do Carmo, confirmado a 26 de agosto de 1727, ***Doc. Hist.***, v. 74, p. 303. A 1.º de maio de 1735 foi batizado na Sé Manuel, filho do capitão Antônio Ferreira da Cunha e sua mulher Francisca Xavier da Graça, padrinho o ouvidor geral do crime Antônio Pires da Silveira e Santana, ***L. de Batizados da Sé***, ms. da Cúria.

17. MANUEL NUNES DA COSTA, 2.º. Fez em Coimbra o curso de medicina, 1732-1735 e morreu na Bahia a 7 de agosto de 1739, ***L. de Óbitos da Sé***, arq. da Cúria.

18. FRANCISCO XAVIER DA COSTA. Capitão, "fazia rondas para evitar descaminhos da fazenda da Índia e tabaco", ***Anais do Arq. Públ. da Bahia***, v. 31, sargento-mor e juiz da balança da Casa da Moeda em 1728, ***Doc. Hist.***, v. 48, p. 285, chegou a mestre de campo em 1739, ***Anais do Arq. Públ. da Bahia***, v. 44, p. 125. Morreu em 1744, J. de Mirales, ***op. cit.***, p. 148. O filho Custódio foi batizado a 11 de outubro de 1737, já morta a mãe, D. Ângela Maria de Abreu, ***L. de Batizados da Sé***, 24 de setembro de 1740. Do 2.º casamento, com Leonor Maria de Araújo, Ana, batizada na Sé, naquele dia de 1740, Antônio José da Rocha Araújo, casado com Antônia Maria de Castro, irmão da Santa Casa, falecido a 20 de janeiro de 1820, ***L. de Irmãos***, 1776-1797, fl. 26.

19. JOSÉ BARBOSA DA CUNHA. Filho de outro Barbosa da Cunha, falecido em 1728, e de D. Antônia de Goés, ***L. de Óbitos do Monte***, arq. da Cúria.

20. Veja-se ***tít. Bravo.***

21. D. ANA, filha do capitão Francisco Xavier de Castilho e D. Catarina de Santa Mônica, batizada a 7 de fevereiro de 1741, ***L. de Batizados da Sé,*** arq. da Cúria.

22. ANDRE LOPES DA INDIA. Cristão novo, negociante de grosso trato na Bahia de 1624 a 1654, A. Novinsky, ***op. cit.,*** p. 89.

23. ANTÔNIO CORREA XIMENES. A 6 de janeiro de 1753 faleceu a viúva de Antônio Correa Ximenes, Inácia Fernandes de S. José, filha do capitão Jerônimo Fernandes e Clemência de Carvalho, ***L. de Obitos da Sé,*** fl. 189, arq. da Cúria. Advogado, formado em Coimbra (1692), filho de Manuel Correa Ximenes, ***Brasília***, IV, p. 48, Antônio Correa Ximenes foi dono da casa dos ***Sete Candieiros*** (ou ***do Ximenes***), que se julga sem razão ter pertencido aos Jesuítas, João da Silva Campos, ***Tempo Antigo,*** p.99, Bahia, 1942, em cuja portada se vê o escudo d'armas de Antônio Elias da Fonseca Galvão. O nome Ximenes vinha-lhe da avó paterna Ângela, mulher de Manuel Vaz de Gusmão e filha de André Lopes de Carvalho (o da Índia) e Inês Lopes de Lacerda, filha esta de Manuel Ximenes de Lacerda, ***Árvore de Costado das famílias ilustres de Portugal ordenado por Antônio Peixoto de Queirós e Vasconcelos,*** fl. 92, ms. da Biblioteca Nacional de Lisboa. O volume 30, árvore 92 v., das ***Genealogias,*** da Torre do Tombo, esclarece que a mãe de Antônio Correa Ximenes era Maria de Gusmão, sua prima, o pai (T.T. ***Genealogias,*** v.21 e 25. fl. 521 v.), Manuel Correa Ximenes. Irmãos, mercadores na Bahia, Antônio Francisco e Agostinho Correa Ximenes.

Note-se (lembra Carlos Ott, ***A Casa da Câmara da Cidade do Salvador,*** Centro de Estudos Bahianos, n.93) que Antônio Correa mandou abrir um cano de esgoto da sua casa para o rio das Tripas (1731), inspirando a municipalidade a completá-lo até o seu Palácio.

## *NUNES E LEAL*

João Nunes, (1) casado com Madalena Leal, vieram de Portugal à Bahia e tiveram os filhos seguintes:

1. Fr. Manuel Leal, religioso do Carmo.
2. Mariana Leal, que se segue.
3. Catarina Nunes, adiante.

N. 2. Mariana Leal, filha de João Nunes e de sua mulher Madalena Leal, casou com Manuel Lopes da Mata, e teve filhas:

4. Maria Nunes, que se segue.
5. Joana Leal, adiante.

N. 4. Maria Nunes, filha de Mariana Leal e de seu marido Manuel Lopes da Mata, foi casada com Francisco de Lima e teve filha:

6. Mariana Leal, que casou com João Gonçalves de Souza, e teve filha, que casou com Manuel Infante Guimarães, chamada ela Antônia de Souza Lobato, e teve de seu marido filhos:



O padre Antônio Gonçalves Lima e o padre Manuel Gonçalves Guimarães.

N. 5. Joana Leal, (2) filha de Mariana Leal e de seu marido Manuel Lopes da Mata, casou com Tomé Ribeiro, e teve filha:

7. Teresa Nunes, que casou com Pedro Fernandes de Azevedo, (3) e teve filho:

O padre Pedro Fernandes de Azevedo. (4)

N. 3. Catarina Nunes, filha de João Nunes e de sua mulher Madalena Leal, foi casada com Domingos Rodrigues, filho de Jerônimo Rodrigues e de Ana Lopes, naturais de Lisboa, e moradores na Bahia, e teve filho:

8. O doutor Manuel Nunes Leal, (5) que casou com D. Ana Maria de Vasconcelos, filha de Custódio Nunes e de sua mulher D. Ângela da Cunha, à fl...., n. 23, e aí a sua descendência.

9. Francisca Nunes, mulher de Estevão Rodrigues do Porto, à fl....

De Jerônimo Rodrigues, acima, e de sua mulher Ana Lopes, foi também filha Grácia Lopes, que casou com Francisco da Cruz Arraes, (6) e teve filhos sacerdotes.

O padre Antônio da Cruz Arraes, (7) e o padre Tomé da Cruz Arraes. (8)

N. 6. Maria de Figueiró, filha de Cristóvão de Aguiar Daltro e de sua mulher Izabel de Figueiró, à fl...., n. 6, casou com Manuel Lopes Caldeira; e teve filhos:

Ana, batizada a 6 de março de 1622.

Antônio, batizado a 6 de novembro de 1623.

Cristóvão, batizado a 11 de março de 1626.

N. 21. Antônio Pereira da Silva, (9) filho de D. Isabel de Figueiró e de seu segundo marido o capitão-mor Diogo Pereira da Silva, casou com D. Úrsula da Fonseca, filha de Agostinho Paes da Costa (10) e de sua mulher Catarina da Fonseca, com filhos:

Diogo Pereira da Silva, casado.

D. Catarina de Sande.

D. Tereza de Jesus.

Pedro de Aguiar Daltro, que era irmão de Cristóvão de Aguiar Daltro, (11) o velho, foi casado com Custódia de Faria.

A 3 de maio de 1568, batizei a Cristóvão, (12) filho de Pedro de Aguiar e de sua mulher D. Luiza. Madrinha Leonor de Aguiar. Livro da Sé.

1. Antônio de Aguiar Daltro, què se segue.
2. Estevão de Aguiar, abaixo.
3. Tomé de Aguiar Daltro, adiante.
4. Manuel de Aguiar Daltro, ao depois.
5. Sebastião de Aguiar, no fim.
5. D. Jacinta de Aguiar, casada, à fl....

N. 1. Antônio de Aguiar Daltro, (13) filho de Pedro de Aguiar Daltro e de sua mulher Custódia de Faria, casou com Brites Barbosa, filha de Sebastião Pedrozo e de sua mulher Maria Barbosa, que era filha de Tomé Lobato de Lamego (14) e de sua mulher Ana Barbosa de Moraes de Viana, e teve filha:

6. D. Custódia Barbosa, que se segue.

7. D. Maria de Aguiar, adiante.

Estevão Varela.

N. 6. D. Custódia Barbosa, filha de Antônio de Aguiar Daltro, n. 1, e de sua mulher Brites Barbosa, casou com Antônio Ferraz de Abreu, (15) filho de João de Araújo de Souza, que era filho de D. Inês Deça e de seu marido Luiz Álvares de Espínola, o qual João de Souza casou com D. Francisca Garcez, filha de Antônio Ferraz de Abreu, à fl...., n.... De D. Custódia e seu marido foi filho:

8. Nicolau de Souza Deça, que casou com D. Catarina Deça, filha de Manuel de Souza e D. Maria Deça sua mulher, à fl...., n. 41, e depois casou este Nicolau de Souza com D. Úrsula, e esta D. Maria Deça era filha de D. Isabel Deça e de seu marido Sebastião Pedroso de Viana, à fl.... n. 35.

7. D. Maria de Aguiar, filha de Antônio de Aguiar, n. 1, e de sua mulher Custódia de Faria, casou com Manuel Moniz Barreto, filho de Jorge Barreto de Meneses, à fl...., n. 4, e era neta de Pedro de Aguiar, acima.

N. 2. Manuel de Aguiar Daltro, (16) filho segundo de Pedro de Aguiar Daltro e de sua mulher Custódia de Faria, foi casado com F. e teve filhos:

9. Gomes de Aguiar, que se segue.

10. Manuel, batizado a 30 de agosto de 1609. Padrinhos Antônio de Aguiar, seu irmão, id est, de seu pai; e Inês Ribeiro, mulher de Sebastião de Aguiar, (17) irmão também do pai do batizando.

N. 9. Gomes de Aguiar, filho de Manuel de Aguiar, n. 2, e de sua mulher, foi casado duas vezes; a primeira com D. Luzia de Espinosa, filha de Cristóvão de Espinosa e de sua mulher Ana Ribeiro, a qual D. Luzia de Espinosa era já viúva de Antônio Moniz Barreto, à fl...., n. 12, e aí os filhos que teve deste seu primeiro marido, e do segundo aqui, Gomes de Aguiar, * teve filhos:

11. Tomé de Aguiar, que se segue.

12. D. Brites de Aguiar, a qual, sendo batizada a 19 de dezembro de 1604, foi casada, como diz o assento assim: Ao 1.º de fevereiro de 1665, recebi, nesta matriz de Paripe, a Antônio Teles de Betencourt, o Carapeba, filho de Francisco Moniz Teles e de sua mulher D. Policena, com D. Brites de Aguiar, filha de Gomes de Aguiar Daltro e de sua mulher D. Luzia de Espinosa, já defuntos. Teve D. Brites de Aguiar de seu marido Antônio Teles de Betencourt a geração, que fica à fl.... n. 47.

---

*Nota da R.I.H.G.B.*

* *Faleceu Gomes de Aguiar a 29 de março de 1660, e D. Luzia faleceu a 7 de fevereiro de 1646.*



Segunda vez casou Gomes de Aguiar com D. Clara de Melo, a qual era também viúva e teve desta filho:

13. Manuel de Aguiar; consta isto do assento da morte desta D. Clara, o qual diz assim: A 29 de março de 1666 faleceu D. Clara, viúva de Gomes de Aguiar. Testamenteiro seu filho Manoel de Aguiar. (18) Está sepultada na capela de S. Tomé.

N. 11. Tomé de Aguiar, (19) filho de Gomes de Aguiar, n. 9, e de sua primeira mulher D. Luzia de Espinosa, foi casado com Margarida de Araújo, e teve filhos:

14. Maria, batizada a 10 de fevereiro de 1670.

13. Vasco, batizado a 21 de abril de 1673.

16. Antônio, batizado a 16 de julho de 1674.

17. Antônio, batizado a 12 de julho de 1676.

18. Francisco, batizado a 26 de setembro de 1679.

N. 3. Tomé de Aguiar, (20) filho terceiro de Pedro de Aguiar e de sua mulher Custódia de Faria, casou com D. Maria de Lemos, * viúva de Martim Carvalho, e teve filha:

19. D. Inês de Aguiar Daltro, que casou com o alferes Manuel de Souza de Abreu a 12 de março de 1663, e faleceu ela no 1.º de agosto do mesmo ano, e o marido em 7 de junho do seguinte de 1664. Ele sepultado em S. Francisco e ela no Carmo.

N. 4. Estevão de Aguiar, filho quarto de Pedro de Aguiar Daltro e de sua mulher Custódia de Faria, casou com D. Maria de Meneses, ** filha de Domingos Barbosa de Amorim; a este Estevão de Aguiar chamavam o Gago, e teve filhos:

20. D. Francisca de Aguiar, que foi primeira mulher de Domingos Teles de Meneses, filho de Mateus Pereira de Meneses, à fl...., n. 4, sem filhos.

21. D. Maria, batizada a 4 de novembro de 1635.

N. 5. Sebastião de Aguiar, filho quinto de Pedro de Aguiar Daltro e de sua mulher Custódia de Faria, casou com Inês Ribeiro, teve filhos:

22. Cristóvão, batizado a 3 de fevereiro de 1599.

23. Maria, batizada a 27 de março de 1601.

24. João e Sebastião Tomé de Aguiar, este casou com D. Maria Correa, filha de Pedro Vaz Correa (21) e de sua mulher Maria do Campo; e viúva que ficou de Manuel de Souza: casaram a 4 de outubro de 1640.

N. 23. Maria de Aguiar, filha de Sebastião de Aguiar e de sua mulher Inês Ribeiro, casou com Bernardo de Aguirre, (22) filho do Capitão Pedro Aires de

---

*Notas da R.I.H.G.B.*

* *Casaram a 19 de junho de 1639.*

** *Casaram a 20 de fevereiro de 1634, em Matoim.*

Aguirre (23) e de sua mulher D. Catarina Quaresma e teve filhos:

25. Pedro, (24) batizado na Sé a 21 de junho de 1620.
26. Sebastião Carlos (25) e Catarina Quaresma.
27. Tomé de Aguiar.
28. Nuno Álvares Pereira. (26)
29. Francisco Aires de Aguirre. (27)

N. 5. D. Jacinta de Aguiar, filha de Pedro de Aguiar Daltro e de sua mulher D. Catarina Antunes* natural desta Bahia, casou com Antônio Diniz Ribeiro, natural desta Bahia; filho de Francisco Diniz e de sua mulher Catarina dos Reis, da freguesia do Socorro. Donde se segue, que foi casado duas vezes Pedro de Aguiar Daltro, a primeira como fica à fl...., n. 1 e a segunda com esta D. Catarina Antunes, com a qual casou, como consta do assento do livro da Sé.

N. 24. Cristóvão de Aguiar Daltro, filho de Custódio Nunes Daltro, à fl.... n. 20, e de sua mulher Ângela da Cunha, aí foi casado com D. Maria de Vasconcelos, filha de Manuel Gomes Dias e de sua mulher D. Maria de Vasconcelos, à fl...., n. 14, e teve este Cristóvão de Aguiar desta sua mulher D. Maria de Vasconcelos filha:

D. Josefa Maria do Socorro.

Por morte deste seu marido Cristóvão de Aguiar Daltro, casou segunda vez esta mulher D. Maria de Vasconcelos com o capitão Francisco de Brito Freire, (28) natural de Socorro, filho de José de Brito Freire (29) e de sua mulher D. Clara dos Anjos; casou com este segundo marido a 28 de maio de 1714, na capela do Carmo do Limoeiro.

---

1. JOAO NUNES. "João Nunes cristão novo mercador nesta vila que depois foi preso por esta visitação do Santo Ofício na Bahia". ***Denunciações de Pernambuco.*** 1593, p. 41. Ou "João Nunes de Itaparica que sempre teve fama pública e constante de ser homem de nação", motivo por que os genros Francisco d'Aguiar e Domingos Rodrigues Correa não puderam entrar na irmandade da Santa Casa da Bahia. ***Livro de Segredo.*** 20 de julho de 1679, fl. 22. Feitas porém as indagações em Portugal, conveio-se que a imputação era falsa, L. citado (13 de março de 1680).

2. JOANA LEAL. O primeiro marido, alferes Francisco d'Aguiar (não Tomaz Ribeiro) e o segundo, o guarda-mor da Relação, Domingos Rodrigues Correa, foram impedidos de entrar na Santa Casa pela notícia de que a mulher era cristã nova. Insistiu Domingos, para que se tirassem informações no Reino, e à vista da limpeza de sangue nelas declarada, a irmandade o admitiu em 1680. ***L. de Segredos***, citado.

---

*Nota da R.I.H.G.B.*

* *Casaram a 21 de março de 1658.*



3. PEDRO FERNANDES DE AZEVEDO. Por ordem do governador Matias da Cunha, fez o mestre carpinteiro da Bahia Pedro Fernandes de Azevedo casa nova e consertou o palácio do governo, cujo pagamento foi aprovado em 1693, ***Doc. Hist.***, v. 83, p. 130.

4 PE. PEDRO FERNANDES DE AZEVEDO. Pregador, notado por Barbosa Machado; nossa ***História da Literatura Baiana***, p. 68.

5. MANUEL NUNES LEAL. Da relação dos estudantes brasileiros de Coimbra, consta que Manuel Nunes Leal, filho de Domingos Rodrigues, nascido na Bahia, estudou medicina, 1692-97, obteve "incorporação em todos os atos e graus de Filosofia até Mestre em Artes", Provisão de 22 de junho de 1696, formou-se, médico, em 1697, ***Brasília***, IV, p. 55.
Poeta, pertenceu à Academia Brasílica dos Esquecidos (***Movimento Academicista***, I, p. 108).
O sogro: Custódio Nunes Daltro (aparece na lista dos devedores à Santa Casa, 1725, doc. em ***Brasília***, V, p. 548), ***tit. Aguiar Daltro.***

6. FRANCISCO DA CRUZ ARRAIS. Do livro 1.º do ***Tombo (1626) da Santa Casa*** da Misericórdia: "rua Direita detrás da capela-mor da Sé": "vive nestas casas Francisco da Cruz Arrais ourives do ouro, paga cada ano aos quartéis 75$", ***arq. da Santa Casa***. Homem abastado, instituiu em 1630, o culto de Nossa Senhora da Palma. Foi de 1631 a 1638 fiador do contrato da pesca da baleia, tomado por Diogo Garcia, ***Arq. Públ. da Bahia***, Provisões Reais de 1636 a 39, ***Doc. Hist.***, XVII, p. 106.

Quatro de seus filhos cursaram a Universidade de Coimbra: Jerônimo em Leis, formado em 1650, Antônio, em cânones, formado em 1654, Tomé, matriculado em Institutas, em 1653, Ventura da Cruz Arrais, que saiu médico em 1660 (***Brasília***, IV, pp. 19-25). Este "físico-mor e cirurgião-mor do Brasil, patente de 13 de agosto de 1665, ***Doc. Hist.***, v. 22, p. 238 e v. 23, p. 63, por quatro anos, vencendo 40$. Foi demitido por desidioso e reintegrado pela carta régia de 28 de setembro de 1680, ***Códice*** ms. na Biblioteca Nacional. Dele fala o licenciado Rabelo, na ***biografia*** de Gregório de Matos. Pedro de Matos, irmão do poeta, cliente em 1686, do doutor Arrais, morreu nas suas mãos, vítima de remédios trocados, ***Obras de Gregório de Matos***, I, p. 43, ed. da Academia Brasileira. Cumpriu o voto do irmão alferes Bernardo da Cruz Arrais, levantando a igreja da Palma. Em 31 de janeiro de 1684 teve 8 ou 10 braças de terra de largo, 30 ou 40 de comprido, na rua debaixo da de Nossa Senhora da Ajuda. ***Publ. do Arquivo Nacional***, XXVII, p. 78.

Em 1686, para o seu lugar de físico-mor foi nomeado o Dr. Manuel de Matos de Viveiros, ***Doc. Hist.***, v. 28, p. 400. Em 1693 os irmãos Arrais doaram a igreja da Palma aos frades agostinhos, Rocha Pita, ***História da América Portuguesa***, p. 449, Fr. Agostinho de Santa Maria, ***Santuário Mariano***, IX, p. 43, Lisboa 1723, Francisco Vicente Viana, ***Memória sobre o Estado da Bahia***, p. 314, A.A.A., ***Resumo Cronológico***, p. 87.

Aos "dois irmãos apelidados ***Os Cruzes***" alude satiricamente Gregório de Matos, nas décimas da ***Satírica, Obras***, IV, pp. 148—152.

7. PADRE ANTÔNIO DA CRUZ ARRAIS. Bacharel em cânones pela Universidade de Coimbra, 1648—1654.

8. PADRE TOMÉ DA CRUZ ARRAIS. Consta da relação dos estudantes de Coimbra que lá só esteve um ano, em 1653.

9. ANTÔNIO FERREIRA DA SILVA. Capitão-mor. O seu nome figura no ***Livro de Batizados*** de Santo Amaro de Itaparica (arq. da Cúria): o de sua filha Catarina, 10 de março de 1729. A mulher chamava-se D. Úrsula ***Xavier***.

10. AGOSTINHO PAES DA COSTA. Veja-se o que dissemos de seu filho, Manuel Paes da Costa, que casou em circunstâncias dramáticas com a filha da senhora da Torre, Catarina Fogaça.

11. PEDRO DE AGUIAR DALTRO. Ao Santo Ofício, em 1591, disse "Pero d'Aguiar Daltero" "ser cristão velho, natural de Alenquer em Portugal, casado com Custódia de Faria de idade de quarenta e oito anos morador na sua fazenda no rio de Matoim", ***Denunciações da Bahia,*** p. 250.

12. CRISTÓVÃO DE AGUIAR DALTRO, 2.º. "... Mancebo de 18 anos então que era há dois ou três anos filho de Pero d'Aguiar morador na dita sua freguesia Matoim", ***Confissões do Santo Ofício,*** 1591, p. 20.
Casou com Catarina Jaques. Assinou pela mãe, que não sabia escrever, a escritura de 7 de abril de 1598 aos carmelitas, Ms., ***Memórias do convento do Carmo da Bahia,*** fl. 99.

13. ANTÔNIO DE AGUIAR DALTRO. Há dois deste nome. O 1.º, cristão velho, lavrador de canas, morador em Matoim, Denunciações da Bahia, 1618, p. 41. O 2.º, soldado da companhia do capitão Francisco de Araújo do terço do mestre de campo João de Araújo, que em 1658 teve licença para ir a Portugal, Arq. Públ. da Bahia, ***Alvarás de 1630 a 1676,*** fl. 188.

14. TOMÉ LOBATO. "... Uma sua prima Ana Barbosa mulher de Tomé Lobato morador na dita capitania" (Porto Seguro), ***Denunciações de 1591,*** p. 457.

15. ANTÔNIO FERRAZ. "...Antônio Ferraz, capitão de uma companhia desta cidade", ***Denunciações de 1591,*** p. 467.

16. MANUEL D'AGUIAR. A filha, Maria, foi batizada em Paripe, 30 de agosto de 1609, ***L. de Batizados de Paripe,*** arq. da Cúria; padrinho, seu irmão Antônio de Aguiar.

17. SEBASTIÃO DE AGUIAR. Em Paripe, 1.º de dezembro de 1604, foi batizado Bastião, filho de Bastião d'Aguiar e sua mulher Inês Ribeira, ***Livro de Batizados*** de Paripe, arq. da Cúria.

18. MANUEL DE AGUIAR. No ***L. de Batizados*** da freguesia da Vitória, arq. da Cúria, há o assento de Lourenço, filho de Manuel de Aguiar e Arcângela de Oliveira.



19. TOMÉ DE AGUIAR. Tivemos ocasião de apurar que as datas de batismo que se seguem correspondem ao que está no ***Livro de Batizados*** da freguesia de Paripe. Filho de Tomé de Aguiar e Margarida de Araújo, foi Antônio, ali batizado a 12 de julho de 1676. — Em 1655 Tomé de Aguiar Daltro era capitão-mor de Sergipe del-Rei, ***doc. Hist.***, III, p. 296. Morreu em Paripe a 29 de março de 1715. Deixou por testamenteiros a mulher, e o filho Cristóvão (omitido por Fr. Jaboatão), ***Livro*** da freguesia de Paripe, arq. da Cúria. Do mesmo códice consta o falecimento da viúva, D. Margarida de Castro e Araújo, em setembro do mesmo ano.

20. TOMÉ DE AGUIAR DALTRO, ouvidor de Sergipe del-Rei em 1565, ***Anais da B.N.,*** v.36, p. 57.

21. PEDRO VAZ CORREA. Veja-se ***tít. Aires, Cordeiros, Delgados.***

22. BERNARDO DE AGUIRRE. Aos 21 anos, casado, morava para as bandas de "Tapagipe", perto do forte de São Filipe, de que o pai era capitão, ***Denunciações da Bahia, 1618,*** fl. 217. Assistiu às guerras "desde o ano de 624 em que foi ocupada a cidade da Bahia pelos holandeses até se recuperar", e "particularmente no sítio que o conde de Nassau pôs à mesma cidade o ano de 638" (sobretudo a 21 de abril e 18 de maio, ***Doc. Hist.,*** v. 17, p. 452), ganhando um escudo de vantagem, 21 de janeiro de 1639 — diz-se no Processo de Habilitação de Bartolomeu Godinho para cavaleiro da Ordem de Cristo, ***T.T., Habil. da Ordem de Cristo,*** 1681, letra B, m. 12. Teve a promessa de 20$ de pensão em uma comenda de S. Tiago, mais ofício de justiça ou fazenda, ajudando a render a nau almirante holandesa; na empresa do Mocambo, onde se refugiaram negros revoltados; na armada do conde da Torre na Catalunha, de onde voltou a Portugal. Em 1645 foi incumbido de levar à Bahia (com João Mendes de Vasconcelos) um contigente de 500 homens. Subira de soldado a capitão. Cabo de duas caravelas que foram recrutar gente à ilha Terceira, privaram-no do posto, na Bahia, "por levantar a espada contra Gaspar Pinheiro Lobo, em defesa do mestre de campo João de Araújo". Obteve licença para defender em Lisboa a sua causa (4 de janeiro de 1650, Arq. Públ. da Bahia, ***Alvarás de 1630 a 1676,*** fl. 437, e acabou reintegrado, 12 de outubro de 1651. Morreu em 1658. Por sua morte, foi provido como capitão de infantaria Francisco de Araújo, 6 de maio de 1658, Arq. Públ. da Bahia, ***Registros de Patentes de 1657 a 1678.*** Diverge a árvore genealógica abaixo citada do ***Catálogo Genealógico,*** quanto aos nomes dos filhos. Seriam Francisco Antônio e Nuno Álvares Pereira, que viveu no Reino, vila da Barca do Minho.

23. PEDRO AIRES DE AGUIRRE. Fidalgo castelhano biscainho, lê-se na árvore genealógica que acompanha processo de limpeza de sangue de um de seus descendentes, no Arq. Hist. Ultramarino.
Como o irmão, Diogo Aires de Aguirre, natural de Nova Espanha, neto de Diogo Fernandes Martins e Isabel Rodrigues da Ribeira, capitão-mor de São Vicente de 1598 a 1600, José Gonçalves Salvador, ***op. cit.,*** p.97, teria vindo com o governador D. Francisco de Souza. Capitão do forte de São Filipe (Montserrate) com 80$ por ano, 25 de maio de 1598, ***Doc. Hist.,*** v. 14, p.486, nele continuava ao chegar os holandeses, em 1624. O forte foi tomado, mas o seu velho comandante o recuperou no mesmo dia em que os invasores o abandonaram. Não procedeu com o mesmo destemor em 1638. Já não tinha idade para a refrega, esclarece Duarte

de Albuquerque, nas ***Memórias Diárias.*** Foi suspenso "por largar o seu forte quando aqui veio o conde de Nassau no ano de 638 que o rendeu, foi absolvido e livre por sentença do marquês de Montalvão governador geral deste Estado de 8 de janeiro de 641 e mandara que tornasse a servir seu forte", aliás, conta Brito Freire, ***História da Guerra Brasílica,*** p. 436, Lisboa, 1645, "tão limitado como seu capitão Pedraires de Aguirre". Teve sesmaria em 1609 no Paraguaçu, ***Publ. do Arquivo Nacional,*** XXVII, p. 233. Era senhor de engenho, ***Denunciações de 1618,*** fl. 270, casado com Catarina Quaresma, filha de Diogo Gonçalves Laço ("não sabe se é cristão velho ou novo e de sua mulher Guiomar Lopes, que não sabe também se é cristã velha ou nova) de idade de 24 ou 25 anos" em 1591, ***Denunciações,*** p. 554, quando ainda "estava debaixo do poder de seu pai e sua mãe moradores ora nesta cidade". — Diogo Gonçalves Laço, "espantoso soldado", Fr. Vicente do Salvador, ***op. cit.,*** p. 320, foi seis anos o administrador das minas de São Vicente, feito por D. Francisco de Souza, Pedro Taques, ***Nobiliarquia,*** I, p. 328, tendo como um de seus companheiros Diogo Aires de Aguirre, irmão de Pedro, Carvalho Franco, ***Revista do Instituto Histórico,*** v. 159, p. 116. — Em 1629 aforou Pedro Aires de Aguirre à Santa Casa terras deixadas pela mulher de Garcia d'Ávila, Mécia Rodrigues em Itapagipe, ***L. 1° do Tombo da S. Casa,*** fl. 40, por 8$ mensais.
Filhos, Bernardo (acima); Diogo Gonçalves Laço, capitão do forte de São Filipe e escudeiro fidalgo, 6 de junho de 1644; Francisco Quaresma, que se passou à Espanha, declara o alvará de 1644 em favor do irmão R. Garcia, nota à ***Hist. Geral*** de Varnhagem, II, p. 106: as filhas casadas com Pedro de Aguiar, Denunciações de 1618, fl. 225, cristão velho, morador em Toque-Toque, com Diogo de Sandoval (Maria); com Bartolomeu Soares Feio (Serafina). Árvore genealógica anexa ao processo de descendente de Pedro Aires de Aguirre.

24. PEDRO AIRES DE AGUIRRE. 2.°. Achou-se em "todas as ocasiões de peleja que houve" na Bahia, de 17 de outubro de 1630 a 1645, quando embarcou na armada que foi ao socorro de Pernambuco, "a apaziguar as alterações que havia nos moradores", fazendo aos flamengos "muitas emboscadas e vigias em postos de muita importância e risco", ***Processo de Habilitação*** para a Ordem de Cristo, de Bartolomeu Godinho, citado.
— "Ordem para se tirar devassa sobre a morte de Pedro de Aguirre, filho de Bernardo de Aguirre", provisão de 5 de fevereiro de 1652, ms. ***Arq. Hist. Ultr.,*** nota de Manuel Múrias à ***Relação Diária,*** de Pedro de Cadena, p. 243.

25. SEBASTIÃO LUIZ. Bartolomeu Godinho herdou os serviços do capitão Sebastião Carlos, "feitos em praça de soldado e alferes, com bom procedimento", de 14 de novembro de 1645 a 25 de outubro de 1657, ***Processo de Habilitação*** citado em notas anteriores.

26. NUNO ÁLVARES PEREIRA. Casou em Portugal três vezes, diz a árvore genealógica de Pedro Aires de Aguirre, T.T., ***Familiar.*** O filho mais velho foi o padre Carlos Pereira de Aguiar, do hábito de São Pedro. Tivera licença para acompanhar o pai na viagem ao Reino, em 1650, Arq. Públ. da Bahia, ***alvará*** citado. — Era soldado da companhia do capitão Damião de Lençóes. A patente de capitão-mor do forte do morro de São Paulo, 15 de julho de 1667, conta os seus serviços, em 1655 indo à Índia com o vice-rei conde de Savedra, na guerra aos espanhóis no Alentejo. Voltou à Bahia com o governador Alexandre de Souza Freire, Arq. Públ. da Bahia, ***Patentes de 1657 a 1678,*** fl. 112. Regressou a Lisboa em 1671, Mirales, ***op. cit.***, p.61.

27. FRANCISCO AIRES DE AGUIRRE. Casou com Filipa Ferreira, irmão do padre Gavião, segundo a árvore genealógica de Pedro Aires de Aguirre, citada. Veja-se ***Doc. Hist.***, v. 48, p. 39.

28. FRANCISCO DE BRITO FREIRE. A filha do 2.° casamento de D. Maria de Vasconcelos com Francisco de Brito Freire, D. Clara Maria de Vasconcelos, casou em 1734 com Gonçalo Nunes de Oliveira, ***L. de Casamentos do Monte***, 1713-1740, arq. da Cúria. Morreu Francisco de Brito Freire, morador no sítio do Limoeiro, a 16 de fevereiro de 1727, ***L. de Óbitos do Monte,*** no mesmo arquivo.

29. JOSÉ DE BRITO FREIRE. Faleceu a 8 de agosto de 1745, ***L. de Óbitos do Monte,*** arq. da Cúria.



## *PERADA*

Henrique de Perada, que foi da casa da Excelente Senhora, e irmão de Antônio de Perada (1) (a Excelente Sra. D. Joana, filha de Henrique IV de Castela), e não achamos de quem eram filhos, foi casado com Francisca de Siqueira Cabral, de quem também não achamos a sua ascendência, e só que tiveram filhos:

1. D. Francisca de Perada, que casou com Manuel de Melo de Vasconcelos filho de Antônio de Oliveira de Carvalhal, à fl.... n. 1; e aí a sua descendência.

2. Rafael de Perada, (2) clérigo, cura da Sé pelos anos de 1642, em que a 20 de agosto do dito ano, em Nossa Senhora da Ajuda, administrou, ou foi ministro dos contraentes Baltazar de Aragão e Leonor da Rocha Peixoto, e foi padrinho o governador Lourenço de Brito Correa.

### *ALVARÁ*

Eu el-rei faço saber a vós D. João da Silva, Conde de Porto-Alegre, mordomo-mor de minha casa, que eu apresento ora de escudeiro fidalgo e cavaleiro a Henrique de Perada, que foi da Excelente Senhora, que santa

glória haja, irmão de Antônio de Perada, com trezentos moios mais em sua moradia em cada mês, além dos 550 réis, que até agora teve de escudeiro, e assim haverá daqui em diante de cavaleiro fidalgo 850 de moradia por mês, e um alqueire de cevada por dia, pagos segundo ordenança. Mando-vos, que façais assim assentar em os livros de minhas moradias, e tanto que lhe for assentado lhe tornareis este alvará para sua guarda. Aires Tavares o fez aos 30 dias de julho de 1550. *Rei.*

### *REQUERIMENTO DA MULHER DESTE HENRIQUE DE PERADA*

Francisca Siqueira Cabral, D. viúva, que ela tem 150 réis de tensa em cada um ano, que lhe fez Sua Majestade mercê pelos serviços de seu marido Henrique de Perada, que Deus tem, e porque agora lhe é necessário apresentar provisão, por onde o dito Senhor lhe fez essa mercê, e a própria se lhe queimou, há muitos anos, queimando-se-lhe as casas a seu genro Manuel de Melo em Paripe, onde ela suplicante estava, e tem a dita provisão registrada no livro da fazenda, por onde se lhe fez o seu pagamento. Pede a Vossa Majestade lhe mande dar o traslado da dita provisão na verdade, para o apresentar. E.R.M.. Disse-lhe, como pede. *Borges.*

Em cumprimento do despacho acima de Sebastião Borges, provedor-mor da fazenda de Sua Majestade deste Estado, certifico eu Pedro de Vargas Giraldes, escrivão da fazenda de Sua Majestade, nesta cidade da Bahia do dito Estado, que no livro 2.º dos registros das provisões, a fl. 250 verso estão registradas uma provisão de Sua Majestade e uma postila cujo traslado é o seguinte: — Eu el-rei faço saber aos que este meu alvará virem, que, havendo respeito aos serviços de Henrique de Perada, cavaleiro fidalgo de minha casa, aposentador dos fidalgos, e haver muitos anos que me serviu em África, no reino, de ir com o Senhor rei, meu sobrinho, que Deus tem, na jornada de África, * e ficar, por seu mandado com os doentes que ficaram em Arzila, por enfermeiro-mor, vindo de lá doente, faleceu nesta cidade: Hei por bem de fazer mercê a Francisca Siqueira, sua mulher, 150 réis de tença cada um ano em dias de sua vida, que começará a vencer de 11 dias de agosto deste ano presente de 1579 em diante; os quais hei por bem, que lhe sejam pagos no recebedor do dinheiro de um por cento e obras pias; e portanto mando ao recebedor, que ora é e ao diante fôr, que dos ditos 11 dias de agosto em diante, em cada um ano, pague á dita Francisca Siqueira os ditos 150 réis, aos quartéis do ano, por o traslado deste, que será registrado no livro de sua despesa pelo escrivão do seu cargo e conhecimento da dita Francisca Siqueira, mando aos contratadores, e levem em conta ao dito recebedor os ditos 150 réis, que lhe assine pagar cada ano, e este hei por bem, que valha pela minha chancelaria, sem embargo da ordenação do livro 2 tít. 20, que o contrário dispõe. Luiz Henriques o fez, Lisboa a 26 de agosto de 1579. E eu Álvaro Pires o fiz escrever. E não diz mais a dita provisão, que estava assinada por el-rei e com visto de D. Francisco de Faria.

O que tudo fiz trasladar por mim Simão Nunes Ultra, e concertado com o contador Antônio de Faria, hoje 11 de agosto de 1591. *Simão Nunes Ultra. Antônio de Faria.*

Afonso de Siqueira, amo da Excelente Senhora, e casado com D. Brites Soares, filha de Fernão Soares de Albergaria e de sua mulher D. Isabel de Melo, filha de Estevão Soares de Melo, senhor de Melo, neta esta D. Brites de Diogo Soares de Albergaria e de sua mulher D. Brites de Vilhena, filha de Rui Vaz Coutinho, senhor de Ferreira, bisneta de Fernão Gonçalves de Santar, criado de el-rei D. João I e pagem dos infantes, e era filho este Fernão Gonçalves de Santar de D. Gonçalo, bispo de Vizeu. ***Caderneta*** ant. fl. 112 verso.

---

1. ANTÔNIO DE PERADA. "...Defronte desta ilha dos Franceses está uma casa de meles de Antônio ***Peneda***", Gabriel Soares, ***ibid.***, p. 140. É Antônio de ***Peneda***, mestre de açúcar, morador em Perabusu (Paraguaçu), referido na ***denunciação*** de 1591, p. 390.

2. RAFAEL DE PERADA. Vigário (o 3.º) de São Miguel de Cotegipe, indica Gonçalo Soares da Franca na ***História Eclesiástica, O Movimento Academicista,*** I, tomo 5, p. 300.

### *RAVASCO*

Cristóvão Vieira Ravasco, * (1) Fidalgo da Casa de Sua Majestade, descendente da nobre família dos Ravascos da famosa praça de Moura da parte dalém do rio Guadiana, casou com D. Maria de Azevedo, de quem diz o padre André de Barros na vida que compôs do padre Antônio Vieira, não

---

*Nota da R.I.H.G.B.*

* *Perda de el-rei D. Sebastião em 4 de agosto de 1578.*

*Nota da R.I.H.G.B.*

* *Faleceu a 1.º de junho de 1667; sepultado em S. Bento.*

achou lá mais notícia, do que ser natural da côrte de Lisboa; destes foram filhos, e o primeiro:

1. O padre Antônio Vieira, (2) que a 6 e fevereiro nasceu em Lisboa no ano de 1608, e a 15 do mesmo mês foi batizado, em uma quarta-feira, dia da trasladação de S. Antônio, na Sé de Lisboa, sendo seu padrinho D. Fernão Teles de Meneses, Conde de Unhão; antes de completar os oito anos partiu de Lisboa com seu pai e mãe para a cidade da Bahia; e nela faleceu em 1697.

2. Bernardo Vieira Ravasco, que se segue, batizado na Sé a 3 de julho de 1619.

3. D. Inácia de Azevedo Ravasco, adiante.

4. D. Catarina Ravasco de Azevedo ao depois, batizada a 24 de outubro de 1620, casou em 15 de julho de 1763. D. Catarina Ravasco, n. 4, casou com o sargento-mor Rui Carvalho Pinheiro, e não teve filhos e faleceu a 28 de janeiro de 1662.

5. D. Leonarda de Azevedo Ravasco, que na Bahia casou com o desembargador Simão Álvares de la Penha Deusdará, filho de Manuel Álvares Deusdará, à fl...., o qual desembargador Simão Álvares havia passado de Pernambuco para a Bahia, onde foi provedor-mor da fazenda real, e o único juiz dos cavaleiros, que houve, e embarcando-se da Bahia para Portugal com um filho Manuel Álvares de la Penha, quatro filhas, sua mulher, com toda a sua fazenda e bens, naufragaram todos nas ondas do mar.

N. 2. Bernardo Vieira Ravasco, * (3) filho segundo de Cristóvão Vieira Ravasco e de sua mulher D. Maria de Azevedo, acima, foi o primeiro Secretário de Estado, da Bahia feito por el-rei D. João IV, alcaide-mor da cidade da Assunção do Cabo Frio; não casou; mas de D. Filipa Cavalcanti Albuquerque, filha de Lourenço Cavancanti e de sua primeira mulher D. Úrsula Feio, à fl...., n. 3, teve bastardos filhos.

6. Gonçalo Ravasco Cavalcanti de Albuquerque, (4) que casou duas vezes, a primeira com D. Antônia Maria de Vasconcelos, filha de Aleixo Paes de Azevedo e de sua mulher D. Francisca de Vasconcelos, à fl...., n. 25. E a segunda com D. Leonor Josefa de Meneses, filha de Diogo Moniz Teles, o Gordo, à fl...., n. 27, a qual faleceu a 9 de novembro de 1737; e de nenhuma teve filhos. Foi fidalgo da casa de Sua Majestade. Sucedeu ao seu pai; foi comendador da Ordem de Cristo, alcaide-mor da cidade da Assunção de Cabo-Frio, Secretário de Estado das guerras do Brasil, e repetidas vezes governou a República da Bahia, servindo como, vereador mais velho, de juiz de fora. Faleceu a 9 de outubro de 1725, sepultado na sua capela do Carmo com 85 anos de idade.

Casou a primeira vez a 26 de julho de 1685.

Casou segunda vez a 22 de setembro de 1692.

N. 3. D. Inácia de Azevedo, filha terceira de Cristóvão Vieira Ravasco e de sua mulher D. Maria de Azevedo, foi casada com Fernão Vaz da Costa Dória, (5) como vai na fl...., n. 10, e aí a sua descendência.

N. 4. D. Catarina de Azevedo Ravasco, filha de Cristóvão Vieira Ravasco e de sua mulher D. Maria de Azevedo, foi primeira mulher do sargento-mor Rui Carvalho Pinheiro; filho do primeiro Rui Carvalho Pinheiro, chamado o velho, à fl...., n. 1, e seguinte e aí o mais.

---

*Nota da R.I.H.G.B.*

* *Faleceu em 1697.*

1. CRISTÓVÃO VIEIRA RAVASCO. Informando ao Santo Ofício em 1666, disse o filho, padre Antônio Vieira, que era natural de Santarém. O avô, Baltazar Vieira Ravasco, vivera na vila de Moura, de sua fazenda, mas da avó ignorava o nome. Já D. Francisca de Castro, viúva de Fernão Teles de Meneses (padrinho de Antônio Vieira) tinha, pelo marido, notícia dessa avó misteriosa. "Que o dito Baltazar Vieira Ravasco, avô do dito religioso, tivera conversação com uma mulata, da qual nasceu um filho, o qual o dito Baltazar Vieira Ravasco mandou para o Brasil, aonde ouviu dizer que casara, e que desse matrimônio nascera o padre Antônio Vieira". Palavras semelhantes são dos outros depoentes, J. Lúcio de Azevedo, ***História de Antônio Vieira***, I, pp. 367-9, 2.ª ed., Lisboa, 1931. Temos outra notícia no Processo de Habilitação à Ordem de Cristo do sobrinho, Gonçalo Ravasco Cavalcanti de Albuquerque (T.T., Habil., m. 6, n. 159): "seu pai Bernardo Vieira Ravasco se acha impedido por não constar das naturalidades de seu pai e avós paternos, e avô materno, e haver também nas suas inquirições uma testemunha que depôs ouvira dizer a seu pai que o padre Antônio Vieira, irmão de Bernardo Vieira, era filho ou neto de uma escrava mourisca..." — Explicou o padre, "o dito seu pai, antes de casar, que seria haverá sessenta anos, não tinha outro ofício mais que servir el-rei nas armadas de soldado e cabo de guerra, que foi em um navio à ilha de Santa Helena, e depois de casado quando se mandou no ano de seiscentos e nove a Relação para o Brasil, foi o dito seu pai por escrivão dos serviços dela, e depois de extinta a mesma Relação ficou vivendo de sua fazenda na dita Cidade da Bahia. E sendo pelos anos de seiscentos e onze veio o dito seu pai a este Reino buscar a ele declarante e à dita sua mãe D. Maria de Azevedo, e os levou consigo para a mesma cidade da Bahia no ano de 614..." Corrobora-lhe a declaração o códice 1192, ms do ***Arq. Hist. Ultramarino***: "soldado em uma das caravelas que foram à ilha de Santa Helena de aviso às naus que vinham da Índia, donde veio em companhia de duas na ribeira de Vigo e aí assistiu à descarga das fazendas e guarda a ela quatro meses e à sua custa, como se via das certidões de Rodrigo Freire, capitão da dita caravela, e do governador Domingo Sarmiento". Na Bahia esteve quatro anos, "de alferes de uma companhia, fazendo algumas vezes o ofício de capitão à sua custa". Foi moço da Câmara de Sua Alteza, "escrivão das devassas dos pecados públicos desta cidade de Lisboa por tempo de dois anos", alvará do rei D. Filipe, 30 de setembro de 1606, pelo casamento com D. Maria de Azevedo, "filha de Brás Fernandes que foi meu armeiro, por respeito dos serviços do dito seu

pai e Gonçalo Fernandes seu avô", teve o ofício de escrivão dos agravos e apelações cíveis da Relação "que ora mando ir ao Estado do Brasil", 12 de setembro de 1608. Tinha Cristóvão Vieira Ravasco 32 anos (afirmou ter 48 em 1624, ***Livro 1.º do Governo de D. Luiz de Souza***, p. 371). O casamento fora um ano antes, pois a 15 de fevereiro de 1608 levou a batizar à Sé de Lisboa o primogênito, Antônio, certidão, J. Lúcio de Azevedo, ***op. cit.***, I, p. 365. A família passou a morar na Bahia desde 1614, ainda Antônio filho único. Perdeu a casa, nas bandas de São Bento, "a qual está um pouco mais de um tiro de pedra fora do muro da porta da cidade", em 1624, arrasada por lá se terem alojado os holandeses, Fr. Vicente do Salvador, ***História do Brasil***, 3.ª ed., p. 523. Em 1635 (sem a escrivania, suprimida com a Relação) foi nomeado escrivão do tesouro e ganhou, em 1644, promessa do hábito de Cristo e tença de 40$. Em janeiro de 1632 começou a pagar à Santa Casa juro de 190$11, dinheiro de Pedro Vaz. Tinha pago até 1º de janeiro de 1635, ms., arq. da Santa Casa da Bahia. Mandando empossar o filho, Bernardo, na Secretaria do Estado, escreveu o Rei a 9 de agosto de 1647: "e por a satisfação com que o padre Antônio Vieira da Companhia de Jesus seu irmão, e meu pregador me serve, vos hei por mui recomendadas as pessoas do mesmo Bernardo Vieira, de Cristóvão Vieira Ravasco seu pai, ao auditor Simão Álvares de Lapenha, de Rui Carvalho Pinheiro e dos mais parentes que tiver nessas partes", "e tratando-se de alguma troca, ou modo de resgate pelos portugueses que estão prisioneiros em poder dos holandeses, ordeneis que dos primeiros entre o mesmo Simão Álvares" (carta ao governador Antônio Teles, ***Doc. Hist.***, v. 60, p. 332. Acrescentado cavaleiro fidalgo, foi elevado, em 9 de fevereiro de 1650, a fidalgo da Casa de Sua Majestade por serviços de seu filho o padre Vieira, T.T., ***Genealogias***, 21 F-7, pp. 677-8). Tudo mudou, ao cair o Padre no real desagrado, em 1664, enredado nas malhas da Inquisição. Enfureceu-se em 1667 o vice-rei, conde de Óbidos, contra Bernardo — pelas razões ditas adiante —, e por que o pai devia à fazenda real "um conto e tantos mil réis" lhe penhorou os bens, como para Lisboa se queixou o filho: "e meu pai de noventa e oito anos entrevado, e sem outro cabedal mais que o em que o executam, para lhe rematar com a excessiva perda que costumam ter as propriedades que chegam a ir à praça" (12 de abril de 1667, Consulta do Conselho Ultramarino, outro inédito do ***Arq. Hist. Ultramarino***). Nesse ano, a 12 de junho, morreu Cristóvão Vieira Ravasco. Jaz na igreja dos beneditinos, Macedo Leme, ***Genealogia***, fl. 81 verso.

2. PADRE ANTÔNIO VIEIRA. A bibliografia vieirense é torrencial. Aí estão os livros do padre André de Barros, que a inicia, de D. Francisco Alexandre Lobo, de João Francisco Lisboa, do padre Gonzaga Cabral, de J. Lúcio d'Azevedo, de Hernani Cidade, de Mário Domingues; ***Cartas*** (mais completa coletânea, de J. Lúcio, 3 tomos) e ***Sermões***, fonte perene de inspiração nos cimos da eloqüência. Publicamos, anotados, ***Sermões patrióticos*** (Col. Brasiliana, São Paulo, 1938). Tanto se afamaram na Europa, que podemos encontrar muitos dos sermões de Vieira em latim e italiano nas bibliotecas monásticas, do porte da dos franciscanos em Praga (atualmente, Museu de Literatura tcheca). Vejam-se os 15 volumes apostilados profusamente por Rui Barbosa, na sua ***Casa*** (Rio de Janeiro).
Nascido em Lisboa, a 6 de fevereiro de 1608, veio seis anos depois para a Bahia acompanhando o pai, escrivão da Relação do Brasil. Entrou a 5 de maio de 1623 na Companhia de Jesus, professou a 6 de maio de 1625, já destacado para escrever a ***Carta ânua*** (1625), discípulo do padre Fernão Cardim; em 1635 recebeu as ordens de presbítero. Estreiou no púlpito em 1633. Sem sair desta América, adquiriu a cultura literária e filosófica, em que ninguém se lhe avantajou, e dominou a arte da palavra, insuperável em orações flamantes, como a de 1640, "pelo bom sucesso das armas portuguesas". Despachou-o para Portugal a Confiança dos negociantes da praça, que lá queriam advogado irresistível dos interesses da terra (é ler as ***Atas da Câmara*** a respeito dessa comissão); e de tal modo se conduziu, que em breve era personagem de farto prestígio na corte de D. João IV. Foi mandado à França, à Holanda, à Roma, desenvolveu hábil ação diplomática em favor do Reino na luta com a Espanha, no seu problema dinástico após a morte de D. João IV, na política dos casamentos reais, afinal em defesa das missões e dos índios do Brasil. Não se eximiu aos prejuízos da época. Esteve dois anos segregado pela Inquisição em Coimbra. Pouco antes de voltar de vez ao Brasil, em 1681, recusou o lugar de confessor da rainha da Suécia, em Roma, como recusara a mitra, com que o Papa desejou exaltá-lo.
Veio para refazer o sermonário, cumprindo determinação do Padre Geral; e morreu depois de concluí-lo, na Bahia, a 18 de julho de 1697 (veja-se carta do Padre Antônio José Andreoni, ***Anais da B. N.***, v. 19, pp. 154-60). Sobre o período final: nosso ***O Crime de Antônio Vieira, (1931).***

3. BERNARDO VIEIRA RAVASCO. 1617 — 1697. Nasceu na Bahia. Estudou, como o irmão, no Colégio dos jesuítas. Justificando a sua nomeação em 1644 para secretário do governo, diz Antônio Teles da Silva, sabia "traduzir e interpretar as cartas latinas que se me enviam, e faz as que se lhe respondem (aos holandeses) muito como convém, por ser Licenciado formado em Filosofia", ms. Arq. Hist. Ultr., século 17, ***Papéis Avulsos***. Capitão de infantaria, bateu-se em 1638 na defesa da Cidade, atacada pelo conde de Nassau. Para livrar Itaparica, meteu-se numa canoa com a sua companhia, "com grande risco de sua vida por meio de uma grande tempestade", e desalojou de uma casa forte o inimigo, "de que saiu ferido de uma alcanzia", alvará de 31 de junho de 1676. ***Doc. Hist.***, v. 63, p. 31. O governador Antônio Teles da Silva nomeou-o secretário do governo. Atendia à carta dos oficiais da Câmara para o Rei, de 17 de setembro de 1642, pedindo "haja no governo do Brasil um ***Secretário de Estado***, como há na Índia, mas que de nenhum modo convém que se proveja em pessoa de nação". Carta patente, Lisboa, 17 de fevereiro de 1646, fê-lo Secretário de Estado por três anos, compensando o cargo, então extinto, de juiz do peso da Cidade da Bahia, ms. Arq. Hist. Ultramarino. Serviu de 1647 até a morte, com direito (1676) de sucessão em favor do filho, Gonçalo Ravasco, adiante, ***Doc. Hist.***, v. 28, p. 247.
Foi cavaleiro da Casa Real e alcaide-mor de Cabo Frio. Queixou-se Lourenço de Brito Correa (26 de setembro de 1662, ms. Arq. Hist. Ultr.) de "culpas e excessos que tem cometido e as quantias de despesas que furtou para a fazenda de S. Majestade e outros particulares".
Para defender-se, conseguiu licença (10 de dezembro de 1662) para ir à Corte, onde ficaria pelo prazo de três anos, na "nau de que é capitão Dinis Pais que ora está para partir", Arq. Públ. da Bahia, ***Alvarás de 1630 a 1676***, fl. 208 verso. — Prendeu-o em 1666 o vice-rei conde de Óbidos, acusando-o de certos descaminhos da Real Fazenda, e o manteve na cadeia quase um ano, como em carta de 12 de abril de 1667 informou Bernardo ao rei, ms. junto à consulta do Conselho Ultramarino, de 12 de julho, Arq. Hist. Ultramarino. Coincidiu com o período de desprestígio do padre Vieira, 1663-67, apertado pela Inquisição, em processo

armado à sua insistente profecia, veja-se-lhe a ***Defesa***, publicado com prefácio de Hernani Cidade pela Universidade da Bahia, 1959. Negou-se-lhe (15 de julho de 1673) o hábito da Ordem de Cristo, por falta de qualidade dos avós: "por ora não está capaz de entrar na mercê do hábito", T.T., ***Hábil. da Ordem de Cristo***, letra B, m. 12, n. 149; e o que se disse de Cristóvão Vieira Ravasco. Em 1681 subiu a provedor da Santa Casa da Bahia. Outro governador o hostilizou, Antônio de Souza de Meneses, desta vez com o filho, irmão, e amigos, como cúmplice no assassinato do alcaide-mor Francisco Teles, "mandando-o meter na enxovia com sentinelas até ser solto pelo Juiz da devassa por se lhe não achar culpa alguma", carta régia de 11 de março de 1684, ***Doc. Hist.***, v. 68, p. 94, caso que esmiuçamos em ***O Crime de Antônio Vieira***, S. Paulo, 1931. "Pessoa de maior experiência daquêle Estado", Vieira, carta de 21 de novembro de 1671, os contemporâneos Gregório de Matos e Botelho de Oliveira isso proclamaram em versos altissonantes.

Também poeta, lamentamos andem dispersos em vários cartulários (assim da Casa Cadaval, cf. nossa ***História da Literatura Baiana***, p. 28), os que produziu, ou lhe ficaram.

De duas filhas de Lourenço Cavalcanti, informa Fr. Jaboatão, Bernardo Vieira Ravasco e D. Francisco Manuel de Melo — ***arcades ambo*** — tiveram Gonçalo Ravasco (adiante) e D. Bernarda (em homenagem ao amigo?), mulher de Gaspar de Araújo.

Tais amores preocuparam a côrte, em Lisboa.

A 19 de novembro de 1652 intimou o Rei ao governador, conde de Castelo Melhor, que os atalhasse. "Fui informado que Bernardo Vieira Ravasco entra em casa de Dona Filipa de Albuquerque há muito tempo e com grande publicidade e escândalo e porque semelhantes excessos são muito de estranhar, principalmente em Ministros e com pessoas de qualidade e obrigações de D. Filipa, vos ordeno que chameis Bernardo Vieira e lhe deis uma boa repreensão e lhe mandeis de minha parte que não entre mais em tal casa. E a dona Filipa fareis notificar o mesmo e por alguma pessoa religiosa e em segredo por razão do decoro e dentro nos dias que nos parecer se saia da cidade e vá viver fora dela à parte tão distante onde não vá nem pessoa ir facilmente Bernardo Vieira, mandando-lho assim também a ele e em caso que dona Filipa se não saia logo da cidade a mandareis sair com efeito por justiça e se Bernardo Vieira continuar com ela algum trato de correspondência me dareis logo conta para que eu mande proceder no caso a demonstração que merece", ***Doc. Hist.***, v. 66, pp. 49-50. Queixou-se D. Filipa de que Bernardo lhe devia dinheiro.

Morreu dois dias depois do padre Vieira, a 20 de julho de 1697, e foi sepultado na capela do Santíssimo, da igreja do Carmo, que lhe fora dada com a obrigação de fornecer para sempre 50 arrobas de açúcar do engenho de Cotegipe. (***Memórias***, ms. do convento do Carmo, fl. 135, pesquisa de Maria Teresa Calmon Correa Ribeiro). Ali jaz o seu filho reconhecido, Gonçalo Ravasco.

— Outro filho natural de Bernardo Vieira ("e de Maria Camela parda fôra já defuntos"), José Vieira Ravasco faleceu a 16 de abril de 1734, ***L. de Óbitos de S. Pedro Velho***, fl. 243, arq. da Cúria.

Falta no ***Catálogo***, n. 6, filha de Cristóvão Ravasco, D. MARIA DE AZEVEDO, mulher do mestre de campo Jerônimo Sodré Pereira, tít: ***Sodrés***, dotada, em 1649, com 50$ de renda no contrato das baleias e o hábito de Cristo, para quem



casasse com ela, ***Arq. Hist. Ultr.***, códice 46, consulta de 19 de fevereiro de 1656, ms., e ***Anais da B.N.***, v. 35, p. 109.

Filhos de Bernardo Vieira Ravasco: Além de Gonçalo, adiante, Cristóvão Vieira Ravasco e Albuquerque: "faleceu em meu serviço sendo capitão de infantaria", diz o alvará real de 13 de junho de 1676. Fidalgo, soldado desde 4 de maio de 1666, capitão do Terço do mestre de campo Álvaro de Azevedo, 8 de junho de 1670, ***Doc. Hist.***, v. 23, p. 447, Irmão da Santa Casa em 1672 (***Livro*** ms., n. 2). — E João Vieira Ravasco, conforme ***Livro de Óbitos*** de São Pedro, ms., arq. da Cúria, 16 de abril de 1734: "foi sepultado João Vieira Ravasco, filho natural de Bernardo Vieira Ravasco e da parda forra Maria Camela".

Esta informação sobre as desconhecidas aventuras do Secretário de Estado, têm o sabor do inédito.

4. GONÇALO RAVASCO CAVALCANTI E ALBUQUERQUE. Filho de Bernardo Vieira Ravasco e Filipa de Albuquerque, diz no seu registro de irmão da Santa Casa, 24 de novembro de 1686 (***L. 2. fl. 715***).

Soldado e capitão de infantaria, de 11 de janeiro de 1668 a 1º de junho de 1676, foi ao Reino comandando uma companhia de infantaria como reforço da guarnição da nau da Índia, São Pedro de Rates (Arq. Públ. da Bahia, ***Registros de Patentes de 1657 a 1678,*** fl. 277). Por sentença do juízo das justificações pertenciam-lhe os serviços "feitos nas guerras do Brasil" pelo avô, Lourenço Cavalcanti de Albuquerque (veja-se ***tít. Cavalcanti de Albuquerque na Bahia***), T.T., ***Habil da Ordem de Cristo***, letra B, m. 12, n. 149, certidão anexa ao processo de Bernardo Vieira Ravasco.

Não conseguiu a habilitação à Ordem de Cristo, em 1684, por lhe faltar (como no Processo de Habilitação do pai) as naturalidades dos avós paterno e materno, além da suspeita da avó mourisca (veja-se nota a ***Antônio Vieira***), ***T.T., Habil.***, G, m. 6, n. 159. Obteve-a posteriormente: cavaleiro da Ordem de Cristo (diz o seu registro de óbito, ***L. de S. Pedro Velho***, fl. 231, arq. da Cúria).

Louva-o Gregório de Matos:

> ***Bem mostra que de Bernardo***
> ***Tem herdado o natural,***
> ***Além de ser principal***
> ***O seu ânimo galhardo.***
> ***Natural — era perfídia.***

Foi também poeta, com créditos, fora os do tio padre, para tratar em Lisboa, como tratara em 1672, interesses da Bahia (***cartas*** do padre Vieira). Alvará do governador, 14 de março de 1680, deu-lhe licença para ir ao Reino cuidar de "negócios de tanta importância que rendem necessariamente de sua assistência", ***Doc. Hist.***, v. 27, p. 312. Amigo e parceiro dos que, em 1683, combateram o alcaide-mor Francisco Teles de Meneses, o governador Antônio de Souza de Meneses o acusou de cúmplice do assassinato. Tentou desculpar-se, retornando a Lisboa, onde o Príncipe não o recebeu, como merecia o tio padre, que disso se queixou. É o caso que noticiamos em ***O Crime de Antônio Vieira,*** São Paulo, 1931. Chegou em 23 de fevereiro de 1687 ao posto de coronel do Regimento formado pela divisão do que comandava Sebastião de Araújo Lima (Arq. Públ. da Bahia, ***Registro de Patentes de 1678 a 1688***, fl. 254 v.); e teve a 16 de novembro de 1688 carta de

padrão "enquanto não for provido de promessa de comendador da Ordem de Cristo", T.T., ***Habilitações*** citadas. Vereador em 1684, encarregado de atender ao abastamento da cidade, alvará de 12 de janeiro de 1696, ***Doc. Hist.***, v. 37, p. 319, desempenhou a função de Secretário de Estado pela morte do pai, até 9 de outubro de 1725, quando faleceu (sucessão assegurada pelo Príncipe, 13 de julho de 1676). Foi provedor da Santa Casa, de 1717 a 1720. Sem filhos, legou os bens ao cunhado, juiz de fora Inácio Barbosa Machado, irmão do abade de Sever (1686-1766), documento publicado por Alberto Lamego, ***O Jornal***, Rio, 12 de janeiro de 1930. Mandou D. João V se desse à viúva, D. Leonor Josefa de Meneses, "pensão todos os anos de 400$", a fim de socorre-la na sua pobreza, ***Anais do Arq. Públ. da Bahia***, v. 39, p. 61. Isso por decisão, do Conselho Ultramarino. Correspondia à terça-parte do que rendia o ofício, explicou (em 1730) o vice-rei conde de Sabugosa, a propósito do sucessor, Domingos Luis Moreira, que estava pobre, T.T., ***Habil. da Ordem de Cristo***, m. 13, n. 58.

5. FERNÃO VAZ DA COSTA. Para o genro, pediu Cristóvão Vieira Ravasco o ofício de escrivão dos agravos e apelações, de que era dono, ***Consulta do Conselho da Fazenda,*** 1643, ***Anais da B.N.,*** v. 58, p. 279, o que lhe foi concedido. Veja-se ***Tít. Dórias***, n. 10. Instituiu D. Inácia de Azevedo capela de terras vizinhas ao convento de Santa Teresa, compradas ao irmão, Bernardo Vieira Ravasco ("um chão em que a defunta Maria Pinheira fabricou uma morada de casas na Preguiça). O Padre Antônio Vieira assinou como testemunha, cf. traslado no ***Livro 2.º do Tombo de São Bento,*** fl. 68 verso.

## *COSTAS*

D. Duarte da Costa, (1) governador da Bahia, que entrou nela pelo ano de 1553, e era tio de Fernão Vaz da Costa, de quem adiante se trata, e casou este Fernão Vaz da Costa na mesma Bahia, para onde viera em companhia do dito governador seu tio, com Clemência Dória, de quem logo se dirá. Era este D. Duarte, governador da Bahia, filho segundo de D. Álvaro da Costa e de sua mulher D. Madalena da Silva, filha de Rodrigo Pimentel de Almeida, alcaide-mor de Torres Novas. Era o tal D. Duarte da Costa, neto de D. Álvaro da Costa, deão da Sé da Guarda; e este era filho de D. Gilianes da Costa e de sua segunda mulher D. Joana da Silva, filha de D. Filipe de Souza e irmã do Barão de Alvito. E D. Gilianes da Costa era filho de D. Álvaro da Costa, camareiro-mor e armeiro-mor de el-rei D. Manuel e vedor da fazenda da rainha D. Leonor, sua terceira mulher, e foi casado com D. Beatriz de Paiva, filha de Gilianes de Magalhães, o cavaleiro, pelo ser de Garrolhea, e de D. Isabel de Paiva, sua mulher. A este D. Álvaro da Costa, tronco dos Costas de Portugal, concedeu o dito rei D. Manuel o Dom; e este D. João da Costa, terceiro neto deste D. Álvaro da Costa, foi o primeiro Conde de Soure e deste foi filho segundo D. Rodrigo da Costa, que foi governador da ilha da Madeira e da



Bahia donde entrou no ano de 1702, e depois vice-rei da Índia. De D. Duarte da Costa, acima, foi sobrinho, como se disse:

Fernão Vaz da Costa, que casou com Clemência Dória na fl.... adiante:

Das inquirições com que se ordenou de sacerdote Francisco da Silva de Meneses, tiradas na Bahia no ano de 1634, consta o seguinte dos juramentos, que deram várias testemunhas:

Frei Bernardo de Azevedo, religioso de S. Bento, certifico, que eu conheci a bizavó de Francisco de Meneses, chamada Clemência Dória, pessoa muito nobre, a qual veio a esta terra por mandado da rainha D. Catarina, e assim conheci sua avó D. Luiza Dória, e seu avô Martim Carvalho, (2) pessoa nobre, e foi provedor da fazenda em Pernambuco, e aqui sempre andou no governo da terra; e assim conheço também Braz da Silva de Meneses e D. Clemência Dória, pai e mãe do ordenando. Dez de dezembro de 1634.

Frei Vicente do Salvador, padre desta custódia de S. Francisco do Estado do Brasil, (3) que eu conheço a Francisco da Silva Meneses, filho do capitão Braz da Silva de Meneses e de sua legítima mulher D. Clemência, a qual sei ser filha de Martim Carvalho e de D. Luiza Dória etc.. Em 7 de novembro de 1634.

Frei Plácido das Chagas, religioso de S. Bento, que eu conheco a Francisco da Silva de Meneses, filho do capitão Braz da Silva de Meneses e de sua mulher D. Clemência Dória, neto de Martim Carvalho e de sua mulher D. Luiza Dória. Dez de setembro de 1634.

Francisco da Silva de Meneses, (4) filho legítimo do capitão Braz da Silva de Meneses, natural da vila de Campo maior, e de sua mulher D. Clemência Dória, natural da Bahia; e por via paterna, neto de Fernão da Silva de Meneses, natural da mesma vila de Campo maior, e de sua avó Domingas Pereira, natural da mesma vila, e por via materna, de Martim de Carvalho, da ilha da Madeira, e de sua avó D. Luiza Dória, (5) natural da Bahia diz petição, que fez para as ordens. Em 6 de outubro de 1634.

---

1. D. DUARTE DA COSTA. Omite D. Álvaro da Costa, filho do governador, cujos ímpetos o bispo D. Pero Fernandes Sardinha tentou reprimir, episódio resumido em nossa ***História do Brasil,*** I, p. 261, ed. de José Olympio. A sepultura armoriada de D. Duarte acha-se no museu de Évora. Reportamo-nos à ***História Genealógica da Casa Real,*** IV, pp. 510 e 619.

2. MARTIM CARVALHO. É o sertanista de Porto Seguro, citado por Pero de Magalhães Gandavo, ***Tratado da Terra do Brasil,*** ed. de Capistrano de Abreu, pp. 59 — 60. Em 1592 (carta régia de 15 de novembro) tesoureiro das rendas da Bahia, por seis anos, ***Revista do Instituto Histórico*** , v. 67, parte I, p. 76. "Provedor da fazenda e mantimentos da armada (de Diego Flores de Valdés) Martim Carvalho cidadão da Bahia", participou da conquista da Paraíba, Fr. Vicente do Salvador, ***História do Brasil,*** pp. 277, 283, 287, 299, 300. Teve engenho de bois, "peça de muita estima", no Caípe, Gabriel Soares, ***Tratado Descritivo,*** p. 137. Das ***Denunciações***

***do Santo Ofício,*** de 1591: "Martim Carvalho tesoureiro que foi del-rei nesta cidade..." p. 405. "Clemência Dória, sogra de Martim Carvalho", p. 414. "Martim Carvalho dito por cristão velho", acusado de pecado nefando "na jornada do sertão há 24 anos passados" (o denunciante ouviu dizer, "era mandado ao reino por este caso", p. 447). Do reino voltou com provisão de 26 de março de 1593, para fazer "as avenças dos direitos que pertencem à minha fazenda", ms., ***Conselho Ultramarino*** fl. 112, cópia no arq. do Instituto Históricc.

3. Eleito guardião do convento de São Francisco da Bahia em 1630, Fr. Vicente do Salvador (veja-se ***tít. Palhas***) deve ter morrido entre 1636 e 1639, Capistrano de Abreu, introdução à ***História do Brasil,*** 3.ª ed.; e a 4.ª, revista também por Fr. Venâncio Willeke, São Paulo, 1965.

4. FRANCISCO DA SILVA DE MENESES. Sobrinho do homônimo, casado com D. Isabel Dória, Gregório da Silva, casado com D. Catarina Freire, morreu, aos 50 anos de idade, em 18 de junho de 1735, ***L. de Óbitos de S. Pedro Velho,*** arq. da Cúria.

5. D. LUIZA DÓRIA. Sua filha, do mesmo nome, casou com Domingos Rodrigues Porto, instituidor de morgado na ilha dos Frades (diz a ***genealogia*** dos Dórias, do barão de Loreto, ms. arq. do Instituto Histórico, lata 659). Filhas, D. Ana, mulher de Manuel da Silva de Meneses, D. Eugênia, mulher de Francisco Luis Pereira, Francisco Pereira de Meneses Dória, que casou com D. Maria Xavier de Santiago. Filhos destes, inácio Francisco de Meneses Dória, que casou com D. Maria Francisca de Assis, filha de João Damasceno Palmeira e neta do negociante português José Domingues Pereira. Faleceu Inácio a 23 de setembro de 1822. São os avós de Franklin Américo de Meneses Dória, barão de Loreto, estadista e acadêmico (1836 — 1906).

## *DÓRIAS*

Clemência Dória, * (1) descendente de Florentim Dória, que era sobrinho legítimo de André Dória, (2) príncipe, e delfi de Gênova, que com o favor de Carlos V, imperador de Alemanha, livrou aquela república da sujeição que havia a várias potências, e ultimamente de Francisco I de França no ano de 1528, ajudado do mesmo Carlos V, e daí em diante a ficaram governando como doges, e senhores independentes André Dória e seus sucessores, dos quais procedeu a sobredita Clemência Dória, a quem uma memória, que vai

*Nota da R.I.H.G.B.*

* *Outra memória diz, que era esta Clemência Dória, sobrinha também de André Dória. Foi esta Clemência uma das três órfãs, que também mandou a rainha D. Catarina, para na Bahia casarem com as pessoas principais. A outra foi D. Inês da Silva, que casou com Cristóvão Brandão e a terceira D. Violante de Eça, que casou com João de Araújo de Souza.*



adiante trasladada, dá o nome de Martini Dória, a qual passou à Bahia, e não achamos a causa, porque; e só, que na Bahia casou esta Martini Dória, como traz o manuscrito que citamos, ou Clemência Dória, como é mais certo, por constar assim do assento do livro dos batizados da Sé da Bahia, que logo trasladaremos. Casou na Bahia esta Clemência Dória com Fernão Vaz da Costa, (3) que era sobrinho do governador acima D. Duarte da Costa, e teve filhos:

1. Nicolau, batizado na Sé a 13 de dezembro de 1558.
2. Cristóvão, (4) batizado na Sé, a 17 de julho de 1560.
3. Guiomar, batizada na Sé a 5 de dezembro de 1561.
4. Francisco, (5) batizado na Sé a 17 de outubro de 1563.
5. Clemência, batizada na Sé em 1565.
6. Maria, batizada na Sé a 10 de fevereiro de 1567.
7. Ana, batizada na Sé a 31 de julho de 1568.

Quando foi batizada esta Ana, declara o assento, que seu pai Fernão Vaz da Costa era já falecido, e por conseqüência faleceu entre o mês de novembro do ano de 1567 até o princípio de julho de 1568.

N.2. Cristóvão da Costa Dória, filho segundo de Fernão Vaz da Costa e de sua mulher Clemência Dória, casou com D. Maria de Meneses, que era filha de Jerônimo Moniz Barreto e de sua mulher D. Mícia Lobo, à fl...., n. 3, e teve filhos:

8. Francisco da Costa, que se segue.
9. D. Antônia Dória, mulher de Antônio Moreira de Gamboa, filho de Martim Afonso Moreira e de sua mulher D. Luiza Ferreira, à fl...., n. 2, e aí a sua descendência. Batizada na Sé a 19 de junho de 1606.

N. 8. Francisco da Costa, (6) filho primeiro de Cristóvão da Costa Dória e de sua mulher D. Maria de Meneses, casou com D. Clemência Dória, sua tia, irmã de seu pai Cristóvão da Costa Dória, e teve filhos:

10. Fernão Vaz da Costa Dória, que se segue.
11. D. Isabel Bárbara de Meneses, que casou com Antônio de Melo de Vasconcelos, à fl...., n. 14, e aí a sua descendência.

N. 10. Fernão Vaz da Costa Dória * filho de Francisco da Costa, n. 8, e de sua mulher Clemência Dória, casou com D. Inácia de Azevedo, filha de Cristóvão Vieira Ravasco e de sua mulher D. Maria de Azevedo, e teve filho:

12. Francisco de Abreu da Costa Dória, que se segue.

N. 12. Francisco de Abreu da Costa Dória, ** (7) filho de Fernão Vaz da Costa Dória e de sua mulher D. Inácia de Azevedo, foi casado com D. Ana de

*Notas da R.I.H.G.B.*

* *Faleceu a 2 de agosto de 1606; sepultado na Sé. Haviam casado a 14 de novembro de 1648. (A)*
** *Foi degolado em estátua, veja-se à fl...., n. 8. (A)*

Meneses, filha de Rui Dias de Meneses e de sua mulher D. Guiomar Ximenes, e teve filhos:

13. Manoel de Sá Dória Ravasco, que se segue.

14. D. Inácia de Meneses, adiante e D. Francisca. (8)

N. 13. Manuel de Sá Dória Ravasco,(9)filho de Francisco de Abreu da Costa Dória e de sua mulher D. Ana de Meneses, foi casado com D. Mariana da Rocha de Afonseca, filha do capitão Luiz Carneiro da Rocha e de sua mulher D. Jerônima da Silva, e teve filha:

15. D. Ana de Meneses Alencastro, mulher de Nicolau Carneiro da Rocha, à fl...., n. 8, faleceu a 10 de dezembro de 1760, sepultada no Carmo.

N. 14. D. Inácia de Meneses, filha de Francisco de Abreu da Costa Dória e de sua mulher D. Ana de Meneses Castro, foi casada com Antônio Carneiro da Rocha. Faleceu esta a 12 de novembro de 1737, e teve filhos:

16. Luiz Carneiro de Meneses, (10) que casou com D. Ângela de Meneses, filha do doutor João Álvares de Vasconcelos, à fl...., n. 8, e aí a sua descendência.

17. Maria Madalena de Sá Dória, segunda mulher do coronel Diogo de Sá Barreto.

N. 4. Francisco de Abreu da Costa Dória,(11) filho quarto de Fernão Vaz da Costa e de sua mulher Clemência Dória, casou com Francisca de Sá, e teve filho:

17. Diogo, (12) batizado na Sé a 19 de maio de 1591, diz o assento do seu batizado, e que fora madrinha deste Diogo, Clemência Dória, a moça.

***Verba do testamento com que faleceu***

Manuel de Sá Dória Ravasco, natural desta cidade da Bahia, filho legítimo do sargento-mor Francisco de Abreu da Costa Dória e de sua mulher D. Ana de Meneses, casado com D. Mariana da Rocha da Fonseca, filha do capitão Luiz Carneiro da Rocha e de D. Jerônima da Silva, de cujo matrimônio houve uma filha, por nome D. Ana de Meneses, e sobrinho do coronel Gonçalo Ravasco Cavalcanti de Albuquerque. Declaro, que sou neto por linha legítima da parte materna de Rui Dias de Meneses, e bisneto de Damião Dias, e pela paterna quarto neto de Clemência Dória, sobrinha do príncipe André Dória, cuja senhora casou nesta Bahia com o sobrinho de D. Duarte da Costa, tronco da casa do armeiro-mor e Condes de Soure, e neto de D. Inácia de Azevedo, irmã do padre Antônio Vieira e de Fernão Vaz da Costa Dória, descendentes dos avós paternos. D. Duarte da Costa entrou no Governo da Bahia em 1553.



Damião Dias de Meneses, (13) foi filho de Rui Dias de Meneses, escrivão da Fazenda e secretário das mercês, era neto de Duarte Dias de Meneses, escrivão de fazenda, e secretário das mercês, e bisneto de Damião Dias da Ribeira, alcaide-mor da Amieira, escrivão da fazenda do rei D. João III. Casou com D. Ana de Castro, filha de Tomé de Castro do Rio, filho bastardo de Luiz de Castro do Rio, cavaleiro da Ordem de Cristo, * e teve filhos:

1. Rui Dias de Meneses, que se segue.

2. D. Brites de Meneses, adiante.

N. 1. Rui Dias de Meneses, filho de Damião Dias, acima, foi casado com D. Guiomar Ximenes de Aragão ** (14) filha de Mateus Lopes Franco (15) e de sua mulher D. Leonor Ximenes de Aragão, e teve filhos. Casaram a 27 de janeiro de 1648.

2. Rui Dias de Meneses, que se segue.

3. D. Brites Maria de Meneses, que casou com o doutor Tomé Lopes de Magalhães, (16) a 28 de novembro de 1699. E a 22 de fevereiro de... tornou a casar esta D. Brites, ou Beatriz, com João Pereira do Lago, filho de João Pereira do Lago e de D. Mariana de Barros, naturais da freguesia de S. Jerônimo, termo da cidade de Braga.

D. Ana Maria de Meneses Castro, casada com Francisco de Abreu da Costa Dória, que fica na fl.... retro, n. 12, o qual foi degolado em estátua, pela cruel morte que mandou fazer a esta sua mulher. Foi fidalgo da casa de Sua Majestade, e teve:

N. 2. D. Brites de Meneses, filha de Damião Dias, acima, casou com D. Luiz Mascarenhas de Lancastro, (17) filho de D. Fernando Martins Mascarenhas, alcaide-mor de Montemor o novo, e Alcacer do Sal, senhor de Lavre e Estepa, comendador de Mertola e de sua segunda mulher D. Catarina de Lancastro, filha de D. João de Lancastro, comendador de Cristo, teve entre outros filhos:

D. Fernando Martins Mascarenhas de Lancastro, (18) governador da Índia e Pernambuco.

N. 2. Rui Dias de Meneses, filho de Rui Dias de Meneses, n. 2, e de sua mulher D. Guiomar Ximenes de Aragão, foi casado com Cristina Coutinho, e teve filha, Cristina de Almeida, diz o termo de batizado dos filhos.

Diogo, (19) batizado na Sé a 31 de julho de 1639.

---

*Notas da R.I.H.G.B.*

* *Teatro-genealógico, Árvore n. 134.*

** ***Faleceu D. Guiomar a 8 de julho de 1708 (corrigimos). Sepultada na igreja do Colégio.***

1. CLEMÊNCIA DÓRIA. Veja-se Rodolfo Garcia, ***As Órfãs***, Col. Brasileira de Divulgação, n. 4, p. 17 (1946). Descendia de Valentim (não Florentim) Dória, cf. Macedo Leme, ***Genealogia***, fl. 80 verso. O primeiro marido foi Sebastião Ferreira, procurador da Cidade, na queixa dos moradores da Bahia contra o governador Duarte da Costa, Varnhagen, ***Hist. Geral***, I, p. 366. Naufragou, indo para o Reino com o bispo D. Pero Fernandes Sardinha, e morreu às mãos dos caetés. O 2.º, sobrinho do governador, era da roda de D. Álvaro da Costa. Clemência Dória aparece, viúva, nas ***Denunciações da Bahia*** de 1591, p. 239.

2. ANDRÉ DÓRIA. Sobre a grande família genovesa, de quem disse Jurien de la Graverie, não há talvez disnastia na Europa que possa remontar tão alto na história, ***Dória et Barberousse***, p. 210, Paris 1886, leia-se este autor, que lhe conta a crônica triunfante. Da descendência do seu sobrinho Florentim provêm os Dórias da Bahia. A propósito do estadista, que ilustrou o nome nas letras e na política, e sua genealogia, nosso livro, ***Franklin Dória, barão de Loreto*** (Biblioteca do Exército, no seu centenário, Rio, 1981).

3. FERNÃO VAZ DA COSTA. Logramos identificar a sua lousa na antiga Sé da Bahia (em 1929). Vindo com Tomé de Souza, era em 1552 capitão do bergantim São Roque, ***Documentos Históricos***, v. 38, p. 11. Foi nomeado pelo governador D. Duarte da Costa um dos seis capitães da gente da cidade que podia sair a campo, 10 de julho de 1555, ***História da Colonização Portuguesa no Brasil***, III, pp. 377-9. Ferido no ataque aos índios sublevados, subiu a contador, 12 de maio de 1559, teve licença, em 1562, para carregar 5 toneladas de fazendas nos navios del-rei, e passou a tesoureiro das rendas, por seis anos, em 1564, ***Alvarás, Provisões***, etc., ms. Biblioteca Nacional. De Fernão Vaz chamou-se uma das ilhas entre o Paraguaçu e o Jaguaripe, Gabriel Soares, ***ibid.***, p. 144.

4. CRISTÓVÃO DA COSTA DÓRIA. Adiante, n. 2. Talvez o nome lhe viesse do tio, Cristóvão da Costa, ouvidor do crime chanceler da Relação de Lisboa, casado com Guiomar Caminha, cuja filha, Florença da Costa (homenagem à família florentina da cunhada?) casou com Antão Bernardes Tinoco. Filho deste, Luiz Bernardes da Costa, senhor da quinta de Oeiras, com carta de brasão d'armas (1605), recebeu em 1620, em Lisboa, o primo do Brasil, Francisco de Abreu da Costa, que então contratou casamento dos filhos, Fernão Vaz da Costa e Antônio de Sá Dória com suas filhas, Apolônia e Maria. Eugênio Andréa da Cunha e Freitas, ***Anais da Academia Portuguesa da História***, 2.ª série, v. 21, p. 46, Lisboa, 1973.

5. FRANCISCO (DA COSTA). Capitão, enviado aos Ilhéos pelo governador Álvaro de Carvalho para dar caça dos aimorés, com índios da Paraíba, Fr. Vicente do Salvador, ***História do Brasil***, p. 378. Dono da ilha dos Frades, no Recôncavo, construiu a capela de Nossa Senhora ***do Loreto***, Fr. Agostinho de Santa Maria, ***op. cit.,*** IX, p. 151, invocada por Franklin Dória, em 1888, no seu título de barão com grandeza. — Casado com Francisca de Sá Dória. — Senhor de engenho em Itaparica, Francisco de Abreu da Costa, diz Eugênio Andréa da Cunha e Freitas nos citados ***Anais da Academia Portuguesa da História***, estava em Lisboa à roda de 1620.



6. FRANCISCO DA COSTA. Dono da ilha dos Frades, levantou em 1645 a capela de Nossa Senhora de Loreto, Fr. Agostinho de Santa Maria, ***Santuário Maiano***, IX, p. 151, invocada por um de seus descendentes, Franklin Américo de Meneses Dória, ao ser feito Barão em 1888: Barão de Loreto.

7. FRANCISCO DE ABREU DA COSTA DÓRIA. — O linhagista omite a irmã Catarina de Meneses, filha de Cristóvão da Costa Dória e Maria de Meneses, casada com Agostinho Sobral de Cerqueira, como consta do registro deste, Irmão da Santa Casa, 2 de julho de 1679, filho do desembargador Francisco Sobral de Cerqueira e Joana de Argolo.
   O alferes Francisco de Abreu da Costa e sua mulher D. Ana de Crasto Meneses, moradores em Itaparica, venderam em 1673, na pousada de Leonor Ximenes, viúva de Mateus Lopes Franco, 4 braças e 4 palmos de terra que tinham na praia, "que vai das Olarias ao convento de Santa Teresa", ***Livro 2.º do Tombo do São Bento***, fl. 68 verso. É Francisco da Costa, a quem alude o padre Antônio Vieira, em carta de 5 de agosto de 1684, ao marquês de Gouveia. Soldado da companhia do capitão João de Ávila, teve licença, em 1668, para servir na Cidade, ***Doc. Hist.***, VII, p. 349. Em 1673 adquiriu sesmaria, ***Publ. do Arquivo Nacional***, v. 28, p. 53. Diz Fr. Jaboatão (adiante) que matou a mulher. Acrescenta o cônego Roque Luis, sucidou-se na prisão, com veneno, ***Memórias***, fl. 192. "Degolado em estátua pela cruel morte que mandou fazer a esta sua mulher", explica Fr. Jaboatão. A sua patente de capitão da Ordenança do distrito de Patatiba é de 11 de outubro de 1687, Arq. Públ. da Bahia, ***Registro das Patentes de 1678 a 1688,*** fl. 307.

8. E Diogo, batizado a 19 de março de 1691, acrescenta Macedo Leme, ***Genealogia***, fl. 81.

9. MANUEL DE SÁ DÓREA RAVASCO. Capitão do Regimento Novo, 1687, ***Doc. Hist.,*** v.30, p.249, foi confirmado capitão da Ordenança de Itaparica, a 15 novembro de 1695, Arq. Públ. da Bahia, ***Patentes de 1684 a 1697,*** fl. 322. Exerceu por um ano as funções de escrivão de agravos. Morreu cedo. O cargo foi-lhe prometido para quem casasse com a filha única, Ana de Meneses, tutelada do avô, Luiz Carneiro da Rocha, ***Anais da B.N.,*** v.18,p.147 (e veja-se ***tít. Carneiro da Roçha***). Sua mulher: ***Maria*** da Rocha Fonseca, (***L. de Irmãos*** da Santa Casa, n. 3). Teve sesmaria por alvará de 17 de outubro de 1673, Publ. do Arquivo Nacional, XXVII, p.53. Era "pessoa nobre", diz a patente régia de 1695, repetida a 27 de janeiro de 1700, ***Patentes de 1696 a 1703,*** fl. 174 verso. Do mesmo nome, capitão, casado com D. Inês de Cerqueira, é o pai do capitão José Vieira Ravasco, que morreu a 2 de abril de 1745, ***L. de Óbitos de S. Pedro Velho,*** em restauração, arq. da Cúria.

10. LUIZ CARNEIRO DE MENESES. Ajudante do Regimento dos Úteis da Bahia, organizado pelos homens do comércio, patente de 30 de janeiro de 1789, ***Anais da B. N.,*** v. 37, doc. 17978.

11. FRANCISCO DE ABREU DA COSTA. Corrigimos o texto. Francisco de Abreu da Costa é genro, não filho, de Clemência Dória. Alegou ser cunhado de Cristóvão da Costa (o n. 2, do tít. ***Dórias***). "Francisco de Abreu da Costa, cristão velho natural do Algarve filho de Diogo Meneses da Costa e de sua mulher Beatriz de Ares já defunta, casado com Francisca de Sá cristã velha morador em Tasuapina de idade

de 31 anos". ***Denunciações*** de 1591, p.315. Foi vereador em 1607, ***Revista do Instituto Histórico,*** v. 73, parte I, p.33. Senhor de engenho em Itaparica, aí deixou, em 1620, a mulher e os filhos, para voltar a Lisboa, onde recebia os açúcares que lhe mandavam. Em Lisboa casou por procuração os filhos Fernão e Antônio de Sá Dória com as primas, Apolônia e Maria de Almeida (1625), filhas de Luiz Bernardes da Costa, neto materno do Dr. Cristóvão da Costa, ouvidor do Crime chanceler da Relação. Fernão e Antônio continuaram à frente do engenho em Itaparica. Importantes são as cartas ao pai contando a invasão holandesa (1625). — Em 1626, Familiar do Santo Ofício. ***Inspeção de Évora,*** T.T., m. 3,n.117.

12. DIOGO MENDES. Omite o linhagista os dois filhos de Francisco de Abreu da Costa, Fernão e Antônio. Escrevendo ao pai em 1625, alude aquele a seu irmão, Diogo Mendes, que nada podia remeter pelas muitas dívidas que tinha. ***Anais da Academia Portuguesa da História,*** v. cit., p. 480.

13. DAMIÃO DIAS DE MENESES. O enteado de Mateus Lopes Franco (abaixo) Pero de Galegos, estudante em Lisboa, morava em casa de Damião Dias de Meneses, documento citado por Anita Novinsky, ***Cristãos Novos na Bahia,*** p. 76. — Fidalgo da Casa de S. Alteza, tinha cinco anos de serviço na praça da Bahia quando foi feito capitão de infantaria, 8 de agosto de 1672, ***Doc. Hist.,*** v. 25, p. 102. Reformou-se a 30 de novembro do mesmo ano para "ir continuar no serviço de S. Alteza na Índia, e embarcar-se no galeão São Pedro de Rates", ***Doc. Hist.,*** v. cit., p. 149. Substituiu-o no posto José Sanches del Poço (***tít. Sanches del Poço***) Arq. Públ. da Bahia, ***Registros de Patentes de 1657 a 1678,*** fl. 237.

14. GUIOMAR XIMENES DE ARAGÃO. Viúva, casou com o mestre de campo Antônio Guedes de Brito. Faleceu a 8 de julho de 1708, Macedo Leme, ***Genealogia,*** fl. 82 verso.

15. MATEUS LOPES FRANCO. De Lisboa, filho dos cristãos novos Francisco Lopes Franco e Guiomar da Maia (alentejano), foi comerciante como o pai, em 1612 em negócios no Rio de Janeiro, nesse ano foi para a Bahia e em 1618 aí o acusaram de herezia, ***Denunciações,*** p. 90. Remetido preso para o Reino em 1619 (Anita Novinsky, ***op. cit.,*** p. 76, em que lhe resume a biografia, extraída do processo 4107 da Inquisição de Lisboa), voltou perdoado, tanto que em 1626, testemunhou no caso de abusos praticados pelos marchantes que forneciam aos açougues, ***Atas da Câmara,*** I, p. 42, e participou das medidas adotadas para a defesa da cidade. Capitão, engajou-se na guerra aos holandeses em Alagoas. Pagou por isso: o inimigo saqueou-lhe o engenho, em 17 de novembro de 1638. Duarte de Albuquerque, ***Memórias Diárias,*** p. 164 ed. de Melo Morais). Arrendou, para (1637-38) a arrecadação dos dízimos. Foi em 1646 novamente indiciado como judaizante, Anita Novinsky, ***ibid,*** p. 81.
Caiu no vazio a denunciação, pois em 1647 era dos homens abastados, que a Câmara elegeu para cobrar o donativo voluntário para a esquadra que se esperava (do conde da Torre), ***Atas*** cit., II, p. 340; e assim em 1649, ***Atas,*** III, p. 49. Arrematou os dízimos da capitania como procurador de Domingos Monteiro de Sá, e por sua morte, pediu o governaor não fosse à viúva, Leonor Ximenes, obrigada a pagar 3 mil cruzados que se lhe emprestara da obra pia, para atender



àquele contrato, 23 de março de 1657, ***Doc. Hist.,*** IV, p. 385. "Na pousada de Leonor Ximenes, viúva do capitão Mateus Lopes Franco", a 7 de outubro de 1673 o alferes Francisco de Abreu da Costa e sua mulher D. Ana de Castro de Meneses venderam quatro braças e quatro palmos de terras na praia, ***Livro 2.º do Tombo de São Bento,*** fl. 68 verso.
— Sobre os Ximenes de Aragão, Júlio de Castilho, ***Lisboa Antiga,*** VIII.

16. TOMÉ LOPES DE MAGALHÃES, ou apenas Tomé de Magalhães, Brasília, IV, p. 53, filho de Alexandre de Magalhães, cursou medicina em Coimbra, 1691 — 1697. Era bacharel em artes e licenciado (1691).

17. D. LUIZ MASCARENHAS DE ***ALENCASTRE.*** Soldado, na Bahia, da companhia do capitão Hilário Nunes do terço do mestre de campo Nicolau Aranha Pacheco, tendo em Portugal "negócios de muita importância", foi autorizado a viajar em 8 de maio de 1654, Arq. Públ. da Bahia, ***Alvarás de 1630 a 1676,*** fl. 157 verso.

18. D. FERNANDO MARTINS MASCARENHAS DE LENCASTRO. Governou a Índia, de 9 de janeiro de 1691 a 13 de maio de 1693, Pernambuco, de 5 de março de 1699 a 23 de novembro de 1703, e o Rio de Janeiro, de 1.º de Agosto de 1705 a 11 de junho de 1709. Comprou em Lisboa, em 1695, casas grandes na rua direita da Esperança, ***Index das notas de vários tabeliães de Lisboa,*** II, p. 7.

19. DIOGO. Nota de Macede Leme, ***Genealogia,*** fl. 82 verso: "No Livro dos Batizados da Sé se acha um assento que diz — aos 31 de julho de 1719 batizei a Diogo Filho de Rui Dias de Meneses e de sua mulher D. Cristina de Almeida. Cura Viegas".

## *CAVALOS, E CARVALHOS*

O doutor Sebastião Cavalo de Carvalho (1) foi natural da cidade do Porto, filho de André Cavalo e de sua mulher Margarida de Carvalho, moradores que foram na vila de Barcelos. Serviu de ouvidor na cidade da Bahia, e foi casado com D. Maria de Betencourt de Sá, filha de Francisco Álvares Ferreira de Betencourt, da ilha da Madeira, cavaleiro fidalgo, e professo na Ordem de Cristo, e de sua mulher Policena de Souza, a sobredita D. Maria de Betencourt de Sá, antes de casar com este Sebastião Cavalo, era já viúva de Jorge Antunes, de quem tivera filhos, que aponta quais foram o assento, que disto consta: mas deste seu segundo marido Sebastião Cavalo, teve os seguintes:

1. Francisco de Betencourt, * que se segue.

---

*Nota da R.I.H.G.B.*

* *Erro: este foi filho de Jorge Antunes, e deste filho o foram D. Maria de Sá e o capitão André Cavalo. Nota à margem.*

2. D. Maria de Sá, primeira mulher do capitão Luiz de Melo de Vasconcelos, à fl...., n. 7, e aí o mais.

3. O capitão André Cavalo de Carvalho, adiante.

Segunda vez casou o doutor Sebastião Cavalo de Carvalho com Vitória Barbosa, filha de Gaspar Pires e de sua mulher Maria Barbosa, de Porto-Seguro, e não teve filhos.

N. 1. Francisco de Betencourt, filho do doutor Sebastião Cavalo de Carvalho e de sua mulher D. Maria de Betencourt de Sá, * casou com D. Arcângela de Melo, filha de Manuel de Melo de Vasconcelos e de sua mulher D. Francisca de Perada, à fl...., n. 1, e teve filhos:

4. D. Cecília de Betencourt, batizada em casa e tomou os santos óleos a 27 de novembro de 1608 em Matoim. Casada com Fernão Álvares, e depois com Antônio Fernandes da Costa, (2) sem filhos.

5. Manuel de Melo de Vasconcelos, batizado a 23 de maio de 1611, que se segue.

6. D. Joana de Betencourt, batizada a 3 de outubro de 1623, casada com João de Miranda Henriques.

7. Jorge de Melo de Vasconcelos, batizado a 4 de maio de 1616, que passou a Pernambuco.

8. D. Francisca de Perada, batizada a 7 de outubro de 1618, casou com Francisco Lopes Girão, e segunda vez casou com Manuel Pereira de Faria, tudo fica à fl...., n. 1, e seguintes, casou com este primeiro a 13 de abril de 1651 e com o segundo a 25 de outubro de 1654, à fl...., n. 97.

9. Antônio de Melo de Vasconcelos, batizado a 3 de maio de 1621, casado com D. Isabel de Macedo, com filhos, adiante.

10. Francisco de Betencourt, batizado a 6 de agosto de 1623, casou com D. Maria de Miranda Henriques, seu cunhado, acima.

N. 5. Manuel de Melo de Vasconcelos, filho de Francisco Betencourt de Sá e de sua mulher D. Arcângela de Melo, casou com D. Luiza Girão, ** filha de Diogo Varela de Macedo e de sua mulher D. Luiza Girão, e teve filhos:

11. Francisco de Betencourt de Sá.

12. Diogo Varela de Macedo, (3) que casou com D. Eusébia Girão, sua prima, filha de Diogo Varela, seu tio, irmão de sua mãe.

13. D. Maria de Melo, mulher de Estevão da Costa Peixoto.

N. 9. Antônio de Melo de Vasconcelos, filho de Francisco Betencourt, n. 1, e de sua mulher D. Arcângela de Melo, casou com D. Isabel de Macedo, filha de Diogo Varela e de sua mulher D. Maria de Macedo e teve filhos:

14. D. Isabel, mulher de João Pereira de Faria, e depois de Pedro Tavares.

15. D. Mariana, segunda mulher de Antônio Moniz, e depois de Gaspar Pacheco Freire.

N. 3. O capitão André Cavalo de Carvalho, (4) filho do doutor Sebastião Cavalo de Carvalho e de sua primeira mulher D. Maria de Betencourt de Sá, casou com D. Margarida Girão, * filha de Francisco Lopes Girão, o velho, e de sua mulher D. Maria Correa; dessa sua mulher teve entre outros filhos, que faleceram pequenos, os seguintes:

16. Marcos de Betencourt, que se segue.

16. D. Maria Girão, (5) batizada a 15 de dezembro de 1613, e casada com Filipe Garção de Oliva; casaram a 28 de setembro de 1661.

17. D. Luiza Girão, mulher segunda de Cosme Pereira de Mendonça, à fl...., n. 12.

18. D. Ana de Girão.

19. Sebastião Cavalo de Carvalho, batizado a 2 de maio de 1624, casado com D. Simoa de Macedo com filhos.

Segunda vez casou com D. Brites de Oliva, viúva do capitão João Garção, filha de João Garcez, (6) o velho, e de sua mulher Vitória de Oliva, e teve deste segundo casamento a

20. D. Benta de Oliva, primeira mulher de Gaspar Teles de Carvalhal, à fl...., n. 7, e aí o mais.

N. 16. O sargento-mor Marcos de Betencourt, filho do capitão André Cavalo de Carvalho e de sua primeira mulher D. Margarida Girão, casou com D. Jerônima de Meneses, ** filha de Henrique Moniz Barreto e de sua mulher D. Maria Soares, e dela não teve filhos.

Segunda vez casou com D. Ângela de Meneses, *** filha de Mateus Pereira de Meneses e de sua primeira mulher D. Isabel de Almeida, e teve filhos:

21. D. Margarida Teles de Meneses, segunda mulher do coronel Luiz de Melo de Vasconcelos, (7) à fl...., n. 25.

22. D. Maria de Meneses, mulher de João Paes Florião, sem filhos.

23. D. Antônia Teles de Meneses, casada com o doutor João Álvares de Vasconcelos, à fl...., n. 6.

24. D. Leonor Teles, mulher do capitão João de Brito e Souza, (8) sem filhos.

---

*Notas da R.I.H.G.B.*

* *Faleceu ele, a 19 de abril de 1651. Faleceu ela a 20 de fevereiro de 1668.*

** *Casaram a 16 de fevereiro de 1654 em Cotegipe.*



*Notas da R.I.H.G.B.*

* *Casaram a 25 de novembro de 1609 em Cotegipe. Faleceu a 13 de janeiro de 1661 e sepultado na Sé, na cova de seus avós.*

** *Casaram a 10 de outubro de 1638 em Cotegipe.*

*** *Casaram a 12 de junho de 1650 em Paripe.*

25. D. Luiza Teles de Meneses, casada com Martinho de Freitas de Couros Carneiro.

N. 19. Sebastião Cavalo de Carvalho, filho do capitão André Cavalo de Carvalho e de sua primeira mulher D. Margarida Girão, casou com D. Simoa de Macedo * filha de Agostinho da Costa de Morais e de sua mulher D. Bárbara de Macedo, teve filhos:

26. D. Maria de Betencourt, batizada a 28 de setembro 1659.

27. Agostinho da Costa de Carvalho, batizado a 27 de fevereiro de 1661.

28. D. Margarida Girão, batizada a 25 de setembro de 1663.

29. D. Isabel Correa de Almeida, batizada a 17 de março de 1666.

30. D. Joana de Betencourt, batizada a 6 de março de 16...

31. Álvaro Girão de Carvalho. (9)

32. D. Bárbara de Betencourt, batizada a 27 de setembro de 1672.

33. Manuel Girão de Carvalho, batizado a 18 de outubro de 1674.

N. 27. Agostinho da Costa de Carvalho, filho de Sebastião Cavalo de Carvalho e de sua mulher D. Simoa de Macedo, casou com D. Inês Teles de Meneses ** filha do capitão João de Ceitas (10) e de sua mulher D. Bárbara de Sá de Meneses, e teve filhos:

34. D. Bárbara Teles de Meneses, mulher de Antônio de Souza Freire, com filhos, batizada ao 1.º de outubro de 1704.

34. D. Antônia Teles de Meneses, mulher de Pedro Barbosa de Vasconcelos, com filhos, batizada a 8 de setembro de 1702.

35. D. Joana Teles, casada com Arnaldo Bezerra, batizada a 25 de julho de 1706.

36. D. Maria Francisca de Betencourt, casada com Francisco de Barros de Azevedo, batizada a 8 de julho de 1708.

37. Sebastião Cavalo de Carvalho, (11) batizado a 20 de fevereiro de 1740.

38. D. Luzia Teles de Meneses, batizada a 9 de abril de 1713.

39. D. Ana Teles de Meneses, batizada a 8 de janeiro de 1715.

34. D. Antônia Teles de Meneses, filha de Agostinho da Costa de Carvalho e de sua mulher D. Inês Teles de Meneses, casou com Pedro Barbosa de Vasconcelos, natural da Bahia, freguesia de Matoim, filho de Agostinho Correa e de sua primeira mulher D. Maria da Piedade Barbosa, e teve filhos:

40. Agostinho, batizado a 26 de março de 1720.

41. D. Inês, batizada a 9 de novembro de 1721.

42. D. Francisca, batizada a 10 de maio de 1723.

---

*Notas da R.I.H.G.B.*

* *Casaram a 18 de novembro de 1667, na capela de São João Batista.*

** *Casaram a 17 de maio de 1701.*



N. 34. D. Bárbara Teles de Meneses, filha de Agostinho da Costa de Carvalho e de sua mulher D. Inês Teles de Meneses, casou com Antônio de Souza Freire, * natural de Pirajá, filho de Matias de Souza Freire e de sua mulher D. Inácia Josefa Brandão, e teve filho:

43. Francisco.

### *NOTA*

Aos 20 dias do mês de janeiro de 1582, recebi, em a Sé desta cidade da Bahia, a Sebastião Cavalo, filho de André Cavalo e de Margarida de Carvalho, moradores que foram na vila de Barcelos, com Vitória Barbosa, (12) filha de Gaspar Pires e de Maria Barbosa, moradores que foram na capitania de Porto-Seguro.

---

1. SEBASTIAO CAVALO DE CARVALHO, casado com Joana de Sá Betencourt (não Maria), ***Denunciações*** de 1591 era "letrado jurista", diz a mulher, p. 545. Nascera ela em Lisboa, filha de Francisco Alvares Pereira e Isabel Correa de Almeida (não Policena de Souza), portanto irmã de Cristóvão de Sá de Betencourt, tinha então 30 anos. Casara a primeira vez com Jorge Antunes, cristão novo, "irmão de Nuno Fernandes e Nicolau Faleiro de Vasconcelos". Denunciações, p. 251. O seu engenho de Montrepiche (?), fora do cristão novo Heitor Antunes e sua mulher Ana Rodrigues ("ora é de Bastiam Cavalo", ***Denunciações,*** p. 480).

2. ANTÔNIO FERNANDES DA COSTA, alferes, viúvo de Cecília de Bitencourt, sem filhos, instituiu por testamento (18de outubro de 1717, Livro 2.º do ***Tombo do Mosteiro de São Bento***) capela na sua fazenda de Santo Antônio das Barreiras do rio Jaguaripe, do qual seria administrador o sobrinho, Tomé Pereira de Faria, e não deixando filhos, passaria ao mosteiro. O testador era filho de Antônio Fernandes da Costa e Filipa Fernandes da Costa, já defuntos, moradores na vila de Porto Alegre (no Reino). Herdara a fazenda de sua mulher. A sua nomeação para ajudante de sargento-mor da Ordenança do distrito de Itaparica até jaguaripe, é de 11 de abril de 1697, Arq. Públ. da Bahia, ***Patentes de 1696 a 1703, fl. 35 verso.***

3. DIOGO VARELA DE MACEDO. De Diogo Varela e D. Eusébia Girão, foi filha, Maria, batizada em Paripe a 27 de abril de 1700, ***Livro de Batizados***, arq. da Cúria.

4. ANDRÉ CAVALO DE CARVALHO. Juiz ordinário da Câmara da Bahia, em 1629, 1635, 1649, 1659, ***Atas da Câmara***, VI, p. 3 passim. Corrija-se a nota: casamento

---

*Nota da R.I.H.G.B.*

* *Casaram a 30 de outubro de 1719.*

com D. Margarida Girão a 15 de dezembro de 1613, ***Anais da B. N.***, v. 36, doc. 21.435.

5. D. MARIA GIRÃO. Do casamento com Filipe Garção de Oliva, teve ANDRÉ CAVALO DE CARVALHO, 3.º. Casou este com D. Apolônia de Meneses de Vasconcelos, 5 de julho de 1710, ***Anais da B.N.***, v. 36, p. 325. A 20 de julho de 1711 foi batizada em Paripe, sua filha Maria; em abril de 1714, sua filha Ângela da Encarnação, ***Livro de Batizados***, arq. da Cúria. Casou Ângela da Encarnação com Francisco Cardoso Pereira, filho de José Cardoso Pereira e D. Francisca de Melo e Vasconcelos. Foram os pais de Manuel de Melo e Vasconcelos, do cônego José Cardoso Pereira de Melo, do coronel Antônio Cardoso de Vasconcelos, personagens da época da Independência. Em 1763 morreu na Vila de S. Francisco André Cavalo de Carvalho, último deste nome, ***L. de Óbitos***, arq. da Cúria.

6. JOÃO GARCEZ. De 83 anos, morador na Bahia, testemunhava, em 1682, no Processo de Habilitação à Ordem de Cristo de Francisco Dias d'Ávila, T.T., ***Habil.***, m. 34, n. 126.
Quanto a João Garção, a sua primeira mulher foi Catarina dos Santos (cf. batismo do filho Manuel, em 1649, ***L. de Batizados da Conceição da Praia***, 1649—1676, arq. da Cúria.

7. LUIZ DE MELO DE VASCONCELOS. ***Tít. Oliveiras e Carvalhais***.

8. JOÃO DE BRITO E SOUZA. Capitão da Companhia de infantaria da Ordenança do distrito de Jaguaripe, do Regimento do coronel Guilherme Barbalho Bezerra (8 de outubro de 1683, Arq. Públ. da Bahia, ***Registro das Patentes de 1678 a 1688***, fl. 163 v.), era dali natural. Filho do capitão-mor João de Brito e D. Maria de Souza, casou com D. Leonor Teles de Meneses, filha do sargento-mor Marcos de Mendonça e D. Ângela de Meneses, morador na freguesia de Cotegipe, é o que diz o termo de irmão da Santa Casa, 24 de março de 1720, ***Livro 3***, fl. 453. Teve sesmaria de 3 léguas de comprido e uma de largo para o sertão até Canavieiras, 17 de abril de 1685, ***Publ. do Arquivo Nacional***, XXVII, p. 81. Foi sepultado na Ordem 3.ª do Carmo, conta o Prior do convento no protesto a propósito da contestação que lhe fazia a Ordem, impedindo-o de apropriar-se dos objetos de ouro e prata que levavam os cavaleiros antes de serem enterrados, ms. no arquivo do Convento do Carmo, Bahia. Faleceu a viúva D. Leonor Teles a 24 de março de 1759.

9. ÁLVARO GIRÃO DE CARVALHO. Filho de Sebastião Cavalo de Carvalho e D. Simoa de Macedo, faleceu aos 60 anos de idade em 1732, e a viúva, aos 56 anos, em 1735, ***L. de Óbitos de Sto. Amaro do Catu, 1686—1745***, arq. da Cúria.

10. JOÃO DE CEITAS. João de Seitas (sic), ou Ceuta, neto de Sebastião Cavalo de Carvalho, pediu em 1778 dissolução de capela de 4 mil cruzados instituída pelo avô, ms., ***Arq. Hist. Ultramarino.***

11. SEBASTIÃO CAVALO DE CARVALHO. Batizado em 1710 (não em 1740, pois casou em 1641 com D. Paula Maria de Vargas, filha de Paulo Cardoso de Vargas e D. Luzia Teles de Meneses, ***L. de Óbitos e Casamentos da vila de S. Francisco,*** 1729-1810, arq. da Cúria. Veja-se ***tít. Vargas Pissarros.***

12. **Veja-se *tít. Cavalos e Carvalhos.*** Em 1591: "Joana de Sá é mulher de Bastião Cavalo morador em Matuim", ***Denunciações,*** p. 338.



## *PARUI, BRITO E LOBO*

O doutor Sebastião Parui de Brito, * (1) natural da cidade de Évora, filho de André Parui de Brito e de sua mulher D. Leonor de Brito, natural da vila de Castelo Branco, casou na Bahia com D. Joana de Argolo, ** filha de Paulo de Argolo e de sua mulher Felícia Lobo, à fl...., a qual D. Joana era já viúva de Francisco Subtil de Siqueira, desembargador e provedor da alfândega da Bahia, o qual ofício serviu Sebastião Parui de Brito, *** pelo tal casamento, e havia feito dele mercê el-rei D. João III a Rodrigo de Argolo, Espanhol, avô da sobretida D. Joana. Dela teve filhos:

1. D. Leonor de Brito, mulher do tenente-general Antônio de Brito de Castro, à fl...., batizada na Sé a 23 de setembro de 1620.

2. Manuel de Brito Lobo, que se segue.

André (2) e uma filha que faleceram sem sucessão.

N. 2. Manuel de Brito Lobo, (3) filho do desembargador Sebastião Parui de Brito e de sua mulher D. Joana de Argolo, foi cavaleiro professo na Ordem de Cristo, e casou com D. Margarida de Araújo, filha de Feliciano de Araújo Soares (4) e de sua mulher.

3. D. Antônia de Melo de Vasconcelos, (5) terceira mulher de Pedro Baldes Barbosa, sem filhos, batizada na Sé a 8 de maio de 1646.

4. D. Luiza de Melo, (6) batizada no Socorro a 3 de julho de 1649.

5. André Parui de Brito, que faleceu de poucos anos; batizado no Socorro a 25 de maio de 1652.

6. Sebastião, batizado a 14 de maio de 1657.

7. D. Leonor de Brito.

8. Manuel de Brito Lobo, que se segue.

9. Feliciano de Araújo de Brito.

10. Bento de Araújo de Brito, adiante, batizado na Purificação a 29 de dezembro de 1660.

---

*Notas da R.I.H.G.B.*

* *Faleceu a 20 de janeiro de 1661, sepultado em São Francisco.*
** *Faleceu a 18 de janeiro de 1626, sepultada em São Francisco.*
*** *Serviu de provedor-mor das fazendas dos defuntos e ausentes.*

11. D. Ana de Brito, ao depois; batizada a 11 de julho de 1662.

N. 8. Manuel de Brito Lobo, (7) filho de Manuel de Brito Lobo, n. 2, e de sua mulher D. Margarida de Araújo, casou com D. Teresa Borges de Abreu, * filha de Cristóvão Barbosa Vilas-Boas (8) e de sua mulher Mariana Borges de Abreu e teve filhos:

12. Manuel de Brito e D. Maria Madalena.

N. 10. Bento de Araújo de Brito, (9) filho de Manuel de Brito Lobo, o velho e de sua mulher D. Margarida de Araújo, casou com D. Teresa Inácia de Meneses, filha do capitão-mor o doutor Manuel Botelho de Oliveira, fidalgo da Casa de Sua Majestade, e de D. Antônia de Meneses, sua primeira mulher e teve filhos:

13. Sebastião Parui de Brito, que se segue.

D. Teresa, que faleceu solteira.

N. 13. Sebastião Parui de Brito, (10) filho de Bento de Araújo de Brito e de sua mulher D. Teresa Inácia de Meneses, casou, *in periculo mortis*, com D. Marcelina de Araújo de Vasconcelos, viúva de Antônio Rosado, da qual teve no tempo do dito Antônio Rosado uma filha, que foi:

14. D. Maria Teresa da Conceição Brito, que casou com José da Rocha Porto, natural do Porto.

N. 11. D. Ana de Brito, filha última de Manuel de Brito Lobo e de sua mulher D. Margarida de Araújo, casou com Henrique da Cunha Barbosa, (11) e teve filha:

15. D. Leonor de Brito de Melo, que faleceu solteira.

---

1. SEBASTIÃO PARUI DE BRITO. Era da cidade de Évora. — Corrija-se o texto. O sogro não é Paulo de Argolo, nem a sogra Felícia Lobo. Casou com D. Ana de Argolo, filha de MANUEL DE SÁ SOUTOMAIOR e D. Helena de Argolo (tít. Argolo Ribeiro). Reza provisão real que concedeu a propriedade do ofício de provedor da fazenda a quem casasse com uma de suas filhas, 24 de novembro de 1606, ms. Arq. Hist. Ultr., ***Papéis Avulsos,*** Lisboa: "tendo respeito a Manuel de Sá Soutomaior já falecido que foi provedor de minha fazenda na Cidade do Salvador Bahia de todos os Santos ter servido o dito ofício vinte e sete anos com satisfação e inteireza, e aos serviços que me fez nas ditas partes nas ocasiões de guerra que nelas se ofereceram sustentando soldados à sua custa, e assistir por capitão do forte de Santo Alberto quando a ele veio uma nau holandesa, e a ter o dito ofício muito trabalho, e trinta mil réis de ordenado somente, e a este respeito o Governador Dom Francisco de Souza lhe acrescentar mais trinta mil réis cada um ano. E a Helena de Argolo sua mulher com quem ele houve em dote o dito ofício ficar muito pobre por seu falecimento, e com oito filhas mulheres digo donzelas e pouco remédio para elas. Hei por bem fazer mercê à dita Helena d'Argolo do dito ofício para casamento de uma das ditas suas filhas qual ela nomear, casando com pessoa apta, a qual pessoa haverá mais com o dito ofício trinta mil réis além dos trinta que já tem..." Viera o doutor Sebastião Parui de Brito ao Brasil com o governador D. Francisco de Souza, "ouvidor geral da sua repartição, com apelação e agravo para Relação desta Bahia", Fr. Vicente do Salvador, ***História do Brasil,*** p. 418. Foi à Bahia em 1614. De 24 de abril desse ano é a absolvição de residência, dada pela Relação. Antecedeu ao casamento. O governador Gaspar de Souza, estando em Olinda, considerou-o apto para exercer o cargo que levaria em dote, e nele o investiu, em 7 de maio (ms. Arq. Hist. Ultramarino).
Ouvidor geral, 1629, provedor-mor da fazenda, defuntos e ausentes, 30 de junho de 1639, ***Doc. Hist.,*** XV, p. 222, constituiu-se um dos esteios do governo e da resistência — aos holandeses. Dizia ter quarenta anos, em 1624, ***Livro 1.º do governo de D. Luiz de Souza,*** p. 375. Sucedeu-lhe na provedoria o genro, Antônio de Brito de Castro, adiante. Tinha em Évora duas irmãs, solteiras e virtuosas, Luiza e Ambrósia de Brito, em cuja casa morou seu filho André Parui de Brito, adiante, quando estudante na Universidade (Processo de Familiar do Santo Ofício, de Sebastião de Brito de Castro, T.T., m. 4, n. 97).

2. ANDRÉ PARUI DE BRITO. O padre André Parui de Brito foi nomeado capelão-mor do terço do mestre de campo Pedro Gomes, a 29 de abril de 1680, ***Doc. Hist,*** v. 27, p. 258. Carta de 28 de março de 1684 mandou que o provedor-mor lhe desse baixa, ***Anais da B.N.,*** v. 36, p. 184, por faltar às suas obrigações, ***Doc. Hist.,*** v. 32, p. 217.

3. MANUEL DE BRITO LOBO. A 9 de agosto de 1641 foi Sebastião Parui de Brito ao recôncavo, "casar seu filho", ***Doc. Hist.,*** v. 17, p. 251, que se destacara,a alferes, na defesa da Bahia, quando a atacou o conde de Nassau, em 1638.Ferido, tivera um escudo de vantagem, ***Doc. Hist.,*** v. 18, p. 6. Com Paulo de Vasconcelos, ganhou sesmaria de 2 e meia léguas nos campos do Paraguaçu, alvará de 17 de outubro de 1673, ***Publ. do Arquivo Nacional,*** XXVII, p. 53.

4. FELICIANO DE ARAÚJO SOARES. Pelo testamento de seu irmão, BENTO DE ARAÚJO SOARES, casado com D. Clara de Vasconcelos, e que morreu; sem sucessão, em 1653 (***Livro 2.º do Tombo da Santa Casa,*** fl. 32) sabemos que eram filhos de Domingos de Araújo e Jerônima Soares. Principal herdeiro de Bento, Feliciano de Araújo Soares adjudicou por 14.125 cruzados a sua fazenda da Patatiba. Os testamenteiros foram ele e o parente Antônio da Silva Pimentel.

5. D. ANTÔNIA DE MELO DE VASCONCELOS. Do testamento de Bento de Araújo Soares (20 de fevereiro de 1653): "Deixamos metade de meia légua de terra que temos no Lagarto, termo da capitania de Sergipe del-Rei, em que o meu irmão tem a outra metade, à nossa sobrinha D. Antônia, filha de Manuel de Brito Lobo e de nossa sobrinha D. Margarida".

6. D. LUIZA DE MELO. Continua o testamento de Bento de Araújo Soares: "e a metade de meia légua que temos na Tapiranga, outrossim, termo da dita Capitania (de Sergipe) à outra nossa sobrinha D. Luiza, filha dos sobreditos nossos sobrinhos".

---

*Nota da R.I.H.G.B.*

* *Casaram na Sé a 14 de outubro de 1697.*

7. MANUEL DE BRITO LOBO. Capitão, juiz ordinário em 1674, ***Atas da Câmara,*** V, p. 120.

8. CRISTÓVÃO BARBOSA VILAS BOAS. De Viana, no Reino, Irmão da Santa Casa a 16 de abril de 1685. Pediu em 1680 para ser provido no ofício de meirinho da Relação, ***Anais do Arquivo Público da Bahia,*** v. 28, p. 20. Foi em 1682 encarregado de administrar na Bahia o estanco do sabão, por quatro anos, ***Doc. Hist.,*** v. 28, p. 62. Teve com outros sesmaria de 4 léguas em quadra da região do rio Doce, 2 de março de 1690, ***Publ. do Arquivo Nacional,*** v. 27, 0.94. "A Cristóvão Barbosa Vilas Boas não faltarei em tudo que ele me requerer e se valer de mim, porque desejo servir a v. m. e dar-lhe gosto, a quem Deus guarde", escreveu o governador Câmara Coutinho ao desembargador José de Freitas Serrão, em 2 de junho de 1692, ***Revista do Instituto Histórico,*** v.71, parte I, p.59. Arrematador de contratos com boa fama, conseguiu em 1693 o dos dízimos na Bahia, por 150 mil cruzados, ***Doc. Hist.,*** v.83, p. 218. — Em 1714 a viúva de Cristóvão Barbosa Vilas Boas, Bárbara (não Mariana) Borges d'Abreu, vendeu a Francisco Batista terras fora das trincheiras da Casa da Pólvora, sesmaria confirmada a 7 de junho, ***Publ.*** cit., p. 29.

9. BENTO DE ARAÚJO DE BRITO. Capitão-mor da freguesia de Geremoabo, criada de novo a Ordenança, pela carta régia de 20 de janeiro de 1699 — a 18 de dezembro de 1717, Arq. Públ. da Bahia, ***Patentes de 1717 a 1718,*** fl. 150 v.; e Braz do Amaral, nota às ***Memórias,*** de Accioli, II, p. 279.

10. SEBASTIÃO PARUI DE BRITO. Filho de Bento de Araújo e D. Teresa de Jesus, foi batizado (padrinho o coronel Antônio da Silva Pimentel) em 1702, ***L. de Batismos da Conceição da Praia,*** 1696-1709, Arq. da Cúria. Capitão de Infantaria, 3 de setembro de 1725, coronel do Regimento de Porto Seguro, confirmado a 30 de janeiro de 1728, ***Anais da B.N.,*** v. 28, p.168, ***Doc. Hist.,*** v.74, p. 323.

11. HENRIQUE DA CUNHA BARBOSA. Parece-nos ser Henrique da Cunha, a quem amavelmente Gregório de Matos dedica versos, ***Satírica,*** IV, pp. 225-230.

## *BRITOS E CASTROS*

Antônio de Brito de Castro,* (1) filho de Francisco de Brito de Sampaio e de sua mulher D. Suzana Barbosa, da casa de Amorim, neto paterno de Antônio de Brito de Castro e de sua mulher D. Antônia de Sampaio, filha esta de Antônio Mendes de Vasconcelos e de sua mulher D. Isabel Pereira, dama do paço, e foi este Antônio de Brito o primeiro deste apelido, que com seu irmão Mateus Pereira de Sampaio passou à Bahia na armada real, e no ano de 1625 com o posto de capitão veio no navio S. Bartolomeu, de que era comandante Domingos da Câmara Pinto, a militar contra os holandeses, pelos quais em guerra foi morto seu irmão Mateus Pereira de Sampaio; e continuando no serviço real foi tenente do mestre de campo general, e cavaleiro professo na Ordem de Cristo. Na Bahia casou com D. Leonor de Brito, filha do doutor Sebastião Parui de Brito e de sua mulher D. Joana de Argolo, e em dote lhe fez data Sebastião Parui da propriedade de provedor, de que foi confirmado por alvará del-rei de 7 de maio de 1640, e tomou posse em 12 de janeiro de 1641, teve filhos:

1. Sebastião de Brito de Castro, que se segue.
2. Francisco de Brito de Sampaio, adiante.
3. André de Brito de Castro, ao depois.
4. D. Joana de Castro, (2) que casou com seu primo Francisco Pereira Ferraz, sem sucessão, a 23 de junho de 1708. Batizada na Sé, ao 1º de março de 1645.
5. D. Antônia de Castro, que faleceu a 8 de novembro de 1665, sepultada em S. Francisco.
6. Antônio de Brito de Castro, no fim.

1. Sebastião de Brito de Castro,* (3) filho primeiro do tenente general Antônio de Brito de Castro e de sua mulher D. Leonor de Brito, foi Fidalgo da Casa Real, cavaleiro da Ordem de Cristo e capitão, casou com D. Maria de Aragão,** filha de Diogo de Aragão Pereira, da ilha da Madeira, Fidalgo da Casa Real, e de sua mulher D. Isabel de Aragão, filha do capitão-mor Baltazar de Aragão, o Bângala, e sua mulher D. Maria de Araújo, bisneta de Diogo Álvares, o Caramuru, teve a capela de seu avô Francisco de Brito de Sampaio, de Mansos, junto a Vila-Real. Casaram a 17 de fevereiro de 1656 com o nome de Sebastião Parui de Brito, assim o diz e escreve o livro dos casamentos. De sua mulher D. Maria de Aragão teve filhos:

7. D. Leonor de Brito de Castro, que se segue.
8. D. Isabel, religiosa no mosteiro de Almoster. Lisboa.

N. 7. D. Leonor de Brito de Castro, acima, casou com Pedro Garcia Pimentel, Fidaldo da Casa Real, como fica à fl. 86, n. 7 e 289 n. 3.

N. 2. Francisco de Brito de Sampaio, (4) filho segundo do tenente general Antônio de Brito de Castro e de sua mulher D. Leonor de Brito, foi capitão de Infantaria na Bahia, Fidalgo da Casa Real, e serviu bem a sua Majestade na praça desta cidade. Nela casou com D. Maria Francisca Xavier Aranha, filha do mestre de campo Nicolau Aranha Pacheco e de sua mulher D. Francisca de

---

*Nota da R.I.H.G.B.*

* *Faleceu Antônio de Brito a 9 de abril de 1675, sepultado no convento do Carmo; faleceu D. Leonor a 2 de maio de 1678, sepultada no mesmo convento.*



*Notas da R.I.H.G.B.*

* *Faleceu a 20 de agosto de 1707, sepultado no Carmo.*
** *Faleceu a 27 de fevereiro de 1716, sepultada em S. Francisco.*

Sande: veja-se à fl.... n. 6, a aí o mais. Teve Francisco de Brito de Sampaio de sua mulher D. Maria Francisca filhos:

9. Francisco de Brito de Sampaio, (5) com o mesmo foro de seu pai, e foi tenente do regimento de cavalaria desta cidade, da qual passou à Índia, onde faleceu solteiro.

10. D. Clara do Sacramento, batizada na freguesia de S. Pedro a 22 de novembro de 1679. Amada Francisca das Chagas, faleceu a 30 de março de 1779. Antônia do Salvador, que faleceu a 26 de dezembro de 1738. Joana da Cruz. Francisca Catarina da Conceição, faleceu a 8 de dezembro de 1774. Maria dos Prazeres, batizada na dita freguesia a 28 de abril de 1689, e faleceu a 21 de janeiro de 1774, sepultada no outro dia. Todas estas foram religiosas no convento de S. Clara do Desterro nesta cidade da Bahia, e também: Leonor, (6) etc..

11. Antônio (7) e Nicolau, que faleceram solteiros.

12. André de Brito de Castro, (8) que viveu solteiro, e faleceu a 28 de dezembro de 1773, sepultado no Carmo.

N. 3. André de Brito de Castro, * (9) filho do tenente general Antônio de Brito de Castro e de sua mulher D. Leonor de Brito, foi Fidalgo da Casa Real, provedor e juiz da alfândega da Bahia, ofício, que fora de seu pai e avô materno, por conceder el-rei D. João IV, o favor de se nomear a serventia e propriedade do dito ofício em um de seus filhos. Foi capitão e professo na Ordem de Cristo, casou com D. Francisca Maria Duarte Leite, ** viúva de André da Costa de Barros, homem de negócio, que deixou por sua morte mais de trezentos mil cruzados; era D. Francisca filha de Sebastião Duarte, (10) capitão de auxiliares, e Familiar do Santo Ofício, e de sua mulher Helena Leite teve filha legítima e sua herdeira:

13. D. Leonor Maria de Brito, mulher do mestre de campo Alexandre de Souza Freire, (11) à fl....

14. D. Joana de Brito, bastarda, que se segue depois.

---

1.ANTÔNIO DE BRITO DE CASTRO. Na ***Genealogia*** (inédita) de Macedo Leme se diz que descendia de Fernão de Brito Pestana de Noronha, filho de Gonçalo Anes de Andrade e Inês Tello (veio ele da Galisa a Portugal em homizio, não casou, mas de uma D. Inês de Lara, neta do arcebispo de Lisboa D. Pedro de Noronha, filho dos condes de Gijon, teve Isabel de Castro, que casou com Simão Pimenta de Castro,

---

*Notas da R.I.H.G.B.*

* *Casaram na Sé, a 26 de julho de 1682.*

** *Faleceu a 12 de fevereiro de 1724, de idade de 70 anos; sepultada na sua capela de S. André, que tem na igreja do Colegio.*



criado do rei D. Manuel "e muito seu mimoso", pais do 1.º Antônio de Brito de Castro, de quem foi filho Francisco de Brito de S. Paio, casado com D. Suzana Barbosa da casa de Amorim. Natural de Braga, filho de Francisco de Brito de S. Paio, de S. João de Senelhe, e D. Suzana Barbosa, de Barcelos, esclarece o Processo de Familiar do Santo Ofício de seus filhos, passou-se o 2.º Antônio de Brito de Castro, com o irmão Mateus Pereira de Sampaio, à Bahia, na nau S. Bartolomeu, da armada de D. Fadrique de Toledo, em 1625. Morreu na luta com os holandeses Mateus Pereira. Capitão em 1630 de Viana do Castelo, levantou Antônio no Alentejo e em Pinhel a companhia de que foi capitão, destinada a embarcar na esquadra de D. Antônio de Oquendo e ficar na Bahia, como ficou, Francisco de Brito Pereira, *op. cit.*, p. 214 e nota de Francisco Leite de Faria aos documentos sobre a batalha naval de 1631, ***Brasília,*** X, pp. 51-52, Coimbra, 1958. Capitão de infantaria, ***Doc. Hist.,*** XV, p. 466, ***Revista do Instituto Histórico,*** v. 81, p. 38, sucedeu ao sogro, que lha deu em dote, na provedoria da Alfândega, 3 de março de 1638, ***Doc. Hist.,*** XVII, p. 81. No ataque de Nassau à Bahia "pelejou o dito capitão na campanha rasa a peito descoberto mais de três horas matando e ferindo muitos holandeses". Ganhou dois escudos de vantagem, ***Doc. Hist.,*** XVII, p. 372. Herói na briga, era temível na paz. Mandou o Rei fosse para a metrópole preso por ter afrontado publicamente a mulher do meirinho Afonso Rodrigues do Porto, pena que o governador tentou evitar, mas lhe foi severamente reiterada a 2 de dezembro de 1650, ***Doc. Hist.,*** v. 65, p. 366. Desculpou-se em Lisboa com o perdão do meirinho, ele e a mulher "de nação hebréia", 11 de fevereiro de 1652, ms. Arq. Hist. Ultramarino. Tenente do mestre de campo general, 10 de junho de 1659, ***Doc. Hist.,*** XX, pp. 44-47, deu baixa a 20 de setembro de 1663. Provedor da Santa Casa em 1671. Morreu a 9 de abril de 1675, ***Doc. Hist.,*** v. 25, p. 404.

Conta Fr. Agostinho de Santa Maria, ***Santuário Mariano,*** IX, fundou em 1649 a ermida de Nossa Senhora de Nazaré, em suas terras do vale do Jaguaripe, pelo favor que lhe fez salvando, numa viagem, o filho mais velho que caiu no mar, isso a 29 de maio de 1636.

A capela foi o núcleo da povoação que se chamaria ***Nazaré das Farinhas.***

2. D. JOANA DE CASTRO. Por verba testamentária, determinou Antônio de Brito de Castro que do ofício de Provedor da alfândega André de Brito de Castro desse "para dote de sua irmã Dona Joana de Brito 3 mil cruzados", ***Doc. Hist.***, v. 25, p. 405. Já casado, entrou Francisco Pereira Ferraz na irmandade da Santa Casa a 15 de abril de 1680. Morreu a 3 de novembro de 1715, ***L. de Irmãos***, 2, fl. 501.

3. SEBASTIÃO DE BRITO DE CASTRO. É o primogênito de Antônio de Brito de Castro, mencionado no ***Santuário Mariano***. Fidalgo da Casa Real, capitão no terço do mestre de campo Álvaro de Azevedo, 28 de abril de 1666, ***Doc. Hist.***, v. 22, p. 258, Arq. Públ. da Bahia, ***Patentes de 1657 a 1678,*** fl. 86, deixou o posto por "haver de cumprir o degredo de que saiu condenado", 27 de outubro de 1668, ***Doc. Hist.***, v. 23, p. 242. Diz (explicando) o cônego Roque Luis: "mui dextro em jogar as armas e bem soube as regras da cavalaria", ***Memórias Genealógicas***, ms. na Biblioteca Nacional. Esteve em 1674 em Lisboa, procurador da cidade da Bahia, pleiteando em favor das freiras do Desterro, Inácio Accioli, ***Memórias Históricas***, IV, p. 212. A Câmara deu-lhe 200$ de ordenado, ***Atas da Câmara da Bahia,*** V, p. 143. Substituiu nesse mandato a Gregório de Matos, ***Cartas do Senado***, II, p. 18, desidioso nas suas obrigações. Foi a Braga (fim principal de sua viagem) para

recolher a herança do avô, Francisco de Brito de São Paio. Uma das testemunhas no seu Processo de Familiar do Santo Ofício lembrou-se de lá o ter visto, "aonde ele assistiu e correu em uma das festas a cavalo em companhia de outros cavaleiros". Apresentou testamento do pai em 1678. Legava-lhe o privilégio de fundar uma vila no São Francisco, ***Doc. Hist.***, v. 37, p. 26. Morou novamente em Lisboa, quando tirou a carta de Familiar do Santo Ofício, 21 de maio de 1689, T.T., ***Fam.***, m. 4, n. 97. O Inquiridor João da Costa Pimenta concluiu que "tudo se provou ser falso e falsas as testemunhas" por supostas "manchas na limpeza do seu sangue". Quanto a D. Maria de Aragão: "somente consta por todas as sete testemunhas que correm a fl. 68, que a mulher do pretendente e sua avó materna D. Isabel de Araújo, natural e moradora na cidade da Bahia, descendia do gentio do Brasil, em grau remoto, e nestes termos não se costuma julgar por impedimento, e é doutrina de muitos DD., e se for necessário Sua Eminência pode dispensar" (Lisboa, 18 de maio de 1689). — Morreu D. Maria de Aragão a 20 de agosto de 1707 (testamento ms., ***Livro 3 do Tombo da Santa Casa***, à qual deixou 400$ para missas).

4. FRANCISCO DE BRITO DE SAMPAIO. Tinha 49 anos em 1688, quando, testemunha em Processo de Habilitação a Familiar do Santo Ofício, disse ser amigo, de menino, de Rafael Soares da Franca. Capitão de cavalos, 1668, ***Doc. Hist.***, IV, p. 462, e v. 23, p. 120, foi nomeado Provedor da Alfândega pelo governador Roque da Costa Pereira, por um ano, a 20 de abril de 1678, ***Doc. Hist.***, v. 26, p. 416. Impedido por seus achaques de exercer a função, esteve um ano de licença, ***Doc. Hist.***, v. 27, p. 71. A provedoria coube finalmente a seu irmão André (adiante). Implicado, com os irmãos, no assassinato do alcaide-mor em 1683, concedeu o Príncipe que visse ultimar o processo em liberdade, 25 de fevereiro de 1685, ***Livro de cartas-régias,*** 1645-1690, ms. na Biblioteca Nacional. Ainda em 1709 conseguia sesmaria em Terra Nova, ***Publ. do Arquivo Nacional***, XXVII, p. 123. Irmão da Santa Casa, 11 de abril de 1672, ***L. de Irmãos 2, fl. 261.*** — Aquela sesmaria foi em 1798 vendida por suas descendentes D. Ana Felícia Coutinho Pereira de Souza Tavares, D. Joaquina Josefa de Souza Freire, D. Maria Peregrina Vicência de Lima Souza, ***Anais da B.N.***, v. 37, p. 209.

5. FRANCISCO DE BRITO SAMPAIO. Capitão de cavalos da companhia de que era capitão André de Brito de Castro, fevereiro de 1693, ***Patentes de 1688 a 96,*** fl. 241.

6. LEONOR. Filha de Francisco de Brito de Sampaio, Leonor da Madre de Deus, freira do Convento do Desterro, morreu a 25 de dezembro de 1729. Tinha 400 réis cujos juros fruía a comunidade, além disto sua herdeira. Anna Amélia Vieira Nascimento, ***O Convento do Desterro da Bahia,*** p. 59, Bahia, 1974.

7. ANTÔNIO DE BRITO DE CASTRO (E SAMPAIO). Irmão da Misericórdia a 25 de outubro de 1719, faleceu em 8 de fevereiro de 1749, ***Livro de Irmãos***, n. 3. A 18 de outubro de 1746, com o arcebispo, D. José Botelho de Matos, pôs a pedra fundamental da igreja de Sant'Ana, ***Anais do 2.º Congresso de História da Bahia,*** p. 365.

8. ANDRÉ DE BRITO DE CASTRO. Capitão, fez parte da comissão que angariou auxílios, na Bahia, para as vítimas do terremoto de Lisboa, ***Anais da B.N.***, v. 31, p. 142. Era senhor do engenho São Paulo, João da Silva Campos. ***Tempo Antigo,*** p. 163, Bahia, 1942.



9. ANDRÉ DE BRITO DE CASTRO. Serviu, de soldado a capitão, na Bahia, entre 1656 e 1673, ***Boletim do Arquivo Histórico Militar,*** volumes V e VI, diretor, Henrique de Campos Ferreira Lima, Lisboa; ***Doc. Hist.***, v. 32, p. 302. Fidalgo da Casa Real, Irmão da Santa Casa desde 1661, capitão de infantaria do Terço de João Furtado de Mendonça, ***Doc. Hist.***, v. 25, p. 20, 25 de janeiro de 1672, ***Registros de Patentes.***
O pai legou-lhe ao morrer a provedoria da alfândega (1675, ***Doc. Hist.***, v. 25, p. 405). O irmão, Sebastião de Brito de Castro, impugnou judicialmente o legado, mas o Príncipe a ele o confirmou, até a sentença final, 1.º de abril de 1679, ***Doc. Hist.***, v. 27, p. 159, e v. 28, p. 160. Violento como os dois Antônios de Brito de Castro, acusaram-no em 1674 da "cutilada pela cara" que levou André da Silva, "servindo de alcaide", ***Doc. Hist.***, v. 67, p. 107. Em represália ao assalto que sofreu o irmão Antônio, mandou matar dois negros do alcaide-mor Francisco Teles. Envolvido por isso na devassa que se instaurou pela morte do alcaide-mor, homiziou-se, com Gonçalo Ravasco, no Colégio dos jesuítas; e também foi defender-se no Reino. "André de Brito, em saltando em terra, o primeiro caminho que fez foi ir-me buscar no meu retiro para significar as obrigações que ele e seu irmão devem à proteção e amparo de V. Mcê", agradeceu o padre Antônio Vieira a Diogo Marchão Temudo, em 17 de agosto de 1688. Carta régia de 14 de novembro de 1683 restituiu-lhe o ofício de provedor que lhe fora arbitrariamente retirado, ***Livro de Provisões,*** ms., Arq. Públ. da Bahia, Familiar do Santo Ofício, 1690, T.T., ***Fam., Inventário de Habilitações***, II, n. 4, em 1692 capitão de companhia de 60 cavalos na cidade, ***Doc. Hist.***, v. 89, p. 241, deu grande festa em honra de Nossa Senhora da Glória, na sua quinta, Fr. Agostinho de Santa Maria, ***op. cit.***, IX, p. 101, que coincidiu com o regresso do irmão, perdoado e livre. Morreu nesse mesmo ano. Em 1705 a viúva, D. Francisca Maria Duarte, administrava a capela que deixou, informa o autor do ***Santuário Mariano.*** No registro de dívidas da Santa Casa, em 1725, aparece "D. Francisca Maria viúva do capitão André de Brito de Castro, cujos bens se lhe arrematataram, e se acha a Casa sem ter em que lhe pegar, e está mal parada — 4:929$900", ***Brasília,*** V, p. 541. Dela era o engenho São Paulo, em Passé, relatório do vigário, 1757, ***Arq. Públ. da Bahia,*** II, p. 93.
— Filho natural de André de Brito de Castro foi o sargento-mor Francisco Xavier de Brito, diz no seu ***diário*** João da Maia da Gama. Surge em 1698 (adiante, nota a respeito de Antônio de Brito de Castro) requerendo com os parentes sesmaria no Piauí.

10. SEBASTIÃO DUARTE. Irmão da Santa Casa da Bahia, 26 de junho de 1678. Almoxarife das Armas em 1661, ***Doc. Hist.***, v. 20, p. 317, Meirinho do Mar e Alfândega em 1662, até o preenchimento efetivo do cargo, vago por morte do proprietário, ***Doc. Hist.***, v. 21, p. 95, capitão do Regimento da cidade, ***Doc. Hist.***, v. 32, p. 247, foi contratador dos dízimos e vinhos da Bahia, em 1670, ***Doc. Hist.***, v. 86, p. 178. Arrematou em 1676 e 1678 a cobrança do tributo, ***Doc. Hist.***, v. 65, p. 16, e ***Nobiliário de Torres,*** I, fl. 11. Era sócio (conta Macedo Leme) de Ventura David que o ajudou a dotar a filha para casar com André de Brito de Castro. Reclamou este, 20 contos de réis que a Fazenda Real devia ao sogro. Passou a

devedor. De Lisboa mandou-se que se lhe executassem os bens, em 1690, ***Anais do Arq. Públ. da Bahia,*** v. 28, p. 11. O governador Câmara Coutinho, a 24 de julho de 1694: "a cobrança do capitão Sebastião Duarte fiz sentenciar afinal e se vai pagando a 2 mil cruzados cada ano", ***Revista do Instituto Histórico,*** v. 71, parte I, p. 59.

Afirma o mesmo Macedo Leme que sua mulher Helena Leite era dos Leites de São Paulo.

Outra filha de Sebastião Duarte, falecida em setembro de 1667, foi mulher do Licenciado Bartolomeu Fernandes Ripado, que requereu ao Conselho Ultramarino lhe assegurasse a legítima dos sogros, consulta de 8 de fevereiro de 1680, ms. Arquivo Histórico Ultramarino.

11. ALEXANDRE DE SOUZA FREIRE. Governador do Maranhão, 1728-1732, como se vê no ***Tít. Castros, Pereiras, Souzas e Távoras.***

## *CASTROS, FREIRES, SOUZAS E TÁVORAS*

N. 13. Alexandre de Souza Freire, (1) Fidalgo da Casa Real, foi filho de Bernardim de Távora de Souza Tavares, governador de Mazagão e Angola, e de sua mulher D. Maria de Lima, sua sobrinha, neto pela parte paterna de Luiz Freire de Souza, senhor de Mira e de sua segunda mulher D. Joana de Távora, filha esta de Bernardim de Távora Tavares, senhor de Mira, e de sua mulher D. Mícia Mascarenhas; bisneto de Alexandre de Souza Freire, capitão-mor de uma armada da Índia e em Chaul, filho este de João Freire de Andrade; e este de Gomes Freire de Andrade, comendador, senhor de Loca, na Ordem de Santiago e de sua mulher D. Maria de Aragão, filha de Luiz Carneiro, Senhor da Ilha do Príncipe, e de sua mulher D. Leonor de Aragão. Foi Alexandre este aqui mestre de campo de auxiliares na Bahia, onde exerceu o cargo de provedor da alfândega, por casar com D. Leonor Maria de Castro, filha legítima e única de matrimônio do capitão André de Brito de Castro e de sua mulher D. Francisca Maria Duarte Leite, como fica n. 13. * Foi estudante de Coimbra no direito civil e canônico e teve de sua mulher filhos:

15. Bernardim de Souza Tavares, batizado pelo arcebispo D. Sebastião Monteiro da Vide no ano de 1707, e padrinho o governador Luiz César de Meneses.

16. Luiz Freire, (2) que faleceu a 19 de novembro de 1743.

17. Antônio José de Souza Freire, que se segue. (3)

---

*Nota da R.I.H.G.B.*

* *Corografia Portuguesa, tomo II, fl. 65.*



N. 14. Antônio José de Souza Freire Castro Leal, (4) filho do mestre de campo Alexandre de Souza Freire e de sua mulher D. Leonor Maria de Castro, e Fidalgo da Casa Real e mestre de campo dos auxiliares das marinhas de Pirajá, vive solteiro neste ano de 1771, mas de Rosa Maria do Sacramento, (5) moça branca recolhida, filha de Manuel Martins de Souza e de sua mulher Francisca Xavier da Silva, teve filhos, que perfilhou por el-rei.

18. Alexandre de Souza Freire Tavares de Brito Castro.

N. 6. Antônio de Brito de Castro,(6) filho último do tenente-general Antônio de Brito de Castro e de sua mulher D. Leonor de Brito, teve o mesmo foro de seu pai e foi mui liberal. Este foi o que matou o alcaide-mor da Bahia, Francisco Teles de Meneses, no ano de 1683, e feita esta morte às 10 horas do dia detrás da Sé, vindo o matador com mascarados, e sendo governador Antônio de Souza de Meneses, o *Braço de Prata;* pela qual andou muitos anos homiziado até que se lhe perdoou, rogando o pontífice Inocêncio XII a el-rei D. Pedro II por seu embaixador, por comprazer ao grão-duque de Florença e ao cardeal deste, que o pediu ao pontífice, e alcançando D. João de Alencastre, governador desta capitania, o perdão de Antônio Teles de Meneses, irmão do dito alcaide-mor, no ano de 1692, veio de Portugal para a Bahia Antônio de Brito no ano de 1694, e faleceu no de 1699. Não casou, mas teve bastardos:

Antônio de Brito de Castro.(7)

Francisco de Brito de Castro.(8)

N. 14. D. Joana de Brito, filha Bastarda do capitão André de Brito, n. 3, que a houve estando em Lisboa de Maria de Araújo, mulher branca e cristã velha, casou com o capitão José Lobo de Barros, * filho do doutor Nicolau Mendes de Oliva(9) e de sua mulher Vitória de Barros, filha esta de Francisco de Freitas e de sua mulher Mícia de Lemos. De D. Joana e seu marido José Lobo de Barros foram filhos:

Nicolau Mendes de Oliva.

André Caetano de Brito de Castro, que viveu solteiro.

Ana Maria da Conceição e Clara Maria do Desterro, religiosa no convento de S. Bernardo de Almoster.

---

1. ALEXANDRE DE SOUZA FREIRE. O pai foi governar Angola em 1701. O irmão, Manuel de Souza Freire, também chegou a mestre de campo e governou Mazagão, ***Nobiliário de Torres,*** ms., IV, fl. 181. Demonstrou em Mazagão, em 1681 e 1682, a bravura de excelente cavaleiro, conta a sua patente de mestre de campo do Terço

---

*Nota da R.I.H.G.B.*

* *Casaram a 3 de julho de 1709.*

dos Auxiliares da Bahia, Arq. Públ., ***Patentes de 1696 a 1703,*** fl. 349 (7 de julho de 1702). Onze anos aí exerceu a provedoria da Alfândega, que fora do sogro, André de Brito de Castro. Doente, em 1714 voltou a Lisboa, com o direito de renunciar ao ofício em favor de quem apresentasse. Apresentou Rodrigo da Costa de Almeida, ***Doc. Hist.,*** v. 61, p. 212. De retorno à Bahia, foi dois anos e meio provedor da Santa Casa (1708 — 1711). Chegou a governador do Estado do Maranhão, de 14 de abril de 1727 a 16 de julho de 1732. — O ***Ano Noticioso e Histórico,*** de Luis Montez Matoso, II, p. 120, ed. da B. N., Lisboa, 1938, notícia de Lisboa, 5 de novembro de 1740: "Faleceu na sua quinta da Charneca com 70 anos de idade Alexandre de Souza Freire Cavaleiro professo da Ordem de Cristo, doutor na sagrada teologia, colegial do Colégio Real de São Pedro de Coimbra, mestre em artes, o qual, preferindo o exercício militar ao literário, passou à Bahia, onde, coronel de infantaria, casou com D. Leonor Maria de Castro, filha herdeira de André de Brito e Castro, provedor da alfândega e de D. Maria Francisca Leite. Foi governador e capitão general do Estado do Maranhão e mui versado na lição da sagrada escritura".

A fonte em que se abeberou Fr. Jaboatão é a ***Corografia Portuguesa,*** do padre Antônio Carvalho da Costa, cap. 18 (p. 43 da 2.ª ed., Braga, 1868).

Viúva, D. Leonor Maria morreu em Lisboa, no convento das Comendadoras da Encarnação (Macedo Leme).

2. LUIS FREIRE (DE SOUZA). Solteiro, natural da Bahia, filho de Alexandre de Souza Freire e D. Leonor Maria de Castro, com 21 para 22 anos teve carta de Familiar do Santo Ofício, a 20 de agosto de 1736, T.T., ***Fam.***, m. 18, n. 385. — Escapou a Fr. Jaboatão um nome, entre os filhos de Alexandre de Souza Freire: de sua filha D. Maria Peregrina de Lima, mulher de Antônio José Coutinho Pereira, descendente do donatário da Bahia, Francisco Pereira Coutinho, T.T., ***Genealogias, Coutinhos Morgados da redízima da Bahia,*** tomo 2.º, v. 21, R-15, pp. 135 — 143.

3. D. ANA FELÍCIA COUTINHO DE SOUZA TAVARES HORTA AMADO E CERQUEIRA. Habilitou-se herdeira e de André de Brito de Castro, falecido ***ab intestato,*** e "sem descedência legítima". Era neta de Alexandre de Souza Freire (7 de setembro de 1795, ***Anais da B.N.,*** v. 34, p. 486). Executaram-lhe os bens em 1790, ***Anais da B.N.,*** v. 36, doc. 18.918. Em 1799 o genro Francisco Casado Dias Figueira reivindicou os da herança do sogro e do cunhado Alexandre de Souza Freire, ***Anais da B.N.,*** v. 37, p. 439.

4. ANTÔNIO JOSÉ DE SOUZA FREIRE TAVARES CASTRO LEAL. Em 1759, como ficou dito, pediu Rodrigo da Costa de Almeida ao rei providências para obstar a que Antônio José de Souza Freire Tavares Castro Leal casasse, contra sua vontade, com sua filha Brites Mariana de doze anos, ***Anais da B. N.,*** v. 31, p. 359. Casou sim, depois dela viúva do desembargador Manuel Pereira da Silva. Em 1776 continuava mestre de campo do Terço Auxiliar de Pirajá, ***Anais da B.N.,*** v. 32, p. 333. A 20 de janeiro de 1799, em carta a D. Rodrigo de Souza Coutinho, referiu-se o governador D. Fernando José de Portugal ao desembargador Antônio Feliciano da Silva Carneiro, "casado com uma filha de D. Brites Mariana das principais pessoas deste país e muito rico e senhor do engenho em que habita". — Há no arquivo do Convento do Carmo da Bahia escritura de 3 de julho de 1775, de débito e obrigação paga por Antônio José de Souza Freire herdeiro do tio, André de Brito de Castro, ***Memórias,*** fl. 101. Vivia na Bahia em 1792, diz Macedo Leme (árvore 10 do seu códice).



ROSA MARIA DO SACRAMENTO. O filho natural de Antônio José de Souza Freire e Rosa Maria do Sacramento, solteira, Alexandre de Souza Freire, foi legitimado a pedido do pai por carta régia de 14 de abril de 1777, cf. despacho do Conselho Ultramarino, Arq. Públ. da Bahia, ***Registro de Patentes de 1723 a 1784,*** fl. 80.

6. ANTÔNIO DE BRITO DE CASTRO. 2.º. Soldado da companhia do capitão Manuel da Costa da Câmara, teve licença em 1678 de ir ao Reino, "a negócios de muita importância que pendiam de sua assistência pessoal", alvará de 12 de agosto, ***Doc. Hist.,*** XXVI, p. 460. Em 1683 (fato que inicia o terrível episódio da morte do alcaide-mor, como ficou dito em nota ao nome de seu irmão André) foi ferido num braço, em emboscada que lhe armou, com os seus criados, o sobrinho de Francisco Teles de Meneses. Vingou-se, de súcia com os amigos, vibrando o primeiro golpe que prostrou o alcaide-mor, às 10 da manhã, em plena rua atrás da Sé (do Palácio). em 4 de junho de 1683. Amparado da amizade dos Ravascos, homiziou-se no Colégio dos jesuítas. Daí "o crime de Antônio Vieira", título que demos ao livro sobre esse, e subseqüentes acontecimentos. Acusou-se o Padre Vieira de acobertar, contra as iras do governador, amigo da vítima, os criminosos, que conseguiram refugiar-se em "sagrado" e foram defender-se em Lisboa. De fato, Antônio de Brito se hospedou ali com os padres no seu Colégio de Santo Antão, como consta de documentos que pesquisamos no Arquivo Histórico Ultramarino. Morava em 1689 "num quarto baixo do palácio do marquês de Nisa", diz a Carta de Familiar do Santo Ofício, que se lhe concedeu, Inventário dos Familiares do Santo Ofício, ***Torre do Tombo,*** II, n. 26. Pela carta do padre Vieira de 21 de julho de 1692, confirma-se o perdão real, por ele obtido graças à sua amizade com o duque da Toscana desde 1669 e à desistência do processo por parte do irmão do alcaide, que o acompanhara tenazmente. "Elas (as razões absolutórias) nas leis da honra e do mundo, e ainda segundo a natureza da conservação da prórpia vida, foram as mais justificadas". Cremos que regressou à Bahia em 1694 (como dissemos). Em 1696, com o irmão André, Cristóvão de Brito de Sampaio e Francisco Xavier de Brito requereu 5 léguas de terras no Piauí, documento do arquivo do Pará, citado por Palma Moniz, ***Revista do Instituto Histórico da Bahia,*** n. 45, p. 225.

7. ANTÔNIO DE BRITO DE CASTRO, 3.º. Vivia poderoso na vila de S. Francisco, em 1717, carta do vice-rei, ***Doc. Hist.***, v. 43, p. 73.

8. FRANCISCO DE BRITO DE CASTRO. No termo de ereção da vila de Sabará, nas Minas Gerais, a 17 de julho de 1711, figura Francisco de Brito de Castro, ***Revista do Arquivo Público Mineiro,*** ano II, 1897, p.87.

9. NICOLAU MENDES DE OLIVA. "Houveram por bem chamar a este Senado ao Licenciado Nicolau Mendes de Oliva por ser um dos advogados mais desimpedidos que com melhor acerto poderia acudir" aos vereadores, em 1692. Elegeram-no síndico da Câmara, ***Atas,*** VI, p. 176. Era irmão de Antônio Mendes de Oliva, formado em cânones na Universidade de Coimbra em 1649, e seu colega de estudos, bacharelado em Leis no mesmo ano, ***Brasília,*** IV, p. 19, filhos ambos de Antônio Mendes, e Isabel de Azevedo Henriques, naturais da Bahia, netos maternos do doutor Pedro Henriques, de Lisboa, e Ana Duarte, de Ilhéos. Irmão da Santa Casa, 16 de abril de 1685, faleceu a 17 de maio de 1692, ***L. de Irmãos n. 2, fl. 687.***

## *SOUZAS DE ANDRADE*

Gaspar Carvalho de Novaes ou Navaes, foi filho de Pero Vaz de Carvalho e de sua mulher Cecília Feijó Barbosa, naturais todos de Entre Douro e Minho, e nascidos os filhos que teve o sobredito Gaspar Carvalho de Novaes na freguesia de S. Maria da Silva. Foi casado Gaspar Carvalho de Novaes com Ana Brandão, filha de Gaspar de Caldas de Souza, juiz dos órfãos de propriedade do conselho de Loura, e de sua mulher Catarina de Andrade. De Gaspar Carvalho de Novaes e de sua mulher Ana Brandão foram filhos:

1. Antônio de Souza de Andrade, que se segue.
2. João de Andrade, sacerdote e abade de S. Miguel de Fontoura.
3. Ana Brandoa, sem casar no ano de 1680.
4. Isabel Brandoa de Souza, viúva de Melchior Barbosa de Lima, já no mesmo ano.

N. 1. Antônio de Souza de Andrade, filho de Gaspar Carvalho de Novaes, acima, e de sua mulher Ana Brandão de Souza, foi capitão e casou com Águeda Gomes Viegas ou de Góes, a qual era já falecida em 24 de julho de 1659, como consta dos autos e o inventário, que neste ano por sua morte fez seu filho.

5. Nicolau de Souza de Andrade, (1) que casou com D. Maria Furtado, que era falecida sem filhos em 1682.

6. Ana Brandoa, (2) que casou com Manuel Pereira de Góes, filho de Antônio Machado Velho, à fl.... n. 2, e aí a sua descendência.

Do testamento do capitão Antônio de Souza de Andrade, feito a 19 de novembro de 1680, consta, que no fim desse mesmo ano faleceu ele, pelas contas, que dos gastos do seu enterro deu o seu testamenteiro e genro Manuel Pereira de Góes, dizendo assim: conta dos gastos e enterro do capitão Antônio de Souza de Andrade no ano de 1680.

Dos mesmos autos consta, que a 24 de julho de 1659 era já falecida Águeda Gomes Viegas, mulher do sobredito Antônio de Souza de Andrade, porque nesse ano e dia se fez o auto das partilhas com os dois filhos seus, o alferes Nicolau de Souza de Andrade, que contava então 8 anos de idade,e Ana Brandoa também de menor idade e menos de 25 anos,mas já casada com o sobredito Manuel Pereira de Góes, como tudo se declara naqueles autos.

Também consta de uma verba do mesmo testamento, que já, quando feito a 19 de novembro de 1680, era falecido o alferes Nicolau de Souza de Andrade, sem deixar filhos de sua mulher D. Maria Furtado Barbalho; porque diz assim o dito seu pai na tal verba: — "Declaro que os herdeiros forçados que tenho são a minha filha Ana Brandoa de Souza, e seus filhos Antônio e Águeda". Ana Brandoa de Souza, que era mulher de Manuel Pereira de Góes; Antônio, filho deste, que foi Antônio Machado Velho, à fl...., n. 6; e Águeda,



que foi Águeda de Góes, mulher do alcaide-mor Francisco de Araújo de Aragão, à fl...., n. 40.

Também consta dos autos acima, que, quando no ano de 1680 fez Antônio de Souza de Andrade seu testamento, era falecido aquele seu filho Nicolau de Souza de Andrade, porque nos mesmos autos e nos anos seguintes de 1681 e 1682, de 15 de março, se acham certidões de D. Maria Furtado Bezerra, sobre algumas alforrias e deixas do testamento do sobredito seu sogro o capitão Antônio de Souza de Andrade, que ela as não passara, se fora vivo o dito seu marido Nicolau de Souza de Andrade.

---

1. NICOLAU DE SOUZA DE ANDRADE. Alferes da companhia de Francisco Lobo, no Terço de Nicolau Aranha Pacheco, reformado a 15 de maio de 1659, ***Doc. Hist.***, XX, p. 27, foi em 1668, feito capitão de uma das companhias de infantaria da Ordenança em que dividiu a da Praia, ***Doc. Hist.***, v. 31, p. 432. Era cavaleiro de São Bento e Avís.

2. ANA BRANDOA. Veja-se tít. ***da Sucessão da 2.ª filha de Genebra Álvares.***

## *ARAÚJO E VELHO*

Fernão Velho de Araújo (1) foi senhor da casa dos Araújos da Barca, e Fidalgo da Casa Real, casado com Ana Nunes Bezerra, da qual teve filhos:

1. Paio de Araújo de Azevedo, que se segue.
2. Gaspar Barbosa de Araújo, que casou com D. Maria de Sá, filha de Diogo de Sá Soutomaior, à fl....

N. 1. Paio de Araújo de Azevedo, (2) filho de Fernão Velho de Araújo e de sua mulher Ana Nunes Bezerra, era chamado vulgarmente o Par Deus homem. Foi comendador da Ordem de Cristo, e na Bahia casou duas vezes, a primeira com D. Joana Lobo,* viúva de Francisco Barbosa de Brito.

Segunda vez casou com D. Ana de Souza,** filha de Duarte Lopes Soeiro, à fl...., n. 9, e de sua mulher D. Maria de Souza Dormondo, e teve filhos:

3. Tristão Velho de Araújo, que se segue.
4. D. Catarina de Araújo de Azevedo, (3) mulher de Vasco Marinho Pereira, à fl...., n. 25.

---

*Notas da R.I.H.G.B.*

* *Casaram a 30 de outubro de 1649, na capela do Rosário de Iguape.*
** *Casaram ao 1.º de setembro de 1653, na igreja do Rosário de Traripe.*

D. Luzia, batizada na Purificação a 22 de agosto de 1661. Faleceu solteira a 22 de fevereiro de 1723.

Paio de Araújo, batizado ao 1.º de novembro de 1662.

N. 3. Tristão Velho de Araújo, (4) filho de Paio de Araújo de Azevedo e de sua segunda mulher D. Ana de Souza, foi Fidalgo da Casa Real, e casou com D. Catarina da Franca Corte Real, filha de Afonso da Franca Corte Real, (5) fidalgo da casa de Sua Majestade, e de sua mulher D. Maria Gomes, neta do mestre de campo Pedro Gomes, que governou o Rio de Janeiro, e de sua mulher D. Isabel Madeira, filha legítima de Domingos Lopes Falcato e de Águeda da Costa, viúva do capitão de infantaria Lázaro Lopes Soeiro, à fl.... De Tristão Velho, acima, e de sua mulher D. Catarina da Franca foi filha:

5. D. Ana Maria da Franca Corte Real, que casou com Lopo Gomes de Abreu, que se segue.

N. 5. D. Ana Maria da Franca Corte Real, filha de Tristão Velho de Araújo e de sua mulher D. Catarina da Franca Corte Real, n. 3, casou com Lopo Gomes de Abreu Lima, (6) filho de Francisco Gomes de Abreu Lima (7) e de Maria de Brito Cassão, e teve filhos:

1. Francisco Gomes de Abreu Lima Corte Real, (8) cavaleiro da Ordem de Cristo, que faleceu solteiro.

3. Lopo Gomes de Abreu Lima Corte Real, (9) capelão Fidalgo da Casa Real, que vive sacerdote neste ano de 1770, e foi visitador das minas do arcebispado.

4. Manuel Caetano de Araújo Corte Real, (10) clérigo.

5. D. Clara Maria de Abreu Lima. (11)

6. D. Ana Maria Antônia da Franca.

7. Gonçalo Gomes da Franca, solteiro. (12)

8. D. Teresa Maria da Franca.

9. D. Isabel Clara de Abreu.

10. D. Catarina Josefa da Franca.

---

1. FERNÃO VELHO DE ARAÚJO. Natural de Ponte de Lima e senhor do engenho da Garça Torta nas Alagoas, casado com Francisca Paes, filha de Simão Paes e Leonor Rodrigues, "dos primeiros povoadores de Pernambuco", Borges da Fonseca, ***Nobiliarquia Pernambucana,*** I, p. 154. Sua filha Branca de Araújo casou com Antônio Martins Ribeiro, de Alhandra, Portugal. Deles descendem os Ribeiro Pessoa.

2. PAIO DE ARAÚJO DE AZEVEDO. Vereador em 1655, ***Atas da Câmara da Bahia,*** I, p. 52. Os filhos, capitão Paio de Araújo de Azevedo mais herdeiros de Duarte Lopes Soeiro e D. Maria de Souza, pediram se lhes medisse a sesmaria de seis léguas e meia nos limites de Sergipe do Conde, Decisão do Conselho Ultramarino deferindo-lhes o requerido, 7 de agosto de 1681, Arq. Hist. Ultr., Bahia, ***papéis avulsos,***



cxa. 13. Abrangia terras compradas em 1602 ao procurador do conde de Linhares, ***Doc. Hist.,*** v. 26, p. 215.

3. CATARINA DE ARAÚJO E AZEVEDO. Falecendo a 19 de março de 1735 (e sepultada na matriz de Santo Amaro da Purificação), deixou por herdeiros os filhos, e testamenteiro o filho Paio de Araújo e Azevedo, ***L. de Óbitos de Santo Amaro,*** arq. da Cúria.

4. TRISTAO VELHO DE ARAÚJO. D. Catarina da Franca, sua mulher, filha de Afonso de Franca: "Todos nobilissimos", alega certidão apresentada pelo capitão Manuel Caetano de Araújo Corte Real para casar com D. Luiza Clara, viúva do desembargador Bernardino Falcão de Gouveia, ***Tit. Argolos,*** n. 21. — Catarina da Franca Corte Real casou segunda vez, com Sebastião Gago da Câmara (lembrou, testemunhando no Processo de Habilitação à Ordem de Cristo do neto, abaixo, João Belmon, de 76 anos em 1755). Primo co-irmão, José Inácio de Alvarenga Abreu de Lima, escrivão do Tesouro da Casa da Fazenda na Bahia, de 49 anos em 1756 (T.T., Habil. à Ordem de Cristo, m. 6, n. 2).

5. AFONSO DA FRANCA CORTE REAL. Filho: tenente general Pedro Luis da Franca Corte Real, irmão da Santa Casa a 24 de junho de 1714, falecido a 23 de agosto de 1743 ***(L. de Irmãos,*** citado).

6. FRANCISCO GOMES DE ABREU E LIMA. "Filho legitimado (por El-Rei) de Lopo Gomes de Abreu e Lima, abade que foi da igreja de São Salvador de Bossas, do Arcebispado de Braga", e de Apolônia de Thorizes, neto paterno de Lionel de Abreu e Lima, senhor da casa de Regalados, diz-se no Processo de Habilitação à Ordem de Cristo do neto, Francisco Gomes de Abreu e Lima (abaixo), foi batizado a 25 de setembro de 1649 e veio para o Brasil recomendado pelo Príncipe ao governador geral, 7 de fevereiro de 1671, ***Doc. Hist.,*** v. 67, p. 117. Fidalgo cavaleiro e professo na Ordem de Cristo, alega a certidão do neto Manuel Caetano de Araújo Corte Real, em 1777 (adiante), ms. Arq. Hist. Ultramarino. Teve sesmaria de 600 braças ao longo do Vazabarris, junto de seu engenho de Sergipe, 12 de março de 1697, ***Publ. do Arquivo Nacional,*** XXVII, p. 93. — A mulher, D. Maria de Brito Cassão, era de Sergipe del-Rei, filha do mestre de campo Cosme de Brito Cassão e Clara Aranha, filha esta do mestre de campo Nicolau Aranha Pacheco.

7. LOPO GOMES DE ABREU E LIMA. De sergipe del-Rei, aos 30 anos fez a leitura de bacharel de Coimbra, ms. Torre do Tombo. Vivia de suas fazendas, entre elas o engenho do Acupe, ***Publ. do Arquivo Nacional,*** XIII, p. 157. Quanto a D. Ana Maria Francisca, recordou Jerônimo de Castanheda e Vasconcelos no Processo de Habilitação à Ordem de Cristo de Francisco Gomes de Abreu e Lima, de 74 anos, a conhecera "bem menina", criando-se no convento do Desterro desta Cidade, em companhia de sua tia, do qual saiu para casar. A tia: soror Marta de Cristo, veja-se tít. ***Barros da Franca na Bahia.***

8. FRANCISCO GOMES DE ABREU E LIMA CORTE REAL. A mãe da Bahia, o pai de Sergipe del-Rei, foi batizado na capela de Santo Antônio do engenho da Santíssima Trindade da Patatiba, "junto à cidade da Bahia", a 27 de novembro de 1729 (***T.T.***, Habil. à Ordem de Cristo, F , m. 6, n. 2). O engenho era de D. Maria

da Franca Corte Real, declara nesse processo o doutor Venceslau Pinto de Magalhães Fontoura . Familiar do Santo Ofício, 17 de fevereiro de 1756, "muito nobre, branco, cristão velho", duas vezes vereador, "ocupando os postos mais principais desta cidade", cavaleiro da Ordem de Cristo, 27 de abril de 1757, membro supranumerário da Academia Brasílica dos Renascidos (1759), serviu algum tempo de Secretário de Estado, auxiliando José Pires de Carvalho e Albuquerque, comissão de que foi exonerado em 1764. ***Anais da B. N.***, v. 32, p. 122. Quanto à família, tratava-se à lei de nobreza, ele "sempre com seus criados, pagens e cadeira".

9. LOPO GOMES DE ABREU E LIMA. Fidalgo da Casa Real, membro supranumerário da Academia Brasílica dos Renascidos (como o irmão), faleceu o Reverendo Lopo Gomes de Abreu e Lima a 11 de outubro de 1783. Foi conduzido "na sege de noite" e sepultado em São Francisco. ***L. de Óbitos da Sé***, arq. da Cúria.

10. MANUEL CAETANO DE ARAÚJO CORTE REAL. Capitão, "das principais famílias da Bahia e também muito abonado", ia casar em 1769 com D. Luiza Clara de Queirós e Argolo, conforme pedido desta ao rei. Malogrou-se o trato, pois a viúva do desembargador Falcão de Gouveia acabou desposando o coronel Carlos Manuel Gago da Câmara (1778). Casou Manuel Caetano em Santo Amaro, a 29 de julho de 1792, com D. Maria Isabel de Queirós Sá e Azevedo, filha de Pedro Nolasco de Sá Marinho e Azevedo e D. Isabel de Queirós Marques de Almeida. ***L. de Casamentos de Santo Amaro***, 1771-93, arq. da Cúria.

11. D. CLARA MARIA DE ABREU LIMA. Casou com o desembargador Tomás Feliciano de Albernás. Candidatando-se em 1744 à leitura de bacharel em cânones, diz o filho, FRANCISCO GOMES DE ABREU LIMA: "natural de Sergipe del-Rei. Filho do Dr. Tomás Feliciano de Albernás, desembargador que foi da Relação da Bahia, natural de Lisboa, batizado na freguesia do Alecrim e D. Clara de Abreu de Lima, de Sergipe, neto paterno do doutor Simão Cardoso Pereira, de Lisboa, batizado na freguesia de S. Julião, e de D. Catarina Teresa de Albernás, natural de Sopo, freguesia de Santana de Carneto, termo da vila de Alenquer, neto materno de Francisco de Abreu e Lima, de Sergipe, e de D. Maria de Brito Cassão, de Sergipe. De 24 anos, morador a S. Cristóvão, os pais, segundo as testemunhas, "pessoas graves e ricas", ms., Torre do Tombo. Irmão: alferes Tomás Feliciano de Albernás.

    Fidalgo da Casa Real, cavaleiro da Ordem de Cristo, vereador na Bahia em 1765, provedor da saúde, Secretário do Estado interino, 1760, membro da Academia Brasílica dos Renascidos (o de n. 36).

12. GONÇALO GOMES (DE ABREU CORTE REAL). Clérigo ***in minoribus***, Membro da Mesa de Inspeção, no final do século XVIII, Familiar do Santo Ofício, 25 de abril de 1769, Torre do Tombo, m. 9, n. 154.

## *CARVALHOS PINHEIROS*

Manuel Pinheiro de Carvalho, (1) natural de Portugal, donde passou para o Brasil em companhia de seus irmãos Rui Carvalho Pinheiro e Nicolau Pinheiro Carvalho, foi Fidalgo da Casa Real, e na Bahia casou com D. Maria de Barros, * filha legítima de Manuel de Paredes da Costa, dos legítimos Paredes de Viana, e de sua mulher Paula de Barros, que era filha de Gaspar de Barros de Magalhães, o velho, fidalgo conhecido, e de Catarina Lobo, sua mulher, sobrinha do Conde de Sortela uma das órfãs que a sereníssima rainda D. Catarina remeteu ao governador do Brasil para as casar com as principais pessoas, que vieram à fundação da nova cidade do Salvador, Bahia de Todos os Santos. De Manuel Pinheiro e de sua mulher D. Maria de Barros foram filhos:

1. Nicolau Carvalho Pinheiro, que se segue, nasceu em 1621.
2. D. Margarida de Barros, adiante.
3. D. Felícia Lobo, ao depois.
4. Manuel Pinheiro de Carvalho, adiante, nasceu em 1627.
5. D. Maria de Barros Lobo, ao depois, à fl.... Nasceu em 1628, e foi casada com Francisco de Azevedo.
6. Francisco Carvalho Pinheiro, adiante, nasceu em 1630.
7. André Pinheiro de Carvalho, que casou com D. Úrsula de Freitas, sem sucessão.
8. D. Brites de Barros, mulher do capitão-mor Antônio de Alemão. (2) Nasceu em 1633.
9. Antônio Pinheiro, D. Inês, e 5 mais que faleceram solteiros. Nasceu D. Inês no ano de 1636.

N. 1. Nicolau Carvalho Pinheiro, (3) filho primeiro do capitão Manuel Pinheiro de Carvalho e de sua mulher D. Maria de Barros, teve o foro de sei pai e casou com D. Maria de Aragão, ** filha de Luiz Pereira de Aragão, natural da ilha da Madeira e de sua mulher e prima D. Antônia de Aragão, irmãs de D. Isabel de Aragão, mulher de Francisco Barreto de Meneses, Fidalgo da Casa Real, e senhor do engenho de Mataripe, por serem ambas filhas de Melchior de Aragão e de sua mulher Maria Dias. Teve Nicolau Carvalho de sua mulher D. Maria de Aragão filhos:

10. D. Antônia de Aragão, que se segue, batizada no Socorro a 20 de setembro de 1671.
11. D. Isabel de Aragão, adiante, batizada a 26 de outubro de 1672.
13. D. Ângela de Aragão, ao depois. Ângela Josefa Pereira.

---

*Nota da R.I.H.G.B.*

* *Faleceu D. Maria de Barros a 6 de maio de 1680.*

** *Casaram na capela do Desterro da freguesia de Iguape a 13 de fevereiro de 1670 e faleceu ele a 10 de setembro de 1696. Sepultado na matriz do Socorro. E faleceu ela a 12 de janeiro de 1701, sepultada ai.*

14. Nicolau Carvalho Pinheiro, adiante. Batizado a 30 de setembro de 1681.

12. Rui Carvalho de Aragão, que no batismo se chamou Rodrigo a 7 de setembro de 1674.

N. 15. Isabel de Aragão Pereira. Batizada a 22 de julho de 1688.

16. Francisco Pereira de Aragão, (4) batizado a 28 de setembro de 1688.

16. Antônio e Manuel (5) que faleceram sem sucessão.

N. 10. D. Antônia de Aragão, filha de Nicolau Carvalho Pinheiro e de sua mulher D. Maria de Aragão casou com José Godinho Freire, * filho do licenciado Domingos Ferraz de Souza e de sua mulher Catarina Godinho e teve filho único:

17. Antônio Godinho Freire. (6)

N. 11. D. Isabel de Aragão, filha segunda do capitão Nicolau Carvalho Pinheiro e de sua mulher D. Maria de Aragão, casou com Alberto da Silveira Gusmão, filho de Miguel Rodrigues de Gusmão, cavaleiro professo na Ordem de Cristo, e de sua primeira mulher Maria da Silveira, e teve filhos:

18. D. Antônia de Aragão, mulher de Gonçalo Barbosa de Mendonça, com filhos, e se segue.

19. Nicolau Carvalho Pinheiro, casado com D. Joana de Brito, filha de Tomé Lobo e de sua mulher D. Teresa de Brito, sem filhos.

Bento e Ângela, que faleceram solteiros.

18. D. Antônia de Aragão, filha de D. Isabel de Aragão e de seu marido Alberto da Silveira de Gusmão, casou com Gonçalo Barbosa de Mendonça, e teve filhos:

20. Miguel Teles de Meneses, casado.

21. D. Helena de Aragão, que casou com seu tio Antônio de Aragão Pereira.

22. D. Isabel de Aragão, casada com o capitão José Luiz da Rocha e teve dois filhos: Cristóvão da Costa Dória, casado com D. Joana, sua prima e Martim Afonso, casado.

N. 12. Rui Carvalho Aragão ou Rodrigo (7) etc., filho primeiro varão e terceiro na sucessão do capitão Nicolau Carvalho Pinheiro e de sua mulher D. Maria de Aragão, casou com D. Filipa da Silva, ** filha de Estevão Feio de Carvalho, natural de Lisboa, e de sua mulher D. Isabel Ferreira e teve filhos:

23. Antônio de Aragão Pereira, (8) que casou com sua sobrinha D. Helena de Aragão, filha de Antônia de Aragão e de seu marido Gonçalo Barbosa, n. 18 e 21, sem filhos.

---

*Notas da R.I.H.G.B.*

* *Casaram na freguesia de Socorro a 5 de junho de 1692.*
** *Casaram na Sé a 29 de março de 1703.*



24. D. Ana Maria de Aragão, que se segue.

25. O alferes Estevão da Silva de Aragão, que viveu solteiro.

Francisco (9) e João, que faleceram solteiros.

N. 24. D. Ana Maria de Aragão, filha de Rui, ou Rodrigo Carvalho de Aragão, n. 12, e de sua mulher D. Filipa da Silva, foi segunda mulher de José de Melo de Vasconcelos, (10) filho de Manuel de Araújo Teles e de sua mulher D. Brites de Melo de Vasconcelos; filha esta de João de Carvalhal de Oliveira e de sua mulher D. Joana Soares, à fl...., n. 6, e teve filhos:

26. D. Maria, D. Luiza, D. Clara e D. Rosa, casada esta com o bacharel Antônio de Brito da Assunção. (11)

N. 13. D. Ângela Josefa Pereira de Aragão, filha do capitão Nicolau Carvalho Pinheiro e de sua mulher D. Maria de Aragão, casou com Martim Afonso de Mendonça,* filho de João de Araújo Cabreira e de sua mulher D. Antônia de Mendonça; e teve filho:

27. João de Araújo Pereira, (12) que se segue.

N. 27. João de Araújo Pereira, filho único de D. Ângela Josefa Pereira de Aragão e de seu marido Martim Afonso de Mendonça, casou com D. Antônia de Meneses, filha de Manuel Teles.

28. D. Joana de Aragão, que se segue.

N. 28. D. Joana de Aragão, filha única de João de Araújo Pereira e de sua mulher D. Antônia de Meneses, casou com João Batista Barreto de Vasconcelos, Fidalgo da Casa Real, filho de Manuel Teles Barreto de Vasconcelos e de sua mulher D. Luzia Coutinho de Lacerda, e teve filhos, à fl...., n. 38.

N. 14. Nicolau Carvalho Pinheiro, filho do capitão Nicolau Carvalho Pinheiro e de sua mulher D. Maria de Aragão, n. 1. Casou com D. Teresa Moniz Barreto, filha de Jerônimo Moniz Barreto, fidalgo escudeiro da Casa Real, e de sua mulher D. Maria de Souza, e foram dispensados no 4º. grau misto com o 3º.; casaram na capela de Santo Antônio de Mataripe a 13 de outubro de 1706. Foi tenente coronel, e teve filhos:

29. D. Maria Moniz de Aragão.

30. Jerônimo Moniz Barreto.

31. D. Catarina de Aragão, mulher de Pedro Merelo de Cerqueira, sem sucessão.

32. D. Ângela Moniz de Aragão.

N. 15. José de Aragão Pereira, filho também do capitão Nicolau Carvalho Pinheiro e de sua mulher D. Maria de Aragão, casou com D. Maria.

33. D. Maria Lucinda de Aragão, casada com Manuel Moniz Barreto.

---

*Nota da R.I.H.G.B.*

* *Casaram na capela de S. Paulo, freguesia do Socorro, a 23 de novembro de 1698.*

Francisco, que faleceu solteiro.

N. 16. Francisco Pereira de Aragão, filho último do capitão Nicolau Carvalho Pinheiro, e de sua mulher D. Maria de Aragão, casou com D. Maria.

34. D. Joana, José Pereira, D. Francisca de Aragão. (13)

N. 2. D. Margarida de Barros, filha do capitão Manuel Pinheiro de Carvalho, o velho, e de sua mulher D. Maria de Barros Lobo, casou com o capitão Manuel Cardoso de Negreiros.

35. Manuel, Lourenço, D. Inês de Barros.

36. D. Maria de Barros, casada com Lourenço Lobo de Barros, (14) com filhos.

N. 3. D. Felícia Lobo, filha de Manuel Pinheiro de Carvalho, o velho, e de sua mulher D. Maria de Barros Lobo, casou com o capitão Inácio de Melo de Vasconcelos, (15) filho de Antônio de Melo de Vasconcelos e de sua mulher D. Maria de Paiva, e teve filhos:

37. Antônio de Melo de Vasconcelos, batizado a 14 de fevereiro de 1649 no Socorro.

38. D. Maria Lobo, batizada a 25 de julho de 1650.

39. D. Catarina de Melo, mulher de Antônio de Sá Peixoto, batizada a 8 de outubro de 1651.

40. Manuel Pinheiro, batizado a 24 de novembro de 1654.

41. Henrique de Melo, batizado no mesmo dia 24 de novembro de 1654.

42. D. Ângela, mulher de Domingos Rodrigues, da Cachoeira.

N. 4. Manuel Pinheiro de Carvalho,(16) filho de Manuel Pinheiro de Carvalho, o velho, e de sua mulher Maria de Barros Lobo, foi capitão, e casou com D. Maria da Gama, filha de Diogo de Moraes e de sua primeira mulher Francisca da Gama, e teve filha:

43. D. Josefa da Gama, que se segue.

N. 43. D. Josefa da Gama, filha de Manuel Pinheiro de Carvalho, o moço, e de sua mulher D. Maria da Gama, casou com Antônio da Silva de Meneses, filho do capitão Antônio da Silva de Meneses, (17) comandante da fortaleza de Santo Antônio da Barra, e de sua mulher D. Francisca da Gama: casaram no Socorro a 2 de maio de 1695.

N. 5. D. Maria de Barros, filha de Manuel Pinheiro de Carvalho, o velho, e de sua mulher D. Maria de Barros Lobo, casou com Francisco de Azevedo, filho de Afonso de Azevedo, e teve filhos:

44. Manuel de Barros Lobo, (18) casado com D. Joana Pimentel, sem filhos.

45. D. Inês de Barros Lobo, batizada no Socorro a 28 de maio de 1654.

46. D. Margarida Pinheiro, que se segue, batizada a 15 de maio de 1656.

47. Álvaro de Azevedo, adiante, batizado a 11 de maio de 1660.



48. Nicolau Carvalho Pinheiro, ao depois, batizado a 26 de junho de 1662.

N. 41. D. Margarida Pinheiro de Azevedo, filha de D. Maria de Barros e de seu marido Francisco de Azevedo, casou com Teodorico de Moraes, filho de Manuel Correa de Moraes e de sua mulher D. Francisca Lopes de Paiva, natural de Lorvão, termo de Coimbra.

N. 47. Álvaro de Azevedo, filho de D. Maria de Barros Lobo e de seu marido Francisco de Azevedo, casou com D. Arcângela de Negreiros, filha de Lourenço Lobo de Barros e de sua mulher D. Maria de Negreiros, (19) e foram dispensados no 2.º grau de consangüinidade, e teve filhos:

49. Antônio de Azevedo.

50. Ricardo de Azevedo.

51. Francisco de Barros Lobo.

N. 48. Nicolau Carvalho Pinheiro,(20) filho de D. Maria de Barros Lobo e de seu marido Francisco de Azevedo, casou D. Brites de Meneses, filha de Martim Afonso de Mendonça, Fidaldo da Casa Real, e de sua terceira mulher D. Joana Barbosa, à fl...., n. 20, e teve filhos:

52. Sebastião Muniz Teles, que se segue.

53. Antônio Moreira de Meneses, adiante.

54. D. Leonor Francisca de Meneses, mulher de seu primo Martim Afonso Moreira, à fl...., n. 25.

55. José de Barros Lobo, sem filhos.

56. D. Eugênia de Jesus.

57. D. Maria de Meneses.

58. D. Joana Barbosa de Meneses.

N. 52. Sebastião Moniz Teles, filho primeiro de Nicolau Carvalho Pinheiro e de sua mulher D. Brites de Meneses, casou com D. Jacinta Teles de Meneses, filha de Manuel Teles de Meneses, casaram a 31 de agosto de 1733 no Socorro, e de sua mulher D. Brites Aires de Figueiredo teve filhos:

59. Antônio Moniz Teles.

60. José Moniz Teles.

61. D. Brites de Meneses.(21)

62. D. Michaela, casada com Manuel de Lima, natural do reino, e tem engenho no Iguape, e era este Manuel de Lima enteado do capitão-mor Teotônio Teixeira, (22) e tem filhos de menor idade.

N. 43. Antônio Moreira de Meneses, filho de Nicolau Carvalho Pinheiro, n. 48, e de sua mulher D. Brites de Meneses, casou com sua prima D. Joana Barbosa, filha de Cristóvão da Costa Dória e de sua mulher D. Catarina de Vasconcelos, e foram dispensados no 2º grau de consangüinidade, e teve filho:

Cristóvão da Costa Dória.

Nicolau Carvalho Pinheiro.

D. Joana Barbosa.

N. 46. Francisco Carvalho Pinheiro, filho de Manuel Pinheiro, o velho, e de sua mulher D. Maria de Barros, casou com Leonor Teles de Escobar filha de João Borges de Escobar e de sua mulher Joana Teles, e teve filhos.

Antônio, que faleceu sem filhos, batizado a 27 de janeiro de 1653 no Socorro.

Maria Teles, primeira mulher de Antônio Rabelo de Macedo, batizada a 13 de setembro de 1654.

Joana Teles Pinheiro, batizada a 25 de fevereiro de 1666.

Inês Lobo Pinheiro, batizada a 26 de junho de 1661.

Inácio Teles Pinheiro, que se segue, batizado a 31 de dezembro de 1663.

Leonor Teles, que faleceu solteira.

N. Maria Teles Pinheiro, filha de Francisco Carvalho Pinheiro e de sua mulher Leonor Teles de Escobar, foi a primeira mulher de Antônio Rabelo de Macedo.

N. Inácio Teles Pinheiro,(23) filho de Francisco Carvalho Pinheiro e de sua mulher Leonor Teles de Escobar, casou com D. Maria de Sá de Meneses, filha do capitão Francisco de Sá Barreto e de sua mulher D. Jerônima Diniz, à fl...., n. 6 e 22.

Francisco de Sá,(24)que faleceu solteiro.

O padre Antônio Teles de Meneses, sacerdote secular.

Cláudio Teles de Meneses, casado com D. Isabel Maria de Souza, sem filhos.

Rui Carvalho Pinheiro,(25)a quem chamavam o velho irmão de Manuel Pinheiro Carvalho, que já fica à fl.... e passou com o dito seu irmão de Portugal para a Bahia, foi moço de câmara, escudeiro e cavaleiro fidalgo, e teve o foro nô ano de 1577, dado pelo Duque de Bragança a rogo do Sr. D. Duarte, que lho encomendou muito em seu testamento. Na Bahia casou este Rui de Carvalho três vezes, como consta da verba do seu testamento, além de outras memórias manuscritas. A primeira com Úrsula do Rego, filha de Salvador Fernandes do Rego, o moço, à fl...., n. 5, da qual teve filhos:

1. Rui Carvalho Pinheiro, que se segue.

2. Francisco, batizado a 2 de janeiro de 1620.

Segunda vez casou com D. Maria de Souza, e teve desta três filhas:

3. D. Catarina de Souza, mulher do desembargador João de Góes de Araújo, à fl...., n. 1.

4. D. Violante, que casou com o capitão João da Silva Vieira.

5. D. Inês de Castro, mulher de Simeão de Araújo de Góes, à fl....

Terceira vez casou Rui Carvalho, acima, com D. Isabel de Almeida, e declara na tal verba do seu testamento, que desta não teve filhos. E faleceu ele a 31 de março de 1645. Testamenteiro seu irmão Nicolau Carvalho Pinheiro e seu filho Rui Carvalho Pinheiro, que se segue.

Por morte deste seu marido, casou esta D. Isabel segunda vez com o alferes Filipe Cardoso do Amaral, (26) filho do capitão Manuel Cardoso do Amaral e de sua mulher D. Maria Pacheco. Casaram a 3 de maio de 1651.

N. 1. Rui Carvalho Pinheiro, (27) filho do primeiro. Teve também o foro de fidalgo dado por el-rei, sendo mordomo-mor o bispo de Coimbra. Foi casado três vezes; a segunda com D. Catarina de Azevedo, filha de Gaspar de Azevedo, * (28) e desta não teve filhos. Casaram a 10 de janeiro de 1667.

Segunda vez casou com D. Apolônia de Araújo, filha de Gaspar de Araújo de Góes e de sua mulher Maria do Rego, e também não teve filhos, à fl...., n. 28. Faleceu a 10 de janeiro de 1673, sepultado no Carmo.

Foi casado este Rui Carvalho a primeira vez com D. Catarina Ravasco, fl....

N. 4. D. Violante Pinheiro, filha de Rui Carvalho Pinheiro, acima, e de sua segunda mulher D. Maria de Souza, casou com o capitão João da Silva Vieira, (29) natural da ilha da Madeira, freguesia da Sé, filho de Jerônimo Vieira Tavares e de sua mulher Catarina Machado; (30) casaram a 11 de setembro de 1662.

Diz assim o livro da Sé: Aos 10 de janeiro de 1667, recebi dispensados no parentesco, que entre si têm, pelo sumo pontífice, ao sargento-mor Rui Carvalho Pinheiro, viúvo que ficou de D. Catarina Ravasco, com D. Catarina de Azevedo, natural de Santa Bárbara, filha de Gaspar de Azevedo e de sua mulher Maria Nunes.

---

1. MANUEL PINHEIRO DE CARVALHO. Em 1626, almotacé da Câmara, ***Atas da Câmara da Bahia***, I, p. 40.

2. ANTÔNIO DE ALEMÃO. Em 29 de setembro de 1655 capitão de companhia no Terço do mestre de campo João Fernandes Vieira, Arq. Públ. da Bahia, ***Patentes de 1648 a 1657,*** fl. 283, servira desde 1642 "nas armadas deste Reino, fronteiras do Alentejo e guerras do Brasil, em praça de soldado, alferes, ajudante e capitão", oito anos em Pernambuco (diz a sua patente de capitão-mor de Sergipe, ***Doc. Hist.,*** v. 22, p. 206, seis como governador da fortaleza do morro de São Paulo (passando à Bahia em virtude de patente do governador Francisco Barreto, 27 de junho de 1657, Arq. Públ. da Bahia, ***Patentes de 1657 a 1678,*** fl. 3), cargo que teve a 11 de agosto seguinte, juntamente com o de capitão-mor das vilas de Cairu, Boipeba e Camamu, "dada a satisfação com que me consta haver servido a Sua Majestade

---

*Nota da R.I.H.G.B.*

* *Catarina de Azevedo, filha de Gaspar de Azevedo e de sua mulher Maria Nunes do Rego, dizem o breve e autos da dispensa do 2.º grau de consangüinidade para casar com o primeiro Rui Carvalho Pinheiro, seu primo legítimo.*

muitos anos a esta parte, e nas guerras de Pernambuco té se restaurar o Recife", ***Doc. Hist.,*** v. 29, p. 184. Governou Sergipe de 1663 a 1667. Deixou a capitania 22 de março desse ano, por não ter cumprido provisão do governador geral conde de Óbidos, ***Doc. Hist.,*** VII, p. 294.

3. NICOLAU DE CARVALHO PINHEIRO. Alferes de ordenança da freguesia de Nossa Senhora do Socorro, "achando-se nas ocasiões de inimigo que se têm oferecido no Recôncavo e procedido nelas com muito honrado procedimento, dando provas de seu valor", foi promovido a capitão a 22 de outubro de 1650, ***Doc. Hist.,*** v. 31, p. 65. Irmão a Santa Casa, 11 de abril de 1672, ***L. 2, fl. 251.***

4. FRANCISCO PEREIRA DE ARAGÃO. Capitão. Casado com D. Maria Joana da Conceição, que morreu a 31 de dezembro de 1752, ***L. de Óbitos de S. Pedro Velho,*** em restauração, arq. da Cúria.

5. MANUEL DE ARAGÃO PEREIRA. Filho do capitão Nicolau de Carvalho Pinheiro e D. Maria de Aragão, casou a 2 de julho de 1714 com Antônia de Araújo e Souza, filha de Manuel de Araújo de Souza e Luzia, ***L. de Casamentos do Monte,*** arq. da Cúria.

6. ANTÔNIO GODINHO FREIRE. Irmão da Santa Casa da Bahia, a 12 de abril de 1663, ***L. 2, fl. 4,*** seu escrivão em 1703. Faleceu D. Isabel a 16 de outubro de 1762, ***L. de Óbitos do Monte,*** arq. da Cúria.

7. RODRIGO DE CARVALHO PINHEIRO, casado com D. Filipa da Silva, pai de Francisco Pereira de Aragão, adiante, ***L. de Óbitos de S. Pedro Velho,*** arq. da Cúria.

8. ANTÔNIO DE ARAGÃO PEREIRA. Casado com Helena, nascida em 1723, filha de Gonçalo Barbosa de Mendonça, ***Anais do Arq. Públ. da Bahia,*** v. 37, p. 23. Outra filha de Gonçalo e D. Antônia de Aragão Pereira, Isabel, batizada em 1724, ***L. de Batizados do Monte,*** arq. da Cúria.
Faleceu Antônio Pereira de Aragão a 15 de outubro de 1755. Não fez testamento por ser pobre, ***L. de Óbitos do Monte,*** arq. da Cúria.

9. FRANCISCO PEREIRA DE ARAGÃO. Faleceu a 8 de fevereiro de 1738: "não fez testamento por ser pobre", ***L. de Óbitos de S. Pedro Velho,*** fl. 60, arq. da Cúria.

10. JOSÉ DE MELO VASCONCELOS. Em 1731 pediu confirmação do posto de capitão no Regimento de Auxiliares de Sergipe del-Rei, ***Anais do Arq. Públ. da Bahia,*** v. 42, p. 67.

11. ANTÔNIO DE BRITO D'ASSUNÇÃO. Irmão do poeta João de Brito Lima, filho de Inácio da Costa e Joana Clara de Lima (esclarece-nos o ***L. de Óbitos da Sé,*** fl. 137, de 8 de agosto de 1786, arq. da Cúria) — bacharelou-se em Coimbra, 1761. A sua primeira mulher foi Luiza Maria de Aragão; a 2.ª, Joana Rosa da Encarnação. Morreu a 28 de agosto de 1788, ***L. de Óbitos da Sé***, fl. 137 v., e foi sepultado, como Terceiro carmelita, em "enterro solene" acompanhado de vinte padres. Promotor de defuntos, ausentes, capelas e resíduos.



Filho: bacharel em leis (1804) Antônio Luiz de Brito e Aragão, herdeiro (1796) de duas capelas instituidas por Nicolau Carvalho Pinheiro e Manuel Ribeiro de Carvalho, advogado na Bahia, autor do ***Ensaio sobre as condições que tinha o Brasil para ser império,*** oferecido ao conde dos Arcos, ***Anais da B.N.***, v. 33, eloqüente (v. g., razões, em ***Documentos Históricos***, v. 98) defensor dos réus da Revolução Pernambucana de 1817.
— A outra filha de José de Melo e Vasconcelos, D. Rosa, casou com Antônio Ferreira de Matos e faleceu a 18 de janeiro de 1785, ***L. de Óbitos da Sé,*** arq. da Cúria.

12. JOÃO DE ARAÚJO PEREIRA. Veja-se ***tít. Moreiras do Socorro.***

13. D. FRANCISCA DE ARAGÃO. Manuel Marques Rangel, viúvo de D. Francisca de Aragão, casou na Cachoeira, a 4 de março de 1726, com D. Margarida de Meneses e Vasconcelos, ***L. de Casamentos da Cachoeira,*** 1714-1736, arq. da Cúria.

14. LOURENÇO LOBO DE BARROS. Sargento-mor do Regimento do coronel Pedro Camelo Pereira de Aragão, 24 de outubro de 1680, Arq. Públ. da Bahia, ***Patentes de 1678 a 1688***, fl. 64.

15. INÁCIO DE MELO DE VASCONCELOS. Capitão-mor da freguesia de São Bartolomeu de Pirajá, 1726, ***Doc. Hist.***, v. 74, p. 175.

16. MANUEL PINHEIRO DE CARVALHO. Começou a servir em 1648, alferes reformado em 1656, ***Doc. Hist.,*** v. 19, p. 36, capitão do forte de Matoim em 1657, ***Doc. Hist.,*** v. 19, p. 235, tinha então nove anos de serviço "nas guerras deste Estado".

17. ANTÔNIO DA SILVA DE MENESES. Soldado da ordenança, lutou com os holandeses desde 1624 (às ordens de D. Marcos Teixeira), em 1636 saiu a combatê-los em Pernambuco, defendeu a Bahia em 1638, investida pelo conde de Nassau, a 25 de outubro de 1666 capitão do forte de Santo Antônio da Barra, Santa Maria e São Diogo, ***Doc. Hist.,*** v. 22, p. 386, foi confirmado no posto em 1674, ***Doc. Hist.,*** v. 26, p. 72 e em 1678, ***Doc. Hist.,*** v. 27, p. 90. Tinha 73 anos de idade em 1682, continuava no comando do forte da Barra e testemunhou no Processo de Habilitação à Ordem de Cristo de Francisco Dias d'Ávila, ***T.T.*** Habil., m. 34, n. 126.

18. MANUEL DE BARROS LOBO. Teve sesmaria de meia légua no Paraguaçu, alvará de 3 de outubro de 1673.

19. MARIA DE NEGREIROS. Viúva do ajudante Lourenço Lobo de Barros, faleceu aos 90 anos de idade e foi sepultada na capela de Todos os Santos da Pitinga, a 24 de abril de 1732, ***L. de Óbitos*** do Monte, 1749-84, arq. da Cúria.

20. NICOLAU CARVALHO PINHEIRO. 2.º. Vereador e Contador da Câmara da Bahia, 1685-86, ***Atas,*** VI, pp. 11 e 17.

21. BRITES TELES DE MENESES. Casou em 1748 com João de Araújo Barbosa, filho de Bento Gomes e Custódio de Araújo de Almeida, já defuntos. ***L. de Casamentos*** da Vila de S. Francisco, arq. da Cúria.

22. TEOTÔNIO TEIXEIRA. Sargento-mor, Teotônio Teixeira de Magalhães, em 1719 incumbido de diligenciar o transporte do tabaco da Cachoeira e do Iguape para a Bahia, ***Doc. Hist.,*** v. 73, p. 97. Foi depois capitão-mor da Cachoeira (1747).

23. INÁCIO TELES PINHEIRO. Capitão da Ordenança do distrito do Socorro, de que era coronel Egas Moniz Barreto, 30 de junho de 1702, Arq. Públ. da Bahia, ***Patentes de 1696 a 1703,*** fl. 346. Faleceu em 1714. ***L. de Óbitos do Monte,*** arq. da Cúria.

24. FRANCISCO DE SÁ. Feleceu a 1º de julho de 1724. ***L. de Óbitos do Monte,*** arq. da Cúria.

25. RUI CARVALHO PINHEIRO. Nasceu em 1586, ***Livro 1º do Governo de D. Luiz de Souza,*** p. 369. Já escrivão em 1607, ***Revista do Instituto Histórico,*** v. 73, parte 2, p. 34, "o escrivão da Câmara Rui Carvalho", que, com cem arcabuzeiros, tentou obstar o desembarque dos holandeses no "porto da vila velha", a 9 de maio de 1624, Fr. Vicente do Salvador, ***op. cit.,*** p. 510. Acusado de cristão novo, era entretanto da governança da Cidade, bem como o filho, e homônimo, cunhado do padre Antônio Vieira. Morreu em 1645.
O segundo Rui de Carvalho Pinheiro é portanto o inquinado de hebraismo no processo de 1646 (Anita Novinsky, ***op. cit.,*** p. 85). Do primeiro se conta que blasfemou diante do altar tosco de Nossa Senhora do Rosário de Pirajuía, ao lhe contarem que resuscitara uma índia. Teria dito, zombeteiro: aquela Senhorinha? Nesse momento a terra se abriu, e afundou-se até o pescoço. Acrescenta Fr. Agostinho de Santa Maria: "dizem que vivera muitos anos depois do sucesso, reconciliado com a fé". ***Santuário Mariano,*** XI, pp. 166-7.

26. FILIPE CARDOSO DO AMARAL Em 1653 capitão da infantaria da ordenança da Bahia, ***Doc. Hist.,*** v. 31, p. 137.

27. RUI CARVALHO PINHEIRO. 2.º Alferes, ajudante de sargento-mor, 1632, promovido a capitão, 12 de junho de 1638, pela parte que teve na defesa das trincheiras de Santo Antônio investidas dos holandeses, ***Doc. Hist.,*** v. 18, p. 131, na barra do Paraguaçu, os bateu, instalados que estavam na ponta de Taparica, ***Doc. Hist.,*** v. 31, p. 271. Herdou ao pai o cargo de escrivão da Câmara, 10 de abril de 1647. Em 1652 tratava com a Câmara da crise das carnes verdes, ***Doc. Hist.,*** V, p. 381. Andou três anos em Sergipe, à sua custa, regulando descida do gado. Pelo regimento de 24 de outubro de 1663 foi encarregado de cobrar o imposto do dote de Iglaterra e paz de Holanda, ***Doc. Hist.,*** citado. Acusaram-no de cristão novo na inquirição de 1646, como ficou dito. Em 1667 servia de tesoureiro dos quatro vinténs que pagava cada caixa de açúcar para sustento da infantaria (Arq. Hist. Ultramarino).

28. Veja-se ***tít. Azevedos.***



29. JOÃO DA SILVA VIEIRA. "Havendo respeito ao bem que tem servido o alferes João da Silva Vieira nesta guerra, e o valor e satisfação com que procedeu em as ocasiões desta recuperação de Pernambuco", teve um escudo de vantagem no Recife, 28 de dezembro de 1653, ***Doc. Hist.,*** v. 19, p. 262. A patente de confirmação de alferes, 29 de outubro de 1657, diz que nesse posto esteve "três anos no exército de Pernambuco na companhia do capitão João de Vivoli do terço do mestre de campo Francisco de Figueiroa", ***Doc. Hist.,*** v. 19, p. 259. Subiu a capitão da guarda do governador Francisco Barreto, 16 de setembro de 1659, ***Doc. Hist.,*** v. 20, p. 116; e, em 1660, a capitão do terço do mestre de campo Nicolau Aranha, ***Doc. Hist., IV, p. 382, v. 20, p. 186. Irmão da Santa Casa, 11 de*** abril de 1672. ***L. 2, fl. 253.*** Foi em 1676 seu escrivão. Da Ilha da Madeira, passou à Bahia em tenra idade, Macedo Leme, ***Genealogia,*** fl. 87.

30. Filhos (Macedo Leme, ***Genealogia,*** fl. 87): 1. Manuel da Silva Vieira, casado com D. Mariana Reimoa de Figueiredo, filha de Francisco de Souza de Figueiredo e Maria Reimoa. Filhos: Rev. Dr. João da Silva Vieira, Francisco da Costa de Figueiredo Reimão, Jerônimo Vieira da Silva, Antônio da Silva Vieira, D. Leonor Francisco Reimão. O neto e homônimo bacharelou-se em Leis na Universidade de Coimbra, em 1731. ***Brasília,*** IV, p. 113.

## *FEIO E CARVALHO*

Diogo Feio de Carvalho, (1) capitão de infantaria na corte de Lisboa, casado com D. Violante da Silva de Oliveira, e teve filhos:

1. Estevão Feio de Carvalho, que se segue.

N. 1. Estevão Feio de Carvalho, natural de Lisboa, e filho de Diogo Feio de Carvalho e de sua mulher D. Violante da Silva Feio de Oliveira casou com D. Isabel Ferreira, e teve filhos:

2. Gaspar Feio de Carvalho, que se segue.

3. D. Maria da Silva Feio, que casou com José de Abreu Castelo Branco, (2) sem filhos.

4. D. Filipa da Silva Oliveira, casada com Rui Carvalho Pinheiro, filho de Nicolau Carvalho Pinheiro, n. 1, e de sua mulher D. Maria de Aragão, de quem teve filhos, que já ficam à fl...., n. 12, e seguintes.

---

1. DIOGO FEIO DE CARVALHO. A 15 de novembro de 1756 faleceu D. Policênia Maria, com 80 anos de idade, viúva de Diogo Feyo de Carvalho, moradora no sítio do Retiro, ***L. de Óbitos de Nossa Senhora do Monte,*** 1749-1784, arq. da Cúria.

2. JOSÉ DE ABREU CASTELO BRANCO. Da vila de Penela, no Reino, filho do capitão Antônio de Abreu Castelo Branco e D. Luiza Peixoto da Silveira, casado

com D. Maria da Silva Feio, natural da freguesia do Monte, Bahia, filha de Estevão Feio de Carvalho e Isabel Ferreira, é o que consta do termo de Irmão da Misericórdia, 24 de marco de 1720, *Livro* 3, fl. 448. Faleceu ela a 19 de outubro de 1761. Era de "menor condição".

## *FEIO E FERREIRA*

Manuel Ferreira, (1) de quem não achamos a sua ascendência e só que foi casado com Maria Feio do Amaral, e que dela teve filhos:

1. Miguel Ferreira Feio, que se segue.
2. Luzia Ferreira do Amaral, que casou com Martim Afonso Moreira, à fl....
3. Úrsula Feio do Amaral, que casou duas vezes, a primeira com Pedro Carneiro, e a segunda com Lourenço Cavalcanti, como fica à fl....
4. Estevão Pereira. Padre da Companhia.

N. 1. Miguel Ferreira Feio, (2) filho de Manuel Ferreira e de sua mulher Maria Feio do Amaral, casou com Isabel Serrão, filha de Antônio Vaz.

5. Mônica do Amaral, que se segue.
6. Antônio Ferreira e Gonçalo Ferreira, que faleceram sem casar.

Por sua morte fez Miguel Ferreira Feio testamento aos 9 dias do mês de outubro do ano de 1625, e em uma das verbas do tal testamento diz assim: — "Instituo uma capela perpértua de uma missa cada semana, por mim e por minha mulher Isabel Serrão, e deixo por administrador da dita capela a minha filha Mônica do Amaral, e tendo filhos serão depois de sua morte dela os administradores, e não tendo filho, será a filha mais velha, e por sua morte a que se seguir, e não tendo a dita minha filha herdeiros, meu filho mais velho o será, o qual tendo herdeiros será sempre o administrador na forma que declaro acima; e não tendo o dito meu filho mais velho herdeiros, virá ao outro meu filho e nesta capela, em falta de descendentes, como digo, virá ao parente mais chegado. Declaro, que tenho dois filhos Machos, a saber: Antônio e Gonçalo Ferreira. Mando, que meu corpo seja sepultado na casa da Santa Misericórdia na sepultura de meu sogro Antônio Vaz; testamenteiro Antônio Castanheira, (3) meu primo."

N. 5. Mônica do Amaral, filha de Miguel Ferreira Feio e de sua mulher Isabel Serrão, foi a administradora da capela, que instituiu o dito seu pai e casou com Miguel Brandão, * filho de Belchior Brandão Coelho e de sua primeira mulher Maria Pestana, à fl...., n. 2. De seu marido Miguel Brandão teve Mônica do Amaral filhos, e foi este Miguel Brandão, seu primeiro marido, e filho deste além dos que já ficam na sobredita fl....

*Nota da R.I.H.G.B.*

* *Casaram a 11 de agosto de 1629.*



7. Francisco Soares Brandão, que se segue.

Segunda vez casou Mônica do Amaral com o capitão Constantino Pereira de Lacerda, * (4) e teve filhos:

8. Francisco, que faleceu pequeno, e D. Ana de Lacerda.

N. 7. Francisco Soares Brandão, filho de Mônica do Amaral e de seu primeiro marido Miguel Brandão, casou com D. Francisca de Meneses, filha de Antônio Moreira de Gamboa, à fl...., e de sua mulher D. Antônia Dória de Meneses, teve filha:

9. D. Mônica Serrão de Meneses, que se segue.

N. D. Mônica Serrão de Meneses, filha de Francisco Soares Brandão e de sua mulher D. Francisca de Meneses, casou com Antônio Barbosa de Araújo, filho este de Belchior Brandão Pereira e de sua mulher Isabel Barbosa e Belchior Brandão Pereira, este aqui era filho de Brás Rabelo Falcão e de sua mulher Isabel Brandão, filha esta de Belchior Brandão Coelho (5) e de sua primeira mulher Maria Pestana. Desta Mônica Serrão e de seu marido Antônio Barbosa de Araújo foram filhos:

10. D. Francisca de Meneses, que casou com José de Argolo de Meneses, à fl...., filho de Antônio Moreira de Meneses, irmão este inteiro de D. Francisca de Meneses, casada com Francisco Soares Brandão, acima, n. 7.
11. João Pereira Barbosa, que se segue.
12. D. Isabel Maria de Jesus, que casou com Francisco Gomes de Sá, (6) Irmão de Antônio Gomes de Sá e pai do mestre de campo Antônio Gomes de Sá. (7)
13. D. Mônica de Meneses, que vive solteira.

N. 11. João Pereira Barbosa de Araújo, filho de Antônio Barbosa de Araújo e de sua mulher D. Mônica Serrão de Meneses, casou com D. Joana Maria de Argolo, filha de Paulo de Argolo e de sua mulher D. Inês de Gusmão, à fl...., n. 10 e 17, e teve filhos:

14. Antônio Barbosa de Argolo Araújo, que vive solteiro neste ano de 1772.
15. D. Ana, D. Joana, e o padre José Pereira, falecidos.
16. D. Ana Maria Monserrate, (8) solteira.
17. O padre Manuel Xavier do Nascimento.

Antônio Soares de Souza, (9) casou com D. Luiza Feia em 12 de fevereiro de 1645, diz o assento da freguesia de Cotegipe, sem mais declaração.

1. MANUEL FERREIRA. "Manuel Ferreira disse ser cristão velho natural do bispado de Coimbra, cidadão dos da governança desta cidade, casado com Maria Fea (sic)

*Nota da R.I.H.G.B.*

* *Casaram a 2 de fevereiro de 1643.*

cristã velha de idade de cinqüenta anos, morador no seu engenho em Petinga termo desta cidade", ***Denunciações da Bahia,*** 1591, p. 268. Era cunhado de Manuel de Freitas, mercador. Pero Dias e o cunhado Jerônimo de Barros, ***tít. Barros de Magalhães,*** não lhe perdoaram ter comprado, antes da partilha, terras em Passé que foram de Gaspar de Barros, como ficou dito.

2. MIGUEL FERREIRA FEIO. Carta de 10 de agosto de 1615 deu-lhe sesmaria de quatro léguas em quadra, na serra de Itapororoca, ***Publ. do Arquivo Nacional,*** XXVII, p. 39.

3. ANTÔNIO CASTANHEIRA. "Antônio Castanheira morador nesta cidade que disse ser de sessenta e cinco anos pouco mais ou menos", testemunhou em depoimento na Santa Casa em 1630, ***L. de Segredos.***
Combina com o que se diz em 1591: "Antônio da Costa Castanheira lavrador tido por cristão velho solteiro mancebo que parece ser de idade de vinte e oito anos morador na mesma freguesia de Passé", ***Confissões do Santo Ofício,*** p. 90.

4. CONSTANTINO PEREIRA DE LACERDA. Filho de Francisco Pereira Coutinho, pernambucano, ganhou o hábito da Ordem de Cristo em 1655, pelos serviços feitos no cabo de Santo Agostinho, Porto Calvo e Bahia, Noronha Franco, Nobiliário Colonial.

5. BELCHIOR BRANDÃO COELHO. Coronel. De ponte de Lima. A mulher, Maria Pestana era da Bahia. Seu filho, Sebastião Brandão, capitão, nascido na Bahia, casou com Inês de Novaes. Pais de Paulo Brandão Coelho, Irmão de maior condicão da Santa Casa (morava no Iguape), a 16 de novembro de 1683, falecido a 10 de agosto de 1687, ***L. 2, fl. 595.***

6. FRANCISCO GOMES DE SÁ. Cabo da guerra aos índios do Maranhão em 1713, ***Doc. Hist.,*** LIII, p. 223. O sobrinho Antônio Gomes de Sá, foi o truculento procurador da Casa da Torre, que em 1696 expulsou de suas aldeias do São Francisco os jesuítas, Pedro Calmon, ***História da Casa da Torre,*** pp. 114 e 132.

7. ANTÔNIO BARBOSA DE SÁ. Filho do capitão-mor Francisco Gomes de Sá e Isabel Maria de Jesus, entrou na Irmandade da Misericórdia da Bahia em 8 de abril de 1754, Livro 4, fl. 191 e em 1776 era mestre de campo do Terco Auxiliar das Vilas de Santo Amaro e São Francisco, ***Anais da B. N.,*** v. 32, p. 333. — Consta do registro de óbito de sua irmã Isabel, que faleceu solteira, a 30 de abril de 1750, que eram três os filhos do capitão-mor Francisco Gomes de Sá: Antônio ***Barbosa,*** Pedro Maria e tenente Antônio Gomes, ***L. de Óbitos da Sé,*** arq. da Cúria.

8. D. ANA MARIA DE MONSERRATE. Obteve licença, Madre Ana Maria de Monserrate, religiosa do convento das Ursulinas, para ter duas criadas, 1780, ***Anais da B.N.***, v. 32, p. 456.

9. ANTÔNIO SOARES DE SOUZA. Casou com D. Luiza, filha de D. Mariana Quaresma e Bartolomeu Sodré Feio, neta do capitão Pedro Arias de Aguirre, cf. árvore genealógica deste Arq. Histórico Ultramarino.

SLE 4 1/2
General
S-500

## O CATÁLOGO

*Frei Jaboatão dera o exemplo.*

*Respondeu ao convite acadêmico, no tempo em que academicismo, em vez de contemplação, foi antecipação, consultando, de paróquia em paróquia, todo o antigo cartulário.*

.....

*Entendamo-lo.*

*O que pretendia, e conseguiu, foi recompor no derramado tecido familiar a sociedade, como se a sua pena de pato cometesse o prodígio de reunir numa só assembléia (essas páginas!) a gente que fundou a cidade, que se espalhou pelas redondezas, que instalou, com o engenho de moer a cana, o sobrado patriarcal, que levantou a capela, que foi enchendo as ruas acanhadas e, sob a lousa das igrejas, o cemitério doméstico; no evidente desejo de atribuir-lhe a unidade grupal, a harmonia na diversidade das origens e apelidos, a compostura de uma tribo, apagada e numerosa, contente de sua humildade (raros os magnatas, poucos os aristocratas, ali e acolá, os letrados, bacharéis de Coimbra, licenciados no Colégio dos padres, sócios das duas Academias, Esquecidos e Renascidos, pregadores, escritores, poetas) e consolada por sua descendência.*

*Insista-se no fato.*

*Fr. Jaboatão erigiu-se em mestre da penosa arte de inventariar os arquivos.*

*Pensando plantar a ramalhuda árvore genealógica, assentou os alicerces da história feita de documento (que sem ele não há história), mas que se redige com o inédito, essa que exige papel, mobiliza cartórios, exuma do segredo e da morte a verdade, material formidável que se dilue na monotonia (e sapiência) do* **Catálogo,** *que apostilamos com vagar e seriedade. Principalmente com respeito.*

*PEDRO CALMON*

REI PRÆLO MEMORIA
EMPRESA GRAFICA DA BAHIA

**Volume I**

**Introdução e Notas ao Catálogo Genealógico das Principais Famílias, de Frei Jaboatão**

**Pedro Calmon**

**1985**